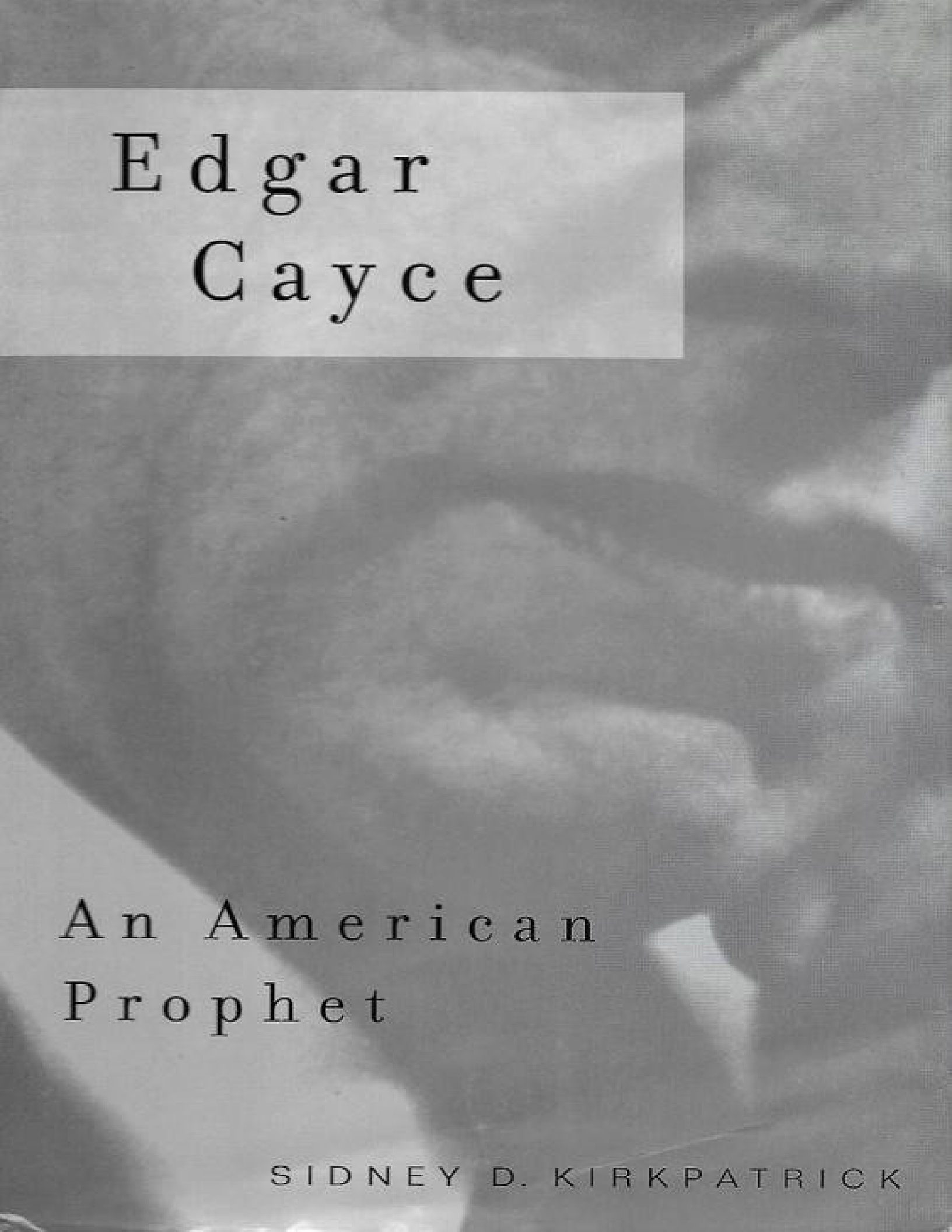


Edgar Cayce

An American Prophet

SIDNEY D. KIRKPATRICK

Table of Contents

EDGAR CAYCE....10
Um Profeta Americano....10
Introdução:....16
A Porta Aberta....16
PARTE I....35
UM CRISTÃO NO CONDADO CRISTÃO....35
1....36
Uma criança fora do comum....36
2....57
Pequenos amigos e Little Anna....57
3....76
Na companhia dos anjos....76
4....84
Uma voz do além....84
PARTE II....98
HOPTOWN e LOUISVILLE....98
5....99
Hopper Brothers Bookstore....99
6....115
A jovem dama da Colina....115
7....131
Margaret de Louisville....131
8....146
Recuperação milagrosa....146
PARTE III....164
DIAGNOSTA PSÍQUICO....164
9....165

Uma criança em aflição.....165
10.....193
A mente é a construtora.....193
11.....220
Últimos dias em Bowling Green.....220
12.....238
A descoberta de Edgar Cayce.....238
13.....258
A sociedade psíquica.....258
14.....284
Sob investigação.....284
15.....299
Cidadezinha junto a um grande rio.....299
16.....316
Prova de fogo.....316
17.....331
Em casa e no exterior.....331
PARTE IV.....346
RIQUEZAS DA TERRA.....346
18.....347
Menino de Sorte.....347
19.....363
Desdemona.....363
20.....379
Luling e Edgar B. Davis.....379
21.....390
Harry Houdini e Cayce Petroleum.....390
22.....405

Rocky Pasture.....405
23.....418
Birmingham e Dayton.....418
24.....434
Lei Divina.....434
PARTE V.....446
AVENTURA INTERIOR.....446
25.....447
Miss Gladys e Mr. Cayce.....447
26.....460
Governado por Júpiter.....460
27.....474
Um Monge em sua Terceira Aparição.....474
28.....492
Dívida Cármica e a Primeira Causa.....492
29.....509
História e Atribulações.....509
30.....521
Amor e Casamento.....521
31.....531
Bênçãos por Vir.....531
32.....543
Os Irmãos Blumenthal.....543
33.....559
A Vida de Cristo.....559
PARTE VI.....584
UM LAR NA PRAIA.....584
34.....585

Vida em Virginia Beach.....585
35.....604
Sonhos e Reencarnação.....604
36.....622
Tesouros Grandes e Pequenos.....622
37.....640
Atlântida e o Futuro do Homem.....640
38.....652
Gravidade, Polaridade e Movimento Perpétuo.....652
PARTE VII.....665
O HOSPITAL CAYCE.....665
39.....666
Um Sonho Realizado.....666
40.....681
As Artes de Cura.....681
41.....698
Atlantic University.....698
42.....719
Olhos Irlandeses e Anjos Caídos.....719
PARTE VIII.....746
CHAMADO DE VOLTA.....746
43.....747
Comecemos pelo Princípio.....747
44.....771
Aquele Que Perseverar.....771
45.....790
Mestre Amado.....790
46.....807

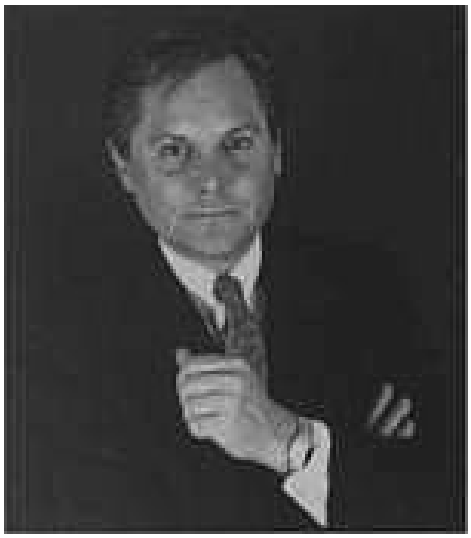
O Mensageiro.....807
47.....830
Paz e Prosperidade.....830
48.....862
A Última Leitura.....862
Epílogo:.....890
O Novo Amanhã.....890
CADERNO DE FOTOGRAFIAS.....910
Agradecimentos.....931
Notas.....934

O New York Times certa vez chamou Edgar Cayce de *"o homem mais fascinante da América."* Apesar de ter apenas a educação até a oitava série, foi consultado por líderes mundiais (como Woodrow Wilson), cientistas proeminentes (como Thomas Edison) e produtores de Hollywood para aconselhá-los em seus problemas mais prementes. Caçadores de tesouros, corretores da bolsa e petroleiros fizeram milhões de dólares a partir de seus talentos, enquanto ele mesmo viveu boa parte de sua vida na pobreza. E em transe hipnótico tão profundo que foi duas vezes declarado clinicamente morto, diagnosticou doenças com precisão espantosa e prescreveu tratamentos médicos que estavam anos à frente de seu tempo, curando pessoas com doenças que ameaçavam suas vidas.

Cayce nasceu em uma família de lavradores de fumo no Kentucky rural, e quando criança começou a ter visões para além da realidade da vigília. Embora não fizesse ideia de onde vinham seus poderes de percepção, ao longo de anos de privação e luta usou suas habilidades para ajudar outros em necessidade, oferecendo orientação médica e espiritual inestimável. Mesmo ao tornar-se famoso por suas realizações sensacionais e ao conviver com as pessoas mais influentes de seu tempo, Cayce nunca buscou os holofotes, e seu maior legado talvez seja a sabedoria que deixou para trás por meio das mensagens que trouxe do *"outro lado."*

Agora, nesta biografia definitiva, Sidney Kirkpatrick oferece um retrato inspirador de Edgar Cayce com uma perspectiva inteiramente nova sobre sua vida e legado. O único autor a ter recebido acesso irrestrito a todas as cartas e papéis de Cayce,

Kirkpatrick descobriu detalhes fascinantes sobre seu trabalho como psíquico, e é o primeiro a decifrar o código das leituras em transe de Cayce para mostrar como foram utilizadas por indivíduos proeminentes como George Gershwin, Nelson Rockefeller e Marilyn Monroe. *Edgar Cayce: An American Prophet* é o primeiro relato autoritativo da vida desta figura lendária — um homem humilde com um dom radiante, cujas palavras e atos continuam a inspirar legiões de seguidores.



SIDNEY D. KIRKPATRICK é autor do *best-seller* do *New York Times A Cast of Killers* e de *Lords of Sipan*. Documentarista premiado, mora em Pasadena.

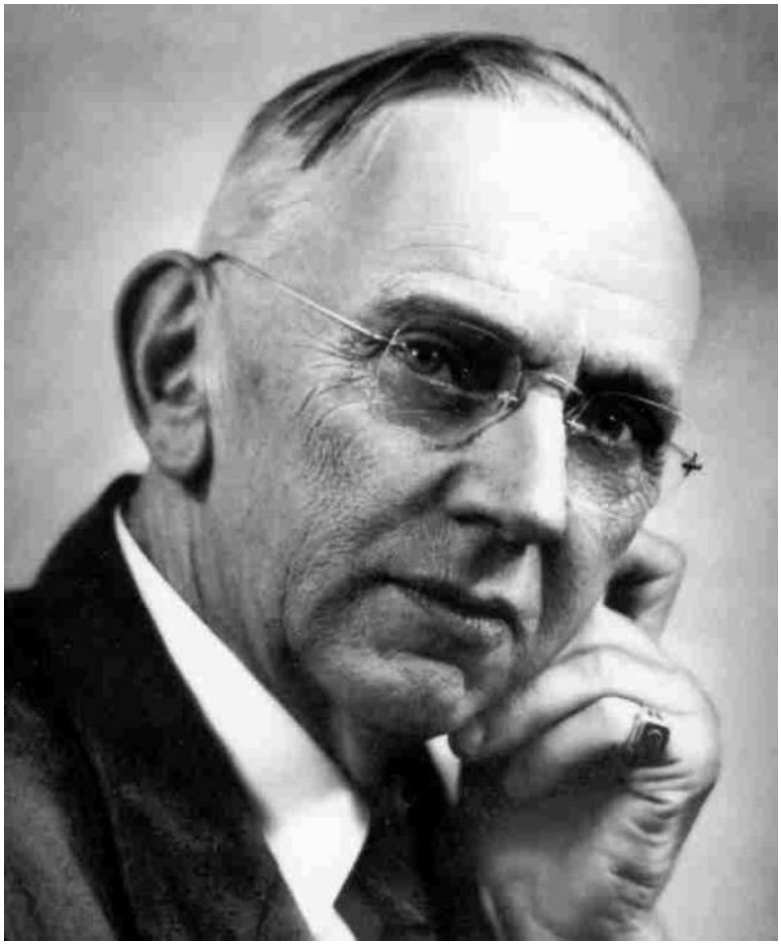
Design de capa por Lisa Amoroso
Fotografia de capa cortesia dos Arquivos da Edgar Cayce Foundation
Fotografia do autor por Carlos Mendoza

EDGAR CAYCE
Um Profeta Americano

Tradução por Claude Code, formatado por Alano Stolf Junior

OUTROS LIVROS DE SIDNEY D. KIRKPATRICK

A Cast of Killers: The Truth About the Murder of William Desmond Taylor
Lords of Sipan: A True Story of Pre-Inca Tombs, Archeology, and Crime



Riverhead Books
Nova York 2000
Membro da Penguin Putnam Inc.

EDGAR CAYCE

==========

UM

PROFETA

AMERICANO

Sidney D. Kirkpatrick

A Nancy, em gratidão pelo amor e pela luz
que ela trouxe para a minha vida

Não há fenômenos não naturais ou sobrenaturais, apenas grandes lacunas em nosso conhecimento do que é natural.
— Edgar Mitchell
Astronauta da Apollo 14

Introdução:
A Porta Aberta

Nove anos após a virada do século vinte, um fotógrafo chamado Edgar Cayce desceu de um vagão Pullman[1] sobre a plataforma lotada de passageiros em Hopkinsville, Kentucky. Edgar normalmente poderia ter parado para cumprimentar conhecidos na estação ou para se aquecer ao lado do fogão a carvão na bilheteria, mas tinha assuntos mais prementes naquela fria noite de fevereiro. Levantou a gola de sua fina jaqueta de algodão e enfrentou o aguaceiro para encontrar uma carruagem à espera.

O cocheiro, Lynn Evans, rapidamente fez Edgar entrar em sua cabine. Como agente-chefe da bilheteria e superintendente do depósito de Hopkinsville, Lynn era a escolha natural para vigiar a chegada de seu cunhado no trem local rumo norte vindo de Guthrie, Kentucky. Sabendo da urgência da visita de Cayce, Lynn provavelmente alcançou as rédeas do cavalo no momento em que o fotógrafo alto e esguio emergiu da nuvem de vapor que se desprendia debaixo da locomotiva de oitenta e duas toneladas.

Emoldurado pelo halo amarelo de luz das lâmpadas de óleo suspensas sobre a East Ninth Street, Edgar parecia jovem demais para ser diácono de uma igreja ou proprietário de um dos estúdios fotográficos mais respeitados do Kentucky. Seu sorriso tímido e pensativo e seu rosto bem barbeado lhe davam a aparência juvenil de um universitário do segundo ano que vinha

para casa nas férias. Seus cabelos castanhos e desgrenhados estavam cortados curtos, acentuando sua testa alta, seus olhos azul-acinzentados profundamente fundos e seu queixo recuado. Seus pés e mãos grandes pareciam mais condizentes com um menino desajeitado às vésperas da idade adulta do que com um homem de trinta e dois anos, marido e pai.

Um olhar mais atento sobre Cayce revelava a verdade de sua idade e ocupação. Tendo passado grande parte da última década numa câmara escura, sua tez era pálida e seus dedos estavam manchados de marrom pelos químicos que manipulava rotineiramente nos banhos de revelação. O odor acre desses químicos ainda se agarrava a suas roupas enquanto Edgar batia a lama de seus sapatos de couro de cano alto e subia na carruagem para a viagem de uma milha e um quarto[2] através de Hopkinsville até uma casa conhecida por Edgar e Lynn como *"The Hill."*

A jornada era território familiar para ambos. Edgar a percorrera muitas vezes a pé e de bicicleta durante seu cortejo com a irmã de Lynn, Gertrude, e embora agora tivesse o luxo de tomar um cavalo e carruagem, Cayce conhecia as ruas não pavimentadas da cidade e seus edifícios atarracados de dois e três andares em tijolo vermelho tão intimamente quanto conhecia a câmara escura em seu estúdio fotográfico em Bowling Green, Kentucky.

Atrás da torre em forma de lágrima da estação ferroviária ficava o distrito comercial do centro onde Edgar uma vez fora balconista na Livraria Hopper Brothers. A leste estava o armazém de plantadores de fumo de um quarteirão de extensão, construído por seu tio-avô George, que abrigava a colheita que conferia a

Hopkinsville e a todo o Condado Christian a distinção de serem o maior produtor de fumo para cachimbo e mascar do país. Para além da torre do relógio sobre o quartel dos bombeiros brilhavam as luzes do Hotel Latham, onde havia fotografado Theodore Roosevelt durante sua campanha presidencial.

Lynn Evans conduziu a carruagem para leste pela Russellville Road, passando o dormitório masculino coberto de hera do South Kentucky College em Belmont Hill. As grandiosas casas vitorianas que ladeavam a estrada estavam pintadas em ricos tons pastel e adornadas com telhas recortadas, cataventos de cobre, mastros e cercas brancas de estacas. Quanto mais se afastavam do centro da cidade, menos ornadas se tornavam as casas. O asfalto logo deu lugar a uma estrada de terra onde os enormes portões de ferro forjado do asilo psiquiátrico de Hopkinsville, o maior edifício do Condado Christian, dominavam a paisagem desolada. A carruagem chacoalhou ao passar por uns poucos e solitários grupos de freixos e olmos despidos de folhas, e a estrada de terra tornou-se duas faixas lamacentas correndo entre as colinas ondulantes acastanhadas e os campos de fumo ainda nus que eram a principal fonte da riqueza de Hopkinsville.

A casa chamada The Hill assentava-se sobre uma alta saliência alguns centenas de pés dentro dos limites da cidade. Era uma residência térrea de quatro quartos, em desenho clássico antebellum[3], pintada em cinza-chumbo e dominada por quatro colunas dóricas brancas. A fachada da casa tinha uma grande varanda aberta sombreada por carvalhos e bordos. Nos fundos da propriedade, separados da casa principal por uma alameda para carruagens e um roseiral, ficavam a cozinha, o defumador, o

galinheiro, o celeiro e o canil. As muitas construções anexas, como a própria casa, haviam sido projetadas e construídas pelo Dr. Samuel Salter, avô materno de Lynn e Gertrude, engenheiro civil respeitado, médico não licenciado e um dos principais empreiteiros do condado.

Havia sido o sonho do falecido Salter que The Hill fosse sempre um refúgio seguro para sua família e sua descendência, e ele havia providenciado para que a casa, o pomar adjacente e dez acres de terra agrícola estivessem livres de dívidas antes de sua morte. Reunira uma extensa biblioteca de livros técnicos e de referência, mantinha um amplo estoque de suprimentos médicos num grande baú de cedro na sala de jantar, e armazenava comida suficiente no porão e no defumador para alimentar uma família de oito pessoas por um ano inteiro. Não bastava, contudo, que sua família fosse materialmente independente. No espírito de Franklin e Jefferson, queria que todos os seus cinco filhos — três filhas e dois filhos — se tornassem livres pensadores. Mandou-os todos para a faculdade, onde estudaram Platão e Shakespeare, e instigou-os a ler jornais, comparecer a comícios e participar de discussão intelectual. A opinião deles contava, não importava qual causa política ou social escolhessem apoiar.

Para Edgar Cayce, que havia nascido numa minúscula cabana de madeira numa fazenda remota do Condado Christian, que terminara sua educação formal aos dezesseis anos numa escola de sala única, e cuja mãe e irmãs não ousavam expressar opinião própria, The Hill exercia uma atração que ia além de seu amor por Gertrude e de sua afeição por Lynn Evans. The Hill era uma estufa intelectual que simultaneamente estimulava e desafiava

suas profundamente sentidas noções de religião e espiritualidade. Em The Hill, Edgar não sentia a necessidade de confinar seus interesses criativos à câmara escura ou de conformar-se às regras pregadas pelos anciãos da igreja. Podia explorar livremente uma parte de si mesmo que mantivera oculta de seu pastor e de seus clientes no estúdio fotográfico. Em The Hill, ele estava livre, como Lynn gostava de dizer, *"para experimentar."*

À medida que a carruagem aproximava-se da entrada principal, Edgar sentia a familiar sensação de segurança que acompanhava todas as suas viagens a The Hill. Lynn parou o cavalo e, enquanto cuidava da carruagem, Edgar caminhou rapidamente pela trilha enlameada até a varanda, onde foi saudado por Hugh Evans, o irmão mais velho de Lynn. Os dois trocaram brevemente cortesias antes de entrarem na sala de estar, onde o restante da família estava reunido em torno da lareira. A mãe de Lynn, Elizabeth, estava lá, junto com a Tia Kate e seu filho Hiram, e a Tia Carrie e seu marido, Dr. Thomas House. A atenção de todos estava voltada para o filho recém-nascido de Carrie e Thomas, Thomas House Jr., que repousava sobre um pequeno travesseiro branco e bordado no colo de sua mãe.

O bebê vinha sofrendo convulsões desde seu nascimento prematuro três meses antes. As convulsões haviam-se tornado tão frequentes que ocorriam agora a cada vinte minutos, deixando a criança indefesa fraca demais para mamar no seio da mãe ou para envolver as mãozinhas em torno dos dedos dela. Tommy House estava à beira da morte por desnutrição e falta de sono, diagnóstico confirmado pelo pai da criança, médico, e pelos dois médicos pessoais da família, o Dr. Jackson, clínico geral em

Hopkinsville, e o Dr. Haggard, especialista pediátrico de Nashville que vinha atendendo à criança desde o nascimento. Embora os três médicos discordassem quanto ao tratamento que deveriam oferecer, todos concordavam que Thomas House Jr. tinha pouca ou nenhuma chance de sobreviver à noite.

Agora voltavam-se para Edgar Cayce, fotógrafo com educação até a oitava série e sem nenhum treinamento médico, para salvar a vida do pequeno Tommy. Carrie não tinha certeza de que Edgar pudesse ajudar seu filho — nem mais nem menos do que o próprio Edgar tinha —, mas queria que ele tentasse. Em *"experimentos"* anteriores, Cayce havia demonstrado uma notável capacidade de colocar-se em transe hipnótico e obter informações médicas e de outra natureza para além do alcance das pessoas comuns.

Mesmo quando criança, Edgar só precisava fechar os olhos para localizar um anel perdido ou um relógio de bolso. Podia ler um baralho de cartas viradas para baixo sobre uma mesa ou recitar o conteúdo de um livro fechado ou de um envelope lacrado. Pelo mero pensar em alguém, podia despertar a pessoa de um sono profundo, induzi-la a fazer um telefonema ou escrever uma carta ou, no caso de crianças pequenas, mantê-las em determinada pose pelo tempo necessário para tirar seus retratos. Havia resolvido um assassinato, encontrado pessoas desaparecidas, diagnosticado enfermidades e doenças e recomendado curas. Não usava bola de cristal, baralho ou tabuleiro Ouija. Tampouco pertencia a um templo ou a uma fraternidade espiritual arcana. Precisava apenas fechar os olhos, como se entregando-se ao sono, e após um curto período de quietude e meditação, era capaz de ajudar qualquer

pessoa que o solicitasse. Quanto maior a necessidade da pessoa, e mais sincera sua motivação, mais espantosos eram os resultados.

A mera chegada de Cayce a The Hill foi suficiente para provocar o Dr. Haggard a arrumar as malas e partir. Como muitos médicos da região, havia ouvido relatos dos alegados poderes de Cayce e não queria nenhuma parte em sua *"trapaça."* O Dr. Jackson compartilhava o ceticismo do colega, mas, como médico de longa data da família, havia visto Cayce fazer coisas que não conseguia facilmente explicar. O Dr. House também era cético, mas conhecia Cayce intimamente demais para crer que houvesse trapaça envolvida. Os Cayces eram simples lavradores de fumo da aldeia rural de Beverly, e Edgar era o menos educado e mais despretensioso do grupo. House havia concordado relutantemente em chamar Edgar a The Hill apenas porque sua esposa obstinada, Carrie, havia insistido que ele fosse consultado.

Os Drs. House e Jackson acompanharam Edgar da sala de estar até o quarto principal do outro lado do corredor. Lá dentro, Edgar tirou a jaqueta e os sapatos, removeu a gravata e o colarinho, e deitou-se sobre a colcha de linho bordada que cobria a grande cama de carvalho. Puxou um edredom de penas sobre os pés enmeados, ajeitou-se de costas e então, com os pés juntos e as mãos cruzadas sobre o peito, recostou-se na cama e fitou o teto.

Passou-se mais de um minuto. No silêncio quebrado apenas pela chuva golpeando o telhado e pelos fracos gemidos da criança moribunda no quarto ao lado, a respiração de Edgar se aprofundou e seus olhos se fecharam. *"Tem ante si o corpo de Thomas House Jr., de Hopkinsville, Kentucky,"* disse o Dr. House. *"Diagnostica sua doença e recomenda uma cura."*

Por todas as aparências, Edgar dormia profundamente — braços cruzados, pernas estendidas, olhos fechados, respiração lenta —, mas o Dr. House sabia que não. Uma vez vira o jovem fotógrafo entrar em transe tão profundo que outros médicos haviam pensado que estava em coma. Quando um dos colegas de House cravara a lâmina de uma faca sob uma das unhas de Cayce e outro espetara uma agulha hipodérmica em seu pé, ele não estremecera sequer. E no entanto, o Cayce *"adormecido"* podia responder a perguntas como se estivesse plenamente desperto.

Cayce começou a falar com sua voz normal: um barítono profundo e rico com um sotaque distintamente sulista. A princípio suas palavras eram embaralhadas, quase um zumbido, e então, como uma agulha de fonógrafo que encontrou o sulco do disco, sua voz clareou e suas palavras tornaram-se bem moduladas e fáceis de entender. *"Sim, temos aqui o corpo e a mente de Thomas House Jr.,"* disse.[4]

Cayce passou a relatar a temperatura, a pressão sanguínea e outros detalhes físicos e anatômicos do corpo do bebê. Descreveu a condição da criança de maneira tão fria, calma e desapegada que um observador teria ficado com a impressão de que se tratava de um médico descrevendo a colegas um exame que estava em curso. Neste caso, contudo, o médico tinha os olhos fechados e seu paciente estava aninhado nos braços da mãe no quarto ao lado. Cayce parecia ter a habilidade de ver para dentro do corpo do paciente, de examinar cada órgão, vaso sanguíneo e artéria com precisão microscópica.

Os Drs. House e Jackson escutavam atentamente enquanto Cayce descrevia uma condição epiléptica que havia causado graves

espasmos infantis, náusea e vômito — evidentemente resultado do nascimento prematuro da criança —, que por sua vez fora consequência da má condição física da mãe durante os meses iniciais de sua gestação. Cayce prescreveu uma dose medida de beladona[5], administrada por via oral, a ser seguida pelo envolvimento do bebê em uma cataplasma fervente preparada com a casca de um pessegueiro. Cayce encerrou a sessão de transe por si mesmo quando declarou: *"Encerramos por ora."*

House instruiu o Cayce *"adormecido"* a recuperar a consciência. Cayce obedientemente seguiu as instruções e acordou, apenas para encontrar-se sozinho no quarto. Nos dois ou três minutos em que levou para abrir os olhos e estender os braços, os dois médicos, mergulhados em discussão e agitados com o que ele havia dito, deixaram o aposento e voltaram à sala de estar.

Por mais inacreditável que fosse a fonte da informação, House e Jackson concordavam que o diagnóstico parecia perfeitamente razoável. Era a cura recomendada que os perturbava, pois o Cayce adormecido havia prescrito uma dose anormalmente alta de uma forma tóxica de erva-moura mortal. Mesmo que a cataplasma de pessegueiro pudesse de algum modo lixiviar o veneno do sistema do bebê, administrar uma dose tão grande de beladona a uma criança tão pequena e fraca quanto Thomas House Jr. equivalia a assassinato. Jackson expressou seus sentimentos ao colega e à mãe da criança em termos inequívocos: *"Vão matar o pequeno Tommy, com certeza,"* disse.

O pai de Tommy não teve outra escolha senão concordar. Embora a beladona homeopática fosse por vezes usada para tratar afecções pulmonares e renais, a beladona pura, na forma que

Cayce recomendava, era usada apenas em pomadas tópicas e certamente não era algo a ser colocado com colher na boca de uma criança de três meses de idade.

Edgar juntou-se aos dois médicos na sala de estar, mas não pôde contribuir para a discussão em curso. Nunca havia sido capaz de se lembrar de nada do que dissera ou ouvira em estado de transe e tinha pouco mais do que um conhecimento rudimentar de medicina em seu estado de vigília. Mesmo assim, ele tornou-se cada vez mais preocupado ao escutar o subsequente debate dos médicos. Até então, suas sessões haviam sido um experimento — uma maneira de ver se suas habilidades poderiam ajudar as pessoas que vinham até ele. Agora tinha de encarar a realidade sombria de que algo que havia dito em transe pudesse resultar na morte de um familiar.

Foi a mãe da criança quem tomou a decisão de administrar a droga. Tendo visto Cayce realizar milagres em seu sono, ela acreditava que ele era tocado pelo Divino, que um espírito celestial falava através dele quando estava em transe. Em experimentos anteriores, ela mesma havia sido aconselhada a não submeter-se a uma cirurgia abdominal recomendada por seus médicos, que de fato veio a se revelar desnecessária. Cayce também havia previsto que ela ficaria grávida, algo que seu marido e dois especialistas haviam dito ser fisicamente impossível. Ele também predissera a data do nascimento e dissera que ela daria à luz um menino. E a mensagem espiritual acompanhando esta informação — de que o amor e o perdão de Deus deviam estar em primeiro lugar em seu coração — a inspirara a ministrar aos pacientes do asilo de Hopkinsville.

Agora, acreditava, a misericórdia, o amor e a compaixão de Deus estendiam-se até ela. Se Edgar Cayce dizia que ela precisava envenenar seu filho para salvar sua vida, então era isso que ela faria.

O Dr. House não pôde dar o mesmo salto de fé. Como clínico geral altamente respeitado com aspirações de tornar-se comissário de saúde do condado, tudo o que vira e ouvira no quarto contrariava seu treinamento, sua experiência e seu bom senso. Embora tivesse conhecimento dos experimentos em The Hill, não os aprovava nem lhes dera muito crédito. Permitira que sua esposa participasse porque ela tirava prazer e conforto deles. Encarara as atividades de Edgar como entretenimento, um mero jogo de salão. Mas o que acabara de ver e ouvir no quarto alguns momentos atrás o aterrorizava. Cayce não falara em termos abertos à interpretação. Sem examinar fisicamente Tommy, Cayce recitara a pressão sanguínea e a temperatura da criança, números que House sabia estarem corretos porque ele e Jackson os haviam aferido alguns minutos antes da chegada de Edgar a The Hill. Cayce também havia descrito órgãos corporais com a expertise de um cirurgião habilidoso conduzindo uma autópsia. House não ousava deixar-se especular por que Cayce usara a forma plural *"nós"* ao conduzir seu exame em transe, ou por que aparentemente precisava contatar a *"mente"* do pequeno Thomas tanto quanto seu *"corpo"* antes que o exame pudesse prosseguir.

Por insistência da esposa, e a despeito de suas profundas reservas, House finalmente concordou em preparar a beladona. Justificou a decisão dizendo que seu filho morreria com certeza de qualquer maneira se nada mais fosse feito. Ele e o Dr. Jackson

poderiam talvez prolongar a vida do bebê em algumas horas, mas eram impotentes para mantê-lo vivo durante a noite. Na pior das hipóteses, dar beladona ao pequeno Tommy poria a criança fora de sua agonia.

Edgar e Lynn Evans foram para fora colher os ingredientes para a cataplasma que fora recomendada no tratamento. À luz de uma lamparina, Edgar subiu num pessegueiro no pomar atrás do celeiro. Usando um canivete, cortou habilmente a casca em torno dos rebentos mais jovens que conseguia alcançar e os entregou a Lynn Evans. Levaram a casca para a cozinha nos fundos da casa, onde a Tia Kate havia colocado uma chaleira no fogão para ferver. A Tia Kate preparou a cataplasma quente e em seguida a levou para a sala de estar, onde o Dr. House já havia medido a beladona. Dissolveu o pó branco em uma colher de água, e Carrie forçou o filho a engoli-lo. Edgar não se juntou aos outros na sala de estar para ver o que aconteceria, porque, como diria mais tarde, *"não suportava o pensamento de ver o Tommy-House morrer nos braços de sua mãe."*

Não existem registros médicos para descrever a reação fisiológica da criança à beladona, ou às toalhas fervendo embebidas em solução de pessegueiro nas quais a criança nua foi imediatamente envolvida. Tudo o que se sabe é que o choro parou tão logo a mãe pôs com a colher o veneno na boca de seu filho, e que ele caiu em seu primeiro sono profundo e ininterrupto desde o nascimento. Thomas House Jr. acordou horas depois, encharcado de suor, faces rosadas, respirando estavelmente. Nunca mais teria uma convulsão.

Ninguém em The Hill naquela noite sabia quem ou o que interviera para salvar a vida da criança. Sabiam apenas que suas vidas, assim como a do pequeno Tommy House, haviam sido irrevogavelmente alteradas. Não havia volta. As lágrimas em seus olhos e o pulsar em seus corações lhes diziam que o que haviam experimentado não poderia ser ignorado nem negado. Edgar Cayce havia salvado a vida da criança.

O Dr. House havia testemunhado algo que tornaria impossível para ele voltar à profissão médica tal como a conhecia. Vinte anos depois, fecharia seu consultório e dedicaria o restante de sua carreira a operar um hospital devotado a Edgar Cayce e suas artes da cura em Virginia Beach, Virgínia. Carrie House tornar-se-ia a enfermeira-supervisora do Hospital Cayce e ferrenha proponente da *"mensagem"* Divina que ela acreditava estar sendo comunicada através do homem a quem o hospital era dedicado. Thomas House Jr. cresceria e dedicaria sua vida adulta ao desenho e à construção de tecnologia médica inovadora baseada nas leituras em transe de Cayce, e, com grande despesa pessoal, frequentemente dirigiria centenas de milhas para entregar leituras a pacientes incapazes de ir a Virginia Beach.

Edgar Cayce também havia passado por uma transformação: provara mais uma vez a si mesmo que o bem podia vir de seus talentos especiais. Dera um de seus primeiros passos apreensivos e vacilantes para longe do refúgio de sua câmara escura e mais próximo do momento em que, como diria mais tarde, *"sairia para a luz"* e se entregaria àquilo que se tornaria conhecido simplesmente como *"o trabalho de Cayce"*, ou *"o trabalho."* Antes de tudo entre seus muitos desafios estaria o superar o medo e a

apreensão que experimentava cada vez que entrava em transe: nunca sabendo o que poderia acontecer quando fechasse os olhos, o que poderia dizer enquanto estivesse *"sob"*, e se conseguiria ou não abrir os olhos quando a sessão terminasse.

Nos anos seguintes, o trabalho tornou-se uma parte tão integral da vida de Edgar Cayce que era impossível separar o homem de suas comunicações induzidas em transe. Houve momentos em que as leituras ameaçaram dilacerar sua família, e momentos em que elas foram tudo o que a manteve unida. Edgar Cayce seria catapultado a uma proeminência nacional na primeira página do *New York Times* e depois vilipendiado pelo *Chicago Examiner*. Seria aclamado como salvador e execrado como agente do Diabo. Mas continuaria a dar leituras, duas vezes ao dia, quase todos os dias, sobre temas tão diversos quanto transplantes de órgãos, curas para câncer de mama e tratamentos para artrite, o desenho do universo e o propósito da existência humana na terra. Nenhum assunto era proibido. Forneceu comentários em transe sobre Jesus e seus discípulos, o papel das mulheres na fundação do cristianismo e o segredo da esfinge. Ofereceu *insights* sobre como melhorar as relações entre homens e mulheres, o papel espiritual que os pais desempenham na escolha da criança que lhes nascerá, e as possíveis causas da homossexualidade. Durante sua carreira de quarenta e três anos, que terminou em 17 de setembro de 1944 — três meses antes de sua morte —, Edgar Cayce deu 14.145 leituras totalmente documentadas para 5.744 pessoas. Transcrições dessas leituras — que às vezes se estendem por até vinte páginas datilografadas em espaço simples — e as aproximadamente 170.000 páginas de correspondência, diários,

relatórios médicos e anotações que documentam o trabalho compõem agora o que é o arquivo mais incomum e volumoso que jamais existiu sobre um psíquico em exercício.

A única consolação que Edgar teria em sua longa e frequentemente perigosa jornada para fora da câmara escura era saber que tinha o amor e o apoio incondicionais daqueles mais próximos a ele. A despeito da preocupação de Gertrude de que seu marido estivesse lentamente enlouquecendo e pudesse, um dia, ter de ser internado no asilo de Hopkinsville, ela dedicou sua vida a conduzir suas sessões de transe e a combater os onipresentes financistas e especuladores que buscavam explorá-lo. Acompanhando Edgar em sua jornada estava uma jovem do Alabama chamada Gladys Davis, estenógrafa e secretária que se tornou parte indispensável do trabalho ao fazer transcrições literais de tudo o que Cayce dizia em transe, e cuja apreciação e amor pelo *"mensageiro"* tanto quanto por sua *"mensagem"* elevou o nível das leituras em transe de Edgar ao de uma forma de arte.

Os parceiros de Edgar Cayce ao longo dos anos incluíram médicos, corretores de bolsa, inventores, soldados, produtores cinematográficos e petroleiros do Texas. Esses homens ajudariam a construir o Hospital Cayce em Virginia Beach e a estabelecer a primeira e única universidade cujo corpo docente passou por escrutínio psíquico antes de ser contratado. A despeito do fato de que essas parcerias por vezes terminaram em processos judiciais caros e humilhantes, também trouxeram a Cayce muitas centenas de gratos recipientes de seu aconselhamento em transe. Como seu filho, Hugh Lynn Cayce, certa vez disse: *"Edgar era como uma porta aberta para outra dimensão. As pessoas eram atraídas pela luz."*

O mestre mágico Harry Houdini, tendo-se dedicado a expor as práticas fraudulentas de centenas de médiuns ocultistas e espiritualistas, fracassou em desmascarar ou explicar o fenômeno Cayce, e tampouco o conseguiram os agentes da polícia e do FBI que lançaram uma investigação sobre como ele era capaz de realizar o aparentemente impossível. O fato de Cayce não cobrar entrada para testemunhar suas sessões de transe, de não conjurar ectoplasma nem invocar espíritos fantasmagóricos numa sala escura, apresentava desafios únicos e inteiramente desconhecidos. O fato de ele não ter construído nenhuma igreja, de não ter discípulos e de evitar os holofotes os confundia e os deixava perplexos. Como disse o romancista e pesquisador psíquico Arthur Conan Doyle a respeito de Cayce: *"Ele estava numa classe à parte."*

A partir de centenas de páginas de documentos e correspondência que nunca antes haviam sido tornadas públicas, ficou agora claro que luminares científicos como Thomas Edison e Nikola Tesla receberam leituras em transe de Cayce, assim como engenheiros da RCA, IBM, Delco e o presidente-fundador da Goodyear Tire and Rubber Company. O inventor Mitchell Hastings creditou a Cayce a ajuda no desenvolvimento do rádio FM. O fundador da NBC, David Sarnoff, e sua família tiveram leituras secretas. Tecnologias eletrônicas inovadoras desenhadas por Cayce em transe são agora usadas em praticamente todos os grandes hospitais e aeroportos do mundo.

Edgar Cayce deu leituras para Irving Berlin, George Gershwin, Gloria Swanson, e para a preocupada mãe de Ernest Hemingway, que consultou Cayce a respeito da carreira de escritor do filho.

Marilyn Monroe praticava cuidados de beleza recomendados por Cayce em transe[6]. O magnata empresarial Nelson Rockefeller e o organizador trabalhista George Meany valeram-se do conselho médico de Cayce. Diplomatas estrangeiros de alto escalão e líderes eclesiásticos consultaram Cayce, assim como agentes do governo e políticos cujas leituras em transe foram conduzidas e transcritas privadamente. E embora os detalhes permaneçam obscuros, evidências circunstanciais sugerem que Cayce conduziu leituras psíquicas para o Presidente Woodrow Wilson, enquanto este buscava fazer a paz após a *"guerra para acabar com todas as guerras."* Cayce previu o fracasso da Lei Seca, a grande quebra da bolsa, o começo e o fim de duas guerras mundiais, a morte de dois presidentes, e fez afirmações surpreendentes sobre a segunda vinda de Cristo e o próximo milênio.

A despeito do esmagador sucesso de suas leituras médicas, e a despeito de que os recipientes de muitas dessas leituras fossem algumas das pessoas mais ricas e influentes do país, Edgar Cayce passaria boa parte de sua vida adulta vivendo na pobreza, mudando-se de casa em casa, constantemente sob ameaça de ser perseguido por advinhação ou por prática médica sem licença. Suas leituras frequentemente eram conduzidas em condições improvisadas e às vezes precisavam ser transcritas em folhas de papel de embrulho reciclado. Por vezes, não tinha dinheiro suficiente para alimentar os filhos e tinha de contar com amigos e parentes para tirá-lo das dívidas — ou até da cadeia.

Que Edgar Cayce perseverou e continuou a dar leituras durante quatro décadas foi talvez o maior milagre de sua vida. E por mais inseparáveis que as leituras se tornassem do homem que as dava,

não foram suas comunicações em transe que mais o aproximaram da família e dos amigos. Homem humilde, gentil, ameno e afetuoso, Edgar preferia a companhia das crianças à de seus muitos conhecidos ricos e famosos. Inventava jogos de cartas para entreter visitantes, fazia suas próprias conservas, mantinha um jardim deslumbrante e mantinha animada correspondência com uma vasta gama de pessoas que nunca havia conhecido — de prodígios infantis e presidentes de bancos a condutores ferroviários e agentes funerários. Embora as demandas sobre seu tempo fossem tão grandes que compromissos por vezes tinham de ser marcados com meses de antecedência, raramente faltava à sua aula bíblica semanal e nunca recusou ninguém que estivesse em genuína necessidade.

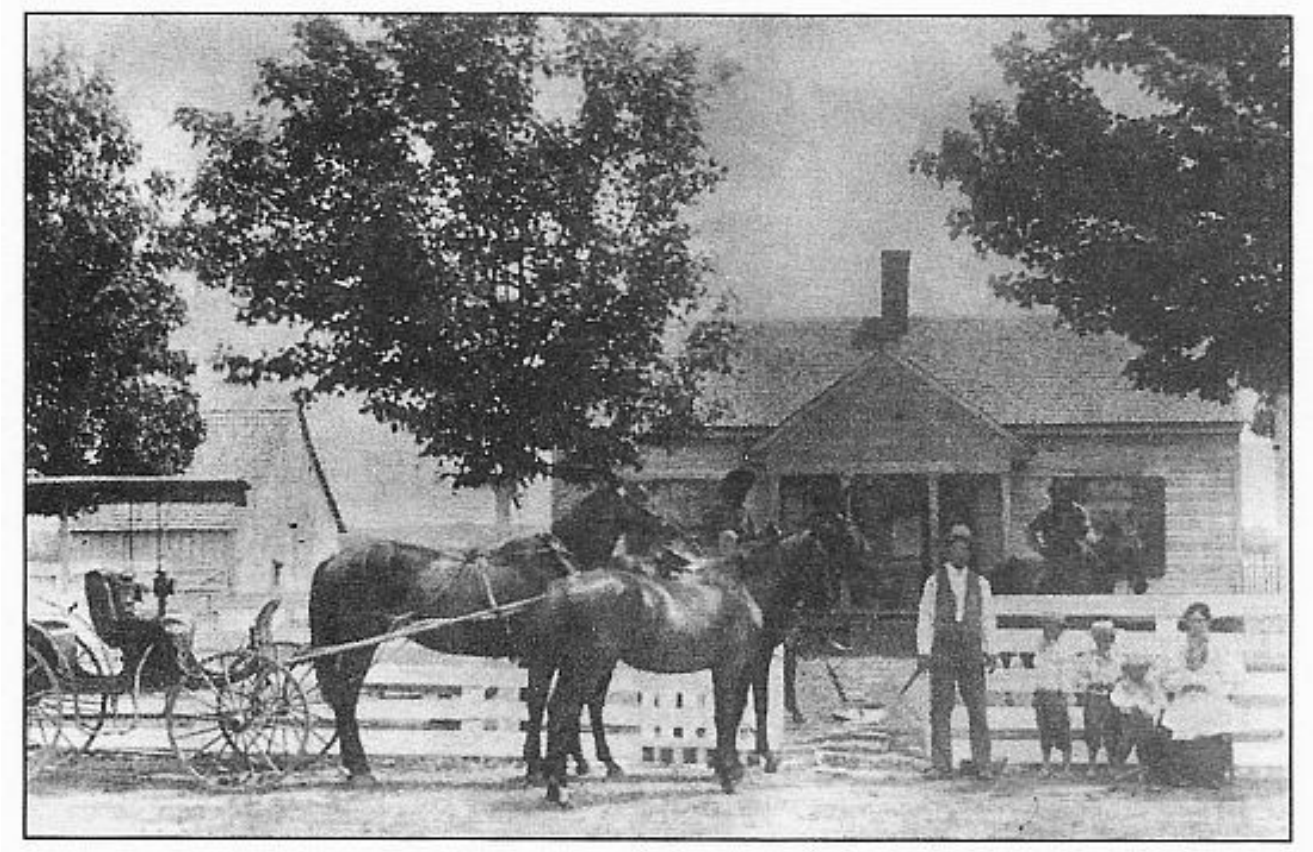
Como a máquina da locomotiva que o havia trazido de Bowling Green a Hopkinsville para tratar Thomas House Jr., uma força poderosa empurrava Edgar para fora do que poderia, de outro modo, ter sido uma existência confortável e ordinária como diácono de igreja, fotógrafo e marido. Para onde exatamente ele ia e o que encontraria quando lá chegasse eram perguntas que ainda não havia respondido naquela fria noite de fevereiro — nem havia, de fato, sequer começado a fazê-las. Que sua jornada seria útil aos outros não estava em dúvida. A vida de Thomas House Jr. era prova disso. Que ele tivesse a coragem de superar seus medos e, como dizia, *"sair para a luz"*, tornava sua jornada ainda mais notável, dado o quão amedrontador e ofuscante o brilho daquela luz por vezes poderia ser. Sua vida tornou-se uma série de passos por vezes alegres, frequentemente excruciantes em direção ao autodescobrimento, e, embora ele talvez nunca tenha

apreendido plenamente as forças inimagináveis que o haviam escolhido como mensageiro, um dia descobriria o que ele acreditava ser o real propósito de seu trabalho.
Como Edgar Cayce, em transe, certa vez disse: *"Não há atalhos para o conhecimento, nem para a sabedoria, nem para o entendimento... estes devem ser vividos e experimentados por toda e qualquer alma."*

---

1. *Pullman*: vagão-leito de luxo, padrão para viagens noturnas de trem nos EUA no início do séc. XX. ↩
2. Uma milha e um quarto ≈ 2 km. ↩
3. *Antebellum*: arquitetura sulista anterior à Guerra Civil Americana (1861-1865), de colunas brancas e varandas amplas. ↩
4. O pronome plural *"nós"* (do original *we*) é distintivo da Fonte cayceana — o coletivo das vozes que falam através de Edgar em transe. ↩
5. Beladona (*Atropa belladonna*): planta extremamente tóxica; em doses concentradas é letal, daí o pavor dos médicos. ↩
6. Anacronismo: Marilyn Monroe (1926-1962) só se tornou proeminente nos anos 1950, após a morte de Cayce em 1945 — a referência é ao uso póstumo de receitas Cayce divulgadas pela ARE. ↩

PARTE I



UM CRISTÃO NO CONDADO CRISTÃO

1.
Uma criança fora do comum

Thomas Jefferson Cayce, fazendeiro próspero e de boa aparência, tinha fama de amar seu bourbon quase tanto quanto as colinas vermelhas e pretas de seu condado natal de Christian. O fato de sua bebida predileta e da terra que a produzia terem a mesma cor era apenas prova daquilo que ele sabia no coração: que ele, assim como seu *corn whiskey* e as folhas escuras e viçosas dos pés de tabaco que cresciam em seus campos, era tão somente uma extensão do solo fértil que lhe era direito de nascença. E Tom e sua família tinham muito do que se orgulhar. Partindo da Liberty Church, na Palmyra Pike, perto do vilarejo de encruzilhada de Beverly, Kentucky, Tom podia caminhar as sete milhas[7] até Hopkinsville sem sair de propriedades pertencentes a um Cayce ou a seus vizinhos, os Major. E, como todos no condado de Christian sabiam, os Cayce e os Major haviam se casado tantas vezes e gerado tantos filhos que praticamente não havia Cayce no condado que não tivesse um Major como parente.

O ramo do Kentucky do clã Cayce acreditava que a família viera originalmente da França antes de se estabelecer no condado de Cumberland, Virgínia. Seus ancestrais virginianos, contudo, têm registros genealógicos que indicam que o mais antigo descendente conhecido havia chegado à América colonial vindo

da Escócia. Os Cayce da Virgínia haviam lutado com distinção em Yorktown durante a Guerra de Independência, ajudaram a construir a Biblioteca do Congresso e foram pedreiros do monumento a Washington. O ramo do Kentucky da família, liderado pelos pioneiros William e Betsy Cayce, fixou-se em Beverly em 29 ¼ acres comprados por US$ 145 em 1873. Todos os dez filhos de William e Betsy, inclusive o caçula, Thomas Jefferson, tornaram-se fazendeiros de milho, trigo e tabaco, e, juntos, expandiram as posses da família para mais de 4.500 acres em menos de uma década. Diferentemente dos primos da Virgínia, a variedade de tabaco que cultivavam era o *dark-fired*[8], usado sobretudo para mascar e para cachimbo, em oposição ao tabaco *burley* empregado em cigarros. O êxito dessa cultura no solo rico em calcário do condado de Christian muito contribuiu para assegurar a prosperidade dos Cayce e dos Major, e fez da região a capital do tabaco escuro do Kentucky, como permanece até hoje.

Tom Cayce tornou-se um dos melhores fazendeiros e homens de negócio do condado, atrás apenas, talvez, do irmão George, que era vinte e dois anos mais velho e o sobreviveu em dezesseis anos. Além de uma fazenda original de 205 acres, Tom possuía e cultivava outros 122 acres adquiridos por meio de extensas trocas de terras, e era também sócio de George no bem-sucedido armazém dos plantadores de tabaco de Hopkinsville.

Em 1851, Tom casou-se com a prima, Sarah Thomas, de Piney Fork, Tennessee, e durante os trinta anos de casamento o casal teve sete filhos e uma filha: Edgar, Leslie, Ella, Clint, Matthew, Robert E. Lee, Lucian e Delbert. A casa crescia a cada filho que se

casava, pois Tom e Sarah exigiam que os recém-casados morassem com eles no primeiro ano de matrimônio.

Os vizinhos de Tom, Howard e Uriah L. Major, eram irmãos que haviam se mudado para o Kentucky em 1828, vindos do condado de Madison, Virgínia. A lenda familiar sustentava que Uriah, conhecido como U. L., construíra a casa com tijolos que importara da Inglaterra, embora essa história provavelmente não seja exata, dado que o condado de Christian produzia alguns dos melhores tijolos de argila vermelha do país. Howard ergueu a sua inteiramente de madeira, com telhas de carvalho entalhadas à mão e fixadas com cavilhas. A filha caçula de U. L., Carrie Elizabeth Major, casou-se com o segundo filho de Tom, Leslie, e eles viriam a ser os pais de Edgar Cayce Jr.

Além da ampla casa, Tom Cayce construiu uma *smokehouse*, dois celeiros para curar tabaco e estábulos tão grandes que seus homens conseguiam conduzir uma parelha de quatro cavalos por qualquer porta e fazê-los dar a volta lá dentro. Os filhos se lembravam de Tom como alguém tão orgulhoso dessas construções quanto da terra sobre a qual foram erguidas. Tudo tinha de ser mantido limpo e em ordem e sempre devidamente conservado. Como dissera Thomas Jefferson, de quem Tom Cayce recebera o nome: "O maior fertilizante que um campo pode receber é a sombra de seu dono."

A importância do tabaco para Tom Cayce, e para seu neto Edgar Jr., não pode ser exagerada. Tom cultivou tabaco a vida inteira. Edgar o fez até os dezesseis anos. E viviam numa comunidade em que o status social se media pela habilidade como plantador de tabaco, e em que a comunidade inteira frequentava igrejas que

passavam a salva de ofertas uma única vez ao ano, ao final, depois de vendida a colheita do outono.

Tom amava o saber e as conversas em torno do plantio de tabaco tanto quanto o cheiro da fumaça. Adorava também seu lado social: a reunião dos recursos e do trabalho da família durante a colheita e o plantio, quando todos os Cayce se juntavam para ajudar uns aos outros a dar conta do serviço. Esses tempos de trabalho mais pesado eram também tempos das refeições mais fartas, quando mesas compridas cobertas de presunto, *hominy*, *corn cakes* e feijão eram postas no quintal. Havia sempre muita conversa, muito riso, muita música, e a concha que mergulhava e tornava a mergulhar no barril de uísque.

Não há dúvida de que Tom gostava de beber. Edgar Jr. o menciona em suas cartas, e descreve Tom Cayce como "um homem grande e bom", mas diz também que Tom, "como tantos dos Cayce, era o seu pior inimigo. De quando em quando tomava demais, causando ansiedade e até mesmo privação de muitas formas". Tom, porém, não se tornava violento nem mesquinho quando bebia, e não foi essa a reputação que o acompanhou para além da sepultura. Aquilo que as pessoas mais recordavam a respeito de Tom Cayce era sua suposta capacidade psíquica, a que Sarah Cayce chamava "o dom da segunda visão"[9]. Em que consistisse exatamente essa "segunda visão" permanece algo como um mistério, pois, diferentemente do neto, o "dom" de Tom Cayce nunca foi testado em ambiente formal, nem sequer discutido para além dos círculos familiares.

O talento que Tom tinha como *"water witch"*, ou rabdomante, nunca foi contestado. Cortava um galho bifurcado de um pé de

pêssego, segurava um ramo em cada mão e, mantendo a forquilha à frente do peito, caminhava de um lado para outro sobre um trecho de terra até sentir as "vibrações" que lhe diziam onde um poço devia ser cavado. Ser particularmente bom nisso, contudo, não é prova de que usasse poderes psíquicos para localizar a água. E, como qualquer fazendeiro do condado de Christian observaria, as terras ao redor de Beverly estão cheias de cursos d'água subterrâneos e poças escondidas. Qualquer um poderia escolher um ponto, cavar fundo o bastante e acabar encontrando água.

Além de bom rabdomante, contudo, diz-se que Tom possuía poderes psicocinéticos — a capacidade de mover objetos sem tocá-los. Edgar contava que o avô conseguia fazer uma vassoura parecer "dançar" bastando para tanto manter a mão sobre ela, ou deslocar uma mesa sem tocá-la. Segundo Sarah, esposa de Tom, ele raramente usava a "energia" das mãos para mover objetos inanimados, preferindo canalizá-la para fazer as plantas crescerem, "como Deus havia determinado", e para fazer os animais se comportarem. Homem profundamente religioso, acreditava ser maligno usá-la de qualquer outra forma, e que o Senhor lhe retiraria o poder se o empregasse em truques com fins de entretenimento.

Por mais exagerados que pudessem ser os relatos dos incomuns poderes "psíquicos" de Tom, o fato é que ele e sua família extensa acreditavam que ele fazia coisas que estavam além das capacidades do ser humano comum. Isso é importante não apenas para a sua própria história, mas também para a do neto, pois contribuiu em larga medida para criar um ambiente que não

era hostil a comportamentos que, de outro modo, poderiam ter sido vistos como anormais ou até malignos. Como a mãe devota de Edgar repetidamente admoestava o filho: "O Senhor age por caminhos misteriosos. Não nos cabe questionar Suas intenções."

Naturalmente, as comunidades rurais do Kentucky cultivavam muitas crenças e práticas que hoje seriam caracterizadas como supersticiosas. Entre elas, a hora e o dia em que um porco devia ser abatido, o modo como um cadáver devia ser preparado e exposto para o sepultamento, o significado de uma coruja piando em pleno dia e certos odores numa *smokehouse* antes de uma tempestade. Acreditavam também que os mortos às vezes apareciam como espíritos, como atestavam as ricas e variadas histórias de fantasmas que circulavam pela região no final do século XIX. Uma história predileta era a de uma infeliz criada negra que fora estuprada e assassinada em uma fazenda dos arredores de Hopkinsville. Dizia-se que seu rosto aparecia numa árvore que crescera sobre sua cova.

Havia também uma longa tradição de uso da clarividência para resolver problemas e curar enfermos. Dois médiuns notáveis da época eram o Dr. Schlatter, de Henderson, Kentucky, que curava pela imposição das mãos, e Blind Mary, médium negra e cega que vivia nos arredores de Hopkinsville, na Clarksville Pike. Blind Mary era tão respeitada que o prefeito de Hopkinsville rotineiramente a consultava em decisões de negócios e de família.

É duvidoso que Tom Cayce alguma vez tenha usado seus talentos como Blind Mary os usava. Não tomava seus poderes como coisa banal, mas tampouco fazia deles espetáculo. O fato de Tom ter frequentado a Liberty Church desde antes de a igreja ter um

pastor regular, e de ter professado publicamente a fé e sido batizado diante dos amigos e da família poucos meses antes de completar cinquenta anos, é mais uma indicação de que ele não via conflito entre sua fé no Senhor e seus dons especiais.

Leslie Burr Cayce, segundo filho de Tom e pai de Edgar, não manifestou nenhuma dessas aptidões psíquicas, e, à exceção da bebida e da boa aparência, pouca ou nenhuma coisa tinha em comum com o pai. Se Tom Cayce apreciava a lavoura e os campos de sua juventude, Leslie se sentia mais à vontade nas reuniões públicas enfumaçadas realizadas nos fundos da Liberty Church, jogando cartas no Beverly Store, ou apostando em futuros do tabaco na sala de reuniões da associação dos plantadores. Foi talvez em consequência de desentendimentos acalorados nas reuniões da associação, ou de brigas de punho em seus anos de adolescência, que se dizia ter Leslie, antes de completar vinte e um anos, quebrado pelo menos uma vez quase todos os ossos do corpo.

Leslie Cayce era homem de aparência cuidadosa, roupas sempre bem passadas, sapatos engraxados e, à exceção de um bigode de pontas enceradas com esmero, rosto bem barbeado. Os irmãos o descreviam como um homem sempre atrás de novas invenções, e em várias ocasiões tomou para si a exclusividade de venda de itens como batedeiras de manteiga e fechaduras de portão. Era bom orador, adorava debater e, por todos os relatos, gostava da vida. “Gostaria de poder ser tão otimista quanto meu pai costumava ser”, Edgar escreveria depois a respeito do pai. “Era um homem bem fora do comum em muitos aspectos, e suas

expressões *'as good as new'* e *'tip top'* ainda são usadas por muitos que o conheceram."

Leslie casou-se com Carrie Elizabeth Major em 10 de junho de 1874, quando ainda não tinha vinte anos e ela mal completara dezessete. Fotografias de Carrie mostram uma jovem magra e de aparência comum, com um nariz grande e proeminente e cabelos escuros presos em um coque. Quem a conheceu, no entanto, foi mais generoso nos elogios à aparência física. Descrevem-na como bastante atraente — quase radiante — e alta a ponto de ser estatuária. Não há dúvida de que tinha uma personalidade calorosa e generosa, com profundo amor pelas crianças. Edgar mais tarde a descreveria como "distinta e cortês por um lado, amorosa, indulgente, compassiva e temente a Deus pelo outro".

Por todos os relatos, Tom Cayce e o restante do clã Cayce consideraram acertada a escolha de Leslie, pois ela era, antes de tudo, uma Major, e a filha primeira na linha de herança de algumas centenas de acres da próspera fazenda do pai. A família Major talvez não tenha visto a união com igual simpatia. Embora presumivelmente aprovasse um casamento com um Cayce, Leslie não era bom fazendeiro e era em geral tido por gastador e boêmio. Pelo que se infere do registro histórico, Carrie deve ter sido arrebatada pelo pretendente de fala rápida e vida fácil. O fato de o próprio pai ser alcoólatra talvez a houvesse anestesiado diante dos excessos de Leslie. Ela concebeu o primeiro filho poucos dias depois da noite de núpcias.

A alegria da união foi breve. Leslie acabou por passar boa parte do tempo longe de casa, presumivelmente atrás de outras mulheres e de planos de enriquecimento rápido. As dívidas logo

se acumularam. Para uma moça que havia crescido como o centro das atenções de um pai adorador e de quatro irmãos, e que fora servida por criada própria, o choque de se ver fazendo o serviço doméstico além de administrar a fazenda deve ter sido desalentador. Ademais, Leslie, que tinha a oitava série de estudos e uma opinião inflada de si mesmo, fazia e impunha as regras da casa. Carrie, que havia frequentado o Bethel Female College, de Hopkinsville, administrado pelos batistas, não tinha nenhum poder de decisão. Seu único consolo estava nos filhos, a quem mimava, e na estreita amizade com a irmã de Leslie, Ella Cayce Jones.

Não há dúvida de que Leslie era mau fazendeiro. Repetidas tentativas de cultivar os 166 acres que Carrie herdara do pai se mostraram infrutíferas, e a propriedade foi entregue aos credores logo após o nascimento do primeiro filho. Alguns meses depois, ela e Leslie alugavam um chalé de dois cômodos nos fundos do Beverly Store, próximo ao cruzamento da Palmyra Pike com a LaFayette Road. A razão oferecida pela família Cayce para o fracasso de Leslie como fazendeiro não era sua incapacidade de cultivar, mas antes um medo obsessivo de cobras que remontava à infância. Segundo os irmãos, as cobras eram estranhamente atraídas por Leslie. Não parecia importar se eram inofensivas cobras-d'água ou venenosíssimos *water moccasins*[10]. Se ele pousava o chapéu no chão, uma cobra rastejava para dentro dele ou se enrolava em volta da copa. Se permanecia parado tempo bastante, enroscavam-se em seus tornozelos ou subiam-lhe pela perna da calça. Aparentemente nunca o feriam; apenas gostavam de estar perto dele.

Leslie sempre dizia que essa "atormentadora" atração das cobras contribuíra muito para seu desejo de beber. Ao topar com uma, tomava, dizia-se, uma dose de uísque para acalmar os nervos. Mas se de Tom Cayce se dizia que amava o bourbon, o filho Leslie às vezes deixava que a garrafa o dominasse. Quando bêbado, ficava raivoso e belicoso, e por vezes usava um chicote contra os filhos.

O incidente mais notável envolvendo sua bebida ocorreu em 24 de dezembro de 1875, a noite em que nasceu e morreu o primeiro filho dele e de Carrie, Leila Beverly Cayce. Viviam em uma casa na fazenda do irmão de Carrie, pois a terra que ela herdara não vinha com uma casa construída. Não existem detalhes específicos do que aconteceu naquela véspera de Natal, com exceção de uma referência em uma carta que Edgar escreveria anos mais tarde a um velho amigo da família, dizendo que Leslie ficara bêbado de raiva e saíra de casa batendo portas. Na manhã seguinte, a criança foi encontrada morta no berço. Membros da família há muito aludem a uma ligação entre a bebida dele e a morte da criança, mas não existe prova que sustente nem refute tal afirmação.

Os irmãos de Leslie frequentemente se referiam a ele em sua correspondência como "egoísta" e "centrado em si mesmo", e o tomavam à parte para conversas de coração aberto. Foram eles que o convenceram a alugar o Beverly Store, localizado em um povoado de cerca de um quarto de milha de comprimento, com casas e outros prédios, entre os quais uma ferraria, o consultório de um médico, uma igreja e uma escola de um só cômodo. Leslie trocou o que restava da herança da esposa por tecidos, secos-e-molhados e outros itens de estoque.

Apesar de a loja não ir muito bem sob a administração de Leslie, ele claramente sentia nela mais prazer e orgulho do que sentira na lavoura. Vendia-se de tudo, de chicotes de charrete a amassadores de batata. Leslie vendia sapatos a US$ 2, um alqueire de fubá a 40 centavos e uma libra de café a 20 centavos. Para cada dólar gasto em secos-e-molhados, o freguês tinha direito a uma dose de um barril de uísque. Suas obrigações incluíam não só administrar a loja e a mercadoria, mas também ser agente postal e juiz de paz, razão pela qual veio a ser conhecido como "Squire[11] Cayce".

Edgar Jr., batizado em homenagem ao irmão mais velho do pai, nasceu às 15h20 de domingo, 18 de março de 1877, catorze meses depois da morte da irmã, Leila. O Dr. John L. Dulin, um dos dois médicos residentes em Beverly, assistiu ao parto. O nascimento correu tranquilo e nada de incomum foi notado no estado da criança ou da mãe. Foi chamado Edgar Jr., não porque fosse tecnicamente um Jr., mas para distingui-lo do tio Edgar, que era visita frequente da casa.

Leslie só tinha elogios para o filho. "Ele era, pensávamos, um bebê excepcionalmente bonito, saudável, com grandes olhos castanhos, bochechas gordas e rosadas, e um rosto notavelmente alegre", recordaria mais tarde. Por mais entusiasmado que fosse o relato, a observação de Leslie deixava a desejar. Os olhos do filho não eram castanhos, mas de um azul que se foi escurecendo com os anos.

Durante o primeiro mês de vida, Edgar chorava sem parar, e só se acalmou quando Patsy Cayce, ex-escrava de Tom Cayce que agora tinha quarto próprio na casa dele, o tratou de um "peito de leite", mal-estar comum decorrente de um desequilíbrio

hormonal no nascimento. Os hormônios transmitidos da mãe ao filho fazem com que as mamas da criança fiquem intumescidas. Patsy pegou uma agulha esterilizada e furou cada um dos mamilos de Edgar, de onde saiu um fluido de cor leitosa. Leslie observou que, dali em diante, a criança raramente chorava e logo começou a "arrulhar" ou a emitir uma espécie de "grunhido alegre" sempre que alguém entrava no cômodo.

Assim que Edgar começou a engatinhar, não parou mais quieto. Leslie se lembra de ter voltado da loja para casa, num dia de chuva, para o almoço. Depois de se sentar para conversar com Carrie e brincar com Edgar, voltou à loja, deixando o filho engatinhando à vontade. Carrie retornou aos afazeres domésticos. Mas logo depois ouviu um grito alto vindo do lado de fora da porta da frente, e correu para encontrar Edgar caído no chão, do lado de fora, com lençóis de água da chuva despejando sobre ele pela calha do alpendre. Evidentemente ele havia passado pela porta e caído do alpendre ao tentar seguir Leslie até o trabalho.

Acidente bem mais grave ocorreu em 27 de maio de 1880, quando Edgar, com três anos completos, caiu de cabeça de cima de um moirão de cerca sobre uma tábua da qual saía um prego. Diz-se que o prego entrou tão fundo na cabeça que perfurou o crânio da criança e alcançou a cavidade cerebral. Leslie, que presenciara o acidente, correu ao filho no mesmo instante e arrancou o prego. Carrie vinha logo atrás. Passado o susto inicial da queda, Edgar parecia perfeitamente bem. Despejou-se terebintina sobre a ferida aberta, a cabeça foi enfaixada, e o menino acabou por retomar as brincadeiras de costume.

Em que medida essa lesão possa ter deixado dano fisiológico duradouro ou alterado o desenvolvimento cerebral normal de Edgar permanece desconhecido. Cabe notar, no entanto, que outros médiuns, entre eles o holandês Peter Hurkos, atribuíam o desenvolvimento de suas capacidades psíquicas a golpes semelhantes que haviam sofrido na cabeça, e que, segundo acreditavam, estimularam as glândulas pineal ou pituitária. Pouco ou nada se diz a respeito desse episódio entre os que conheceram Edgar ou a seu respeito escreveram nos anos posteriores, talvez porque o próprio Cayce acreditasse que seus dons lhe haviam sido dados por Deus, e não eram de origem fisiológica.

Um último episódio da primeira infância de Edgar merece registro. Aos três anos, depois de forte tempestade, ele entrara num açude na casa do avô. Descobriu muitos peixes que haviam ficado encalhados na água baixa. Edgar se ocupava em apanhá-los com as mãos e devolvê-los à água mais funda quando perdeu o pé e caiu de cabeça. Um ex-escravo que trabalhava para o avô acudiu-o, e a ele se atribui o mérito de lhe haver salvado a vida.

Carrie deu à luz outra filha, Annie Cayce, em 1878, e teria em seguida mais quatro crianças: Thomas, Ola, Mary e Sarah. Com as mãos cheias e Leslie na loja, ela contratou um sobrinho de onze anos, Edward Cayce, para cuidar de Edgar. Esse arranjo, dizia Leslie, se mostrou "bastante satisfatório".

Pouco depois de o "irmão mais velho" de Edgar assumir o posto, o Dr. Dulin, o médico que havia assistido ao parto, começou a tomar as refeições com os Cayce. Era solteiro, vivia só e atendia num consultório contíguo ao Beverly Store. A maioria dos Cayce

e dos Major acreditava que ele não gostava de crianças, de modo que nada havia de estranho em Leslie e Carrie não terem certeza de que ele consentiria em sentar-se à mesa com o filho deles. Embora a princípio tenha protestado, Dulin acabou concordando em tentar. Para surpresa de todos, não só se acomodou à situação como passou efetivamente a apreciar a companhia de Edgar.

Quando Edgar começou a falar, aos dois anos, o Dr. Dulin passou a levá-lo pelo consultório, apresentando-o aos pacientes e dizendo que Edgar era a "melhor" e "mais interessante" criança que jamais conhecera. Dulin conversava e brincava com ele, por vezes imitando-lhe os trejeitos. Foi o primeiro a chamá-lo de "old man", apelido que o acompanhou por toda a primeira infância. Edgar não se importava. Na verdade, parecia gostar do apelido mais do que do próprio nome, embora preferisse Eddy, ou simplesmente Cayce.

À medida que crescia, Edgar visitava com frequência a loja do pai, onde depressa se familiarizou com o estoque e, quando solicitado, sabia buscar os artigos para os fregueses. Quando o movimento era fraco, Edgar contentava-se em sentar-se em silêncio entre os barris e caixas e escutar os homens a discutir política e lavoura. Gostava também das conversas ocasionais das mulheres, enquanto compravam côvados de tecido, barris de açúcar, sacos de arroz, ervas, chá ou remédios. A maior parte dos fregueses era de primos, tios, tias ou gente das fazendas dos Major. Gostavam do pequeno Eddy e lhe davam atenção considerável, embora lhes parecesse bastante precoce. Um dos tios descreveu Edgar como um "menininho sério, magricela,

intenso", dado a longos períodos de silêncio. Comportava-se, literalmente, como um "old man".

Nem por isso a natureza inquisitiva de Edgar deixava de saltar aos olhos. Seu brinquedo predileto era um circo mecânico com dois palhaços, um mestre de picadeiro, vários cavalos com seus cavaleiros e uma pequena plateia que girava lentamente em círculo. Edgar gostava de dar corda no brinquedo e de ligá-lo e desligá-lo, e não demorou para que quisesse desmontá-lo para ver o que havia dentro. Leslie e Carrie sabiam de antemão que ele não conseguiria remontá-lo, mas deixaram que o desmontasse assim mesmo, porque se impressionavam com o "pensamento profundo" que ele punha naquilo.

Em 1881, quando Edgar tinha quatro anos, um circo de verdade chegou a Hopkinsville, e Edgar estava decidido a ir. Leslie relutou em fechar a loja mais cedo e pediu a um dos irmãos que levasse Edgar adiante em sua charrete. Encontrar-se-iam mais tarde. Na chegada e durante todo o espetáculo, Leslie e Carrie procuraram por Edgar e pelo tio, mas não os acharam. Depois, como ainda não haviam aparecido, os pais ficaram preocupados. Acabaram localizando o tio de Edgar, que disse que o menino os avistara durante a apresentação e fora juntar-se a eles. Imediatamente organizaram uma busca pelo terreno e pela área da tenda. Pouco depois, Edgar — sem a menor preocupação — saiu de uma das tendas em profunda conversa com um vizinho de casa.

De fato, Edgar demonstrava notável independência, mas sua preferência por brincar sozinho logo se tornou motivo de preocupação para os pais. Nada lhe agradava mais do que

entreter-se no jardim atrás da loja, onde havia construído uma tenda indígena com uma fileira de feijões-manteiga sustentados por varas cruzadas. Era ali que brincava com aquilo que chamava de *"little folk"*[12]. Os pais consideravam-nos companheiros imaginários, mas, para o pequeno Edgar, eram intensamente reais. Na verdade, continuariam parte de sua vida pelas décadas seguintes.

Em uma leitura em transe conduzida quarenta anos depois, Edgar sugeriu que, de fato, fora visitado por "entidades" espirituais, que à época se lhe apresentavam sob uma forma que não o assustasse nem ameaçasse. Seu propósito, segundo essa leitura, era prepará-lo para as provações e tribulações que haveriam de vir, e alega-se que muitas dessas entidades, se não todas, teriam depois se reencarnado como pessoas que viriam a se associar estreitamente ao Trabalho.

Tudo o que Leslie e Carrie sabiam a respeito do *"little folk"* era o que Edgar lhes contava sobre as brincadeiras no canteiro de hortaliças. Nunca eram mais de sete ou oito, meninos e meninas, todos mais ou menos da idade dele. Tinham nomes, histórias próprias e personalidades distintas. As únicas coisas que pareciam incomodar Edgar eram o fato de eles aparentemente não se molharem quando chovia e não gostarem de ser vistos por outras pessoas.

Edgar podia ficar bastante transtornado se um dos pais ou outra criança interrompesse sua hora de brincar com o *"little folk"*, e às vezes chorava. Em certa ocasião, a mãe fez-lhe a vontade, dizendo que também via seus companheiros, e que estavam lá fora, à sua espera no jardim. Ouvir aquilo deixou Edgar muito feliz, e ele

correu no mesmo instante ao canteiro para vê-los. A partir daquele momento, Edgar passou a acreditar que a mãe via, de fato, seus companheiros de brincadeira.

Leslie nunca fez a vontade do filho como Carrie fazia, mas não se importava de escutar as histórias curiosas que Edgar contava quando ia à Beverly Store. Leslie e seus fregueses comentavam com frequência a sofisticação da imaginação de Edgar — seus amigos de faz de conta não eram crianças do campo do Kentucky: vinham de lugares de que o povo de Beverly não falava, quanto mais visitava, como o Egito e a Pérsia. Leslie lembrava-se de um dia em que se sentou ao lado de Edgar na horta da família. Em vez de se enfurecer, como era comum quando interrompido nas brincadeiras, o filho irrompeu em riso inesperado. Leslie perguntou-lhe o que tinha tanta graça. Edgar virou-se e apontou para alguém ou alguma coisa que só ele podia ver.

Leslie e Carrie acreditavam piamente que os companheiros imaginários do filho desapareceriam assim que o pai desistisse da Beverly Store e a família se mudasse. Os negócios não iam tão bem quanto esperavam, sobretudo porque fregueses demais ficavam por ali bebendo uísque em vez de comprar. Leslie decidiu tentar de novo a sorte na lavoura e, em 1880, vendeu a loja e mudou-se para a Benjamin Thompson house, situada numa das fazendas dos Cayce, a cerca de 2 milhas e meia de Beverly, e a curta distância a pé da casa de Tom e Sarah Cayce, os avós de Edgar. A Thompson house era muito maior do que a casinha em que tinham morado nos fundos da loja. Além dos sete quartos da casa principal, havia um grande celeiro para curar tabaco e um estábulo onde Leslie mantinha um belo garanhão branco, que

montava para ir a Hopkinsville. Atrás do estábulo ficava um velho cemitério, aninhado entre um bosque de cedros.

A babá de Edgar deixou de ser necessária na casa nova, pois Tom Cayce fazia gosto em cuidar do neto. Carrie ficou aliviada com a ajuda extra, e Leslie também. Ademais, Tom e Edgar se afeiçoaram um ao outro de imediato. Não passavam juntos apenas uma ou duas horas de cada vez, mas três ou quatro dias seguidos. Eram, como haveriam depois de insistir velhos amigos da família, "feitos da mesma madeira". E ainda que ninguém o dissesse abertamente, sempre se insinuou que o talento do velho Tom Cayce para lidar com o neto muito se assemelhava ao seu talento para lidar com o galho bifurcado do pessegueiro que mantinha junto à lareira da família e que usava para localizar poços d'água. "Aquele menino literalmente ganhava vida nas mãos dele", observou certa vez um dos irmãos de Leslie.

Leslie nunca vira o filho tão contente. Segundo ele, Edgar muitas vezes cochilava nos braços de Tom, e jamais era tão feliz quanto quando envolto no casacão comprido do avô. Nas noites em que ficava na casa dos avós, Edgar se enroscava e dormia ao lado de Tom. Sarah contava que acordava e via o pequeno Edgar agarrado à barba do avô com os punhos cerrados. Além de ensinar Edgar a pescar e a andar a cavalo, Tom o ajudava a construir casinhas de brincar com o capim alto e com os arbustos que cresciam nas margens do Little River. O lugar predileto dos dois era o celeiro em que Tom curava tabaco. No outono, Edgar e o avô ficavam a observar os lavradores queimando grandes lascas de nogueira-pecã, e a fumaça espessa subia por entre as fileiras em que pendiam os maços de tabaco. Ambos adoravam o aroma

pungente do tabaco escuro sendo curado pela fumaça. Também gostavam do cheiro na *smokehouse*, onde a nogueira em brasa, misturada a lascas de sassafrás, formava um incenso que se derramava sobre a carne pendurada nas vigas.

Durante uma de suas muitas cavalgadas juntos, Tom Cayce sofreu um acidente terrível. Não se sabe ao certo se Tom havia bebido ou não, embora de longa data se murmure que sim. A data era 8 de junho de 1881. Edgar, com apenas quatro anos, ia montado atrás de Tom em uma égua predileta. A caminho da casa das máquinas, onde o tio Lucian consertava uma segadeira-atadora, pararam para dar de beber ao cavalo junto do açude, perto do celeiro, e Tom pôs Edgar no chão para pegar peixinhos, seu passatempo predileto.

Conta-se que o cavalo de Tom se assustou com o que teria sido um *water moccasin* surgindo debaixo de uma raiz enterrada. O cavalo disparou, lançou-se à água e nadou para a outra margem. Tom conseguiu manter-se na sela. Ao alcançar o outro lado do açude, o cavalo tentou saltar uma cerca, falhou e voltou-se para trás. Nesse instante, tropeçou, arremessando Tom na água. Edgar, do outro lado do açude, viu o cavalo empinar e abater os cascos sobre o peito de Tom. Lester Major, jovem vizinho de Tom, logo chegou ao local. Edgar teve de lhe mostrar o ponto em que Tom desaparecera na água. Chamaram em auxílio o Dr. Alexander Kenner, médico que morava nas redondezas, mas Tom certamente já estava morto quando conseguiram retirá-lo da água. Ou fora nocauteado e se afogara, ou morrera por ter o peito esmagado sob os cascos do cavalo.

O corpo de Tom foi levado para dentro da casa naquele mesmo dia. Conforme o costume, filhos e irmãos o lavaram e o vestiram. Em seguida, o corpo foi estendido sobre uma longa *cooling board*, todo vestido, à exceção dos sapatos. A parte inferior foi coberta com um pano de algodão escuro. Edgar observava enquanto todos os Cayce chegavam à casa do avô, em carruagens e em *buckboards*, para o funeral. Lá estavam seus tios Edgar, Clint, Matthew, Robert E. Lee, Lucian e Delbert, junto dos tios-avós George Washington, James Monroe e Franklin Pierce. Sua tia, Ella Jones, também estava presente, bem como os tios do lado dos Major.

Um agente funerário chegou de Hopkinsville com um grande caixão de carvalho, de alças metálicas e com uma fina placa de vidro encaixada na tampa. O corpo de Tom foi retirado da *cooling board*, depositado no caixão, e em seguida a tampa foi fechada. Embora Edgar tenha visto o avô entrar no caixão, não o viu descer à terra. Patsy Cayce ficou com ele enquanto os tios e tias iam ao cemitério da família, no jardim atrás da casa.

A despeito da relação estreita que se formara entre Edgar e o avô, o menino pareceu menos perturbado pela tragédia do que seria de esperar. Isso talvez se devesse à pouca idade. Mas também é verdade que, ainda criança, a percepção que Edgar tinha da morte do avô não era a mesma que tinham os demais membros da família. Pouco tempo depois do funeral, os pais o encontraram de pé no celeiro do tabaco, "conversando" com o avô falecido.

---

7. Sete milhas ≈ 11 km. ↩

8. *Dark-fired*: variedade de tabaco escuro, curada ao calor de fogueiras de nogueira; folha destinada ao fumo de mascar e ao cachimbo. ↩
9. *Second sight*: faculdade de enxergar o ausente, distante ou por vir; expressão do folclore escoto-irlandês. ↩
10. *Water moccasin* (*Agkistrodon piscivorus*): cobra semiaquática venenosa do Sul dos EUA. ↩
11. *Squire*: título honorífico dado, na América rural do séc. XIX, a juízes de paz e notáveis locais. ↩
12. *Little folk*: do folclore anglo-celta, seres feéricos diminutos e invisíveis aos adultos. ↩

2.
Pequenos amigos e Little Anna

Os relatos de que Edgar supostamente conversava com o avô falecido permaneceram segredo bem guardado da família até o menino ir ficar na casa da tia Lou. Edgar mudou-se provisoriamente para a casa de Lulu Boyd Cayce e de seu marido Clint, de modo que Carrie pudesse cuidar com mais facilidade da mãe de Leslie, ferida em um incêndio que destruíra o andar superior do antigo casarão da família. Embora os ferimentos fossem leves, Leslie julgou melhor que a mãe, Sarah Cayce, permanecesse no quarto de Edgar até se restabelecer e a casa ser reparada. O arranjo mostrou-se adequado para todos. Edgar apreciava a companhia da tia Lou e do tio Clint e, como o jovem casal ainda não tinha filhos, pôde derramar sobre o sobrinho a espécie de atenção que, caso contrário, Edgar teria de dividir com os dois irmãos. Edgar também encontrava os pais com frequência, pois os tios moravam perto, numa casinha em uma fazenda do tio-avô de Leslie, James Monroe Cayce.

O assunto das conversas de Edgar com o avô falecido veio à tona pela primeira vez numa tarde quente, quando Edgar e a tia Lou estavam no quintal colhendo *mustard greens* silvestres para o jantar. Lulu perguntou a Edgar por que ele passava tanto tempo sozinho no celeiro de tabaco. Edgar respondeu que não estava sozinho — estava visitando o avô. Disse que o "vovô" vinha ao

celeiro ajudar os lavradores a pendurar as folhas de tabaco. Não conversava com eles como fazia com Edgar, mas trabalhava ao lado deles, ajudando sem que percebessem, lembrando-lhes das tarefas que precisavam ser feitas. Edgar acrescentou que o vovô, às vezes, era difícil de enxergar, que aparecia em "feixes de luz" descendo por entre as vigas do teto, e que, se olhasse com muita atenção, conseguia ver através dele. O lugar predileto do vovô para se sentar era sob os beirais, perto do ponto em que um *robin*[13] construíra seu ninho. Edgar se ofereceu para mostrá-lo à tia, mas ela recusou.

As histórias de Edgar perturbavam e amedrontavam a tia Lou, pois o menino também contava episódios do passado distante da família Cayce. Não eram histórias do tipo que a imaginação febril de uma criança de cinco anos produzisse com facilidade. Eram histórias autênticas dos primeiros anos dos Cayce na Virgínia e no Kentucky — histórias que, verossimilmente, só Tom e os de sua geração poderiam saber. Depois de muito interrogar o sobrinho, Lulu Cayce aconselhou os pais a levarem Edgar a um médico ou, ao menos, a um pastor. "Ele tem o diabo dentro de si", disse a Leslie. "Nada de bom pode vir disso."

Leslie e Carrie não deram ouvidos ao conselho de Lulu, apesar das preocupações de outros parentes a respeito de Edgar. A irmã mais nova, Annie, ficara tão assustada com o comportamento do irmão que não gostava de brincar com ele. Não eram apenas as supostas conversas com o avô falecido, mas também as atividades contínuas com os companheiros imaginários.

Segundo Edgar, o *"little folk"* surgia na fazenda da tia Lulu e do tio Clint em número ainda maior do que surgira no Beverly Store.

Tinham agora pais, irmãos e irmãs, nomes e sobrenomes, e se interessavam menos em brincar com ele do que em conversar e ensinar-lhe coisas. O lugar predileto dos encontros era debaixo de uma tenda de ramos e trepadeiras que Edgar montara entre os cedros, no antigo cemitério da família. Ali conversavam com Edgar enquanto ele procurava pequenos cacos de vidro colorido por entre as lápides.

Deve ter sido grande alívio para os pais de Edgar quando o filho fez amizade com uma vizinha, a pequena Hallie Seay, um ano mais velha. Era filha de Hallie e Barney Seay, de quem Leslie havia assumido o Beverly Store. Barney e a esposa tinham comprado o terreno do outro lado da estrada, em frente à Thompson house, derrubado a construção existente e erguido uma casinha pitoresca de três quartos, que ainda hoje está de pé. Miúda e de cabelos escuros, Hallie nasceu em abril de 1876 e era chamada Little Anna para distingui-la da mãe.

Little Anna e Eddy tornaram-se inseparáveis. No inverno, corriam pelos campos tentando aparar flocos de neve com a boca, ou brincavam em torno da ponte coberta perto da casa do tio Frank Cayce. No verão, perseguiam libélulas e colhiam violetas no pasto atrás da Liberty Church, brincavam às margens do Little River ou ficavam a observar os lavradores levando milho ao Steger's Mill, na estrada próxima à fazenda de Pat Major. O mais importante para Edgar: o *"little folk"* gostava de Anna tanto quanto gostava dele. E ela — segundo Edgar — veio a conhecê-los melhor que ele próprio, pois estava sempre a crivá-los de perguntas.

O lugar predileto de Edgar e Anna para brincar era o celeiro ao lado da Thompson house. Empoleirados nas vigas altas, divertiam-se enormemente saltando sobre o monte de feno e, em seguida, deslizando por sua encosta. Também escavaram um esconderijo no interior do palheiro, ao qual chegavam por um túnel estreito. Era ali que "brincavam de casinha". Edgar seria o marido, ela, a esposa, e o *"little folk"* seriam os filhos do casal.

A maior aventura dos dois ocorreu numa excursão ao Little River. Depararam com um barco que havia se soltado do ancoradouro e descido a correnteza, e Edgar e Anna aproveitaram a ocasião para dar um passeio de barco. Remaram rio adentro até chegarem a uma pequena ilha, perto de uma bifurcação. Segundo Edgar relataria depois em suas memórias, o *"little folk"* veio juntar-se a eles na ilha, e ali apresentou as duas crianças a criaturas menores que o *little folk*, mas maiores que insetos. Edgar descreveu essas criaturas aos pais como fadas ou *"sprites"*, dizendo que se apresentavam em variadas formas e cores. Ele e Anna não puderam passar muito tempo com as criaturas porque, segundo consta, não gostavam de brincar com crianças. Não queriam saber dos seres humanos, que consideravam intrusos em seus afazeres.

A família de Edgar, naturalmente, descartou a ideia das fadas como mais uma invenção da imaginação sempre crescente da criança. Mas Edgar jamais concordaria em admitir que não as houvesse mesmo visto. Aprendeu apenas a não falar delas — lição que o acompanharia anos depois, quando teve visões de anjos e outros "guias espirituais". Muitos anos se passariam antes que ele descrevesse a amigos sua crença de que aquelas coloridas "formas de energia" viviam nas plantas e árvores, e entre elas, e

desempenhavam papel integral no seu processo de crescimento. Como o *"little folk"* com quem brincava sob os feijões-manteiga, os coloridos feixes de energia convertiam-se em formas e figuras a que uma criança pequena pudesse corresponder. É interessante notar — dados os muitos paralelos que o Trabalho posterior de Cayce compartilhou com o de Rudolf Steiner, psicólogo espiritual austríaco e contemporâneo de Cayce — que Steiner também relatou visões infantis de gnomos e elfos, assim como Eileen Garrett, a célebre médium irlandesa.

Os pais de Edgar descreviam os dezoito meses com Little Anna como os mais felizes da infância do filho e, embora ela fosse mais velha, sua companhia claramente potencializava quaisquer poderes psíquicos ou imaginativos que o jovem Cayce manifestasse. Infelizmente, a relação terminou cedo demais. Em dezembro de 1882, o pai de Edgar arrancou a família mais uma vez de seu solo, resultado de uma colheita pobre de tabaco, e nos oito meses seguintes mudaram-se três vezes. A primeira mudança foi da Thompson house de volta ao Beverly Store, onde, além de retomar as funções anteriores de agente postal e juiz de paz, Leslie passou a dividir com o irmão Lucian, em regime de meio expediente, as atribuições de professor. O negócio se revelou ainda mais difícil para o Squire em sua segunda tentativa: o irmão de Carrie, George Major, havia aberto outro armazém de secos-e-molhados do outro lado da estrada, reduzindo drasticamente a parte de Leslie no comércio da encruzilhada. Incapaz de tornar a loja rentável, Leslie mudou a família de volta à casa dos pais e, em seguida, para uma pequena cabana que ele e os irmãos construíram num bosque próximo. Edgar tinha 5 anos e meio.

Não foi apenas a mudança de volta à loja que tornou aquele último inverno na Thompson house emocionalmente difícil para a família. Carrie havia dado à luz outro filho em 19 de novembro de 1882, a quem chamaram Thomas, em homenagem ao pai de Leslie. Não se sabe se Carrie levou a gestação a termo, nem se conhecem detalhes das circunstâncias do parto; sabe-se apenas que Thomas viveu por dez dias e foi sepultado ao lado do avô, no pequeno cemitério sob os cedros.

A mãe de Edgar afundou numa depressão que durou todo o inverno, durante o qual ficou bastante debilitada e desenvolveu asma, enfermidade que a atormentaria até a morte, trinta e cinco anos depois. Permanecia acamada por três ou quatro dias seguidos, às vezes tossindo tão alto que podia ser ouvida do lado de fora. Ninguém na família, e muito menos ela própria, falava abertamente da tragédia, e, nos anos por vir, o nome do filho pequeno jamais apareceu em sua correspondência.

As lembranças que Edgar guardava da aflição materna pela perda do bebê eram vívidas, e com frequência se referia a esse período da vida da família como particularmente doloroso. Descreveu ter visto a mãe irromper em lágrimas sem aviso no meio do dia, cair de joelhos e pedir ao Senhor Suas bênçãos e Seu auxílio. Nunca antes a vira chorar, nem orar, e a cena lhe deixou marca indelével. Logo começou a orar com ela. A experiência há de ter sido força curativa poderosa para mãe e filho, pois essa seria uma atividade que praticariam com frequência nos anos seguintes, e a oração haveria de ocupar Edgar pelo restante da vida.

A morte do irmão não foi a única tragédia em que Edgar e a mãe buscaram consolo na oração. A mudança da Thompson house o

havia separado de Little Anna, e a separação se tornou definitiva quando ela, mais tarde, contraiu pneumonia e morreu em janeiro de 1892. Consta que Edgar, então com catorze anos, caminhou várias milhas pela neve para estar com a amiga de infância no momento final. Foi sepultada em um pequeno caixão perto de casa, onde logo se lhe juntou o pai, Barney Seay, morto um dia depois da mesma pneumonia, contraída cuidando dela. Como o avô falecido de Edgar, Little Anna reapareceria na vida de Edgar, mas só muitos anos depois, e não sob a forma da menina delicada de cabelos castanhos com quem explorara o Little River.

A morte de Anna tocou Edgar de modos que seus pais só podiam conjecturar, pois coincidiu com o desaparecimento do *"little folk"*. Embora Edgar continuasse a construir nos bosques recantos especiais em que pudesse ficar a sós, os companheiros espirituais deixaram de visitá-lo. E, ainda que ele voltasse muitas vezes ao velho celeiro de tabaco, o avô já não aparecia sob o ninho de *robin* no beiral. A aparição de Tom Cayce no celeiro viria a ser não mais que uma lembrança distante da infância de Edgar.

Não há registro de que os pais de Edgar tivessem consciência da solidão que envolveu o filho nos anos difíceis da infância. Talvez tenham percebido pela primeira vez que algo não ia bem quando ele se matriculou na Beverly School no outono de 1883, aos seis anos.

Como outras *subscription schools*[14] de seu tempo, a Beverly School, situada atrás da Liberty Church, era construída e mantida pelas famílias dos alunos. Não era raro que uma família fornecesse a

madeira para a construção, outra os livros escolares, e uma terceira, a hospedagem e alimentação do professor. Como todas as famílias da comunidade dependiam da cultura do tabaco, o ano letivo coincidia com as épocas de plantio e de colheita. Frequentavam-na crianças dos seis aos dezesseis anos e, para a maioria, aquela seria a única educação formal que receberiam. A escola tinha duas entradas, uma para meninas, outra para meninos. Dentro, havia quatro fileiras de carteiras de madeira de encosto rígido, com tinteiros. À frente, um grande quadro-negro de ardósia e uma escrivaninha retangular de carvalho para o professor. Um fogão a carvão ocupava um canto; a *dunce's chair*[15], o outro.

Foi na *dunce's chair* que Edgar logo se veria. O problema não era mau comportamento nem lentidão de aprendizado. Edgar simplesmente não conseguia concentrar-se em coisa alguma por mais de alguns minutos de cada vez, e ganhou fama de "estranho". Mesmo quando se aplicava aos estudos, estava fora do compasso dos colegas, tímido e despreparado demais para lidar com um ambiente social.

Lela Cox, sua primeira professora, considerava Edgar um sonhador. Punia-o por não prestar atenção e, com frequência, constrangia-o mandando-o ficar em pé enquanto os demais alunos podiam permanecer sentados. Edgar já tinha vergonha da própria altura, e a atenção acrescida só piorava as coisas. Aos sete anos, já passava bem dos quatro pés, e as pernas finas e desengonçadas insistiam em emaranhar-se sob a carteira.

A situação não melhorou quando a Beverly School foi fechada e a Beverly Academy abriu as portas perto do Beverly Store. Os

moradores viam a nova escola como um avanço: embora ainda houvesse um só professor e uma só sala, o prédio comportava o dobro de alunos. Foi a última escola que Edgar frequentou.

Desde o instante em que entrou na nova escola, em setembro de 1889, Edgar vivia a envolver-se em brigas. A tia Lou e a mãe tinham-lhe ensinado a cuidar do que dizia sobre si mesmo, mas sua reputação o precedera. Todos na classe, inclusive o novo professor, U. L. Clardy, primo de Edgar por parte de mãe, haviam ouvido histórias de que ele conversava com fantasmas. O fato de Edgar não demonstrar interesse aparente em jogar beisebol, atirar bolinhas de gude ou participar dos demais passatempos escolares agravava a situação já tensa. A única salvação era que dois terços da escola eram Cayce ou Major, e para cada briga em que Edgar se metia havia um primo que vinha em seu socorro. Mas nem eles podiam salvá-lo do professor. Clardy rotineiramente o açoitava por não prestar atenção suficiente aos estudos.

Leitura era a única matéria que lhe interessava. Esse interesse fora desencadeado por uma conversa que Edgar tivera com um lenhador negro que morava na antiga fazenda do avô, e que talvez fosse o mesmo trabalhador e ex-escravo que o salvara de afogar-se no açude quando era ainda criança pequena. O povo de Beverly chamava o lenhador de "Crazy Bill" porque, como o próprio Edgar viria a dizer, "não era muito certo da cabeça".

Edgar teve ocasião de conversar com Bill na estrada, ao voltar da escola um dia em que o lenhador retirava uma árvore caída no caminho. "Estou me sentindo forte como Sansão", disse Bill, empunhando o machado. Edgar não sabia quem era Sansão, e Bill então lhe contou a história do Antigo Testamento em que Sansão

era forte o bastante para derrubar uma casa e havia matado mil homens com uma queixada de jumento. Mal chegou em casa, Edgar quis saber tudo sobre a Bíblia, sobre as pessoas nela mencionadas e sobre o que se passava na igreja, onde a liam. A família não tinha, àquela altura, uma Bíblia — a sua havia sido destruída, junto com outras relíquias familiares, no incêndio do antigo casarão —, nem os pais frequentavam a igreja com regularidade, embora Leslie, nos anos seguintes, dissesse com frequência aos jornalistas que ele e a família vinham de longa linhagem de frequentadores de igreja. A verdade é que a família imediata de Edgar só começou a assistir aos cultos regularmente no final de 1886, quando o filho de nove anos os pressionou sem descanso a que o levassem.

A primeira Bíblia que Edgar jamais teve nas mãos era grande e farta de gravuras, e pertencia à tia Ella. Esta lhe mostrou uma xilogravura em preto e branco em que Sansão derrubava as colunas do templo. Raios do céu captavam a ferocidade da força de Sansão e ilustravam o poder de Deus. Edgar não conseguia tirar os olhos da gravura enquanto Ella lhe lia a história, e, mal regressou a casa, pôs-se a importunar o pai para que lhe arranjasse uma Bíblia. Leslie parou, em sua viagem seguinte a Hopkinsville, na Hopper Bookstore e disse ao dono, Elijah Hopper, que o jovem filho desejava uma Bíblia mais do que qualquer outra coisa. Impressionado, o idoso Hopper presenteou Leslie com uma Bíblia para Edgar. Foi dedicada no próprio dia, 14 de janeiro de 1887.

Edgar tratou imediatamente de lê-la. A princípio, não conseguia pronunciar os nomes e precisava que mãe e pai o

acompanhassem. Com frequência, revezavam-se na leitura e encerravam cada sessão de estudo com uma oração. No início do ano seguinte, Edgar já lia sem ajuda muitas passagens da Bíblia e logo a estava lendo inteiramente por conta própria. Pelo resto da vida de Edgar, raro seria o momento em que uma Bíblia não estivesse ao seu alcance e, como inúmeros pastores atestariam de boa vontade, ninguém que tivessem conhecido era capaz de citar a Escritura ou conhecia suas histórias tão a fundo quanto Edgar.

Um acidente doloroso, ocorrido em 9 de janeiro de 1888, acabaria por permitir-lhe dedicar muitas horas ao seu programa de estudo doméstico da Bíblia. Ao caminhar pela mata no começo de uma noite, Edgar tropeçou e caiu sobre a ponta aguçada de uma vara. A ponta atravessou-lhe as calças e furou um dos testículos. Foi atendido na mesma noite pelos dois médicos de Beverly, Dulin e Kenner, mas teve grande dificuldade de se recuperar, por causa de uma infecção que se alastrou pela região da virilha. Dispensado dos trabalhos domésticos e da escola, passou boa parte daquele ano inteiro na cama, sofrendo alternadamente calafrios e febre, e lendo a Bíblia. Quando retomou a rotina diária dos trabalhos da fazenda, havia lido o Antigo e o Novo Testamento três vezes, cada um, do começo ao fim.

Dulin e Kenner não conseguiram obter a cura completa de Edgar. A pessoa que viria a socorrê-lo foi Emily Cayce, filha de Patsy Cayce. Valendo-se de um remédio popular consagrado pelo tempo, proporcionou a Edgar o único alívio que ele conhecera desde o acidente. Fez-lhe beber um elixir preparado a partir de teias de aranha. Edgar descreveria depois essa cura aos médicos, dizendo, em tom de brincadeira, que havia sido *"hoodooed"*[16] pela

sua *"colored mammy"*[17]. Piadas à parte, a lesão foi o trauma físico mais doloroso de sua vida e, assim como a mãe buscara sepultar a angústia que sentira pela morte de Thomas, Edgar jamais falaria abertamente de seu sofrimento.

Uma vez finalmente de pé e fora da cama, Edgar continuou a ler a Bíblia. Carregava-a consigo para onde quer que fosse e acabou pedindo à mãe que costurasse em seu macacão aquilo que chamava de "bolso de trás", a fim de transportá-la com mais facilidade e segurança.

Edgar, naturalmente, passou a interessar-se pelas histórias do Antigo Testamento que hoje se poderia chamar de fenômenos sobrenaturais ou psíquicos, embora houvesse de passar-se muito tempo antes que o próprio Edgar usasse esses termos. Uma das histórias bíblicas que despertavam particular interesse no jovem Cayce era a de Moisés, que, enviado ao Egito para libertar o povo escolhido, recebeu ordem de tomar o cajado de pastor e, com o irmão Arão, apresentar-se a Faraó, para que Deus mostrasse Suas grandes maravilhas. Ao apresentar-se diante do Faraó, Moisés lançou o cajado por terra, e ele se tornou uma serpente. Os magos do Faraó também lançaram os seus cajados, e estes se tornaram serpentes, mas a serpente de Arão devorou todas as outras. Para Edgar, os caminhos do Senhor eram misteriosos, como o foram quando enviou uma baleia para engolir Jonas ou concedeu a Davi a força para subjugar Golias.

O interesse de Edgar pela Bíblia naturalmente o levou a assumir papel mais ativo na Liberty Church, que começou a frequentar no primeiro domingo de janeiro de 1887, e onde, em 13 de novembro de 1888, professou a fé e foi batizado por imersão nas águas do

Little River. Nos oito anos seguintes, Edgar faltaria apenas a dois cultos.

A Liberty Church era uma edificação simples de estrutura branca, com revestimento de tábuas sobrepostas, construída em 1856, quando a congregação havia superado as dimensões do primitivo salão de reuniões Liberty do qual a igreja recebera o nome. Os cultos de domingo duravam cerca de duas horas e consistiam, tipicamente, em orações congregacionais, um sermão, a celebração da "Ceia do Senhor" e o canto de hinos. Nenhum instrumento musical era tocado. Embora a salva de ofertas circulasse rotineiramente entre os fiéis, a maior parte das contribuições para a manutenção da igreja vinha uma vez por ano, quando era vendida a colheita de tabaco de Beverly.

A Liberty Church fazia parte da imensamente popular Christian Church — depois conhecida como Discípulos de Cristo[18] —, que se apartou da Igreja Presbiteriana durante um avivamento em Lexington, Kentucky, em 1834. O propósito original da Christian Church era reunir todas as igrejas e denominações protestantes em uma só fé. A principal diferença em relação à Igreja Presbiteriana era a prática da comunhão aberta. Criam que Cristo morrera por todos os que O aceitassem livremente como salvador, e não apenas pelos "eleitos", como definia o presbiterianismo. A Christian Church também rejeitava todos os credos "feitos por homem" e aceitava somente a Bíblia como sua autoridade plena e final.

A congregação contava entre setenta e cinco e cem membros nos anos em que Edgar a frequentou. Ainda que não fosse incomum uma criança de dez anos ingressar na igreja, era bastante

extraordinário que uma criança daquela idade tivesse interesse tão aguçado por questões de doutrina e de administração eclesiástica quanto Edgar tinha. Assistia com entusiasmo aos cultos de duas horas, frequentava a Escola Dominical, o estudo bíblico para adultos e as reuniões dos presbíteros, nas quais surpreendia os adultos com sua capacidade de citar longas passagens e interpretar a Escritura. A muitos pastores visitantes expressou sua firme e simples convicção de que tudo na Bíblia era literalmente verdadeiro. Os milagres de antigamente, disse a um pastor de Hopkinsville, ainda eram possíveis.

O irmão Granville Lipscomb, presbítero da igreja que começara a pregar ainda muito jovem, ficou tão impressionado com a sinceridade de Edgar que o nomeou sacristão da igreja, cargo que jamais havia sido ocupado por uma criança, antes ou depois. O fato fez de Leslie um pai satisfeito e orgulhoso, e, por um breve período, ele se pôs a ensinar na Escola Dominical e a conduzir as sessões noturnas de leitura bíblica na família. Uma das lembranças mais queridas que Edgar tinha do pai era a da noite em que Lucian, o irmão caçula de Leslie, veio à porta e chamou várias vezes para que o deixassem entrar. Leslie prosseguiu inabalável na leitura da Escritura, e só parou para abrir a porta quando a sessão de leitura bíblica de uma hora, ritualmente requerida, se encerrou.

Embora tivesse responsabilidades em casa, Edgar levava os deveres da igreja muito a sério. Caminhava o quarto de milha até lá todos os sábados, varria-a, limpava os dois sanitários externos e enchia um balde de cal para o uso dos fiéis nas latrinas. Aos domingos, chegava antes do nascer do sol. Se era inverno, sua

primeira tarefa era abastecer o carvoeiro e acender o fogo no fogão. Em seguida, preparava a mesa da comunhão, estendendo sobre ela o pano de linho e dispondo os "emblemas" — a taça comum para o vinho e o prato da comunhão para o pão. Durante oito anos, a mãe de Edgar assaria o pão usado nos cultos da Liberty Church.

Sempre que os oficiais da igreja se reuniam, era geralmente Edgar quem iniciava as discussões bíblicas. Durante uma dessas reuniões, ouviu um presbítero — muito provavelmente o primo mais velho de Edgar, Jim Adams — declarar que havia "lido a Bíblia de capa a capa dez vezes". De imediato, Edgar resolveu que a leria integralmente uma vez por ano, para cada ano de sua vida. A mãe prometeu ajudá-lo.

O entusiasmo de Edgar não esmoreceu; tornou-se mais agudo à medida que seu conhecimento da Bíblia aumentava. Com esse aumento vinham curiosidade cada vez maior e perguntas mais difíceis, que os presbíteros e os "irmãos" *circuit-riders* de passagem não respondiam com facilidade. Entre as muitas perguntas de Edgar aos presbíteros estava a de por que sua mãe não podia ser presbítera ou diaconisa. Embora ela assasse o pão da comunhão e compreendesse os ensinamentos melhor do que ele, não lhe era permitido juntar-se ao pastor nem aos presbíteros à mesa da comunhão. O fato de não receber o que lhe parecia uma explicação adequada para essa questão não arrefeceu seu interesse pela igreja, mas antes o inspirou a perseguir membros da congregação para que adotassem novas práticas. Um antigo presbítero recordava tomar um caminho diferente para a igreja

todo domingo, só para evitar ser abordado e "interrogado" por Edgar.

A questão mais premente que lhe ocupava o interesse dizia respeito à oração. Edgar não conseguia compreender como alguém pudesse chamar-se verdadeiro discípulo do Senhor se falava e falava com Deus e Ele não respondia. Edgar esperava e acreditava plenamente que Deus iria — e devia — responder a quem quer que, com sinceridade, Lhe pedisse alguma coisa. Foi essa convicção que, sem dúvida, conduziu àquilo que Edgar descreveria mais tarde como a experiência mais profunda da infância: a visita de um anjo.

O episódio ocorreu em 1889, época em que Edgar e a família já haviam mudado para ainda outra casa. O "chalé", ou "casinha no bosque", como Edgar a descreveria depois, situava-se a pequena caminhada por uma estrada de terra desde o sítio do velho casarão, e havia sido construída no verão anterior por Leslie com a ajuda dos irmãos. Edgar gostava dessa casa mais do que de qualquer outra, porque se erguia no meio de uma campina coberta de flores silvestres e ervas, e era cercada em três lados por um bosque de nogueiras-pecãs, freixos, olmos, bordos, choupos e cornisos. Edgar escolheu um ponto tranquilo sob um salgueiro retorcido, algumas centenas de pés atrás da casa, para construir um refúgio feito de um toldo rústico de varas e trepadeiras, recoberto de casca de árvore. Ao lado do salgueiro havia uma fonte natural, que Leslie mais tarde canalizaria para evitar cavar um poço. Junto à fonte cresciam violetas, *jack-in-the-pulpits*, crocos e junquilhos. Edgar, que se orgulhava de aprender todos os nomes das plantas e flores de Beverly, ficou bastante

entusiasmado na manhã em que descobriu um pé de mandrágora, planta mencionada na Bíblia.

Edgar passava muitas horas em seu novo refúgio. Suas atividades principais eram ler a Bíblia, orar a Deus e observar os esquilos, pássaros e demais animais que vinham beber da fonte. Muitas narrativas da infância de Edgar afirmam que foi ali, sob o salgueiro, que um anjo apareceu, proporcionando a Edgar a revelação que inspirou seu Trabalho posterior. O próprio Edgar, no entanto, disse que o anjo lhe apareceu no quarto, depois de um longo dia lendo a Bíblia no bosque e perguntando a si mesmo como poderia servir ao Senhor. Havia jantado e, como de costume, fora para a cama depois de ajudar a mãe nos afazeres. As irmãs dormiam profundamente nas camas contíguas à sua, quando ele acordou de repente, no meio da noite, e percebeu o que descreveria como uma luz poderosa vindo através da porta.

"Senti como se estivesse sendo elevado", escreveria Edgar mais tarde. "Uma luz gloriosa, como a do sol nascente, parecia encher todo o quarto, e uma figura apareceu aos pés da minha cama. Tive certeza de que era minha mãe e chamei [por ela], mas não respondeu. Por um instante me assustei, levantei-me da cama e fui até o quarto de minha mãe. Não, ela não havia chamado. Quase imediatamente, depois que voltei para o leito, a figura veio outra vez. Então tudo se fez gloriosamente luminoso — um anjo, ou o que fosse, eu não sabia, mas, com suavidade e paciência, disse: 'Tuas orações foram ouvidas. Terás o teu desejo. Permanece fiel. Sê verdadeiro contigo mesmo. Ajuda os enfermos, os aflitos.'"

Edgar dormiu muito pouco naquela noite. Desvanecida a visão, correu para fora, até a árvore predileta, e por entre os seus ramos a lua parecia brilhar mais intensamente do que jamais a tinha visto brilhar. Ajoelhou-se junto à árvore e agradeceu a Deus por atender a suas orações. Pela manhã, quando o sol começou a nascer, despertou e encontrou-se ainda sentado sob a árvore. Um esquilo desceu de um dos ramos e pôs-se a procurar nozes no bolso de Edgar. Edgar sentiu um súbito júbilo de libertação, como se os mistérios da primeira infância houvessem se posto em foco nítido. Foi naquele momento que Edgar acreditou ter obtido sua primeira percepção verdadeira da vida que o aguardava. Faria "a obra de Deus", embora o que exatamente haveria de fazer, e como haveria de se preparar, fossem questões que ainda não começara a enfrentar.

---

13. *Robin*: o tordo-americano, pássaro canoro de peito avermelhado, comum em quintais norte-americanos. ↩
14. *Subscription school*: escola rural norte-americana do séc. XIX, custeada e mantida pelas próprias famílias dos alunos. ↩
15. *Dunce's chair* ("cadeira do burro"). ↩
16. *Hoodoo*: tradição de magia popular afro-americana do Sul dos EUA. *Ser hoodooed* equivale a ter sido alvo de um feitiço — uso jocoso, no caso de Edgar. ↩
17. *Colored mammy*: expressão sulista (hoje reconhecida como estereótipo racial) para a mulher negra responsável pelos cuidados das crianças brancas da família. ↩

18. Discípulos de Cristo: denominação cristã norte-americana surgida do Movimento de Restauração (Stone–Campbell, 1801); tradição religiosa em que Edgar Cayce foi formado. ↩

3.
Na companhia dos anjos

Edgar não contou de imediato aos pais sobre o anjo. Tê-lo feito certamente suscitaria perguntas semelhantes às que a tia Lou lhe fizera. E, ainda que se sentisse capaz de enfrentar um interrogatório em casa — e o que inevitavelmente se seguiria na Liberty Church —, não achava ter a habilidade necessária para transmitir o caráter intensamente pessoal da visão, nem para escapar ao escárnio e ao ceticismo alheios. "Eu não tinha como saber qual era mais real", confessaria depois: "se a visão da senhora ou o travesseiro em que apoiava a cabeça".

Mais de três anos se passariam antes que ele reunisse coragem para contar a alguém sobre a visita do anjo, e muitos outros anos, antes que pudesse compreender a visão no quadro mais amplo das experiências da primeira infância. No fim, Edgar concluiu que, tal como o avô, nascera com capacidades especiais; que, em criança, vislumbrara repetidas vezes uma realidade que normalmente não é percebida pelos cinco sentidos; e que o maior desafio de seus primeiros anos fora traduzir o que percebia em algo significativo para a mente adolescente. O fato de o anjo em seu quarto lembrar muito uma ilustração da Bíblia da tia não invalidava a experiência, nem tornava sua mensagem menos significativa; era apenas o meio pelo qual uma criança pequena —

imersa no misticismo cristão — podia experimentar aquilo que Edgar, adulto, viria a experimentar, vez por outra, quando entrava em transe.

A cada novo ano, tornava-se mais evidente para Edgar que ele tinha aquilo que mais tarde seria reconhecido como talentos psíquicos. Um exemplo muito relatado ocorreu em 1890, quando frequentava a Beverly Academy e tinha o tio Lucian como professor. Todos os relatos anteriores situam o episódio na manhã seguinte à sua visão angelical. A documentação existente, no entanto, sugere que o fato se deu um ano mais tarde, quando Edgar tinha treze anos.

Por confissão do próprio Edgar, ele já era bastante "tapado" e "atrasado" na escola. Parecia incapaz de concentrar-se nas lições. "A voz do tio Lucian parecia muito distante", escreveria depois. "A voz do anjo estava bem próxima."

Como parte das lições do dia, Lucian pediu-lhe que soletrasse a palavra *"cabin"*[19]. Edgar não conseguiu e foi obrigado a ficar depois da aula para escrever a palavra quinhentas vezes no quadro-negro. Enquanto Edgar ficava na escola, Lucian foi à casa de Leslie para informá-lo de que o filho estava anos atrasado em relação ao nível esperado em todas as matérias. Leslie ficou furioso. Depois que Edgar chegou em casa e jantaram, Leslie pegou o livro de soletração e sentou-se "para ajudar" Edgar com a lição do dia seguinte.

Edgar lia as palavras em seu *McGuffey's Reader*[20] e as soletrava em voz alta. Mas, quando o livro lhe era tomado, ainda era incapaz de soletrá-las corretamente. Leslie foi-se irritando cada vez mais com a incapacidade do filho de aprender lição tão simples.

Furioso, deu-lhe duas ou três tapas com as costas da mão e, em seguida, o derrubou da cadeira. Eram quase onze da noite. Edgar estava cansado. Queria chorar. Disse ao pai que, se tivesse alguns minutos para descansar, sabia que se sairia melhor. Leslie, ele próprio exausto pela luta, concordou com um recesso de cinco minutos.

Edgar pôs o livro sobre a escrivaninha e apoiou nele a cabeça, enquanto o pai ia à cozinha. Quando Leslie voltou, Edgar disse que se sentia revigorado. Leslie lançou-lhe a primeira palavra, e Edgar soletrou-a corretamente. Soletrou corretamente também a segunda, a terceira e a quarta.

De início, o pai ficou satisfeito com o fato de que todo o seu esforço aparentemente havia surtido efeito. Mas, à medida que Edgar prosseguia soletrando a lição inteira sem uma única pausa, Leslie só pôde concluir que Edgar colara — ou imaginou que o filho lhe pregara uma peça, que conhecia a lição o tempo todo e apenas fingira ignorância.

Leslie folheou o livro de soletração, escolhendo palavras ao acaso. Edgar sabia todas. Logo mais, era Edgar quem dizia ao pai onde encontrar as palavras na página. Sabia exatamente em que coluna elas se achavam, e que palavras vinham antes e depois delas. Tudo o que precisava fazer, segundo ele próprio, era fechar os olhos, e podia ver com nitidez como era a página. Frustrado e confuso, Leslie deu-lhe um tapa na cabeça por "estar troçando" dele — a última vez registrada em que Leslie bateria no filho. Nada mais se disse a respeito do incidente até o dia seguinte, quando a verdade veio à tona para o tio Lucian e para os quarenta e oito colegas de classe. Tudo o que Edgar precisava

fazer, ao que tudo indica, era apoiar um livro contra a testa para lhe conhecer o conteúdo na íntegra.

A partir daquele dia, Edgar avançou rapidamente na escola. Ninguém conseguia acompanhá-lo em qualquer matéria. Edgar tornou-se tão bom em memorizar fatos que os presbíteros da igreja lhe deram uma coluna no programa da Liberty Church, em que respondia a difíceis perguntas bíblicas. Sua capacidade de lembrar o conteúdo de livros foi testemunhada por muitos e, graças à bravata do pai, foi posta a um teste invulgar. Leslie tinha um amigo de infância, o congressista Jim McKenzie, que havia sido nomeado recentemente pelo presidente Cleveland embaixador dos Estados Unidos no Peru. Ele e Leslie encontraram-se em Hopkinsville para beber e celebrar a honraria. Sem querer ficar para trás diante do sucesso do amigo, Leslie gabou-se do filho: "Meu filho consegue lembrar qualquer coisa, desde que se permita a ele dormir sobre ela." McKenzie exigiu provas, e Leslie apostou dez dólares que o filho era capaz de memorizar um discurso de 110 páginas que McKenzie pronunciara no Congresso. Não consentiria, além disso, que Edgar tocasse ou tivesse em mãos o discurso.

Leslie leu o discurso em voz alta para Edgar antes que este dormisse, naquela noite. No dia seguinte, leu-o de novo. Na terceira noite, de pé, sozinho em um estrado, Edgar recitaria todas as 110 páginas diante da escola inteira, dos pais presentes e do novo embaixador da América no Peru. O recital durou mais de uma hora. Mais de cinquenta pessoas — inclusive dois futuros prefeitos de Hopkinsville, além de diversos professores e homens

de negócios visitantes — assistiram ao feito, e uma nota a respeito saiu mais tarde no *Kentucky New Era*.

Em apenas um ano, Edgar Cayce, aos catorze, saltou da terceira para a sexta série. A essa altura, Lucian já não era seu professor. Fora substituído por Bernardino Emelio Thorn, nascido no México, que passara a adolescência em Fredericksburg, na Virgínia. Thorn não apenas tornar-se-ia o professor predileto de Edgar, como um educador muito admirado, que ensinou por mais de quarenta anos no condado de Christian e nas comunidades vizinhas.

Thorn logo se deu conta da capacidade incomum de Edgar e o chamou à parte para conversar a respeito. A primeira reação do aluno ao ser escolhido foi de medo. Já era sensível ao fato de não ser como os demais colegas, e tinha certeza de que Thorn o consideraria desequilibrado. Mas Thorn o deixou à vontade. Ouviu atentamente a descrição que Edgar fez de como conseguia fechar os olhos e "visualizar" cada página de qualquer documento.

Thorn assentiu em aprovação e contou uma história sobre o pai, o capitão Thorn, que servira como fuzileiro naval no navio couraçado *Merrimac*[21] durante a Guerra Civil. Segundo o professor de Edgar, o capitão Thorn tivera uma visão onírica em que viu um plano e recebeu instruções para encouraçar o navio. Thorn deixou no jovem aluno a impressão de que aquilo que lhe havia sido concedido era um "dom", algo a ser prezado e utilizado. Insistiu, ainda, em que Edgar saísse e brincasse com os outros meninos e, para seu próprio bem, que se esforçasse ao máximo por "se enturmar".

Num certo dia, Edgar seguia o conselho de Thorn, participando de um jogo de bola semelhante ao *monkey in the middle*. Quando chegou a sua vez de ficar no meio, entre os outros dois jogadores, foi atingido na parte inferior da coluna pela bola de beisebol. Desmaiou e permaneceu inconsciente até a manhã seguinte, quando acordou no quarto e viu o Dr. Kenner de pé junto à cama. Com Kenner estavam a avó de Edgar e outros parentes, que haviam feito vigília a noite toda.

Há pequenas variações nos vários relatos do que se passou entre o instante em que Edgar desmaiou e o momento em que acordou na cama. O único ponto comum a todos é que, durante o apagão, Edgar parecia consciente, mas agia de modo estranho, como se de repente houvesse sido tomado por um demônio. Sua irmã Annie, que estava no pátio da escola quando o acidente ocorreu, forneceu o que aparenta ser o relato mais confiável.

Segundo ela, Edgar não parecia fisicamente machucado. Depois de cair, ergueu-se, sacudiu a poeira e voltou à sala quando o recreio terminou. Foi então que começou a agir "esquisitamente", na descrição de Annie. Perturbou o andamento da aula fazendo comentários rudes e falando fora de hora. No caminho de casa, rolava no chão, saltava em valas e ficava parado no meio da estrada, de mãos erguidas, para deter cavaleiros e carruagens. Trazia no rosto um sorriso diabólico, sugestivo de uma espécie de prazer travesso.

Em casa, a mãe torrava grãos verdes de café numa frigideira sobre o fogão. Edgar pegou a frigideira com as mãos, sem se importar com o calor, e foi ao quintal, onde semeou o café como se fosse semente. O comportamento estranho prosseguiu durante

o jantar, em que atirou comida nas irmãs e riu às gargalhadas. Irritado, Leslie mandou-o para a cama.

Assim que a cabeça de Edgar tocou o travesseiro, ele começou a falar de modo estranho. Falou sobre o professor Thorn e sua relação íntima com o superintendente da escola, relatando informações que Edgar — segundo o pai — não tinha como saber. Em certo ponto de sua diatribe divagante, anunciou o resultado da eleição presidencial então em curso: *"Hooray for Cleveland!"*[22], gritou.

De fato, Cleveland vencia a eleição aproximadamente na hora em que Edgar deu o grito. Não havia telefone nem telégrafo que pudesse ter transmitido a informação à fazenda dos Cayce. Subitamente, Edgar tornou-se muito sério. Começou a dar instruções aos pais para que preparassem uma cataplasma para a parte de trás da cabeça. Embora a receita exata não tenha ficado registrada no papel, todos os relatos concordam em que consistia em fubá, cebolas, ervas e outros itens prontamente disponíveis na despensa dos Cayce. "Façam isso, e ficarei bem", disse a Leslie e Carrie. Mas os pais, temendo que fosse algum truque ou obra do diabo, não agiram. Foi Sarah Cayce, a avó, quem reuniu os ingredientes, preparou a cataplasma e a aplicou na nuca do neto.

O Dr. Kenner e os demais vizinhos dos Cayce tinham certeza de que Edgar havia enlouquecido. Mas, na manhã seguinte, parecia estar bem. Saiu da cama, vestiu-se e tomou um farto café da manhã.

"Ele se curou sozinho!", disse Leslie aos vizinhos.

---

19. *Cabin* (“cabana”): a palavra inglesa que Edgar deveria soletrar. ↩
20. *McGuffey's Reader*: cartilha graduada de leitura, padrão das escolas rurais americanas do séc. XIX, com forte componente moral protestante. ↩
21. USS *Merrimack* (no original, *Merrimac*): fragata da União capturada e reconstruída pelos confederados como CSS *Virginia*; seu combate com o USS *Monitor* (9 mar. 1862) foi o primeiro entre dois navios couraçados. ↩
22. Grover Cleveland, democrata, venceu a eleição de 1892 — daí a datação do episódio — tornando-se o único presidente dos EUA eleito para dois mandatos não consecutivos. ↩

4.
Uma voz do além

O fato de ser diferente das outras crianças sempre fora fonte de insegurança e irritação para Edgar Cayce. Na adolescência, tornou-se problema franco. Isso ficou claro no verão posterior ao seu aniversário de quinze anos, quando se apaixonou por Bessie Kenner, de dezesseis, filha do Dr. Alexander e Mary Kenner, e neta de William E. Mobley, o mais querido dos ministros da Liberty Church.

Edgar conhecia Bessie a vida inteira, pois ela, os pais e o irmão mais velho moravam numa casa do outro lado da estrada, em frente ao Beverly Store. Bessie tinha cabelos castanho-escuros e olhos verdes, e era, sem dúvida, a menina mais popular da Beverly Academy. Edgar estivera secretamente apaixonado por ela durante um ano, antes de a cortejar mais abertamente em piqueniques e festas. Nos últimos dias de aula da primavera de 1893, escreveu-lhe uma carta curta. Bessie lhe respondeu com um bilhete breve, que Edgar guardou dentro da Bíblia até ter oportunidade de lê-lo a sós. O bilhete fê-lo pensar que ela também gostava dele ou, ao menos, não se incomodava com seus avanços.

Foi preciso toda a coragem de Edgar para declarar-lhe os sentimentos durante um piquenique da igreja realizado no

bosque atrás da casinha dos Cayce. Bessie e Edgar se afastaram juntos até o pequeno vale onde ele gostava de sonhar e ler a Bíblia. Contou-lhe do tempo que ali passara na infância e dos sonhos que tinha para a vida adulta. Já não era segredo, àquela altura, que Edgar queria ser pregador, fazer "a obra de Deus". Estava certo de que Bessie, mais do que ninguém, apreciaria sua escolha de ofício, pois o avô dela era ministro. Edgar foi mais longe e sugeriu que ela se tornasse sua esposa, e que poderiam ter uma igreja como a Liberty, além de uma fazenda para plantar tabaco e outras culturas. "E um jardim de flores, e cavalos para montar também", acrescentou.

Bessie riu. Gostava dele, sim, mas o que sentia pelo rapaz fora mais curiosidade do que relação amorosa. O fato de ele não ser "certo da cabeça", como dizia o pai dela, tornava impensável um casamento. Edgar ficou chocado: não só ela não correspondia ao seu amor, como o julgava indigno. Abalado, procurou o Dr. Kenner para perguntar se ele, de fato, acreditava que Edgar tinha problemas mentais. Estava convencido de que Kenner — veterano do exército confederado, presbítero respeitado da igreja e, à parte o Dr. Dulin, o homem mais instruído de Beverly — lhe diria a verdade.

Kenner fez Edgar entrar em seu consultório. Edgar não desejava falar de seus sentimentos por Bessie, queria saber apenas se o médico concordava com a filha. Kenner não poupou palavras. De fato, achava Edgar incapaz de ser marido e pai. Não só havia a questão de vir ou não a ter filhos — consequência da lesão nos testículos durante a infância —, como havia preocupação ainda maior quanto à saúde mental do rapaz. "Eu devo saber", disse-lhe

Kenner. “Eu estava lá no dia em que você foi atingido pela bola de beisebol.” Edgar já suspeitava que Kenner preferiria que Bessie aceitasse outro pretendente, mas não estava preparado para a rejeição total — do pai e da filha. Profundamente magoado e humilhado, não podia sequer suportar a ideia de voltar à escola para enfrentar Bessie, nem de ir à igreja, onde certamente encontraria toda a família Kenner.

Como haveria de fazer muitas vezes nos anos que viriam, Edgar virou as costas à situação difícil e desagradável. Mais tarde, diria que deixara a escola porque a família precisava dele nos campos. Mas essa não era toda a verdade. Nunca mais pôs os pés na sala de aula depois daquele encontro com o Dr. Kenner, e chegou perto de renunciar ao cargo de sacristão da Liberty Church. Tampouco há registro de que tenha voltado a falar com Bessie Kenner, senão três anos depois, quando ela se casou com o primo de Edgar, George Major.

Foi a avó de Edgar quem o convenceu a continuar na Liberty Church, mas nem ela, nem o professor Thorn, puderam dizer coisa alguma que o convencesse a continuar na escola. A despeito do notável progresso acadêmico e de uma oferta generosa, feita por um empresário de Hopkinsville, para financiar-lhe os estudos em uma faculdade, Edgar largou a escola e foi trabalhar no plantio de tabaco para o tio Edgar.

A decisão de Edgar não veio apenas da queda acentuada de sua autoestima, mas também do desejo de agradar à mãe, que sabia ser questão de tempo até que a “aberração” da Beverly Academy chegasse ao conhecimento do restante do condado de Christian. E, à parte o escrutínio que ela acreditava que Edgar sofreria se

permanecesse na escola, a mãe de fato precisava do filho em casa. Em breve daria à luz o sétimo e último filho — mais uma menina. A renda do trabalho de Edgar ajudaria o amplo clã Cayce a atravessar o inverno. Leslie sem dúvida desejava a renda extra tanto quanto a esposa, embora alegasse que a decisão fora tomada como medida "curativa". Trabalho físico pesado, acreditava, era o melhor "tônico" para o filho "estranho".

Edgar estava decidido, como nunca antes, a virar as costas ao que passara a ver como uma preocupação infantil com "fadas, diabinhos e anjos". Não desejava coisa alguma senão ser normal. Para ele, isso queria dizer jogar cartas, sair com moças e beber *corn whiskey*. O fato de essas coisas não lhe virem de modo natural não ia detê-lo. Pretendia aprender.

Até então, o único vício de Edgar era fumar cachimbo, coisa que começara aos catorze anos. Agora, também passava a enrolar os próprios cigarros. Tornou-se, ademais, ávido caçador de codornas e coelhos. Seu equipamento consistia em uma velha espingarda de carregar pela boca[23], um chifre de pólvora, um frasco de chumbo e papel de jornal para bucha. Se não apertasse bem a pólvora com o jornal, a bucha saía em jato ao tiro, pegava fogo e queimava como uma vela romana. Mas, apesar do equipamento primitivo, Edgar era aparentemente tão bom caçador que se alugava como guia local a homens de negócios de Hopkinsville.

Edgar também passou a buscar rapazes mais velhos e mais experimentados no mundo, com quem pudesse conviver — ou, como diria mais tarde, "de quem eu pudesse aprender as coisas do mundo". Encontrou um modelo adequado em Tom Andrews, moço bem-apessoado e expansivo, que temporariamente se

hospedava com os Cayce. Tom viera do oeste, onde trabalhara como *cowboy*. Contava histórias de *roundups* e de cavalgadas pelas planícies que fascinavam a todos que as ouviam. Intrigado, Edgar bombardeou Tom com perguntas, seguiu-o por toda parte e acabou tornando-se seu amigo. Sob a tutela de Tom, Edgar lia o *Louisville Courier Journal*, jogava pôquer e aprendeu a dançar.

Tom surpreendia Edgar em muitos aspectos — não levava a vida que Edgar associava à de um *cowboy*. Tom não bebia, e desencorajava outros de beber. Também não cortejava moças, como Edgar imaginava que os *cowboys* fizessem. Tom provocava as moças: assustava-as cavalgando depressa demais e perto demais delas, ou fazia-as rodopiar rapidamente ao dançar uma *Virginia reel*. Tampouco Tom arranjava brigas e ia parar na cadeia. À maneira de um verdadeiro *cowboy*, porém, perambulava pelos arredores, frequentando *saloons*, salões de bilhar, salões de baile e qualquer lugar que lhe agradasse. Edgar muitas vezes o acompanhava, montado em um cavalo recém-domado.

Edgar e Tom passavam por um salão de baile certa noite, quando pararam para assistir a um jogo de dados que se desenrolava do lado de fora. Surgiu uma discussão, e as pessoas começaram a atirar. Edgar foi atingido no ombro enquanto ele e Tom fugiam. Em vez de voltar a Beverly, onde o Dr. Dulin ou o Dr. Kenner certamente informariam os pais de Edgar, cavalgaram até um médico a cinco milhas dali. A bala foi extraída, e o ombro, enfaixado de modo que o curativo não aparecesse sob o casaco. A família de Edgar só soube do incidente um ano depois, embora o filho exibisse com orgulho a cicatriz como prova de haver alcançado o status de homem "de verdade".

Edgar não chegou a conhecer Andrews tão bem quanto teria desejado, pois o amigo deixou Beverly no outono de 1893, com uma moça da Califórnia que viera visitar a irmã casada. Embora Tom saísse de sua vida, Edgar continuava decidido a prosseguir no caminho da virilidade que iniciara. Durante uma de suas incursões a Hopkinsville, entrou em um *saloon* e pediu uma dose. O barman, porém, reconheceu-o da igreja e recusou-se a servi-lo. "Não vou assumir a responsabilidade de dar a primeira bebida a um menino da sua idade", disse-lhe o barman, segundo consta.

Em outra ocasião, estando Leslie fora da cidade, Edgar tirou folga para visitar o John Robinson Circus, que havia chegado a Hopkinsville. Selou seu pônei branco mexicano predileto e partiu para a cidade, disposto a fazer tudo o que entendia que um menino normal faria — mesmo que isso significasse arranjar briga e passar uma noite na cadeia. Ao passar pelo Beverly Store, à saída da aldeia, encontrou um fazendeiro idoso, A. L. Carter, que estava parado na varanda. Carter, aparentado dos Cayce por casamento, era um dos fazendeiros mais prósperos do condado, membro devoto da Liberty Church e membro da loja maçônica. Quando Edgar passou cavalgando, Carter fez-lhe sinal para parar e perguntou se ia ao circo. Edgar disse que sim. Carter respondeu: "Mas que pena", e passou a sermoneá-lo sobre os males de conviver com o tipo de gente atraída por tais entretenimentos. Implorou que Edgar não fosse. "Você é bom menino demais para empreender sozinho uma viagem dessas, e à noite."

Edgar disse que iria assim mesmo. Após um instante de ponderação, Carter observou que custaria cinquenta centavos de entrada, vinte e cinco centavos para guardar o pônei na

estrebaria, e pelo menos outros vinte e cinco centavos para comer alguma coisa. Ao todo, um dólar. Carter ofereceu-se para lhe dar um dólar se ele desse meia-volta e fosse para casa. Edgar agradeceu e seguiu viagem. Mas, antes de se afastar muito, o pônei empacou. Por mais que o rapaz empurrasse e puxasse, não conseguia fazê-lo avançar. Acabou descobrindo que uma pedra ficara presa sob a ferradura do animal. A essa altura, porém, Edgar já decidira voltar ao armazém, onde Carter lhe entregou o dólar, pôs-lhe a mão na cabeça e fez uma breve oração.

A avó de Edgar, já acamada, começou a rezar por ele. Mandou chamá-lo em 8 de junho de 1893, aniversário da morte do marido. Edgar foi, em cumprimento ao dever. Recordou-se do encontro em grande detalhe, pois foi naquele dia, aos dezesseis anos, que decidiu deixar de ser quem não era, sair da casa dos pais e ir morar com a avó. Rompeu as amizades que vinha tentando cultivar em salões de baile e *saloons*, voltou à leitura da Bíblia e abriu o coração e a mente para o que quer que "o bom Senhor" tivesse em reserva para ele.

Da correspondência posterior de Edgar fica claro que as conversas que teve com a avó naquele verão muito contribuíram para ajudá-lo a aceitar o fato de que jamais seria capaz de levar o tipo de vida que os outros dele esperavam. Edgar e a avó discutiram o sonho de Edgar de tornar-se pastor, mas falaram sobretudo dos dons especiais que Sarah acreditava terem sido concedidos pelo Senhor ao avô e ao neto. "Não tenhas medo dele [do poder] e não o uses mal", disse-lhe. "Se ouvires vozes, compara o que dizem com o que Jesus diz na Bíblia. Então não te enganarás. Não tenhas medo, e não te orgulhes."

Antes que Edgar lhe deixasse a cabeceira, naquele dia de junho de 1893, ela havia-lhe arrancado a promessa de não ver os que encontrasse na jornada da vida como adversários dispostos a prejudicá-lo, mas como pessoas, iguais a ele próprio, em busca de seu lugar devido no reino de Deus. As bênçãos do Senhor eram destinadas a todos. Bastava a cada um comer do fruto da árvore, e Edgar poderia ser instrumento em levar-lhes esse fruto. Como que buscando modo mais tangível de exprimir tais sentimentos, a mulher acamada, envolta em um xale, pediu que Edgar lhe trouxesse um pêssego de uma das árvores plantadas pelo avô. Edgar obedeceu. Descascou o pêssego, cortou-o em quartos e, ele próprio, o deu à avó.

Edgar estava sozinho com ela, segurando-lhe a mão, quando ela morreu um mês depois. A última coisa que lhe disse foi que estava tudo bem. "Estou vendo teu avô vir buscar-me", disse. Embora Edgar, àquela altura, já não pudesse mais ver o avô, acreditou que, de fato, Tom Cayce tivesse vindo buscá-la.

Por mais doloroso que fosse para os Cayce o falecimento de Sarah, o patrimônio que deixou aliviou o aperto financeiro em que a família se via desde o inverno anterior, quando Leslie perdera pesadamente ao investir em um carregamento de tabaco escuro. Os preços estavam altos quando preparou o tabaco para leilão em Clarksville, Tennessee, mas o mercado desabou antes que conseguisse vender. Leslie voltara para casa com uma dívida de US$ 18.000. A família perdeu tudo o que tinha de valor, inclusive a casinha e o único cavalo e a única charrete que possuíam. Leslie e Carrie foram forçados a mudar-se para o grande casarão de tijolos vermelhos em que Carrie passara a

infância. Para Edgar, como para as quatro irmãs, a mudança foi castigo superior a tudo o que já haviam experimentado: o álcool vencera o avô materno, e a avó materna sofria de surtos de loucura que frequentemente exigiam que fosse trancada em um quarto do andar de cima.

Edgar sentia mais pena da mãe do que de qualquer outra pessoa. Ela havia sido criada no luxo. Ia à escola todos os dias acompanhada de uma criada. Agora trabalhava mais do que qualquer empregada. Leslie deixava a casa por dias a fio, e cabia a ela cuidar dos cinco filhos e, ainda, da mãe mentalmente instável. E, quando em casa, Leslie passava todo o tempo na cama ou pelo Beverly Store, tramando planos para enriquecer. Nem mesmo a política lhe interessava mais. Edgar não era apenas o único arrimo de família, mas assumira também as atribuições judiciais do pai.

Nenhuma razão foi apresentada pela família para a incapacidade de Leslie de desempenhar mesmo as mais triviais obrigações de marido e pai. Referências na correspondência familiar dizem somente que ele estava "doente" e incapaz de trabalhar. Mas relatos posteriores revelam que Leslie havia contraído uma doença venérea que, periodicamente, causava feridas abertas ao redor da genitália e tornava dolorosos o caminhar ou o montar a cavalo.

Assim, foi apenas natural que a família de Leslie decidisse mudar-se para Hopkinsville. O dinheiro remanescente da herança da mãe de Leslie contribuiria em muito para quitar as dívidas da família. E, em Hopkinsville, Leslie poderia fazer novo começo, e as meninas poderiam prosseguir os estudos para além da oitava série, o mais alto grau oferecido pela Beverly Academy.

Foi em um dia frio do fim de dezembro de 1893 que a família empacotou seus pertences, vendeu o que não podia levar e se mudou para a cidade. Edgar tocava a vaca da família — presente da tia Ella — atrás da única carroça que possuíam. Mudaram-se para uma casa de troncos na Seventh Street, alugada a John Young, dono da ferragem local. A casa é descrita como agradável, com estrebaria e celeiro nos fundos, e uma cozinha separada da construção principal, para diminuir o risco de o fogo se propagar aos aposentos. As instalações incluíam um sanitário externo ao lado do celeiro e um poço, de onde se tirava a água.

Edgar ajudou a família a desembalar e a acomodar-se. Por mais que amasse o calor e a tagarelice das irmãs mais novas, e por mais que desesperadamente não quisesse deixar o pai como único homem da casa, estava decidido a não ficar em Hopkinsville. A visão das ruas lamacentas e lotadas de Hopkinsville, fervilhando de estranhos, assustava-o. Lembrava-lhe um dia da primeira infância em que, acompanhando o pai à cidade, vira um homem ser abatido a tiros na calçada de madeira, a poucos passos dele.

A seu modo discreto, a mãe de Edgar apoiava a decisão do filho, talvez pela mesma razão que a levara a desejar que ele largasse a escola. Hopkinsville não era lugar para um rapaz cuja mente inconsciente parecia absorver o conteúdo impresso de qualquer coisa com que entrasse em contato. Estaria mais bem servido com a relha de um arado e uma Bíblia do que mexendo com futuros do tabaco ou lidando com as obras de Charles Darwin.

Edgar voltou para o campo e empregou-se na chamada "velha" fazenda Anderson, trabalhando para o tio Clint. Só ia a Hopkinsville aos fins de semana, para visitar a família e

frequentar a escola dominical na Ninth Street Christian Church, edifício imponente que lembrava uma fortaleza medieval. Embora Edgar, no tempo devido, tenha vindo a ser membro dessa igreja, manteve um perfil muito mais discreto do que na Liberty, e os paroquianos o lembravam como um menino calado que se sentava no banco do fundo e se mantinha recluso.

Edgar tirava tanto prazer do trabalho na fazenda quanto da companhia do belo e expansivo tio Clint. Nos sete meses que passaram juntos, Clint e Edgar tornaram-se bastante próximos, e assim permaneceriam por muitos anos. E, de fato, Clint viria a ser o único membro do amplo clã Cayce a abraçar abertamente o filho pródigo quando um médico de Hopkinsville, mais tarde, tornaria público aquilo que gerações de Cayce em Beverly tinham como "segredo de família".

Clint admirava Edgar e via nele um cristão humilde e trabalhador incansável. As responsabilidades que atribuía ao jovem em sua fazenda de cem acres incluíam cuidar dos bandos de patos e gansos, escovar e alimentar burros e cavalos, espalhar esterco, arar os campos, semear e colher as lavouras e curar o tabaco. À noite, Edgar, Clint e Lulu Boyd Cayce, esposa de Clint, revezavam-se na leitura em voz alta da Bíblia.

A vida na fazenda corria tranquila, como Edgar gostava. Os ciclos de arar, alqueivar e plantar eram um consolo e lhe davam muito tempo para pensar no que faria da vida. Quase da noite para o dia, viu-se homem feito. O corpo, agora mais bem proporcionado, magro e forte pelo trabalho físico pesado. As mãos, calejadas, e a tez, tostada pelo sol. E, toda manhã, quando saía da cama antes do nascer do sol, tinha agora também de barbear-se, além de

vestir-se e arrumar-se para o dia. O seu estudo da Bíblia já o levara cinco vezes pelo "bom livro" do começo ao fim, e ele podia recitar de memória — nas horas solitárias nos campos — muitas passagens sobre as quais escolhia refletir. As horas que passava sozinho nos campos também lhe davam tempo de pensar em um sonho que tivera muitas vezes desde que os pais se haviam mudado para Hopkinsville.

No sonho, caminhava por um bosque de pequenas árvores em forma de pirâmide. O chão estava coberto de trepadeiras que davam pequenas flores brancas. Uma moça caminhava com ele, agarrada a seu braço. O rosto da moça estava velado. Eram felizes, contentes e apaixonados. O terreno descia até um riacho de águas claras, correndo sobre areia branca pontilhada de pedrinhas. Atravessaram para o outro lado, onde se lhes juntou uma figura masculina, de pele bronzeada, nua à exceção de uma tanga, com asas nos pés e nos ombros. A figura trazia um pano retangular de tecido dourado. "Juntai as mãos direitas", disse-lhes. Sobre as mãos unidas, depositou o tecido. "Unidos, podereis conseguir qualquer coisa", disse. "Sozinhos, pouco fareis."

O homem alado desapareceu, e Edgar continuou caminhando pela floresta com a mulher velada, até chegarem a uma estrada enlameada. Edgar e a moça a olhavam, a indagar como melhor atravessá-la sem sujar as roupas, quando a figura masculina de pele morena reapareceu. "Usai o tecido", disse, e desapareceu outra vez.

Edgar e a mulher velada agitaram o tecido no ar e, em seguida, viram-se do outro lado da estrada. Mais adiante, chegaram a um penhasco. Ali encontraram uma faca afiada, que Edgar usou para

cortar degraus na rocha macia, pelos quais ele e a companheira subiram cada vez mais alto pela encosta. Ali terminava o sonho.

Cada vez que tinha esse sonho, Edgar refletia sobre seu significado. Durante muitos anos, pensou que a figura feminina velada representava a mulher que viria a ser sua esposa. Depois, porém, interpretaria os símbolos do sonho com base nas diretrizes sugeridas em suas próprias leituras em transe, e passaria a acreditar que a mulher velada não era uma esposa de carne e osso que completaria sua vida, e sim uma metáfora para sua própria capacidade psíquica. O homem alado era um mensageiro dos deuses, que lhe apontava a necessidade de fazer as pazes com esse aspecto de si mesmo, se quisesse realizar qualquer coisa. Precisava unir-se verdadeiramente a suas capacidades psíquicas para que sua vida tivesse valor.

Em junho de 1894, Edgar Cayce, então com dezessete anos, de fato agiu segundo o que acreditava ser uma mensagem do alto. Acabara de regressar do almoço a um campo em que vinha consertando um arado quebrado. Ajoelhou-se para retomar o conserto quando ouviu um zumbido. Uma sensação de agrado ou bem-estar tomou-o. Edgar a reconheceu. Ia ouvir de novo a voz do anjo que ouvira anos antes, no quarto. “Deixa a fazenda”, disse a voz. “Vai para tua mãe. Tudo ficará bem.”

Edgar fez como a voz mandara. Conduziu as mulas de volta à casa e soltou-as no pasto. Em seguida, entrou e comunicou ao tio que partia imediatamente para Hopkinsville. O tio protestou, mas em vão. Edgar fez uma trouxa com a Bíblia e alguns outros pertences, e pôs-se a caminho de Hopkinsville — uma jornada de

sete milhas, a pé. Enquanto isso, o tio, que decidira que não devia ter criado caso com o sobrinho, partira a cavalo em sua busca.

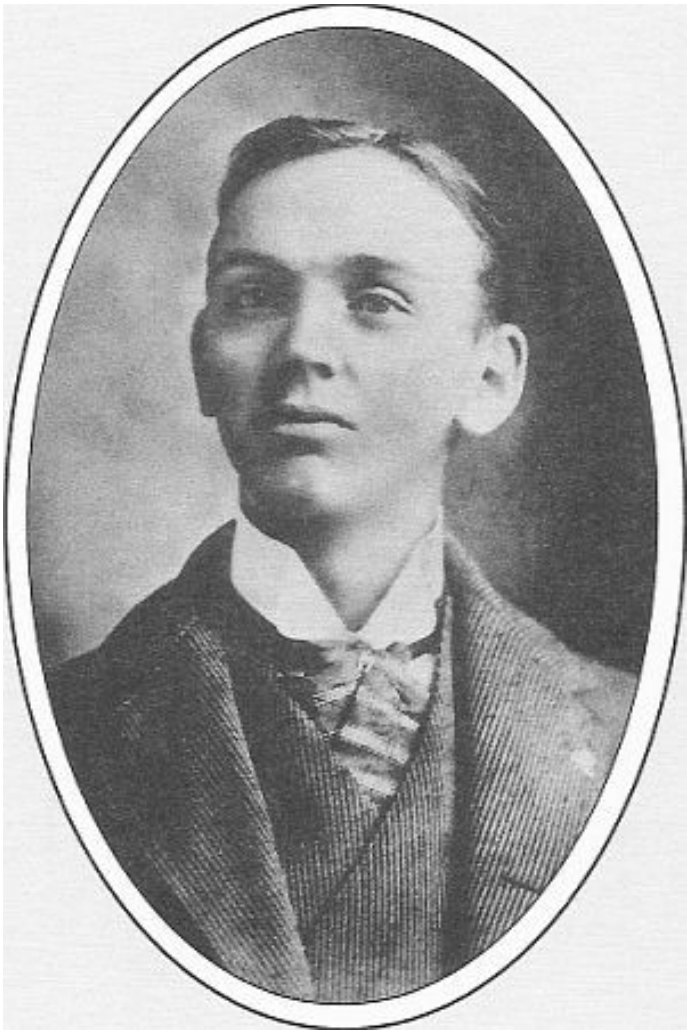
Edgar não foi encontrado em lugar algum. O tio então levou a carruagem até a cidade, à casa do irmão. Edgar apareceu mais tarde, naquela mesma noite. Não tomara a Palmyra Pike, como Clint supusera, mas cortara pelos campos de Pat Major e seguira uma velha trilha indígena pelo braço norte do Little River, até entrar em Hopkinsville.

Edgar não havia mudado de ideia sobre deixar a fazenda. Estava na cidade para ficar. Como o pai, abandonava a lavoura de vez. Mas isso não queria dizer que soubesse o que desejava fazer da vida. A voz o dirigira a Hopkinsville. Não lhe havia dito o que fazer quando lá chegasse.

---

23. Espingarda anterior aos cartuchos metálicos: pólvora, bucha e projétil eram carregados pela extremidade aberta do cano, exigindo recarga laboriosa a cada disparo. ↩

PARTE II



HOPTOWN e LOUISVILLE

5.
Hopper Brothers Bookstore

Para um menino do campo que provavelmente jamais comera em um restaurante, viajara de trem ou fizera jornada além do condado de Christian, Edgar encontrou em "Hoptown" um mundo fervilhante de visões e sons invulgares. Havia *"country boys"* armados de pistola, dançarinas sumariamente vestidas, jogadores de chapéu-coco e terno de risca de giz, comerciantes que mascavam tabaco, três casas funerárias, uma loja que só vendia chapéus, um salão de chá e um campo de beisebol onde jogavam os Hopkinsville Moguls. A Holland Opera House continha o primeiro vitral que Edgar vira em toda a vida que não representava uma cena da Bíblia. As ruas largas e sem pavimentação costumavam ser engolidas por uma nuvem de poeira, levantada pelas rodas das charretes e pelos trotadores de passo alto que as puxavam, ou pelas mais lentas carroças de aluguel puxadas por mulas, que transportavam o tabaco aos grandes armazéns dos plantadores. E, no entanto, apesar do crescimento pujante, Hopkinsville ainda era uma cidade em que galos cantavam de manhã e matilhas de cães perambulavam pelas ruas.

Nada, porém, se comparava ao deleite que Edgar sentiu quando, pela primeira vez, saiu da Main Street e entrou na Hopper Bookstore, um dia no fim de junho de 1894. Era a primeira livraria que visitava, e lá dentro encontrou tudo o que podia imaginar, e mais. Sua primeira surpresa veio dos próprios livros. Embora houvesse visto várias edições da Bíblia, não fazia ideia de que os livros eram publicados em tamanhos tão variados, e encadernados tanto em papel como em couro. A loja vendia também papel de carta, quadros, molduras para quadros, rolos de papel de parede, persianas, vasos, urnas, estatuária, almofadas enfeitadas, lemas em moldura de parede e materiais de arte. Como Edgar escreveria mais tarde: "Passei a maior parte da vida trabalhando pelas coisas materiais para sustento do homem físico. Aqui, na loja, tinham as coisas para sustento do homem mental."

Edgar passou boa parte da manhã percorrendo a loja. Afinal reuniu coragem para pedir emprego a um de seus proprietários. O homem a quem se dirigiu era Will Hopper, sujeito gentil e de aparência bondosa, que tinha seis pés de altura e cabelos e olhos escuros. Will — a quem Edgar viria a chamar W. L. — administrava a livraria com o irmão mais velho, Harry, e havia sido o pai dos dois, já falecido, quem presenteara Edgar com uma Bíblia seis anos antes. Edgar explicou-lhe sua ligação com a loja e foi recebido calorosamente por Will. Ofereceu-se para vir trabalhar com eles, mas foi informado de que não precisavam de mais empregados do que os que já tinham.

Desapontado, saiu da livraria e atravessou a rua para falar com Charles M. Latham, dono de uma loja de fazendas, com quem também tivera contato anterior. Latham era irmão do rico

banqueiro John C. Latham, que, segundo algumas fontes, havia sido, em certa época, secretário particular de Jefferson Davis. Corria por Hopkinsville a história de que John Latham fugira com uma fortuna em ouro da Confederação, com a qual abrira uma bolsa de mercadorias em Nova York depois da Guerra. Além do Hotel Latham, que era apenas um dos interesses da família em Hopkinsville, a família possuía um grande armazém de tabaco, que mais tarde se tornaria alvo de incêndios criminosos perpetrados pelos tristemente célebres *Night Riders*[24], um bando armado de fazendeiros de tabaco que tentava quebrar o monopólio de preços da American Tobacco Company.

Edgar nunca conhecera John Latham, mas conhecia Charles, a quem encontrara havia alguns anos, em uma viagem à cidade feita em nome do pai. Naquele encontro anterior, Latham havia notado que Edgar não estava adequadamente vestido para o frio e, atenciosamente, lhe mostrara como enfiar papel de jornal por baixo das roupas para ajudar a manter-se aquecido. Dera-lhe também um par de luvas. Latham guardou boa lembrança de Cayce e assegurou-lhe que o ajudaria a conseguir emprego assim que o jovem se decidisse por aquilo que desejava fazer. Edgar agradeceu-lhe pela generosidade e disse que voltaria depois de ter oportunidade de visitar mais algumas lojas.

A seguir, foi à R. C. Hardwick's Jewelry Store, ao lado da de Latham. Pediu emprego ao dono da joalheria e, sendo recusado, tornou a subir a rua até a Garner's Drug Store, e de lá à Wall's Clothing Store, na esquina da Main Street com a Seventh Street. Depois atravessou a rua rumo ao Bank of Hopkinsville, à Hoosier's Tailor Shop, e a mais três ou quatro outras lojas, antes

de se ver novamente em frente à Hopper Brothers, que decidiu ser o lugar mais interessante para trabalhar.

Dessa vez, Edgar dirigiu-se, dentro da loja, a Harry Hopper, o irmão mais velho de Will, agora sentado atrás da caixa registradora. Harry foi descrito como um homem austero, de cerca de cinco pés e dez polegadas de altura, cabelos claros e bigode loiro em guidão. Will já falara com Harry a respeito de Edgar, e surpreendeu-se ao vê-lo de volta à loja. Exibindo uma tenacidade que beirava a arrogância, Edgar insistiu em que a Hopper Brothers era o lugar onde queria trabalhar, e fez-lhes uma proposta que não podiam recusar. Trabalharia de graça. Se, ao cabo de um mês, o serviço que prestasse não lhes parecesse de valor, partiria. Os irmãos Hopper concordaram com o arranjo e lhe disseram que se apresentasse para o trabalho na segunda-feira seguinte.

Na primeira manhã em que Edgar chegou para trabalhar, o zelador disse-lhe que Harry Hopper ainda não havia chegado, e que Will Hopper ainda estava no quarto, que ficava em um apartamento sobre a loja. Will desceu logo. Disse a Edgar que se familiarizasse com o estoque, e que ele encontraria a maior parte dos artigos marcados. Mostrou-lhe também a combinação da gaveta do caixa, e informou que sairia para o café da manhã na casa da família, onde os irmãos e a irmã moravam no entorno da cidade. Edgar o viu partir na bicicleta que mantinha nos fundos da loja. Harry, como Edgar veio a saber, cuidava de outras propriedades além da livraria, e só ia à loja algumas horas por dia.

Edgar começou o trabalho inspecionando e tirando o pó da loja de ponta a ponta. Na entrada havia um espaço amplo e aberto, onde se expunham quadros emoldurados. Atrás deles, as estantes com *best-sellers*, literatura popular e clássicos. Depois, vinham os livros didáticos e o material escolar — não só para as duas escolas públicas de Hopkinsville, mas também para o South Kentucky College, o Bethel Female College e a Ferrell's Military High School for Boys. Do lado oposto da loja ficavam os cestos com guarda-chuvas, bustos de gesso e papéis de carta de delicadas estampas florais. Vinham, em seguida, amostras de molduras, fileiras de bustos de gesso e um grande mostruário em que se guardavam quadros sem moldura. Ao fundo da loja, os mostruários de papel de parede, a escrivaninha de Will Hopper e um enorme cofre de ferro fundido.

Edgar trabalhou duro para familiarizar-se com os livros e com o estoque. Empenhou-se também em ser amável com os clientes. Como ninguém conhecia seus talentos especiais, decidiu mantê-los em silêncio e imitar a postura dos fregueses que entravam na loja: homens elegantes, de colarinho com alfinete e ternos de três peças, e senhoras envoltas em sedas e cetins, que pareciam saber para onde iam e o que pretendiam fazer da vida.

Harry e Will rapidamente passaram a apreciar Edgar. Ao fim do primeiro mês, compraram-lhe um terno novo para substituir o puído e fora de moda que usava aos domingos. Ao fim do segundo mês, deram-lhe dez dólares, que se tornariam seu salário mensal durante o primeiro ano. Ele acabou ficando na loja, ao todo, três anos.

A decisão de Edgar de trabalhar na livraria há de ter provocado muitas noites mal dormidas para a mãe, que temia a influência "perturbadora" que a literatura popular poderia ter sobre o filho impressionável. As estantes da loja ofereciam não apenas Charles Darwin, mas Henry James, Mark Twain e Harriet Beecher Stowe. Havia clássicos latinos e gregos. Operetas de Gilbert e Sullivan, tabloides de Nova York, e um estoque sempre crescente de *dime novels*[25] com títulos como *The Pirate Priest* e *Deadwood Dick's Defiance*. Mas o medo de Carrie, de perder o filho no pântano da cultura popular dos anos 1890, acabou por se revelar infundado. Embora Edgar Cayce lesse — e, segundo consta, "dormisse sobre" — centenas de livros, a Bíblia permaneceu seu único amor verdadeiro, e, para exasperação de alguns amigos, as Escrituras eram o tópico central de praticamente todas as suas conversas literárias.

Certa manhã, tirando o pó das mercadorias de uma prateleira alta, Edgar percebeu como os dois irmãos Hopper eram diferentes. Harry, o mais velho, deteve-se para dizer-lhe que tomasse cuidado. "Não quebre nada" — foi sua advertência. Mais tarde, na mesma manhã, Will entrou e disse: "Bom dia. Vejo que está ocupado. Tenha cuidado. Não se machuque." Foi a preocupação de Will com ele que conquistou o jovem balconista mais do que qualquer outra coisa. Edgar veio a amá-lo como a um irmão, e lhe foi grato pela tutela durante os primeiros anos de sua vida em Hopkinsville. Muito gostaria de ter podido partilhar com ele detalhes de sua infância incomum, mas falava-lhe, em vez disso, de sua verdadeira paixão: a Bíblia.

Para Edgar, o único lado desagradável do negócio era a cobrança das contas. Nunca antes apresentara conta a ninguém, e agora se sentia desconfortável ao fazê-lo. Esta foi a única área em que não se destacou. Oferecia-lhe, como ele próprio diria, ampla oportunidade de tornar-se um "relapso".

A livraria também lhe dava oportunidade de conhecer pessoas de sua idade que, como os irmãos Hopper, nada sabiam de sua reputação anterior. Gostava especialmente dos jovens universitários, cujos interesses eram tão variados, e que pareciam tão cheios de vida. Edgar, naturalmente, tendia a puxar conversa com pessoas que reconhecia da igreja. Seu conhecimento aparentemente inesgotável da Bíblia era logo perceptível e, em 1896, quando Harry D. Smith, formado em Yale, assumiu o púlpito da Ninth Street Christian Church, Edgar recebeu uma turma de escola dominical para lecionar e passou a ter papel de relevo na organização da seção local da *Christian Endeavor*[26], programa interdenominacional de extensão, de alcance mundial, fundado no começo da década de 1880. A Ninth Street Christian Church vivia então um renascimento e atraía um amplo espectro de moradores de Hopkinsville, triplicando a sua congregação durante a gestão de Smith. A turma de escola dominical de Edgar tornou-se tão popular que ele acabou por ter trinta e oito alunos, vindos de várias igrejas diferentes.

Do que mais Edgar se recordou dessa época foram as pessoas interessantes e fascinantes que passou a conhecer. Entre elas estavam um xerife-adjunto do condado de Christian, de seis pés e duzentas libras, e um detetive da Southern Railway chamado Will Starling, que atuava como *pitcher* dos Hopkinsville Moguls e mais

tarde se juntaria aos *Rough Riders*[27] de Teddy Roosevelt, até se tornar chefe do Serviço Secreto dos Estados Unidos e guarda-costas de cinco presidentes americanos. Hallie Rives, cujas colunas de sindicação nacional e livros de etiqueta a tornariam depois famosa, também comprava com frequência na Hopper's e viria a se tornar uma das amigas de Edgar.

Certa tarde, estando Edgar sozinho na loja, entrou um cavalheiro de aspecto muito digno. Perguntou a Edgar o que era bom dentre os *best-sellers*. Edgar mencionou vários títulos, mas disse-lhe que um, particularmente interessante, era *The Jucklins*, do escritor e conferencista Opie Percival Read. Tirou o livro da prateleira, mostrou-o ao homem, e passou a relatar-lhe o enredo em detalhe. Edgar bem pode ter citado uma passagem inteira do livro *verbatim*, pois o jovem balconista causou forte impressão no cliente. Este o escutou com atenção e disse: "Muito interessante." Em seguida, apresentou-se como o autor e contou que daria uma palestra naquela noite no Sam Jones Tabernacle, de 2.500 lugares — batizado em homenagem ao pregador carismático que dali falava com frequência. Deu a Edgar um passe grátis. Mais tarde, à noite, Edgar e os dois irmãos Hopper surpreenderam-se ao ouvir o autor louvar o jovem balconista que fizera, de seu livro, um relato tão notavelmente detalhado.

Edgar passou outra noite interessante na Holland Opera House, onde foi convidado ao palco por um hipnotizador profissional — Stanley Hart —, que se anunciava como *Hart the Laugh King*, e que costumava vir à cidade por dez dias a duas semanas de cada vez, ou até que a plateia começasse a rarear. Homem de estatura mediana, cabelos castanho-claros e ondulados e olhos castanho-

esverdeados, Hart não usava vestes, nem luzes coloridas, nem qualquer das parafernálias habituais dos mágicos e artistas populares da ópera. Ele creditava seus poderes à "nova ciência" do hipnotismo e da clarividência, que, à época, despertava grande interesse pela América e pela Europa. Embora Hart fosse ardoroso defensor dos supostos poderes do hipnotismo para curar dores de cabeça, tratar o alcoolismo e eliminar comportamentos autodestrutivos, eram os aspectos de entretenimento da sua "arte" que atraíam o público ao espetáculo. Ele convidava membros da plateia ao palco, punha-os em transe hipnótico e ordenava-lhes que fizessem coisas constrangedoras, como jogar amarelinha, imitar peixes, subir escadas inexistentes, tricotar toalhinhas imaginárias ou cantar canções ridículas de espetáculo.

Hart dispunha também de uma trupe profissional de performers, entre os quais um homem que, quando hipnotizado, deitava-se no chão e deixava que se lhe colocasse uma grande pedra sobre o peito. Outro membro da trupe, empunhando uma marreta de ferreiro, martelava a pedra até quebrá-la. As apresentações de Hart começavam usualmente à tarde, antes do espetáculo do palco: um voluntário local escondia um objeto em algum lugar da cidade. Em seguida, Hart — de olhos vendados, sentado em uma carruagem — segurava o pulso do guia e refazia o trajeto, indicando ao cocheiro as conversões a fazer, até finalmente encontrar o objeto escondido. Também perambulava pela cidade, despertando interesse ao "ler" a mente das pessoas e afirmar que podia curá-las de maus hábitos, como o cigarro, a bebida ou outros vícios. Os moradores de Hopkinsville tinham grande fé em

Hart, porque ele fazia vários cidadãos proeminentes executarem no palco, diante de outros, coisas que não cogitariam fazer em outras circunstâncias. Após o espetáculo, convidava os sujeitos aos bastidores, onde tentava ajudá-los a livrar-se dos maus hábitos, ou realizava demonstrações particulares.

Edgar foi convidado ao palco durante uma apresentação principal, e Hart jurou, só de olhar para ele, que seria o sujeito hipnótico ideal. Para decepção geral, Hart não conseguiu pôr Edgar em transe e, por fim, pediu-lhe que deixasse o palco. Esta não foi, contudo, a última vez que Edgar Cayce veria Hart, pois este viria a desempenhar papel proeminente na descoberta do talento pelo qual Edgar se tornou mais conhecido.

Embora Hart e outros números de *vaudeville* exercessem certo fascínio sobre Edgar, eram os pregadores que mais o comoviam. Além de ver Sam Jones no Tabernacle, ouviu e conheceu evangelistas notáveis, como George B. Pentecost, George Stewart e Mordecai Ham — este último o pregador que converteu Billy Graham em uma reunião de avivamento na Carolina do Norte. Pode também ter ouvido Booker T. Washington, Carrie Nation e William Jennings Bryan, todos os quais palestraram ou pregaram em Hopkinsville na época em que Edgar ali viveu.

O líder religioso que maior impressão causou em Edgar foi Dwight L. Moody, sem dúvida o pregador mais popular e carismático de sua geração. Moody fora trazido a Hopkinsville pela Bethel Baptist Association em 5 de abril de 1898, e sua presença na cidade foi uma das últimas grandes reuniões de avivamento da longa e ilustre carreira do evangelista. Moody acabara de regressar de uma segunda turnê pela Inglaterra, onde

havia atraído multidões de doze a treze mil pessoas. Assim como a Christian Church, de que Edgar fazia parte, Moody buscava trazer unidade às diversas denominações protestantes. Pregava a fraternidade humana e, com eloquência, fustigava a anarquia, a ganância, a extorsão e o ódio.

Na manhã em que Edgar conheceu Moody, levantara-se cedo como de costume e se preparava para os afazeres matinais quando descobriu que a vaca da família não estava no celeiro. Edgar seguiu-lhe os rastros através de um portão aberto, atravessou um prado e desceu pela margem do rio, a umas cem jardas atrás do celeiro. Depois de seguir o riacho um pouco pela outra margem, deparou com um homem de meia-idade e gordo, sentado em um tronco. O homem tinha barba farta, que começara a embranquecer, assim como os cabelos. Edgar não pôde deixar de notar que segurava uma Bíblia nas mãos.

"Bom dia, jovem", disse o estranho. "Atrevo-me a dizer que você procura esta vaca, que está aqui bem atrás de mim. Ela deve ter subido por aqui, pelo mesmo caminho por onde você veio." Edgar perguntou-lhe como sabia que ele estava à procura da vaca — não achava que tivesse cara de fazendeiro. Era a ansiedade em seu rosto que o entregava, respondeu Dwight Moody. Os dois puseram-se a conversar, e a conversa voltou-se para a Bíblia, a livraria e o desejo de Edgar de tornar-se pregador. Moody explicou que viera a Hopkinsville para uma reunião de avivamento, que começaria naquela noite e se estenderia por toda uma semana. Moody perguntou-lhe se queria ir, e Edgar respondeu que sim.

Edgar compareceu naquela noite e ficou muito impressionado. Sentou-se na primeira fila, em meio a uma plateia que lotava o lugar e deixava gente em pé. O texto da noite era do Evangelho de Lucas, 10.25. Edgar o lera muitas vezes e ouvira dele diversas interpretações, mas jamais o vira tratado exatamente como Moody o apresentou. Edgar transmitiu seu entusiasmo a Moody na manhã seguinte, quando encontrou o evangelista à sua espera no mesmo lugar em que o encontrara no dia anterior. Continuaram a se encontrar assim durante toda a visita de Moody à cidade.

Em um desses encontros, Edgar fez a Moody a mesma pergunta que fizera a muitos pastores diferentes. Perguntou-lhe se Deus alguma vez lhe havia falado. Moody respondeu com outra pergunta: o que o havia motivado a perguntar aquilo. Em um raro momento de confissão, Edgar abriu o coração como não o fazia desde a conversa com Bessie Kenner, dizendo coisas que tivera medo de admitir mesmo aos próprios pais ou ao pastor. Talvez Edgar se sentisse seguro com Moody. Por qualquer razão que fosse, contou ao evangelista sobre o *"little folk"*, sobre o anjo que o visitara em seu quarto e sobre a voz que ouvira no campo, na fazenda do tio. Edgar, sem dúvida, estava preocupado com o que Moody pudesse pensar. Como a sua própria leitura da Bíblia revelava, o Diabo muitas vezes falava por meio de espíritos.

Moody surpreendeu Edgar ao dizer que outras pessoas lhe haviam contado experiências semelhantes às de Edgar. Essas pessoas recebiam mensagens por toda sorte de meios. Moody acreditava, com firmeza, que eram sinceras em suas convicções, e que era genuinamente o Senhor que lhes falava, e não o Diabo. "A

árvore se conhece pelos frutos", lembrou-lhe. Moody passou a citar várias passagens da Bíblia que descreviam experiências de pessoas que ouviam espíritos ou viam anjos. Observou que, embora muitas passagens bíblicas condenassem esse tipo de comunicação, um versículo em particular afirmava, com autoridade, o contrário. Citou o Livro de Números, em que Deus fala a Arão e Miriã a respeito de Moisés. A voz de Deus diz: "Ouvi, agora, as minhas palavras; se entre vós há profeta, eu, o SENHOR, em visão, a ele me faço conhecer ou falo com ele em sonhos."

Moody passou a descrever sua própria experiência em uma viagem a Cleveland para presidir uma reunião de avivamento. A visita deveria durar algumas semanas, e esperava-se numerosa assistência. Mas algo começou a atormentar Moody pouco depois da sua chegada: tivera um sonho em que lhe foi dito para encerrar a reunião imediatamente e ir a Londres, na Inglaterra. Moody nunca estivera na Inglaterra, nem ninguém de lá jamais mostrara interesse invulgar pelo seu trabalho. Ainda assim, Moody foi fiel à visão, por acreditar que era expressão da vontade de Deus. Na noite seguinte, anunciou o encerramento da reunião. Muitos dos associados o acharam tolo, pois estava ainda no começo da carreira e não tinha a enorme popularidade que mais tarde o tornaria uma sensação. Moody recusou-se a explicar a ninguém, a não ser aos amigos mais íntimos, por que se sentia compelido a encerrar a reunião.

Moody sentiu-se um estrangeiro em Londres ao chegar. Perambulou pelas ruas, perguntando a si mesmo se de fato sabia o que estava fazendo. Talvez sua visão não tivesse sido autêntica.

Caminhava por uma parte pobre da cidade quando, por acaso, notou uma jardineira na janela de um cortiço próximo, com um gerânio em flor. Era uma cor de que gostava muito. Ao aproximar-se para olhar de mais perto, ouviu uma voz angelical cantando um de seus hinos preferidos. Parou para escutar. Após alguns minutos, sentiu-se compelido a subir a escada do prédio. No topo da escada, uma porta estava aberta. Dali vinha o canto. Ali viu uma jovem moça coxa. Assim que ele olhou para dentro, a moça disse: "Ah, Sr. Moody. É o senhor. Eu sabia que Deus atenderia minha oração e o enviaria até aqui. Li a seu respeito em um de nossos jornais e vinha orando para que viesse a Londres." Naquele instante, Moody soube que fora Deus quem lhe falara. Não sabia de que maneira ou por qual canal o Senhor lhe havia falado, mas as orações da menina haviam chegado até ele. Começou uma reunião de oração no quarto daquela menina, que acabou por tocar a vida de um quarto de milhão de pessoas, ou mais, na Inglaterra. "Sei que foi Deus quem me falou", Moody disse a Edgar.

Edgar viria a prezar as conversas matinais com Moody tanto quanto os sermões do evangelista à noite. Nesses sermões, encontrava o que lhe pareciam referências veladas ou ocultas ao que haviam conversado nas sessões matinais. Só de ouvir Moody, sentia arrepios pela espinha. Na última manhã em que ele e Moody se encontraram, Edgar chegara antes do amanhecer e encontrara o evangelista traçando marcas no solo com um graveto. Moody perguntou a Edgar o que pretendia fazer da vida. Edgar respondeu que ainda desejava ser ministro. Moody aconselhou-o a ser fiel a essa visão, mas a saber que havia muitas

maneiras diferentes de servir a Deus, além de ser pastor. Podia fazê-lo no trabalho missionário, ou simplesmente persuadindo os outros a ler a Bíblia.

Anos depois, já morto Moody, Edgar haveria de recordar as horas que passara com o evangelista como uma das experiências mais comovedoras de sua vida. Embora nunca mais fosse reencontrá-lo em pessoa, o evangelista viria a aparecer em seus sonhos. O mais intrigante foi um sonho recorrente, de tal impacto que Edgar o registrou por escrito, para estudo e reflexão posteriores.

"Eu estava sentado sozinho na sala da frente, jogando paciência, quando houve uma batida à porta da frente", escreveu Cayce. "Quando fui até a porta, um cavalheiro que não reconheci perguntou: 'Cayce, quero que venhas comigo a uma reunião esta noite.' A princípio respondi: 'Mas raramente saio à noite . . .' Ele insistiu que eu fosse com ele, e eu fui. Ao sair, percebi que uma outra pessoa nos esperava na rua. Caminhamos ... pelo ar, cada vez mais alto, até chegarmos a um lugar em que parecia haver uma grande tenda de circo. . . Aproximamo-nos da aba da tenda e, quando ele afastou a aba, percebi pela primeira vez que os dois homens com quem eu havia caminhado eram os evangelistas Dwight L. Moody e Sam Jones ..."

No sonho de Cayce, ele, Moody e Jones entraram na tenda, repleta, transbordando de líderes religiosos inspiradores, alguns dos quais Edgar reconheceu, outros não. E então, Cayce recordou: "Pareceu haver ... raios ao longe. Com os raios vinha um som, não de trovão, mas de vento, e contudo nada parecia mover-se ... Quando perguntei a um de meus companheiros o que era, responderam-me: 'O Senhor nosso Deus falará conosco.' Então

uma voz, clara e forte, veio como se da nuvem e do raio, e disse: 'Quem advertirá meus filhos?' Então, do meio da multidão diante do trono, veio o Mestre ... Ele falou, dizendo: 'Eu advertirei Meus irmãos.' A resposta veio: 'Não; ainda não é chegado o tempo para que retornes ..." Então o Sr. Moody falou e disse:'... envia Cayce, ele já está lá.' Então o Mestre disse: 'Pai, Cayce advertirá Meus irmãos.'"

---

24. *Night Riders*: bando armado de plantadores de tabaco do oeste do Kentucky e Tennessee que, entre 1905 e 1909, incendiou armazéns para combater o monopólio da American Tobacco Company. ↩
25. *Dime novels* ("romances de dez centavos"): ficção popular barata em formato industrial dos EUA, predominantemente faroeste, detetive e aventura. ↩
26. *Christian Endeavor*: movimento juvenil cristão interdenominacional fundado em 1881 nos EUA. ↩
27. *Rough Riders*: regimento de cavalaria voluntária organizado por Theodore Roosevelt em 1898 para a Guerra Hispano-Americana, célebre pela carga em San Juan Hill. ↩

6.
A jovem dama da Colina

Edgar Cayce começara a sentir que o mundo e todas as suas possibilidades finalmente se abriam diante dele. Em muitos aspectos, era verdade. Não muito depois de começar na livraria, Edgar recebeu um convite para sua primeira festa, o que então se chamava *"moonlight"*[28]. A festa seria realizada numa casa logo fora da cidade, que os moradores locais chamavam de *The Hill*, a Colina. Esse primeiro convite para a Colina foi feito por Ethel Duke, uma professora primária de Hopkinsville que ouvira Edgar fazer o discurso do McKenzie e que ele conhecia de Beverly. Fotografias a mostram como uma mulher alta e de bom porte, de óculos de aro de arame e uma farta cabeleira castanha espessa, que ela mantinha presa num coque. Edgar a reconheceu de imediato quando ela entrou na Hopper Brothers para comprar material. Conversaram por alguns minutos antes de ela perguntar se ele queria ir a um *moonlight* na velha casa dos Salter, a leste da cidade, na Russellville Road. Edgar disse com entusiasmo que iria, embora admitisse depois que a ideia de estar em companhia tão ilustre o fazia sentir-se "rústico e sem instrução".

Leslie, que apoiara a iniciativa de Edgar de arrumar emprego, não compartilhava do entusiasmo do filho diante da perspectiva de ele frequentar uma festa na Colina. Proibiu-o de ir. As razões hoje

não são conhecidas, mas é razoável supor que Leslie, sendo conservador, não achava próprio que seu filho fosse a uma festa numa casa de liberais — sobretudo os que esposavam abertamente ideias tão radicais como o direito da mulher ao voto e a cargos públicos. Praticamente todo mundo na cidade já ouvira pelo menos uma história de como as três moças Salter praticamente dirigiam a Colina, e de como seus convidados para jantar incluíam judeus, negros e hindus. Leslie suspeitava que toda sorte de coisa subversiva ocorresse na Colina e queria que Edgar não tivesse nenhuma parte nisso.

Edgar, a contragosto, acatou a decisão do pai. Isso, porém, não o impediu de descobrir tudo que podia sobre a vida naquela grande casa cinzenta nos arredores da cidade. Mary Greene, namorada de Harry Hopper e professora no South Kentucky College, conhecia a família Salter havia anos e lhe contou tudo que ele quis saber.

À frente da família estava o velho Samuel Livezey Salter, nascido e criado na Filadélfia, onde se formara médico, mas que acabara por ganhar reputação como arquiteto e construtor. Ele e seu sócio, John Orr, haviam chegado a Hopkinsville como empreiteiros e construído muitas das casas e edificações do condado de Christian, todas notáveis pela solidez da construção, pelo elaborado trabalho em madeira e pelas belas escadarias. Durante a guerra, Samuel Salter casou-se com Susan Jones, e os dois passaram a criar uma família juntos. Já então o patriarca dos Salter tinha aquilo que se poderia considerar noções radicais ou alternativas sobre como se deveria viver. Sua formação médica levou-o a cultivar plantas e ervas de uso medicinal, que ele

mesmo preparava para seus pacientes e para o seu gado. Embora tivesse recursos de sobra para comprar uma elegante casa urbana, preferiu construir uma casa de fazenda onde pudesse experimentar com várias culturas e sempre ter certeza de comida à mesa. Em razão do seu interesse predominante pelas artes e pela história, reuniu uma ampla biblioteca pessoal e recebia muitos pensadores e músicos distintos que visitavam Hopkinsville. Todos os cinco filhos foram mandados à universidade, estudaram uma língua estrangeira e foram instruídos nas habilidades necessárias para perpetuar a Colina pela geração seguinte e além. Sua herança de fato se perpetuou, pois não apenas todos os filhos cursaram a universidade, como também seus netos.

Os Salter tinham cinco filhos: Elizabeth, Katherine, William, Hiram e Caroline. Elizabeth Ella, ou Lizzie, a primogênita, cresceria extremamente inteligente e lida. Casou-se com Sam Evans, dono do depósito de carvão de Hopkinsville, e acabou tendo três filhos — Hugh, Lynn e Gertrude, a caçula, nascida em 22 de fevereiro de 1880. As crianças ainda eram pequenas quando o pai morreu de repente, em razão do rompimento do apêndice. Lizzie imediatamente vendeu a participação da família no depósito de carvão e construiu uma casinha imediatamente adjacente à Colina. Embora Hugh, Lynn e Gertrude não vivessem na casa principal, estavam lá praticamente o tempo todo.

A mais nova dos filhos Salter era Caroline Bennetta, ou Carrie, considerada a mais bela e encantadora da família. Professora em tempo parcial de artes no asilo de Hopkinsville, adorava pintar, desenhar, bordar e colecionar prata antiga, linhos e móveis.

Embora não fosse tão falante quanto Lizzie, nem conseguisse escrever poesia ou tocar tão bem quanto Kate, parecia ter herdado toda a gama dos talentos do pai, assim como seu feroz sentido de independência. Edgar conhecia Carrie e algumas de suas jovens sobrinhas e sobrinhos porque todos frequentemente passavam pela livraria para comprar material escolar enquanto cursavam o South Kentucky College. Além dos livros didáticos, compravam um amplo sortimento de material de leitura. Segundo Mary Greene, nenhum assunto era proibido. Quanto mais Edgar descobria sobre a liberdade intelectual que reinava na Colina, mais decepcionado ficava por ter perdido a festa.

Quando Ethel foi à loja para fazer um segundo convite, dessa vez levou consigo sua melhor amiga e prima em segundo grau, a quem — sem Edgar saber — se devia o primeiro convite. Não era Ethel Duke que se interessava por Edgar, e sim Gertrude Evans, filha de Lizzie. Ethel convidou Edgar a sair da loja para conhecer Gertrude, que estava sentada na traseira da charrete de Duke, estacionada na Main Street.

Edgar se impressionou de imediato pela beleza de Gertrude. Ela acabara de completar quinze anos e tinha cabelos castanhos sedosos, grandes olhos castanhos, rosto oval, pele branca de porcelana e traços finos e delicados. Media apenas cinco pés e três polegadas e pesava menos de oitenta libras. "Uma mera lasca de mocinha", foi como Edgar a descreveria depois. Edgar reconhecera Gertrude de visitas anteriores que ela fizera à loja para comprar livros didáticos do primeiro ano de seus cursos no colégio, mas nunca haviam conversado antes de Ethel apresentá-

los naquele dia. “Quero que você conheça minha prima, Gertrude”, dissera Ethel Duke.

Edgar foi mais uma vez convidado a comparecer a outro *moonlight* na casa do avô de Gertrude, numa sexta-feira à noite, às oito horas. Dessa vez, não disse nada aos pais. Engraxou os sapatos, passou óleo nos cabelos e pôs-se a caminho da Colina a pé. Levou quase uma hora para chegar à casa. Tinha certeza de haver encontrado o endereço certo: logo após a cerca de arame que separava a propriedade da Russellville Road, Edgar viu lanternas de papel penduradas nos bordos e muita gente passeando pelo jardim da frente, tomando limonada e comendo biscoitos e pequenos sanduíches.

Edgar estivera em casas maiores e com mais terra do que a Colina, mas nunca se impressionara tanto como com a casa dos Salter. Era uma cornucópia de cores e texturas: tapetes orientais, espessos estofados de brocado, plantas domésticas em porcelanas chinesas, cadeiras de vime, leques, sombrinhas, instrumentos musicais, lampiões de querosene com cúpulas de vidro colorido, e uma biblioteca de jornais, revistas e livros. Nada ele apreciava mais do que passar as mãos pelas almofadas bordadas em ponto de cruz, embeber-se das cores ricas das faixas e flores secas. Mas o que mais gostava eram os aromas que pareciam impregnar a casa: perfume, pó-de-arroz e madressilva — cheiros que ele para sempre associaria aos encantos femininos das damas que reinavam na Colina.

Ethel Duke recebeu-o à porta e fez as apresentações. O mais velho do clã era Samuel Salter, homem alto, de cabelos grisalhos, belo e de grande charme pessoal. Sarah, sua esposa, era igualmente bela,

mas parecia mais austera. Juntos, recebiam os convidados no que a família chamava de biblioteca, que ficava à entrada da casa e continha duas gigantescas escrivaninhas de carvalho.

Carrie Salter, de vinte anos, estava sentada na sala de visitas cercada por um grupo de jovens pretendentes adoradores. Essa cena deu a Edgar a primeira pista de que a vida na Colina era de fato diferente da maioria dos outros lares, pois logo percebeu que não fora por falta de oportunidade que Carrie ainda não se casara — simplesmente, ainda não encontrara o homem certo e não se contentaria com segunda opção só porque já saíra da adolescência.

Edgar também foi apresentado a Lizzie Evans, mãe de Gertrude, tão miúda e morena quanto a filha. Era ela, Edgar saberia depois, que supervisionava o plantio e a colheita das hortas e do pomar, e que zelava para que a casa sempre estivesse repleta de flores e cores. Também zelava para que a Colina fosse um fórum de discussão política e para que a casa mantivesse as portas abertas a todos os políticos eleitos ou aspirantes. Por sua volumosa correspondência, conhecera pessoalmente ou trocara cartas com muitas das figuras políticas mais importantes de sua época.

Edgar conheceu muitas outras pessoas naquela noite na Colina: clérigos da Igreja Metodista, engenheiros ferroviários e praticamente toda a turma do terceiro ano do South Kentucky College. A única coisa que todos pareciam ter em comum é que gostavam de conversar, e pareciam fazê-lo com mais desenvoltura do que Edgar, que sentia não ter muito a dizer, exceto quando a conversa se voltava para a Bíblia. Era, no

entanto, um bom ouvinte, o que parecia estar bem para Ethel Duke, que contente preenchia qualquer lacuna na conversa.
Quando Edgar começou a distinguir os membros da família dos convidados, viu-se face a face com Gertrude. Ethel Duke havia silenciosamente desaparecido. Gertrude tomou-lhe a mão e eles desceram o caminho de carruagens, passando pela roseira, até um espaço aberto entre as árvores, onde ela disse que teriam a melhor vista da lua.
Edgar se lembra de não conseguir tirar os olhos dela o tempo suficiente para olhar o céu. Ela tinha uma única rosa vermelha nos cabelos castanhos e trazia um belo vestido de *gingham* que ia até os tornozelos, que Carrie lhe comprara numa loja de departamentos em Springfield. Para ele, a rosa vermelha sintetizava a beleza que dela emanava, e nos anos que se seguiram ele jamais plantou um jardim que não tivesse pelo menos uma roseira.
Edgar não disse muito a ela naquela primeira noite. Desde seu fiasco com Bessie Kenner, não conseguira reunir coragem para falar em particular com ninguém do sexo oposto. Ainda assim, aquela noite ele e Gertrude conversaram sobre livros e sobre o emprego de Edgar na Hopper Brothers. Gertrude disse-lhe que gostava de livros mais do que de qualquer outra coisa e o adulou sugerindo que ele provavelmente era tão bom no que fazia que um dia teria sua própria livraria. Edgar não podia ter certeza, mas teve a impressão de que ela sabia mais sobre ele do que ele sobre ela. Bem podia ter sido Ethel Duke a pôr Gertrude a par das particularidades das suas experiências de infância na Beverly Academy. Até que ponto Gertrude sabia a respeito de suas

habilidades incomuns ou do *povinho miúdo* ele não poderia dizer, e estava constrangido demais para perguntar.

Edgar deixou a Colina naquela noite sem saber se Gertrude gostava dele tanto quanto ele gostava dela, ou se de fato fora ela quem estivera por trás do seu convite para a festa. Se Edgar não sabia então, viria com certeza a saber, pois logo começou a receber inúmeros convites para festas e reuniões sociais. Gertrude estava em todas elas. Apesar desses gestos, Edgar era tão inseguro de si mesmo e de sua condição na vida que tinha dificuldade em acreditar que uma moça como Gertrude, de uma família como os Salter, pudesse aceitá-lo pelo que ele era. Cada vez que Edgar a via, não tinha certeza de que conseguiria revê-la — até o dia em que ela o convidou para acompanhá-la, junto com sua prima Stella Smith, num piquenique em Pilot Rock, um célebre marco natural do condado de Christian.

Conforme o costume, um casal de idade — os Hisgen — os acompanhou. Carregaram uma carroça com frango frito, *beaten biscuit*, tomates frescos, bolo e garrafões de chá gelado. Nesse dia, Edgar avistou um lampejo do tornozelo delicado de Gertrude enquanto subiam o caminho ao topo dos penhascos de calcário para ter vista dos condados de Christian e Todd. Uma fotografia, presumivelmente tirada naquela tarde, mostra a alegre reunião em Pilot Rock.

Logo, Edgar ia a toda parte com Gertrude: festas, encontros da igreja e espetáculos no Holland Opera House. Também gostavam de assistir a jogos de beisebol, especialmente os do Hopkinsville Moguls, pelos quais Lynn Evans jogava na posição de *shortstop*. Todo domingo, depois que ele ia à Christian Church e Gertrude à

Igreja Metodista, Edgar ia à Colina, onde eles se sentavam na grande varanda da frente ou se juntavam aos outros em jogos na sala de visitas ou liam em voz alta livros que ele trazia da Hopper Brothers. Entre outros volumes, presenteou-a com a coleção completa dos romances do popular autor E. P. Roe, seu favorito.

Embora Edgar se sentisse completamente aceito pela família, a verdade é que a tia Kate de Gertrude e os Salter mais velhos não o consideravam um pretendente ideal para Gertrude. Eram, contudo, educados demais para deixá-lo saber. A geração mais nova do clã Salter, formada pelos irmãos de Gertrude, Hugh e Lynn, e pelos filhos de Kate, Porter e Raymond, tratava-o com afeição genuína — como a um irmão.

Todos os Salter vieram a conhecer a capacidade de Edgar de memorizar livros encostando-os à cabeça. Ethel Duke era sua fã mais entusiasta, e Carrie não parava de interrogá-lo sobre as coisas que ele dizia e fazia na infância. O fato de que a família não parecia se incomodar com o que aprendia sobre ele era tranquilizador, e em consequência Edgar revelou mais sobre si mesmo aos Salter do que à sua própria família. Contou-lhes sobre seus sonhos curiosos e sobre como às vezes conseguia ver cores ou padrões de cores em torno das pessoas quando elas sentiam emoções fortes. Ethel Duke e Carrie, que devem ter lido notícias sobre as sessões das irmãs Fox[29] em Hydesville e Rochester, Nova York, partilhavam do interesse popular pelo movimento espiritualista, que então começava a se disseminar para além de suas raízes na Nova Inglaterra.

As histórias de Edgar cativavam as damas da Colina. Hugh e Lynn também passaram a compartilhar do interesse da tia e da

prima quando testaram Edgar com um baralho de cartas. Consta que ele leu corretamente as cartas de ponta a ponta sem virá-las. Edgar também os ajudou a encontrar objetos perdidos ou itens que haviam escondido pela casa. Parecia que bastava ir dormir pensando no local de um anel perdido ou de um pertence pessoal que ele acordava pela manhã sabendo onde estava. Embora corra o rumor de que alguma forma de sessão espírita possa ter ocorrido na Colina, não há menção disso em nenhuma das correspondências dos Cayce ou dos Salter. Nem é provável, pois então, como depois, a educação fundamentalista de Edgar o teria impedido de participar de algo que claramente violava seu entendimento de conduta cristã apropriada. Uma coisa era receber auxílio espiritual; bem outra, invocar espíritos deliberadamente. As atividades das irmãs Fox e, mais tarde, de médiuns como Madame Blavatsky[30], não passavam, para Cayce, de motivo de interesse morno. A Bíblia era toda a emoção de que ele precisava ou queria.

Edgar não podia ter muita certeza do que Gertrude pensava sobre os experimentos que ocorriam. Ela ficava em silêncio nos momentos em que ele e os outros discutiam o assunto, e seus olhos nada revelavam. Edgar sabia, contudo, que havia momentos em que ela o olhava, disse ele, como se fosse "um peixe esquisito que devia ser devolvido à água". Ele acabou por perguntar-lhe diretamente o que ela achava de suas habilidades incomuns. Ela, que não mastigava as palavras, respondeu: "Eu não gosto disso." Edgar disse que também não gostava. E, depois disso, pareceram se entender melhor.

Ocorreram, porém, dois incidentes que deram a todos motivo de preocupação. O primeiro se deu num domingo à noite tarde, quando Edgar cochilava numa das poltronas da sala de visitas. A última coisa que Gertrude se lembra de lhe haver dito foi que ele deveria ir dormir. Aparentemente foi o que ele fez, só que não acordou naquela noite, nem na manhã seguinte. Nada do que ninguém fizesse para tentar acordá-lo parecia surtir efeito. Ele parecia estar em uma espécie de coma. Era já tarde no dia seguinte quando Gertrude, por pura frustração e preocupação, "ordenou" que ele acordasse. Ele imediatamente abriu os olhos e se espreguiçou, sem se dar conta de que algo incomum houvesse ocorrido.

O segundo incidente ocorreu na casa da família Cayce, na Seventh Street. Conforme Edgar contaria mais tarde, ele e um velho amigo de escola acabavam de voltar de uma das reuniões de reavivamento de Sam Jones no Tabernacle. O amigo esperava que Edgar dividisse o quarto com ele quando perceberam que uma casa cheia de parentes Cayce havia chegado inesperadamente de Beverly e estava passando a noite. O quarto de Edgar fora requisitado para os visitantes e não havia lugar nem para ele nem para o amigo dormirem. Edgar perdeu a paciência. Aquele era seu quarto, e ele pagava a parte do leão do aluguel da casa. Na confusão que se seguiu, Leslie e Edgar trocaram algumas palavras ríspidas e o amigo de Edgar escapou pela porta sem ser notado. Edgar acabou adormecendo mais tarde naquela noite no sofá da sala.

Edgar mesmo não podia dizer se seu estado mental tinha algo a ver com o que se seguiu, mas essa tem sido há muito a suposição.

Aparentemente, ele dormiu sem tirar a roupa, exceto os sapatos e o paletó. Então, pouco depois de a casa ter se aquietado, o sofá em que Edgar dormia irrompeu em chamas. A fumaça e o fogo o acordaram. Edgar correu para fora e rolou na neve, apagando as roupas em chamas, e depois arrastou o sofá pela porta da frente para extinguir também suas chamas. Como Edgar não estivera fumando, nem o sofá estava perto de nada quente, a causa do incêndio permaneceu um mistério.

Havia, claro, várias explicações possíveis: Edgar fizera algo enquanto dormia que causara o fogo; uma brasa quente podia ter saltado do fogão na outra extremidade da sala e rolado para baixo do sofá; ou um dos visitantes de Beverly estivera fumando e deixara, por acidente, um cigarro aceso entre as almofadas. O problema em todos esses cenários era que o fogo não começara embaixo do sofá nem entre as almofadas. As evidências sugeriam que o fogo começara nas roupas de Edgar.

Os familiares, ao que parece, não deram grande atenção ao assunto. O fogo fora apagado, e era só. Na Colina, porém, o incidente foi muito comentado e assumiu considerável importância. Carrie e Gertrude, como outros que vieram a conhecer Edgar intimamente, haviam-se dado conta de que coisas incomuns ou inexplicáveis com frequência aconteciam em torno dele. Na maior parte das vezes, essas coisas ocorriam quando Edgar estava zangado ou aborrecido. Papéis voavam das escrivaninhas como se uma brisa invisível houvesse soprado pela sala. Livros às vezes caíam das estantes. O incêndio da Seventh Street seria o primeiro de quatro incêndios inexplicáveis envolvendo Edgar.

O incêndio teve um efeito arrepiante sobre Gertrude, mas apesar disso Edgar continuou indo à Colina com regularidade. Leslie continuava firmemente oposto ao romance de Edgar, mas seu filho cabeçudo não o ouvia. E, uma vez que era Edgar, não seu pai, o principal provedor da família, o Cayce mais novo sentia-se justificado em seguir o desejo do próprio coração. Sua mãe, Carrie, não expressou publicamente opinião a respeito — ao menos não diante de Leslie. Mas em particular Edgar sabia que ela o apoiava e sempre desejava que ele tivesse sua melhor aparência quando ia "em visita" a Gertrude. Muitas vezes Edgar ia à Colina a cavalo ou a pé. Logo, porém, seu salário na livraria subiu de dez para quinze dólares, e ele adquiriu uma bicicleta que usava mesmo quando chovia ou nevava.

Num dia particularmente frio — 7 de março de 1897, poucos dias antes do seu vigésimo aniversário — Edgar Cayce faria seu pedido de casamento a Gertrude Evans, de dezessete anos. Disse-lhe que a amava e queria passar o resto da vida com ela. Para surpresa de Edgar, Gertrude não o rejeitou de imediato, e pelo menos estava disposta a considerar seu pedido. "É verdade que amo você", disse-lhe. "Mas vou ter de pensar." Edgar, naturalmente, queria saber quando teria uma resposta. Gertrude foi a um calendário na sala de visitas, fechou os olhos e pôs o dedo numa data. "Eu te digo no dia doze." Era dali a cinco dias. Edgar disse que voltaria nesse dia.

Na noite do dia doze, Edgar chegou a cavalo, em meio a uma chuva torrencial. Gertrude lhe disse naquela noite que havia refletido muito sobre o assunto e decidira aceitar seu pedido. Edgar ficou satisfeito, honrado e tomado de alegria. Uma vez que

ela aceitara, sobreveio um silêncio constrangido enquanto ela ficava à espera de que ele a beijasse. Perguntou-lhe por que hesitava, e quando Edgar admitiu que nunca tinha beijado ninguém, ela tratou de mostrar-lhe como se fazia. Então, como depois, Edgar a acharia uma mulher extremamente sensual, muito mais dotada na arte do amor do que ele próprio. Não era que se entregasse à paixão ou ao calor do momento. Tinha o conhecimento do próprio corpo que tem uma dançarina, e uma graça natural que o deixava sem fôlego.

Menos de uma semana depois, Edgar lhe apresentaria um pequeno diamante para seu anel de noivado. Incapaz de conter o entusiasmo, mandou cortar e engastar a pedra na Romênia, onde, haviam-lhe dito, estariam os melhores lapidadores. Gertrude temia que o navio que carregasse o diamante afundasse, ou que a pedra se perdesse ou fosse roubada. Mas o navio se manteve à tona e o diamante chegou no prazo. No verão de 1897, Gertrude tinha um anel no dedo, e discutiam uma data para o casamento. Mal tinham, porém, marcado a data, precisaram adiá-la. Edgar perdeu o emprego na livraria.

Harry Hopper deu a notícia a Edgar no final daquele verão. Ele e o irmão estavam admitindo um sócio na loja, e os serviços de Edgar não seriam mais necessários. "Fiquei tão atônito que mal sabia o que fazer", escreveria ele mais tarde sobre sua demissão.

A princípio, não contou a Gertrude. Decidiu arranjar outro emprego antes de dar a notícia. Foi até o vizinho Charles Latham, que imediatamente o contratou como balconista em sua loja de fazendas. Mas esse emprego só durou até o início do outono, e ele estava de novo em busca de outro. Candidatou-se a outros

empregos, sem sucesso. Um dia, quando procurava trabalho, acabou seguindo uma grande multidão para dentro da Richard's Department Store, que estava em liquidação.

Como Edgar contaria mais tarde no mesmo dia a amigos e família, estava parado no setor de calçados quando um homem lhe pediu um par de sapatos. Edgar vendeu-lhe um par, desfrutou da venda, e então olhou em volta em busca de outro cliente. Não demorou para que o gerente do setor notasse. Perguntou a Edgar seu nome, depois mandou-o até o banco buscar troco para o caixa. Edgar trabalhou até o fim do dia, e então compareceu para trabalhar na manhã seguinte. Perguntado por que viera trabalhar sem sequer ter se candidatado a emprego, Edgar explicou a verdade: "alguém me pediu uma coisa e eu simplesmente lhe dei."

Edgar Cayce trabalharia na loja de departamentos pelos doze meses seguintes, mas não tirou da experiência a mesma alegria que tivera na livraria. Foi a tia Carrie de Gertrude quem por fim lhe disse que ele devia se esforçar para fazer mais com a vida. Sugeriu que procurasse emprego numa cidade maior do que Hopkinsville, numa posição em que pudesse melhor empregar seus talentos. "Expanda os seus horizontes", instruiu-o.

---

28. *Moonlight*: festa social noturna ao ar livre, típica do Sul dos EUA no fim do séc. XIX. ↩
29. Irmãs Fox: Margaret, Kate e Leah Fox, cujos fenômenos inexplicáveis em Hydesville (1848) marcaram o início do espiritualismo moderno nos EUA. ↩

30. Madame Blavatsky (Helena Petrovna Blavatsky, 1831–1891): russa, cofundadora da Sociedade Teosófica em 1875, figura central do ocultismo do fim do séc. XIX.↩

7.
Margaret de Louisville

No verão de 1898, Edgar Cayce decidiu procurar emprego em Louisville, a maior cidade do estado, onde ele sabia existir uma importante distribuidora e gráfica de livros por atacado. A John P. Morton Company tinha um catálogo de livros, publicações e outras mercadorias muitas vezes maior que o da livraria dos irmãos Hopper. Edgar escreveu à distribuidora de imediato, mas recebeu em resposta apenas uma polida carta do gerente, dizendo que sua candidatura fora recebida e seria arquivada até que houvesse uma vaga.

Por tímido que Edgar às vezes fosse, era também teimoso — qualidade certamente aguçada pela ânsia de estabelecer-se num emprego novo para poder casar com Gertrude. Não aceitaria um não como resposta. Cayce obteve cartas de recomendação de todos que tinham negócios com a Hopper Bookstore. Não importava se eram caixeiros-viajantes, clérigos ou universitários. Inundou a caixa de correio da J. P. Morton Company com tal fluxo de cartas que, passados três dias, recebeu um telegrama assinado pelo gerente, Howard Griswold, ordenando que parasse de mandar recomendações e se apresentasse para o trabalho na manhã de segunda-feira, 1º de agosto de 1898. Isso dava a Edgar

dois dias para fazer as malas, despedir-se de Gertrude e encontrar onde morar.

Edgar tomou dinheiro emprestado, comprou um terno de linho e passou sua última noite em Hopkinsville na Colina. Embora não exista registro documental das últimas horas que passou na companhia de Gertrude, não é difícil imaginar as mãos anormalmente grandes de Edgar envolvendo as mãos pequenas e delicadas de Gertrude enquanto eles se sentavam juntos no balanço da varanda, voltados para a roseira. Seria a primeira vez que os dois ficariam separados desde o noivado, e, por mais que ela certamente compartilhasse do entusiasmo dele diante do novo emprego, aquela despedida deve ter sido um momento agridoce. Louisville ficava a 180 milhas de distância, e a viagem de nove horas de trem e a passagem de US$ 2,59 tornariam impossíveis para Edgar viagens de fim de semana para casa. Tampouco Gertrude poderia ir visitá-lo, pois, mesmo com uma acompanhante mais velha, seria indecoroso que uma jovem solteira visitasse um rapaz solteiro em outra cidade, ainda mais estando os dois noivos. Edgar, com certeza, deu-lhe um beijo de despedida — conforme Gertrude o instruíra — e prometeu escrever.

O registro dos dezesseis meses que Edgar passou em Louisville é rico em cor e textura, graças sobretudo a um diário pessoal que ele manteve para documentar seu trabalho no Christian Endeavor para a First Christian Church de Louisville. O diário começa com a chegada de Edgar a Louisville e sua iniciação em uma cidade tão diferente, para ele, de Hopkinsville, quanto Hopkinsville fora de Beverly. Embora tanto Hopkinsville quanto Louisville

tivessem a sorte de estar no circuito do tabaco durante os anos mais lucrativos do crescimento dessa indústria em Kentucky, Louisville, com suas ruas de paralelepípedos, prédios altos e cocheiros dignos, era distintamente metropolitana. Não havia cães uivando nos becos nem galos cantando em quintais. Louisville orgulhava-se de oferecer o que havia de mais recente e melhor em tudo, e o que custava um dólar em Hoptown custava em Louisville quase o dobro.

O diário de Edgar narra sua chegada à estação, quando seguiu o conselho de um amigo de família e alugou um quarto numa pensão na Second Street. A ideia de pagar pelo quarto e pelas refeições era um conceito inteiramente novo para o rapaz, tornado ainda mais concreto quando soube que o custo seria de US$ 5,00 mensais, a serem pagos adiantados. Edgar não tinha ideia de qual seria seu salário na J. P. Morton, mas sabia que não cobriria muito mais do que o quarto e as refeições. Edgar, a contragosto, entregou os US$ 5,00 — praticamente todo o dinheiro que trouxera consigo — e pôs-se a desfazer seu pequeno baú.

Mais tarde, naquele mesmo dia, começou a apreciar a atmosfera coletiva e cosmopolita de sua nova hospedagem. No jantar foi apresentado ao tipo de pessoas que, em sua opinião, poderia de fato "expandir-lhe os horizontes". Havia um estudante de medicina, um funcionário público, um músico, um jornalista, um funcionário de estrada de ferro e um artista profissional. A conversa à mesa era tão animada e sem peias quanto na Colina, só que ali era salpicada de termos desconhecidos e histórias picantes. O próprio Edgar admitiria depois que aqueles devem ter

achado o jovem balconista — que ouvia as conversas em silêncio — uma espécie de enigma.

O dono da casa, que já morara em Hopkinsville, esforçou-se para fazer com que *Eddy* — como Edgar passou a se chamar — se sentisse em casa. Conhecia toda a família de Edgar, perguntou por cada um e depois deu conselhos sobre como Edgar poderia fazer novos amigos rapidamente. Edgar começou a seguir seus conselhos já na manhã seguinte, quando o culto das 11 horas foi celebrado na Louisville First Christian Church. De novo, Edgar viu-se muito impressionado com as "maneiras da cidade grande". A congregação da First Christian Church de Louisville, na esquina da Fourth com a Walnut, era quatro vezes maior do que a soma de suas duas igrejas anteriores. A igreja de Louisville era também consideravelmente mais rica, com vultosas dotações vindas de famílias que detinham grandes participações em duas empresas de tabaco, a Brown and Williamson e a Philip Morris. Edgar jamais vira tantas pessoas tão bem-vestidas reunidas num mesmo lugar. Todos os homens usavam paletós escuros, com colarinhos altos engomados e gravata. As mulheres usavam belos vestidos com camadas de anáguas e levavam sombrinhas de seda. Para surpresa de Edgar, várias delas também usavam maquiagem. Os rostos estavam empoados e rosados, e os lábios pintados de vermelho. Edgar ficou fascinado.

Para grande alegria sua, Edgar descobriu ali um velho conhecido. O Dr. Edward Lindsay Powell, pastor da igreja de Louisville, fora brevemente pastor na First Christian Church de Hopkinsville antes de passar a Maysville e depois a Louisville. Edgar lembrava-se do quanto seus sermões o haviam impressionado.

Agora, porém, Powell de fato chegara ao seu auge. Por todos os relatos, era um dos oradores mais dinâmicos e mobilizadores de Louisville, e um ativista social sob cuja gestão a igreja local quase dobrou de tamanho em poucos anos. Seus sermões eram frequentemente publicados na íntegra pelo *Louisville Courier-Journal*.

Edgar apresentou-se a Powell ao final do primeiro culto. Powell lembrou-se dele de Hopkinsville e ficou contente de tê-lo em Louisville. Convidou Edgar a integrar a classe de estudos do pastor, que se reunia em intervalos regulares ao longo da semana, e a ensinar na escola dominical. O Dr. Powell engajou Edgar ainda no que tem sido descrito como um dos mais ativos movimentos do Christian Endeavor na história de Kentucky. Seria por meio de seu trabalho com Powell e o Christian Endeavor que Edgar conheceria a maioria das pessoas importantes de Louisville, entre elas John H. Whallen, o chefe de polícia ao estilo do Tammany Hall[31] — que também era sócio do maior bordel de Louisville — e Annie Fellows Johnston, uma das autoras mais famosas da cidade e, como Powell, ativista social.

A primeira manhã de Edgar na J. P. Morton Company revelou-se tão interessante quanto seu primeiro culto. Seus colegas balconistas na loja receberam-no com grande curiosidade e interesse, e o Sr. Griswold, gerente da companhia e sobrinho do seu fundador, imediatamente crivou Edgar de perguntas sobre por que ele viera a Louisville. Achava que Edgar decerto tinha se metido em algum tipo de encrenca em casa, pois por que outra razão ele deixaria uma comunidade onde tantos o amavam e admiravam? Os balconistas vieram ver. Todos fizeram fila para

lhe apertar a mão e pedir conselhos, pois nunca alguém chegara à loja com recomendações tão efusivas. Em vez de desapontar as expectativas já exageradas de seus colegas, Edgar deu uma demonstração que superava qualquer coisa que eles pudessem imaginar. Recitou o catálogo inteiro do semestre: cada livro, autor, produto e preço. Impressionado, o gerente deu a Edgar um auxílio-moradia de US$ 1,50 semanais, além do salário regular de US$ 5,00 mensais.

Embora Edgar tivesse esperado mais, logo encontrou outros meios de aumentar sua renda. Um artista que morava na pensão apresentou-o ao dono de uma galeria onde ela vendia seus quadros. Valendo-se da experiência que adquirira na Hopper Brothers Bookstore emoldurando gravuras, fez alguns bicos para a galeria e conseguiu dobrar seus ganhos. Edgar também ficou amigo do funcionário ferroviário que morava na mesma pensão. O funcionário arranjou para Edgar um trabalho temporário recolhendo bilhetes no turno da noite da L&N, em troca de passes ferroviários gratuitos, que Edgar podia usar para visitar Gertrude em fins de semana prolongados e feriados.

Não demorou para que os colegas de trabalho de Edgar na J. P. Morton o acusassem de ser o queridinho do chefe: não só ganhava um salário maior do que o deles, como rapidamente lhe eram concedidos privilégios que os outros não tinham. Os colegas, porém, não podiam reclamar, pois praticamente todo mundo na loja recorria a ele, em um momento ou outro, em busca de ajuda com um livro, autor ou produto específico. Ele também se tornara figura-chave na preparação do novo catálogo e em responder às muitas perguntas feitas pelos caixeiros-viajantes da

companhia, que rotineiramente passavam pela loja para pegar material e processar pedidos.

Quanto mais trabalhava na loja, mais impressionante se tornava seu conhecimento. Um dia, o Sr. Griswold designou-o para o salão de vendas para atender a uma cliente particularmente importante. Em seu diário do Christian Endeavor, Edgar refere-se a essa mulher apenas como "Margaret", mas evidências circunstanciais sugerem que ela pode ter sido neta ou sobrinha de James Phelps, um rico comerciante de tabaco de Louisville que acumulara uma fortuna familiar em Hopkinsville e no condado de Christian.

Edgar atendeu Margaret, que comprou várias centenas de dólares em mercadorias, incluindo vasos, artigos de toalete e livros. Como tantos outros a quem Edgar já atendera, ela ficou impressionada e curiosa com seu conhecimento assombroso de tudo o que havia na loja. Margaret crivou-o de perguntas até que ele admitiu ter memorizado o inventário inteiro da loja. Mas não foi só isso que a impressionou. Havia em Edgar uma qualidade simples e adolescente que a cativou, e, na hora de pagar, ela lhe entregou um cartão de visita em relevo e pediu o dele, que Edgar, agradecido, forneceu. O gerente de vendas ficou encantado quando Edgar depois processou o pedido. A cliente, disse ele, era a moça mais rica da cidade.

Na tarde seguinte, Edgar foi chamado ao escritório de Griswold e elogiado por seus esforços. O próprio Griswold tentara, sem sucesso, durante anos, atrair a família de Margaret a fazer negócios com a J. P. Morton. Edgar não só conquistara a conta daquela família como causara uma impressão tão boa que ele e

John Morton receberam um convite para jantar naquela noite na casa de Margaret. Passado o espanto inicial diante do convite, Edgar percebeu que não tinha nada apropriado para vestir e, consequentemente, achou que não devia ir. Seu único par de sapatos parecia ser de um fazendeiro, não de um balconista que pretendia progredir no ramo da distribuição por atacado. Griswold sorriu e disse que teria o prazer de providenciar um alfaiate para tirar-lhe as medidas para um novo terno naquela mesma tarde, e que mandaria uma carruagem buscar Edgar na pensão mais tarde, à noite. Além disso, Griswold deu-lhe um aumento. Edgar passaria a ganhar US$ 10,00 mensais.

Conforme prometido, uma carruagem chegou e transportou Edgar Cayce, vestido com seu terno novo, até o que se revelou ser uma mansão palaciana, na seção mais exclusiva de Louisville. Havia porteiros para receber a carruagem, criados uniformizados e uma sala de estar onde lhe foi servida uma taça de vinho importado antes do jantar. Tudo parecia irreal para Edgar, especialmente Margaret, sua encantadora e bela anfitriã daquela noite. Seu pior temor era não ter nada de interessante a dizer a Margaret ou a seus pais, e que o que tivesse a dizer o revelaria como o simples menino da roça que ele se sentia ser. Mas, como acabou acontecendo, Margaret era membro das *Glad Helpers*[32], uma parte da mesma organização Christian Endeavor a que ele se filiara em Louisville. Conheciam também muitas das mesmas pessoas na organização e pareciam ter muito em comum. E o pai de Margaret, descobriu Edgar, fizera sua fortuna no tabaco escuro. Durante toda a refeição, Edgar entreteve a família com histórias sobre a fazenda de Tom Cayce e as sutilezas do cultivo

do tabaco. Depois do jantar, quando o chefe de Edgar foi para a sala ao lado conversar de negócios com o pai de Margaret, Edgar e Margaret passearam pela casa e pelos jardins. Algumas semanas depois daquela noite, o pai de Margaret custeou uma grande ampliação e reforma da loja. Edgar recebeu um escritório só seu e mais um aumento de salário. Agora ganhava a exorbitante quantia de US$ 40,00 mensais.

Em nenhum momento de suas memórias Edgar admite ter estado apaixonado por alguém que não Gertrude. Em cartas e em outros escritos, contudo, Edgar menciona uma "chama secreta" e reconhece que a amizade profunda e mútua que começou entre ele e Margaret ameaçou pôr fim ao seu noivado com Gertrude. Que ela fosse mais refinada e mundana do que Gertrude, não há dúvida. E o que lhe faltasse em charme sensual ela certamente o compensava de outras maneiras. Como um jornalista da época descreveu as famílias como a dela: "Muita gente sabe como ganhar dinheiro, mas poucos sabem o que fazer melhor com ele. Ser rico apropriadamente é, sim, uma arte refinada. Requer cultura, imaginação e caráter."

Instintivamente, Gertrude deve ter percebido que a promessa de Edgar de se casarem assim que ele se estabelecesse em Louisville não estava saindo como planejado. Talvez soubesse até algo da sua paixão por outra moça, pois Gertrude abandonou o colégio — para nunca mais voltar — logo depois que Edgar começou a ver Margaret, e caiu de cama, qual uma viúva de luto. Seu peso, já magro, caiu abruptamente. Os ombros cederam, e pequenas rugas formaram-se nos cantos dos olhos. Edgar certamente sabia do que se tratava, pois, mais do que qualquer outra pessoa em sua vida, a

aparência física de Gertrude era um barômetro de seu bem-estar mental. Uma fotografia de Gertrude, tirada em qualquer momento, refletia com precisão a maré de emoções que corria logo abaixo da superfície.

Amigos de família supunham que Gertrude estava, de fato, de luto — primeiro pela morte do avô, e logo em seguida pela da avó. Mas a tia Carrie de Gertrude e outros na casa sabiam ou suspeitavam a verdade. Houvera um declínio gradual no número de cartas que Edgar mandava para casa e, apesar dos aumentos de salário, ele não estava juntando dinheiro para a vida em comum dos dois. Enquanto Gertrude ficava de cama, Edgar e Margaret passavam juntos quase todos os domingos.

A maior parte das atividades do jovem casal girava em torno de seu trabalho para o Christian Endeavor e da escola dominical, em que Margaret era aluna e Edgar, professor. A turma por ele ensinada era aparentemente mais atraente para moças do que para rapazes, pois havia doze mulheres e apenas dois homens. Em contraste marcante com os piqueniques e encontros da igreja que ele e Gertrude frequentavam, o trabalho de Edgar e Margaret no Christian Endeavor envolvia visitar a cadeia e o hospital do condado uma vez por semana, onde conduziam cultos de oração e assistiam aos doentes e aos enfermos.

Além das viagens ao hospital e à cadeia, Edgar ia ao teatro com Margaret. Sua peça favorita era *When Knighthood was in Flower*, estrelada por Julia Marlow e E. H. Sothern. Numa noite memorável, ele e Margaret conseguiram comparecer a três eventos: uma luta de boxe peso-pesado, uma reunião do Exército de Salvação e um espetáculo de *vaudeville*.

Edgar fora convidado ao espetáculo por um hipnotizador chamado *Herman the Great*[33], que conhecera no salão de vendas da J. P. Morton. Como muitos artistas de picadeiro da época, Herman the Great fazia truques de cartas e jogos de mãos, além dos seus números de hipnotismo. Fora à J. P. Morton comprar baralhos, e Edgar, por acaso, atendeu-o. Quando Herman foi pagar pelos baralhos, pareceu tirar o dinheiro do bolso de Edgar. Em seguida, disse que os baralhos estavam sendo vendidos a um preço tão razoável que levaria uma dúzia de maços, e tratou de tirar o dinheiro da boca do atônito caixa da J. P. Morton. Antes de sair da loja, disse a Edgar que, em sua opinião, o jovem balconista daria um sujeito ideal para hipnose e, com a permissão do gerente, o colocaria "sob". Edgar concordou em ser hipnotizado, mas advertiu Herman que Hart the Laugh King não tivera sucesso em pô-lo em transe alguns anos antes, por mais que tentasse. Herman disse a Edgar o que Hart também lhe dissera: quanto mais vezes uma pessoa é hipnotizada, mais fácil fica pô-la em transe e mais fundo ela vai. Herman pôs-se a hipnotizar Edgar ali mesmo.

Não há registro de exatamente o que Herman fez com Edgar, mas presume-se que fez com que ele se concentrasse em um ponto da parede ou em algum objeto erguido à sua frente, enquanto Herman repetia sugestões para que se relaxasse e dormisse. A próxima coisa de que Edgar se lembrou foi de estar deitado sobre um balcão, cercado por colegas de trabalho. Edgar, ao que parecia, não só entrara em transe como fora o sujeito perfeito e fizera tudo o que o hipnotizador lhe mandara fazer. Edgar riu da experiência e prontamente esqueceu do episódio. O incidente,

porém, assumiu significado mais tarde, quando Edgar foi hipnotizado uma segunda vez.

A segunda vez ocorreu no início do ano seguinte, quando Edgar acompanhou o pai numa viagem de negócios a Madisonville, Kentucky, uma cidadezinha a cerca de trinta milhas ao norte de Hopkinsville, onde Leslie — então empregado como agente de campo da bem-sucedida Woodman of the World Life Insurance Society — tentava vender apólices coletivas à seção de Madisonville dos Odd Fellows[34]. Haviam chegado a Madisonville havia apenas algumas horas quando autoridades estaduais de saúde chegaram ao hotel e ordenaram que suas portas fossem fechadas. O hotel estava sendo posto em quarentena devido a um surto de varíola, e ninguém podia entrar ou sair por três dias. Por coincidência, um dos hóspedes era um hipnotizador que se ofereceu para entreter os colegas até que a quarentena fosse suspensa. Edgar foi um dos hóspedes que concordaram em ser hipnotizados.

Como Herman the Great, o hipnotizador conseguiu pôr Edgar em transe. De novo, ele não teve nenhuma lembrança do que aconteceu, pois perdeu a consciência no instante em que o hipnotizador o pôs "sob". Edgar só soube o que Leslie e os outros hóspedes lhe contaram quando acordou. Segundo eles, o hipnotizador sugeriu que Edgar tocasse piano.

A intenção do hipnotizador era divertir os hóspedes às custas de Edgar. Na melhor das hipóteses, esperava que Edgar tocasse desafinado, mas, mais provavelmente, que martelasse as teclas como uma criança fingindo fazer música. Edgar não só acatou a sugestão do hipnotizador como teria exibido uma habilidade

muito acima do que seria de esperar de um rapaz que nunca tivera uma só aula de piano na vida. Em meio a muitos aplausos, Edgar sentou-se ao banco do piano e começou a tocar belas músicas. O hipnotizador certamente ficou muito impressionado, acreditando que havia ajudado o jovem a descobrir uma habilidade latente. A verdade, porém, era mais espantosa do que o próprio hipnotizador poderia ter imaginado, pois tocar piano com habilidade era apenas um dos muitos extraordinários talentos "latentes" de Edgar Cayce.

Por ora, Edgar não levou o assunto mais adiante. Ganhar a vida e fazer planos para o futuro tinham prioridade em sua mente. Ele podia ficar em Louisville, casar com Margaret e, com toda a probabilidade, tornar-se proprietário e gerente da J. P. Morton Company — ou podia voltar para Gertrude e enfrentar um futuro incerto em Hopkinsville. A necessidade dessa decisão atingiu o ponto de crise no Natal de 1899, quando Edgar voltou para casa em Hopkinsville para as festas, trazendo presentes lindamente embrulhados que Margaret e sua família haviam mandado de Louisville.

Edgar viu que Gertrude se tornara mera sombra do que fora. Sua pele, disse Edgar, estava pálida pela falta de sol, e seu peso caíra para menos de setenta libras. O anel de noivado que ele lhe comprara havia mais de um ano e meio estava tão largo em seu dedo que ele podia facilmente enfiá-lo e tirá-lo. Não há registro da conversa que se seguiu entre os dois. É razoável supor que a conversa se deu na Colina, num de seus momentos a sós no parlatório ou na sala de estar, talvez depois do jantar de Natal e antes das vésperas à luz de velas na igreja. A casa deveria estar

transbordando com os muitos tios e tias que tradicionalmente se reuniam na Colina para cantar canções de Natal e enfeitar a árvore. Ainda assim, a família teria providenciado tempo para que Gertrude ficasse a sós com Edgar. Então, como depois, Edgar teria dado a Gertrude cartões-postais, ou talvez um livro. Gertrude gostava de ambos, e sabe-se que mantinha uma coleção indexada de cartões-postais do mundo inteiro numa caixa de laca chinesa ao lado da cama.

Os sentimentos de Gertrude a respeito do futuro de ambos ficaram evidentes pelo fato de as duas famílias terem intercedido em seu favor para que Edgar — em suas próprias palavras — se mantivesse "fiel à sua promessa". O pai de Edgar ofereceu-lhe um emprego como agente viajante na Woodman of the World, e a mãe de Gertrude, Lizzie, prometeu-lhes um lugar para morar na pitoresca casinha adjacente à Colina, quando enfim se casassem.

É interessante especular o que poderia ter ocorrido se ele tivesse decidido voltar a Louisville, em vez de permanecer em Hopkinsville depois das festas. Num sonho que Edgar teria durante uma leitura em transe em 1941, foi-lhe permitido visitar um grande salão de registros, que abrigava volumes encadernados de eventos registrados, tanto passados como futuros. Os registros não falavam apenas do que fora, mas também do que poderia ter sido. Segundo esse sonho, se não tivesse se casado com Gertrude Evans, ela teria morrido de tuberculose em 1906. E Edgar mesmo teria morrido, em 1914, de uma enfermidade gástrica debilitante. Nada se disse sobre o que teria sido de Margaret.

Como as coisas se passaram, Edgar e Gertrude celebraram a virada do século nos braços um do outro, em meio a uma queima de fogos que deslumbrou toda a Hopkinsville. Apesar de muitas viagens de volta a Louisville nos dias que viriam, Edgar jamais tornaria a ver Margaret. Os registros biográficos em Louisville não fornecem uma só pista do que foi feito dela, embora seja bastante provável que ela tenha se casado mais tarde e prosseguido com seu tão celebrado trabalho para o Christian Endeavor e outros programas de assistência social em Louisville.

---

31. *Tammany Hall*: máquina política democrática de Nova York, célebre pelas práticas clientelistas no fim do séc. XIX e começo do XX. ↩
32. *Glad Helpers*: grupo de voluntárias do Christian Endeavor; o nome reapareceria décadas depois como o de um grupo de oração da A.R.E. (Association for Research and Enlightenment), fundada por Cayce. ↩
33. *Herman the Great*: nome artístico de Alexander Herrmann (1844–1896) ou, mais provavelmente, de um sucessor seu no circuito de variedades. ↩
34. *Odd Fellows*: ordem fraternal secreta de origem inglesa, disseminada nos EUA desde 1819. ↩

8.
Recuperação milagrosa

Aos vinte e três anos, Edgar Cayce dava um ótimo vendedor de seguros quando punha o juízo no trabalho. Como representante de campo do pai na Woodman of the World, empresa sediada em Omaha, Nebraska, tinha memória total de preços e opções de venda e facilmente antecipava o que um possível cliente queria ou precisava. O dinheiro que ganhava vendendo seguros, somado à renda adicional que obtinha vendendo itens pelo correio do catálogo da J. P. Morton, chegava a cerca de US$ 50,00 mensais, o equivalente a aproximadamente US$ 5.000,00 por mês pelos padrões de hoje. O problema, para Edgar, era manter o juízo no negócio. Do início de janeiro até março do ano novo, sofreu de uma série de enxaquecas que o impediam de se concentrar no trabalho e de dormir a noite inteira.

Só em março de 1914, quando Edgar passaria por uma cirurgia de apendicite, é que se descobriria a causa de suas dores de cabeça. Em consequência da lesão no testículo que sofrera quando criança, começara a se formar um coágulo de sangue em sua pelve. Esse coágulo endurecera agora, transformando-se numa lesão que causava dor ao longo da espinha e na cabeça quando ele estava com frio ou sob tensão mental. No inverno de 1900, sofria de ambos.

Como vendedor a serviço do pai, viajava de trem de uma cidade a outra durante os meses mais frios do ano. Além disso, Edgar também sentia muita culpa por haver traído a confiança de Gertrude, bem como o estresse de haver deixado um emprego bem pago e seguro em Louisville pela insegurança de estar em negócio com um sócio pouco confiável, cujas ideias políticas Edgar achava tão desagradáveis quanto o próprio sócio. Sem ciência da causa fisiológica de suas dores de cabeça, Edgar culpava sua própria condição pelo que considerava má conduta sua no último ano e meio. Como revelou em uma de suas tentativas de escrever as próprias memórias, sentia-se "envergonhado" por não ter sido fiel a Gertrude. Acreditava também que não estava tratando o anjo de sua visão de infância da maneira que dele se esperava — pois agora estava aplicando seus talentos concedidos por Deus à venda de seguros de vida. Igualmente perturbador para Edgar: seu pai tinha ideias radicalmente distintas sobre o ramo dos seguros e sobre o bem que podia advir de seus esforços conjuntos. Racista declarado, o pai tomava como ponto de honra e orgulho o fato de que suas apólices eram vendidas "somente a brancos", fazendo disso um dos principais argumentos de venda a seus clientes.

Em conformidade com os preceitos geralmente aceitos da "sociedade educada"[35] no Kentucky da virada do século, era responsabilidade dos membros da "raça pura" zelar para que os *coons* ou *niggers*[36] não ultrapassassem seus limites. Embora Leslie, de fato, fizesse referência em cartas aos negros de Hopkinsville respeitadores da lei, também endossava a prática de levar os "insubmissos" até uma árvore de forca atrás da cadeia da East

Seventh Street. Leslie, aparentemente, não via contradição alguma no fato de que o sustento de gerações dos Cayce dependera da *nigger town* para sua mão de obra rural.

Para Edgar, a noção de que apenas brancos devessem ter seguro era algo que contrariava sua crença fundamental na igualdade e na justiça. Um homem negro salvara Edgar de se afogar quando criança. Sua babá negra curara a infecção do ferimento que ele sofrera nos testículos, algo que os doutores Kenner e Dulin haviam sido incapazes de fazer. E um homem negro fora a primeira pessoa a inspirá-lo a ler a Bíblia. Como fica evidenciado pelos muitos comentários de comerciantes que mais tarde seriam sócios do Cayce mais novo, é claro que Edgar não podia, em boa fé, associar-se a uma empresa cujo estatuto estava fundado na "pureza da raça branca".

Assim, para Edgar, foi "castigo Divino" o que trouxe suas dores de cabeça, e foi "destino" o que resultou no evento que tornou impossível que ele permanecesse no negócio do pai por mais de alguns meses. O incidente que pôs fim à sociedade dos dois ocorreu em 18 de abril de 1900, quando Edgar estava em viagem de negócios em Elkton, cidadezinha a cerca de vinte milhas a leste de Hopkinsville. Havia passado pelo consultório de um médico em busca de um sedativo para aliviar a dor das enxaquecas. O médico deu-lhe um pó branco e lhe disse para dissolvê-lo num copo d'água. Edgar voltou ao hotel e tomou a droga. Quando acordou, estava deitado na cama da casa dos pais em Hopkinsville, sendo tratado pelo Dr. Jackson e seu associado, Dr. A. C. Hill. Os dois médicos estavam bastante preocupados com o paciente, pois Edgar fora encontrado vagando pela estação

ferroviária de Elkton por Ross Rogers, velho amigo da família Cayce. Segundo Rogers, Edgar estivera se comportando de modo estranho na estação, bem como, segundo relatos, se comportara quando fora atingido na espinha por uma bola de beisebol anos antes.

Os médicos não sabiam como tratá-lo, a não ser pô-lo na cama. Ficaram agradavelmente surpresos quando ele acordou na manhã seguinte e parecia estar bem. Havia apenas um problema: Edgar só conseguia falar num sussurro. Os dois médicos não se preocuparam nesse momento, pois acreditavam ser apenas uma condição temporária, resultante de um choque ao sistema por causa do sedativo demasiado forte. Isso ou ele teria pegado um resfriado ao vagar por Elkton sem casaco nem chapéu. Deram-lhe uma solução para gargarejar e disseram-lhe que sua voz logo melhoraria. Gertrude dedicou-se a vê-lo recuperado.

Mas a voz de Edgar não melhorou. Passaram-se dias, depois semanas e, por fim, meses. A voz dele parecia apenas piorar. Um especialista da garganta, o Dr. Manning Brown, examinou-o e declarou que sofria de *ophonia* ou laringite, e acreditava que se curaria sozinha. Margaret, de volta a Louisville, soube da condição de Edgar e pagou para que um especialista europeu visitasse Hopkinsville para examiná-lo. Mas isso apenas agravou sua condição. Ele ainda só conseguia falar nos sussurros mais tênues, e ao cabo de três meses estava convencido de que jamais tornaria a falar normalmente. Nem a paciência de Gertrude nem o chá aromático que sua mãe preparava com ervas do jardim traziam auxílio.

Edgar Cayce acreditava que sua vida estava em ruínas. Certamente não podia vender seguros, nem voltar ao seu emprego na J. P. Morton Company em Louisville. Tampouco parecia haver sentido em continuar seu noivado com Gertrude. Num momento de autocomiseração e desprezo por si mesmo, suplicou que ela o desobrigasse do compromisso, dizendo que ela merecia de um marido mais do que ele jamais poderia oferecer.

Gertrude não cogitou desfazer o noivado. Seu amor por ele parecia incondicional e permaneceria tão inabalável durante essa crise quanto seria nos desafios ainda maiores que se avizinhavam. "Ela era a sua força e vontade de seguir em frente", disse um amigo próximo da família. "Ela não o abandonou, quando ele teria preferido que ela o fizesse, e quando ela tinha toda a razão para querer fazê-lo."

A situação na casa dos Cayce foi complicada pelo fato de que, sem Edgar para vender apólices, o negócio de seguros do pai estava fracassando. Leslie passava cada vez mais tempo na estrada na esperança de melhorar a situação, mas parece ter perdido mais dinheiro do que ganhou. Numa carta aos credores, pôs a culpa justamente em "alguns membros" da sua família que estavam "doentes". A falta de renda forçou a família a se mudar para uma casa menor na Jessup Street, e depois para uma terceira casa alugada na Seventh Street, que a mãe de Edgar, Carrie, transformou em pensão. Para ajudar a equilibrar as contas, Annie e Mary, duas das irmãs de Edgar, abandonaram a escola e arranjaram emprego fazendo chapéus na J. H. Anderson Department Store. William R. Bowles, amigo dos irmãos Hopper, trouxe algum alívio temporário a Edgar ao empregá-lo como

aprendiz em um dos únicos estúdios fotográficos de Hopkinsville, situado no andar de cima da Coleman's Shoe Store, na esquina da East Ninth com a Virginia Street.

É irônico, dada a posterior carreira de Edgar Cayce como fotógrafo, e sua habilidade em produzir fotografias de qualidade museológica, que não tenha se adaptado de imediato ao emprego com Bowles. Não exibia nada do entusiasmo que tivera ao começar como balconista na Hopper Brothers Bookstore, ou da alegria infantil com que vendera seu primeiro par de sapatos na loja de departamentos. Em suas memórias inacabadas, tudo o que disse sobre seu aprendizado foi que ele lhe permitia concentrar-se em algo além de si mesmo, de Gertrude e de sua saúde persistentemente ruim.

Sob a direção de Bowles, Edgar aprendeu a revelar em diferentes tipos de filme e reviveu algumas das habilidades que adquirira na livraria dos Hopper, montando molduras para exibir as fotografias acabadas. O emprego pagava pouco, mas lhe proporcionava uma renda modesta exigindo um mínimo de comunicação. Em junho de 1900, como parte de seu estágio com Bowles, Edgar, aos vinte e três anos, foi mandado a Louisville para fazer um breve curso sobre os rudimentos da fotografia no Bryant and Stratton Business College. A nova profissão em que caíra revelou-se excelente, pois a fotografia era um dos negócios que mais cresciam no país, e, com poucas câmeras portáteis no mercado, estúdios como o que Bowles operava tinham grande procura.

Edgar firmou reputação desde o início da carreira. Embora viesse a ser conhecido por seus retratos de estúdio, cobriu também

inúmeros eventos locais, incluindo a chegada de Theodore Roosevelt, candidato republicano à vice-presidência, ao Union Tabernacle, em 13 de outubro de 1900. Edgar juntou-se entusiasmado a uma grande multidão para ver Roosevelt — todo dentes e sorrisos, usando o seu famoso chapéu de *Rough Rider* — sair da carruagem que o levara da estação ferroviária até o Hotel Latham. Edgar fotografou Roosevelt descendo da carruagem. Na foto, imediatamente à esquerda de Roosevelt, de costas para a câmera, está um jovem que muito possivelmente era o próprio Will Starling, de Hopkinsville, que se juntara a Roosevelt no cerco de San Juan Hill.

A essa altura, praticamente todo mundo na cidade sabia da condição de Edgar. Amigos instaram Cayce a consultar Stanley Hart, *"The Laugh King"*, quando este visitasse Hopkinsville novamente. Embora Hart tivesse tentado sem sucesso pôr Edgar em transe anteriormente, estava disposto a tentar de novo. Quando ouviu falar da condição de Edgar, teve certeza de que poderia promover uma cura e sem dúvida se agradou da perspectiva de fazê-lo no palco, diante de uma plateia pagante.

Na noite de sua primeira apresentação, Hart convidou Edgar a subir ao palco da opulenta casa de ópera. As ribaltas a óleo foram reduzidas. Hart, caro em seu traje a rigor preto, postou-se diretamente diante de Edgar, mandando-o concentrar-se num objeto — muito provavelmente um anel ou relógio de bolso — que balançava diante dos olhos de Edgar. Ao contrário da tentativa anterior, Edgar entrou em transe com facilidade.

Não há registro das palavras que Edgar pronunciou, mas, desde o instante em que abriu a boca, o sussurro havia desaparecido. A

plateia arquejou e, em seguida, pôs-se a aplaudir. Todo mundo na cidade ouvira a história de como ele perdera a voz e agora saudava Hart por sua mágica. Sem dúvida Gertrude, junto com Hugh e Lynn, estava entre a multidão que aplaudia. Logo, porém, um problema se evidenciou. Tão logo Edgar se viu livre da sugestão hipnótica de Hart, sua voz voltou a ser um sussurro tênue, a despeito das instruções de Hart em contrário.

Nos bastidores, após a apresentação, Hart explicou o que achava ter ocorrido: Edgar não conseguia ultrapassar o "terceiro estágio" da hipnose e, portanto, não podia acolher "sugestões pós-hipnóticas". Hart concluiu que o problema não era a força das suas sugestões, mas a incapacidade de Edgar de descer fundo o suficiente no transe para efetivar a cura. Hart, porém, tinha certeza de que podia tornar a cura permanente e prometeu que, por US$ 200,00, tentaria até conseguir. Edgar concordou, embora não estivesse claro como ele ou sua família reuniriam os US$ 200,00. É razoável concluir que os editores do *Kentucky New Era*, o maior jornal de Hopkinsville, concordaram em contribuir com essa quantia, pois consta que Hart se encontrou com Edgar e com o editor-proprietário antes de se recolherem ao consultório de Manning Brown, o especialista da garganta de Hopkinsville que antes examinara Edgar, e que agora concordou em examinar Cayce antes e depois da sessão hipnótica.

Conforme prometido, Hart rapidamente pôs Edgar em transe. De novo, Edgar começou a falar com voz normal. Mas, tão logo Hart deu a ordem para que o paciente acordasse, Edgar só conseguia falar em sussurros. Como se revelaria depois, a avaliação de Hart sobre a condição de Edgar estava correta no que dizia respeito à

sua laringite — embora fisiologicamente desencadeada, fora prolongada pelas dúvidas psicossomáticas de Edgar sobre si mesmo e sobre o seu propósito na vida. Hart, porém, não compreendeu quão "especial" era o seu paciente. A verdade é que Edgar de fato conseguia entrar em transe profundo. Ele conseguia entrar, aliás, num transe talvez mais profundo do que o de qualquer outro paciente com quem Hart já trabalhara.

Frustrado, Hart embarcou num trem e prosseguiu sua turnê em outras cidades. Ainda que não tivesse conseguido ajudar Edgar, propiciara uma percepção importante, que mais tarde seria usada para restituir-lhe a voz. O hipnotismo de fato tinha sobre Edgar Cayce um efeito estranho e poderoso. O que exatamente, Hart não sabia — mas sabia, pelos relatos de transes hipnóticos prévios por que Edgar passara em Louisville e Madisonville, que seu paciente era capaz de fazer coisas extraordinárias em estado de transe. Hipnotizar Edgar parecia trazer à tona um poder de algum modo relacionado com sua capacidade de "ler" livros fechados enquanto dormia ou de localizar objetos perdidos.

Havia, é claro, muita conversa sobre o tema na Colina. Um antigo professor de Gertrude, o Dr. William Girao, que lecionava alemão e psicologia no South Kentucky College, assistira à demonstração no Holland Opera House e ficara fascinado com o fenômeno. Homem baixo, de grandes olhos fundos e bigode, interessava-se tão intensamente pela pesquisa clínica quanto por fazer nome para si mesmo. Assim, a "condição" de Edgar era um desafio que ele não poderia deixar passar.

Não existem registros que indiquem o possível papel, se houve algum, que Gertrude possa ter desempenhado na entrada de

Girao na história dos Cayce, mas é lógico supor que seu desejo de ver Edgar curado suplantou o medo de que ele estivesse sendo tratado como cobaia, e não como paciente, e que ela bem pode ter encorajado Girao a se envolver. Nos dias que viriam, quando Girao começasse a conceder entrevistas à imprensa e, em seguida, fizesse com que Edgar fosse hipnotizado em exibição na vitrine de uma funerária de Hopkinsville, a opinião de Gertrude sobre Girao mudaria.

Depois de conversas com Edgar e sua família, Girao mandou recortes de jornal sobre Edgar, juntamente com suas observações pessoais sobre o caso, a um médico em Nova York, infelizmente chamado John D. Quackenboss. Hipnoterapeuta de ponta e ardoroso crente de que toda doença podia ser curada dirigindo-se a mente inconsciente do paciente a curar o corpo, Quackenboss interessou-se especialmente pelo caso de Edgar e pediu mais detalhes. Girao os forneceu. Para grande surpresa de Edgar, que não fora informado do interesse de Quackenboss em seu caso, o eminente hipnoterapeuta chegou de trem a Hopkinsville, determinado a ter sucesso onde Hart fracassara. Mas, ao contrário de Hart e Girao, interessavam-lhe mais as implicações médicas do fenômeno do que a realização de uma apresentação ou a cobrança de uma recompensa.

Quackenboss, dizem, era um homem de movimentos rápidos e feições agudas, com uma atitude benevolente para com o paciente. Fez muitas perguntas penetrantes, escutou o relato de Leslie sobre as experiências da infância de Edgar e tomou notas copiosas de tudo o que via e ouvia. Edgar foi levado de volta ao consultório do Dr. Brown, onde Quackenboss conseguiu

rapidamente pô-lo em transe. Mas pôr Edgar em transe era muito mais fácil do que lhe restituir a voz. Quackenboss não teve mais sucesso do que Hart. Hipnotizado, Edgar falava normalmente. Acordado, só conseguia sussurrar.

Sem querer desistir, Quackenboss decidiu tentar um tipo diferente de experimento. Em transe, pediu a Edgar que se pusesse a dormir por vinte e quatro horas. Para surpresa de todos, Edgar acatou a sugestão de modo bastante literal, tal como antes fizera na Colina quando Gertrude lhe dissera para dormir. Adormeceu instantaneamente e não pôde ser despertado por exatas vinte e quatro horas — com precisão de minuto. Ainda que o experimento fosse visto como mais um fracasso — Edgar estava de novo sem voz quando despertou — , outra constatação importante fora obtida. Sob o transe, Edgar podia e iria fazer exatamente o que lhe fosse dito.

Como Hart antes dele, Quackenboss desistiu e voltou para casa. Girao, no entanto, continuava intrigado. Estudou Edgar com afinco. Os experimentos o haviam convencido de que a hipnose ainda era a solução para os problemas de Edgar — bastava dar-lhe as sugestões certas. O problema, acreditava Girao, estava em encontrar a combinação certa de sugestões. Irredutível em sua decisão de prosseguir com os experimentos, recrutou a ajuda de Al Layne, o único sujeito que conhecia em Hopkinsville com algum treinamento em hipnose, e que já ouvira falar de Edgar pela esposa, que empregava Annie Cayce na J. H. Anderson Department Store.

Homem de meia-idade acometido de desnutrição crônica, Layne passara a se interessar pela hipnose e pela osteopatia como meio

de melhorar a própria saúde. Quando Edgar o conheceu, Layne estava no fim dos trinta anos, tinha um bigode grisalho rebuscado e uma calvície acentuada no alto da cabeça. Era um homem delicado, que pesava menos de cento e vinte libras, em contraste com a esposa, Ada, mulher pesada, de busto amplo e compleição robusta.

Como Hart, Layne era parte de uma onda crescente de interesse público pelo que hoje se poderia considerar medicina alternativa. Ao contrário de Hart, porém, não se interessava pelos aspectos de entretenimento do alegado poder da hipnose de controlar o comportamento e curar doenças. Via a hipnose apenas como um aspecto de um tratamento médico que incluía também a osteopatia — a ciência de manipular ou realinhar vértebras humanas e outras estruturas ósseas para permitir que o corpo se autocure — e a homeopatia, sistema de tratamento baseado no uso de remédios naturais que, em doses mínimas, produzem sintomas semelhantes aos da doença tratada, disparando assim a resposta imune do próprio corpo. Layne, como o professor Girao, era ardoroso crente num lema popular da época: "Cada homem, seu próprio médico."

Layne e Girao não estavam, de modo algum, isolados em seu pensamento. Em 1900, ano em que Layne aprendeu osteopatia por meio de um curso por correspondência, havia vinte e duas escolas de medicina homeopática nos Estados Unidos, e mais de quinze mil homeopatas em atividade pelo país. A American School of Osteopathy tinha oito anos, e a primeira faculdade de "naturopatia" estava, naquele exato momento, sendo fundada. Embora Layne se intitulasse "doutor", na realidade não possuía

mais do que um diploma por correspondência e, até então, não tivera muito sucesso em nenhuma das duas atividades paralelas que escolhera.

Ao longo do mês de fevereiro e do início de março de 1901, Layne e Girao não tiveram dificuldade em pôr Edgar em transe, ocasião em que ele falava em voz normal. Foi nesse período, em meio aos vários experimentos hipnóticos conduzidos por Girao e Layne, que Edgar foi exibido na vitrine de uma funerária, na esquina da Eighth com a Main. Gertrude bem pode ter sido quem deu um basta a essa demonstração pública. Em muitos sentidos, porém, o estrago já estava feito. Edgar agora tinha a duvidosa distinção de, no mesmo ano, haver sido o centro das atenções no palco do Holland Opera House e um objeto de exibição na funerária local. Gertrude bem podia imaginar que o circo viria a seguir.

Apesar dos muitos experimentos, e do interesse que a exibição na funerária possa ter gerado, os resultados eram os mesmos. Tão logo Edgar saía do transe, a laringite voltava. A única novidade a respeito desses experimentos era que Edgar se mostrava mais falante no estado de transe quando Layne o colocava "sob" do que com hipnotizadores anteriores. Além de conseguir que Edgar fizesse praticamente qualquer coisa que lhe pedia, Layne conseguia, pelo que consta, manter longas conversas com Edgar. Edgar só parava de falar quando lhe era feita a sugestão de aprofundar o transe, momento em que a comunicação cessava por inteiro.

Layne pôs as várias descobertas suas e de Girao em outra carta a Quackenboss. Em correspondência de volta, Quackenboss observou uma tendência similar a respeito de Edgar: uma

disposição em fazer o que se lhe dissesse. Em certo ponto do processo de pôr Edgar em transe, havia um momento em que o eu inconsciente de Edgar parecia "assumir o comando". Talvez, sugeriu Quackenboss, Layne devesse colocar Edgar "sob" e perguntar ao seu eu inconsciente o que ele achava que devia ser feito para restaurar-lhe a voz.

Layne decidiu tentar. A mãe e o pai de Edgar a princípio relutaram em deixar o filho submeter-se a outro experimento. Suas razões eram óbvias. O peso de Edgar caíra de cento e sessenta e cinco para meras oitenta e cinco libras, e, por sua própria admissão, ele era um "caco de nervos". A família estava cansada da hipnose constante sem resultados. Entrementes, Gertrude não parecia estar em melhor saúde. Embora tivesse a voz, continuava abaixo do peso e raramente saía à rua, nem mesmo para assistir às sessões hipnóticas de Edgar com Girao e Layne. Sem dúvida, arrependia-se de ter dado a bênção para que seu futuro marido subisse ao palco do Holland Opera House.

Layne suplicou por mais uma chance. Edgar estava disposto a continuar os experimentos e, num bilhete breve, pediu aos pais que dessem a Layne a permissão. É provável que tenha escrito um bilhete semelhante a Gertrude. Bilhetes eram agora necessários, pois o seu sussurro se tornara tão doloroso que ele não conseguia dizer mais do que algumas palavras de cada vez. Junto com a Bíblia, passou a carregar lápis e papel. A contragosto, os pais concordaram. Leslie, Carrie, Edgar e Layne reuniram-se na casa dos Cayce no domingo, 31 de março de 1901, à tarde. Edgar deitou-se no sofá da família, um divã de crina de cavalo que fora parte do enxoval de casamento da avó. Leslie sentou-se

numa cadeira perto do sofá. Carrie ficou de pé ao lado de Layne. Edgar, de costas, começou a pôr-se em transe, como aprendera a fazer depois de tantas sessões hipnóticas anteriores. Layne fez sua primeira sugestão justamente no momento em que Edgar parecia entrar "sob".

Jamais se fez transcrição exata do que se passou, mas, com base em leituras posteriores, em anotações feitas por Leslie e nas lembranças de Carrie, a sessão começou com Layne dizendo: "Você está agora dormindo e poderá nos dizer o que queremos saber. Você tem diante de si o corpo de Edgar Cayce. Descreva sua condição e diga-nos o que há de errado." Edgar começou a resmungar, depois limpou a garganta e falou. "Sim", disse. "Podemos ver o corpo."

Layne disse ao pai de Edgar que anotasse o que estava sendo dito. Leslie, empolgado demais com o que estava acontecendo para se dar conta de que o filho tinha papel e lápis no bolso do paletó, correu à cozinha e pegou o lápis que estava amarrado à lista de compras. Mesmo assim, estava transtornado demais com o que ocorria para anotar qualquer coisa coerente no papel. O relato posterior do que foi dito é reconstituído das lembranças de Layne e da família Cayce.

"No estado físico normal", disse Edgar, "este corpo é incapaz de falar em razão de paralisia parcial dos músculos inferiores das cordas vocais, produzida por tensão nervosa. Trata-se de uma condição psicológica que produz um efeito físico, e pode ser removida aumentando-se a circulação para as partes afetadas por meio de sugestão, enquanto neste estado inconsciente. É a única coisa que o fará. A sugestão ao corpo força a circulação a

percorrê-lo aqui, e, ao passar, vai retirando aquilo, põe nova vida no lugar, faz com que o suprimento chegue à força nervosa — compreendem?"

Layne, curioso por ver Edgar dirigir-se a si mesmo na terceira pessoa, e fazê-lo num tom incomum, quase conversacional, formulou-lhe outra ordem. "Aumente a circulação para as partes afetadas."

Edgar respondeu: "A circulação está começando a aumentar. Está aumentando."

Leslie, Layne e Carrie inclinaram-se para olhar Edgar. Tal como o Cayce "adormecido" dissera, a circulação para a garganta efetivamente pareceu aumentar. Podiam ver o pescoço começar a inchar de sangue, a ponto de Leslie se sentir compelido a se inclinar e desabotoar o colarinho da camisa do filho. A parte superior do tórax e depois a garganta foram lentamente se tornando rosadas. O rosa se aprofundou em rosa-escuro, depois em vermelho-vivo. Passaram-se vinte minutos antes que ele pigarreasse e tornasse a falar. "Agora está bem", disse Cayce, ainda em transe. "A condição foi removida. As cordas vocais estão agora perfeitamente normais. Façam a sugestão de que a circulação volte ao normal, e que, depois disso, o corpo desperte."

Layne fez o que Cayce lhe instruíra. "A circulação voltará ao normal", disse Layne. "Depois disso, o corpo despertará."

Viram o vermelho ao redor do pescoço de Edgar recuar ao rosa-escuro, e depois ao rosa. Edgar acordou alguns minutos depois, sentou-se, estendeu a mão para pegar o lenço, tossiu e cuspiu sangue. O sangue que saiu não foi uma gota ou duas, mas o

suficiente para encharcar o fino tecido de algodão, deixando-o tinto de um vermelho cereja.
"Alô", disse, em voz clara. "Olha, eu consigo falar!", exclamou Edgar, rindo.
Todos na sala ficaram bastante comovidos com a experiência. A mãe de Edgar derramou-se em lágrimas. O pai não conseguia se conter, apertando vigorosamente a mão de Layne e repetindo: "Bravo, rapaz! Bravo, rapaz! Bravo, rapaz!"
As irmãs de Edgar, Annie e Mary, que haviam escutado pelo buraco da fechadura, também acharam a "experiência do irmão", como a chamaram, "muito empolgante!".
Edgar estava eufórico. Queria que lhe contassem e recontassem cada detalhe do que ocorrera. Queria saber exatamente o que havia sido dito, quem dissera o quê e como ele estivera quando Layne lhe disse para aumentar a circulação no pescoço e o pai tivera de desabotoar-lhe o colarinho. O lenço manchado de sangue era prova de quão notável fora a cura.
Assim começou e terminou a primeira leitura em transe documentada de Cayce. A "porta", como a capacidade psíquica de Cayce seria mais tarde descrita, havia-se aberto. E, uma vez aberta, não se poderia mais fechá-la com facilidade.

---

35. As aspas em *"sociedade educada"*, *"raça pura"*, *"somente a brancos"*, *"insubmissos"* sinalizam o distanciamento crítico do autor diante da ideologia racista que descreve. ↩
36. *Coons*, *niggers*, *nigger town*: termos depreciativos da linguagem racista sulista da virada do séc. XX, citados

pelo autor para documentar a mentalidade de Leslie Cayce. *Nigger town* designava os bairros pobres de população negra nas cidades segregadas do Sul. ↩

PARTE III



DIAGNOSTA PSÍQUICO

9.
Uma criança em aflição

A recuperação de Edgar Cayce fora espetacular, mas a sua cura ainda não estava completa. Aproximadamente uma vez por mês, ao longo do ano seguinte, sua voz voltava a ser um sussurro, o que tornava necessários novos tratamentos por Layne. Ao longo desses tratamentos, foi natural que se fizessem mais experimentos. "Se você consegue fazer isto por si mesmo", disse Layne, "não vejo razão pela qual não possa fazê-lo pelos outros."

Layne tornou-se o primeiro paciente. Sofria de uma condição gastrointestinal debilitante havia mais de uma década, que lhe causava uma inflamação irritante no nariz e na garganta. Edgar estava cético quanto a poder fazer algo a respeito da condição de Layne, mas dispôs-se a tentar.

Edgar entrou em transe exatamente como fizera antes e respondeu perguntas sobre Layne com a mesma prontidão e facilidade com que respondera a seu próprio respeito. O que mais surpreendeu Layne foi que Cayce — em transe — falou sobre a condição dele com a mesma confiança e conhecimento de um médico que houvesse estudado aquele caso particular por anos. Também interessante foi o fato de que Cayce não se lembraria de nada do que dissera em transe até que Layne o informasse depois. Layne mostrou a Edgar a lista detalhada dos exercícios de

alongamento e dos vários medicamentos que ele havia recomendado. E, de fato, era aparentemente exatamente o que Layne precisava: os sintomas de sua enfermidade desapareceram logo que pôs em prática o tratamento recomendado.

Não demorou para que todos em Hopkinsville estivessem comentando como a voz de Edgar voltara ao normal e como os problemas de estômago de Layne haviam sido diagnosticados e curados. Algumas almas corajosas — a maioria delas amigos pessoais — começaram a procurá-los em busca de ajuda. Florence Cayce, prima em primeiro grau de Edgar cuja doença era descrita apenas como "doença de mulher", foi uma das primeiras pacientes. Outro foi um dos futuros parentes de Edgar por casamento, William Salter, estrela do Hopkinsville Moguls, a quem Edgar diagnosticou uma doença renal complexa. O médico de Salter, Thomas House, que então ainda morava em Springfield, recebeu o diagnóstico, mas só muito depois foi informado de como o diagnóstico fora obtido ou de quem o fornecera. Consta que ambos os pacientes ficaram completamente curados ao aplicarem os tratamentos que Cayce recomendou.

Teve assim início um arranjo informal entre Edgar Cayce e Al Layne. Layne montou um pequeno escritório no andar de cima da chapelaria da esposa, contendo pouco mais do que uma mesa, um catre e alguns arquivos. Layne cuidava de todo o expediente e agendava as consultas, e Edgar passava por lá uma ou duas vezes por semana para que Layne o hipnotizasse. Uma estenógrafa, a Srta. Addie P'Pool, era ocasionalmente chamada a juntar-se a eles para tomar um registro escrito do que se passava. Os casos que ela registrou eram tão variados quanto os tratamentos prescritos.

Das cerca de oitenta ou mais leituras em transe que Layne conduziu durante o primeiro ano dessa parceria informal, quase todas envolviam problemas médicos. Isso não é sabido com certeza, pois Addie P'Pool, sem consciência do valor de longo prazo das leituras, destruiu-as depois de deixar o emprego com Edgar. Tudo o que existe são as lembranças dos presentes, que em sua maioria eram o próprio Layne, às vezes Leslie, e quem quer que por acaso estivesse na chapelaria no momento em que as leituras se davam.

Que Cayce pudesse aparentemente diagnosticar doenças veio como menos surpresa para Layne do que para o próprio Edgar, pois Layne era grande crente no poder do hipnotismo e, por meio de seu curso por correspondência, lera a respeito do Marquês de Puységur[37], o polêmico médico francês que primeiro experimentou com o hipnotismo no fim do século XVIII. O paciente mais famoso de Puységur, Victor, um camponês de outra forma analfabeto, teria demonstrado inteligência notável e aparentes poderes de clarividência quando hipnotizado. Layne pode também ter lido relatos sobre Andrew Jackson Davis[38], filho de um sapateiro de Poughkeepsie, estado de Nova York, que ganhou reputação internacional diagnosticando doenças de modo muito semelhante ao que Edgar Cayce fazia em Hopkinsville.

Layne não conduziu estudos científicos sobre o que acontecia quando Cayce entrava em transe, mas, por tentativa e erro, fez algumas observações interessantes. Cayce tinha dificuldade em entrar em transe depois de haver comido. Não parecia conseguir se concentrar de estômago cheio, e, se por acaso conseguia pôr-se em estado de transe, invariavelmente acordava com um mau caso

de indigestão. Layne também aprendeu que os pacientes que recebiam leituras em transe não precisavam necessariamente estar na mesma sala ou mesmo no mesmo condado que Cayce para que ele fizesse um diagnóstico. Cayce — em transe — só precisava ser informado de onde estava o paciente no momento da leitura, e, às vezes, mesmo isso não era necessário. Num caso bastante comentado, Cayce disse que o paciente que lhe pediam para diagnosticar ainda não havia chegado em casa, mas se demorara conversando com um amigo — algo que depois se confirmou ser verdade. Em outra leitura, disse que a paciente não estava na casa de fazenda em que o marido dissera que ela estaria. O marido, que estava ao lado de Layne enquanto a leitura se realizava, interrompeu Cayce dizendo, em suma: "Ela tem que estar por aí em algum lugar." Nesse ponto da leitura, Cayce hesitou, como se buscasse mentalmente pela esposa do homem, depois disse: "Sim, ela está na adega."

Layne era de opinião que quem fazia o diagnóstico era o próprio Edgar Cayce, ou, talvez mais precisamente, o "eu superior"[39] de Edgar. Experimentos posteriores não corroborariam inteiramente essa conclusão, e sugeririam, antes, que não era apenas o eu superior de Edgar que fazia o diagnóstico, e sim que o eu superior era o condutor ou canal para algo ou alguém mais. A Fonte, como Layne passou a chamar o eu superior de Edgar, usava linguagem que não era do vocabulário corrente de Edgar e parecia ter personalidade e senso de humor próprios. Em dado momento durante uma leitura em transe, consta que a Fonte comentou o mau comportamento do bichinho de estimação de um paciente, e em outra ocasião fez uma pausa para mencionar a

bela vista da janela da paciente e o fato — mais tarde corroborado pela paciente — de que um galo cantava no quintal.

Um caso frequentemente comentado foi o da filha de um médico de Hopkinsville que não conseguia respirar adequadamente. Ela fora examinada por vários médicos e radiografada no hospital, mas ninguém conseguira determinar a causa do problema. Layne apresentou a questão a Cayce, que, em transe, disse que um pequeno botão de colarinho se alojara na garganta da menina. Prosseguiu explicando com precisão o ponto em que o botão poderia ser encontrado na traqueia. De fato, os médicos localizaram o botão. Ele não aparecera nas radiografias porque era feito de celuloide.

Um farmacêutico de Hopkinsville também foi um paciente dos primeiros tempos. Havia dois anos vinha emagrecendo continuamente, enquanto os médicos em vão tentavam ajudá-lo. Em transe, Cayce recomendou que o farmacêutico tomasse uma grande quantidade de suco de cebola por dia. Ouvida a leitura, o farmacêutico declarou categoricamente que nunca comia cebolas, que não gostava delas, e que não beberia suco de cebola. Conforme um relato de Leslie, que conhecia o paciente, a saúde do farmacêutico continuou a declinar. Por fim, persuadido pela família e pelos amigos, e pelo médico que o tratava, o farmacêutico iniciou o tratamento recomendado, e seu quadro melhorou rapidamente.

O caso de um inválido de Nashville também se revelou bastante elucidativo. Ajuda foi solicitada pelo filho dele, e a leitura foi conduzida diante de vários médicos e farmacêuticos locais. Ao fim da leitura, o farmacêutico disse que a receita não podia ser

preparada porque os fármacos não se combinavam. O rapaz, que dissera que a leitura descrevia com precisão a condição do pai, ficou abatido e partiu para a estação de trem para voltar para casa. Não foi este, contudo, o fim da história. Intrigado pela leitura, um dos farmacêuticos decidiu que tentaria preparar o remédio mesmo assim. Naquele mesmo dia voltou ao escritório de Layne para dizer que a composição era, sim, possível e que, além disso, sua pesquisa em livros de medicina continha referências àquela combinação particular de fármacos, dando-a como um excelente tratamento para a condição que Cayce havia diagnosticado. O farmacêutico encontrou o rapaz na estação de trem e lhe deu a boa notícia. O rapaz voltou a Nashville e deu a medicação ao pai. Tal como a leitura sugerira, o homem ficou bem.

O primeiro exemplo conhecido de Cayce a diagnosticar doenças a longa distância foi o caso de Bill Andrews, de Nova York, que era o diretor-gerente da Mechanicsburg Railroad. Ele ouvira falar de Edgar Cayce por meio de hipnotizadores nova-iorquinos com quem Layne vinha se correspondendo, e que estavam tão entusiasmados quanto Layne com as possibilidades médicas do fenômeno Cayce. Por causa do alto perfil do paciente, contratou-se uma estenógrafa para tomar a leitura, que foi conduzida no escritório de Layne na chapelaria. Cayce diagnosticou um distúrbio estomacal e prescreveu *"clarawater"*. Embora Layne nunca tivesse ouvido falar de *clarawater*, supôs tratar-se de um produto comercial facilmente disponível, à semelhança dos muitos outros remédios e pomadas que Cayce prescrevera.

Andrews escreveu de Nova York dizendo que o diagnóstico concordava em todos os pontos com o dos médicos que ele consultara e que pretendia seguir o tratamento conforme descrito. Não conseguira encontrar uma farmácia que vendesse *clarawater*, mas estava pondo anúncios no *Journal of American Medicine*. Acabou escrevendo a Layne uma segunda carta dizendo que ainda não conseguira encontrar *clarawater*.

Edgar Cayce entrou novamente em transe. Desta vez, forneceu a Andrews a receita. Ele deveria usar água destilada como base, na qual dissolveria sálvia de jardim, âmbar-gris, álcool de cereais, xarope, canela e gim Gordon's. Mal fora enviada a receita a Andrews, o empresário nova-iorquino escrevera de volta dizendo que recebera no mesmo correio uma carta de Paris, de um leitor do periódico médico, que dizia que o pai dele havia fabricado e vendido um produto do mesmo nome cinquenta anos antes. Anexava a fórmula do pai para que Andrews a pudesse fazer ele mesmo. Era idêntica à fórmula que Layne obtivera na leitura.

Mais ou menos na mesma época em que Andrews lhes escreveu pela primeira vez, amigos de Layne fizeram uma viagem à França para ver a Exposição de Paris[40]. Entre eles havia dois dos mais ferrenhos críticos de Edgar Cayce. Como teste, Layne pediu-lhes que mantivessem um registro escrito de suas atividades durante a exposição. No retorno deles, Layne solicitou uma sessão de transe para descrever o itinerário. Layne então tomou a leitura e relatou aos amigos que, em determinado dia e hora, eles haviam visitado o Palácio das Artes na exposição e admirado determinados quadros, que descreveu em detalhes. Muito mais impressionante — e bastante constrangedor para os viajantes de Paris — Layne

passou a expor o relato de Cayce sobre os detalhes de uma noite em que eles visitaram um espetáculo de *striptease*.

O sucesso dessa leitura levou outro homem a procurar Edgar Cayce em busca de ajuda — dessa vez para localizar um tesouro escondido. A leitura de Cayce encerrou-se tão abruptamente quanto começou. Disse ele: "Esta terra e este tesouro não lhe pertencem, e não seria correto fornecer-lhe a informação." Outra leitura não médica foi conduzida quando um amigo de Layne procurou Cayce com um anúncio que recortara de um jornal, solicitando informações sobre o paradeiro da esposa desaparecida de um magnata do aço de Pittsburgh. Oferecia-se uma recompensa considerável pela informação, mas se estipulava que a mulher não deveria ser presa nem detida.

Em transe, Cayce forneceu o endereço do hotel onde a mulher estava hospedada. Juntamente com essa informação veio o endereço da casa que ela abandonara e da estação em que embarcara num trem para chegar ao hotel. A mulher foi descrita em detalhes: Cayce falou do peso, da altura, da cor do cabelo e dos olhos, de uma marca de nascença e de outras marcas e cicatrizes físicas no corpo. O amigo de Layne telegrafou ao marido com a informação. Recebeu como resposta um telegrama dizendo que um detetive particular chegaria em breve a Hopkinsville para saber como Cayce poderia ter tido informações tão detalhadas sobre a anatomia da mulher. O detetive chegou e Cayce deu outra leitura, dessa vez rastreando a mulher de seu hotel original até ainda outro. A mulher foi finalmente encontrada nesse último.

Dado que Layne vinha conduzindo dez ou mais leituras em transe por mês, é irônico o quão pouco conhecimento direto Edgar, em estado de vigília, tinha a respeito delas. Layne conduzia a maioria das leituras em particular, e, em geral, Edgar só sabia o que Layne tinha o tempo de lhe contar — o que em geral não era muito. Tampouco Gertrude ou a mãe de Edgar tinham ciência de quantas ou que tipo de leituras estavam sendo dadas. Só se pode presumir, pelos registros, que era assim que Edgar queria, pois ele claramente considerava todo esse negócio de "experimentar" com as leituras desagradável, e admitiu em sua correspondência que na verdade se sentia "envergonhado" delas, achando que não era ocupação de pessoa digna. Não se importava com um experimento ocasional ou outro, mas não gostava do tipo de atenção que estava recebendo.

Foi por essa razão, e com a bênção de Gertrude, que aproveitou cada oportunidade que pôde para deixar Hopkinsville, primeiro como fotógrafo itinerante para Bowles, depois como fotógrafo de estúdio em Bowling Green, onde acabaria passando os oito anos seguintes. Já então — meses antes de a notícia de seus supostos talentos se espalhar além de Hopkinsville e do condado de Christian — ele procurava afastar a si e a Gertrude do escrutínio público que sabia resultar de seu trabalho com Layne.

A primeira missão de Edgar como fotógrafo itinerante levou-o a Pembroke, cidade a cerca de dez milhas a sudeste de Hopkinsville. Edgar passou três dias ali montando um estúdio provisório no salão dos fundos de um espaço alugado perto da Igreja Batista. Bowles fornecia o equipamento e ajudava Edgar a marcar compromissos antecipados — na maioria, retratos

escolares e de família. Muitas dessas fotografias iniciais ainda existem e constituem o trabalho mais antigo do homem que logo seria reconhecido como o melhor fotógrafo do estado.

No fim de abril de 1902, Edgar transferiu sua operação para LaFayette, a aproximadamente dezoito milhas ao sul de Hopkinsville e sede da LaFayette Milling Company, cuja farinha de marca *"Magnolia"* era vendida em todo o Kentucky. Estava lá apenas havia três dias quando recebeu uma ligação de Frank Bassett, um empresário de quem se tornara amigo. Bassett vinha conversando com Lucian Potter, cuja livraria em Bowling Green era uma das mais antigas e melhores do sul do Kentucky. Potter procurava alguém que pudesse ajudá-lo a tocar a loja. Edgar, ansioso por se estabelecer num local mais permanente, concordou em ajudar Potter com a condição de poder suplementar sua renda operando um pequeno estúdio fotográfico nos fundos da loja. Potter adorou a ideia e contratou-o antes mesmo que se tivessem encontrado.

Edgar sentia-se mais feliz do que em anos. Não apenas recuperara a voz, como a perspectiva de operar um estúdio fotográfico numa livraria popular era tudo o que poderia ter pedido num emprego. Gertrude também estava recobrando a saúde e, em cartas frequentes, assegurava-o do lugar que ele ocupava em seu coração. Não poderia estar mais contente com a perspectiva do novo emprego dele, pois traria uma renda regular e um ambiente mais estável. E a única viagem que ela previa para Edgar era a ida e a volta de trem para visitá-la em Hopkinsville.

Igualmente importante para o bem-estar de Edgar e Gertrude: a nova situação de Edgar parecia dar-lhes um futuro a que aspirar.

Havia muito espaço na livraria de Potter para expandir os negócios, tanto o da fotografia quanto o dos livros. E Bowling Green, em entroncamento importante da Louisville and Nashville Railroad, com uma população de mais de dez mil pessoas, tinha grande potencial. Era, como Edgar mais tarde disse, "uma cidade literalmente invadida de estudantes". Próximo dali, o Ogden College fora fundado por um rico morador de Bowling Green que acreditava que todos os estudantes do condado interessados em ensino superior deveriam cursar faculdade gratuitamente. Também próximo estava a Bowling Green Business University, que em certa época tinha a reputação de ser a *Harvard* do meio-oeste americano. A livraria de Potter também estava perfeitamente situada na State Street, diante da pitoresca praça do centro, o Fountain Park, onde os estudantes se reuniam toda tarde para sentar junto ao chafariz ou passear à sombra das árvores.

Como em Louisville, Edgar se deu excepcionalmente bem, e em pouco tempo conseguiu abrir uma conta de poupança no First National Bank of Bowling Green. Seu jeito fácil e humilde cativou a clientela antiga da livraria, e seu conhecimento extenso e íntimo do estoque fez dele um sucesso imediato junto à clientela universitária em constante mudança. A despeito de o Clark Photo Studio ficar no andar de cima da livraria, Edgar conseguiu atrair um grande volume de trabalho, na maior parte retratos e fotografias escolares. E, pela primeira vez, começou a tirar fotografias de paisagem, uma das quais uma foto do Fountain Park após uma nevasca. Por qualquer critério, a fotografia era uma obra de arte, capturando lindamente o jogo de luz e sombra sobre a neve recém-caída. Potter gostou tanto da foto que deu a

Edgar um bônus e a publicou num cartão de Natal que vendeu vários milhares de cópias naquela temporada de festas.

Edgar alugou um quarto numa pensão onde pudesse morar barato e ir a pé para o trabalho. Potter lhe recomendara que fosse à Hollins Boarding House, na State Street, no lado norte do Fountain Park, e o apresentou à Sra. Hollins, a viúva que dirigia a casa. Hollins era uma mulher baixa e robusta, com olhos risonhos e brilhantes que faziam todo mundo "se sentir em casa", como Edgar frequentemente diria. Seu quarto era bastante grande e tinha vista para o parque. Edgar o dividia com um jovem médico, Hugh Beazley, especialista em olhos, ouvidos, nariz e garganta, de quem gostou de imediato. Era um homem baixo, pouco mais de cinco pés de altura, e excepcionalmente magro. Edgar lembrava dele como sendo bastante ágil e cristão de plena devoção. Outro hóspede da casa era James Blackburn, dentista, e seu irmão John Blackburn, clínico-geral, que usava uma barba Van Dyke completa no que Edgar considerava uma "tentativa fracassada de parecer mais velho". Os outros na casa incluíam Louis Darter, secretário na Young Men's Christian Association, Robert Holland, que trabalhava numa loja de departamentos, e O. A. Roup, juiz de tribunal itinerante e editor de jornal que se hospedava na pensão por apenas algumas noites por mês. Todos os homens — exceto o juiz — tinham pouco mais de vinte anos e, aos vinte e cinco, Edgar gostava enormemente deles.

Edgar logo se filiou à First Christian Church de Bowling Green, na Tenth Street, onde foi imediatamente admitido por carta de transferência vinda da First Christian Church de Hopkinsville, e onde mais tarde, a pedido geral, foi nomeado diácono. Como em

Louisville, Edgar envolveu-se no Christian Endeavor e no programa de Estudos Bíblicos, que mais tarde foi rebatizado de "Cruzados". Embora a igreja não fosse tão ativa em seu programa de assistência quanto a igreja anterior de Edgar em Louisville, Edgar e outros membros se engajavam em atividades como pagar contas de hospital de paroquianos em dificuldade e recolher alimentos para cestas de Natal. Assim como fizera em Louisville, Edgar também ensinava uma classe imensamente popular de escola dominical.

Edgar juntou-se a um comitê chefiado por Louis Darter para organizar encontros e festas na YMCA. Durante uma das reuniões do comitê da YMCA, à qual ele comparecera com Darter e um professor de artes chamado George Putnam, Edgar inventou um jogo de cartas a que chamou *"The Pit"* ou *"Board of Trade"*[41]. A ideia lhe veio ao ouvir Beazley, Blackburn e o irmão de Blackburn conversarem no jantar sobre opções de negociação no mercado de *commodities*, em que se compravam e vendiam opções sobre coisas como trigo, açúcar e café. O objetivo do jogo de Edgar era semelhante: açambarcar o mercado de *commodities* e ficar rico. Cada uma das sessenta e quatro cartas que Putnam desenhou a seu pedido representava uma *commodity* diferente. No fim, o jogo ficou tão popular que Darter mandou imprimir baralhos especiais para os membros da YMCA e instou Edgar a submetê-lo a uma das grandes empresas de jogos.

Edgar mandou uma amostra à Parker Brothers, em Salem, Massachusetts. Recebeu uma carta cordial em resposta, junto com um cheque de seis dólares, agradecendo pela ideia. *The Pit* logo estava sendo distribuído em âmbito nacional. Tudo o que Edgar

recebeu pelo seu esforço foi uma dúzia de baralhos do jogo, como cortesia da empresa, e dois artigos sobre a sua contribuição, que saíram nos jornais de Bowling Green. Ele escreveu à Parker Brothers pedindo uma porcentagem sobre as vendas do jogo e, depois, procurou um advogado quando recusaram o pedido, mas não prosseguiu com a questão. A Parker Brothers detém os direitos autorais do popular jogo, e os baralhos de *The Pit* ainda são vendidos hoje.

Edgar teve muito mais sucesso ao reclamar o prêmio num concurso nacional de palavras cruzadas promovido por um dos grandes jornais de Nova York. Não há indícios que sugiram que ele tenha usado suas habilidades psíquicas para "dormir" sobre o problema, mas acertou todas as respostas corretas em tempo recorde. Ficou em primeiro lugar e orgulhosamente portava o relógio de ouro que ganhou como troféu.

Edgar estava se saindo tão bem em Bowling Green que nem mesmo se incomodava com as ocasionais visitas de Layne, que vinha tratar-lhe a voz e inevitavelmente aproveitava para fazer leituras de acompanhamento para seus vários pacientes. A pedido de Edgar, o propósito das visitas era mantido em segredo. Layne apenas se apresentava na pensão como amigo e conduzia as leituras na privacidade do quarto de Edgar quando Beazley não estava. Layne tentava impressionar Edgar sobre o sucesso das leituras, mas Edgar não queria ouvir nada disso. A única leitura que deu nesse período com impacto duradouro sobre ele foi uma conduzida em benefício de Aime Dietrich, de seis anos, cuja leitura se tornaria a mais pesquisada e documentada da primeira fase da carreira de Cayce.

Edgar se envolveu no caso no início de agosto de 1902, quando Layne abordou o professor Charles H. Dietrich numa esquina do centro de Hopkinsville. Dietrich, um dos moradores mais bem-instruídos e respeitados do condado de Christian, chegara originalmente a Hopkinsville vindo de Ohio, quando assumiu o cargo de superintendente das escolas. Virou literalmente o sistema escolar de cabeça para baixo, fez *lobby* para a aprovação de uma emissão de títulos de dívida e, em resultado disso, deu ao sistema escolar de Hopkinsville a reputação de estar muito à frente de qualquer cidade do mesmo porte ao sul de Columbus, Ohio. Recentemente renunciara ao cargo de superintendente e aceitara uma posição na American Book Company em Cincinnati. Embora trabalhasse agora em Ohio, sua família ainda morava em Hopkinsville, e ele os visitava com frequência. Praticamente todos na cidade já haviam ouvido pelo menos uma história sobre a tragédia da filha dele, Aime. A menina de seis anos tivera um mau caso de difteria quando ainda bebê, o que, acreditava-se, fizera seu cérebro parar de se desenvolver. Os médicos a consideravam mentalmente retardada.

Tendo encontrado Dietrich na rua um dia, Layne indagou do estado de Aime. Quando lhe foi dito que a condição da menina não melhorara, Layne ofereceu os serviços de Edgar. Dietrich achou toda a ideia patentemente absurda, mas concordou em que Cayce desse uma leitura, pois Layne era muito insistente, e porque ele e a esposa haviam tentado praticamente tudo o mais. Layne ligou imediatamente para Bowling Green, e Edgar aceitou encontrá-lo na estação de trem de Hopkinsville na manhã seguinte.

Layne encontrou-o na estação, e eles caminharam pelas vielas dos fundos ao longo da Coleman Street até a casa dos Dietrich, na Walnut Street, entrando na cozinha pelo estábulo. Haviam feito o trajeto tortuoso a pedido de Dietrich, para que um vizinho, James West, membro proeminente da própria Igreja Presbiteriana dos Dietrich, não visse Edgar entrando na casa.

Dentro da elegante residência, Dietrich perguntou a Edgar se ele queria ver a menina. Edgar disse que não sabia se devia. Exceto por Layne e alguns poucos membros da família, nunca havia se encontrado com nenhum de seus pacientes. Minnie Dietrich, a mãe da menina, tomou a decisão. Levou Edgar até uma sala de brinquedos, onde uma menininha de seis anos, de aparência saudável, estava no chão, brincando com blocos de montar. Uma enfermeira estava sentada numa cadeira por perto, vigiando-a. Edgar disse *alô*, mas a menina mal levantou os olhos para encontrar os dele.

Edgar disse que não queria examinar Aime, que, aliás, não via sentido em fazê-lo, pois não era médico. Layne conduziu-os à sala de visitas, onde conversaram com o pai e a mãe de Aime por alguns minutos, antes de Edgar se deitar no sofá e Layne guiá-lo ao transe. Vinte minutos depois, quando Edgar acordou, a Sra. Dietrich chorava. O Sr. Dietrich foi mais tarde descrito por Layne como parecendo estar em estado de choque. Ele e a esposa disseram jamais ter visto ou ouvido algo como o que acabavam de presenciar. Entre soluços, Minnie Dietrich disse: "O senhor nos deu a primeira esperança que tivemos de termos uma filha normal."

Edgar perguntou o que havia dito, admitindo que nem sabia o que havia de errado com a menina quando Layne o chamou para a casa deles. Ela parecera normal o suficiente quando ele a vira no chão brincando com os blocos. A Sra. Dietrich descreveu a condição da menina. Aime havia contraído difteria aos dois anos, o que aparentemente resultara em convulsões em que ela caía subitamente e seu corpo ficava rígido. As convulsões haviam cessado fazia algum tempo, mas a mente parara de se desenvolver. Embora parecesse uma criança saudável de seis anos, tinha a mente de uma criança de dois, e rapidamente estava perdendo até isso. A Sra. Dietrich e o marido a haviam levado a especialistas até em lugares tão distantes quanto Flórida e Nova York. Mas tudo em vão. O médico mais recente, em Cincinnati, diagnosticara uma rara desordem cerebral que em breve resultaria em morte.

O professor e a Sra. Dietrich se sentiam esperançosos com a leitura de Cayce, pois era diferente de qualquer laudo médico que jamais tivessem recebido. Em transe, ele lhes dissera que a condição dela não estava diretamente relacionada à difteria. Segundo ele, a menina havia sofrido uma lesão na coluna antes de ficar doente. Isso ocorrera quando, ao descer de uma carruagem, ela escorregou, lesionando as costas nos degraus da carruagem. Os germes que haviam causado as convulsões se haviam alojado na área lesionada ao longo da coluna. O corpo naturalmente tentou se proteger formando uma membrana ao redor da área lesionada. Com o tempo, essa membrana começara a se espessar e, assim, impedia a circulação de sangue até a cabeça. Em transe, Cayce recomendou que Layne fizesse ajustes osteopáticos, que

relaxariam os músculos ao longo da coluna e amoleceriam a membrana. “Então a natureza seguirá o seu curso”, dissera ele. “Ela se recuperará.”

Edgar olhou cético para Layne. A osteopatia que Layne conhecia fora aprendida num curso por correspondência. Isso, porém, não impediu Layne de tratá-la. Fez seus primeiros ajustes na mesma noite em que a leitura foi feita e fez um segundo tratamento na manhã seguinte. A pedido dos Dietrich, Edgar concordou em ficar para o pernoite e fazer uma leitura de acompanhamento, para ver se Layne estava fazendo os ajustes corretos. Quando acordou do segundo transe, a Sra. Dietrich estava sorrindo. Disse-lhes que Edgar teria de ficar na casa um terceiro dia porque Layne — segundo a leitura em transe — não fizera todos os ajustes corretamente, e teria de tentar de novo. Depois de três tentativas, Layne conseguiu executar os ajustes a contento do Cayce adormecido.

Edgar voltou para Bowling Green não esperando mais ter notícias dos Dietrich — e temendo que, se as tivesse, não seriam boas. Mas uma semana depois a Sra. Dietrich telefonou para a livraria para lhe dizer que Aime havia chamado o nome de sua boneca favorita — um grande passo para uma menina que recaíra na “linguagem de bebê”. Mais alguns dias se passaram, e Aime chamou a mãe pelo nome, e depois o pai. Em três semanas, conseguia sentar-se numa cadeira e recortar figuras com uma tesoura. Então, em três meses, os Dietrich tinham uma filha de seis anos normal. Nos anos que se seguiram, Aime cresceria forte e saudável, e por fim se formaria em primeiro lugar na sua turma da faculdade.

A leitura dos Dietrich, mais do que qualquer outra, levou Edgar a prosseguir trabalhando com Layne. Deu-lhe também a primeira "legitimidade" que tivera desde que Layne montara o seu pequeno escritório na chapelaria. Os Dietrich nunca mais pediram a Edgar que entrasse pela porta do estábulo. Ele passou a ser tratado com o respeito e a honra devidos a um médico que salvara a vida de sua filha. A Sra. Dietrich queria gritar os louvores de Edgar dos telhados. Em vez disso, foi aos jornais.

A reação de Edgar ao breve artigo que saiu no *Hopkinsville Kentuckian* foi ambígua. Ficou obviamente eufórico por o que fizera ter sido útil e por outros virem a saber disso. No entanto, aquilo trazia o tipo de notoriedade que, como sabia desde os seus dias de menino na Beverly Academy, podia ser perigosa.

Gertrude não queria saber nada das atividades dele em transe e ficou horrorizada com a matéria do jornal. As habilidades de Edgar eram algo que os dois raramente discutiam, e, quando o assunto surgia, Gertrude o via como uma intrusão em suas vidas pessoais. Preferia muito mais devanear sobre a vida convencional que ambos almejavam e sobre o casamento que vinham planejando nos últimos cinco anos. Gertrude se imaginava como uma das damas dignas de saias longas que empurravam seus bebês em carrinhos pelo Fountain Square. Edgar, vestido de terno escuro e colarinho alto engomado, a encontraria nos intervalos de almoço para um passeio pela praça antes de comer os sanduíches que ela lhe preparara.

Com a carreira de Edgar indo tão bem, obteve-se em Bowling Green a licença de casamento, ou *"bond"*, e começaram os preparativos para uma cerimônia a ser realizada em 17 de junho

de 1903. Mandaram-se trezentos convites. A Colina e o terreno adjacente foram postos em ordem por uma equipe de jardineiros, e cozinheiros foram contratados para ajudar na cozinha. Havia que se reunir e preparar a comida, fazerem-se os acréscimos finais ao baú de enxoval de Gertrude, e confeccionar o vestido de noiva. O vestido de Gertrude não seria o vestido longo e fluido próprio de um casamento na igreja, mas sim um "vestido de viagem" branco mais prático, que ela pudesse usar ao andar pelos jardins, numa carruagem e no trem, a caminho do novo lar em Bowling Green. Seu dote era modesto, sendo o bem mais valioso um punhado de moedas de ouro no valor de cem dólares que a mãe lhe dera. Em razão da renda ainda modesta de Edgar, não haveria lua de mel.

O casamento ocorreu conforme o planejado, e o dia amanheceu claro e ensolarado. A Colina, disse um convidado, "nunca estivera tão bela". Hugh Beazley e Robert Holland, colegas de pensão de Edgar, chegaram de Bowling Green. Estavam também presentes os irmãos de Gertrude, Hugh e Lynn, que, junto com Hugh Beazley e Robert Holland, eram os padrinhos. Leslie, Carrie e as quatro irmãs de Edgar, naturalmente, estavam presentes, junto com o que parecia ser a população inteira das tias, tios e primos de Edgar, de Beverly e da região. O lado Evans da família também estava bem representado. Ali estavam Carrie Salter com seu novo pretendente, o Dr. Thomas House, Stella, a tia Kate e a Sra. Evans, Will e Hiram. Conduziu a cerimônia Harry D. Smith, pastor da Ninth Street Christian Church em Hopkinsville.

As fotografias do casamento, cortesia do estúdio Potter, mostram Gertrude parecendo mais radiante do que em qualquer outro

momento da vida. Tinha o rosto corado e cheio, e trazia uma rosa branca na touca. Por contraste, Edgar, sentado ao seu lado, parece perplexo e quase assustado.

A noiva de vinte e três anos e o noivo de vinte e seis receberam os convidados na roseira. A recepção foi no gramado atrás da casa, onde longas mesas estavam cobertas de pernil de porco assado, pudim de pão, peru, batatas-doces e jarras de limonada. Após a recepção, Edgar e Gertrude foram acomodados numa carruagem e escoltados até Guthrie, uma pequena vila na linha do Louisville and Nashville. Ali, antes de embarcarem no trem das 8h35 da noite para Bowling Green, fizeram outra refeição, cortesia de um amigo de infância de Edgar, Tommy Crawford.

Passava das 10h15 da noite quando finalmente chegaram à estação de Bowling Green. Para sua surpresa e imensa alegria, a plataforma do depósito estava cheia de gente reunida para dar as boas-vindas a Edgar e a sua recém-casada. O jovem casal desceu do trem em meio a uma chuva de arroz, assobios e gritos. Mais de cem jovens da igreja de Edgar e do grupo do Christian Endeavor estavam ali para saudá-los. Entre eles havia Carrie Redd, a futura Sra. Hugh Beazley, que se tornaria amiga querida e devotada de Gertrude, e que a ajudaria a atravessar os primeiros de muitos anos difíceis de casamento com Edgar.

O jovem casal Cayce, impossibilitado de ficar na casa Hollins, só para solteiros, mudou-se para uma pensão do outro lado da rua. Dirigia-a a Sra. McCluskey, cujo marido trabalhava como funcionário postal na ferrovia. Sua pensão, como a casa Hollins, era uma construção muito grande, de madeira, pintada em tons de branco. No interior, uma sala de estar, ou sala de música,

ficava à direita do salão principal, e uma sala íntima à esquerda. A escadaria no saguão que os levava ao andar de cima era circular, coisa que Gertrude tomou por sinal de boa sorte, pois o avô dela trouxera ao Kentucky justamente uma escadaria assim, como elemento decorativo para o asilo de Hopkinsville. O jovem casal ocupou um quarto no segundo andar, com vista para a State Street.

A sorte da escadaria em espiral, se é que houve alguma, não durou mais do que alguns dias, pois Layne estava constantemente telefonando a Edgar em Bowling Green, suplicando-lhe que voltasse a Hopkinsville, onde vislumbrava que ambos abrissem uma "prática médica psíquica". Layne estava tão seguro de que a parceria seria um sucesso, e de que eles podiam realmente cobrar uma taxa pelo que agora faziam de graça, que ofereceu a Edgar Cayce um salário semanal garantido de US$ 40,00, cerca de US$ 2.000,00 anuais.

Gertrude queria que toda a questão das leituras em transe de Edgar fosse mantida em sigilo, mas soube que haveria problemas quando Layne apareceu, poucos dias depois do casamento, durante o primeiro almoço dominical dos dois em Bowling Green, na casa Hollins. Tão logo chegara, pôs-se prontamente a conversar com o juiz Roup. Roup, como outros na pensão, se perguntava o que significavam as visitas de Layne e estava curioso por saber o que se passava quando ele e Edgar desapareciam juntos no quarto.

Layne disse a Roup que viera dar a Edgar uma terapia para a voz. A resposta não satisfez Roup, que perguntou por que Cayce consultaria um praticante médico sem licença, com diploma por

correspondência, quando seu melhor amigo, Hugh Beazley, era especialista. Foi aí que Layne, talvez incitado pela ofensa, contou a Roup que não só pusera Edgar em transe e que ele "curou" a si próprio, como também que Edgar havia contribuído para a cura de alguns de seus outros pacientes.

Gertrude, que escutara a conversa com crescente preocupação, desatou em lágrimas e fugiu da sala. Edgar, porém, não a seguiu. Apesar das palavras sentidas que Edgar usaria depois para consolá-la, pareceu à jovem noiva que o marido dava mais valor ao trabalho que fazia com Layne do que compartilhava a preocupação da esposa sobre o impacto que aquilo poderia ter sobre eles e sobre o casamento.

À mesa do jantar, com tanta coisa já dita, Edgar foi forçado a descrever os seus "experimentos". Ele, Beazley, Roup, Layne e os irmãos Blackburn apertaram-se então no quarto de Beazley. Edgar respondeu a perguntas sobre o caso Dietrich e descreveu algumas de suas experiências da infância. Não tivessem os homens conhecido e respeitado Edgar tanto quanto o haviam antes dessas revelações, sem dúvida teriam achado as alegações absurdas e descartado Edgar como um farsante, uma fraude, ou apenas alguém fora de si. Mas todos aqueles homens haviam testemunhado a honestidade e a integridade de Edgar ao longo do último ano e, se havia alguém naquela sala que acreditasse haver fraude envolvida, tais dúvidas se dirigiam a Layne, não a Edgar.

Layne sugeriu que testemunhassem eles próprios uma leitura, ao que concordaram prontamente. Não podiam fazer a leitura de imediato, porque Edgar havia acabado de comer, e assim o grupo

passou as duas horas seguintes conversando sobre vários casos que Edgar diagnosticara. Passado o tempo adequado para a digestão, ele entrou em transe e pôs-se a fazer diagnósticos, oferecer tratamentos e conduzir leituras de acompanhamento para vários pacientes de Layne. Quando despertou, a sala estava em silêncio. Os amigos de Edgar o olhavam em especulação e maravilhamento. Não era apenas que ele tivesse feito o que soava como diagnósticos médicos de boa fé. Recomendara três tipos completamente diferentes de tratamento — que se desse medicamento a um paciente, terapia eletromagnética a um segundo e osteopatia a um terceiro. Consta que descreveu em detalhes a localização de coágulos no pulmão de um paciente e abordou vários outros casos de menor importância. Os médicos na sala ficaram atônitos com o conhecimento que Cayce parecia ter — e não em uma área particular da medicina, mas em todos os campos. E, juntamente com a recomendação de terapia eletromagnética, prescrevera um tratamento de vanguarda ainda não testado, que era praticado por apenas uns poucos médicos.

O Dr. Blackburn perguntou a Layne se ele pretendia fazer o que fora recomendado na leitura. Layne disse que sim — que não tinha por que não fazer. Embora tivesse apenas um diploma por correspondência, Layne não só exercia a medicina como o fazia abertamente, a partir da chapelaria. E, sem que Edgar soubesse, Layne já tinha uma placa pendurada sobre a porta do escritório que o anunciava como "doutor".

Edgar não ficou para escutar o que se passou entre Layne, Roup e os médicos. Voltou para o quarto e encontrou Gertrude enchendo

o baú de enxoval com as próprias roupas para ir embora. Foi preciso todo o seu poder de persuasão para convencê-la a ficar.
As preocupações dela eram muitas. O homem por quem Gertrude se apaixonara era gentil e sensível, com profunda compaixão e amor pela natureza e pelas pessoas. O homem que havia se esgueirado pela porta dos fundos da casa dos Dietrich para dar à pequena Aime uma leitura em transe, e que agora "se apresentava" para Blackburn e os outros, era um mistério — um homem com uma voz estranha que parecia vir de algum lugar escuro. Aquela voz não era a de Edgar, ou ao menos não a do Edgar Cayce que ela conhecia e amava. Aquela voz era distante, clínica, e, embora exibisse humor, tinha uma perspectiva quase impessoal ou onisciente da vida, não alguém ou algo capaz de amar ou ser amado como um homem ama uma mulher ou uma mulher ama um homem. Aquela voz estranha, aquele outro homem que emergia quando o marido entrava em transe, trazia consigo problemas que impediriam que ela e o marido vivessem a vida normal que ambos haviam esperado e em que acreditavam. Naquele primeiro domingo em Bowling Green, Gertrude percebeu que não podia ter um dos homens sem aceitar o outro.
A decisão de Gertrude de ficar em Bowling Green naquela noite foi um momento decisivo no casamento, pois, não importa a crise ou o desafio que viessem a enfrentar nos anos por vir, ou como a relação conjugal deles viesse a se distanciar, Gertrude firmemente permaneceu ao lado dele. Edgar virou as costas a muitas outras pessoas em sua vida e, pelo menos uma vez, tacitamente virou as costas a Gertrude — como fizera em Louisville — mas Gertrude jamais o abandonaria, por mais difíceis que se tornassem as

coisas. E os tempos difíceis estavam logo a seguir. Não haveria passeios tranquilos pelo Fountain Square, com bebês em carrinhos, pois, no início da semana seguinte, foram recebidos pela primeira de duas matérias de primeira página sobre Edgar no *Bowling Green Times-Journal*, ambas assinadas pelo juiz Roup.

Na primeira matéria de Roup, datada de 24 de junho de 1903, apenas uma semana após o casamento, nomearam-se tanto o local de trabalho de Edgar quanto a sua igreja, junto com detalhes de suas experiências de escola e um resumo da leitura de Aime Dietrich. No dia seguinte, os jornais de Nashville reproduziram o artigo, que saiu em periódicos de todo o Kentucky e Tennessee. Quaisquer ideias que Edgar e Gertrude possam ter tido de permanecer anônimos foram arruinadas de vez.

No trabalho, Edgar passou a ser tratado com súbita desconfiança e suspeita, como se houvesse traído a confiança de Potter por não tê-lo informado de sua vida secreta como curandeiro psíquico. As mesmas pessoas que apenas dias antes tinham comparecido para saudá-lo e à noiva na plataforma do trem de Bowling Green agora evitavam sua companhia. Pediu-se ao jovem casal que deixasse a pensão e, a pedido de Potter, Edgar foi orientado a procurar outro emprego.

Em uma carta enviada para casa, Edgar referiu-se às várias acusações que lhe faziam na igreja e na livraria como "muito feias", sugerindo que o chamavam pelos mesmos nomes que seus colegas de classe e as famílias deles haviam usado na Beverly School: Edgar era uma "aberração", e suas habilidades de transe, obra do Diabo. Foi sumariamente convidado a deixar a First Christian Church de Bowling Green.

Al Layne não se saiu melhor do que Edgar e Gertrude. Não muito depois da matéria, foi intimado pelo conselho estadual de medicina a fechar seu escritório em Hopkinsville. Sentindo-se culpados pela parte que tiveram em criar circunstâncias tão desagradáveis, os dois irmãos Blackburn interveram em favor de Layne junto ao conselho de medicina, e, por seus esforços, Layne obteve ingresso na Southern School of Osteopathy em Franklin, Kentucky, onde acabou se graduando.

O ingresso de Layne na faculdade de medicina, contudo, foi consolo apenas pequeno para Edgar, e nenhum para Gertrude. Começavam a sentir que a vida em comum acabara antes mesmo de ter começado.

---

37. Marquês de Puységur (1751–1825): discípulo de Mesmer, pioneiro do *sonambulismo induzido* (a hipnose). Seu paciente Victor Race exibia em transe poderes de clarividência.↩
38. Andrew Jackson Davis (1826–1910): "o vidente de Poughkeepsie", clarividente americano que ditava diagnósticos médicos em transe; precursor do espiritismo nos EUA.↩
39. *Eu superior*, *Fonte*: traduções dos termos *higher self* e *the Source* — respectivamente, o plano mais profundo da psique de Edgar e a instância que falava através dele nas leituras.↩
40. Exposição Universal de Paris (1900): principal evento internacional da *Belle Époque*.↩

41. *The Pit / Board of Trade*: jogo de cartas inspirado no pregão da Chicago Board of Trade; publicado pela Parker Brothers em 1904. ↩

10.
A mente é
a construtora

Em julho de 1903, Edgar e Gertrude voltaram à Colina, como invariavelmente voltariam vezes e vezes nos anos difíceis que viriam. Ali, podiam estar seguros de acolhimento, de um teto sobre suas cabeças e dos conselhos sensatos de três tias afetuosas e solícitas que só tinham em vista o melhor interesse do jovem casal.

A tia Carrie de Gertrude, agora casada com o distinto Dr. Thomas Burr House, foi a primeira a tentar chamar Edgar e a sobrinha à razão. Fazer as malas e mudar-se para outra cidade não lhes resolveria os problemas, e tampouco o faria ignorar o *"dom especial"* que ela acreditava que o Senhor havia dado a Edgar. As leituras em transe dele, disse a Gertrude, não seriam mais aceitas em Bowling Green do que em Dallas, Chicago ou em qualquer outra parte. O jovem casal teria de fazer uma vida para si a despeito do que outros dissessem deles, e não havia razão para não fazê-lo em Bowling Green. Carrie e as irmãs sentiam tão fortemente que Edgar e Gertrude deviam permanecer naquela cidade que fizeram algo que um dia haviam prometido ao próprio pai jamais fazer. Hipotecaram a Colina para levantar capital, de modo que Edgar pudesse abrir seu próprio estúdio

fotográfico. Foi um gesto magnânimo que tocou profundamente a Edgar e a Gertrude.

Ele e Gertrude fizeram tudo o que puderam para corresponder às expectativas da família. Agindo como se estivessem confiantes e imperturbados pelos acontecimentos anteriores, voltaram a Bowling Green e se mudaram para uma modesta casinha no alto da Twelfth Street, de propriedade da Sra. Ernest A. Vick. Embora pequena, tinha um pátio largo e bem cuidado, com altos bordos-açucareiros. Edgar tinha grande prazer em sentar-se no gramado com Gertrude ao fim das tardes.

Joe Darter, amigo de Edgar da YMCA, pediu aos presbíteros da Bowling Green Christian Church uma audiência para discutir a reintegração de Edgar como professor de escola dominical e diácono. Os registros da igreja não revelam os detalhes exatos dessa reunião privada, mas é claro que Darter, um orador público entusiástico e articulado, ele próprio membro de segunda geração da igreja, apresentou convincentemente o caso de Edgar perante os presbíteros. Há todas as razões para crer que Darter citou nada menos que o exemplo de Alexander Campbell[42], co-fundador da Igreja dos Discípulos de Cristo, a quem se atribuíam diversas visões psíquicas e exemplos de precognição. Em 1807, enquanto ele e a família navegavam para a América, teve um sonho em que seu navio, o *Hibernia*, naufragava. Como previra, o navio veio a naufragar, e Campbell e a família foram conduzidos em segurança até a praia. Durante os anos de faculdade de Campbell, ele foi visitado por um anjo que lhe disse muito sobre a vida que teria: as viagens, os dois casamentos e as grandes audiências às quais pregaria. Tudo o que ela lhe disse se realizou.

Graças a Darter, Edgar foi acolhido de volta na igreja. Vários membros da congregação ainda manifestavam suas preocupações e, por vezes, tornavam desagradável a experiência do jovem casal na igreja. Edgar, porém, tinha uma história de serviço tão longa e distinta que ninguém se atreveu a pedir a Edgar ou à esposa que deixassem a igreja de novo. Tampouco, durante os quarenta anos seguintes, esse tipo de problema voltaria a ocorrer. Os registros indicam que a frequência à aula de Estudos Bíblicos de Edgar na Bowling Green Christian Church efetivamente aumentou em consequência das matérias de jornal e da controvérsia subsequente.

Edgar teve mais facilidade do que antecipara em restaurar a reputação na comunidade empresarial. Numa decisão comercial sensata, sem dúvida estimulada pela argúcia financeira de Gertrude, escolheram Frank Potter, primo distante de Lucian Potter, o antigo empregador de Edgar, como sócio no novo estúdio fotográfico. Frank, um extrovertido, conhecia muita gente em razão de seu antigo cargo de escrivão assistente do tribunal do condado. Era um homem alto, louro, de personalidade amistosa, e sua integridade estava fora de questão. Em 22 de julho de 1904, usando o dinheiro da hipoteca da Colina, juntamente com uma quantia única de Potter, compraram o antigo Harry L. Cook Studio, o antigo concorrente de Edgar, no Gerard Building na College Street, diante do Fountain Square. À exceção do fato de dividirem o prédio com uma funerária — um carro fúnebre puxado a cavalos estava frequentemente estacionado em frente ao escritório —, era uma localização ideal.

A pedido de Potter, Edgar fez um curso de reciclagem em fotografia em McMinnville, Tennessee, onde aprendeu as técnicas mais modernas. Durante as oito semanas em que Edgar esteve em aulas, Potter tratou de redecorar e organizar o estúdio, que ocupava uma sala de cima com uma grande claraboia de vidro. Havia persianas em rolos que podiam ser ajustadas para proporcionar exatamente a quantidade certa de luz. Num canto, havia biombos de lona com cenários pintados dos dois lados, para servir de fundo, e vários tipos de mobiliário para acomodar os modelos dos retratos. No fundo da sala havia um grande cômodo onde se guardavam os banhos químicos fixadores e as bandejas de lavagem, ao lado de longas molduras de madeira em que os negativos de vidro eram postos a secar. A sala de impressão, com um retroprojetor de ponta, ficava numa sala anexa. Havia também dois escritórios de frente para receber os clientes, cada um com sua própria estufa a carvão.

O estúdio foi um sucesso financeiro desde o início, com grande crédito indo para a família de Gertrude, que não apenas fornecera o respaldo financeiro como também enviava clientes. Na primeira temporada de festas em que Edgar esteve à frente do negócio, praticamente todos que algum dia tinham estado na Colina presentearam uns aos outros com retratos no Natal. Mas algum crédito também coube a Edgar, pois muitos clientes comentavam o quão bem ele tratava sua clientela e a destreza com que lidava com os modelos dos retratos, sobretudo crianças. Ganhou rapidamente a reputação de conseguir fazer mesmo as crianças mais remexidas e hiperativas sentarem-se quietas. *"Não sei como*

fez o Júnior ficar tão quieto", disse mais tarde um amigo de família a um repórter.

Um dos retratos que Edgar tirou naquele outono de 1904 foi o da Sra. McKenzie Moss e de seu filhinho, membros de uma família bastante proeminente de Bowling Green. Potter e Edgar tiveram o bom senso de expor a foto na vitrine do estúdio. Em julho de 1905, Elbert Hubbard, notável conferencista e jornalista, passou a ver a foto ao atravessar a cidade a pé, depois de ter proferido um discurso de formatura no Bowling Green Business College. Hubbard entrou no estúdio e sugeriu que Edgar inscrevesse a foto no concurso anual do *Ladies' Home Journal* para fotos de mãe e filho. Edgar inscreveu e ganhou o primeiro prêmio, sem perceber senão muito tempo depois que Hubbard fora um dos jurados.

Naquele mesmo ano, Edgar compareceu à reunião anual da National Association of Photographers, realizada em St. Louis, Missouri — a viagem mais longa que Edgar já havia feito. Gertrude ficou feliz em permanecer em casa e passou os dias entretendo uma ou duas amigas íntimas ou sentada na sala dos fundos do estúdio fotográfico, fechando as contas da empresa. Para Edgar, por outro lado, viajar não apenas constituía oportunidade de ver mais do país, como também lhe dava a chance de conhecer e fazer novos amigos. A viagem a St. Louis também lhe deu a oportunidade de exibir suas fotografias artísticas no congresso, onde ganhou três menções honrosas no concurso nacional patrocinado pela associação. Um ano depois, obteve o primeiro lugar — a maior honraria em sua profissão —

com uma foto de retrato, possivelmente de Gertrude, intitulada *"A Kentucky Belle"*.

O Cayce Studio, como passara então a ser conhecido, estava com movimento tão intenso que o seu único concorrente sério remanescente, o Clark Studio, no Mitchell Building da State Street, ofereceu vender a Edgar o seu estúdio. Expandir a operação pareceu boa ideia, sobretudo porque a localização do Clark Studio, bem acima da livraria de Potter, proporcionava a Edgar e a Gertrude o prazer de vir a ter êxito no mesmo endereço de onde lhe haviam pedido que saísse menos de dezoito meses antes. Para financiar a compra, Edgar e Gertrude aceitaram dois novos sócios: o irmão de Gertrude, Lynn, e Joe Adcock, um amigo das famílias Salter e Evans.

O estúdio da State Street era maior do que o da College Street. Não se estendia só sobre a livraria, mas sobre a maior parte da selaria e arrearia vizinha, e também sobre a adjacente Callis Brothers Drug Store. A parte da frente do espaço abrigava um escritório, um estúdio e uma oficina de molduras, todos num único cômodo grande, separados por divisórias. Lynn Evans foi posto a cargo da operação, com Joe Adcock e um funcionário, Tom Barnes, fotografando e revelando. Potter permaneceu no estúdio da College Street, onde Gertrude trabalhava como recepcionista, e Edgar dividia seu tempo entre as duas localidades.

O estúdio da College Street passou a chamar-se Cayce Art Company. Gertrude, que mostrara talento natural para a aquarela e para o bordado, começou a colorir fotografias à mão — técnica em que se tornou bastante hábil, e que satisfazia sua necessidade

crescente de desempenhar um papel maior nos empreendimentos do marido. No que dizia respeito ao restante da família, achavam que Gertrude devia ter recebido a responsabilidade exclusiva de tocar a parte financeira do negócio, deixando a Edgar a tarefa de se limitar à fotografia. Isso certamente teria agradado aos membros do clã Salter, que mais tarde se queixariam de que *"Cayce literalmente daria de graça as suas cópias se Gertrude não estivesse de olho nele"*. Tampouco estava Edgar disposto a cobrar ativamente dívidas devidas ao estúdio, ou a recolher ou pagar conscienciosamente o imposto sobre vendas.

Não fosse a necessidade contínua de Edgar de tratamentos para a voz, é possível que houvesse parado de dar leituras em transe completamente. Mas, pelo menos uma vez por mês, sua voz se reduzia a um sussurro, exigindo o que agora eram tratamentos rotineiros por Layne. Antes, Layne viajava para ver Edgar. Agora, Edgar visitava Layne, tomando frequentemente o trem da manhã para Franklin, Kentucky, onde Layne cursava a faculdade de medicina. Durante uma dessas visitas, dois colegas de Layne recorreram à ajuda de um professor num esforço para expor Layne e Edgar como farsantes.

Os colegas tinham lido as matérias de jornal escritas sobre Cayce e Layne. Também ressentiam, naturalmente, que os irmãos Blackburn e outros associados de Edgar em Bowling Green houvessem usado sua influência para permitir que Layne pulasse os dois primeiros anos da faculdade de medicina. Os irmãos Blackburn tinham justificado sua atitude alegando que Layne já tinha extenso treinamento prático em anatomia e osteopatia por meio de seu curso por correspondência e por trabalhar com

Edgar. Mas os colegas de Layne não viam a situação nos mesmos termos.

O plano para expor Cayce envolvia atrair a ele e Layne até uma sala de aula sob o pretexto de diagnosticar um paciente da enfermaria da escola que estava sendo usado pela administração para testar a competência diagnóstica dos estudantes. Assim que a leitura estivesse em andamento, um dos estudantes abriria uma porta para uma sala de aula anexa em que o Dr. Robert Bowling, diretor da escola e um dos osteopatas mais respeitados do país, tinha aula marcada. Presumia-se que Bowling, que era cego do ponto de vista clínico, ouviria o que Cayce estava dizendo, se daria conta de como ele e a escola haviam sido enganados, e poria Cayce e Layne no olho da rua.

Tudo correu conforme o planejado, até o fim. O Dr. Percy Woodall, o instrutor que os detratores de Layne escolheram para ajudá-los, conseguiu atrair Layne e Cayce a uma das salas e dar início à obtenção de uma leitura sobre o paciente da enfermaria. No meio da leitura, um dos colegas de Layne abriu a porta entre as duas salas. O Dr. Bowling, que estava na sala seguinte, interrompeu o que dizia ao ouvir a voz de Cayce e passou a prestar atenção a cada palavra. Ficou fascinado pelo discurso incomum de Edgar e pelo tratamento que ele recomendava. A seguir, perguntou quem estava lecionando na sala ao lado. Um estudante que fazia parte do esquema disse que não sabia. Quando Layne percebeu que Bowling estava ouvindo da sala ao lado, deu-se conta do que se passava e imediatamente instruiu Cayce a despertar. Sem saber o que esperar, Layne tentou então explicar a Bowling o que ele havia ouvido e como os outros

estudantes o haviam enganado para fazer com que Cayce desse a leitura. A princípio, Bowling não disse nada. Esperou que Edgar Cayce acordasse e a seguir passou a interrogá-lo sobre sua educação e, especificamente, sobre seu treinamento médico.

Justo quando os colegas de Layne pensaram que Bowling dispensaria Cayce e Layne como farsantes, o estimado médico anunciou que nunca ouvira diagnóstico tão fino e preciso. Considerou-o *"perfeito"*. Além disso, disse que a anatomia de Edgar Cayce era *"impecável"*. Ainda mais impressionado ficou o Dr. Woodall, o professor que participara do plano desde o princípio. Também ele nunca havia ouvido diagnóstico tão notável. Para o espanto dos colegas de Layne, em vez de serem expulsos da escola, Cayce e Layne foram apresentados ao fundador da instituição e pai da osteopatia, o estimado Andrew Taylor Still.

Edgar se manteria em contato com os doutores Bowling e Woodall por muitos anos após esse episódio, mas, pouco depois de voltar a Bowling Green, decidiu deixar de fazer viagens a Franklin. Voltou-se em busca de ajuda, em vez disso, para o amigo, o Dr. John Blackburn. Se Layne podia dar-lhe sugestões, ele raciocinou, não havia razão para que outra pessoa não pudesse fazê-lo. Ele e Layne tinham feito um pequeno livrinho encadernado em couro para anotar as sugestões que podiam ser usadas para tratar seus ocasionais surtos de laringite. Mais importante: o livrinho continha notas explicando como conduzir uma das leituras em transe de Cayce.

A primeira das leituras de Blackburn teve lugar no escritório dele. Blackburn leu do livrinho preto. Edgar Cayce lembrava-se de

haver entrado em transe como de costume e, ao despertar, de ter recuperado a voz. Mas, quando olhou ao redor, viu Blackburn parado à porta, pálido e trêmulo. Ele pediu a Edgar que o acompanhasse num passeio pelo Fountain Square enquanto recompunha a serenidade. Como logo Edgar soube, Blackburn havia aproveitado a oportunidade para lhe fazer perguntas que nada tinham a ver com a voz dele.

Blackburn não disse a Edgar quais foram as perguntas que fizera durante aquela leitura em transe, mas as respostas o tinham abalado, dando a Edgar toda razão para crer que ele havia feito perguntas de natureza pessoal: coisas que só o próprio Blackburn poderia saber. Em consequência dessa leitura, Blackburn tornou-se tão devotado a Edgar quanto Layne o havia sido. Naquele mesmo dia, Blackburn insistiu em que se reunisse uma equipe de médicos para estudar o fenômeno. Edgar concordou, sem consultar Gertrude. Se o tivesse feito, os anos restantes deles em Bowling Green teriam sido decididamente diferentes, pois Gertrude se recordava muito bem do que acontecera quando o juiz Roup testemunhara uma leitura, e certamente teria tentado dissuadir Edgar de trabalhar com o comitê.

A equipe que Blackburn veio a formar era composta por Edward Stone, Fred Reardon, Fred Cartwright, George Meredith, Joe Ford e Hugh Beazley. Uma estenógrafa, Jonnie Massey Clay, cujo pai havia recebido uma das primeiras leituras de Cayce, transcreveu grande parte dos procedimentos. As experiências desse comitê de investigação autonomeado, que estudou Edgar durante o ano e meio seguinte, seriam mais tarde descritas por Blackburn como

"às vezes divertidas, às vezes empolgantes e muito frequentemente inquietantes".

Naturalmente, a equipe de médicos foi, de início, cética quanto aos supostos poderes de seu objeto de estudo. Em consequência de uma série de testes conduzidos por Stone e Ford, todos se tornaram rapidamente convertidos. Durante um dos primeiros testes, um membro do comitê escolheu ao acaso um papel de sua caixa de depósito bancário, lacrou-o num envelope e o colocou no bolso interno do paletó. O paletó foi abotoado, e o médico vestiu por cima um sobretudo. Em transe, consta que Cayce leu para eles o conteúdo do documento e nomeou as assinaturas ao pé.

Esse incidente foi particularmente memorável porque um padre da igreja local, o padre Hynes, por acaso entrou no escritório de Stone enquanto a leitura se realizava. Como praticamente todo mundo em Bowling Green, também ele ouvira falar dos supostos poderes de Edgar Cayce e disse que desafiaria o homem adormecido a lhe dizer o que ele estava carregando no embrulho debaixo do braço. O próprio Hynes não sabia, porque o pacote não tinha identificação e acabara de chegar pelo correio. Hynes pediu a Stone que fizesse a pergunta a Cayce. A resposta veio: *"Velas de altar."* O padre abriu o pacote, encontrou velas de altar, persignou-se e retirou-se apressadamente escada abaixo.

Outro teste foi realizado para ver se Cayce era capaz de dizer o sexo de crianças por nascer. Nove gestantes, todas pacientes de médicos locais, foram usadas como sujeitos, e Cayce listou o sexo de cada uma das crianças. Todas as nove previsões estavam corretas.

A equipe de médicos também fez experiências com a aparente capacidade de Cayce de curar a si mesmo das dificuldades de fala. Em transe, perguntaram a Cayce como se explicava que a circulação em seu corpo fosse alterada apenas por um comando ou uma sugestão de quem conduzia a leitura. Consta que Cayce proferiu uma preleção à equipe de médicos sobre o poder da mente sobre o corpo. Como Cayce — em transe — afirmaria em milhares de leituras posteriores: *"A mente é a construtora… o físico é o resultado."* A Fonte, como Layne e agora Blackburn tinham começado a chamar o *"eu superior"* de Cayce, tinha o poder do controle mental e era o fator determinante de uma das leis fundamentais da natureza: a de que condições materiais no corpo podem ser consequência direta dos pensamentos do indivíduo. Uma pessoa podia, estabelecendo o controle sobre os próprios pensamentos, curar-se a si própria ou mesmo, eventualmente, ferir-se. *"Todo pensamento é um ato"*, disse Cayce em transe. *"O que se mantém na mente determina em grande medida o conteúdo da experiência."*

Buscando compreender essa mensagem, o comitê fez experiências dando a Cayce diversas sugestões enquanto estava em estado de transe. Disseram-lhe que, ao despertar, lhe seria dado um copo d'água, e que a água agiria sobre ele como uma dose de sal mineral. Cayce teve ânsias ao beber o copo d'água que lhe deram. Durante outra leitura em transe sobre o mesmo tema, Ford, um dentista, deu a Cayce uma bengala para segurar, dizendo-lhe que se tratava de uma cobra. Ao despertar, Edgar agitou-se e, agarrando a bengala, tentou parti-la ao meio. Ford interveio imediatamente — a bengala era uma relíquia antiga da família.

Pela primeira vez durante uma leitura em transe, a própria Fonte dirigiu-se diretamente ao comitê, sugerindo que conduzissem uma experiência que demonstrasse que *"a mente é a construtora"*. Em transe, Cayce sugeriu que o comitê escolhesse uma pessoa a todos conhecida e tida por saudável, e que então se providenciasse para que tal pessoa fosse convencida de que parecia e agia como doente. *"Pois como a árvore é inclinada, assim ela cresce"*, disse a Fonte ao grupo.

O comitê agiu conforme a sugestão da Fonte. Escolheram o filho do Dr. George Meredith, Claude, como sujeito de teste. A seguir, providenciaram para que cinco pessoas, com as quais Claude provavelmente se encontraria num determinado dia, lhe dissessem que ele parecia doente. Segundo a leitura em transe, Claude não apenas começaria a se sentir mal, como literalmente adoeceria. O grupo escolheu Claude porque, além de ser reconhecidamente saudável — pois recentemente fizera um exame médico —, eles sabiam mais ou menos seus deslocamentos da manhã e podiam solicitar a ajuda dos vários comerciantes e pessoas que ele certamente encontraria.

A primeira vez em que lhe disseram que ele não estava com bom aspecto foi durante o café da manhã na lanchonete de Snyder, no centro de Bowling Green. Vários médicos estavam presentes para observar o comportamento de Claude. *"Como está se sentindo hoje?"*, teria Snyder perguntado a Claude. *"Bem"*, respondeu Claude. *"Nunca me senti melhor na vida. Me traz um belo prato de presunto com ovos."* Snyder lhe serviu o café da manhã, mas não sem antes o interrogar uma segunda e terceira vezes, apontando que ele parecia *"meio pálido"*.

Em seguida, Claude topou com o farmacêutico, que o inquiriu de modo semelhante. De novo, disse que se sentia *"bem"*. Como Snyder, o farmacêutico também comentou a aparência dele, dizendo que parecia abatido. Agora Claude acrescentou que, sim, sentia *"uma doizinha entre as escápulas"*.

A parada seguinte de Claude foi conversar com um distribuidor de cerveja local, onde um homem do escritório havia sido previamente avisado daquilo que se descrevera como uma simples pegadinha. Quando Fred Kubin perguntou como estava se sentindo, Claude disse: *"Sinto-me pra lá do pau."* Kubin concordou, e Claude acrescentou: *"Estou em péssima forma."* O ombro doía, tinha surgido uma dor na parte de baixo das costas, e o estômago estava *"pesado"*.

Kubin sugeriu que ele fosse para casa e se deitasse. Mais tarde naquele dia, Claude se sentia mal o bastante para pedir ao pai que o examinasse. De fato, Claude estava adoecendo. Estava com o estômago embrulhado, a circulação estava ruim, sentia-se duro e dolorido. Ia cair de cama com gripe.

Fascinado pelos resultados dessa experiência, o próprio Edgar decidiu fazer algumas investigações. Sua recepcionista no estúdio da State Street, uma jovem que também era musicista treinada, o ajudou sem saber. Em resposta a uma pergunta que Edgar lhe fez, ela deu a Edgar o nome de duas pessoas em Bowling Green que normalmente não visitariam o estúdio. Edgar deitou-se como se entrasse em transe mas, em vez disso, concentrou-se por um período de trinta minutos, com tanta força quanto pôde, nas duas pessoas, tentando mentalmente forçá-las a irem até ele. Cada uma delas, supostamente, veio ao estúdio. O primeiro homem chegou

no mesmo dia em que Edgar se concentrara nele, e o segundo chegou na manhã seguinte. A ajudante de Edgar, sem saber do experimento, ficou intrigada e perguntou ao primeiro visitante por que havia vindo. O homem, consta, sentou-se na beirada da mesa de Edgar e admitiu que não sabia, ou não se lembrava.

Nos anos seguintes, Edgar conduziu experiências semelhantes e também ajudou outras pessoas a desenvolver seus próprios poderes de telepatia mental. A conclusão a que acabou chegando foi a de que todos tinham a mesma capacidade de influenciar o comportamento alheio que ele tinha. Simplesmente não tomavam o tempo de praticar esse uso. A única diferença era que Edgar parecia ter nascido com o talento, assunto que seria discutido em detalhe em leituras posteriores. Entretanto, só porque alguém houvesse nascido ou desenvolvido por conta própria o talento, isso não o tornava correto. Edgar advertia a todos que a telepatia mental era *"assunto perigoso"* e que tentar usar o *"pensamento"* como meio de controlar outro indivíduo era moralmente errado. *"A própria coisa que procurares controlar em outro indivíduo"*, advertia ele, *"será aquilo mesmo que te destruirá. Tornar-se-á o teu Frankenstein."*

O êxito das experiências levou os médicos a começarem a perguntar a Edgar Cayce sobre seus próprios pacientes. Entre tais pedidos houve um do Dr. Stone, que indagou da saúde de sua mãe. Ao longo dessa leitura pediu-se a Cayce que descrevesse o cômodo em que a mulher jazia e alguns dos objetos nele. Cayce passou a descrever a cor das paredes, os quadros nelas dependurados e a posição das janelas no cômodo. Em seguida, descreveu a cama, disse onde o aço das molas havia sido

fabricado, de onde vinha o algodão do colchão, onde aquele algodão havia sido cultivado e quem havia fabricado as diferentes partes da cama. Stone não conseguia fazer a Fonte diminuir o ritmo.

Ao ouvirem relato tão detalhado do cômodo da paciente, Stone e Blackburn dirigiram-se à casa da mãe de Stone, nas imediações de Bowling Green, para confirmar os detalhes. Concluíram que Cayce havia nomeado corretamente todos os rótulos dos bens manufaturados, inclusive o nome do fabricante do aço na estrutura da cama, só visível depois de haverem desmontado a cama.

Outra paciente que pediram a Cayce que diagnosticasse era do Tennessee. Disse-se-lhe que o inchaço no abdome era resultado de uma *"laceração do estômago"*. Na presença de Reardon, Blackburn e outro médico, Cayce aconselhou a paciente a esquecer as admoestações dos médicos que a tratavam e a aderir estritamente à seguinte sugestão, um dos regimes mais incomuns que ele jamais prescreveria: *"Erga-se pela manhã assim que despertar. Tenha um limão à mão, role-o e corte-o ao meio. Coma uma metade e caminhe a partir da casa a maior distância a que esteja segura de voltar sem assistência. Ao retornar, salpique um pouco de sal sobre a outra metade do limão e coma-a, bebendo toda a água possível."* Seis semanas depois, a mulher relatou aos médicos que tinha apetite normal, o inchaço havia desaparecido do abdome e ela conseguia caminhar uma milha e meia sem fadiga.

A estenógrafa do comitê, Jonnie Clay, ficou tão impressionada quanto os médicos. Numa carta escrita alguns anos depois da sua experiência com Cayce, Clay descreveu seus poderes psíquicos

como a coisa mais *"maravilhosa"* e apontou que mesmo aquelas primeiras leituras continham referências à Bíblia ou a conceitos bíblicos que foram ou ignorados pelo comitê de médicos, ou considerados indignos de inclusão em seus próprios relatórios. A Fonte ainda não tinha chegado ao ponto em que muitas leituras começariam e terminariam com oração, ou em que os pacientes seriam admoestados a tratar o próprio corpo como *"templo vivo"*, mas linguagem bíblica — *"tu"* e *"vós"*, e metáforas como *"fruto da árvore"* — já começava a insinuar-se nas leituras[43].

O comitê estava muito mais interessado na novidade de ver respondidas suas perguntas médicas do que em quem ou o que poderiam ser as fontes dos poderes de Cayce. À medida que iam se convencendo de que Cayce realmente tinha poderes especiais, davam entrevistas à imprensa e providenciavam demonstrações diante de colegas e interessados, tudo isso gerando muita publicidade. Uma experiência digna de nota foi conduzida diante do Psychology Club do Potter College, pela qual Cayce recebeu um relógio de bolso de ouro. Uma voluntária da plateia perguntou a Cayce sobre uma questão comercial da família — a respeito do desvio de fundos por alguém do quadro de funcionários do pai. A moça relatou depois que a leitura de Cayce provou estar correta e que o funcionário admitiu ter cometido desfalque.

Uma demonstração pública foi solicitada por um Professor Lambert do Bowling Green Business College, que se interessava por um assassinato ocorrido em sua cidade natal no Canadá. A vítima morava com a irmã numa casa elegante. Os investigadores da polícia não tinham suspeitos nem motivo. Tudo o que

concluíram, com base nas provas disponíveis, era que a mulher havia sido alvejada em algum momento à tarde, quando descia pela escada até o primeiro andar da casa.

A informação em transe que Lambert recebeu dizia que uma irmã havia matado a outra. Também informava o nome, a marca e o número de série da pistola utilizada, o calibre, o fato de ter sido adquirida em Roanoke, Virginia, e o número de câmaras vazias. Além disso, dizia que a irmã, depois de disparar a arma, atirara a pistola pela janela para a calha do telhado, onde a pistola deslizara pelo tubo de queda e podia ser encontrada justamente no ponto em que a calha entrava no esgoto.

Lambert enviou a informação ao chefe de polícia da cidade canadense. Por todos os relatos, os dados de Cayce provaram ser tão precisos que o chefe de polícia de Bowling Green recebeu mandados de prisão e papéis de extradição tanto de Cayce quanto de Lambert. Quando a situação foi explicada à autoridade canadense, esta solicitou a realização de uma segunda leitura para descrever o motivo do crime. Segundo a leitura, a vítima havia sabotado o relacionamento da irmã com um jovem pretendente — havia escondido uma carta de amor na qual o homem pedia a mão da irmã em casamento. A irmã encontrou a carta muitos anos depois, muito tempo depois de o *"amor de sua vida"* haver perdido a esperança e partido para casar-se com outra. O chefe de polícia de Bowling Green enviou o relatório ao Canadá, e a suspeita foi confrontada com a história. Ao ouvir a descrição da leitura, teria confessado e sido enviada à prisão.

Uma leitura não médica igualmente fascinante — o primeiro caso conhecido de Edgar a demonstrar precognição — foi feita para

um superintendente de divisão da Southern Railroad, a quem Edgar fora apresentado pelo presidente da escola em que estudara fotografia em McMinnville, Tennessee. O executivo da ferrovia escreveu a Cayce a respeito de um misterioso acidente que havia ocorrido em sua divisão, perguntando se Cayce podia lhe dizer como havia acontecido. A leitura foi realizada, e a resposta enviada ao escritório da ferrovia. A leitura de Cayce sugeria que determinada pessoa havia sido responsável e devia ser afastada da ferrovia. Os executivos, porém, se mostraram céticos, e pediram a Cayce que desse outra leitura sobre o mesmo assunto. Numa carta do vice-presidente da ferrovia, perguntou-se a Cayce como poderiam proceder para provar a informação da leitura. Em transe, Cayce disse: *"Se aquele [indivíduo] que apontamos como causador deste problema for mantido em serviço, ele causará, antes do primeiro dia de dezembro, um acidente que significará a morte daquele que recusou esta informação. Acontecerá em Virginia e West Virginia."*

Havia duas coisas interessantes nessa leitura: a Fonte sugeria que, mediante certas medidas, o desastre poderia ser evitado. Em outras palavras, o futuro não estava predeterminado — podia ser alterado. A leitura também sugeria a existência de algo parecido com *carma*, tema que reapareceria cada vez mais nas leituras de Cayce nos anos seguintes: o homem que recusou a informação fornecida sofreria por não agir sobre ela.

Nove meses depois de Edgar Cayce ter dado a leitura inicial para o executivo da ferrovia, chegou a Bowling Green a notícia de um trágico desastre ferroviário envolvendo as pessoas nomeadas na leitura. O empregado que deixara de acionar a chave para trocar

os trilhos da primeira vez repetiu seu erro, desta vez causando outro acidente. O executivo da ferrovia que havia solicitado a informação e não agira sobre ela estava num vagão particular nos mesmos trilhos. A previsão de Cayce de que ocorreria em Virginia e West Virginia realizou-se, pois o trem colidiu com o vagão particular num dos estados e o empurrou para o outro lado da fronteira, para o estado vizinho.

Por volta da mesma época da leitura da ferrovia, Blackburn relatou ter testemunhado um fenômeno que quase universalmente se atribuiu à sua imaginação, ou, no pior caso, a uma mentira deslavada. O fenômeno, conforme descrito a Cayce por Blackburn, teve lugar ao fim de uma leitura que estava sendo conduzida para um paciente que sofria de paralisia infantil[44]. Conforme a leitura avançava, Cayce começou a falar rápido demais para Blackburn anotar o que era dito. Blackburn teria estendido a mão esquerda e dito a Cayce: *"Espere aí. Não tão depressa."* À menção da palavra *"aí"* (*"up"*), Cayce teria *"flutuado para cima, elevando-se do divã"*, de modo que o peito se pressionou contra a mão estendida de Blackburn. Em choque, Blackburn retirou a mão, ponto em que Cayce caiu de volta no divã.

À primeira vista, um relato de Cayce *"levitando"* pareceria ser pouco mais do que sensacionalismo tabloide, pois em nenhum outro momento, antes ou depois desse incidente, consta que Cayce jamais tenha se erguido no ar. E, no entanto, todos os outros relatos de Blackburn e de seu comitê são consistentes com os fatos geralmente aceitos sobre os supostos poderes psíquicos de Cayce. Um incidente ocorrido alguns anos depois, durante uma leitura de novembro de 1933, testemunhado por trinta e

cinco pessoas, pode fornecer a chave para desvendar esse mistério.

Durante essa leitura, um dos amigos de Cayce inclinou-se para passar ao condutor uma lista de perguntas. Ao fazê-lo, sua mão passou por cima do plexo solar do psíquico adormecido. No instante em que a mão cruzou o corpo dele, Cayce parou de falar e ergueu-se de um salto até uma posição sentada. Uma testemunha descreveu o que viu: *"[Pareceu como se Cayce estivesse] sendo impelido [para cima] por uma alavanca ou polia invisível, sem descruzar as mãos do plexo solar nem usá-las de nenhuma maneira para pôr-se de pé."* Em razão dessa experiência, os investigadores aprenderam que, quando qualquer coisa passava diretamente sobre o corpo de Cayce, na região da cabeça ou do estômago, durante uma leitura, isso tinha por efeito interromper a leitura, como se uma corda invisível entre Cayce e a Fonte houvesse sido seccionada, impedindo qualquer conexão ulterior. Mas também podia resultar numa contração involuntária dos músculos estomacais de Cayce, o equivalente a ele levar um soco no plexo solar. O súbito movimento para cima de Cayce quando Blackburn estendeu a mão no meio da leitura deve ter parecido levitação ao médico assustado.

A essa altura da carreira de Edgar Cayce, notícias de seus talentos admiráveis tinham começado a atravessar fronteiras estaduais. Isso se deveu, na maior parte, ao trabalho do comitê de Blackburn, mas também a esforços de um novo amigo e admirador — o Professor Joe Dickey, que em breve viria a ser o presidente da Bowling Green Business University. Como Blackburn, Dickey testemunhou e conduziu numerosas leituras

em transe entre os anos de 1905 e 1907 e, juntamente com outros apoiadores de Cayce, enviou um verdadeiro dilúvio de cartas a pessoas importantes pedindo-lhes que testemunhassem, eles mesmos, o fenômeno Cayce.

Entre as pessoas que Edgar Cayce recebeu durante esse tempo estavam os inventores Thomas Edison e Nikola Tesla, que tinham sido convidados à Bowling Green Business School por Dickey como parte de um ciclo universitário de palestras sobre descobertas científicas modernas. Infelizmente, pouco se sabe sobre esses encontros. Não existe evidência documental nos arquivos de Edison ou de Tesla, e a agenda de compromissos de Cayce e outros registros relativos a esses encontros foram mais tarde destruídos em dois incêndios distintos nos estúdios fotográficos de Cayce em Bowling Green. Correspondência adicional, que se sabia ter existido entre Cayce, Edison e Tesla, foi também mais tarde destruída por uma voluntária bem-intencionada mas de visão curta no arquivo Edgar Cayce em Virginia Beach.

Contudo, embora não exista hoje diário ou correspondência em primeira pessoa que descreva os encontros, as cartas originais de Edison e Tesla foram examinadas pela secretária de longa data de Cayce, Gladys Davis, bem como por Roswell Field, repórter de Chicago que buscou informações biográficas sobre Cayce para uma matéria de jornal Hearst em 1911. Essa prova, juntamente com o texto de um discurso recentemente desenterrado que Cayce proferiu em Washington, D.C., e uma breve passagem em uma das memórias de Cayce, fornece pistas tentadoras do que pode ter se passado.

O tema de interesse para Edison — como para Tesla — eram as possíveis conexões entre eletricidade e fenômenos psíquicos. O interesse de Tesla no assunto era lendário, pois ele próprio alegava receber inspiração de seu *"eu superior"*, de modo não muito diverso do que era recebido por Edgar Cayce. Por sonhos e visões, Tesla recebia imagens mentais de diagramas e outros dados técnicos, entre os quais inovações que ele fez na transmissão elétrica de alta frequência e nas comunicações sem fio. Via o seu papel como inventor como apenas uma ligação com a própria imaginação, convertendo o que via em visões em realidade física. O antigo sócio de Tesla, Edison, não atribuía suas invenções a nenhuma ajuda do *"alto"*. E, no entanto, o fato de que Edison desenvolveu um interesse vivo por fenômenos psíquicos e eletricidade está também bem documentado, assim como seus comentários a colaboradores a respeito de seu intento de construir um aparelho para medir as vibrações elétricas emanadas por pessoas empenhadas em atividade psíquica. O interesse de Edison em construir tal aparelho pode muito bem ter resultado de seu encontro com Cayce.

O fato de que Cayce, em transe, abordou esse mesmo tema extensamente com dois outros inventores — Tim Brown, engenheiro de Dayton que ajudou a fundar a Delco[45], e Mitchell Hastings, pioneiro do rádio em FM na NBC e, mais tarde, engenheiro elétrico da IBM — é prova de que a Fonte não apenas era capaz de tratar desse tema, como acreditava que ele podia constituir uma via ou ponte importante para elevar a consciência de inventores que buscassem compreender a relação entre ciência e espiritualidade, que, segundo a Fonte, eram a mesma coisa. *"A*

eletricidade está no cerne de toda vida", Cayce, em transe, frequentemente dizia a esses inventores. *"A eletricidade é vida."*
Numa troca particularmente fascinante entre Cayce e Hastings, a Fonte descreveria o universo físico como consistindo em mente, matéria e energia, que todos seriam diversas formas de vibração elétrica. A Fonte afirmava inequivocamente que todo fenômeno era uma manifestação das vibrações emitidas por esses três elementos, e que Hastings precisava entender que existia uma vasta faixa de frequências na terra ou ao seu redor que ainda era indetectável pelos equipamentos científicos modernos. A origem de toda eletricidade, ou a *"primeira grande vibração"*, foi a criação do universo por Deus, descrita como uma explosão cósmica que pôs tudo em movimento e criou a própria matéria. Em menor escala, o homem podia manifestar o mesmo poder Divino como criador ou cocriador de seu universo pessoal. *"Que [mente, matéria e energia] sejam inseparáveis, eu não acredito"*, disse a Fonte a Mitchell Hastings, *"pois a energia é a mente procurando encontrar expressão — a procura é a energia, e aquilo que se expressa é a matéria."*
Conforme essa filosofia, Cayce, em transe, dizia tanto a Hastings quanto a Brown que aparelhos podiam ser feitos para medir *"formas-pensamento"*, assim como se construíam medidores para medir voltagem e amperagem.
O encontro entre Edison e Cayce presumivelmente ocorreu numa das salas de aula da Bowling Green Business School e foi arranjado por intermédio de Joe Dickey. Sem dúvida, Dickey conduziu Edison até a sala, onde consta que Edison testemunhou uma leitura e depois tentou gravar a voz de Cayce usando um protótipo de gravador a fio. Edison não conseguiu gravar a voz

de Cayce, porque, cada vez que colocava o tubo de captação sobre a boca do psíquico, a leitura se interrompia abruptamente.

Na época desse encontro, acreditava-se que a voz de Cayce não pudesse ser gravada: que sua voz de transe, de algum modo, não caía na faixa captada pelo equipamento de Edison. Testes posteriores, porém, revelaram que não era o caso. Uma gravação a fio de má qualidade mas autêntica, em que Cayce dá uma leitura, ainda existe. O problema da experiência de Edison resultou de o equipamento do inventor interferir com a suposta conexão entre o corpo adormecido de Cayce e a Fonte. Assim como Blackburn havia seccionado a conexão entre Cayce e a Fonte ao passar a mão por cima dele, também Edison ou seu assistente haviam interferido a cada vez que o tubo de captação era colocado sobre a boca de Cayce. Tentativas posteriores de gravar a voz de Cayce foram bem-sucedidas porque o aparelho não foi posicionado sobre o corpo de Cayce.

Tudo o que Cayce disse sobre o encontro foi que ele e o *"mago da eletricidade"* haviam tido uma divergência de opinião quanto à natureza da alma do homem. Edison era crente firme de que tal coisa como *"alma"* não existia, que era puramente um ideal cultural. Edison, contudo, acreditava que muito mais pesquisa precisaria ser feita sobre o assunto. *"Quando vemos o mundo inteiro buscando, buscando, buscando, alguma coisa há de haver [nisso]"*, disse Edison a Cayce, segundo este último. *"Estou convencido de que, quando os cientistas se puserem a trabalhar estudando Deus, assim como se empenharam em descobrir como fazer grandes conveniências para a humanidade, aprenderemos algo sobre a alma — se é que há uma."*

Dado o tema do encontro com Edison, também é interessante notar que Edgar Cayce, em transe, podia de fato discutir mais do que apenas os fundamentos teóricos da suposta ligação elétrica entre mente, matéria e energia. Na década de 1920, Cayce forneceria diagramas para aparelhos que pretensamente provariam a existência de um espectro de vibrações ainda imperceptível à ciência moderna, e na década de 1930 ajudaria Mitchell Hastings a patentear dispositivos elétricos ainda hoje em uso. Mas há ampla evidência de que mesmo durante os primeiros anos em Hopkinsville e Bowling Green Cayce — em transe — procurava fazer uma contribuição científica nesses mesmos termos.

Em 1910, Edgar Cayce daria uma leitura para Tom Baugh, um eletricista que havia se mudado para o Kentucky, vindo da Virginia, para instalar uma nova rede elétrica para a cidade de Hopkinsville e que já havia instalado o primeiro sistema telefônico de disco naquela cidade. Segundo Baugh, quando ele pediu ajuda a Cayce, o eletricista não tinha ciência da reputação do fotógrafo como psíquico. Sabia apenas o que um amigo lhe dissera: que Cayce sabia as respostas de muitas perguntas e podia ajudar praticamente qualquer pessoa que a ele recorresse. Baugh pediu e obteve uma leitura que lhe forneceu dados técnicos e um diagrama de fiação, os quais ele usou para redesenhar uma usina a vapor existente na Coleman Street quando foi adquirida pela Kentucky-Tennessee Light and Power Company. A rede que ele construiu com base no aconselhamento da leitura — segundo Baugh — era de longe superior à dos sistemas instalados em qualquer outra parte do país. O fato de que essa usina e rede não

precisariam de reforma até 1942, e de que partes da rede original ainda estão em uso hoje, é evidência do êxito de Baugh.

---

42. Alexander Campbell (1788–1866): pastor e teólogo irlandês-americano, cofundador do movimento *Discípulos de Cristo* — a tradição religiosa a que Edgar pertencia. ↩
43. *Tu*, *vós*, *fruto da árvore*, *templo vivo*: a partir deste ponto, a voz da Fonte mescla o registro clínico moderno com arcaísmos em *tu* e *vós* em máximas, orações e fórmulas de ressonância bíblica. ↩
44. *Paralisia infantil*: poliomielite. A denominação histórica perdurou até a difusão das vacinas Salk (1955) e Sabin (1961). ↩
45. *Delco*: Dayton Engineering Laboratories Company, fabricante pioneira de sistemas elétricos automotivos; absorvida pela General Motors em 1918. ↩

11.
Últimos dias em Bowling Green

Ironicamente, no exato momento em que Edgar Cayce havia chegado num ponto de sua carreira em que estava prestes a receber atenção nacional por suas leituras em transe, uma série intempestiva de acontecimentos levou-o a fechar seus estúdios fotográficos e a deixar a ribalta. Como foi o caso muitas vezes em sua carreira, os problemas começaram com seu próprio declínio de saúde.

Em 1º de janeiro de 1906, Edgar passou a tarde numa fábrica de móveis fazendo fotografias para o catálogo de vendas pelo correio de um cliente. Foi um dia particularmente frio, com neve no chão e sem aquecimento no depósito onde Edgar fotografava. Eram sete da noite quando ele retornou ao estúdio e entrou no laboratório, onde também não havia aquecimento. Saiu do laboratório alguns minutos depois, tremendo, e sentou-se perto da lareira para se aquecer. Tão logo Edgar se sentara, caiu inconsciente, escorregando para o chão.

Tom Barnes e Frank Porter, que estavam no estúdio revelando fotos, carregaram Edgar até o sofá e chamaram o Dr. McCraken, que tinha escritório do outro lado da rua. Mandaram também avisar Blackburn e seu comitê. McCraken, que chegou primeiro, tentou despejar uísque na garganta de Edgar. As mandíbulas do

fotógrafo travaram e os dentes cerraram-se. Num esforço para forçar as mandíbulas a abrirem, McCraken quebrou os dentes inferiores da frente de Edgar. O médico então pôs um pano molhado na boca de Edgar para impedi-lo de morder a própria língua. A essa altura, porém, não conseguia detectar pulso.

Outros médicos logo começaram a chegar. Alguns eram membros do grupo de investigação de Blackburn; outros, não. Edgar recebeu uma injeção de morfina, outra de estricnina e, por fim, uma de nitroglicerina[46]. Também o envolveram em toalhas quentes e puseram chapas de fogão quentes e tijolos aquecidos contra a planta dos pés, num esforço para aquecê-lo. Mas não havia sinal de vida. O rosto de Edgar ficara cinéreo, com círculos cinza-carvão ao redor dos olhos. Ninguém sabia o que mais poderiam fazer por ele. Cobriram-no com um cobertor e declararam Edgar Cayce morto.

Todos os médicos, exceto McCraken, já haviam partido quando o próprio Blackburn chegou, querendo saber o que havia acontecido. Blackburn exasperou-se, dizendo a McCraken que nada deveria ter sido feito. *"Ainda que estivesse saudável, a tralha que você enfiou nele seria capaz de matá-lo"*, disse Blackburn. Sentou-se ao lado do sofá e começou a falar com o Cayce inconsciente. Sugeriu-lhe que acordasse, que o sangue circulasse normalmente, que o pulso aumentasse. Blackburn falou continuamente por meia hora.

Passados vinte minutos, os músculos de Edgar Cayce começaram a se contrair. Seu pulso tornou-se detectável. Por fim, com um gemido, acordou. Dor atravessava-lhe todo o corpo. A boca estava cheia de sangue. Faltavam-lhe dois dentes, e a planta dos

pés estava queimada. Blackburn contou-lhe o que havia acontecido e perguntou o que ele achava que deveriam fazer.
Edgar disse-lhe para lhe fazer a pergunta quando estivesse em transe. Blackburn pô-lo em transe e, depois de pedir conselho à Fonte, deu-lhe a sugestão de que os venenos no corpo não fossem assimilados, de que as queimaduras sarassem e de que se restaurassem condições normais em todas as partes do corpo de Edgar. Cayce respondeu como havia feito ao se curar dos problemas da voz. A área ao redor dos braços onde haviam sido administradas as agulhas hipodérmicas ficou descolorida e inchada, como se ali se retivessem as drogas. Blackburn injetou uma agulha e puxou o êmbolo. Grande parte das drogas saiu. Ao mesmo tempo, contudo, o pulso de Edgar caiu a tal ponto que Blackburn não conseguia detectar batimento cardíaco. Depois de uma hora, o pulso de Edgar voltou, e seus músculos começaram a se contrair. Blackburn deu a sugestão para que Cayce despertasse. Abriu os olhos e estendeu os braços. Grande parte da dor aguda havia passado, mas ele ainda estava dolorido da cabeça aos pés. Blackburn o agasalhou e o levou a pé até em casa.
— Acho melhor eu ficar com você esta noite — disse quando chegaram à casa dos Cayce. Gertrude estava estupefata, furiosa e assustada com o que acontecera. Foi talvez por causa dela que Blackburn concordou em passar a noite inteira ao lado de Edgar. Na manhã seguinte, cedo, os Cayce e Blackburn foram acordados pelo som da campainha da porta da frente. Um mensageiro trazia um grande arranjo floral. O cartão, de bordas pretas, começava: *"Com os mais profundos pêsames…"* O obituário de Edgar Cayce havia saído no jornal daquela manhã.

Quatro meses depois, Edgar foi novamente ferido, desta vez nas mãos do comitê de Blackburn. O incidente ocorreu durante aquele que se anunciava como o *"experimento final"* do comitê, em que médicos da County Medical Society foram convidados a uma sala de reuniões pelo E. Q. B. Literary Club para testemunhar uma leitura. Embora Gertrude se opusesse à participação de Edgar nas atividades da noite, pouco podia fazer aquém de boicotar por completo o evento e compartilhar seu desagrado com a perspectiva de ver o marido posto em exibição mais uma vez. Sem dúvida a conversa entre eles sobre o assunto se deu em particular — se de fato ocorreu —, pois Gertrude permaneceu em casa a noite toda, e Leslie, que viajara de Hopkinsville para o evento, acompanhou Edgar, o convidado de honra. A única concessão que Gertrude parece ter obtido foi do próprio Blackburn, que lhe prometeu tomar bom cuidado do marido. *"Quero que ele volte em tão boas condições quanto está agora"*, ela exigiu. *"Não venham com truques."*

Blackburn fez as observações introdutórias diante de um público de vinte ou trinta dos mais distintos médicos do estado. Por fim, Edgar foi convidado ao centro do palco. Não há registro de que lhe tivessem pedido uma única palavra sobre si mesmo. Conduziram-no a uma mesa que havia sido posta no palco, e ele se deitou. Caído um silêncio sobre a sala, Blackburn guiou Cayce ao transe e lhe deu o nome de um paciente para diagnosticar. O paciente era um negro que aguardava na sala ao lado o sinal para entrar e ser examinado pelo comitê. Mas a Fonte decepcionou a todos ao dizer que não podia fazer nada pelo homem. Mais tarde, críticos de Cayce e do Trabalho alegariam que a razão era

racismo: que Cayce, ou a Fonte, não diagnosticava nem tratava americanos negros. Isso era patentemente falso. Cayce ofereceu numerosas leituras para negros e outras minorias. A razão mais provável para que o diagnóstico não tivesse sido feito, conforme evidenciado por muitas leituras posteriores, é que a Fonte havia determinado o paciente como incurável, e literalmente *"nada podia fazer"* para ajudá-lo.

A demonstração continuou quando um dos médicos na plateia pediu a Cayce que diagnosticasse um paciente que ele tratava no Potter College, situado pouco fora de Bowling Green. Blackburn deu a sugestão. Desta vez a informação veio. Cayce afirmou que o jovem estava se recuperando de febre tifoide, que tinha pulso de 96 e temperatura de 101 ¼. Cayce recomendou então que o paciente fosse submetido a uma nova dieta e disse que seu tratamento corrente não era adequado para facilitar a recuperação. Tão logo Cayce terminou, três médicos foram despachados ao Potter College para determinar se a informação era precisa. Em seu retorno, os médicos relataram que a informação fornecida era absolutamente correta. O paciente de fato estava se recuperando de febre tifoide, e sua pressão arterial e temperatura eram tais como Cayce as descrevera.

O diagnóstico e o relato subsequentes causaram grande agitação na sala, levando outros médicos a subirem ao palco e *"testar"* se Cayce estava mesmo em transe, ou se a apresentação não passava de uma farsa elaborada. Blackburn, aparentemente, ou não sabia o que aqueles tinham em mente, ou não reagiu a tempo para impedi-los de suas experiências. É também possível que Blackburn e seu comitê preferissem arriscar ver Cayce ferido a

macular o evento sugerindo que os médicos não pertencentes ao comitê seriam impedidos de examiná-lo pessoalmente. Antes que Blackburn tomasse providência para proteger Cayce, o Dr. William Sadler, osteopata visitante de Chicago, subiu ao palco e cravou uma longa agulha cirúrgica no braço de Cayce. Como isso não produziu a reação esperada pelo médico, a agulha foi cravada na planta do pé dele. Cayce ainda assim não reagiu. No ínterim, outro médico enfiara um alfinete de chapéu através de uma das bochechas de Cayce, enquanto um terceiro corria um canivete sob a unha do dedo indicador esquerdo, erguendo lentamente a unha da carne. Ainda assim não havia indicação de dor, e o sangue não escorria. Os médicos ficaram desnorteados.

Quando Blackburn deu a Edgar Cayce a sugestão para encerrar a sessão e Cayce saiu do transe, ele gemeu alto. O sangue jorrou-lhe da bochecha sobre a mesa. Mas, por mais dolorosa e humilhante que tivesse sido a experiência para Edgar, guardou a raiva para si. O pior que disse sobre o tratamento que recebera nas mãos da associação médica foi um único comentário em suas memórias. *"No entusiasmo e na curiosidade, os médicos haviam esquecido que eu era alguém como eles próprios"*, escreveu.

Leslie levou Edgar para casa. As sinceras desculpas de Blackburn não foram suficientes para amainar a raiva de Gertrude ou apagar a dor mental e física do marido. Embora Blackburn e Cayce continuassem a se chamar de amigos pelos três anos remanescentes em que os Cayce viveriam em Bowling Green, Edgar jamais se submeteu novamente a uma leitura para o comitê, que em consequência se dissolveu. E foi talvez por causa do ressentimento remanescente de Gertrude com o ocorrido que

Blackburn deixou de realizar leituras de acompanhamento sobre a melhor forma de tratar os ferimentos de Edgar. As lesões que Edgar sofreu na experimentação levaram meses para cicatrizar, e os cortes sob a unha deixaram-lhe o dedo desfigurado pelo resto da vida.

Houvesse sido esse o último dos infortúnios que se abateram sobre Edgar e sua família, pode ser que ele nunca tivesse deixado Bowling Green. Mas três dias antes do Natal de 1906, enquanto Edgar ainda estava em meio à recuperação do último experimento do comitê, um incendiário ateou fogo ao estúdio da State Street, reduzindo o prédio a cinzas.

Nem Edgar, nem Gertrude, nem John Blackburn revelaram o nome do suspeito, mas há ampla evidência a sugerir que o candidato provável era um membro dos *Night Riders* do Dr. David Amoss, o infame grupo de fazendeiros de tabaco encapuzados em patrulhas de vingança que pilhavam e queimavam muitas casas e propriedades no condado de Christian nessa época. O motivo presumido era vingança por Edgar, alegadamente, ter dado leituras para John T. Hanberry, juiz itinerante do condado de Christian que havia organizado uma campanha para infiltrar os *Night Riders*. A verdade sobre o incêndio talvez jamais se saiba, pois Hanberry mais tarde negaria ter recebido quaisquer leituras, e o Dr. Amoss jamais reconheceu publicamente ou revelou detalhes de seus muitos atos terroristas.

O incêndio criminoso por motivos de seguro, contudo, pode ser descartado definitivamente como motivo, pois o estúdio da State Street, como o da College Street, estava em intenso movimento. O incêndio da State Street também foi muito mais devastador para

Cayce e a família do que qualquer pessoa fora do círculo íntimo poderia ter imaginado. O seguro pagou pela perda do equipamento fotográfico, mas não por milhares de dólares em pinturas, gravuras e aquarelas que estavam em consignação de uma galeria de arte de Nova York. Tivesse Edgar efetivamente comprado as gravuras, a apólice de seguro teria coberto a perda. Porque as gravuras estavam em consignação, o fotógrafo e seus sócios deviam à galeria de Nova York US$ 8.000,00, o equivalente a US$ 80.000,00 em valores de hoje.

Joe Adcock declarou falência. Edgar não pôde fazer o mesmo, porque uma hipoteca judicial seria lançada sobre a Colina. Ele tinha de devolver o dinheiro ou correr o risco de os sogros perderem a casa. A pressão foi especialmente intensa sobre Gertrude, de vinte e sete anos, pois não apenas a casa da família estava em risco de execução, como ela estava grávida de seis meses. Para ajudar, a mãe de Gertrude veio de Hopkinsville, e ela e a família Cayce mudaram-se juntas da casa Vick para uma locação mais barata na esquina da Main Street com a Park Avenue.

Foi na casa da Main Street que Gertrude deu à luz, em 16 de março de 1907, um menino de nove libras e meia, a quem deram o nome de Hugh Lynn, em homenagem aos dois irmãos de Gertrude. O Dr. Blackburn fez o parto, a Srta. Daisy Dean foi a enfermeira, e ambos foram assistidos pela mãe de Gertrude, Lizzie. Embora o parto tenha transcorrido tranquilamente, o Hugh Lynn de cabelos escuros chorava sem parar. Edgar achou que a criança *"iria berrar até a morte"*, até que uma leitura lhes disse que o bebê não estava recebendo nutrientes suficientes do

leite materno. Contrataram uma ama de leite, e o problema foi resolvido.

O choro de Hugh Lynn, contudo, não diminuiu a alegria que Edgar sentiu ao se ver pai. Quase vinte anos depois, ele refletiria retrospectivamente sobre a experiência, numa carta a um jovem casal que aguardava o nascimento do seu próprio primeiro filho. *"Muitas vezes sinto que ninguém sabe apreciar… [ter um filho] até que tenha vivido isso em si mesmo"*, escreveu Edgar. *"A expectativa de ver um milagre se desenrolar diante dos seus próprios olhos… [fará os dois crescerem] maiores, melhores, e [ser] atraídos mais e mais para junto do Doador de bens e dons perfeitos, e vocês perceberão também a maravilhosa confiança e responsabilidade que foi posta em suas mãos."*

Enquanto Gertrude e a mãe cuidavam do bebê, Edgar transferiu sua operação para o outro estúdio fotográfico e trabalhou mais horas do que nunca. Mal tirava tempo para dar leituras. E, no entanto, em setembro de 1907, nova adversidade atingiria a família, com mais um incêndio inexplicado, desta vez no estúdio da College Street. Não foi tão devastador quanto o primeiro, embora de fato quase todo o equipamento de filme e os negativos de Edgar tenham sido perdidos. A diferença é que ele não tinha mercadorias em consignação, e os peritos do seguro foram generosos. A única coisa que Edgar seriamente lamentou perder foi o negativo de uma cópia que lhe ganhara o primeiro prêmio em um concurso nacional de fotografia da Kodak. A premiação fora anunciada, mas o negativo tinha de ser entregue aos jurados antes que o dinheiro pudesse ser enviado. Edgar nunca encontrou a chapa de vidro em meio aos escombros.

Nenhuma menção foi feita em correspondência ou diários quanto à causa do segundo incêndio. Tudo o que o registro histórico revela é que Frank Potter, então sócio de Edgar, decidiu sair do negócio da fotografia de vez. Os Salter fizeram outro empréstimo contra a Colina e compraram a participação de Potter no estúdio para impedir o banco de executar a hipoteca da propriedade. O estúdio ficou legalmente fechado pelos sete minutos que Potter levou para assinar a saída e o Dr. e a Sra. Thomas House para assinarem a entrada como novos sócios.

Edgar pôs carpinteiros a trabalhar de imediato, e em duas semanas estavam de novo abertos ao negócio. Para economizar, Gertrude e o bebê Hugh Lynn foram para a Colina, enquanto Edgar permaneceu em Bowling Green, dormindo num colchão no estúdio. O Dr. House mudou-se temporariamente para Bowling Green para ajudar Edgar como novo gerente do estúdio. Além de auxiliar Edgar no estúdio, também começou a conduzir as sessões de transe de Edgar. Não eram, contudo, leituras médicas. Eram quase exclusivamente sobre métodos para ajudar Edgar e os Salter a saírem do aperto financeiro.

A primeira leitura não médica que o Dr. House conduziu foi para localizar ouro que, segundo a lenda corrente, fora enterrado nas imediações da Colina durante a Guerra Civil. Cayce, em transe, começou a leitura fornecendo a House uma descrição dos soldados que vinham ocupar Hopkinsville e o asilo de alienados adjacente. Acompanharam-se as atividades dos dois exércitos enquanto ganhavam e perdiam terreno, focalizando-se a seguir a área, nos arredores da cidade, onde se teria enterrado o butim confederado por um soldado sulista. A leitura prosseguiu

descrevendo como o soldado que enterrara o tesouro enviara à família, em casa, os detalhes do esconderijo, e como dois familiares do soldado vieram a Hopkinsville após a guerra e o recuperaram. Segundo a leitura, só um deles ficou com o tesouro, porque uma discussão virou briga, depois tiroteio.

Leslie, que foi visitar Edgar em Bowling Green, também quis tentar a sorte com uma leitura para levantar fundos. Uma grande recompensa havia sido oferecida por informações que levassem à prisão de uma ou mais pessoas que haviam furtado alguns milhares de dólares em títulos no oeste da Pensilvânia. Cayce — em transe — forneceu a descrição do principal infrator do caso, que se revelou ser a esposa do homem que oferecia a recompensa. Segundo a leitura, a esposa havia partido com um dos associados do marido. Cayce teria identificado a mulher pelo nome, bem como por uma marca de nascença incomum, não comumente visível. Disse também que dois dos dedos do pé esquerdo dela estavam aderidos entre si, em resultado de uma queimadura que sofrera quando criança.

Leslie telegrafou a informação à Pensilvânia. Ao telefone, o marido da mulher disse-lhe que os detalhes descritivos estavam todos corretos, e que uma recompensa seria enviada quando a mulher e seu cúmplice fossem apreendidos. Foram feitas leituras adicionais para determinar aonde os fugitivos tinham ido. Consta que foram presos mais tarde em Columbus, Ohio.

Embora Leslie tenha recebido a recompensa, Edgar não lucrou pessoalmente com o empreendimento. Leslie pôs o dinheiro num sindicato empresarial que ele e uns poucos associados de Hopkinsville haviam constituído. O objetivo deles era usar

informação psíquica para ganhar dinheiro no mercado de *commodities*. Edgar concordou em ajudar com a condição de que um percentual do que se obtivesse fosse direcionado para aliviar a substancial dívida dele e de Gertrude.

Por arranjo prévio, Leslie conduzia leituras em Bowling Green e telegrafava a informação a seus sócios em Hopkinsville, que operavam no mercado de *commodities* de Chicago. Todos os ganhos, exceto o custo de um quarto de hotel em Bowling Green para Leslie, eram reinvestidos no empreendimento. A primeira semana, consta, gerou várias centenas de dólares. A segunda semana foi aparentemente lucrativa o bastante para que os investidores deixassem seus empregos em Hopkinsville e mudassem a operação para Chicago, onde estariam mais próximos do pregão. Nesse momento, as leituras insistiam em que um homem chamado *"Leiter"*[47] açambarcaria o mercado de trigo e que o preço de negociação iria a US$ 1,19 para então romper bruscamente, caindo vários pontos. Os sócios de Leslie, certos de que isso não podia ser o caso, deixaram de agir de acordo e, consta, perderam todas as posses do sindicato.

Em meio à concessão dessa série de leituras sobre *commodities*, o amigo de Edgar, Joe Dickey, da faculdade de comércio, surgiu com outro esquema para ganhar dinheiro. Suplicou a Edgar que levasse o talento a um lugar como Nova York, onde, Dickey tinha certeza, poderiam interessar pessoas dispostas a liquidar a dívida do estúdio. Dickey escreveu a um advogado e empresário nova-iorquino chamado Paul Cooksey, filho de um membro de terceira geração da First Christian Church de Bowling Green. Dickey acreditava que Cooksey seria capaz de levantar enormes capitais

por intermédio de seus diversos associados nos negócios. Como sua correspondência revela, Cooksey mostrou-se devidamente impressionado com o que Dickey tinha a dizer, mas queria provas.

"Estou em condições de apresentar o assunto que o senhor sugere a alguns dos grandes capitalistas", escreveu Cooksey. *"Contudo, a proposição dificilmente está em forma tangível para apresentação… As coisas que o senhor sugere serem possíveis com o Sr. Cayce pareceriam a qualquer homem situar-se além dos poderes humanos, mas, se o senhor se dispuser a entrar em mais detalhes e me der algo um pouco mais tangível para apresentar, estarei em condições de expor a matéria às pessoas a que se refere… Aguardo notícias quando lhe for conveniente, e verei o que se pode fazer deste lado da linha."* Dickey mal podia esperar para seguir adiante com Cooksey, então ele e Cayce combinaram que o Dr. House conduziria uma demonstração por *"escuta"* de um dia típico na vida de Paul Cooksey. Durante o experimento, porém, House e Dickey se deixaram levar e tentaram ver se seriam capazes de efetivamente influenciar ou direcionar os movimentos dele.

A leitura se deu no início da manhã. Cayce aparentemente localizou Cooksey com facilidade e seguiu-o enquanto este caminhava para uma tabacaria a fim de comprar cigarros. A instrução de Dickey, o Cayce adormecido orientou-o a comprar dois charutos, fê-lo acender um e pôr o outro no bolso. Mais tarde, quando Cooksey chegou a seu prédio de escritórios no sul de Manhattan, Cayce novamente o fez alterar a rotina. *"Normalmente ele espera o elevador"*, afirmou Cayce em transe. *"Desta vez, faremos com que suba pela escada, para que se recorde."*

Cayce prosseguiu descrevendo Cooksey enquanto este subia os degraus assoviando a canção de *show "Annie Laurie"*. Minutos depois ele estava em seu escritório, onde outro cavalheiro o aguardava para discutir o desenvolvimento de um imóvel. Cayce, ainda em transe, observou que havia uma ação judicial relativa a tal propriedade, e que o caso seria chamado a juízo naquela tarde às três horas. Cayce descreveu a seguir como Cooksey examinou a correspondência da manhã depois de terminada a reunião. Havia três cartas. A primeira que abriu era uma conta, a segunda uma carta de negócios e a terceira uma carta pessoal da namorada, que começava *"Querida…"*. Em meio à leitura da carta, o telefone tocou, e ele conversou com um homem de nome Dolligan.

Dickey ficou eufórico com o detalhe e com a facilidade com que Cayce respondia às perguntas que lhe eram postas por House. Telegrafou imediatamente uma transcrição para Nova York. Andrews respondeu ao telegrama em menos de uma hora: *"Sua leitura sobre mim estava correta no essencial"*, escreveu Cooksey. A única parte que Cayce parecia ter errado dizia respeito ao homem de nome Dolligan, cujo nome, disse Cooksey, era Downey. O restante da informação, contudo, era tão preciso que Cooksey não precisou de nenhuma outra demonstração. Começou a falar com seus *"investidores"*.

Mais cartas se trocaram. Em 20 de janeiro de 1908, Cooksey estava pronto para que Cayce, Dickey e House viessem a Nova York. Agora era Edgar quem tinha dúvidas. Não que não desejasse os proventos de uma eventual parceria, mas tinha preocupações com o uso da sua habilidade para ganhar dinheiro, que é tudo o que

Cooksey e os associados pareciam interessados em fazer. Também não desejava deixar o Kentucky para envolver-se com estranhos. É bem concebível que Gertrude — à luz do fiasco resultante das investigações do comitê de Blackburn — houvesse posto o pé na parede quanto a dar leituras para qualquer pessoa de fora do círculo familiar, e que, desta vez, o marido lhe tivesse atendido ao conselho.

Tanto Dickey quanto Cooksey ficaram transtornados. *"Você está jogando com paradas altas, meu velho soldado"*, escreveu Dickey a Edgar. Mas Edgar relutava em agir de uma forma que não estivesse em acordo com o *"espírito"* das leituras. *"Isto [o talento psíquico] não é coisa para ser tratada como brinquedo"*, escreveu Edgar mais tarde a um associado nos negócios.

Quando pareceu que Edgar ainda não iria a Nova York, Cooksey foi visitá-lo em Hopkinsville, entrevistou pessoas que ele ajudara, e então suplicou-lhe que viesse ao Leste, ainda que por alguns dias. Encontrar Cooksey deixou Edgar ainda mais certo de que não deveria ir a Nova York. Gertrude concordou. Cooksey, contudo, não partia. Dizia-se contrariado, alegando que Edgar havia recuado de um acordo e devia a Cooksey pelo menos uma leitura. Finalmente, Edgar concordou em dar uma leitura com a condição de que Cooksey embarcasse num trem para casa e deixasse a família Cayce em paz.

Tudo o que se sabe sobre a leitura e sobre o que aconteceu com Cooksey vem de Leslie, que a conduziu. Segundo ele, a Fonte deu cotações de ações que geraram a Cooksey cerca de US$ 20.000,00 no mercado. Com essa quantia, ele quitou um dos empréstimos bancários pendentes de Edgar.

Dickey fez mais uma tentativa de persuadir Edgar de que se podia fazer dinheiro fácil com seus dons psíquicos. Convenceu Edgar a dar uma leitura sobre as corridas em Latona. No curso de uma leitura de teste, Cayce teria acertado os seis vencedores de sete corridas. A única corrida em que ele não indicou um vencedor foi uma em que Cayce — em transe — dissera que estava arranjada, e não podia ser indicada. Dickey ficou tão entusiasmado com o êxito do experimento que tomaram o trem para Cincinnati e foram às corridas. Dickey entrou com o dinheiro. Desta vez a leitura indicou que apenas quatro das sete corridas do dia não estavam já arranjadas. Dickey apostou e ganhou em cada uma.

A parcela de Edgar da renda bastou para tirá-lo das dívidas. Mas o preço que pagou foi mais alto do que ele ou Dickey poderiam ter imaginado. As leituras em transe podiam ser uma caixa de Pandora para quem quer que optasse por ignorar o conselho, tomar a informação levianamente ou usá-la de maneiras que não estivessem de acordo com os *"propósitos"* e *"ideais"* delas. Dois meses depois de dar as leituras de Latona, Dickey iniciou uma licença temporária de dois anos de suas atividades na universidade para submeter-se a terapia psiquiátrica. Edgar também sofreu, mas o preço que pagou só se tornou aparente pouco depois, quando tentou dar uma leitura para Hugh Evans, irmão de Gertrude, que dera entrada num hospital no Texas com tuberculose. Edgar não conseguiu entrar em transe.

O Dr. House tentou repetidamente conduzir Edgar ao transe e obter uma leitura, como também tentaram Lynn Evans, John Blackburn e Al Layne. Mas, por mais que tentassem, Edgar ou

tinha enxaqueca, ou adormecia. Não conseguia dar uma leitura para Hugh Evans, nem ajudar ninguém mais que a ele recorresse, por mais genuína que fosse a necessidade. A Fonte havia silenciado.

Para Edgar, aquela era mensagem clara de que estava sendo punido por ter posto as próprias preocupações materiais e as dos outros acima do bem espiritual maior que podia vir através das leituras. Assim como chegara a acreditar que perdera a voz, tempos atrás, por não seguir as diretrizes do anjo de sua infância, acreditava agora que havia dilapidado os *"dons de Deus"* dando-lhes uso errado. E, além do impacto óbvio que as leituras do hipódromo de Latona tiveram sobre a sua capacidade de entrar em transe, havia o impacto mais sutil que as leituras tiveram sobre a vida pessoal dele e de Gertrude. *"Dei-me conta de que a tentativa de usar tal informação para fins especulativos trouxera uma mudança súbita e definitiva em todo o meu ser"*, escreveu Edgar. *"Dei-me conta de que meus gostos e aversões haviam mudado. As companhias que eu buscava eram outras."* Em outras palavras, ao usar as leituras para fins especulativos, ele estava se tornando mais parecido com as pessoas que solicitavam tais leituras.

Desalentado, acreditando que nunca mais seria capaz de dar uma leitura, Edgar fechou o estúdio de Bowling Green, voltou à Colina e buscou consolo e refúgio no estudo da Bíblia. *"Decidi deixar tudo [para trás]"*, disse depois, *"parar de mexer com… [as leituras em transe], parar de experimentar [de vez]."*

46. Na medicina de emergência da época, a morfina era analgésico, a estricnina (em doses mínimas) estimulante cardíaco e a nitroglicerina vasodilatador; a sobreposição com uísque constitui intoxicação aguda. ↩
47. Joseph Leiter (1868–1932): especulador de Chicago que tentou açambarcar o mercado mundial de trigo (1897–1898); foi derrotado por Philip Armour. Episódio paradigmático da especulação financeira da época. ↩

12.
A descoberta de Edgar Cayce

Edgar permaneceu na Colina pelos três meses seguintes, durante os quais trabalhou sobretudo na horta ou ficou sentado na varanda, lendo a Bíblia e rezando pelo perdão de haver perdido de vista aquilo que acreditava ser o bem maior que haveria de vir das leituras. Considerava-se um fracasso sombrio, tanto como marido e pai quanto naquilo que percebia como sua carreira de curta duração como *"diagnosta psíquico"*. Na verdade, Edgar havia dado um passo crucial adiante na compreensão de si mesmo e do Trabalho[48]. Saía dali com um conhecimento rudimentar de como seu dom deveria ser usado e de como podia ser desperdiçado. E, embora Edgar não o soubesse à época, uma equipe de médicos vindos de lugares tão distantes quanto Los Angeles, Boston e Nova York logo faria de Edgar Cayce o psíquico mais celebrado do país.

Houvesse Edgar o menor conhecimento do que estava prestes a acontecer, o estudo bíblico dele teria sido mais reflexivo. Em vez de chafurdar com indulgência na autocompaixão e procurar apenas consolo e refúgio, poderia ter buscado orientação sobre como melhor se conduzir e aos seus negócios. Como aconteceu, sua autoaversão irritava os nervos de todos: com Gertrude, Hugh Lynn e Lizzie dividindo um quarto com Edgar, e o Dr. e a Sra.

House e o filho, Tommy, dividindo outro, as relações tornaram-se tensas. Ademais, as contas médicas de Hugh Evans drenavam os cofres da família e, com o custo acrescido de alimentar as muitas pessoas que jantavam na Colina — que também incluíam Lynn Evans, a tia Kate e diversos trabalhadores da fazenda —, mal havia dinheiro bastante para comprar ao Hugh Lynn de dois anos o primeiro par de sapatos ou levar Gertrude a um espetáculo no Holland Opera House. Mais uma vez, Gertrude começou a perder peso. Fotografias revelam uma mulher pálida e encolhida, invariavelmente vestida de preto, o cabelo antes até a cintura agora curto e já não mais adornado com flores.

À medida que as semanas viravam meses, Edgar cada vez mais se desesperava por nada haver realizado em sua vida, por nunca mais ser capaz de dar leituras e por ter de continuamente aceitar a caridade dos sogros. Para ajudar a pagar o próprio sustento, ofereceu-se para transportar a cozinha até a casa e juntá-la ao prédio principal. Foi empreitada prodigiosa, que exigiu tirar a cozinha de sua fundação, pôr toras debaixo e literalmente rolar o prédio pelo quintal até a casa principal. A única crise que enfrentaram foi quando a tia Kate de Gertrude, num esforço para ajudar a rolar o prédio, teve o polegar esmagado.

Cumprida essa tarefa, Edgar decidiu buscar emprego remunerado e enviou cartas a contatos que tinha no Texas e no Alabama. No início de junho de 1909, por meio de um de seus contatos em Bowling Green, Edgar obteve trabalho em Gadsden, Alabama, para um fotógrafo chamado Harding. Edgar despediu-se de Gertrude e Hugh Lynn, prometendo mandá-los buscar assim que se estabelecesse.

Todos os relatos indicam que Edgar se sentia mais feliz por estar trabalhando novamente no ramo da fotografia, sobretudo ao lado de Harding, a quem descreveu como homem jovem e agradável. Os pais de Harding, em cuja casa Edgar residiu, receberam de Edgar a mais alta honraria quando ele os chamou de a família cristã mais devota que ele jamais havia tido o prazer de conhecer. Em meio à companhia deles, começou o processo de cura.

Edgar não guardou da família Harding segredo da vida anterior. Mas apresentou as atividades de outrora no pretérito, deixando claro aos Harding e a outros que já não podia fazê-lo. Edgar estava tão certo de haver perdido os talentos que não tentou uma única leitura durante o primeiro mês em que esteve em Gadsden. Como ele próprio diria mais tarde, aquela foi uma época em que *"ele estudou a si mesmo em silêncio, [por] dias e semanas e meses"*.

Em Gadsden, Edgar fazia, no essencial, a mesma coisa que fizera para Bowles quando começou como fotógrafo itinerante viajando de uma sala de aula para outra. Havia longas e solitárias viagens entre as cidades. Muitas vezes arrumava apenas o equipamento necessário nas costas e partia a pé pelas matas. Diz ele que trabalhava com duas ambições em mente: curar *"corpo, mente e alma"* e *"ter outra vez seu próprio estúdio"*.

Nesse estado de espírito de oração e meditação, concentrado no bem que poderia, outra vez, resultar do uso de seus talentos para ajudar pessoas em genuína necessidade, Edgar pôde novamente entrar em transe. Mal havia se mudado de Gadsden para Anniston, Alabama, onde assumira um emprego mais bem pago no Russell Brothers Studio. O sujeito de sua leitura era uma criança de vinte e um meses chamada Gordon Putnam, cujos pais

conheciam Edgar de Bowling Green e, com a ajuda de Leslie, o haviam localizado em Anniston. Leslie dissera aos pais que Edgar havia perdido os poderes, mas, por insistência deles, viajou com eles ao Alabama para ver se algo não poderia ser feito para ajudar o filho.

A leitura aconteceu em 17 de julho. Leslie conduziu-a. Embora as próprias palavras ditas por Cayce não tenham sido preservadas, há testemunhos dos pais e do médico que fornecem prova definitiva dos resultados. Gordon Putnam, conforme dizem as cartas, sofria de grave problema de coordenação motora, que o impedia de mover as pernas. Cayce prescreveu tratamentos osteopáticos a serem conduzidos por um médico chamado Tom Posey, que os implementou e conseguiu efetuar a cura. *"Exprimir-lhe minha gratidão é impossível"*, escreveria a mãe da criança a Edgar, mais tarde. *"Qualquer coisa que eu dissesse ficaria muito aquém dos meus verdadeiros sentimentos em relação ao senhor, e só posso dizer, do fundo do coração de uma mãe, que aprecio a sua ajuda no caso do meu filhinho mais do que tudo o que alguém poderia possivelmente dizer."*

O Dr. Posey concordou, dizendo ter testemunhado *"maravilhas"* feitas por Cayce. Posey estava fora de si e incitava colegas médicos a testarem Edgar. *"Não sei explicar como ele faz isso. Não suponho que o próprio Sr. Cayce saiba. A melhor maneira de confirmar o que eu disse… é testá-lo num caso… e ver por si mesmo exatamente o que ele pode fazer."*

O Dr. Posey começou a encaminhar todos os seus pacientes de Anniston a Cayce. Entre eles havia uma mulher cega, que sofria de glaucoma, que teve duas leituras e, consta, curou-se pelos

tratamentos recomendados. Foi também nesse período que se atribui a Cayce a possível primeira leitura sobre aquilo que mais tarde se tornaria conhecido como *"o Trabalho"*. Perguntou-se a Cayce qual era a melhor localização para ele conduzir leituras em transe e como poderia melhor servir à humanidade. Os detalhes da leitura são escassos, mas sabe-se que Cayce — em transe — disse que a sua contribuição para a obra de Deus não teria de fato início no Kentucky ou no Alabama, mas em Dayton, Ohio, e que só atingiria a plenitude quando ele estivesse em Virginia Beach, Virginia.

A despeito das curiosas referências a Dayton e Virginia Beach nessa única leitura, o sucesso das sessões de transe de Cayce em Anniston abriu muitos novos canais com médicos e seus pacientes locais. Lynn Evans, que àquela altura trabalhava para a Louisville and Nashville Railroad, passava regularmente por Anniston e conduziu a primeira série de leituras, enquanto Leslie, que se mudou de Hopkinsville para Anniston para viver com Edgar, conduziu as leituras posteriores.

O ano de Edgar em Anniston foi recordado com mais vividez por Bessie Russell, filha de um dos dois irmãos Russell que eram donos do estúdio em que Edgar trabalhava. Ambos os irmãos, disse ela, ficaram sabendo de suas habilidades psíquicas, ou, como ela as descreveu, de suas *"qualidades incomuns"*. Segundo ela, ele não falava sobre o que fazia, nem cobrava taxa. *"Parecia considerá-las mais um fardo do que um ativo"*, disse ela mais tarde a repórteres.

Edgar ficou em Anniston com os Russell Brothers até 4 de julho de 1910, quando ele e o pai se mudaram para Jacksonville,

Alabama, para abrir uma filial para eles. Mais leituras foram conduzidas ali, a mais notável sendo para o superintendente do distrito escolar, Andrew J. Hyde, que mais tarde se tornaria agente postal em Nauvoo, Alabama, e que deu ao filho o nome de Cayce Hyde, em homenagem a Edgar.

Hyde ficou completamente atônito com o que viu e ouviu durante sua própria leitura. Numa carta que escreveu a um jornal local recomendando Cayce, chamou-o de *"a maravilha do mundo"*. Prosseguiu dizendo que sabia, *"sem sombra de dúvida"*, que Cayce podia diagnosticar doenças físicas e moléstias *"tão verdadeiramente quanto qualquer médico ou a própria pessoa enferma"*. Infelizmente para Edgar, o retorno da capacidade de dar leituras veio tarde demais para ajudar o cunhado, Hugh Evans. Foram realizadas várias leituras por ele, e Gertrude e a mãe visitaram o Texas para tentar restabelecê-lo, mas a tuberculose em breve o levaria.

Edgar mudou-se novamente em 1910, procurando encontrar uma localização tão desejável quanto Bowling Green. Desta vez mudou-se de Jacksonville para Montgomery, Alabama, onde assumiu um emprego com a Tressler Company, de Nashville, uma grande rede de estúdios operada por Sidney Pinney Tressler, um dos fotógrafos mais conhecidos e respeitados do sul dos Estados Unidos. O filho mais velho, Herbert P. Tressler, havia iniciado um ambicioso programa de expansão, mirando em cidades em crescimento como Montgomery e guarnecendo seus estúdios com fotógrafos competentes.

À medida que o novo endereço de Edgar se tornou conhecido, muitos dos médicos que o haviam consultado em Bowling Green, Hopkinsville, Anniston e Jacksonville voltariam a recorrer a ele

em busca de ajuda para seus pacientes. Entre eles havia o Dr. Wesley Ketchum, um jovem homeopata de Hopkinsville, baixo, compacto e bem-apresentado, que pediu a Edgar que voltasse brevemente para casa para conduzir leituras para três pacientes dele. Com a carta de Ketchum vinha uma passagem de trem de ida e volta para casa.

Edgar considerava Ketchum em categoria diversa de Blackburn, Layne, House e os demais. Não apenas Ketchum era mais bem-educado, mas demonstrava notável coragem em aplicar as terapias e tratamentos recomendados, a despeito da zombaria que frequentemente recebia de colegas médicos por haver consultado Cayce. A leitura que mais convencera Ketchum da legitimidade de Cayce fora uma conduzida cinco anos antes para George Dalton, rico empreiteiro de construção e ferrovias, e proprietário da única olaria de Hopkinsville. Dalton — que pesava cerca de 240 libras — havia tentado saltar um vão de cerca de quatro pés num canteiro de obras em que os degraus ainda não haviam sido instalados. Caiu e quebrou a perna direita tanto acima quanto abaixo do joelho. A maioria dos médicos de Hopkinsville disse que Dalton nunca mais voltaria a andar e que seria necessária amputação. Mas Ketchum — pelo conselho de Cayce em transe — disse que o joelho podia ser curado.

Em transe, Cayce havia descrito a condição da perna de Dalton, instruído Ketchum a perfurar um furo na rótula e a seguir pregar a rótula ao osso e pôr Dalton em tração. Ketchum inicialmente recuou. Nunca tinha ouvido falar de tal tratamento, nem os colegas. Os cirurgiões usavam talas, mas inserir parafusos ou pregos metálicos no osso era procedimento, segundo Ketchum,

que jamais havia sido tentado no Kentucky ou em nenhum outro lugar.

O primeiro passo de Ketchum foi ir à Forbes Blacksmith Shop e descrever exatamente o que queria. O ferreiro fez um prego conforme as especificações de Cayce, que se parecia com um grande prego de cobertura de ferro, com uma cabeça chata, grande e redonda no topo. Em seguida, Ketchum, assistido por outro médico e duas enfermeiras de St. Louis, pôs-se a perfurar um furo no joelho e a pregar a rótula no lugar. O procedimento se tornou o assunto da cidade, à medida que os colegas médicos de Hopkinsville zombavam de Ketchum, a quem chamavam pejorativamente de *"maldito ianque"*, pois havia nascido e se formado em Ohio.

Algumas semanas depois de realizada a operação, Ketchum viu-se de novo no centro das atenções quando decidiu radiografar a perna. O problema era levar Dalton ao consultório de Ketchum, que tinha o único aparelho de raios X de Hopkinsville. O aparelho de raios X era grande demais para ser transportado até Dalton, e Ketchum não queria arriscar transportar o paciente num vagão ou carro, pois a perna de Dalton estava presa à cama por um dispositivo especial que facilitava a tração. O problema foi resolvido fazendo com que o irmão de Dalton e três outros carregassem o empreiteiro e a cama escada abaixo e pela Seventh Street até o consultório de Ketchum. O cortejo de pessoas pela Seventh Street, em meio ao tráfego do começo da manhã, fez com que os comerciantes saíssem de suas lojas e pedestres parassem boquiabertos nas calçadas. Levou dois meses para que os ossos se consolidassem, mas George Dalton, de fato, voltou a andar. O

prego ainda estava no joelho dele dezessete anos depois, quando morreu.

Cinco anos depois da leitura de Dalton, e mais de um ano depois de Cayce haver visto Ketchum pela última vez, o médico voltou a solicitar ajuda de Cayce. Edgar concordou mas, ainda precavido quanto a envolver-se em leituras não relacionadas a questões médicas, primeiro obteve de Ketchum a promessa solene de que as leituras seriam dadas *"apenas para doentes"*.

Ketchum concordou, e as leituras foram marcadas para começarem no fim de agosto. Como muitas leituras futuras que Cayce daria para Ketchum, a primeira sessão de transe foi feita na espaçosa sala dupla de Ketchum no andar superior do Dalton Building, na esquina das ruas Virginia e Seventh, onde Cayce foi deitado num sofá de couro capitonê preto.

A primeira leitura que Cayce deu a Ketchum foi para um menino com uma ferida obstinada na perna. A leitura aconselhava o uso de *"oil of smoke"*[49]. Achando que se tratava de preparação comercial, Ketchum não perguntou onde o produto poderia ser encontrado. Uma busca pelas farmácias locais não o encontrou, nem se achava em catálogos farmacêuticos. Fez-se uma segunda leitura, em que Ketchum perguntou onde poderia localizar *"oil of smoke"*. Cayce citou uma farmácia em Louisville, mas, quando Ketchum telegrafou à farmácia, o gerente o informou de que não tinham *"oil of smoke"* e, na verdade, nunca tinham ouvido falar dele. Uma terceira leitura foi feita. Desta vez Cayce descreveu a sala dos fundos da farmácia de Louisville, citou uma prateleira e disse que, atrás de um item particular dessa prateleira, havia uma garrafa de *"oil of smoke"*.

Ketchum telegrafou as instruções ao gerente da farmácia. Recebeu uma breve resposta: *"Encontrei."* O rótulo estava descolorido e desbotado, e a empresa que o havia preparado já não estava em atividade, mas, com efeito, o produto era apresentado como *"oil of smoke"*, nome comercial dado a óleo que havia sido filtrado através da fumaça de madeira em combustão.

Ketchum também usou Cayce para diagnosticar um problema seu. Havia anos sofria ataques de dor intensa no baixo ventre. Os sintomas indicavam apendicite, diagnóstico apoiado por dois colegas médicos. Antes, porém, de fazer a operação, queria uma leitura. Cayce disse que, embora um dia houvesse de passar por uma operação de apêndice muito dolorosa e difícil, o mal atual era resultado de uma torção na coluna que sofrera alguns anos antes. A lesão anterior, relatou Cayce, havia posto pressão indevida sobre sua última vértebra dorsal. *"Como isto foi causado mecanicamente, exigirá tratamento ou manipulação mecânica para aliviá-lo"*, disse Cayce. Ketchum seguiu o tratamento e, depois de nove sessões com um osteopata, as dores desapareceram, e não teve mais problemas.

Anos depois, Ketchum de fato teve o apêndice removido e, como Cayce dissera em sua leitura anterior, provou ser operação extremamente difícil.

A despeito do êxito inicial em trabalharem juntos, Edgar não apreciava muito a companhia de Ketchum, e os dois homens circulavam em círculos sociais e religiosos completamente distintos. Além de sua dedicação à homeopatia, que consistia em dispensar medicação para estimular o próprio sistema imunológico do corpo, o interesse pessoal primário de Ketchum

era obter proeminência e poder sociais, como evidenciado por seu desejo quase patológico de ser admitido no capítulo de Hopkinsville do Elk's Club. O próprio Ketchum admitiu mais tarde ter recorrido à chantagem para se tornar membro, valendo-se de informações pessoais sobre membros da comissão que obtivera por meio de Cayce em transe para avançar sua causa.

Edgar não tinha o menor interesse no Elk's Club, nos maçons, nos Odd Fellows ou em qualquer uma das outras organizações sociais populares em Hopkinsville. Também não estava particularmente preocupado ou interessado em quem eram os pacientes de Ketchum e que tratamentos estes recebiam. Ele aceitava a passagem de trem que Ketchum lhe enviava, dava as leituras solicitadas, pouco perguntava sobre elas e rumava então diretamente para a Colina a fim de ver Gertrude e Hugh Lynn. Isso, e fotografar o Cometa Halley, foram as únicas preocupações de Edgar durante sua primeira viagem de volta para casa vindo de Montgomery, Alabama.

Edgar exibia tamanha falta de interesse pelas atividades de Ketchum que não se surpreendeu nem aborreceu particularmente quando Ketchum não o chamou durante o resto do verão. A razão foi que ele e um de seus pacientes haviam comparecido a um encontro da National Society of Homeopathic Physicians, realizado na Cal Tech, em Pasadena, Califórnia. Ali, Ketchum apresentou um ensaio sobre o qual ele e um colega de Ohio vinham trabalhando havia mais de um ano. O tema do ensaio era Edgar Cayce e suas capacidades psíquicas, e desencadeou uma sensação nacional na comunidade médica. Edgar só soube do

ensaio três meses depois, e a essa altura ele e Ketchum eram celebridades nacionais.

Edgar descobriria seu novo status na segunda-feira, 10 de outubro de 1910, quando voltou ao estúdio Tressler após uma tarefa fotográfica numa escola local. De volta ao escritório, encontrou um repórter de um dos jornais de Montgomery à sua espera para entrevistá-lo. *"O senhor é famoso!"*, anunciou o repórter, mostrando-lhe um exemplar do *New York Times*[50] de um dia antes. A manchete da primeira página dizia: *"Homem analfabeto vira médico quando hipnotizado."* Junto com a matéria de página inteira havia três fotos: Edgar, o pai e Ketchum.

À medida que Edgar continuava a ler, ficava claro de onde vinha a história. Ketchum havia apresentado um ensaio em Pasadena e depois o entregara a um médico de Chicago, que por sua vez o apresentara a quinhentos ou mais médicos reunidos na reunião anual da Clinical Research Society, realizada em Harvard em setembro. A Associated Press havia pegado a história, ido a Hopkinsville e feito uma pesquisa própria.

Edgar passou a ler sobre como médicos em todo o país demonstravam um interesse vivo pelo *"estranho poder"* que ele tinha de diagnosticar doenças difíceis enquanto em transe. O *New York Times* qualificou o relatório médico como uma *"sensação"*, que gerara centenas de cartas e telegramas à sociedade médica. A matéria acrescentava que o Dr. Ketchum era médico respeitável e de alta reputação, com clínica bem-sucedida, referendado por outros médicos tanto no Kentucky quanto em Ohio.

Ketchum, a rigor, não havia citado Cayce pelo nome em seu discurso. Tudo o que havia dito era que fizera conhecimento com

um jovem em Hopkinsville que à época tinha vinte e oito anos e que tinha a reputação de ser uma *"aberração"*. Os repórteres que haviam desdobrado a matéria haviam facilmente obtido o nome de Edgar perguntando a pessoas da cidade. Com base no discurso e em pesquisa independente deles próprios, esboçaram a vida de Edgar desde a infância, com observações e fotografias que haviam sido prestimosamente fornecidas por Leslie.

A matéria descrevia o comportamento *"precoce"* de Cayce quando criança e a estranha capacidade de aprender o conteúdo dos livros dormindo sobre eles. A matéria prosseguia contando como a família havia se mudado para a cidade, e como ele por fim se unira ao negócio de seguros do pai. Descrevia também como ele perdera e recuperara a voz e começara a diagnosticar as doenças de outras pessoas. O caso Dietrich foi recontado em detalhes, embora o sobrenome da família não tenha sido usado.

"A linguagem dele é em geral da melhor qualidade", citava-se Ketchum. *"A sua terminologia psicológica e descrição da anatomia nervosa fariam jus a qualquer professor de anatomia nervosa, e não há titubeios em sua fala, e todas as suas afirmações são claras e concisas. Ele maneja os mais complexos trava-línguas técnicos com a mesma facilidade de qualquer médico de Boston, o que para mim é bastante admirável, em vista do fato de que, em seu estado normal, ele é um homem analfabeto, sobretudo no âmbito da medicina, da cirurgia ou da farmácia, dos quais nada sabe."*

Edgar sentiu-se insultado por ser chamado de *"analfabeto"*. Também se ofendeu por ser rotulado de *"aberração"*. Ambos os termos eram descaradamente errados, assim como o exagero de Ketchum de que havia usado Edgar em aproximadamente uma

centena de casos. Dez ou vinte seria mais próximo da verdade. Contudo, Edgar sentiu certa euforia e gratificação por médicos e outros profissionais de projeção nacional acreditarem haver substância no que Ketchum dissera dele.

Ketchum disse ao *New York Times* que nunca conhecera erro nenhum nas leituras, exceto em dois casos em que pai e filho tinham o mesmo nome e residiam na mesma casa. Simplesmente descrevera a pessoa errada. *"Pois bem, esta descrição [de Cayce], embora um tanto curta, não é mito algum, mas sim realidade firme"*, prosseguiu Ketchum. *"A classe médica regular zomba de tudo o que provenha desta fonte, pois a maioria deles está na rotina e jamais se apegou a algo que não fosse estritamente ortodoxo."*

Ketchum forneceu também uma explicação possível, que alegava ter obtido do próprio Cayce em transe, e sua declaração, desde então, tornou-se a explicação mais citada dos talentos psíquicos de Cayce. *"[A mente de Edgar Cayce] é receptiva à sugestão, tal como todas as demais mentes subconscientes, mas, além disso, ela tem o poder de interpretar à mente objetiva de outros aquilo que adquire da mente subconsciente de outros indivíduos… A mente subconsciente nada esquece. A mente consciente recebe a impressão de fora e transfere todos os pensamentos ao subconsciente, onde permanecem ainda que o consciente seja destruído."*

A longa matéria continha também uma transcrição completa de uma leitura efetiva para um dos pacientes de Ketchum em Indiana. Era uma leitura típica, certa a demonstrar os pontos de Ketchum, e de interesse histórico particular por ser a mais antiga leitura que sobreviveu integral, e a primeira jamais publicada.

Impressionados com o relato de Ketchum, tal como apresentado no *New York Times*, numerosos outros jornais pegaram carona e fizeram matérias sobre Cayce. Entre eles estavam o *Seattle Times*, o *Cincinnati Times-Star* e o *St. Louis Dispatch*. E, quatro dias depois de o *New York Times* ter publicado sua matéria, o mesmo jornal imprimiria uma reportagem de acompanhamento com base em investigações subsequentes próprias.

Ao ver o maço de recortes que o repórter de Montgomery tinha na mão, Edgar bem pôde imaginar como estava a situação em casa. Como Ketchum mais tarde confirmou por telefone, a cidade estava literalmente inundada de repórteres, bem como de doentes em busca de curas e de meros curiosos. O Hotel Latham estava completamente lotado, e o excedente foi se hospedar num hotel em Evansville. Pessoas acampavam nos degraus da casa de Leslie e Carrie e sentavam-se no gramado esperando que Edgar voltasse para uma visita — como Leslie assegurava aos repórteres que viria. Um repórter particularmente atrevido até havia entrado na casa e furtado fotos que foram publicadas no *New York Times*. Leslie dava entrevistas em lugar de Edgar. Felizmente, os repórteres não haviam percebido que a esposa e o filho de Edgar não estavam com ele em Montgomery, mas em Hopkinsville, na Colina.

Edgar recebeu naquele mesmo dia um telegrama de Ketchum. O médico de Hopkinsville não se desculpou por ter revelado à imprensa os detalhes íntimos da vida de Cayce, mas queria, antes, que Edgar voltasse a Hopkinsville e fizesse das leituras um negócio. Albert D. Noe, gerente e mais tarde proprietário do Hotel Latham em Hopkinsville, havia concordado em financiar a

parceria, e Leslie havia expressado seu desejo de conduzir as leituras. Tudo o que queriam saber eram os termos que Edgar aceitaria por seus serviços.

Ketchum disse que concordariam com quaisquer termos que fossem razoáveis. O que Ketchum deixara de mencionar no telegrama, contudo, mas que se revelaria quando Edgar retornasse a Hopkinsville dois dias depois, era que pacientes já faziam fila no consultório de Ketchum para receber leituras e que cartas e dinheiro chegavam em grandes sacos, vindos de todo o país, de pessoas desejosas da ajuda psíquica de Cayce. Só no primeiro mês, Ketchum recebeu aproximadamente dez mil cartas e mais de US$ 2.000,00 em dinheiro. E as cartas, como o dinheiro, continuavam a chegar.

Apresentada a Edgar, havia ali a validação pública de seus dons psíquicos, bem como uma oferta para voltar para casa, para junto da família. Como diria mais tarde um associado nos negócios, tinha a decisão mais importante de sua vida a tomar. *"Ele precisava [finalmente] tomar uma posição sobre si mesmo e sobre as coisas esquisitas que saíam dele."*

Havia uma coisa, contudo, sobre a qual Edgar já tinha tomado uma posição. Seu dom psíquico não era truque, nem doença, nem obra do Diabo. Era um talento, um dom que o Senhor lhe havia dado. E, como dom de Deus, tinha de ser usado. Isto, mais do que qualquer outra coisa, o impeliu a entrar em sociedade com Ketchum e Noe.

O fato de que Edgar sabia que Gertrude não aprovaria a sociedade não interferiu em sua decisão. Com o tempo — acreditava Edgar — Gertrude passaria a perceber que o negócio

de dar leituras psíquicas devia receber o mesmo grau de profissionalismo de seu negócio de fotografia. Ele precisava de uma localização estabelecida, onde doentes verdadeiros soubessem onde encontrá-lo; de uma estenógrafa confiável para registrar as leituras; e de um condutor em quem pudesse confiar para representar seus interesses e os dos pacientes. Edgar também desejava estar perto da família — não apenas de Gertrude e Hugh Lynn, mas de pai e mãe e das quatro irmãs.

Na manhã seguinte, tendo recebido o telegrama de Ketchum, Edgar sentou-se no saguão do First National Bank of Montgomery e escreveu a Ketchum num pedaço de papel timbrado emprestado, com uma das canetas do banco. Disse a Ketchum que aceitaria a proposta com a condição expressa de que ninguém em busca de aconselhamento em transe fosse recusado por dificuldades financeiras. Os pobres seriam atendidos de graça. Ademais, Leslie conduziria todas as leituras. Metade da renda gerada pela sociedade proposta iria para Edgar e o pai. A outra metade iria para Ketchum e Noe, que pagariam as despesas operacionais da sociedade e, além disso, financiariam um estúdio fotográfico em Hopkinsville, que seria de propriedade e operação de Edgar e da família. Por telegrama de resposta, na pendência de um contrato formal de cinco anos, que foi assinado um dia depois, em 12 de outubro, Noe e Ketchum concordaram com os termos de Edgar.

Gertrude ficou satisfeita com a perspectiva de ter Edgar de volta em Hopkinsville, mas estava, com razão, desconfiada de Ketchum e em dúvida sobre qualquer negócio em que Leslie fosse sócio. O pai de Edgar havia provado ser pouco confiável, e sua disposição

de tirar proveito do nome e da reputação crescente de Edgar era motivo de grave preocupação. Ela não tinha opinião formada sobre Noe, a não ser o óbvio. Ele estava se envolvendo na sociedade para encher os quartos do hotel, o que não andava necessariamente de mãos dadas com o negócio de curar pessoas. Edgar lhe assegurou que tudo ficaria bem. Também se ofereceu a deixar que a própria Fonte fizesse a decisão final sobre se essa sociedade era ou não uma boa ideia.

Uma leitura sobre *"o Trabalho"* foi conduzida em 13 de fevereiro de 1911, quatro meses depois de assinado o contrato formal, e três meses depois de a *"sociedade psíquica"* e o novo estúdio fotográfico Cayce estarem legalmente em operação no estado do Kentucky. Não há menção, em nenhuma das cartas e correspondências subsequentes, de por que se levou tanto tempo para pedir conselho sobre um assunto que poderia razoavelmente ser visto como a diretiva primária, ou o propósito de existência da sociedade. A razão provável é que a *"sociedade psíquica"* estava de tal modo inundada de pedidos de aconselhamento médico em transe — na vasta maioria de pacientes desesperados cujos médicos haviam descrito seu quadro como *"incurável"* — que conduzir uma leitura não médica parecia uma indulgência.

Leslie conduziu a leitura, e Katherine Faxon, a estenógrafa da sociedade, registrou a sessão. O tom geral da leitura foi positivo: muito bem já havia vindo da sociedade proposta. A mensagem que veio, e que a Fonte articularia repetidas vezes, era que os pacientes, ou aqueles que se beneficiam das leituras, deveriam prover os recursos necessários à subsistência de Edgar e de seus sócios. Ademais, quanto mais credibilidade as leituras gerassem,

e quanto mais pessoas acreditassem no valor da informação que lhes fosse dada, mais Edgar e seus sócios dela ganhariam materialmente.

A despeito da linguagem esotérica em que essa mensagem era apresentada — usando termos como *"consciência interior"*, *"corpo etéreo"* e *"mente subconsciente"* —, soava como bom e velho aconselhamento de negócios. E, embora oferecer benefícios materiais fosse claramente necessidade no desenvolvimento dos aspectos práticos da sociedade, o aspecto mais importante dessa leitura foi a sugestão de que o propósito último do *"Trabalho"* não era fornecer *insights* diagnósticos para auxiliar médicos ou realizar curas milagrosas, mas ajudar as pessoas a *"abrirem"* a mente e aceitarem a verdade do *"mundo etéreo"* ou *"espiritual"*. É sem dúvida por isso que a Fonte ofereceu então uma pista importante para o futuro êxito ou fracasso do Trabalho. A leitura encerrou-se com a afirmação: *"No minuto em que ganhamos credibilidade e a atribuímos a nós mesmos, perdemo-la toda."*

As transcrições dessa leitura, relatadas como a primeira sessão de transe plenamente documentada dedicada especificamente ao Trabalho, eram bastante reveladoras. Cayce — ou a Fonte — respondia às perguntas postas por Leslie em termos altamente espirituais ou esotéricos, enquanto Leslie persistia em falar em dólares e centavos e em fazer perguntas práticas sobre quem deveria pagar pela publicidade, pelo papel timbrado e outros custos. Parece que a Fonte tentava forçar Leslie e os outros a olharem para a sociedade de um modo não material, ou, ao menos, a vislumbrarem o Trabalho como se manifestando em ambas as dimensões, material e imaterial, e a reconhecerem que

uma dimensão atua sobre a outra. A linguagem que Cayce usava era difícil de compreender, e é duvidoso que Leslie, Ketchum, Noe ou mesmo o próprio Edgar compreendessem o seu sentido pleno, e muito menos a consequência potencial de ignorar sua mensagem espiritual maior.

---

48. *O Trabalho*: tradução de *the work*, termo pelo qual Cayce e seus colaboradores designariam o conjunto das leituras em transe. A maiúscula preserva o peso de vocação que o termo assume no original. ↩
49. *Oil of smoke*: destilado pirolítico de madeira do séc. XIX, usado como antisséptico; equivalente moderno ao *creosoto* vegetal. ↩
50. *New York Times*, edição de 9 de outubro de 1910: matéria de página inteira intitulada *Illiterate Man Becomes a Doctor When Hypnotized*. ↩

13.
A sociedade psíquica

Edgar, Leslie, Noe e Ketchum resolveram instalar o quartel-general da nova sociedade numa suíte de salas no último andar do Thompson Building, na East Main Street, 702, no centro de Hopkinsville, que alugaram por US$ 12,00 ao mês. Era um grande prédio de tijolos vermelhos adjacente à Hopper Bookstore e a um quarteirão de distância do consultório de Ketchum, na Seventh Street. Uma piada que circulou durante muito tempo em Hopkinsville à época dizia que Edgar Cayce, afinal, tinha subido na vida desde que deixara a Hopper Brothers: subira de andar.

Uma placa afixada na calçada — onde se lia **CAYCE PHOTO STUDIO** — apontava o caminho subindo um lance curto de escadas. No corredor do alto, outra placa marcava a entrada do estúdio fotográfico de três salas de Edgar, equipado com o que havia de mais moderno em fotografia. Havia uma câmera Kodak de grande formato sobre tripé, uma profusão de cenários pintados de novo e mobília nova em que os clientes podiam posar para retratos. A poucos metros corredor adentro, passado o estúdio, havia ainda uma terceira placa, com letras menores. Dizia PSYCHIC DIAGNOSTICIAN, e a porta ao lado abria-se para uma suíte de escritórios que se comunicavam pelos fundos com o estúdio fotográfico. Foi numa dessas salas, sobre um divã

alto que lembrava uma maca de consultório, que Edgar passou a dar as leituras. Ao lado do divã, um banquinho em que Leslie se sentava para conduzi-las, e uma mesinha com cadeira para a estenógrafa. Os pacientes, em regra, não eram convidados a entrar nesses escritórios nem chegavam a conhecer Edgar Cayce pessoalmente. Aqueles que desejavam vir a Hopkinsville para serem examinados por um médico — em oposição aos que faziam seus pedidos pelo correio — encontravam-se com Ketchum em seu consultório na Seventh Street e podiam, mediante consulta marcada, receber os tratamentos ou as terapias recomendados nas leituras.

A ideia de manter Edgar fisicamente afastado de seus pacientes era de Ketchum. Não só por razões jurídicas — decorrentes do fato de que Edgar não era médico licenciado nem capaz, em estado consciente, de dispensar aconselhamento médico —, mas também por razões puramente práticas. O contato pessoal entre Edgar e os pacientes era visto como interferência desnecessária tanto na vida privada de Edgar quanto no manejo das sessões diárias de transe. Por acordo prévio entre os sócios, Edgar reservava aproximadamente duas horas por dia — uma no começo da manhã e outra no fim da tarde — para entrar em transe e responder a perguntas de natureza médica que Ketchum redigia e Leslie lhe formulava. Desse modo, as leituras podiam ser agendadas com antecedência, sem necessidade de se dedicarem a um único indivíduo. Um paciente após outro podia ser diagnosticado, sua condição e seus tratamentos discutidos, bem como revisões ou recomendações de acompanhamento para pacientes que já houvessem buscado o conselho do transe. Não se

sabe como Cayce e seus sócios chegaram a essa disposição específica, mas ela se tornou padrão e seria aplicada até os últimos anos de vida de Edgar — padrão, aliás, endossado pela Fonte, que diria que mais de duas leituras ao dia prejudicavam a saúde de Edgar.

A despeito da atenção específica dada ao modo e ao tempo das leituras, nenhum acordo se fez quanto ao quanto os pacientes deviam pagar pelos serviços de transe de Edgar. Sem dúvida foi o próprio Edgar quem resistiu a inserir tal cláusula no contrato de sociedade, pois ele permanecia inflexível em que ninguém fosse recusado por incapacidade de pagar uma leitura. Para consternação de Ketchum e Noe, e talvez até do próprio Leslie, Edgar havia exigido também que todo dinheiro não solicitado que chegasse pelo correio — e que viria a atingir um total estimado de US$ 7.000,00 — fosse devolvido, tarefa bem mais trabalhosa do que qualquer um previra, pois Edgar insistia em responder pessoalmente a cada carta que o acompanhava.

Em vez de fixar um valor certo a ser cobrado pelas leituras de transe, Edgar concordou em estabelecer um parâmetro de US$ 25,00 por leitura. Além disso, Ketchum recebeu a discricionariedade de cobrar o que lhe aprouvesse pelos tratamentos que executasse em conjunto com as leituras. De Noe esperava-se — mas não se exigia — que concedesse aos pacientes em visita a Cayce desconto em seu hotel, e ele ficava contratualmente obrigado a repassar a Leslie e Edgar 10% dessa receita. E, conforme já convencionado, toda receita gerada pelas leituras seria dividida por igual: metade para Edgar e Leslie, e a outra metade para Ketchum e Noe, que arcariam com as despesas

da operação do escritório, inclusive custos secretariais e de estenografia.

Dada a natureza singular da sociedade proposta, e antes mesmo que o contrato quinquenal formal fosse assinado, diversos juízes proeminentes de Hopkinsville, entre eles John T. Hanberry, foram convidados a testemunhar uma leitura e a dar a sua opinião honesta quanto a saber se haveria violação de leis na condução do negócio que tinham em mente. Perguntou-se a esses consultores se era legal vender informações provenientes de tal fonte, e responderam que não conheciam lei alguma que o proibisse. Com efeito, o Juiz Hanberry — que já havia recebido as próprias leituras quando Edgar morava em Bowling Green — ficou de tal modo impressionado com a demonstração que mais tarde ofereceu comprar o contrato de Cayce das mãos de Noe e Ketchum.

Além dos advogados, consultaram-se as autoridades médicas estaduais. Também elas assistiram a uma leitura e responderam que nada impedia tal prática, a não ser que uma lei específica fosse promulgada contra ela. E, como tal lei teria de nomear Cayce especificamente, e como isso em si seria inconstitucional, parecia que absolutamente nada podia ser feito para detê-los.

Exploradas as ramificações jurídicas da sociedade, Edgar, Leslie, Noe e Ketchum reuniram-se no Hotel Latham para assinar os documentos. A Edgar foram entregues cinco notas de cem dólares para comprar equipamento fotográfico do novo estúdio. Ele jamais vira antes uma nota sequer de tal valor, quanto mais cinco. E isso era só o começo. O custo final de abrir o novo estúdio rodou perto de US$ 5.000,00, e outros tantos milhares de dólares

foram gastos para mobiliar e decorar a suíte de escritórios adjacente, onde as leituras seriam dadas.

Os sócios pareciam todos de bom humor ao ingressar no empreendimento e acordaram em celebrar um belo jantar no dia em que os papéis fossem lavrados e o dinheiro trocasse de mãos. Nada de incomum aconteceu naquela tarde — exceto a aparição de um visitante não convidado à porta do quarto do hotel: alguém que, obviamente, não era de Hopkinsville. Tinha as feições escuras de um *East Indian*[51], trajava um terno convencional de tom claro e usava turbante.

Edgar mais tarde descreveu os acontecimentos que se seguiram: *"Bateram à porta, quando esta se abriu, este vulto entrou, apresentou-se a cada um [de nós] e apertou-lhes a mão de todos… Perguntado por que estava ali, [ele] disse que viera ver o que iriam fazer 'com o Edgar'. [Ele] perguntou a cada um qual o seu propósito no assunto e deu a cada um uma advertência."*

Duas advertências nunca foram iguais, mas no cerne de cada uma estava a mesma mensagem que viria à tona na primeira leitura dedicada ao Trabalho — a de que a *"ambição"* e os *"interesses egoístas"* podiam destruir o bem que pudesse emanar da sociedade. Instou-se aos homens *"a não perder de vista o valor real que tais informações podiam ter na vida espiritual dos indivíduos"*. Em outras palavras, havia um propósito superior à sociedade que transcendia o diagnóstico de doenças por lucro. Tendo entregue suas mensagens, o *East Indian* prometeu juntar-se à comitiva para o jantar e se retirou.

"Todos pensaram que ele era apenas um amigo," Edgar escreveu mais tarde. *"Mas ninguém parecia conhecê-lo. Logo depois de ele ter saído,*

um dos homens disse: 'Esqueci de dizer-lhe onde seria o jantar', e foi chamá-lo, mas não havia ninguém, e ninguém no hotel se lembrava de tê-lo visto."

O *East Indian* não se juntou a eles para o jantar, e os sócios não deram mais importância ao curioso incidente. Contudo — nos anos vindouros — a reaparição dele na vida de Cayce faria Edgar e Gertrude se perguntarem exatamente quem ele era e por que havia aparecido. Assim como os incêndios que periodicamente destruíram os estúdios de fotografia de Cayce, suas aparições inesperadas na vida de Edgar eram coincidências exorbitantes demais para serem ignoradas.

Edgar e seus sócios não sabiam o que pensar do curioso visitante naquele dia no Hotel Latham. Seguiram em frente e assinaram o contrato. Nenhum documento legal dessa espécie havia, antes dele, existido em Kentucky — nem em lugar algum, aliás. Edgar era, aos olhos da lei, um diagnosta psíquico — e, ainda por cima, de altos honorários.

As leituras começaram para valer no mesmo dia em que os documentos foram assinados, e, antes do fim da primeira semana, nove pacientes haviam recebido e pago leituras. A Sra. Gussie Ellington, paciente de Chicago, Illinois, que estava morrendo de tuberculose, recebeu a primeira leitura. Dois meses mais tarde, quando pediu e recebeu uma segunda leitura, seu médico relatou que o quadro dela havia melhorado mensuravelmente. A segunda leitura foi conduzida para Robert B. Hall, comerciante local que sofria de inflamação das membranas mucosas do nariz e da garganta — mal para o qual não conseguira ajuda com praticantes da medicina convencional. Prescreveu-se-lhe uma

dieta singular, que incluía beber grandes quantidades de água pura e a ingestão de diversos tipos de cascas de árvore e óleo de zimbro. A recuperação completa de Hall após ter seguido esse tratamento incomum foi considerada nada menos que fenomenal.
A Sra. Eleanor Sledge, que recebeu a última leitura daquele primeiro mês, procurou Ketchum queixando-se de enxaquecas que a atormentavam havia anos e para as quais desesperara de jamais encontrar cura. Cayce — em transe — sugeriu que o problema era resultado de uma lesão que se formara em sua coluna e que poderia ser removida por manipulação osteopática. Sua cura final — menos de dois meses depois — foi novamente considerada nada menos que notável.
Katherine Faxon, taquígrafa judicial, foi a estenógrafa oficial de todas essas leituras. Mais tarde, seria sucedida pela Srta. Addie P'Pool, que já havia trabalhado para Cayce antes. As recordações da Srta. P'Pool sobre aqueles primeiros dias permaneceriam comoventes até o fim de sua vida. Sua lembrança mais querida era da primeiríssima leitura que registrou. Ao final dela, Edgar levou-a ao corredor, onde podiam ficar a sós, e perguntou-lhe se ela achava que o que presenciara era fraude. *"Deus vai me castigar se eu estiver fazendo algo errado,"* ela se lembrava de ele lhe dizer. Ela o assegurou de que o que havia testemunhado era obra do Senhor, e que ele não devia se preocupar.
Uma leitura particularmente memorável conduzida nos primeiros meses da sociedade foi para um comerciante de Nashville que compareceu ao estúdio acompanhado por dois médicos e dois ou três farmacêuticos idosos. Era um caso complicadíssimo. Após uma longa sessão de transe, Cayce prescreveu *"balsam of sulfur"*

em combinação com outros fármacos. Os farmacêuticos estavam certos de que tal coisa como bálsamo de enxofre não existia. Nem Ketchum nem o outro médico jamais haviam ouvido falar disso. Afinal, os boticários voltaram a suas farmácias e abriram seus exemplares do *U.S. Dispensary*. Não constava. Então um dos boticários, E. G. Gaither, lembrou-se de que tinham no sótão uma cópia muito mais antiga do dispensário. O livro foi trazido, e lá encontraram o bálsamo de enxofre. O livro descrevia exatamente como prepará-lo.

Outra leitura foi para um paciente que havia sido encaminhado por um médico de Cleveland. A Cayce foram dados apenas o nome e o endereço do paciente. Uma leitura foi feita e em seguida despachada ao médico de Cleveland. O médico acabou respondendo por escrito e pedindo outra leitura sobre o mesmo paciente. Cayce começou a dá-la, mas parou abruptamente. Tudo o que Cayce disse foi: *"Ele se foi."* Uma semana ou dez dias depois, Ketchum recebeu uma carta do médico de Cleveland dizendo que seu paciente havia pegado um barco para Detroit e falecera a bordo às vinte horas e vinte minutos — precisamente a mesma hora em que Cayce havia interrompido a leitura em Hopkinsville.

Um terceiro caso foi o de uma senhora de Cleveland que sofria de *"paralysis agitans"*, outrossim conhecida como *shaking palsy*[52]. O marido perguntou se Ketchum podia levar Cayce até a casa para um diagnóstico. Ketchum disse que não havia necessidade; podia cuidar do assunto em seu consultório. Cayce deu uma leitura tão elaborada que foram necessárias várias páginas para registrá-la. Mas, ao fim, Ketchum tinha em mãos um diagnóstico completo e

um plano de tratamento. Mandou fazer várias cópias da leitura e em seguida foi pessoalmente visitar a paciente.

Ketchum lembrava-se de ter sido um belo dia ensolarado quando chegou à grande casa da senhora em Cleveland. No esboço do caso, Cayce começara dizendo que a paciente estava numa cadeira de rodas. *"Ela está tão rígida quanto um bloco de mármore. Não pode olhar nem para a direita nem para a esquerda. Tem duas enfermeiras treinadas com toucas brancas."*

Assim que Ketchum desceu da carruagem, viu a paciente sentada na varanda da frente, numa cadeira de rodas. De cada lado, uma enfermeira treinada de touca branca — tal e qual Cayce descrevera. Ketchum conversou com a paciente até que o marido perguntou pela leitura. A paciente foi conduzida em sua cadeira para dentro da casa, e Ketchum procedeu à revisão do caso. Mas antes de entrar nos detalhes, disse ao casal que tinha no bolso uma cópia datilografada do que ia lhes dizer.

A mente da paciente estava bastante lúcida, mas ela só podia olhar em linha reta à frente. Ketchum retirou a leitura e começou descrevendo a história dela. Constava que, em razão de um *"pecado secreto"*, ela havia adiado o casamento até os trinta e nove anos. Com o tempo, acabou de fato se casando, e ela e o marido tiveram dois filhos. Foi então, logo após o nascimento das crianças, que a paralisia se instalou. Ketchum seguiu em frente, explicando o tratamento prescrito e o modo de administrá-lo.

A paciente permaneceu em silêncio enquanto o diagnóstico era lido, mas, assim que Ketchum terminou, pediu ao marido que levasse as enfermeiras para a sala ao lado, a fim de poder ficar a sós com o médico. Tão logo a porta se fechou, a senhora exprimiu

seu espanto com o fato de que alguém pudesse ter conhecimento de seu *"pecado secreto"*. Ela disse a Ketchum: *"Eu tive mesmo um pecado secreto dos dezoito aos trinta e nove anos. Nunca o contei a uma única pessoa em minha vida. Só eu e o meu Deus o conhecemos."*

Esse pecado, em seu próprio entendimento, era a masturbação. Tanto quanto Ketchum soubesse, não tinha relação direta com a paralisia. Mas tinha impacto sobre a saúde mental da senhora. Acreditando que era errado, mas praticando-o ainda assim, ela carregava muita culpa havia muitos anos. E falar nisso agora era parte do processo de cura. O conhecimento de Cayce daquele *"pecado secreto"* convenceu-a da validade do restante da leitura. Segundo Ketchum, ela se certificou de que o tratamento fosse seguido e consta ter vivido normalmente pelo resto de sua vida.

Outro caso foi o de uma mãe que procurou Ketchum por causa da filha adolescente, que vinha sofrendo de dor no estômago. A jovem estudava fora e estava em casa para as festas de Natal. Ketchum tinha agenda lotada de pacientes, o que teria obrigado a mulher e a filha a uma longa espera na antessala. Em vez de mantê-las ali, marcou-se um horário para as nove horas da manhã seguinte. Para adiantar o processo, naquela mesma noite Ketchum deu a Cayce o nome e endereço da moça e o fez fazer uma leitura sobre ela, embora ele sequer a tivesse visto. Cayce deitou-se e entrou em transe. Ficou em silêncio por muitos minutos e então disse: *"O problema deste corpo é aqui mesmo, aqui mesmo. Há vida nova desenvolvendo-se aqui, nesta pelve. Em decorrência disso, temos náusea, vômito — bem — o que se conhece como enjoo matinal."*

Na manhã seguinte, a mãe trouxe a filha ao consultório. Ketchum pediu para falar com a moça a sós. Depois que a mãe saiu, Ketchum pediu-lhe que falasse de si. No fim, ela admitiu que não menstruava havia dois meses. Ketchum perguntou pelo *"felizardo"*. Ela contou que ele estava em casa para as festas e que era calouro veterano da universidade. Depois de terem conversado por algum tempo, ele disse à moça que a situação era delicada, mas que ela não era a primeira moça a engravidar fora do casamento, e que a primeira coisa a fazer era contar à mãe, que certamente — Ketchum tinha certeza — haveria de compreender. Abriu a porta e explicou a situação à mãe. *"A cena que presenciei então,"* disse Ketchum, *"não se pôde pôr no papel. Foi alguma coisa."*
Depois que a mãe se acalmou, perguntou a Ketchum o que deviam fazer. Ketchum disse-lhes que o General Lee certa vez declarara que qualquer general tolo conseguia conduzir um exército à batalha, mas só um muito sábio conseguia tirá-lo dela. Seu conselho foi entrar em contato com o rapaz e pedir-lhe que viesse a Hopkinsville. *"Eu não pediria a homem algum que se casasse com uma moça a menos que ela fosse a única no mundo para ele,"* disse Edgar. *"E, se você sentir o mesmo por ele, o correto será escapulir para outro estado [e] casar-se."*
Leituras como essa, e a maneira delicada e equilibrada com que Ketchum as administrava, levaram muitas pessoas a crer que Edgar e o médico se complementavam na perfeição. Claramente, Cayce, ou a Fonte, respondia bem a Ketchum, oferecendo informações e percepções mais detalhadas do que havia oferecido a Layne, a Blackburn ou a outros médicos para os quais se haviam conduzido leituras. Mas havia algo mais no sucesso de Ketchum

além de seu *"bedside manner"*. Pela primeira vez na carreira de Edgar como psíquico, as transcrições das leituras estavam sendo preservadas, comparadas e estudadas de maneira rotineira e sistemática. Ketchum não apenas aprendia a melhor se valer do conselho de Cayce em transe, como desenvolvia verdadeiro *rapport* com a fonte das informações.

Nos primeiros meses da sociedade, Ketchum foi se dando conta da Fonte como personalidade ou ente distinto, com muitas características humanas — que incluíam, por vezes, gramática pobre e uma apreciação e admiração quase infantis ao visitar novos lugares e examinar novos pacientes. Por mais *"onisciente"* que a Fonte pudesse ser, ela também podia ser lacônica ou prolixa, tinha antipatia pelo que considerava perguntas vãs ou desleixadas e um senso de humor altamente desenvolvido.

Os exemplos eram numerosos. Perguntada certa vez sobre como uma pessoa deveria vencer a preocupação, a Fonte simplesmente disse: *"Pare de se preocupar!"* Indagada sobre conselho para determinado médico responsável por uma cirurgia, Cayce disse: *"Eles não aceitariam o conselho mesmo que você o desse."* A uma mulher, desejosa de saber se era realmente necessário usar óculos — como Cayce havia recomendado —, disse-se: *"O corpo realmente precisa de óculos, do contrário não o teríamos dito!"* A um homem preocupado em ficar calvo, Cayce afirmou: *"Não se preocupe demais com isto… Cérebro e cabelo não crescem muito bem juntos — às vezes, ao menos."* Quando um paciente perguntou se certo medicamento devia ser esfregado na parte externa, foi-lhe dito simplesmente: *"Não dá para passar por dentro."*

Ketchum acreditava que, porque a Fonte soava tão *"humana"*, ela não era outra coisa senão a mente subconsciente de Cayce tocando uma vasta base de dados de informações. Cria que uma presença celeste não tomava conta quando Cayce entrava em transe; antes, o espírito de Cayce ficava livre para se comunicar com outros espíritos quando ele perdia a consciência. Embora leituras subsequentes sugerissem haver muita verdade nessa teoria, o próprio Ketchum mais tarde admitiu que o que quer que acontecesse era bem mais complicado do que o espírito de Cayce saindo pelo universo. Era, contudo, um bom ponto de partida. Como se demonstraria em inúmeras ocasiões no futuro, o eu superior de Cayce podia de fato *"recuperar"* informações, mas havia também muitos casos em que uma *"presença celeste"* interferia nas sessões de transe ou as guiava, e às vezes chegava de fato a apresentar-se ao condutor.

Ketchum também ficou certo de que a mente subconsciente de Cayce podia deslocar-se até o local físico do paciente. Havia tantas referências aos arredores reais do indivíduo para quem a leitura era feita, e detalhes, como as condições meteorológicas em determinado local, que nenhuma outra explicação parecia possível. Durante uma leitura, Cayce observou a cor do pijama de um paciente; em outra ocasião, aparentou deter-se no caminho para a casa de outra paciente a fim de mencionar que ela tinha uma árvore particularmente bela no quintal. Observações dessa natureza levaram Ketchum a crer que Cayce não estava apenas enxergando os arredores pelos olhos do paciente, mas atuando como uma mente descarnada tendo uma experiência fora do corpo.

O fato de as leituras cessarem abruptamente sempre que algo era passado sobre o corpo de Cayce forneceu a Ketchum a evidência de que essa mente descarnada permanecia, de algum modo, ligada ao Cayce físico por um cordão invisível. Ketchum passou também a crer que alguém — ou algo — de fato pairava sobre Cayce enquanto este estivesse em transe. Mais tarde, quando Ketchum perguntou a Cayce — em transe — sobre esse fenômeno, a Fonte confirmou tal conclusão descrevendo o que chamou de *"corpo etéreo"*, que repousa sobre o *"corpo natural"*, cujas *"conexões"* e *"associações"* devem permanecer imperturbadas para que a comunicação se dê[53].

Aspecto especialmente curioso das leituras era o efeito que um indivíduo podia ter sobre a informação revelada. Ketchum jamais formulou uma teoria para explicar por que, em alguns casos, a informação vinha quando determinada pessoa estava na sala, ou por que a Fonte se silenciava quando outra pessoa se fazia presente. O natural seria pensar que a informação dissesse respeito àquela pessoa, mas não parecia ser sempre esse o caso. Em um exemplo, um homem telefonou para marcar horário para um amigo. Vieram ao estúdio aquela mesma noite e receberam uma leitura. Leslie a conduziu. Cayce entrou em transe como de costume, mas não deu informação alguma. Na noite seguinte, tentou-se de novo, sem resultado — uma terceira vez, igualmente. Na quarta tentativa, informação satisfatória veio. Dessa vez, porém, o amigo não estava presente.

Ketchum também estava interessado em saber onde a mente subconsciente de Cayce ia buscar a informação quando a Fonte se manifestava. O destino, ao que tudo indicava, era determinado

pelo tipo de pergunta que o condutor fazia e pelo grau em que o sujeito estava disposto a aceitar a informação dada. E, como Ketchum se deu conta, o processo de *"comungar"* com a mente subconsciente de outra pessoa nem sempre se realizava com facilidade. Cayce — em transe — por vezes dizia francamente que tal informação não era para ser partilhada. Em outras ocasiões, Cayce parecia capaz de espiar à vontade o interior de uma pessoa sem interferência, o que sugeria que os próprios indivíduos podiam bloquear o exame que Cayce fazia de seus corpos. Ketchum sentia-se certo de que a motivação do paciente era fator-chave na equação — tanto num plano consciente quanto inconsciente. As vezes em que Ketchum obtinha de Cayce os melhores resultados eram aquelas em que a pessoa genuinamente queria ajuda pelas razões que tinha declarado, e em que, em última análise, quem recebia a informação tinha boa intenção. Pessoa que dizia uma coisa e pensava outra gerava falha de comunicação. Informação que pudesse ferir ou prejudicar alguém simplesmente não era dada.

Ketchum, como outros que conduziam ou escutavam leituras, também se interessava em saber se outras pessoas podiam deixar seus corpos e ir a lugares distintos. Cayce disse que podiam e o faziam. *"Cada e toda alma deixa o corpo enquanto este repousa no sono,"* disse ele numa leitura posterior. *"Quanto ao modo como isso pode ser usado construtivamente — seria como responder como alguém poderia usar a própria voz para propósitos construtivos."*

Como Ketchum, o próprio Edgar aos poucos começava a compreender parte da dinâmica envolvida na entrega das leituras. Também começava a nutrir vivo interesse pelo lado

médico do negócio. Pela primeira vez na carreira, fez esforço consciente para estudar os discursos de transe concluídos. Parecia genuinamente querer saber como os tratamentos que recomendava funcionavam. Estava, contudo, longe de compreendê-los. Havia descrições densas e minuciosas de órgãos e suprimentos sanguíneos que nada significavam para ele. Frases como *"estímulo excessivo da circulação hepática"* e *"está destruindo os glóbulos vermelhos no baço"* soavam-lhe inteiramente como língua estrangeira. Ketchum ajudava a explicá-las a Edgar, mas a informação que vinha em geral não era mais inteligível a Edgar do que alguma *"encantação tribal"*. A única coisa que ele de fato compreendia era o quão complexos os seres humanos eram e o quão interligadas todas as partes do corpo pareciam ser.

Ler as transcrições ajudou Edgar a tomar consciência da variedade de males que podiam afligir o corpo humano, e de como a dieta, por exemplo, podia afetar a coordenação e o alinhamento espinhal e interferir na visão ou no olfato de uma pessoa. Talvez igualmente instigante para Edgar fosse a miríade de tipos distintos de tratamentos recomendados, que às vezes incluíam o uso de vários aparelhos elétricos. A Fonte não apenas descrevia como os pacientes deviam usar tais aparelhos: explicava em detalhes como os próprios aparelhos deviam ser fabricados. O mais comum deles é o hoje conhecido como *"Radiac"*[54], que consistia em duas peças de aço-carbono separadas por vidro, circundadas de carbono e carvão, e seladas em recipiente de cobre. Para usar o aparelho, era necessário resfriá-lo em gelo por trinta minutos e ligá-lo a polos positivo e negativo, que eram então presos aos braços e às pernas do paciente.

Como exatamente esses aparelhos deviam funcionar era um mistério. Nem Ketchum sabia, nem Edgar. Archie Higgins, o corretor de seguros do escritório ao lado, lembrava-se de como ria ao ouvir relatos de algumas das estranhas engenhocas sugeridas nas leituras, e de como o próprio Edgar às vezes ria quando Ketchum lhe contava algumas das coisas que ele dizia em transe. O humor deles, porém, teve vida curta, pois, a despeito das numerosas ocasiões em que o *Radiac* e outros tratamentos foram recomendados, a maioria dos médicos não permitia que seus pacientes os utilizassem. De fato, como Edgar e Ketchum logo perceberam, o desafio não estava tanto em obter da Fonte informação útil, mas em achar médicos dispostos a aplicar os tratamentos.

Edgar deu-se conta da magnitude desse problema quando começou a redigir notas ou cartas pessoais para os pacientes, que acompanhavam as leituras. Pelo correio de retorno, passou a receber dúzias de pedidos de pacientes perguntando os nomes de médicos que aplicariam os tratamentos segundo o prescrito. Muitos dos pacientes, de fato, encontraram alívio e ajuda nas leituras, mas a vasta maioria não estava sendo tratada porque seus médicos em casa não queriam executar o tratamento prescrito, e alguns chegavam até a dissuadir seus pacientes de tentar o tratamento em outro lugar. Em Hopkinsville, era mais possível obter cooperação dos vários médicos, mas a maior parte dos pacientes que procuravam Edgar e Ketchum vinha de fora da cidade.

Essa constatação pesava sobre a mente de Edgar quando foi visitado por Frank Mohr, comerciante bem-sucedido de

Columbus, Ohio, que ouvira falar da sociedade psíquica por meio de um homem que havia aberto uma mina de carvão com base numa leitura de Cayce, que declarava haver vasto depósito subterrâneo de carvão em Nortonville, Kentucky. Mohr se tornara o novo proprietário daquela mina e a convertia na altamente bem-sucedida Norton Coal Corporation. Mas Mohr, e sua esposa Ella, não vieram a Cayce em busca de conselho sobre onde procurar mais carvão. O interesse deles era ajudar a sobrinha de três anos e meio, que sofria de paralisia infantil. Os médicos não davam grande esperança de sua recuperação.

Embora haja grandes discrepâncias quanto à data em que essa leitura foi feita e quanto à época da entrada de Mohr na história de Cayce, há razões para crer que ele requereu a primeira leitura para a sobrinha em dezembro de 1910. O que com alguma certeza se pode afirmar é que Ketchum conduziu a leitura — pois Leslie quebrara a rótula — e que Cayce diagnosticou a enfermidade e recomendou tratamentos. Os resultados foram nada menos que fenomenais. Consta que Mohr ficou de tal modo impressionado que ofereceu comprar o contrato de Cayce ou, pelo menos, expandir o acordo existente para incluir um hospital em que se montaria um quadro inteiro de médicos e enfermeiras que se familiarizariam com os tratamentos especializados recomendados nas leituras. Tanto quanto se pode apurar, foi a primeira vez que se cogitou da construção de um hospital.

Não há indício do que Gertrude possa, ou não, ter pensado da proposta. Embora fosse claro seu alívio por ter o marido em casa, sua vida com Edgar acabava quando ele atravessava a porta rumo ao estúdio fotográfico ou às leituras. Em nenhum momento da

vida em comum, exceto talvez em Bowling Green, ela desempenhou papel tão menor na carreira dele. Só se pode presumir — de comentários que amigos da família fariam mais tarde — que o não-envolvimento dela era forma de protesto ao envolvimento do marido na sociedade em primeiro lugar. O bem-estar financeiro da família não entrava na equação. Como em Bowling Green, ela ainda alimentava o sonho de que as suas vidas seguiriam de alguma forma um rumo mais regrado e ordenado se Edgar apenas desistisse *"daquela coisa que ele fazia"*. Havia também a possibilidade de que ela estivesse ficando cada vez mais doente, embora ninguém — nem ela própria — parecesse se dar conta senão muito mais tarde.

O próprio Edgar adorou a ideia de expandir a sociedade, porque ela resolvia o que começava a ver como problema central do Trabalho em que ele e seus sócios haviam embarcado. Os tratamentos seriam executados exatamente como as leituras sugeriam, fosse por manipulação osteopática, homeopatia ou cirurgia. Especialistas poderiam ser trazidos para examinar os pacientes, como muitas leituras também recomendavam. E Nortonville, que ficava a apenas trinta milhas de Hopkinsville, era vista como excelente localização para um hospital porque era ali que a Illinois Central Railroad cruzava com a ferrovia da Louisville and Nashville. Pacientes poderiam fazer a jornada com facilidade, vindos de paragens tão distantes quanto Chicago, Illinois, e Jacksonville, Flórida.

Inicialmente, Noe e Ketchum também gostaram da ideia. Sua única preocupação era que fossem adequadamente compensados pelo trabalho que haviam feito em *"desenvolver"* e *"divulgar"* as

habilidades de Edgar, e que participassem de quaisquer lucros gerados pelo hospital. A esse fim, discutiram rever o contrato original e estendê-lo por mais cinco anos. O entendimento geral — acertado em princípio numa reunião entre Noe e Mohr — estipulava que Noe e Ketchum receberiam uma parte de todos os rendimentos do hospital, além dos termos já acordados entre eles próprios e os dois Cayce. Mohr usaria seus recursos para construir e equipar um hospital em Nortonville, juntamente com um hotel anexo para abrigar pacientes visitantes ou suas famílias. Com base nesse entendimento oral, pendente um acordo formal por escrito e um documento à parte assinado por Edgar afirmando que se disporia a dar leituras no hospital proposto, Mohr contratou arquitetos e começou a erguer o hospital. Em meados de 1912, o terreno em Nortonville havia sido demarcado e limpo, e uma equipe de trabalhadores havia lançado a fundação. Também se havia comprado e limpado terreno para o hotel anexo.

Os problemas surgiram quase de imediato. Noe e Ketchum apresentavam uma razão após outra para não assinar o novo contrato, dando a Mohr a impressão de que procrastinavam num esforço por extrair fatia maior do capital da nova corporação. A verdade é difícil de apurar com base na troca de cartas e documentos legais que circularam entre os sócios prospectivos. Tampouco as datas dos documentos são coerentes com as recordações posteriores dos principais envolvidos. O certo é apenas que Ketchum e Noe haviam decidido travar as negociações até que se pudesse pôr um valor em dólares sobre a valia da operação em Hopkinsville. Enquanto isso, Mohr

acreditava ter agido de boa-fé ao comprar terras e iniciar a construção do hospital.

Em meio às discussões que se seguiram, Mohr foi gravemente ferido num acidente de mineração. Stirling Lanier, capataz-chefe de Mohr, mandou imediatamente buscar Edgar. Ketchum conduziu uma leitura de emergência, que recomendou cirurgia e muito repouso. Mas a leitura também insistia em que a coluna de Mohr havia sido gravemente lesada no acidente e que, se certas medidas corretivas não fossem tomadas, a curvatura da espinha produziria aos poucos envenenamento úrico, que acabaria por sobrecarregar o sistema e resultaria em cegueira. A Mohr e seus médicos, isso soava absurdo. Ketchum, talvez não querendo parecer ridículo aos olhos dos pares, teria supostamente rido junto com os médicos de Mohr da sugestão de que uma curvatura da espinha pudesse causar cegueira. Mohr não sabia em quem confiar, pois lhe parecia que nem Ketchum punha grande fé na leitura. Ou isso, ou Ketchum estaria tentando manipular a situação para meter uma cunha entre Mohr e Cayce.

Edgar parecia alheio à política desagradável e à ruptura crescente entre Mohr e seus dois outros sócios. Verdadeiramente acreditava que a ideia de construir um hospital era a resposta a muitos dos problemas de seus pacientes e que era para lá que sua fonte psíquica o orientava. Se o hospital gerasse ou não renda maior para os sócios não lhe ocupava a primeira linha do pensamento. Edgar supunha por engano que Ketchum partilhava o mesmo altruísmo e nem uma vez cogitou da possibilidade de que Ketchum estivesse tentando minar sua credibilidade junto a Mohr.

Duas ações cíveis distintas resultaram da cisão que cresceu entre os sócios prospectivos. Mohr processou Ketchum e Noe para liberar Edgar do contrato, e Ketchum e Noe moveram reconvenção sustentando que o acordo escrito entre Edgar e Mohr era inválido por violar o acordo anterior que tinham com Edgar. Os dois casos jamais foram ouvidos diante de um juiz porque Mohr voltou para casa em Columbus, Ohio, para se recuperar. A construção do hospital cessou. Sua fundação, numa encosta em Nortonville, desapareceu sob a vegetação cerrada e, até hoje, permanece como muda lembrança do que poderia ter sido. Edgar ficou visivelmente ferido pela falta de confiança exibida por seus sócios e, pela primeira vez, começou a suspeitar de que Ketchum não havia sido totalmente honesto com ele nem com Mohr.

A situação ficou ainda mais tensa quando outro visitante apareceu no Cayce Studio. Era Roswell Field, repórter do *Chicago Examiner*, de Hearst, e irmão de Eugene Field, o famoso poeta e jornalista americano. A visita de Field ao estúdio foi desencadeada por algumas das coisas que Mohr lhe havia contado sobre Cayce antes do acidente. Ele queria escrever uma série de artigos para os jornais Hearst e discutiu as possibilidades de escrever um livro. Edgar foi cortês com ele e mostrou-lhe Hopkinsville. Field fotografou-o segurando Hugh Lynn no colo e tirou outra fotografia de Edgar em seu sofá, com Leslie de pé ao lado e uma estenógrafa sentada a uma mesa. As fotos, juntamente com as matérias de Field, foram enviadas a todos os jornais Hearst.

Nos artigos impressos, Field descreveu Edgar Cayce tal como o havia encontrado no escritório do diagnosta psíquico, matando o

tempo do que descreveu como *"o modo mais aprovado do Kentucky"* — isto é, refestelado no sofá. Não se fez menção de que Edgar estava lendo a Bíblia quando a foto foi tirada, e de que, de fato, passava meia hora ou mais por dia a fazê-lo. *"Sua aparência não era nem conspicuamente animadora nem decepcionante,"* escreveu Field. *"Sua fotografia, que é admirável, confirma a impressão de um jovem alto e esguio, com olhos bons e honestos, suficientemente separados, fronte alta e feições, no restante, comuns. Admitiu ter trinta e três anos, embora não aparente mais que vinte e cinco."*

Field havia escutado os causos, que já iam se tornando lendas em Hopkinsville, e assistiu a várias leituras. Seus relatos chamaram a atenção do próprio Hearst, que convidou Edgar a visitar Chicago como seu convidado. Edgar foi no início de março de 1911, acompanhado de A. D. Noe e de Leslie. Durante a viagem de dez dias, Edgar deu mais leituras e respondeu ao que depois descreveria como *"as perguntas mais absurdas"* que jamais ouvira. Noe e o pai pareciam pouco dispostos a intervir no que manifestamente era esforço por sensacionalizar a história. Todos os que lhe foram apresentados pela gente da Hearst teriam, segundo consta, tomado Edgar por uma aberração — inclusive os mensageiros do LaSalle Hotel, que cobravam das pessoas cinco dólares para enfiá-las furtivamente na sala lotada da suíte nupcial, onde podiam assistir à *"maravilha do século"* enquanto ele falava, fumava e contava causos. O próprio Hearst, que supostamente havia articulado a visita, jamais apareceu.

Leslie, Edgar e Noe foram aquartelados com uma ou duas pessoas que serviam de acompanhantes ou guardas. Disseram-lhes que se estavam fazendo arranjos para que os reitores da

maior universidade de Chicago assistissem a uma demonstração, mas, depois de três ou quatro dias, a comitiva de Cayce foi informada de que a organização Hearst não havia conseguido articular os contatos certos. Em lugar disso, convidaram-se três médicos para examinar Edgar e pediu-se que ele fizesse uma leitura para eles. Um desses médicos, William Sadler, seria nada menos que o mesmo que cinco anos antes havia agredido Cayce com a seringa hipodérmica lá em Bowling Green.

Antes mesmo de a leitura começar, esses médicos se recusaram a permitir que seus nomes fossem usados numa reportagem, quer o experimento fosse bem-sucedido ou não. Tinham também suas próprias ideias sobre o que constituía um experimento. Insistiram que Edgar tentasse localizar uma mulher desaparecida e desvendar diversos outros mistérios locais que vinham a atormentá-los. A pedido de Edgar, Leslie finalmente exigiu que não se dessem leituras dessa espécie, mas que se usasse para o experimento um paciente real que precisasse de assistência. Edgar olhou para Noe em busca de apoio, mas não o encontrou. Os repórteres que cobriam a história continuaram a insistir que se desse algo mais sensacional do que uma leitura física. Diziam que Edgar pelo menos o devia a eles, em vista de toda a notoriedade que lhe haviam dado nos jornais. Na madrugada seguinte, por volta das duas da manhã, concordaram finalmente em conduzir uma leitura para quem se presumia ser uma das pacientes do Dr. Sadler.

Imediatamente após a leitura, já consciente Cayce, um dos médicos perguntou ao outro se a descrição fornecida era um retrato justo e acurado da paciente. A resposta foi bastante

enigmática, sem afirmar nem negar que a leitura fosse correta. O terceiro médico não quis falar em absoluto sobre a leitura, mas insistiu em que Cayce voltasse ao transe e tentasse informações para um membro de sua família que estava doente. Cayce assim o fez, aparentemente com muito sucesso. Mas quando os repórteres pediram ao médico que assinasse uma declaração, ele se recusou em absoluto.

Na manhã seguinte, manchetes em negrito na segunda seção do *Chicago Examiner* traziam: *"Veio, vimos, mas ele não venceu"*. O artigo que se seguia afirmava que Cayce alegava ser capaz de fazer muitas coisas e se recusava a fazê-las, que os médicos tinham dito que não havia absolutamente nada no que fora dado e que os estenógrafos haviam falhado em escrever o que quer que fosse, dizendo se tratar de algo tão *"balbúrdio"* que a ninguém era inteligível e equivalia a muita *"bobagem"*. A edição da tarde seguinte, de fato, publicou testemunhos de pessoas que alegavam ter sido ajudadas por Cayce, mas o dano já estava feito.

Edgar naturalmente se sentiu desalentado e temeroso do rumo que a sociedade havia tomado. Ketchum e Noe não pareciam ter em mente os melhores interesses de Edgar ou de seus pacientes. Estavam bem mais interessados em se promover, a si e à sociedade, do que em ajudar as pessoas — o que era precisamente aquilo de que haviam sido advertidos tanto na leitura sobre o Trabalho quanto no breve encontro com o *East Indian*.

---

51. *East Indian* (“indiano oriental”): figura misteriosa de turbante que reaparece em capítulos posteriores na função arquetípica de mensageiro admonitório. ↩
52. *Paralysis agitans* / *shaking palsy*: denominações clínicas do início do séc. XX para a *doença de Parkinson*. ↩
53. *Corpo etéreo* / *corpo natural*: primeira formulação da doutrina cayceana do duplo, próxima (mas distinta) das concepções teosóficas do *corpo astral*. ↩
54. *Radiac* (também *Radial Appliance* ou *Impedância Radial*): aparelho terapêutico cayceano de duas peças de aço-carbono separadas por vidro, circundadas de carbono e seladas em cobre. ↩

14.
Sob investigação

Poucos dias após seu retorno de Chicago, Edgar tornou-se pai pela segunda vez. Gertrude deu à luz outro menino em 28 de março de 1911, às 20h30. Deram-lhe o nome de Milton Porter, em homenagem aos dois primos de Gertrude.

Edgar estava tão preocupado com Noe e Ketchum que não deu a devida atenção à situação em casa. Assim como acontecera com Hugh Lynn, o bebê não estava recebendo nutrição suficiente do leite materno. Mas, quando se encontrou uma ama de leite, a criança, já enfraquecida, estava doente com tosse convulsa e, em seguida, colite. Edgar não escutou os alertas do Dr. Jackson quanto à gravidade do caso, e Gertrude não exigiu ajuda psíquica para Milton como Carrie fizera por seu filho, Tommy. Só quando o filho atingiu estado crítico foi que Edgar deu uma leitura. Embora não exista transcrição dela, aparentemente não oferecia esperança de recuperação. O atestado de óbito de Milton Porter declara que ele faleceu em 17 de maio, às 11h15, um mês e vinte dias após o nascimento. O impacto sobre a família Cayce não podia ter sido maior.

Edgar naturalmente se culpou por não haver dado uma leitura mais cedo. Hugh Lynn, que acabara de completar três anos, também se culpou — resultado de ter ouvido a mãe dizer à sua

própria mãe que achava que Milton havia apanhado a doença de Hugh Lynn, o qual tivera tosse convulsa à época do nascimento do irmão. Como forma de penitência, Hugh Lynn decidiu fugir de casa. Só foi até o vão debaixo dos degraus da frente da varanda da Colina, onde Edgar mais tarde o encontrou e onde pai e filho tiveram sua primeira conversa. Edgar o confortou explicando que Jesus havia tomado Milton Porter — e não Hugh Lynn.

Edgar não conseguiu consolar Gertrude como consolara Hugh Lynn. Ela sentia que não havia cuidado adequadamente da criança, e que Edgar estivera ocupado demais com repórteres para atender às necessidades da família em casa. Perturbada, Gertrude parou de comer e passou boa parte dos dias na cama. No fim, a saúde cedeu. Os primeiros sintomas foram inicialmente tidos como mero resultado do parto: ela sofria de sangramento vaginal, irritação e fadiga constante. Edgar acreditava que ela estava apenas a superar a dor da perda do bebê e que, com oração e atenção, recobraria as forças, como fizera depois do retorno dele de Louisville. Contudo, Edgar subestimou o quadro de Gertrude. Em 10 de junho de 1911, ela já não conseguia fazer trabalho algum em casa, e em julho já vomitava sangue.

O Dr. Jackson disse-lhe que estava com pleurisia. Seu verdadeiro receio, porém, era que ela tivesse contraído tuberculose ao cuidar do irmão Hugh numa viagem ao Texas com a mãe. No fim de julho, o Dr. Jackson confirmou que Gertrude tinha tuberculose. O Dr. Beazley, vindo de Bowling Green, concordou. Edgar não hesitou em oferecer ajuda psíquica. *"Eu sabia que as condições eram*

bastante desesperadoras," Edgar depois diria. *"Sabia que tinha de dar uma leitura."*

Desta vez, o obstáculo para a leitura não era Edgar, mas Gertrude. Ela não queria. De fato, fora a única pessoa da família nuclear a sempre se opor a ter uma. Não era por não acreditar que ele pudesse usar os poderes psíquicos para ajudá-la — isso lhe havia sido provado no caso do sobrinho Tommy. Gertrude relutava em pedir uma leitura porque ainda não gostava do negócio de ele dá-las e não queria que suas vidas girassem em torno delas. Amigos bem-intencionados, mas mal informados, haviam-lhe dito também que Edgar acabaria por enlouquecer se continuasse a dar leituras. E havia sempre em torno de Edgar gente suspeita com vários esquemas de enriquecimento rápido — inclusive, em sua opinião, Ketchum e Noe. Sua recusa inabalável a uma leitura era a sua maneira de afirmar o pouco de controle que ainda tinha sobre a situação.

Edgar não iria cruzar os braços e ver Gertrude morrer como morrera Milton Porter. No silêncio do quarto, ele a demoveu de suas preocupações com a sociedade Ketchum-Noe e a convenceu a ter fé nas bênçãos maiores que poderiam vir do Trabalho, se apenas ela se entregasse a ele. Gertrude afinal concordou em tentar. Na mente de Edgar, era a leitura mais importante que ele jamais tentaria, e ele a queria a melhor possível. As condições em que ele escolheu conduzi-la — e seu eventual desfecho — fixaram um novo padrão para todas as leituras posteriores.

Sabendo que as melhores e mais produtivas leituras eram dadas em atmosfera de prece, Edgar reuniu no escritório os entes queridos da família e pediu a praticamente todas as demais

pessoas que conhecia que rezassem por ele e por Gertrude também — especificamente no horário em que a leitura seria feita. Lizzie, a mãe de Gertrude, e Carrie House concordaram em estar ao lado de Edgar quando ele entrasse em transe. Acompanhavam-nas o Dr. Kasey, o pastor metodista que conhecia Gertrude desde o nascimento, e Harry D. Smith, o pastor da First Christian Church que havia casado Edgar e Gertrude. Suas congregações, como os amigos de Edgar, tinham todas sido avisadas da hora em que deviam começar a rezar. Edgar havia convidado também um especialista em tuberculose de Louisville para acompanhá-los na leitura, juntamente com o Dr. Sergeant, outro especialista, e Louis Elgin, um boticário, na esperança de que a perícia coletiva contribuísse para o êxito da leitura. Ketchum oficiou, enquanto Leslie conduzia.

A primeira leitura se fez em 2 de agosto de 1911. Nenhuma das leituras anteriores fora mais detalhada e completa, nem qualquer delas pôde ser considerada mais bem-sucedida. Durante quarenta e cinco minutos, Cayce detalhou a condição de virtualmente todos os principais órgãos do corpo dela e do sistema nervoso, começando pelo topo da coluna, passando aos pulmões e ao diafragma, e depois ao trato digestivo e ao cólon. Delineou tratamentos que incluíam ajustes osteopáticos para as costas, inalação de espíritos para aliviar a congestão pulmonar, fármacos potentes para ajudar a depurar o sangue e diversos órgãos, uma dieta rica em suplementos de ferro e vegetais crus, e laxantes, que seriam injetados diretamente no cólon. Quando Cayce despertou, os médicos andavam de um lado para o outro da sala, balançando a cabeça. O especialista de Louisville considerou a dissertação de

transe o discurso *"mais extraordinário"* que jamais escutara sobre tuberculose. *"A sua anatomia está correta… o seu diagnóstico é excelente."* A preocupação dele eram os tratamentos estranhos e incomuns.

Do ponto de vista do especialista, os ajustes osteopáticos não eram prejudiciais, nem os laxantes. Era o tratamento incomum para limpar os pulmões que o alarmava. Esse tratamento consistia em inalar os vapores de aguardente de maçã a partir de um barril de carvalho carbonizado. Havia ainda os fármacos. Cayce recomendara que ela tomasse uma combinação de heroína, eucaliptol, terebeno e creosoto, que deviam ser misturados em líquido e postos numa pastilha ou cápsula feita de fosfatos de sódio cristalizados. Só se deviam preparar medicamentos para três dias de cada vez, pois a leitura dizia que o composto começaria a se desintegrar após esse período.

Os diversos médicos discutiam entre si. Todo o tempo, Edgar e sua família olhavam em silêncio. Depois de todas as curas espantosas e toda a ajuda que ele dera ao longo dos anos, até Ketchum parecia sem saber o que dizer. Como Ketchum mais tarde escreveu sobre o episódio, sentia-se *"enfermo em alma, em coração e em corpo"*, porque não via como Gertrude, na condição atual, sobreviveria à combinação de fármacos e tratamentos. E, no entanto, a Fonte dissera que ela viveria se as recomendações fossem seguidas.

Edgar declarou que iria aplicar a leitura imediatamente. Como Sergeant e Jackson se recusaram a assinar a receita dos fármacos, pediu a Ketchum que o fizesse. E felizmente Elgin, o farmacêutico, concordou em aviar as diversas prescrições *"mesmo*

que isso signifique ir para a cadeia." Gertrude estava fraca demais para resistir ou se importar. Mal conseguia erguer a cabeça do travesseiro.

Depois de tomar a primeira cápsula, Gertrude deixou de hemorragiar. Os vapores da aguardente de maçã no barril de carvalho carbonizado reduziram a congestão nos pulmões. Em poucos dias a febre cedeu, e em duas semanas ela estava decididamente em recuperação. Mas não foi apenas o medicamento ou a terapia. Gertrude verdadeiramente desejou ficar boa, e havia reunido forças e coragem para fazer as pazes com as leituras e com a singular carreira do marido. Talvez Gertrude agora pudesse ter empatia pelos que estavam doentes e por suas famílias, e pelo enorme dom que o trabalho de Edgar podia ser para eles. E talvez ela agora entendesse, mais plenamente, o senso de responsabilidade que Edgar sentia em se tornar disponível àqueles que precisavam de sua ajuda.

Embora Gertrude às vezes tivesse recaídas, avançou muito. Aos poucos recobrou forças e, em alguns meses, já estava de novo em pé. Ironicamente, foi em meio à recuperação de Gertrude — no que se poderia considerar o sucesso mais espetacular de Ketchum e Cayce — que a sociedade, já com um ano, viria a sofrer o escrutínio e a crítica mais intensos da classe médica.

Em novembro de 1911, enquanto Gertrude ainda estava acamada em recuperação da tuberculose, Ketchum ficou sabendo que estava sendo investigado pela Christian County Medical Society e que se havia aprovado resolução exigindo que o governador e o procurador-geral lhe cassassem o registro médico. O Dr. Frank Stites, colega médico e vizinho, disse a Ketchum exatamente o

que a sociedade médica pretendia: *"Aqui está você com toda essa publicidade, a cidade lotada, e nós sabemos que isso tudo é uma farsa, de modo que vamos agora tomar providências."*

No devido curso, Ketchum recebeu notificação de que outra reunião para discutir a suspensão do registro seria realizada no fórum. Ketchum não sabia muito bem o que fazer. Sabia que haveria mais de quarenta e cinco médicos do condado presentes. Podia trazer testemunhas oculares e pacientes que havia ajudado, juntamente com declarações juramentadas. Havia muitas disponíveis. Contudo, tinha outra ideia. No dia da reunião, foi ao First National Bank e sacou mil dólares em espécie de sua conta, separando-os em dois maços de quinhentos dólares cada. Ketchum saiu do banco com o dinheiro nos bolsos e então caminhou até o fórum, onde os médicos se reuniam. Entrou na sala de reuniões e sentou-se no fundo. Estavam ali muitos mais médicos do que ele havia previsto.

A reunião foi aberta pelo secretário da sociedade médica, que leu os nomes do comitê escolhido para ir a Frankfort ver o governador e o procurador-geral sobre a cassação do registro de Ketchum. Ketchum foi então convidado a dirigir-se aos presentes. Caminhou lentamente até a frente da sala, pôs o dinheiro sobre a mesa onde todos podiam vê-lo e fez um breve discurso que havia preparado antes.

"Lamento ter trazido isso aos médicos de Christian County," disse Ketchum. *"Mas os senhores nasceram e se criaram aqui… [e] eu vim para cá… por incentivo de vários dos principais cidadãos — em particular o Professor Dietrich… E quando ele me falou desse rapaz Cayce, tudo o que fiz foi investigá-lo — e isso é tudo o que ainda faço*

agora… Se os senhores, cavalheiros, quiserem chegar de fato ao fulcro da questão… eu quero a sua ajuda. É claro que, se o que querem é apenas me expulsar da profissão, isso é outra coisa. Mas tenho uma sugestão a lhes oferecer… Gostaria que os senhores designassem seis homens… para escolher um dos casos mais complexos dele, e então fazer Cayce deitar-se e dormir e diagnosticar cada um dos seis casos… Se os diagnósticos não estiverem absolutamente corretos… entregarei… este dinheiro a qualquer instituição de caridade que os senhores indicarem em Christian County."

Fez-se silêncio depois que Ketchum terminou de falar. Em seguida, alguém no fundo da sala propôs que houvesse nova investigação antes de o comitê visitar o procurador-geral. Ketchum nada mais ouviu da sociedade médica. Mas acabou, sim, falando com o procurador-geral. A ocasião foi uma reunião da Bar Association do oeste de Kentucky, do norte do Tennessee e do sul de Indiana, realizada no Hotel Latham ainda naquele mesmo ano. Cayce fora convidado a fazer uma demonstração. Não há nos arquivos menção de quem foi o autor do pedido, mas, com toda a probabilidade, foi Ketchum — pois ele conduziu a leitura e, com a ajuda de Edgar, montou uma demonstração própria. Depois que Cayce entrou em transe, Ketchum pediu aos advogados reunidos que escrevessem perguntas que ele tentaria fazer o psíquico responder. Cerca de dezoito advogados corresponderam. Cayce — em transe — repetia cada uma das perguntas depois de lidas e então as respondia. Em certos casos, entrava em pleno detalhe. Em outros, apenas dizia sim ou não.

O procurador-geral era o convidado de honra do evento e, findo este, um dos promotores locais apresentou-lhe Ketchum. O

procurador-geral, que ouvira falar dos problemas que Ketchum tivera com os médicos locais, olhou para Ketchum por um instante e então disse: *"Bem, vou lhe dizer. Não é longe daqui até o outro lado. Acho que este sujeito atravessa de um lado a outro."* Foi tudo o que o procurador-geral disse, e tudo o que Ketchum acreditava precisar ouvi-lo dizer. *"[De] algum modo e de alguma maneira,"* disse Ketchum, *"ele cai de fato em outra esfera, a respeito da qual nada sabemos."*

Pela mesma época em que Ketchum estava sob investigação, uma investigação bem mais minuciosa era conduzida pelo Dr. Hugo Münsterberg[55], reitor do departamento de psicologia da Universidade Harvard, ex-presidente da American Psychological Association e amigo e colega de William James. Ele escutara a palestra de Ketchum em Harvard e acompanhara alguns dos relatos posteriores na imprensa. Agora, em meados de dezembro de 1911, fez uma visita-surpresa a Hopkinsville. Não havia dúvida quanto às suas intenções, pois dissera aos alunos e colegas em Harvard, antes de partir, que a razão da viagem era *"desmascarar Cayce para o mundo."*

Edgar foi cordial, apesar do choque inicial com a aparição inesperada do distinto professor à porta de sua casa. Münsterberg media bem mais de seis pés de altura e pesava cerca de 250 libras. Tinha modos abruptos e, com seu pronunciado sotaque alemão e olhar penetrante, podia ser bastante intimidador.

Quando Münsterberg veio para sua visita de uma semana, Edgar e Gertrude moravam no chalé da mãe de Gertrude, na Russellville Road, adjacente à Colina. Münsterberg bateu à porta, apresentou-se a Edgar e então imediatamente pediu para ver o

gabinete, as luzes, a bola de cristal ou qualquer um dos *"modus operandi"* que eram marca registrada de psíquicos como Madame Blavatsky, cujas práticas haviam recentemente sido alvo de intenso escrutínio na imprensa nova-iorquina. Edgar não sabia do que Münsterberg estava falando. Disse ao professor que podia entrar em transe tanto deitado no chão da sala quanto fora no quintal, ou no meio da rua. Informou-lhe também que muitas de suas leituras eram registradas por uma estenógrafa e que transcrições datilografadas estavam disponíveis para inspeção. Edgar pegou sua última leitura para Gertrude e a entregou a Münsterberg para ler.

Edgar concordou em encontrar Münsterberg no estúdio no dia seguinte. Quando chegou pela manhã, Leslie, a estenógrafa e Ketchum já estavam lá. Edgar acabara de lhes contar a visita não anunciada de Münsterberg a sua casa na tarde anterior quando o professor chegou. Ocupou uma das grandes cadeiras de balanço e começou a fazer perguntas a Edgar e Ketchum. Os sócios respondiam e lhe mostravam mais transcrições de leituras, bem como cartas de pacientes.

Em certo momento, o cliente da manhã de Edgar chegou ao escritório. August Boehme viera de sua casa em Newport, Kentucky, e não havia dito a Ketchum nem a ninguém no escritório a razão da leitura que pedia. Edgar e Boehme conversaram apenas por alguns momentos antes de Edgar se deitar no divã, pôr-se em transe e proceder à leitura. Leslie ficou ao lado do divã, e Ketchum e Boehme sentaram-se em cadeiras, enquanto Münsterberg optou por se sentar à porta, donde melhor observasse os procedimentos.

Cayce deu uma leitura típica. Relatou o corpo de Boehme da cabeça aos pés, apontando áreas problemáticas e fazendo sugestões de tratamento. Segundo a leitura, o paciente sofria de um distúrbio estomacal complicado, que resultava em desnutrição crônica. Quando Cayce emergiu do transe, Münsterberg retomou o questionamento de Edgar e Ketchum, e agora de Boehme. Perguntou a Boehme quanto Edgar sabia de sua condição antes da leitura. *"Absolutamente nada,"* respondeu Boehme. *"Nunca o vi antes em toda a minha vida. Só li algo sobre ele no jornal — sou sofredor de longa data, sem resultados, por isso vim vê-lo, cheguei só esta manhã."* Münsterberg perguntou a Boehme se estava convencido pela leitura. *"Claro que estou!"* declarou Boehme.

Aparentemente, também Münsterberg estava, pois passou os dois dias seguintes entrevistando mais pacientes de Ketchum. Entre os entrevistados figuraram a família Dietrich e Carrie House. Ao fim da visita, Münsterberg admitiu a Edgar que não tinha explicação para o que vira e ouvira, mas tinha de concluir que Edgar era coisa verdadeira. Instou também Edgar a prosseguir. *"Ainda que você jamais fizesse outro caso além do da pequena Dietrich, sua vida não terá sido em vão,"* disse. *"Acredito que você irá longe."*

Münsterberg disse a Edgar que voltaria a contatá-lo, mas Edgar nunca mais ouviu dele. Embora o professor não se desse ao trabalho de escrever um estudo de caso de Edgar Cayce para algum periódico médico nem apresentar trabalho sobre o tema, não teve vergonha ou constrangimento em descrever suas experiências em Hopkinsville a colegas e alunos em Harvard — entre eles o distinto Dr. William McDougal, que depois

conduziria um estudo próprio das leituras. A eles, Münsterberg admitiu que havia fracassado em desmascarar Cayce como fraude e que, depois de passar uma semana com ele e estudar três dos pacientes que haviam recebido leituras, convencera-se de sua legitimidade. Disse que Cayce tinha *"um poder incomum"*, sem elaborar mais.

Com os elogios que Münsterberg lhe fez, vieram também alguns conselhos, que ele partilhou com Cayce em particular. Münsterberg achava que Cayce *"andava com a gente errada."* Referia-se a Noe e Ketchum e talvez até ao próprio pai de Edgar, Leslie. Münsterberg instou Edgar a continuar *"escutando a voz"* — como ele se referia à Fonte —, mas a reconsiderar as companhias que mantinha.

Gertrude não se surpreendeu ao ouvir Münsterberg dizê-lo, pois estava convencida da mesma coisa. Não confiara em Ketchum desde o princípio, sobretudo depois que Leslie quebrara a rótula e o próprio Ketchum começara a conduzir as leituras. Muitas vezes Ketchum dispensara a estenógrafa por completo. Dizia a Edgar que tomava notas e depois ditava a sua própria versão do que fora dito. Gertrude também começara a suspeitar de que Ketchum ou extorquia dinheiro de diversos pacientes ou usava as leituras para se beneficiar pessoalmente. Quase todos na cidade sabiam que Ketchum comprara um dos primeiros automóveis de Hopkinsville, um *Brush roadster* de dois cilindros. Era também sabido que Ketchum havia adquirido um haras nos arredores da cidade, onde mantinha um plantel de cavalos de corrida. E, talvez o mais condenável numa comunidade como Hopkinsville, corria o boato de que Ketchum sustentava financeiramente a Srta. Katy

deTuncq, professora de francês do Bethel Female College, com quem mantinha um caso extraconjugal.

Levantadas as suspeitas, Edgar resolveu verificar Ketchum. Escreveu uma carta a uma paciente que, supostamente, recebera uma leitura em um dos dias em que a estenógrafa havia sido dispensada. Perguntou-lhe se a leitura lhe fora benéfica. A mulher disse que se inscrevera para uma leitura, mas jamais a recebera.

Edgar confrontou Ketchum com a carta. Ketchum disse a Edgar que tivera de mudar algumas das regras deles porque precisavam do dinheiro para construir o hospital — que, com Mohr fora, cabia a ele e a Noe. E não conseguiriam construí-lo recebendo US$ 25,00 por leitura, quanto mais com todos os casos de caridade. Sob pressão, Ketchum admitiu haver feito leituras sobre corridas de cavalos e outras formas de jogo. Referiu-se a isso como *"pegar umas dicas."* No que dependesse de Edgar, a sociedade estava encerrada. O próprio Ketchum deve ter compreendido isso, pois deixou a cidade antes que a sociedade fosse oficialmente dissolvida. Edgar nunca mais o viu.

Não por pequena coincidência, Ketchum partiu para Boston, onde fez um curso de reciclagem na Harvard Medical School e apresentou outra palestra sobre Cayce. As tentativas de estabelecer relação com Münsterberg foram em vão, pois o alemão aparentemente não lhe quis dar atenção. A amante de Ketchum, a Srta. deTuncq, deixou Hopkinsville aproximadamente ao mesmo tempo que ele. Os dois mais tarde viajaram para o Havaí, onde Ketchum se casou com a Srta. deTuncq, depois de divorciar-se da esposa.

Como Edgar havia feito antes e faria de novo, voltou as costas a uma situação desagradável e mudou-se para uma cidade onde ninguém o conhecesse. Em janeiro de 1912, Edgar literalmente se afastou a pé do estúdio, deixando para trás o equipamento fotográfico, os negativos e os arquivos das leituras, e mudou-se para o Alabama.

Leslie, por conta própria e em nome de Edgar, moveria mais tarde ação contra Noe e Ketchum por quebra de contrato e aluguéis atrasados do estúdio, num total de cerca de US$ 28.000,00. A ação foi julgada perante J. T. Hanberry, do Christian County Circuit Court, o mesmo juiz que havia testemunhado uma leitura quando a sociedade se formava e que mais tarde se oferecera para comprar de Noe e Ketchum o contrato com Cayce. Embora sua presença como juiz nesse caso fosse claramente um conflito de interesses, ele presidiu o julgamento e, de magistratura, decidiu que o contrato, tal como originalmente lavrado, era ilegal. O processo foi sumariamente arquivado, e os dois Cayce foram obrigados a pagar custas e fazer um pequeno acordo. Leslie culpava a si mesmo pela cadeia de eventos que levou as partes a juízo, insistindo obstinadamente em que a sociedade teria sobrevivido e *"tudo teria dado certo"* se ele não houvesse quebrado a rótula.

A pedido de Leslie, Edgar voltaria brevemente de sua nova casa no Alabama a Hopkinsville para estar presente quando a decisão foi proferida em março de 1913. Foi experiência profundamente desagradável para ele. Numa carta que depois escreveria a um associado de negócios, Edgar descreveu o ato de estar sentado na sala de audiências com o pai e ser tomado de raiva pelo que

considerava um grande erro judiciário. Descreveu também ter feito algo que jamais fizera antes, nem faria de novo, e do que sinceramente se arrependeria depois. *"Algo dentro de mim naquele momento me fez erguer e perguntar ao juiz se eu podia falar sem que o juiz me declarasse em desacato,"* escreveu Edgar. *"Ele disse que eu podia falar. Esse mesmo algo [dentro de mim] disse: 'Pela mentira que perpetraste neste dia, os vermes do teu corpo te devorarão enquanto ainda estiveres vivo!'"*

Segundo Edgar Cayce, o que ele havia *"querido"* foi, de fato, o que depois se deu. Ancilóstomos, ou alguma forma de infestação intestinal por vermes, provocaram anemia e, no fim, mataram Hanberry. *"Possivelmente foi mera coincidência,"* disse Edgar a um amigo. *"Possivelmente foi brincar com fogo."* Edgar deixou Hopkinsville prometendo a si mesmo nunca mais permitir que a raiva o dominasse.

---

55. Hugo Münsterberg (1863–1916): psicólogo germano-americano, fundador da psicologia aplicada nos EUA e diretor do Laboratório de Psicologia de Harvard. Primeiro grande acadêmico a investigar Cayce em campo.↩

15.
Cidadezinha
junto a um grande rio

Edgar Cayce gostava de dizer que se havia mudado para a cidade ribeirinha de Selma, no Alabama, pela simples razão de que *"ficava a uma boa distância de qualquer um que soubesse o que eu fazia."* Isso podia muito bem ser verdade. Contudo, também era verdade que a H. P. Tressler Company, que o contratara para abrir um estúdio de fotografia naquela cidade no início de janeiro de 1912, havia estrategicamente escolhido Selma por ser a cidade de crescimento mais rápido em todo o estado. Suas ruas de pista dupla fervilhavam de tráfego em direção ao cais e de volta, onde fileira após fileira de barcos a vapor fluviais atracava para descarregar a carga nos grandes armazéns atacadistas de algodão e nas fábricas de laminação ao longo da Broad Street. E ainda assim, apesar do ritmo frenético da vida numa cidade em dores de crescimento, sua população de cerca de vinte mil habitantes continuava a desfrutar o gracioso costume *antebellum* de encerrar tudo às quintas-feiras o dia inteiro, para que visitantes e moradores pudessem *"refrescar os pés"* nas águas serpenteantes do Alabama River.

Pouca dúvida há de que Gertrude, ainda em recuperação da tuberculose em casa, em Hopkinsville, receava que a vida rápida de uma cidade como Selma tivesse sobre o marido o mesmo efeito

que outrora Louisville tivera. Não foi o caso. À chegada, Edgar imediatamente se pôs a preparar um lar em que ele, Gertrude e Hugh Lynn pudessem estar juntos. Poupou dinheiro conscientemente, evitando as tentações do jogo e de outros divertimentos de beira de rio, e, salvo pelo trabalho na First Christian Church, na Selma Avenue, dedicou-se ao dia — que viria um ano e três meses mais tarde — em que a família se reuniria. *"Mal posso esperar até que você esteja forte o bastante para viajar,"* escreveu Edgar para casa, num cartão-postal logo que chegou. *"Você vai adorar isto aqui, e as perspectivas são maravilhosas."*

A sede do escritório de Selma da H. P. Tressler Company ficava na Broad Street, 21½, no coração do distrito comercial, acima da drogaria Cawthon-Coleman. Edgar escolhera o local pela grande claraboia, pela localização central em relação ao fluxo de pedestres que subia do rio, e porque seus dois concorrentes no ramo da fotografia, os King Brothers e J. N. Smith, já tinham se estabelecido no distrito residencial mais sofisticado, arborizado, ao norte.

O que ao local faltasse em charme, sobejava em espaço — mil e quatrocentos pés quadrados. A escada do térreo dava diretamente na sala de recepção, que Edgar mobiliou com uma grande escrivaninha de persiana, poltronas estofadas, mesas e vitrines cheias de fotos, além de uma câmera de retrato e cenários. Imediatamente adjacente à sala de recepção havia uma grande sala de revelação e impressão, e uma terceira sala usada para guardar equipamento.

O apartamento que alugou para a família ficava no terceiro andar, logo acima do estúdio. Podia-se acessá-lo por uma escada dos

fundos, que saía da sala de recepção. No alto da escada, dando para um corredor comprido, havia um quarto pequeno onde Hugh Lynn mais tarde dormiria, um quarto de casal maior para Edgar e Gertrude, uma sala de jantar que servia também de sala de estar, e uma cozinha pequena com vista para o Alabama River. O único inconveniente do apartamento era a proximidade do armazém atacadista de secos e molhados do lado. Em razão do grande volume de alimentos ali estocados, havia constante infestação de ratos, que abriam caminho pelas paredes até a cozinha dos Cayce para escapar do exército de gatos que o armazém mantinha para proteger a mercadoria.

Ao longo das paredes da escada que subia da rua, Edgar pendurou muitas de suas melhores fotografias emolduradas. Era, contudo, a exposição do lado de fora que prendia a atenção dos clientes. Montado ao lado da porta, havia um grande relógio de corda de oito dias com apenas um ponteiro. Edgar punha ao redor do mostrador fotos de pessoas cujos retratos tivesse feito recentemente. Quando o relógio parava, a pessoa cuja foto estivesse sendo apontada pelo ponteiro recebia gratuitamente o revelado de suas fotos.

Segundo todos os relatos, o grosso dos primeiros clientes de Edgar vinha da First Christian Church, na esquina da Selma Avenue com a Franklin Street, à qual ele se havia filiado em 12 de janeiro de 1912, no dia seguinte à sua chegada. A congregação dessa igreja, com cerca de quinhentos fiéis, rapidamente passou a adorar Edgar sem constrangimento. Bastou pouco tempo da filiação para que ele fosse feito diácono, lhe designassem uma turma de estudo bíblico para ensinar e o pusessem à frente do

programa do Christian Endeavor. Colegas diáconos viriam mais tarde a comentar sobre a natureza mansa de Edgar, os pequenos gestos de bondade a quem quer que encontrasse e seu vasto conhecimento da Bíblia. Em nenhuma outra igreja, antes ou depois, Edgar foi acolhido com braços tão abertos, nem formou amizades tão profundas e duradouras.

Os registros da igreja oferecem ampla evidência de que ele hospedou o que se podia dizer a mais notável turma de estudo bíblico já reunida numa igreja de Selma. A *"Class No. 7"* de Edgar — chamada assim pelo número da sala em que a classe se reunia — incluía católicos, presbiterianos, batistas, metodistas e episcopais, juntamente com alunos da Christian Church. A classe era tão popular que publicou uma revista que Edgar escrevia e editava, chamada *Sevenette*.

Igualmente popular era o programa do Christian Endeavor que ele organizava. Tornou-se tamanho êxito entre os adolescentes locais que viria a receber um prêmio nacional, a ser entregue em Birmingham, por ter o maior número de participantes ativos, ou *"junior experts"*, jamais creditado a um único capítulo na história do movimento. Membros dessa turma viriam a se tornar missionários no México, no Japão e na Índia.

Embora as reuniões oficiais do Christian Endeavor e do estudo bíblico se dessem na igreja, o ponto de encontro não oficial era a sala de recepção do estúdio de Edgar. Entre os frequentadores, estavam Alfred e Roger Butler, Harry Bredin, Charlie Le Noir e Alec Cawthon. Edgar entretinha o grupo com discussões sobre os assuntos do dia e, como fizera em Bowling Green, com jogos de cartas de sua própria invenção. Entre eles, um jogo que Edgar

chamou de *DrinX*[56], envolvendo cinquenta e nove cartas que representavam bebidas não alcoólicas e uma carta-trunfo. O objetivo do jogo era colecionar todas as cartas de um naipe determinado, representado por diferentes tipos de sucos de frutas, refrigerantes e ginger-ale, ou jogar uma carta-trunfo, chamada *Mixed Drink*, que permitia ao jogador colecionar cartas de naipes distintos. Por mais popular que se tornasse em Selma, o jogo não pegou como pegara o primeiro, *The Pit* — embora desta vez, em 1913, Edgar fizesse questão de consultar um advogado para registrar os direitos autorais.

Além dos grupos de escola dominical e do Christian Endeavor, Edgar participava às vezes das atividades organizadas pela sociedade auxiliar feminina da First Christian Church, conhecida como *Helping Hands*. Uma fotografia particularmente divertida, tirada numa reunião das *Helping Hands*, mostra Edgar a posar provocadoramente de vestido e touca — sua fantasia para uma peça de teatro encenada para arrecadar fundos para a igreja. Como em outras fotografias de Edgar tiradas nessa época, há em seu rosto um grau de humor e animação ausentes durante os anos de Hopkinsville com Ketchum e Noe. Suas cartas para casa eram igualmente cheias de energia e de amor à vida. Em um bilhete a Gertrude, chegou até a tentar a mão na poesia:

Perguntei às rosas enquanto cresciam,
mais ricas e belas em seu matiz,
o que fazia os seus botões tão ricos e brilhantes.
Responderam: Olhar para a Luz

Em outra carta para casa, Edgar partilhou detalhes da primeira leitura em transe documentada dada desde o fim da sociedade

com Ketchum — dada em Selma, em abril de 1912. A leitura se deu no fim de uma semana em que uma longa sucessão de tempestades temporariamente fechara o seu negócio. Ele não atendera um cliente fazia mais de duas semanas. Em meio às orações diárias, ouviu alguém a subir os degraus do estúdio. Logo apareceu uma senhora de baixa estatura, idosa, toda molhada e ensopada. A touca que trajava estava grudada no rosto. Ao tirá-la e puxar o cabelo para trás, perguntou se ele fazia ampliações. Edgar disse que sim. A mulher remexeu nas roupas e tirou uma pequena foto em ferrotipia, dizendo que era a do filho, no Alasca. Queria a melhor ampliação que dela se pudesse fazer. A única maneira, entretanto, de pagá-lo era se ele se dispusesse a descontar um cheque de fora do estado. *"É do meu menino. Fui em todo lugar da cidade, mas ninguém quer descontar."*

Edgar pegou o cheque e pediu-lhe que esperasse enquanto via se algo podia ser feito. Foi ao City National Bank of Selma, a poucos quarteirões dali. O presidente do banco, H. C. Armstrong, disse a Edgar que o cheque já estivera no banco três vezes naquele mesmo dia. Não havia razão para pensar que fosse ruim, mas não podia ter certeza porque não conhecia a mulher. Edgar convenceu Armstrong a descontá-lo assim mesmo. *"Vamos juntos ajudar essa mulher,"* disse Edgar.

Edgar lembrava como a mulher ficou feliz quando ele lhe entregou o dinheiro. Desse dinheiro, ela lhe pagou pela ampliação, e ele, por sua vez, conseguiu pagar o aluguel do estúdio naquele mês. No curso da conversa, a mulher contou-lhe de uma filha que sofria de paralisia infantil e tinha uma perna e um pé tortos. Edgar então lhe contou de algumas experiências

que tivera nos anos anteriores à vinda para Selma. Ela pediu-lhe que desse uma leitura à menina.

Poucos dias depois, a mulher trouxe a filha ao estúdio. Alfred Butler, da turma de escola dominical de Edgar, concordou em conduzir a leitura, e Harriet McSwain, amiga de Butler e secretária do presidente do banco, tomou as notas. Edgar havia também obtido o auxílio do Dr. Samuel Gay, ex-cirurgião do exército, que concordou em estudar a leitura e dar seu parecer sobre o diagnóstico e o tratamento recomendado. Essa leitura, como muitas outras dos primeiros anos, não mais existe, mas, segundo todos os relatos, a perna e o pé da criança foram completamente curados quando o tratamento sugerido se realizou. Daquele momento em diante, e por todo o tempo em que Edgar viveu em Selma, raramente se passava uma semana sem que pelo menos um membro daquela família visitasse o estúdio, trazendo consigo uma pequena oferta de agradecimento.

A leitura seguinte que Edgar deu foi para o pai do Dr. Samuel Gay. Pedira-se-lhe leitura sobre uma ferida aberta na lateral do rosto que havia sido diagnosticada como câncer. Sugeriu-se a aplicação de injeções de um composto ou soro feito de pele de coelho, tratamento que a Fonte rotineiramente recomendaria para câncer de pele e que se mostraria eficaz, mais tarde, em centenas de casos semelhantes — embora em muitas instâncias sua preparação e combinação tivessem de ser alteradas para uso individual. Neste caso específico, a ferida aberta cicatrizou e, consta, jamais voltou a incomodar o pai do Dr. Gay.

Alf Butler, que havia conduzido essas duas leituras, requereu então uma leitura para sua irmã, Flora Butler, que subitamente

apresentara graves problemas psiquiátricos e estava agora internada num manicômio em Tuscaloosa, Alabama. A leitura subsequente surpreendeu todos os envolvidos no caso. Afirmava especificamente que o comportamento dela era causado por um dente do siso duplamente impactado e que a remoção do dente resultaria em sua completa recuperação. Alf e seu irmão, Roger, fizeram uma viagem às pressas até Tuscaloosa, onde o maxilar de Flora foi radiografado na presença da tia da moça, que era médica. O dente foi localizado e removido, e alguns meses depois Flora pôde voltar à escola, segundo todos os relatos, completamente sã.

O caso de Flora Butler atraiu muita atenção e foi noticiado no *Selma Times-Journal*, bem como em outros jornais. Acabou chamando a atenção de Sir Arthur Conan Doyle, que já ouvira relatos favoráveis sobre Edgar desde que Elbert Hubbard conhecera o psíquico em Bowling Green. Doyle e Edgar mais tarde trocariam uma série de cartas sobre a leitura de Flora Butler, durante uma das célebres turnês americanas de conferências de Doyle.

Essa, contudo, não foi a última leitura que Edgar deu para uma das irmãs de Alf e Roger. Quatro anos depois, Mary Butler estava em viagem pelo Condado de Baldwin, Alabama. Os irmãos ficaram preocupados por não terem recebido notícias dela. Pediram a Edgar que desse uma leitura para descobrir se ela estava em segurança. Edgar entrou em transe e disse que não se preocupassem, pois ela havia sido retida na viagem e que uma carta o atestando chegaria à casa da família no dia seguinte. A carta de Mary chegou como prometido e, junto com ela, a

devoção de uma vida inteira de uma família que procuraria leituras e lhe cantaria os louvores por três gerações vindouras.

A família Butler receberia também o que à época se considerou a mais estranha e mais absurda leitura médica até então. Em março de 1917, Alf pediu uma leitura para o pai, Alfred Berry Butler, que sofria de uma condição sobre a qual nenhuma informação prévia havia sido dada a Cayce. A leitura subsequente diagnosticou câncer de bexiga, estômago e rins, e pouca esperança oferecia de recuperação. A única cura, disse Cayce, era um transplante de órgãos, a ser realizado pelos Mayo Brothers em sua clínica em Minnesota[57]. Isso, em si, era recomendação notável, tendo em vista que transplantes de órgãos só seriam feitos a partir de 1954 — mais de trinta e cinco anos depois. Cayce prosseguiu sugerindo que os órgãos doentes poderiam ser transplantados de um animal vivo, procedimento que só seria tentado a partir de 1964. A despeito do sucesso das leituras anteriores para Flora e Mary Butler, Alf e Roger não conseguiram convencer a mãe de que tal operação era medicamente sólida, e as recomendações não foram executadas. Alfred Berry Butler faleceu em sessenta dias.

A leitura que Edgar Cayce conduziu nesse período e que teve o impacto mais duradouro em sua carreira não foi feita no Alabama, mas de volta a Kentucky. Deu-se a pedido da família DeLaney, de Lexington, que, como tantas outras, ouvira falar de Edgar por meio de Charles e Minnie Dietrich. Embora o próprio Edgar e biógrafos anteriores tenham dito que essa leitura ocorreu muito antes na carreira dele, as evidências sugerem que foi conduzida em dezembro de 1913, quando Cayce, já com trinta e seis anos, se estabelecera como fotógrafo no Alabama.

Amanda Fay DeLaney, esposa do abastado proprietário da Kentucky Lumber Company, havia ficado inválida num acidente de automóvel e estava ansiosa por uma visita de Edgar em casa. Depois de trocarem cartas, Edgar concordou em ir a Lexington para conduzir uma leitura. Antes de sua partida, ela lhe pediu que levasse um médico consigo para tomar nota das sugestões e facilitar os tratamentos.

Incapaz de encontrar um médico em Selma que o acompanhasse até Lexington, Edgar telegrafou a John Blackburn em Bowling Green, que concordou em conduzir a leitura. Entretanto, quando Edgar chegou de trem a Bowling Green para se encontrar com Blackburn, o médico ficou impedido de ir, por causa de uma operação de emergência que tinha de realizar. Edgar enviou um telegrama à família DeLaney e seguiu sozinho para Lexington. Quando chegou à estação, aliviou-se ao saber que William DeLaney, marido de Amanda, havia providenciado um médico, juntamente com uma estenógrafa e uma pessoa para conduzir a leitura.

A família DeLaney morava num condomínio residencial exclusivo de Lexington chamado Hampton Court. Uma carruagem, que aguardava na estação, levou Edgar à casa grande deles. Quando Edgar chegou e foi conduzido à sala de visitas, a Sra. DeLaney foi trazida numa maca para recebê-lo. A mera visão dela evidenciava a gravidade de seu estado. Seu corpo estava tão inchado que ela mal conseguia mexer as mãos ou os pés. Não conseguia alimentar-se, nem mesmo pentear o cabelo. Os médicos descreviam a condição como um caso grave de artrite, resultado de ferimentos que ela recebera cerca de uma década antes. Sua

pele era, aparentemente, tão sensível que ela não suportava o contato com os lençóis da cama. Incapaz de se mover por causa da dor, havia engordado consideravelmente. Com apenas cinco pés e cinco polegadas de altura, pesava duzentas libras ou mais.

Edgar a descreveu como estando na condição mais *"lamentável"* de qualquer pessoa que ele houvesse visto. Embora o caso parecesse sem esperança, ele ainda assim se dispôs a tentar. Contou aos DeLaney e ao médico deles suas experiências ao longo dos anos e descreveu em detalhes como as leituras haviam ajudado Gertrude a sobreviver à tuberculose. O quadro de Gertrude interessava especialmente a eles, já que haviam perdido muitos amigos e parentes para a doença.

O Sr. DeLaney declinou de conduzir a leitura ele próprio, alegando que a Igreja Católica Romana proibia *"a evocação de espíritos"*. Em vez disso, havia providenciado que um vizinho judeu a conduzisse — um jovem universitário bonito chamado Dave Kahn. Edgar entregou a Dave o pequeno livro preto que continha as sugestões a lhe serem dadas e instruiu-o sobre como formular as perguntas no momento certo.

Edgar primeiro tentou deitar-se no sofá, mas descobriu que era curto demais, e preferiu um lugar no chão. Então, em transe, procedeu ao exame do corpo da Sra. DeLaney como se fosse um médico, fornecendo pressão arterial, hemograma e outros detalhes fisiológicos e médicos. Declarou também que a família havia morado em Fort Thomas, Kentucky, e que foi ali que a Sra. DeLaney tivera um acidente de carruagem e cavalo. Ela saltara da carruagem e batera a base da coluna no degrau dela. Disse que, seis ou sete anos depois, ela tivera um acidente de automóvel, e

que esse segundo acidente agravou ou *"trouxe à tona"* a lesão original. Essa combinação de condições resultou em sua quase completa paralisia.

No curso da leitura, a Fonte sugeriu que se chamasse um osteopata para tratá-la e recomendou um médico que acabara de chegar a Lexington. Cayce prosseguiu enumerando diversos medicamentos e misturas, que deveriam ser tomados por via interna. Quando Edgar despertou, perguntou o que fora dado. *"Tudo, inclusive a pia da cozinha,"* disse o Sr. DeLaney com óbvio contentamento. *"Você prescreveu algo para cada centímetro quadrado do corpo dela."* Dave Kahn foi despachado com as receitas a uma das principais farmácias de Lexington, para que fossem aviadas conforme prescrito. Edgar passou o restante da tarde com a família DeLaney antes de regressar para casa.

Seriam necessários outros seis meses antes que ele tivesse oportunidade de voltar, ocasião em que deu uma leitura de acompanhamento. Ela se restabelecia aos poucos, embora estranha erupção tivesse irrompido por todo o corpo. A leitura de acompanhamento disse que um ingrediente importante — *enxofre negro* — havia sido omitido do medicamento. A falta desse mineral causara a erupção. Cerca de um mês depois, Edgar recebeu um telegrama pedindo que retornasse a Lexington. Ficou bastante comovido com o que viu ao chegar. A mesma mulher que outrora parecia sem esperança estava agora sentada, à vontade, numa cadeira. Pediu à enfermeira que lhe soltasse o cabelo e lhe desse o pente e a escova. Arrumara o próprio cabelo, disse ela a Edgar, e também começara a alimentar-se pela primeira vez em três anos. *"Fazem cinco anos que nem sequer tentei*

erguer as mãos até em cima para fazer meu próprio cabelo," disse-lhe. Os pés e as pernas pareciam bem melhores, e o inchaço havia diminuído. Oito ou nove meses depois, ela convidaria Edgar a Lexington novamente, desta vez para vê-la atravessar a sala em sua própria festa de aniversário. Mais tarde, ela estava dirigindo o próprio carro.

As sessões com a família DeLaney, como outras leituras que ele deu naqueles primeiros anos em Selma, muito fizeram para reerguer a confiança de Edgar. Mas foram importantes por outra razão. Por intermédio dos DeLaney, Edgar havia começado a desenvolver uma relação com Dave Kahn, de vinte e um anos. O jovem bonito e inquisitivo rapidamente se encantou com Edgar, achando-o, como depois diria, *"cheio de vigor e de promessa."* Nos anos à frente, seria Kahn mais que qualquer outra pessoa quem traria gente para o Trabalho, e quase um terço das leituras que Edgar subsequentemente daria pode ser rastreado até Kahn ou a um de seus conhecidos. Como Alfred Butler, Kahn tornar-se-ia companheiro frequente de viagens de Edgar, bom amigo e confidente.

Edgar passou a conhecer Dave e sua família melhor a cada viagem sucessiva a Lexington. Com o tempo, tornou-se convidado regular na grande casa de tijolos amarelos deles, ao lado da casa dos DeLaney. Edgar sentava-se ao lado da lareira na biblioteca e entretinha Dave e seus oito irmãos e irmãs com causos, ou simplesmente tentava responder às perguntas aparentemente intermináveis de Dave.

Edgar lembrava-se com clareza da sua primeira noite na casa dos Kahn porque foi a primeira vez que estivera numa casa judia.

Prestou atenção especial porque havia sido dado numa leitura anterior, quando estava em sociedade com Ketchum, que uma das pessoas que fariam contribuição significativa para o Trabalho seria judia. Desde então, Edgar estava de olho aberto, a indagar-se quem seria essa pessoa.

Edgar discutiu e recontou muitas de suas primeiras experiências, noite adentro. A mãe de Dave, Fannie — a quem Edgar chamava simplesmente de *Mother Kahn* —, uma mulher alta e bonita, parecia sentir uma afinidade especial por ele. Juntos, discutiam as suas particulares visões de mundo e as várias experiências. *Mother Kahn* era solidária a Edgar e àquilo que ele representava, sobretudo porque ela mesma tinha pendor psíquico.

O marido de Fannie, Solomon, que era erudito bíblico formado e estudante do Talmude, tinha, de início, graves reservas quanto ao interesse crescente de Dave por Cayce. Lembrou ao filho como Saul, prestes a ir para a batalha, evocara o espírito de Samuel pela bruxa de Endor[58] e depois pagara o preço por perturbar os mortos. Edgar explicou que não evocava fantasmas dos falecidos, como Saul fizera. Ligava-se a uma consciência superior. A explicação, aparentemente, satisfez Solomon, que por fim deu a bênção a Dave quando o filho lhe perguntou se podia conduzir uma das leituras de Edgar.

A primeira leitura que Dave conduziu foi para o irmão, Leon, que sofria de epilepsia. Prometeu-se ajuda, desde que se obtivesse a cooperação integral de um médico que pudesse dar os tratamentos muito difíceis que se sugeriram. Fannie ficou muito impressionada com a leitura, mas não se encontrou ninguém disposto a executar os tratamentos, e Leon morreu. O erro que a

família cometeu com Leon não se repetiu quando Edgar fez uma leitura para a irmã de Dave, Eleanor, que ficou gravemente doente de escarlatina. Desta vez, a família se certificou de que as leituras fossem seguidas à letra, e Eleanor se recuperou.

Edgar fez muitas outras leituras para a família Kahn ao longo de 1914 e 1915. Uma leitura interessante visava aprimorar o negócio de alimentícios da família Kahn. Numa carta a Edgar em Selma, Dave formulou a pergunta simples: *"Como nós [a família Kahn] melhoramos o negócio?"* A leitura que se seguiu pode ser considerada a primeira das cerca de oitocentas leituras empresariais que Cayce viria a fazer ao longo das três décadas seguintes.

Edgar enviou de volta um relato detalhado da leitura. Toda a verossimilhança indica que foi conduzida por Lynn Evans, que podia visitar Edgar em Selma com frequência, já que o emprego na ferrovia o transferira para Anniston, ali perto. A leitura afirmava que as escolas e universidades do centro de Kentucky — que tinham de alimentar de 150 a 200 alunos por dia — compravam seus enlatados em latas de uma, duas ou três libras. Isso significava que muitas latas tinham de ser abertas à mão todo dia, pois ainda não havia abridores mecânicos no mercado. Isso custava tempo e esforço. A leitura dizia que Dave devia ir a Chicago e comprar latas de um galão do mesmo produto. Eles nunca tinham ouvido falar que houvesse latas de um galão disponíveis, mas, como a informação vinha de Cayce, Solomon achou que deviam averiguar imediatamente.

A família mandou Dave a Chicago. Ele visitou a empresa nomeada na leitura, explicou quem era e contou da grande

operação alimentícia da família. Não só comprou as latas de um galão, como também fechou acordo para se tornar representante da empresa em Lexington. Algumas semanas depois, um vagão de carga inteiro, carregado de enlatados, chegou à cidade. Quase do dia para a noite, a rede Kahn tornou-se fornecedora de alimentos às principais instituições da região de Lexington.

O sucesso dessa leitura induziu Dave a formular outro tipo de pergunta: se devia ou não seguir o negócio de alimentícios do pai como carreira de longo prazo. A resposta a essa pergunta gerou ainda outro tipo de leitura: as dedicadas à orientação de carreira. Essas passaram a ser conhecidas como *leituras mentais e espirituais*[59], e Cayce viria a dar cerca de quatrocentas delas nos anos seguintes. Dave Kahn conduziu e recebeu a primeira.

Nessa leitura, Cayce sugeriu que haveria *"uma grande mudança"* no país e que, à medida que as condições se desenvolvessem, Dave Kahn seria forçado a deixar a casa. Subsequentemente, Kahn encontraria o trabalho de sua vida numa área em que não tinha sido treinado. Ademais, disse Cayce, a família de Kahn seria muitíssimo avessa às escolhas que ele faria. Cayce disse que ele teria também de *"deixar o rebanho"* e envergar uniforme. A leitura dizia que Kahn estaria de uniforme por algum tempo, e que ele *"partiria com honra"* e *"voltaria com honra"*.

Inicialmente, a leitura parecia ridícula, pois nenhum dos Kahn jamais usara uniforme. Dave não vinha de uma família de policiais ou bombeiros. A suposição da família era que Dave, sendo o mais velho, permaneceria em Lexington e herdaria o negócio de alimentícios do pai. Dave Kahn pôs a leitura de lado, incapaz de compreender, à época, que Cayce havia feito a

primeira de muitas referências à guerra que mandaria uma geração de rapazes americanos para os campos de batalha da Europa.

---

56. *DrinX*: jogo de cartas inventado por Edgar em Selma (registrado em 1913); segunda tentativa comercial dele no ramo, depois do *Pit*. O tema das bebidas não alcoólicas ecoa a cultura das *soda fountains* sulistas.↩
57. *Mayo Brothers*: William James e Charles Horace Mayo, cofundadores (com o pai) da *Mayo Clinic* em Rochester, Minnesota (1889). A recomendação de transplante de órgãos em 1917 antecipa em décadas o primeiro transplante renal bem-sucedido (Murray, 1954).↩
58. *Bruxa de Endor*: episódio de 1 Samuel 28.3-25, em que o rei Saul consulta uma necromante que invoca o profeta Samuel. *Locus classicus* bíblico da proibição da necromancia.↩
59. *Leituras mentais e espirituais*: tipologia cayceana central, que, junto com as *leituras físicas* (médicas) e as *empresariais*, compõe a tripartição canônica das ~14.000 leituras do arquivo da ARE.↩

16.
Prova de fogo

Hugh Lynn não queria deixar a Colina para mudar-se para o Alabama. Estava se divertindo em Hopkinsville mais do que jamais se divertira. Ele, Tommy House e o primo Gray Salter dividiam o mesmo quarto na Colina e haviam transformado a casa e a propriedade adjacente em seu playground particular. Era tudo o que Gertrude e as tias conseguiam fazer para tê-los sob controle. Formavam uma *"matilha de ratos"* que rivalizava com os bichos que incessantemente tentavam roer a passagem até o apartamento dos Cayce em Selma.

O mais velho dos garotos, Gray Salter, liderava a matilha. A mãe de Gray havia morrido, e a tia Kate o criava como filho. Ele, como os outros meninos, podia dar trabalho, mas tia Kate era páreo à altura. Uma história que às vezes se conta sobre esses garotos — embora tenha ocorrido alguns verões depois — era a de quando Kate pegara Gray fumando. Gray saiu em disparada, com Tommy e Hugh Lynn a segui-lo animados logo atrás, deixando Kate para trás e por fim encontrando o que ele considerou refúgio seguro numa cerejeira. Kate trouxe uma vara, uma cadeira e o jornal da tarde até o pé da árvore e pôs-se a esperar que ele descesse. Gertrude, que veio ver, perguntou a Kate por quanto tempo ela pretendia ficar ali. *"Pelo tempo que meu coração bater,"* respondeu Kate.

Afinal, Gray desceu e levou a surra, mas não sem antes apontar que Gertrude — entre outros na casa — também fumava. Simplesmente o fazia no privado do quarto. A surra deu azo a uma discussão entre os meninos sobre quem aguentava mais. Acabaram num socorrão, o qual, em última análise, cimentou as amizades longas e firmes entre eles.

Hugh Lynn ficou triste quando tiveram de partir. Mas Selma não seria o desastre que ele imaginava, pois os anos anteriores à declaração de guerra foram alguns dos mais felizes na vida de toda a família Cayce. Ter Gertrude e Hugh Lynn ao lado em Selma, e com Gertrude agora firmemente em apoio às leituras em transe, deu a Edgar nova confiança na carreira, tanto como fotógrafo quanto como psíquico. O negócio de fotografia ia tão bem que Edgar não apenas conseguiu comprar a participação de Tressler no estúdio, como ainda pôde ajudar o pai a se estabelecer em outro estúdio Cayce na vizinha Marion, Alabama, onde havia obtido contratos para anuários e álbuns escolares. Embora Leslie continuasse a ser péssimo administrador, tornou-se fotógrafo competente.

Era Gertrude agora quem espalhava a notícia das leituras de Edgar e quem se fazia sua mais enérgica defensora e campeã. Apesar de ainda depender do barril de aguardente de maçã para manter os pulmões desobstruídos — e, com efeito, manter o barril à cabeceira pelas três décadas seguintes —, reconhecia que ela mesma era prova viva do bem que vinha das leituras. Nos primeiros tempos em Selma, tornou-se guia e mentora de Edgar e começou a partilhar, pela primeira vez, o espanto e a curiosidade do trabalho psíquico dele. A despeito das alegações em contrário,

começou também a conduzir leituras. E, além de modelo fotográfica principal de Edgar, tornou-se gerente comercial do estúdio — função que abrangia marcar horários, administrar cobranças, manter os livros, cuidar do banco e orientar o esforço da única empregada.

Edgar ia se tornando fotógrafo ainda melhor e, pela primeira vez, aprendia a conciliar confortavelmente as obrigações de pai e fotógrafo com a vida de psíquico. Pelo puro talento e por um pouco de sorte, conseguiu uma conta com a Southern Railroad para fotografar todas as imagens das publicações e materiais promocionais deles. Também, com incentivo da família Kahn, obteve contratos para fotografar layouts de diversos produtos alimentícios. Entre esses contratos, havia um com a Mellin's Baby Food Company. Hugh Lynn tornou-se o rosto muito saudável dos cartazes da Mellin's. Nessa época, Edgar começou a engordar, ganhando peso especialmente na barriga, exigindo que lhe alargassem as calças. Gertrude também engordou, embora nela o ganho de peso lhe caísse bem. E agora, com Hugh Lynn já maior, a família podia aproveitar a vida em Selma como nunca aproveitara em Bowling Green. Por cartões-postais e fotos de família, é claro que passavam tempo pescando no Alabama River, em piqueniques no Elkdale Park, assistindo a desfiles maçônicos e, como sempre, participando de atividades da igreja.

O Dr. Paul Allen, dentista em Selma e ex-aluno da turma de estudo bíblico de Edgar, conta uma história que demonstra a criatividade de Edgar no ofício. Edgar queria tirar uma foto em grupo de todos os membros da First Christian Church. Para fazê-lo, sem recorrer a uma lente grande-angular — que tende a

distorcer partes da imagem —, Edgar engendrou um sistema inédito de tripé e obturador que permitia à câmera girar da esquerda para a direita de tal modo que todos os membros da congregação pudessem aparecer numa mesma foto. Paul Allen e outros jovens da congregação valeram-se da oportunidade de aparecer duas vezes na mesma foto. Posicionavam-se à esquerda quando Edgar disparava o obturador, e então corriam por trás da congregação e se postavam à direita quando a câmera enfim parava. O movimento da câmera também dava a Edgar tempo de chegar à ponta do grupo a tempo de aparecer, ele também, na foto.

Embora a família tenha sido muito feliz nesses anos no Alabama, sua vida não esteve sem momentos de pavor. O primeiro foi um acidente que quase fez Hugh Lynn perder a vista.

Hugh Lynn, então um menino saudável e curioso de seis anos, adorava brincar com animais — razão pela qual estava determinado a ficar no estúdio num dia frio de janeiro de 1914. Uma família havia trazido uma caixa de esquilos, que queriam fotografar. Como os esquilos não se deixavam fixar, Edgar teve de usar pó de flash para encurtar o tempo de exposição. Quando terminou, deixou distraído a caixa de pó de flash sobre o tripé da câmera. Na manhã seguinte, enquanto uma faxineira trabalhava no estúdio, derrubou no chão a caixa fechada. Hugh Lynn, encontrando-a, levou-a para o apartamento da família no andar de cima e resolveu pregar uma peça na faxineira. Pôs um pouco do pó nos degraus. À medida que a faxineira se aproximava, ele tentou acender um fósforo. A cabeça do fósforo, partindo, caiu na caixa inteira de pó, que explodiu no rosto de Hugh Lynn. As

chamas queimaram-lhe o cabelo e o rosto e subiram-lhe pelas narinas adentro.

Edgar e Gertrude, ouvindo a explosão e os gritos de Hugh Lynn, saíram correndo do quarto para ver a cena horrível que os aguardava no alto da escada. Hugh Lynn se contorcia em agonia. Edgar pegou a criança nos braços e a carregou, aos chutes e aos gritos, pela rua. Gertrude seguiu logo atrás. Chegaram momentos depois ao consultório de um especialista local em olhos, o Dr. Eugene Callaway. Consta que Callaway olhou para Hugh Lynn e balançou a cabeça, desalentado, sem saber o que fazer. O Dr. Gay, o médico da família, que chegou em seguida, assumiu a cuidar do que podia pela pele danificada. Mas também ele não tinha ideia de como melhor tratar os olhos de Hugh Lynn. Os médicos começaram a se reunir no consultório de Callaway, cada qual dispensando conselho, mas incapaz de ajudar.

Por fim, todos os médicos concordaram em que a visão do olho direito de Hugh Lynn havia sido completamente perdida e que talvez a do esquerdo também. O especialista aconselhou Edgar e Gertrude a que teriam de remover o olho direito de Hugh Lynn. Ao ouvi-lo, Hugh Lynn, que continuava a chorar alto apesar dos tratamentos que recebia e das tentativas de sua professora da escola dominical em acalentá-lo, repentinamente emudeceu. Ergueu-se num dos cotovelos e disse ao médico que não tirasse seu olho. *"Meu papai, quando está adormecido,"* disse, *"é o melhor médico do mundo. Ele dirá o que fazer."*

Edgar e Gertrude haviam sido de tal modo tomados pela emergência que ainda não tinham pensado em recorrer a uma leitura. Essa declaração ousada de Hugh Lynn fez com que

voltassem à terra, e regressaram imediatamente com o filho ao estúdio para conduzir uma leitura. Esta pode ter sido a primeira leitura que Gertrude jamais conduziu, embora seja difícil afirmá-lo com certeza, pois a leitura original se perdeu e nem todos os relatos do que se passou concordam.

Muitas pessoas da igreja, incluindo Alf e Roger Butler, e o pastor, Reverendo D. P. Taylor, haviam se congregado no estúdio e estavam lá para se juntar a Edgar e Gertrude em oração antes de Edgar entrar em transe. Refletindo mais tarde sobre como se sentiu naquele momento, Edgar disse que havia no recinto uma energia como nunca antes. Disse ser como *"eletricidade"*.

A leitura afirmou que a visão de Hugh Lynn não havia sido completamente destruída e sugeriu que a solução que os médicos já haviam aplicado sobre os olhos estava correta, exceto que se lhe deveria acrescentar ácido tânico. A leitura também especificou horários de troca dos curativos, dizendo que, após duas semanas, a massa de carne queimada e dos tóxicos se desprenderia, deixando os olhos sãos. Revendo o conteúdo da leitura, o especialista conversou com os outros médicos. Concordaram todos em que o ácido tânico recomendado era forte demais para uso nos olhos. Edgar e Gertrude apontaram o óbvio. Se acreditavam que a vista da criança estava perdida, então não havia por que se preocupar com o ácido tânico a feri-la mais. Foi argumento difícil de rebater, de modo que imediatamente puseram-se a tratar Hugh Lynn conforme recomendado.

Fosse pela fé de Hugh Lynn em seu pai ou pelos efeitos propriamente ditos da nova solução, o fato é que pareceu ter um efeito calmante sobre o menino, que parou de soluçar quase

imediatamente depois que a solução foi administrada. Pelas duas semanas seguintes, Hugh Lynn permaneceu deitado num quarto escurecido, com os olhos enfaixados constantemente banhados na solução. Ao fim desse período, como predito, a massa branca de carne queimada se soltou e caiu, revelando os dois olhos castanhos. Ele olhou com um sorriso para a mãe e o pai. *"Estou enxergando!"* anunciou.

Nos meses seguintes, Edgar e Gertrude tomaram todas as precauções que puderam para proteger a visão do filho. Observaram-no com cuidado e fizeram leituras de acompanhamento para garantir que nada desse errado. Não ficou nenhuma cicatriz evidente e, embora Hugh Lynn viesse a sofrer de miopia a partir da adolescência, não era nada que dieta, exercícios e óculos — todos recomendados em leituras nos anos seguintes — não pudessem resolver.

Ainda naquele ano, em 8 de março de 1914, Edgar teve de fazer uma leitura sobre si mesmo. Enquanto fotografava fora, numa cidade vizinha, teve um ataque de cólicas e náusea. O Dr. Gay diagnosticou o caso como apendicite. Mas, em vez de operar, tratou Edgar com fármacos. Por alguns dias o quadro melhorou, e ele pôde voltar ao trabalho. Decidiu, contudo, que por garantia faria uma leitura sobre si mesmo. A leitura afirmou que, embora os raios X indicassem que a condição estava estável, na verdade se impunha uma operação, que devia ser feita imediatamente. Afirmou ainda que a operação seria difícil porque o apêndice dele se enovelava em torno dos intestinos. A leitura sugeriu também que, na mesma cirurgia, os cirurgiões tratassem um coágulo ou estreitamento que seria encontrado na mesma região — resultado

da cura imprópria da lesão no testículo que ele sofrera na infância.

Edgar Cayce deu entrada no hospital naquela mesma noite, e os médicos operaram-no na manhã seguinte. Como previsto, a operação foi difícil, porque o apêndice de fato se enovelava em torno dos intestinos. De fato, os médicos relataram que *"jamais haviam visto caso tão difícil"*. Dada a dificuldade extrema que enfrentaram, os médicos não conseguiram tratar o coágulo, e essa condição periodicamente lhe causaria problemas pelo resto da vida.

Por essa mesma época, Hugh Lynn, que começara a escola, estava sendo zombado por alguns dos meninos mais velhos. Eles chamavam o pai dele de toda sorte de nomes e diziam a Hugh Lynn que ele era filho de uma aberração. Diziam coisas como: *"Como vai aquele pai aberração teu, Cayce?"* Incerto sobre o que devia fazer, pediu conselho a Edgar. *"Não dê a menor atenção a eles,"* disse Edgar. *"Apenas ria com eles. Isso não me machuca, e não machuca você."* Chegou o tempo, porém, em que Hugh Lynn se tornou grande o bastante não só para enfrentar os maiores, mas para vencê-los. *"Eu partia para a briga toda vez,"* Hugh Lynn disse mais tarde. *"Faziam de novo e eu brigava de novo. E eles se cansaram, porque sabiam que eu partiria para cima. Quanto mais eu brigava, melhor eu ficava."*

Hugh Lynn acabou por causar impressão em alguns dos maiorais. Ganhou fama de brigão e frequentemente voltava para casa com a roupa rasgada e machucados no rosto e no pescoço. Edgar sentia-se mal com a situação, mas sabia, por suas próprias experiências de infância, que era melhor Hugh Lynn acertar contas com os

colegas cedo. Apesar das brigas — ou talvez por causa delas —, Hugh Lynn ficou retraído e introspectivo. Sua verdadeira personalidade só emergia quando ficava sozinho, brincando nos raseiros do rio ou escalando as magnólias altas que cresciam ao lado das grandes casas de tijolo vermelho do bairro residencial de Selma.

Uma vez, Hugh Lynn matou aula, tendo ido nadar no rio. No instante em que chegou em casa, o pai sabia onde ele estivera e o que estivera fazendo. Como Hugh Lynn relataria mais tarde, o pai sabia o local exato onde ele deixara as roupas e o local exato onde entrara na água. *"[Naquele momento] soube que eu não podia enganar meu pai,"* disse Hugh Lynn. *"Ele lia a minha mente."*

Outro fenômeno curioso envolvendo Edgar se daria por essa época. O Dr. Gay havia-lhe apresentado algumas pessoas do novo Baptist Hospital, onde extraíra o apêndice. Por conta da habilidade de Edgar como fotógrafo, alguns dos médicos acharam que ele daria um excelente técnico de raios X. Edgar experimentou o aparelho. Os resultados confundiram todos que os estudaram. Sempre que Edgar operava o aparelho, obtinha uma dupla exposição — a imagem de dois corpos num mesmo negativo. Outras pessoas que operavam o aparelho não pareciam ter esse problema, e esse fenômeno jamais foi explicado de modo satisfatório.

Na primavera de 1915, Edgar perdeu a voz de novo. Gertrude, que estava visitando Lynn Evans em Anniston, não podia conduzir a leitura, de modo que Edgar obteve a ajuda de um dos especialistas que havia tratado Hugh Lynn. Conforme instruído, o médico deu a Edgar a sugestão para entrar em transe. Contudo, o

condutor não deu o endereço de Edgar, onde a leitura estava sendo conduzida. Deu o endereço do segundo andar do outro lado da rua do estúdio de Edgar. Subsequentemente, fez uma leitura para um homem na Broad Street 22½, não 21½. A sala descrita por Cayce em transe não correspondia em nada à do estúdio fotográfico e prosseguiu descrevendo um homem em vias de desviar fundos do seu empregador. O mistério da leitura só se resolveu mais tarde naquele dia, quando Edgar e o médico atravessaram a rua e encontraram um apartamento que correspondia à descrição da leitura. Dentro, um contador debruçava-se sobre os livros da empresa. Nenhuma menção consta nas notas de Cayce sobre se eles denunciaram o desviante, ou se o desviante ficou sabendo que os vizinhos haviam descoberto seu crime.

Inexplicavelmente, foram vários meses antes que Edgar recobrasse pleno uso da voz. Durante esse tempo, um incêndio irrompeu no estúdio. Como acontecera nos dois incêndios de Bowling Green, muitos negativos preciosos e pertences pessoais se perderam, e os Cayce foram forçados a realocar-se temporariamente. Embora o incêndio de Selma tenha travado seu negócio fotográfico, Edgar fazia agora mais leituras do que em qualquer momento desde o fim da sociedade com Ketchum.

De longe, a leitura mais incomum desse período foi para Edwin Williamson, o agente geral da Southern Railroad em Selma, interessado numa carreira de escritor em Hollywood. Vendera algumas histórias e artigos a revistas e achava que uma leitura poderia ajudá-lo a desenvolver enredos. Pediu a Cayce que desse uma leitura que delineasse um bom enredo para um filme. Edgar

resolveu tentar, achando que seria um experimento divertido. Hugh Lynn e os filhos de Williamson, Ethyl e Malcolm, também acharam que seria divertido, pois seu passatempo favorito era brincar de *"motion pictures"*. Os filhos de Williamson eram sempre as estrelas, e Hugh Lynn o diretor e o câmera. Edgar entraria agora na brincadeira deles como roteirista.

Sem que os Cayce soubessem, contudo, havia mais por trás do pedido do que Williamson deixava ver. Sem a permissão nem o conhecimento dos Cayce, em 13 de dezembro de 1916, Williamson escrevera a Carl Laemmle, o chefe da Universal Pictures. Descrevera-se como o *"conselheiro espiritual, ou gerente comercial espiritual"* de Edgar Cayce, o *"grande psíquico"*. Descrevia como o amigo era capaz de adormecer e, nesse estado, diagnosticar muitas doenças, encontrar objetos perdidos e realizar outros feitos espantosos. *"Se o senhor tiver interesse, e me escrever, marcando uma data e uma hora — contado o fuso —, declarando o nome da pessoa que o senhor tem em mente para o papel principal de um roteiro fotográfico, e dizendo-me a rua e o número da casa em que a pessoa estará,"* escreveu Williamson, *"creio que poderei surpreendê-lo."*

Laemmle interessou-se pelas possibilidades promocionais de ter um psíquico a desenvolver um roteiro e chamou o diretor de publicidade, Nat Rothstein, que decidiu que a atriz certa para o *photoplay* seria a Srta. Violet Mesereau, artista que os Universal Studios acreditavam estar prestes a atingir o estrelato. Em conformidade, a equipe de publicidade da Universal providenciou uma festa no Churchill's, casa noturna nova-iorquina. Jornalistas foram convidados a comparecer, juntamente

com o Dr. William E. Young, uma pretensa autoridade no tema do hipnotismo e da telepatia mental, que faria uma breve palestra sobre os poderes da sugestão mental como parte do espetáculo. Eustace Hall, roteirista à época escrevendo um folhetim cinematográfico para a Universal, foi o mestre de cerimônias.

Na noite do evento, 8 de fevereiro de 1917, todas as mesas, salvo uma, foram empurradas para longe do centro do salão. A Srta. Mesereau colocou uma folha de papel virada para baixo no meio da mesa. Nessa folha, oculta a todos, havia escrito algumas linhas delineando o tipo de história que queria usar em seu próximo filme. Em seguida, deu-se a palestra do Dr. Young, seguida de dança.

Enquanto os convidados se divertiam em Nova York, Edgar Cayce, de volta no Alabama, estava dando uma leitura. Seu conteúdo, somando cerca de 450 palavras, foi então telegrafado ao Churchill's. O título, presumivelmente afixado à leitura por Williamson, era *"Através do subliminar"*[60]. Embora o texto da leitura se tenha perdido, os relatos dos jornalistas foram tão favoráveis quanto os seus relatos sobre a dança da Srta. Violet Mesereau. Uma das crônicas dizia: *"Seu eu psíquico, viajando mais de mil e duzentas milhas por uma via férrea de pensamento que aniquila o espaço… o primeiro psico-roteirista do qual se tem registro transmitiu de Selma, Alabama, para Nova York, um roteiro de cinco bobinas para a Srta. Violet Mesereau."*

O filme nunca foi feito, e o roteiro, consta, tornou-se propriedade do lendário produtor Thomas Ince. Contudo, a Universal Studios obteve tanta imprensa favorável em decorrência da façanha que pagou para que Williamson e a família fossem a Hollywood, onde

ele tentou a sorte no roteiro cinematográfico. Acabou por vender dois roteiros e conseguiu para a filha uma breve carreira no cinema sob o nome de Ethylyn Clair. O filho tornou-se o popular personagem radiofônico *Uncle Mai*. Antes de partir para Hollywood, entretanto, Williamson pediu mais um favor a Edgar. Queria que ele experimentasse um tabuleiro ouija e o importunou até que ele finalmente concordasse.

Edgar requisitou a ajuda de Gertrude. Juntos, sentaram-se a uma mesa e puseram as mãos sobre o apontador. Hugh Lynn, que se sentou ao lado deles, ficou impressionado. *"Nunca vi um pedaço de madeira pirar como aquela coisa pirou. Era exatamente como se houvesse uma fila de pessoas [invisíveis] em pé, e cada uma só tivesse três segundos ou três minutos para dar o seu pequeno discurso, e a seguinte entrava em cena."*

A primeira mensagem a vir foi de um rapaz que havia estado na turma da escola dominical de Edgar e fora para o exército, onde morrera. Havia dado a Edgar um pagamento relativo a um seguro, o qual Edgar esquecera e pusera num envelope numa gaveta da escrivaninha — onde, de fato, foi encontrado mais tarde. Outra mensagem veio de alguém dizendo que queria que Edgar fosse falar com o irmão, porque o irmão logo morreria de ataque cardíaco e que ele queria que Edgar o preparasse.

A mensagem mais surpreendente foi de um adolescente que disse haver-se afogado num açude em Ohio. A família acreditava que havia fugido de casa.

Segundo a mensagem, fora nadar em outra fazenda, batera a cabeça num toco submerso e morrera. Disse que o corpo ficara preso num arame farpado debaixo d'água, e que ali ainda estava.

Queria que eles descobrissem o corpo para saberem que ele não havia fugido. Williamson mais tarde escreveu à família, que por sua vez lhe respondeu dizendo que haviam recuperado o corpo.

Hugh Lynn nunca mais viu o pai pôr as mãos num ouija[61]. Como a prática da escrita automática ou os estados alucinógenos induzidos por drogas, Edgar acreditava que dela resultaria mais mal que bem. *"Muita coisa boa tem vindo pelo tabuleiro ouija e pela escrita automática,"* Edgar depois disse. *"Mas muita gente também se perturbou com isso. O saldo pende para o lado negativo."*

Outra leitura desse período é particularmente comovente. Foi dada para uma gestante de Hopkinsville, Eddie Jones Smithson, parenta de Cayce, cuja família pouco confiava nas leituras, mas estava desesperada por qualquer ajuda que pudesse obter. A Sra. Smithson teve um sonho que a incitou a pedir à irmã mais nova que escrevesse requerendo uma leitura. Cayce deu a leitura ao receber o telegrama. Dizia haver pouca esperança de recuperação para a Sra. Smithson, mas podiam-se dar fármacos para manter-lhe forças e vitalidade até o nascimento do bebê. A leitura dizia que, embora a mãe fosse morrer, a sua criança, uma menininha, podia ter a saúde assegurada. A leitura foi enviada à irmã, que mandou um médico preparar o composto que Cayce havia recomendado. Consta que a Sra. Smithson viveu por quarenta dias, morrendo poucas horas após o nascimento da filha, uma menininha.

Alguns anos depois, quando Cayce estava em Hopkinsville, sentou-se numa barbearia, e uma criança, que brincava pela sala, deu-lhe um olhar estranho e então veio até ele e subiu-lhe no colo. Pôs os braços em torno do pescoço dele. O barbeiro, que barbeava

o pai da menina, disse ao pai que alguém estava falando com sua menininha. O pai levantou-se, perguntando ao barbeiro quem era o homem. Quando este lhe disse que era Edgar Cayce, o pai dirigiu-se a ele, apresentou-se como marido da falecida Eddie Smithson e manifestou seu espanto de que a filha — que nunca pusera os olhos em Cayce antes e que raramente se aproximava de estranhos — parecesse tão familiar a ele. Edgar não sabia como aquilo podia ser possível, mas reconheceu, como o próprio pai, que *"Deus operava por vias misteriosas."*

---

60. *Through the Subliminal* ("Através do subliminar"): o termo *subliminal* remete à teoria da *subliminal consciousness* de Frederic Myers (1903), difundida no discurso popular da psicologia nos anos 1910.↩
61. *Ouija*: tabuleiro de letras e números patenteado em 1891. As reservas de Cayce ao uso — "o saldo pende para o lado negativo" — tornaram-se doutrina consolidada nas *leituras mentais e espirituais*.↩

17.
Em casa
e no exterior

À medida que as hostilidades na Europa começaram a se intensificar, logo se tornou evidente para Dave Kahn que a leitura que ele recebera indicando que vestiria uniforme não tinha, afinal, significado uniforme de polícia ou de bombeiro, mas sim o do Exército dos Estados Unidos. Certo de que o serviço militar estava em seu futuro, buscou e obteve uma comissão em vez de correr os riscos do alistamento. Obteve o que viria a ser uma comissão *"honorária"* como segundo-tenente do Exército. No início de abril de 1917, estava em Nova York a recrutar em frente à New York Public Library, na esquina da Forty-second Street com a Fifth Avenue.

Por essa época, Edgar recebeu um telegrama de Kahn solicitando uma leitura para problemas que estava tendo com a voz, resultado das suas atividades de recrutamento na Fifth Avenue. A leitura que foi pedida e obtida era diferente de muitas outras, porque tinha dupla finalidade. Kahn de fato queria ajuda para a voz, mas também buscava provar a amigos céticos que havia conhecido no Hotel Girard que Cayce era *"coisa séria"*. Ainda que a redação efetiva do telegrama de Kahn possa ter variado num ou noutro detalhe, o sentido era: *"Diga-me por favor por que estou em*

Nova York. Aconselhe quanto à minha condição física e ao que devo fazer em seguida."

Por causa da iminente entrada dos Estados Unidos na guerra, todas as comissões honorárias haviam sido canceladas até segunda ordem. A formulação da resposta de Cayce ao telegrama, em essência, foi: *"Você está em Nova York a respeito da comissão final no Exército dos EUA. O pistolão*[62] *não lhe renderá nada. Candidate-se ao posto do exército mais próximo em Nova York, pois os campos de treinamento abrirão em 15 de maio. Você será aceito. Quanto à condição física, perdeu a voz por exposição ao tempo. Esta é a prescrição: casca de cerejeira do lado norte do cerejeiro, tomada três vezes ao dia."* Kahn obteve a casca de cerejeira e levou-a a um farmacêutico, que a triturou numa solução com a qual podia gargarejar. Seu estado melhorou drasticamente, e a tosse havia sumido três dias depois. Mais importante para os amigos, que tinham visto o telegrama original, foi o fato de que Cayce diagnosticara a condição dele a quase mil milhas de distância.

Kahn seguiu também as outras instruções de Cayce. Foi até Governor's Island, no porto de Nova York — o principal posto do exército na área — e conversou com o oficial comandante. Kahn disse-lhe que havia sido instruído a procurá-lo a respeito de uma comissão no Exército, em conexão com o campo de treinamento que abriria em 15 de maio. O oficial corou com súbita cólera, exigiu saber onde Kahn havia obtido aquela informação, e ficou aborrecido por Kahn saber a data exata. Ninguém, senão os mais altos oficiais, tinha aquela informação privilegiada, porque ela ainda não havia sido divulgada. *"Numa época mais preocupada com segurança, eu poderia ter passado os dias seguintes sob interrogatório, e*

possivelmente em prisão," Kahn disse mais tarde. *"Ademais, eu mal poderia contar ao oficial comandante a verdade real sem me comprometer, provavelmente, como possível material para oficial do exército."*

Kahn disse-lhe que havia obtido a informação de outros militares com os quais havia se associado enquanto recrutava em Nova York. A resposta aparentemente satisfez o oficial. Após uma checagem de antecedentes, o oficial concordou em aceitar Kahn como o primeiro candidato ao treinamento de oficiais em Camp Plattsburg, em Nova York, e depois em Fort Benjamin Harrison, em Indianápolis, Indiana. No início do ano seguinte, Kahn havia sido comissionado segundo-tenente do Exército dos Estados Unidos e então designado à equipe de oficiais em Fort Worth, Texas. Enquanto isso, durante o período de treinamento, Kahn continuou a buscar orientação de Cayce, que lhe dissera que se sairia bem nesse campo e que *"progrediria rapidamente na carreira militar"*.

Kahn recebeu uma leitura particularmente interessante por telefone, do terreiro de manobras de Fort Worth. Dave estava enfim sendo embarcado para o exterior e queria ver a família uma última vez antes de partir. Disse a Cayce: *"Tenho duas perguntas. Por favor, ouça com muita atenção. Quero saber se conseguirei obter licença para ir para casa, ver a família, e, caso sim, se posso ficar duas ou três semanas quando chegar. Se não puder ir, quero saber por quê. Gostaria de saber o que vai acontecer comigo nas próximas seis semanas."*

Kahn esperou junto ao telefone, enquanto Gertrude guiava Edgar ao transe. Em transe, Cayce disse que Kahn poderia ir para casa

por três semanas se assim quisesse, pois não partiria do Texas de imediato. *"Uma ordem virá em breve instruindo as tropas que estão agora na fronteira do México a se apresentarem à sua divisão para serem incorporadas ao exército nacional,"* disse Cayce. Ademais, o general no comando da companhia de Kahn não iria com a divisão quando a unidade fosse embarcada para o exterior, o que não aconteceria, de todo modo, antes de pelo menos três meses. Nessa ocasião, segundo Cayce, Kahn teria a oportunidade de ir com o general à Virginia como seu assessor, ou de ir com a divisão sob um novo general. Cayce o aconselhou a ir com a divisão. A leitura acrescentou ainda uma lembrança de algo que havia sido dito numa leitura anterior:

"Irás com honra, e voltarás com honra. Terás muitos livramentos por um triz, mas jamais sofrerás acidente algum. Voltarás com saúde. Seguirás com a divisão, e hás de ter êxito."[63]

Kahn pôs a informação em uso imediato. No café da manhã do dia seguinte, disse ao general comandante que gostaria de fazer uma profecia. Disse-lhe que não partiriam para a frente europeia no final da semana. Disse que não partiria por ao menos três meses. Disse ainda achar que viria um grande contingente de soldados da fronteira que seriam incorporados da Guarda Nacional ao exército regular, e que eles seriam treinados para o serviço no exterior. Ademais, disse: *"Mas quando formos, sim, para o exterior, senhor, o senhor não vai com a divisão. Acho que o senhor vai permanecer num programa de treinamento contínuo a executar."*

O general escutou com cortesia e, em seguida, mostrou a Kahn uma ordem que havia recebido de Washington, estampada com o selo do *adjutant general* e referendada pelo secretário da guerra.

Eram as ordens oficiais enviando a divisão para o exterior. O general informou-lhe que aquilo efetivamente descartava qualquer uma das predições que ele acabara de fazer. Kahn disse que manteria sua predição original, por mais improvável que soasse. Conjurou o general a lembrar do que havia dito. *"Se o senhor quer saber todos os fatos, eu conto."*

Vinte e quatro horas depois, veio uma mensagem com instruções para desembalar o equipamento dos trens que haviam sido agendados para levar a companhia de Kahn à Costa Leste. Kahn recebeu sua licença de três semanas, e mais recrutas enfim chegaram da fronteira do México. Então, três meses depois, pouco antes de a divisão embarcar para a Europa, o general mandou chamar Kahn. Queria saber como ele sabia o que ia acontecer. Kahn contou-lhe sobre Cayce, entoando-lhe loas. E acrescentou o que Cayce havia-lhe dito sobre as duas oportunidades que se lhe apresentariam. O general confirmou que ir com ele à Virginia era uma das opções de Kahn. Kahn disse-lhe que iria com a divisão à Europa sob o novo general, como Cayce dissera que deveria.

Durante os anos da guerra, Edgar Cayce trocaria muitas cartas com Dave Kahn. A carta mais difícil que Edgar teve de escrever-lhe foi uma de condolências. Solomon Kahn havia morrido subitamente em dezembro de 1918. Embora a guerra já tivesse oficialmente terminado, Dave ainda não podia voltar aos Estados Unidos a tempo para comparecer ao funeral do pai ou para ajudar a arrumar os assuntos comerciais do pai. O comércio de mercearia dos Kahn, que ia em alta antes da guerra, encontrava-se em dívida profunda quando se deu a desmobilização.

Houve muitas outras cartas de condolências que Edgar teve de escrever ao longo desses anos para consolar as famílias de membros das suas turmas originais de estudo bíblico e de *Christian Endeavor* que haviam sido mortos na guerra. Mas Edgar também teve a tarefa mais agradável de dar leituras para os amigos no exterior ou para as famílias deles em casa. À medida que seus alunos se espalhavam pela Europa, ele teve a oportunidade de fazer leituras cujo sujeito não estava apenas a centenas, mas a milhares de milhas de distância. Uma das primeiras leituras desse tipo foi para a esposa do cônsul-geral americano estabelecido na Itália.

A leitura foi aparentemente bastante bem-sucedida, pois os Cayce logo receberam muitas outras solicitações da Itália. Uma delas foi de uma mulher rica, dona de uma vila em Palermo. Não levou mais tempo para Cayce encontrá-la na Itália do que se ela estivesse na mesma sala com ele, no Alabama. Houve, contudo, um pequeno problema. Consta que Cayce deu a leitura em italiano. A estenógrafa que havia sido contratada para transcrever a leitura não conseguiu compreender. Interromperam rapidamente a leitura e mandaram Hugh Lynn procurar alguém em Selma que falasse italiano. Ele acabou encontrando um vendedor de frutas, que acompanhou a leitura seguinte e a traduziu como pôde. O tradutor ficou ao mesmo tempo pasmo e impressionado: primeiro, por um fotógrafo local ter sido contactado pela nobreza italiana; segundo, por o italiano de Cayce ser como o de um nativo. O vendedor não havia conseguido entender todas as palavras simplesmente por não estar familiarizado com o dialeto siciliano. Esse problema foi

depois resolvido quando Gertrude descobriu que poderia especificar que Edgar desse a leitura em inglês em vez de italiano.
A cada nova carta que chegava da Europa, Edgar sentia-se mais e mais próximo do front. Uma carta em particular capturou sua imaginação. Era de Robert Ladd, membro de sua turma bíblica, que se vira dirigindo um caminhão de munição. Avançando ao *front* uma noite, através de um ataque de artilharia inimiga, tornou-se cada vez mais amedrontado. Para tomar coragem, começou a cantar, o mais alto que podia, o hino predileto da turma de estudo bíblico, *"I Love to Tell the Story"*.
Então, uma coisa verdadeiramente notável aconteceu. À medida que as bombas detonavam de ambos os lados deles, soldados de seu pelotão pegaram-se da canção. Tropas de infantaria avançando pelos dois lados adotaram o hino como canção de marcha. Quando o ataque cessou, e o ar ficou subitamente silencioso outra vez, ainda cantavam todos o hino. O caminhão de munição conseguiu atravessar o ataque até o seu destino.
Edgar continuou a receber muitos outros pedidos de leitura em tempos de guerra. Possivelmente como resultado do crescente número de pedidos em geral, e, mais especificamente, da correspondência com o cônsul-geral americano na Itália, Edgar recebeu duas misteriosas convocações para visitar Washington, D.C. Tudo o que Edgar Cayce diria sobre essas viagens era que eram *"top secret"*. Em suas memórias, recordaria: *"Fui chamado a Washington para dar informação a alguém de alta hierarquia. Isso, tenho certeza, deve ter sido ao menos interessante, pois fui chamado de novo um ano ou mais depois para o mesmo propósito."*

Exatamente quem solicitou essas leituras, e o que motivou as visitas, continua a ser um mistério. A teoria mais geralmente aceita é que a correspondência de Cayce com o cônsul-geral na Itália e com Dave Kahn havia sido interceptada, e que Cayce fora investigado em decorrência disso. Relatórios do U.S. Department of Military Intelligence, nunca antes divulgados até o presente, confirmam que uma investigação, de fato, ocorreu. E talvez por causa dessa investigação, Cayce tenha sido então convidado a Washington para dar leituras sobre estratégia de guerra. O próprio Cayce pode nunca ter sabido quem eram os reais destinatários dessas leituras, pois seu único conhecimento do que dizia em transe lhe seria transmitido pelo condutor ou por outras testemunhas, caso optassem por contar-lhe. Tudo o que ele pode ter sabido sobre essas leituras era que era convocado a Washington, D.C., e então guiado ao transe.

Outro motivo para se crer que uma espécie de relação secreta e continuada existisse entre ele e agentes do governo é que, em 30 de maio de 1944, quando Cayce sofria da enfermidade que lhe tiraria a vida sete meses depois, um agente governamental não identificado teve uma reunião privada com ele em Virginia Beach, oportunidade em que uma leitura — não integrante do arquivo Cayce oficial — foi conduzida ou discutida. Ainda que a família Cayce jamais tenha revelado o propósito desse encontro, uma secretária do escritório de Cayce mais tarde relatou ter transferido para Edgar uma chamada do gabinete de Harry Truman, então senador dos Estados Unidos. Isso sugere — no mínimo — que alguém, ou alguma agência governamental, monitorou Cayce ao longo da sua carreira tardia.

Harmon Bro, um dos biógrafos de Cayce — e a secretária que interceptou a chamada do gabinete de Harry Truman —, afirmou que as duas leituras que Cayce deu em Washington, D.C., foram conduzidas no final de 1917 ou início de 1918 em favor do presidente Woodrow Wilson, durante seus esforços para criar a Liga das Nações. A fonte de Bro, como a de outro estudioso de Cayce, Howard Church, foram conversas que Bro teve com Gladys Davis, à época estenógrafa e confidente havia muito tempo de Cayce. Em entrevistas e impressos, Bro diria que *"a família Cayce foi obrigada a guardar segredo"*. Bem pode ter sido verdade, embora nenhuma tal alegação tenha sido feita por Gladys Davis ao seu próprio biógrafo.

O único outro testemunho em primeira pessoa relativo a leituras em transe para o presidente Wilson vem de Dave Kahn numa entrevista de história oral conduzida por Hugh Lynn Cayce vinte anos após a morte de Edgar. Nessas entrevistas, Kahn diz especificamente que Cayce deu leituras para Wilson, embora Kahn mesmo não estivesse presente quando as leituras se deram, e não estivesse em condições de dizer especificamente como ou quando foram dadas. Kahn também disse que as leituras de Cayce não se relacionavam à estratégia de guerra nem à formação da Liga das Nações, mas eram leituras médicas conduzidas quando Woodrow Wilson retornou aos Estados Unidos e sofreu o derrame de setembro de 1919[64] que lhe paralisou o lado esquerdo do corpo e fez dele um inválido nos meses finais da luta pela ratificação congressional da Liga das Nações.

Por fácil que seja descartar as alegações de Kahn e Bro como mera especulação, há muita evidência a conectar Cayce ao presidente

Wilson, grande parte dela envolvendo a bem documentada amizade de Edgar com o Major Alfred M. Wilson e seu irmão, o Major Edwin G. Wilson, de Franklin, Pensilvânia, ambos primos em primeiro grau do presidente, que Cayce veio a conhecer por meio de um de seus estudantes bíblicos de Selma, e que receberiam e conduziriam numerosas leituras depois da guerra. A confiança deles em Cayce era inabalável, como o atestam numerosas cartas no arquivo Cayce.

Uma segunda conexão potencial entre Edgar e o presidente foi por meio da amizade de Cayce com o Colonel Will Starling, o *pitcher* estrela dos Hopkinsville Moguls, que se tornou membro do destacamento do serviço secreto designado a proteger o presidente durante os anos da guerra. Jornalistas descreveram a profunda relação pessoal entre Starling e o presidente e observaram que em muitos dias frios em Rock Creek Park, Starling acompanhava Wilson enquanto este cortejava aquela que logo se tornaria sua segunda esposa, Edith Bolling Galt. Como os primos do presidente, Alfred e Edwin, Starling também viria a receber leituras de Cayce e a tornar-se um campeão bastante vocal de suas capacidades.

À parte essas conexões, há o fato de que Cayce — em transe — com frequência discutia a formação da Liga das Nações e quão crucial era que o presidente conquistasse o apoio e a confiança do povo americano em seu empenho para ratificar o tratado de paz. Nessas leituras, poéticas na entrega e proféticas na mensagem, Cayce claramente sugeria problemas futuros e outra *"grande guerra"* que poderia vir como resultado da falha dos Estados Unidos em apoiar o presidente.

Em leituras conduzidas em 1917, a pedido dos dois irmãos Butler e de outros membros da sua turma bíblica, Cayce enfatizou a importância de que a conferência do tratado de paz se conduzisse no espírito de *"compaixão e amor fraterno"*. Numa leitura posterior, Cayce afirmaria que o *"espírito de Cristo"* estava, de fato, à mesa durante as conferências do tratado de paz em Versailles, onde a liga foi proposta. Outra leitura afirmava que o povo dos Estados Unidos deveria voltar-se para o *"espírito"* daquilo que estava *"na direção daquelas influências na paz em Versailles, tão rebaixadas por outros"*. Cayce também predisse problemas ulteriores caso o tratado não fosse apoiado pelo povo americano, dizendo: *"Sou o guarda de meu irmão… O sangue de meu irmão clamará da terra, se não atentarmos para os avisos que foram dados [para ratificar o acordo da Liga das Nações]!"*[65] Assim, para Cayce, os esforços do presidente em Paris podiam ser vistos como uma *"missão divina"* que terminou em fracasso.

Apesar da questão de se Cayce de fato conduziu ou não leituras sobre a Liga das Nações para o presidente como fez para os seus estudantes bíblicos, é claro que ele deu centenas de leituras proféticas e salvadoras entre 1917 e 1920. Como Gertrude mais tarde descreveu o período: *"Era como se as leituras simplesmente despencassem dele."* Numa carta a Dave Kahn, Cayce descreveu-se tão ocupado *"quanto homem perneta numa disputa de chutes"*.

Uma leitura das mais incomuns — se é que se poderia considerar uma leitura, afinal — veio pouco depois do nascimento do terceiro filho dele e de Gertrude, Edgar Evans, nascido em 9 de fevereiro de 1918. Nada de incomum aconteceu durante o parto, e a criança era um menino normal e saudável. Foi Edgar, e não

Gertrude, quem se permitiu esgotar-se, perdendo de novo a voz. Gertrude conduziu a leitura padrão para lhe restaurar a voz. A sessão durou aproximadamente trinta minutos e revelou-se a primeira vez em que Cayce se lembrou de tudo o que transcorrera enquanto a leitura se deu.

Durante a leitura, Edgar recordou ter visto todos os cemitérios do mundo diante de si, estendidos. Ao olhar na direção da Índia, uma voz lhe falou, dizendo que ele conheceria a religião de um homem pela maneira como *"de seu corpo dispuseram"*. A cena então mudou para a França, e Edgar viu as sepulturas de três meninos que haviam estado em sua turma bíblica. Diante dessas sepulturas, apareceram os próprios meninos. Cada um deles lhe contou como encontrara a morte. Um havia sido morto por fogo de metralhadora, outro no rebentar de um projétil, e o terceiro em fogo pesado de artilharia. Dois deles deram a Edgar mensagens para transmitir aos seus entes queridos em casa. Apareciam muito do mesmo modo e maneira com que o haviam feito no dia em que cada um se despedira de Edgar em Selma. A cena mudou novamente, enquanto Edgar tinha a nítida impressão de que os mortos ainda estavam vivos em algum outro plano de existência. Começou a se perguntar se poderia ver o seu próprio filho morto, Milton Porter. Instantaneamente, disse Edgar, foi *"como se um dossel se erguesse, [e] fileira sobre fileira de bebês aparecesse"*. Na terceira ou quarta fileira do topo, ao lado, ele reconheceu seu próprio filho. Milton Porter reconheceu o pai, como Edgar o reconheceu. Sorriu em reconhecimento, mas nenhuma palavra de espécie alguma passou entre eles.

Mais uma vez a cena mudou, e apareceu uma amiga da família que estava sendo enterrada no cemitério local no mesmo instante em que Cayce entrava em transe. Ele a conhecia bem, pois ela havia-lhe vendido as muitas flores que sua turma da igreja havia distribuído pelos hospitais. Ela conversou com Edgar sobre as mudanças a que os homens chamam *"morte"*, dizendo que era na verdade *"nascimento"*. Falou também do efeito que o presente de flores tinha sobre os indivíduos, e como deviam ser dadas em vida, e não em funerais ou mortes, porque significavam muito pouco para aqueles que haviam passado do plano material ao espiritual. Então disse:

"Mas, para ser material por um momento, há alguns meses alguém deixou US$ 2,50 contigo, para mim. Não tens consciência de que isso foi feito, e o acharás numa gaveta da tua escrivaninha, marcado com a data em que foi pago, 8 de agosto, e são duas notas de um dólar e uma moeda de cinquenta centavos. Cuida para que minha filha receba isso, pois ela necessitará."

A cena mudou mais uma vez com o aparecimento de Alfred D. Butler, o pai morto de Alfred e Roger. Ele falou de seu filho, Alfred, dizendo que ele sem dúvida retomaria o seu posto no banco local após a guerra, mas aconselhando que ele aceitasse antes uma oferta para ser gerente de uma sala de cinema. Então falou a respeito dos assuntos da First Christian Church em Selma.

Quando Edgar despertou, sua voz havia voltado ao normal. Gertrude lhe relatou que ele não havia dito uma palavra sequer durante os trinta minutos todos em que estivera sob. Edgar contou-lhe imediatamente a experiência. Foi em seguida olhar na gaveta em busca do dinheiro que a vendedora de flores dissera

estar ali. A gaveta de fato continha o dinheiro — havia sido recebido no dia 8 de agosto pelo assistente do estúdio. Assim, não foi surpresa para Edgar, no dia seguinte, quando foi ao banco e foi atendido por Alfred Butler Jr., que havia retornado da guerra e retomado seu emprego no banco.

Edgar perguntou quando Butler havia retornado a Selma, e foi informado de que havia chegado em casa na noite anterior. Edgar perguntou-lhe então se esperava permanecer no banco, e, ouvindo que muito provavelmente sim, Edgar contou-lhe sobre a leitura do dia anterior e sobre o conselho do pai Alfred de que aceitasse um emprego no cinema. Alfred ficou surpreso, dizendo a Edgar que, a caminho de casa vindo de Washington, havia parado em Atlanta, onde um amigo o convidara a assumir a gerência de uma sala de cinema. Ele havia recusado a oferta. Ao ouvir falar do sonho de Edgar, mudou de ideia e telegrafou ao amigo para aceitar o cargo.

Edgar continuou a dar leituras em ritmo cada vez mais acelerado. A única diferença agora era que a Fonte começou a fornecer informação e a responder perguntas que ainda não haviam sido feitas. Durante uma sessão em particular, em março, por exemplo, a Fonte diagnosticou a condição de oito pessoas diferentes além da informação solicitada para o indivíduo cuja leitura havia sido agendada naquele dia. Os pedidos dessas oito leituras já estavam no correio, mas ainda não haviam chegado aos Cayce.

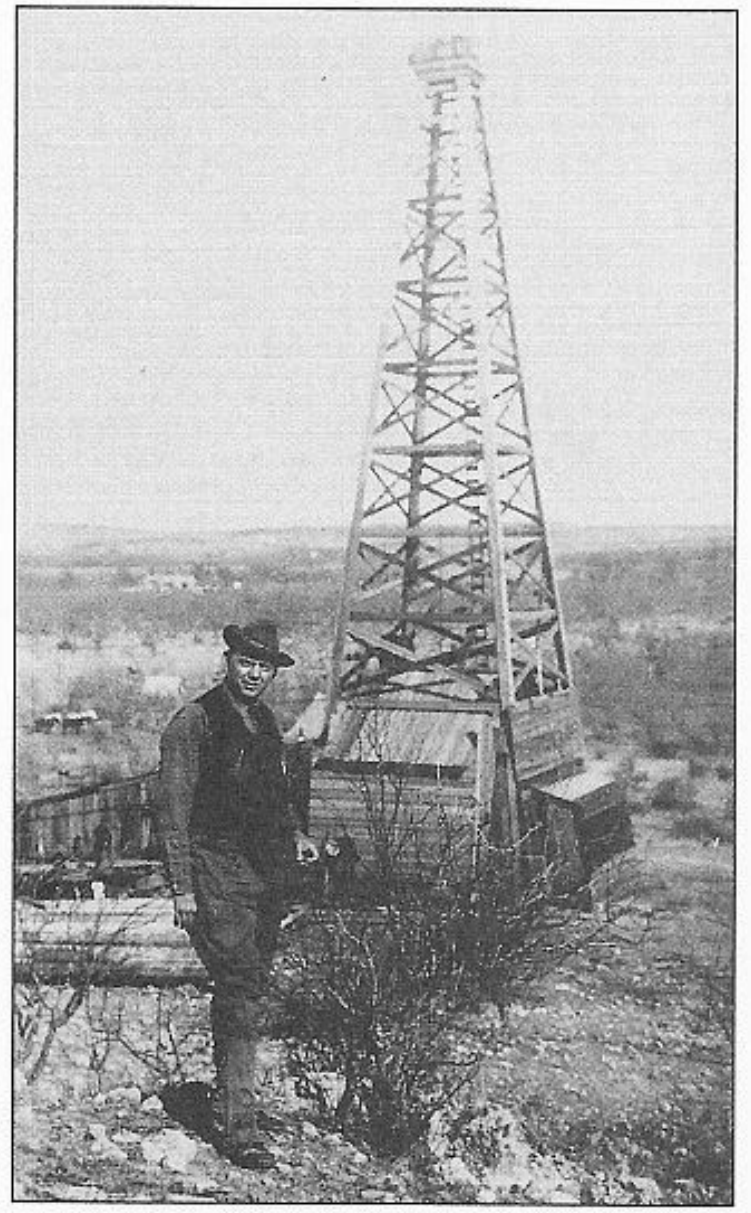
Também no correio estava uma carta de Dave Kahn dizendo que retornava da França e queria encontrar-se com Edgar em Lexington para discutirem a formação de uma *"parceria psíquica"*. Kahn ainda não havia sido dispensado do exército, mas estava de

licença até o fim da desmobilização europeia. O jovem capitão impetuoso estava, segundo ele próprio, *"transbordando de ideias"*.

---

62. *Pull*: anglicismo da linguagem política e militar americana do início do séc. XX, equivalente ao "pistolão" do português brasileiro — uso de influência pessoal para obter vantagens. ↩
63. *Fala oracular em segunda pessoa*: as fórmulas *"irás com honra"* / *"voltarás com honra"* em registro profético-oracular justificam o uso do arcaico *tu*, em contraste com o registro moderno das leituras clínicas do mesmo capítulo. ↩
64. Derrame de Woodrow Wilson: o acidente vascular que paralisou o lado esquerdo do presidente ocorreu em 2 de outubro de 1919, após sintomas prévios no fim de setembro durante a *whistle-stop tour* em Pueblo, Colorado. ↩
65. *"Sou o guarda de meu irmão"*: inversão deliberada de Gn 4.9-10 (ARA: *"Sou eu tutor de meu irmão?"* / *"A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim"*). Cayce transmuta a evasiva de Caim em afirmação positiva no contexto da Liga das Nações. ↩

PARTE IV



RIQUEZAS DA TERRA

18.
Menino de Sorte

Como tantos dos que haviam ocupado posições de liderança na *"guerra para acabar com todas as guerras"*, Dave Kahn havia voltado da Europa exuberante de entusiasmo e confiante no papel crescente que a indústria e a tecnologia americanas desempenhariam na nova ordem mundial. Que Kahn tinha um papel a desempenhar nessa nova ordem mundial não era questão. Ele precisava apenas decidir como usar suas habilidades de liderança no setor privado — e suas expectativas iam muito além da rede de mercearias em Lexington que seu pai havia operado no Kentucky. A profunda dívida financeira em que ele e a família se encontravam era apenas mais um desafio a superar à medida que ele subia nas fileiras da indústria americana. Não desejava dirigir um único negócio, mas tornar-se corretor a realizar os sonhos de outros. Acreditava que a visão de Edgar — construir um hospital em que pacientes pudessem receber tratamentos recomendados nas leituras sem ficarem à mercê de médicos e enfermeiros céticos — era não apenas possível, mas ao alcance deles, caso Edgar pudesse apenas ampliar seus horizontes além do escopo estreito de seu negócio de fotografia.

Embora Edgar ainda tivesse medo de entrar em outra parceria e fazer um *"negócio"* das leituras em transe, concordou em se encontrar com Kahn em Lexington em abril de 1919 para discutirem uma série de empreendimentos conjuntos em

potencial: desde usar a assessoria psíquica para desenvolver uma nova tecnologia que pudesse ser patenteada até a consultoria empresarial, com Edgar a fornecer *insights* em transe a líderes corporativos como uma vez fizera, com sucesso, para o pai de Dave. Não houvera efeitos colaterais ruins durante a primeira *"leitura empresarial"* deles, e Kahn supunha que o mesmo se daria agora.

Foi apenas no final dos cinco dias de estada em Lexington que Edgar mencionou um pedido incomum de leitura que havia recebido um mês antes do editor do *Cleburne Morning Review*, em Cleburne, Texas — um homem chamado Day Matt Thrash, ou simplesmente D.M. Thrash havia lido sobre Cayce no *New York Times* e se perguntava, entre outras coisas, se seria possível ele usar seus poderes psíquicos para localizar petróleo sob o solo. Uma carta subsequente continha um mapa detalhado e outras informações técnicas e logísticas relativas ao empreendimento da Sam Davis Petroleum Company no Texas, do qual Thrash e seus sócios eram acionistas principais.

Edgar inicialmente havia rejeitado o pedido de Thrash pela mesma razão por que havia parado de dar leituras de corridas de cavalos. A experiência lhe havia ensinado que leituras desse tipo, em última análise, não geravam muito bem a longo prazo, e poderiam de fato ser bastante prejudiciais a si mesmo e àqueles que as obtivessem. Para Dave Kahn, contudo, a perspectiva de aplicar informação de transe à busca de petróleo não estava na mesma categoria que explorá-la para apostar em corridas de cavalos ou localizar tesouros perdidos. Usar poder psíquico para apostar em pista de corrida ou nas mesas de pôquer equivalia a

tirar vantagem injusta sobre outros. O mesmo se poderia dizer de usar poder psíquico para localizar tesouros enterrados. Ouro oculto ou outros objetos de valor não necessariamente pertenciam à pessoa ou às pessoas que iam em busca deles. O petróleo, em contraste, pertencia às pessoas donas da terra em que podia ser encontrado. Kahn não via nada de errado na noção de ajudar pessoas — mediante pagamento — a localizá-lo, tal como o avô de Edgar havia usado seus talentos para ajudar agricultores a encontrar água.

O argumento de Kahn convenceu Edgar a dar uma leitura-teste de petróleo para Thrash e seus sócios. A informação que Thrash buscava dizia respeito a um poço abandonado localizado em Desdemona, uma cidade-boom petrolífera nos arredores da vila de encruzilhada de Comyn, no condado de Comanche, Texas. Thrash e seus sócios haviam despejado cerca de US$ 21.000,00 na perfuração do poço até a profundidade de 3.500 pés e nada haviam encontrado, embora propriedade adjacente, perfurada por outras companhias, tivesse feito de Desdemona a capital do petróleo do centro-norte do Texas.

Cayce — em transe — disse que o poço não era um *"poço seco"*, mas que havia sido prematuramente abandonado. Tudo o que se fazia necessário para que os sócios obtivessem petróleo era remover equipamento e outros detritos que obstruíam o conduto de perfuração, em seguida *"tamponar"* o furo com cimento na marca de três mil pés e *"detoná-lo"* com uma quantidade de nitroglicerina. A leitura descrevia as formações rochosas e arenosas em que o poço havia sido perfurado, especificava o fluxo de petróleo que poderia ser bombeado dali e o número de *quarts*

de nitro que se requeriam para alcançá-lo. Intrigado com leitura tão específica e detalhada, Kahn enviou a informação ao Texas para ver o que Thrash e seus sócios podiam fazer com ela.

Como Edgar, Kahn sabia que os campos petrolíferos do Texas estavam fazendo de muitos indivíduos milionários da noite para o dia, e a demanda por petróleo apenas crescia. O número de automóveis nos Estados Unidos havia subido de alguns milhares na virada do século para mais de dois milhões durante os anos da guerra. Tendo passado boa parte da guerra a abastecer os soldados em campo, Kahn também sabia que as tropas dos EUA podiam creditar sua vitória, em larga medida, ao petróleo que as havia levado à Europa e que agora alimentava a indústria americana. Direitos minerais sobre propriedades petrolíferas poderiam não só gerar renda suficiente para que Edgar realizasse o sonho de construir um hospital, mas também ajudar Kahn a pagar as dezenas de milhares de dólares de dívida que havia herdado em decorrência da morte súbita do pai.

O interesse de Edgar e de Kahn tornou-se entusiasmo desabrido quando receberam notícias de Thrash e seus sócios de que Cayce havia fornecido descrição geológica perfeita das formações rochosas e arenosas portadoras de petróleo em Desdemona e relatório detalhado da condição do poço deles antes de ter sido abandonado. Embora faltassem ainda meses para a Sam Davis Company conseguir levantar o dinheiro necessário para reconstruir a torre e montar a operação de perfuração necessária para liberar seu poço das obstruções, Thrash e seu perfurador supervisor, Martin C. Sanders, tinham todas as razões para crer na predição de Cayce. Em correspondência subsequente com

Cayce e Kahn, Thrash e seus outros investidores discutiram a possibilidade de formar uma parceria para *"trazer à produção o poço"*.

Intrigado, Kahn propôs que ele e Edgar fizessem uma viagem preliminar ao Texas para encontrar-se com Thrash e ver com seus próprios olhos o poço de Desdemona. O momento parecia bom para todos os envolvidos. Kahn estava em licença temporária da Reserva do Exército e podia viajar sem custo pessoal. Edgar também estava livre para viajar. Seu assistente no estúdio, um rapaz chamado J. B. Williams, poderia cuidar das operações diárias durante os dez dias propostos da viagem, e Edgar poderia obter passagem de trem com desconto pelo cunhado, Lynn Evans, agora executivo da Louisville and Nashville Railroad. Como a visita seria curta e Dave Kahn acompanharia Edgar, Gertrude deu sua bênção ao empreendimento.

Feitas as malas, Edgar e Kahn partiram de trem do Alabama no início de julho de 1919. O destino final era Cleburne, uma próspera cidade industrial de vinte mil habitantes, a oeste de Dallas, até onde chegavam os trilhos da Gulf, Colorado, and Santa Fe Railroads vindos de Galveston e de Fort Worth. Ao chegarem, Edgar e Kahn foram recebidos por Thrash — descrito como um gigante — acompanhado de outros três homens: Martin Sanders, perfurador de petróleo experiente e especulador de terras; Sam Davis, proprietário rural rico e criador de gado que era o investidor principal no poço de Desdemona; e Brown Douglas, presidente da American Dry Goods Company. Thrash e seus sócios representavam a elite de Cleburne. Publicavam os dois diários de Cleburne, tinham investimentos substanciais na

companhia privada de transporte e serviços da cidade, eram donos de fazendas de gado e de lojas de secos e molhados, e possuíam participação majoritária num dos maiores bancos de Cleburne.

Thrash e seus sócios trataram os hóspedes de fora da cidade como realeza visitante. Foram escoltados da estação num dos recém-instalados bondes elétricos e conduzidos ao Cleburne House, um hotel vitoriano de três andares de tijolo, na praça principal, bem no coração do centro comercial da cidade. Mais tarde, jantaram no restaurante do hotel e foram levados para um passeio num automóvel de turismo Chaparral. Edgar e Kahn devem, com certeza, ter ficado impressionados — o hotel luxuoso, as três estações de trem da cidade e suas fábricas eram muito mais modernos do que eles podiam esperar de uma parte do Texas onde, menos de uma geração antes, os xerifes caçavam Jesse James e membros do notório *"Wild Bunch"* cavalgavam pela Chisholm Trail[66]. Sem dúvida ficaram igualmente impressionados com o próprio Thrash — um escritor realizado, historiador local e estudioso bem-lido em astrologia e espiritualismo.

O ponto alto da primeira viagem ao Texas foi a excursão pernoite a Comyn, no condado de Comanche, Texas, onde Edgar e Kahn viajaram de trem antes de embarcar numa carroça de molas que os levou até Desdemona — ou *"Hog Town"*, como os perfuradores chamavam a pequena aldeia interiorana de torres de petróleo localizada a cerca de uma milha da cidade. Desdemona ficava perto dos limites dos condados de Comanche, Eastland e Erath, numa região de colinas onduladas e mata rasteira de mesquite, olmo e carvalho. Para além da cidade, em Desdemona, erguiam-

se fileiras de sondas de cabo-ferramenta, *derricks* de madeira de 84 pés, bombas mecânicas e carroções puxados por bois — tudo operado por um pequeno exército de *roughnecks*, *roustabouts* e *tool dressers*[67]. Uma nuvem sempre presente de fumaça e vapor dos motores que alimentavam as sondas enchia o ar.

Thrash e seus sócios recontaram a curta e muito animada história de Desdemona para Edgar e Kahn. O negócio do petróleo foi primeiramente desenvolvido pelo barbeiro da aldeia, J. W. Carruth, que prospectou por toda a área, mas no fim das contas não descobriu petróleo algum. Essa honra coube a L. H. Cullum, um petroleiro dedicado que assumiu os arrendamentos e acertou o *"ouro negro"* no poço Joe Duke n.º 1 em 1.º de setembro de 1918. O poço Duke pegou fogo quase imediatamente, lançando chamas que iluminaram o céu noturno pelos três dias em que foi impossível extingui-las. Não foi necessário bombear para trazer este poço e os demais à produção. Mais de três mil barris por dia jorravam do Joe Duke n.º 1. Em 1919, os vinte ou mais poços de Desdemona haviam produzido mais de sete milhões de barris de petróleo, e o boom estava instalado. Ainda assim, quase metade do petróleo de Desdemona jamais chegou às refinarias durante o primeiro ano de produção: os oleodutos não eram adequados para atender à demanda, e o mau estado das estradas de terra e a indisponibilidade de caminhões tornavam difícil transportar o petróleo. Derramamentos eram comuns: apenas oito meses antes da chegada de Edgar Cayce, visitantes ao campo foram recebidos por um rio de três milhas de petróleo *"perdido"*. Frequentemente, um poço jorrando gás natural era deixado a escorrer por semanas, na esperança de que eventualmente espirrasse petróleo, e jorros

eram deixados a escoar até que a pressão baixasse o bastante para instalar dutos até um tanque de coleta.

Diferentemente dos campos produtores de Ranger, Texas, e do lendário Spindletop[68], onde a maioria dos arrendamentos estava nas mãos de uma grande companhia, a propriedade petrolífera em Desdemona era de independentes, pequenos sindicatos de negócios como a Sam Davis Company, consistindo de menos de uma dezena de investidores que compravam e vendiam arrendamentos pequenos e de curto prazo a preços extraordinariamente altos. Num caso, direitos de perfuração foram arrendados sobre uma propriedade que tinha um centésimo de acre. Os arrendamentos estavam então nas máximas históricas, tornando as posses da Sam Davis algumas das propriedades mais valiosas do Texas. O preço por barril de petróleo estava também em máximas históricas. Nunca antes na história do Texas os especuladores de petróleo haviam podido realizar lucros tão grandes.

À medida que Edgar e sua comitiva atravessavam as pastagens e os campos de amendoim nos arredores de Comyn, o espetáculo de Desdemona deve ter parecido irreal. Por três milhas ao norte da cidade, uma milha a leste e duas milhas a oeste, havia uma vasta cidade de torres gigantes, estações de bombeamento e tanques de coleta. E, no entanto, tudo o que Edgar e Kahn viram quando chegaram ao poço Sam Davis foi uma estaca de madeira marcando a localização de um furo de perfuração redondo de 10 polegadas — agora tamponado com lama e fechado com cimento. Naquele ponto, um ano antes, erguia-se uma gigantesca torre de madeira de 60 pés que sustentava uma sonda de cabo que havia

erguido e largado um comprimento de pesada vareta de aço para *"perfurar"* o furo. Caso os sócios da Sam Davis tivessem usado a mais moderna tecnologia rotatória — que mais tarde permitia às equipes perfurar 200 pés ou mais num único dia —, poderiam ter realizado em duas semanas o que lhes havia tomado quatro meses.

O outro ponto alto da viagem foi uma demonstração que Cayce fez para Joseph P. Long, executivo do Home National Bank of Cleburne, que solicitou uma leitura de petróleo para a Lucky Boy Oil Company, sediada em Cleburne. A leitura para Long dizia respeito ao poço Lucky Boy n.º 2, em Desdemona, que, como o poço Sam Davis, havia sido considerado *"sem esperança"*. Os perfuradores haviam descido 3.500 pés e nada encontraram. Cayce — em transe — disse aos sócios da Lucky Boy que haviam descido fundo demais. Aconselhou-os a voltar à marca dos 3.000 pés, tamponar o furo e detoná-lo com cento e cinquenta *quarts* de nitroglicerina, o que, disse, resultaria numa produção diária de 600 barris de petróleo.

Apesar de a veracidade das leituras de petróleo de Edgar Cayce ainda não ter sido testada, a informação de transe sobre a geologia do campo de Desdemona e sobre a condição dos poços Lucky Boy e Sam Davis convenceu os perfuradores, mais do que suficientemente, de que Cayce tinha poderes que ultrapassavam tudo o que haviam encontrado até então. Kahn também se convencera da legitimidade das leituras de petróleo, e, ao retornar do Texas, propôs tentar levantar os fundos necessários para entrar na sociedade com Thrash e expandir os interesses dessa companhia para além do poço único. *"A promessa jorrante do*

petróleo do Texas," Kahn escreveu mais tarde, *"parecia conter todas as respostas [a nossas] necessidades."*

A primeira decisão de Kahn ao voltar ao Alabama foi manter sua comissão na Reserva do Exército. Permanecendo em uniforme, poderia não só desfrutar da estatura e das vantagens de viagem concedidas ao seu posto de primeiro-tenente, mas também estaria legalmente blindado contra os muitos credores que tinham créditos contra os negócios da família Kahn. Usando contatos militares que havia estabelecido com o General Pershing[69], chefe do estado-maior do exército, obteve uma designação anual para viajar pelo Texas e por outros estados do Sul e reportar aos seus superiores sobre o florescente negócio do petróleo.

Kahn também alistou a participação de Edwin Wilson, com quem havia servido na Europa. O *"Major"*, como Kahn chamava Wilson, estava prestes a abrir mão da sua comissão e buscava uma posição no setor privado à altura da patente militar anterior. Embora Wilson em pessoa tivesse apenas experiência limitada no negócio do petróleo, seu irmão mais novo, Alf, formado por Princeton e por West Point, havia sido executivo da Sigma Oil antes de aquela companhia ser comprada pela Standard Oil. E os irmãos Wilson eram primos de Woodrow Wilson, então presidente dos Estados Unidos — fato que não passaria despercebido a Thrash, atento a status, e aos notáveis de Cleburne.

O que o Major Edwin Wilson sabia sobre Edgar Cayce antes do interesse compartilhado em especulação petrolífera é matéria de debate. Por Kahn, haviam-se encontrado em pelo menos duas ocasiões distintas, durante as quais Cayce demonstrou sua

capacidade de dar leituras médicas e empresariais. O próprio Major Wilson havia recebido leituras durante os anos da guerra e, segundo Harmon Bro, o Major Wilson pode ter fornecido a Cayce um contato com o *oval office*. Tudo o que se sabe com certeza é que Kahn, acompanhado de Edgar, reuniu-se com o Major Wilson num hospital de veteranos na Virgínia em setembro de 1919. Ainda naquele mês, quando Wilson foi descomissionado, viajou ao Texas em nome de Kahn, onde examinou os registros empresariais e os contratos de arrendamento da Sam Davis Company e negociou os termos de uma nova sociedade.

A correspondência existente torna difícil determinar o grau em que Edgar esteve envolvido nas negociações de Kahn para entrar na sociedade Sam Davis. Ele claramente se encontrara com os principais e lhes dera numerosas leituras durante a parte final de 1919; mas, apesar de relatos publicados em contrário, Edgar Cayce nunca teve relação legal com a Sam Davis Company, nem investiu dinheiro próprio na sociedade. Foi Kahn quem enfim levantou o dinheiro para entrar na sociedade em janeiro de 1920, e quem, com a ajuda do Major Wilson e com o apoio dos investidores de Kahn, tornou-se seu diretor-gerente. Não há dúvida, contudo, de que isso foi feito com a bênção de Edgar e com o entendimento de que, por meio de Kahn, os sócios receberiam tantas leituras quantas necessitassem para *"trazer à produção"* o poço.

A relutância de Edgar em se tornar participante contratual dos empreendimentos de Kahn pode ter vindo de Gertrude. Ela não queria que Edgar se envolvesse em atividades que não apenas o afastariam de casa, mas o alinhariam com sócios cujo interesse era

puramente financeiro. Contudo, Gertrude também deve ter visto o papel de Kahn na carreira do marido como melhoria sobre o que acontecera com Leslie que, por omissão e negligência, contribuíra para o fim da sociedade com Ketchum e Noe. O fato de que Edgar precisava, na vida, de uma pessoa com boas habilidades financeiras operou em favor de Kahn. Embora Gertrude não fosse grande entusiasta de Dave Kahn — provavelmente o havia encontrado em apenas duas ocasiões antes da primeira viagem de Edgar ao Texas —, estava ciente da leitura anterior de Edgar indicando que *um judeu promoveria o Trabalho mais do que ninguém*[70].

Gertrude pode não ter sido a única fonte da relutância de Cayce. Há razão para acreditar que as próprias leituras tenham dito a Edgar para não se tornar sócio da Sam Davis Company. Segundo relatos publicados, as leituras se concentravam apenas no papel de Kahn na sociedade proposta — não no de Cayce. Tampouco Cayce dava leituras exclusivamente para a sociedade Sam Davis. Além daquelas que deu para os sócios da Lucky Boy, Cayce deu numerosas leituras de petróleo e direitos minerais para uma variedade de investidores com os quais não tinha relação de negócios. E, apesar de ofertas para se tornar sócio financeiro de outros grupos de investimento, não há registro de que Cayce tenha pedido ou recebido lucro por sua participação em nenhum deles.

Leituras que Edgar Cayce deu a especuladores durante esse período incluíram várias fornecidas a Henry Orman, gerente da Normandy Oil Company de Bowling Green, que controlava porções de terra no Kentucky e no Tennessee. Em novembro e

dezembro, Edgar atendeu Orman com leituras que afirmavam com autoridade que petróleo poderia ser encontrado nas propriedades da Normandy Oil. Orman subsequentemente relatou haver agido sobre a assessoria de transe e ter acertado um jorro, com *"petróleo jorrando a mais de cem pés acima do derrick"*. Outra leitura foi conduzida para Frank Williams, empresário de Nashville que havia sido recomendado pelo pai de um homem para quem Cayce havia feito uma leitura médica em Michigan. Dessa vez, o pedido não era de localizar petróleo, mas fosfato. Novamente, Cayce — em transe — forneceu descrições geológicas específicas e detalhes de onde e como encontrar os depósitos na propriedade dos Williams. Forneceu também uma análise química do tipo e da qualidade do fosfato que seria descoberto. O relatório de um geólogo coincidiu exatamente com a composição química e a tonelagem de fosfato que mais tarde foi minerado.

Ao longo dos últimos meses de 1919, Kahn continuou a solicitar e receber leituras para a sociedade Sam Davis. Essas leituras não foram preservadas, mas é claro, pela correspondência existente, que Cayce — em transe — recomendou que Kahn entrasse na sociedade e sugeriu que uma grande quantia de dinheiro poderia ser feita em decorrência disso. A única coisa específica que se sabe sobre essas leituras diz respeito ao tipo e à duração dos arrendamentos de petróleo que Kahn e os sócios Sam Davis deveriam obter.

Segundo Kahn, as leituras diziam especificamente para obter arrendamentos que durassem noventa e nove anos. A significação dessa recomendação parece ter escapado tanto a Cayce quanto a Kahn, pois, embora a questão de *arrendamentos de 99 anos* tenha

sido discutida longamente em vários pontos durante a formação das sociedades de petróleo, a Sam Davis Company não obteve arrendamentos de 99 anos, nem há registro de que Kahn tenha tentado obtê-los. Como com frequência seria o caso nos meses por vir, Kahn e seus sócios não agiram sobre a assessoria de transe em sua totalidade. Ao contrário, extraíram das leituras apenas as recomendações que eram geralmente consideradas as mais válidas ou as mais rentáveis — prática que se provou meio tão malsucedido para prospectar petróleo quanto fora para administrar tratamentos médicos.

Apesar de Kahn não ter, de fato, obtido arrendamentos de 99 anos, esse foi tema de discussão quando Cayce e Kahn se reuniram com um advogado de Lexington para discutir as formalidades legais da sociedade proposta. O advogado, que era membro das ordens dos advogados tanto de Lexington, Kentucky, quanto de Fort Worth, Texas, declarou que arrendamentos de 99 anos como sugeridos na leitura deles eram impossíveis de obter, e que ele, não Cayce, deveria ser a autoridade última no assunto.

O advogado se manteve firme nesse ponto. À sugestão de Kahn, Cayce fez outra leitura, dessa vez no escritório do advogado. A leitura orientou o advogado a ir a Frankfort, a capital do Kentucky, e consultar nos arquivos os estatutos do estado do Texas. Cayce então procedeu a dar o número da página em que a informação correta sobre arrendamentos de petróleo seria encontrada. Isso enfureceu o advogado. Para provar que Cayce estava errado *"de uma vez por todas"*, viajou a Frankfort e consultou os arquivos. Telefonou a Kahn de Frankfort.

Visivelmente abalado, admitiu que Cayce havia citado corretamente o número da página em que se encontrava o fato que corroborava a leitura.

Em novembro de 1919, Kahn e Edgar haviam recebido mais correspondência dos notáveis de Cleburne. Joseph Long e os sócios da Lucky Boy haviam detonado o poço de Desdemona com cinquenta *quarts* de nitro. Embora traços de petróleo e gás tivessem aparecido imediatamente, não acertaram o jorro esperado. Outra leitura foi solicitada. De novo, a Fonte disse que eles encontrariam petróleo na profundidade exata especificada na primeira leitura conduzida em Cleburne. A leitura aconselhava a *"limpar o furo"* e detonar com mais cem *quarts* de nitro, conforme previamente indicado.

Long, agora, fez exatamente o que lhe havia sido aconselhado. O furo foi tamponado aos 2.980 pés e detonado com cem *quarts* de nitro. O resultado foi nada menos que espetacular: um gêiser de petróleo bruto. Cayce havia não apenas nomeado a profundidade exata em que encontrariam petróleo, mas também a precisa produção diária — seiscentos barris — que os sócios bombearam do poço.

Kahn não conseguiu se conter, e imediatamente fez planos para seu retorno triunfal e o de Edgar Cayce a Desdemona em janeiro de 1920. *"Ninguém no mundo pode nos deter agora,"* anunciou grandiloquente.

---

66. *Chisholm Trail*: trilha bovina histórica (≈ 1.600 km) usada entre 1867 e 1884 para levar gado do Texas aos

entroncamentos ferroviários do Kansas. Símbolo central da mitologia do *cowboy*.↩

67. *Roughneck* (operário da plataforma), *roustabout* (braçal polivalente), *tool dresser* (auxiliar especializado em ferramentas de perfuração): hierarquia clássica do campo petrolífero americano.↩
68. *Spindletop*: colina texana onde, em 10 jan. 1901, o poço Lucas jorrou ≈ 100.000 barris/dia, inaugurando a era do petróleo. *Ranger*: campo descoberto em 1917, um dos mais produtivos dos anos 1920.↩
69. John Pershing (1860-1948): comandante das forças americanas na Primeira Guerra e chefe do estado-maior do Exército (1921-1924); único general elevado em vida ao posto de *General of the Armies*.↩
70. *"Um judeu promoveria o Trabalho mais do que ninguém"*: paráfrase doutrinária da primeira leitura *mental e espiritual* para Dave Kahn (Cap. 15).↩

19.
Desdemona

As manchetes de primeira página sobre o sucesso de Cayce com o poço Lucky Boy em Desdemona, os relatos detalhados de seus empreendimentos em Kentucky e Tennessee, e a participação do primo do presidente, forneceram tudo o que Dave Kahn precisava para entrar e então tornar-se o novo diretor-gerente e vice-presidente da Sam Davis Oil Company. Exatamente quanto dinheiro Kahn pessoalmente trouxe para a sociedade e o valor monetário atribuído ao contrato de arrendamento já existente em Desdemona não é sabido, mas é razoável crer que Kahn e seus investidores forneceram a maior parte do dinheiro vivo, enquanto Thrash, Davis e Brown contribuíram com o arrendamento pré-existente em Desdemona.

Certos de que o sucesso estava ao alcance da mão, os sócios investiram no equipamento rotatório mais sofisticado então disponível. Kahn, acompanhado de Edgar e do Major Wilson, viajou a Ardmore, Oklahoma, onde compraram um gigantesco motor a vapor, uma broca de aço, vários milhares de pés de tubulação em segmentos de 30 pés e explosivos suficientes para perfurar vinte poços. Embora Kahn não houvesse antecipado que o poço de Desdemona requereria tão substancial investimento em equipamento pesado, agiu sob o pressuposto de que, uma vez *"limpo"* e perfurado o poço original, se moveriam a outras localidades. Lucros do primeiro poço pagariam os arrendamentos

em outras propriedades até que a companhia pudesse sustentar-se.

Igualmente importante para o sucesso da operação era encontrar um perfurador veterano que soubesse usar o equipamento. Segundo Kahn, uma leitura em transe — agora perdida — disse-lhes para irem a Strawn, pequena cidadezinha pecuarista do Texas, onde encontrariam Cecil Ringle, um perfurador contratado que, naquele momento, rumava a Desdemona à procura de trabalho diário. A leitura vinha completa com o nome do hotel e o número do quarto em que Ringle e sua família seriam encontrados.

Ringle não poderia ter ficado mais surpreso ao ver dois oficiais do exército e um psíquico profissional batendo à sua porta. Que Edgar e Kahn — ou qualquer um — o tivesse encontrado parecia incompreensível. Ele e sua família não haviam planejado absolutamente estar em Strawn, e só haviam chegado dois dias antes, para descansarem após longa travessia desde Illinois, onde ele havia estado perfurando no ano anterior. A esposa de Cecil, Leona May, escrevera cartas informando família e amigos de que estavam em passagem por Strawn, mas as cartas ainda não haviam sido postadas.

Houvesse Kahn dado a Ringle um momento para parar e considerar quem eram essas pessoas e como o haviam encontrado, ele bem poderia tê-los dispensado. Mas assim que Leona May abriu a porta, Kahn entrou marchando, vendendo a si mesmo enquanto vendia Edgar. Uma leitura de demonstração e a promessa de participação nos lucros foram tudo de que se precisou para assegurar os serviços da família inteira, que

incluíam não apenas Cecil e seu pai, A. A. Ringle, também perfurador experiente, mas também o filho de Cecil, Cecil Jr., que serviria como *tool dresser* chefe, e Leona May, que seria a cozinheira deles.

Junto com o equipamento recém-adquirido, os Ringle e a comitiva Kahn embarcaram num trem para Comyn e então viajaram em carroça de molas puxada por mulas até Desdemona. Embora tivessem planejado chegar em fins de janeiro de 1920, só em fevereiro a equipe estabeleceu acampamento, e passou-se mais um mês antes que construíssem um *derrick* adequado ao seu equipamento ainda não testado. Tendo já experimentado a vida em Desdemona, Thrash e os outros sócios de Cleburne tiveram a sensatez de permanecer em casa — que é onde Edgar, em retrospecto, diria mais tarde que ele também deveria ter ficado.

"Ragtown"[71], onde a comitiva Kahn fez acampamento, consistia em um quarto de milha de frágeis barracos de metal e tendas para os trabalhadores e em um gigantesco refeitório que atendia aos duzentos e tantos perfuradores que chamavam o lugar de sua casa. Ali perto, em Comyn, ficava o saloon e o bordel. Como os demais prospectores, Edgar dormia num catre, usava latrina externa e deixava as roupas manchadas de petróleo de molho em tinas de sabão. Junto com Kahn, os Ringle e o assortimento dos outros homens necessários à perfuração do poço, Edgar passava as horas diurnas labutando no canteiro, construindo a sonda e depois rachando lenha para alimentar o motor a vapor. Ao pôr-do-sol, contudo, quando muitos em Desdemona começavam a beber e a jogar, ele lia a Bíblia ou dava longas caminhadas junto ao Hog Creek. As únicas idas de Edgar a Comyn eram para

comprar suprimentos, cortar o cabelo ou acompanhar Kahn ao salão de baile. Por deferência a Gertrude, Edgar abstinha-se de dançar.

Além das ásperas condições de vida que Edgar encontrou, tornou-se também consciente de quão perigosas e violentas podiam ser as cidades-boom petrolíferas do Texas. Uma história sobre Desdemona contava-se por essa época sobre um coveiro de Comyn que voltava para casa após recolher o corpo de um homem que havia caído de um *derrick*. No caminho de volta foi parado por um homem que lhe acenou para desviar à beira da estrada. Descobriu que uma mulher e um bebê haviam sido acidentalmente baleados por dois bêbados, e que os bêbados haviam sido subsequentemente enforcados e balançavam pendurados numa árvore ali perto. O coveiro voltou a Comyn com a carga completa.

Por mais que tentasse impedir-se de envolver-se com os estilos de vida depravados de muitos dos homens com quem se deparava, era quase impossível para Edgar não se tornar parte da vida em Desdemona e das pessoas de quem a sociedade dependia. Em Ragtown, ele e Kahn tiveram de lidar com uma população tão diversa quanto qualquer uma que haviam conhecido. Havia os operários necessários à construção das sondas, à perfuração dos poços, à montagem dos tanques de armazenagem, ao assentamento dos dutos e à supervisão da perfuração. Havia também promotores, corretores de arrendamento, donos de pensão, balconistas, garçons, lavadores de louça, caixas de banco, donos de saloon, contrabandistas de bebida, jogadores, prostitutas e cafetões — e, como o próprio Edgar admitiu, um

vasto assortimento de criminosos declarados, ladrões, assaltantes e traficantes de narcóticos. Como a piche preta e oleosa que se acumulava nas roupas de Edgar e vazava do chão, essas pessoas eram todas parte da vida cotidiana de Edgar em Ragtown.

O fato de Edgar ter reputação como psíquico e não como geólogo ou perfurador formado não foi usado contra ele. Na verdade, foi visto sob luz positiva, pois ele não era tanta anomalia em Desdemona quanto se poderia supor. As cidades-boom do Texas deram origem a uma classe inteira de pessoas conhecidas como *"oil smellers"* ou *"oil witches"*. Muitos delas usavam a forquilha do galho de uma árvore para buscar petróleo, como faria um *rabdomante*. Mas muitos outros alegavam poder olhar psiquicamente para dentro da terra e ver poças escuras de petróleo borbulhante à espera de serem bombeadas à superfície. O mais proeminente desses era um pastor do leste do Texas, o qual se alegava ter olhos de raio X que podiam olhar vários milhares de pés terra adentro.

Um incidente que confirmou o status de Edgar como psíquico ocorreu um dia em que um texano, com esporas completas e revólver de seis tiros, o abordou na rua. Perguntou a Edgar se ele era o homem que se dizia saber de tudo. O *cowboy*, contudo, não estava interessado em obter uma leitura de petróleo ou médica. Queria que Edgar lhe dissesse quando ia chover, questão então na mente dos pecuaristas de Comyn — uma longa seca havia reduzido o Hog Creek a um fio d'água. Sem pensar, Edgar olhou para o céu sem nuvens e disse: *"Quatro horas na sexta."* Edgar mais tarde confidenciou a Kahn que não havia sabido por que disse o que disse. *"A informação simplesmente saltou para fora,"* afirmou.

Mas, como previsto, uma chuvarada pesada chegou precisamente às 4 horas da tarde naquela sexta-feira.

A reputação de Edgar como psíquico era, talvez, a raiz de muitos dos problemas que ele e Kahn viriam a encontrar em Desdemona. Crença na capacidade de Cayce significava que todos em Desdemona esperavam que a Sam Davis Company eventualmente encontraria petróleo. Enquanto para alguns isso significava uma chuva de lucros, para outros significava o triunfo de uma competição. Havia muitos em Desdemona com interesse direto em ver a operação Sam Davis fracassar, momento em que seus arrendamentos poderiam ser tomados por outros. Embora Edgar e Kahn tivessem confiança implícita nos Ringle, não sabiam se os demais operários que trabalhavam em seu poço não estariam também a serviço de competidores em potencial. Como centenas de outras cidades-boom movidas a petróleo, Desdemona era cenário de numerosos escândalos, à medida que investidores eram iludidos e privados das suas posses por vigaristas. Os truques mais comuns eram: os perfuradores falsearem a profundidade do poço sendo minerado; *"plantar"*[72] um poço com amostras de outro; sabotar deliberadamente uma operação de perfuração promissora quebrando um jogo de ferramentas dentro do poço; ou fazer perfuração em *"furo inclinado"*[73], de modo que, enquanto o *derrick* ficasse numa parcela de propriedade, o furo perfurado alcançasse outra. O fato de Edgar e Kahn serem reconhecidamente *greenhorns* tornava-os ainda mais suscetíveis a táticas desconhecidas.

A sociedade Sam Davis experimentou um número invulgarmente grande de adiamentos caros. Equipamento e peças trazidos de

Oklahoma sumiram. Os cabos que ligavam o motor ao perfurador rotatório arrebentaram e tiveram que ser substituídos. E, quando o *derrick* foi finalmente erguido e a sonda estava operacional, mal haviam começado a perfurar e os canos que abasteciam a água de perfuração foram rompidos e novos canos tiveram de ser instalados. Mas o adiamento mais devastador ocorreu quando a broca encontrou a obstrução descrita na leitura inicial para Thrash.

Perto do fim do primeiro mês de perfuração, quando haviam alcançado aproximadamente 2.500 pés terra adentro, a equipe atingiu uma obstrução. A broca rotatória nova de Kahn não conseguia cortar através dela, as bombas d'água não conseguiam lavá-la para fora, nem Ringle conseguia agarrar os detritos com um gancho de pesca. Uma leitura subsequente revelou que sabotadores haviam despejado uma carga de sucata de ferro no conduto. A leitura também indicou que um eletroímã teria de ser usado para puxar os detritos para fora, e orientou Ringle a um eletricista de Cleburne que poderia construir um eletroímã e fornecer um gerador para alimentá-lo. O equipamento foi arrastado até o local, onde Ringle pescou com sucesso do furo vários segmentos de corrente, baldes de porcas e parafusos, e a cabeça virada de uma broca retorcida.

Outras leituras advertiram sobre tentativas vindouras de sabotar a operação. Num caso, o que poderia ter sido adiamento caro foi evitado quando uma leitura afirmou que um perfurador disfarçado de mendigo, despachado pela companhia petrolífera competidora que herdaria o arrendamento Sam Davis, estaria chegando a Comyn de trem. Cecil Ringle confrontou esse homem

com uma .45 carregada e o escoltou prontamente para fora da cidade.

Edgar compartilhou poucos detalhes das suas experiências em Desdemona ao voltar para casa no fim de março de 1920. Gertrude, contudo, com certeza teria visto os muitos telegramas que chegavam de Thrash em Cleburne, e depois de Kahn, que cumpria seus deveres militares em Atlanta. Pediam mais leituras e urgiam Edgar a voltar para ajudar a resolver os problemas. Com as mãos cheias no estúdio de fotografia, Edgar não pôde voltar até julho, quando então Hugh Lynn — em férias de verão — acompanhou o pai até Comyn, onde se encontraram com Dave Kahn.

Como muitos garotos de treze anos, Hugh Lynn considerava-se a si mesmo e aos seus amigos de casa uns durões — experientes nos modos do mundo. Sua opinião sobre si mesmo mudou rapidamente na chegada à estação de trem de Comyn. A chuva da noite anterior havia transformado a estrada da estação num rio de lama preta pegajosa. Hugh Lynn — com o cabelo cortado em franja e vestindo as calças curtas e os sapatos esportivos brancos que a mãe havia-lhe comprado para a viagem — saiu do trem para dentro de uma lama que chegava aos pés. Isto para muito divertimento de um grupo de meninos da sua idade que estava ali na estação, cada um em suas botas altas e *ten-gallon hats*[74] e, como seus pais, portando armas.

Leona Ringle pôs Hugh Lynn sob sua asa. Depois de apropriadamente reequipá-lo com roupas usadas de Cecil Jr., começou a ensinar-lhe os rudimentos de ser *cowboy*. Hugh Lynn também começou a fazer amizade com vários rapazes mais

velhos. Na segunda noite em que esteve ali, um deles, um jovem chamado *"Rud"*, bateu em sua janela e lhe perguntou se queria ir nadar. Falava baixo e com jeito secreto. Hugh Lynn logo descobriu por quê: estava sendo convidado a nadar em um dos gigantescos tanques que abasteciam Desdemona de água potável e de perfuração. Juntos esgueiraram-se para fora do acampamento e foram tomar um *"banho pelado"* no *"parque de tanques"*. Depois, *"Bud"* ofereceu um cigarro a Hugh Lynn e partiram para algumas histórias que Hugh Lynn mais tarde relataria terem sido *"uma educação em si"*.

Nos dias que se seguiram, Hugh Lynn encontrou os tipos de pessoas sobre os quais só havia lido em *westerns*: pecuaristas armados e *cowgirls* com uma linguagem tão colorida quanto os pôneis indígenas que montavam. Mais importante, contudo, Hugh Lynn passou a ver o pai sob luz inteiramente nova. Edgar já não era um professor soturno e conservador de escola dominical do Alabama, mas um petroleiro texano calejado, com botas altas e *ten-gallon hat*, que trabalhava nas sondas, cavava trincheiras, montava a cavalo e contava histórias à fogueira. Havia ainda tempo reservado para a oração e a leitura da Bíblia, mas com igual frequência Hugh Lynn via o pai até os joelhos na lama das sondas de petróleo, ou cavalgando pelo alto deserto sobre o dorso de cavalos mal-domados. À noite, ele e o pai jogavam cartas com os outros homens. O jogo favorito era um tipo de pôquer chamado *Texas Pitch*, ou *High, Low, Jick, Jack, Julie, and Game*. Edgar ganhava sempre. Joe Rush — um dos perfuradores de petróleo — reclamava constantemente do *"toque Cayce"* e acusava Edgar de ler-lhe a mente. Mais de uma vez

ofereceu-se para bancar Edgar em qualquer empresa de jogo de azar em que ele quisesse se meter. Edgar sempre respondia que o negócio do petróleo era aposta suficiente para ele.

Uma vez que o conduto havia sido desobstruído e a perfuração havia retomado, a operação de Desdemona exigia muito menos trabalho físico, de modo que Edgar e Dave, acompanhados de Hugh Lynn, usaram o tempo ocioso para explorar propriedades petrolíferas adicionais. Em julho, fizeram uma viagem para inspecionar arrendamentos prospectivos na fazenda Hofstiter, perto de San Antonio, Texas. Os três cavalgaram campo após campo de gado e rebanhos de cabras. Ao voltarem, pernoitaram numa casa de fazenda onde se alega que o escritor de *westerns* Zane Grey[75] teve a inspiração para o seu livro *Riders of the Purple Sage*. Naquela mesma noite, Edgar deu uma leitura, que Dave Kahn conduziu, sobre a terra por onde haviam acabado de cavalgar. Havia petróleo na terra, disse Cayce em transe, mas não o suficiente para tornar a perfuração lucrativa.

De volta a Desdemona foram recebidos com más notícias. Um cabo havia arrebentado e um jogo inteiro de ferramentas de perfuração jazia no fundo do furo. Pescá-las poderia ser operação tão demorada e custosa quanto a limpeza da sucata de ferro no conduto havia sido. Cayce — em transe — pouco revelou sobre como o *"acidente"* havia sido causado ou como acelerar a operação da sua remoção. Todos estavam tensos. Hugh Lynn tinha certeza de que um dos perfuradores suspeitos de estar em conluio com a concorrência estava prestes a ser baleado. Mas antes que aquilo acontecesse, Ringle conseguiu extrair as ferramentas com seu gancho de pesca.

Em cartas para casa, Hugh Lynn relatava esse incidente e outros: *"Não há nada de errado com o papai,"* escreveu à mãe. *"Mas acho que há algo de errado com todo o resto. Eles todos querem perfurar poços e fazer muito dinheiro. Acham que todo mundo [mais] é desonesto. Têm medo do papai porque acham que ele pode entrar no sono e dizer ao Dave e aos outros onde o petróleo vai jorrar. Acho que alguém, ou algumas pessoas, estão tentando impedir que o poço seja perfurado. Está tudo uma bagunça."* Hugh Lynn também manifestou suas preocupações ao pai. Mas Edgar aparentemente não escutou. Estava convencido de que os homens eram *"rudes por fora, mas bem por dentro"*, e disse que, assim que conseguissem o dinheiro, tudo estaria bem, e eles conseguiriam construir o hospital. O petróleo estava lá. Tudo o que tinham a fazer era perfurar até alcançá-lo.

A legitimidade das preocupações de Hugh Lynn tornou-se clara quando ele ouviu por acaso uma sessão em transe durante a qual o condutor da leitura — presumidamente o próprio Thrash — disse a Cayce que, ao despertar, concordaria com ele em *"certas matérias de política"*. Em outras palavras, estava plantando uma sugestão pós-hipnótica na mente de Cayce para que tomasse certa posição acerca da companhia e para que esquecesse que havia sido mandado fazê-lo. Kahn estava em Atlanta quando essa leitura se deu, portanto só Edgar e o condutor estavam na sala. Hugh Lynn não disse nada sobre o assunto ao pai, temendo retaliação, mas contou imediatamente à mãe ao voltar a Selma com o pai em agosto.

A situação não melhorou. Em setembro de 1920, quando o poço ainda não havia *"vindo"*, Edgar e Kahn fizeram ainda outra viagem a Desdemona. A essa altura, as suspeitas haviam se

deslocado para Kahn, a quem Thrash acusava de estar drenando fundos da companhia para pagar suas substanciais dívidas em Lexington. Thrash sugeria também que Kahn não estava sendo inteiramente honesto sobre as leituras que conduzia em favor da sociedade, e que, na verdade, Kahn estaria tentando protelar a operação em Desdemona até que o arrendamento expirasse, para poder formar sua própria companhia e perfurar ele mesmo o poço. Embora o desencanto de Kahn com a sociedade, de fato, tivesse crescido ao ponto de ele já haver feito planos para abrir sua própria companhia de prospecção de petróleo com Edgar, tal empreendimento não teria interferido com as operações em Desdemona. Kahn tinha tudo a ganhar e nada a perder vendo o seu poço *"vir"*.

No calor do momento, Thrash e uma comitiva de operários questionaram Edgar sobre Kahn. Edgar subiu em defesa do amigo, dizendo que não tinha razão para crer que Kahn não estivesse sendo inteiramente franco sobre as leituras em transe, e assegurou-lhes que Kahn não estava tirando dinheiro da companhia. Isto aparentemente não satisfez os sócios nem os próprios perfuradores, que exigiram uma leitura para esclarecer o papel de Kahn no empreendimento.

Todos os envolvidos estavam presentes na noite em que a leitura se deu. Edgar deitou-se de costas no chão, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa e antes que Kahn pudesse dar-lhe uma sugestão, Edgar caiu num sono tão profundo que ficou incapaz de responder a qualquer pergunta. Kahn disse aos demais que isso às vezes acontecia com Edgar e pediu aos homens que voltassem no dia seguinte, quando tentariam novamente. O que não deixou

transparecer foi sua preocupação de que Edgar não houvesse conseguido entrar em transe por causa do estresse — de que ele estava *"escapando"* das *"animosidades"* e dos *"interesses egoístas"* que o cercavam. Havia ganância em todos os lados, Kahn mais tarde admitiu, incluindo a sua própria. Edgar e Kahn estavam *"ansiosos e famintos demais"*, como Kahn diria depois, para perceber que haviam se deslocado para um mundo alheio de *"violência, ganância, engano e sabotagem"*. Depois que os outros haviam partido, Kahn foi incapaz de acordar Edgar. Esperou ao lado do catre pelo resto da noite. Ao nascer do sol, na manhã seguinte, Edgar acordou.

A equipe Sam Davis passou o dia inteiro com considerável incerteza e inquietação. Conforme solicitado, os homens voltaram para testemunhar a leitura de Edgar naquela noite, e dessa vez Cayce conseguiu entrar em transe. Segundo Kahn, a leitura disse que ele não era culpado pela má administração dos fundos da companhia, e uma leitura posterior afirmou, de modo bastante cru, que não eram má administração de fundos ou técnicas de perfuração que estavam na raiz dos problemas, mas que certas *"mentes gananciosas, egoístas, turbulentas" não especificadas, "devem ser mantidas à distância do empreendimento"*. O fato de Kahn haver sido exculpado, contudo, pouco fez para aliviar a tensão entre ele e o resto da companhia. Não muito depois da leitura, Cecil Ringle acusou Kahn de ter desenvolvido afeto inapropriado por Leona May. Ringle ficou tão enfurecido que sacou uma arma contra Kahn. Edgar interveio, e, embora nenhum tiro tenha sido disparado, a relação entre os homens não pôde ser reparada.

Thrash também contribuiu para a ruína definitiva da sociedade, mais evidentemente no tratamento fraudulento e eventual dispensa de Cecil Ringle. Esse golpe final à companhia foi desferido não muito depois de Edgar e Kahn terem partido para formar sua própria companhia petrolífera, quando a perfuração em Desdemona havia enfim alcançado a profundidade em que as leituras haviam indicado que se encontraria petróleo. Ringle relatou que havia amostrado *"a mais bonita areia e óleo verde"* que jamais vira, e passou boa parte de um dia e noite adentro bombeando petróleo antes de desligar a sonda, certo de que seu poço *"viria"* pela manhã seguinte.

Enquanto isso, Thrash — ou um de seus sócios — fez visita a Leona Ringle, que havia ficado preocupada quando Cecil não aparecera para o jantar. Disseram a Leona para não se preocupar — Cecil tinha as mãos cheias no sítio da sonda e estaria em casa em breve. Disseram também a Leona que Thrash precisava tomar emprestado o contrato de perfuração do marido, pois nenhuma outra cópia estava disponível naquele momento e Cecil tinha que ser pago na manhã seguinte. Leona, sem pensar, atendeu. O contrato foi levado de volta a Cleburne, onde, segundo Cecil Ringle, a primeira página foi reescrita, cortando os Ringle de qualquer percentagem futura nos lucros em troca de pagamento por diária. A nova primeira página foi anexada à antiga segunda página, que continha as assinaturas, e o contrato foi devolvido a Leona antes que Cecil voltasse para casa.

Na manhã seguinte, Cecil foi pago por seus serviços e sumariamente dispensado. Irado, ameaçou atirar em Thrash, e talvez de fato houvesse feito justiça com as próprias mãos se

Leona não o houvesse implorado que guardasse a arma. Em última análise, Ringle achou que não tinha opção senão deixar a cidade, pois numa cidade como Cleburne a lei não olhava com simpatia para um perfurador-diarista a acusar os notáveis da cidade de fraude. Assim terminou a primeira sociedade petrolífera de Edgar e de Dave Kahn. Nada tinham a mostrar pelos seus doze meses de empreitada. Mas *"a promessa jorrante do ouro texano,"* como Edgar diria depois, *"corria ainda alta."*

---

71. *Ragtown*: aglomerado de barracos e tendas junto aos campos petrolíferos, apelidado pelo aspecto "de trapos" das construções. Em Desdemona, designava o acampamento dos trabalhadores. ↩
72. *Plantar* (*spike*): sabotagem inversa — contaminar um poço com amostras trazidas de outra jazida para inflar artificialmente sua avaliação e atrair investidores. ↩
73. *Furo inclinado* (*slant hole*): prática fraudulenta em que a torre se erguia sobre uma propriedade arrendada, mas a perfuração era dirigida obliquamente para atingir reservas de propriedade vizinha. ↩
74. *Ten-gallon hats*: chapéus texanos de aba larga e copa alta, típicos dos *cowboys* do Sudoeste; o nome não remete à capacidade real, mas, segundo uma etimologia, ao espanhol *galón* (galão decorativo). ↩
75. Zane Grey (1872-1939): escritor americano de faroestes; *Riders of the Purple Sage* (1912) é considerado o protótipo do romance de faroeste moderno. ↩

20.
Luling e
Edgar B. Davis

A decisão de incorporar a Edgar Cayce Petroleum Company foi tomada antes que Edgar e Kahn deixassem Desdemona. Haveria quatro sócios principais: Edgar Cayce, que daria as leituras; Dave Kahn, que conduziria as leituras e determinaria os locais de perfuração; o Major Wilson, que cuidaria dos contratos de arrendamento; e Martin Sanders, que contribuiu com vários milhares de dólares para redigir os acordos de parceria. Os documentos de incorporação foram assinados no Home National Bank em Cleburne no dia 20 de setembro de 1920, e, embora não estivesse claro como a companhia levantaria o capital necessário para financiar suas operações, uma leitura conduzida em Cleburne recomendou perfurarem na área de Luling, uma cidadezinha empoeirada e empobrecida a 44 milhas ao sul de Austin.

Diferente de leituras anteriores em que se pedia informação sobre sítios potenciais de perfuração, a leitura de Luling não nomeou pontos de referência locais, não forneceu descrições geológicas detalhadas da área e não nomeou os proprietários cujos terrenos deveriam arrendar. Tudo o que a leitura inicial disse foi que Edgar e Kahn deveriam ir a Lockhart, no condado de Caldwell,

onde encontrariam um homem nos degraus do fórum do condado. Ele, então, lhes diria onde buscar petróleo em Luling.

Edgar e Kahn foram acompanhados na viagem a Lockhart por um dos perfuradores de Desdemona, um texano chamado Joe Rush, o qual não se havia surpreendido com a leitura nomear Luling: seu empregador anterior, Morris Rayor, havia sido mandado à prospecção naquela área sob circunstâncias igualmente invulgares. Espiritualista assumido e um dos principais em uma companhia petrolífera sediada em Detroit, Rayor havia perfurado em Luling por quase uma década, acreditando que os *"espíritos dos mortos"*, comunicando-se por meio de uma médium de Detroit, o haviam dirigido para lá. Rayor tornara-se conhecido por certa vez ter trazido sua médium a Luling para conduzir sessões espíritas. Nunca fez um grande achado e abandonou suas posses no ano anterior à chegada de Edgar e Kahn, mas a lenda de que espíritos dos falecidos haviam selecionado Luling como o sítio de um achado importante persistia.

Na época em que Edgar e Kahn chegaram à cidade, Luling era pouco mais que um aglomerado de lojas de fachadas falsas e casas de um pavimento ao longo dos trilhos da ferrovia, cercadas por um assortimento de fazendas sem pintura ocupadas por pecuaristas empobrecidos e cultivadores de algodão.

Os três homens não tiveram dificuldade em achar o fórum. Como a leitura havia predito, ali nos degraus encontraram um idoso portando uma bengala. Kahn aproximou-se dele e se apresentou, e disse: *"Estou aqui investigando quaisquer possíveis arrendamentos de petróleo na área."* A resposta do velho foi: *"Bem, não poderia ter*

escolhido homem melhor." Explicou que era um juiz de condado que havia morado na área por muitos anos e conhecia sua geografia tão bem quanto os seus arquivos e registros. Tinha certeza de que se podia encontrar petróleo num sítio a poucas milhas de fora da cidade, no vizinho condado de Gonzales. Disse-lhes para entrarem no prédio em frente. Pelo corredor adentro, encontrariam o escritório do geólogo do estado.

O geólogo lhes disse o que podia sobre o sítio que o juiz havia recomendado. Embora a terra fosse primariamente de propriedade de empobrecidos fazendeiros negros, era controlada por uma mulher branca, Minnie Phillips, a quem se sabia desempenhar papel protetor na comunidade negra. A menos que ela desse sua aprovação, os fazendeiros não fariam negócio com Edgar e Kahn. E Minnie Phillips, o geólogo acrescentou, era conhecida por receber estranhos com o cano da espingarda.

Edgar e sua comitiva entraram no automóvel Marmon de Joe Rush e dirigiram até o rancho Phillips, que se revelou pouco mais que uma casa de fazenda em ruína com piso de terra batida. Tal como haviam sido advertidos, foram recebidos pelo cano de uma espingarda. Por uma fresta na porta, ouviram uma mulher dizer: *"Se forem do petróleo… eu mato vocês."* Kahn disse-lhe que era militar do exército, deu-lhe seus nomes, e explicou que estavam ali vindos do Kentucky. Ao ouvir a menção do Kentucky, Minnie Phillips abriu a porta um pouco mais, espreitou Kahn e exigiu saber exatamente de que parte do Kentucky ele era. Quando ele respondeu que vinha de Lexington, a porta se abriu mais ainda — o bastante para revelar uma mulher idosa, descalça, vestida em trapos. Seu cabelo era grisalho, e os vincos no rosto falavam do

peso da pobreza e da exposição aos elementos. Ainda segurava a espingarda, embora agora a apontasse para longe deles. Perguntou se Kahn conhecia um homem chamado Phillips em Lexington. Kahn respondeu que sim e passou a descrever seu farmacêutico de Lexington, de quem Kahn havia obtido receitas para a vizinha, a Sra. DeLaney, quando Edgar havia feito aquela primeira leitura para ela. Minnie Phillips disse a Kahn que a descrição que ele dera era a correta. *"É meu irmão!"* anunciou.

Para Kahn parecia que o encontro com o homem nos degraus do fórum e a visita ao rancho Phillips tudo havia sido preordenado. Sentia como se fossem atores numa peça, só que sem terem visto o roteiro. O que veio a seguir só serviu para sugerir ainda mais que tudo era parte de um plano maior.

Kahn pediu a Phillips que mandasse um telegrama ao irmão em Lexington pedindo referências sobre ele. Disse também que estavam com fome depois da longa viagem de carro e perguntou se havia algum lugar por ali onde se pudesse comer algo. A isto ela respondeu: *"Não tenho nenhum dinheiro nem tenho nenhuma comida."* Kahn lhe deu algum dinheiro e sugeriu que Joe Rush a levasse de carro à cidade para comprar mantimentos no caminho para a estação telegráfica. Ela concordou, e o irmão mais tarde respondeu ao telegrama com um relato favorável.

Ao voltar da vila, Kahn a inquiriu sobre a própria saúde. Respondeu que não estava bem de saúde havia muito tempo. Seu filho havia desenvolvido tuberculose, e ela o havia trazido ao Texas onde o clima seco pudesse curar-lhe a condição. *"Mas agora ele está em Kansas City, e eu estou aqui protegendo estes pobres negros dos golpistas do petróleo,"* acrescentou. Kahn então lhe disse

francamente que estavam ali para encontrar petróleo. Descreveu como Edgar podia entrar em transe e como as leituras diziam-lhes que encontrariam petróleo naquela área.

"Há um bocado de petróleo por aqui," disse ela. *"E não precisam perfurar mais que cem pés para achar."* Segundo ela, havia tanto petróleo subindo do chão que nos dias de chuva o gado não bebia a água porque ficava coberta de uma fina camada de petróleo. Havia pontos próximos ao San Marcos River, disse, onde um fósforo de cozinha podia inflamar o gás natural que escapava pelas fendas da terra.

Kahn disse que queria falar do petróleo, mas que, primeiro, seu associado poderia dar-lhe uma leitura sobre o estado da sua saúde. Kahn estendeu jornais sobre o chão de terra, e Edgar estirou-se de costas. Cayce procedeu a dar uma leitura detalhada em que descreveu um problema circulatório nas fibras nervosas do pescoço, dos ombros e do rosto dela. Durante todo o tempo, a velha observava Cayce atentamente. Quando a leitura chegou ao fim, ela começou a chorar. *"Nunca na minha vida vi coisa assim,"* disse-lhes. Disse que ele havia descrito exatamente o que havia de errado com ela, e que a leitura dele era a coisa mais maravilhosa que jamais lhe havia acontecido.

Não demorou muito e ela estava de novo a falar do petróleo no solo. Disse que o mantinha para os negros. Edgar disse que talvez pudesse ajudar dando uma leitura para determinar quanto petróleo havia e como lidar com isso. Outra leitura foi conduzida. Dessa vez, Cayce falou de um fabuloso *"mar de petróleo"* aprisionado num gigantesco domo salino[76] bem embaixo deles. Perto, disse, havia uma árvore morta, com duas forquilhas do

tronco a apontar contra o céu texano. Disse que, a cerca de 30 pés dessa árvore, encontrariam petróleo a apenas 300 pés de profundidade. Devia ser o mais rico depósito de petróleo daquela parte do Texas.

Por meio de Phillips, Edgar e Kahn conseguiram obter um arrendamento de catorze meses para perfurar em 5.000 acres. Era um contrato padrão de petróleo, pelo qual tinham de pagar um dólar por acre por ano e perderiam o arrendamento juntamente com uma fiança de US$ 1.000,00 caso falhassem em iniciar as obras nos primeiros seis meses. A Cayce Petroleum pagaria todas as despesas de perfuração. Uma parte dos lucros seria deles, o resto iria para Phillips e para a comunidade negra de Luling.

Edgar e Kahn deixaram Luling com a intenção de montar uma expedição de perfuração não muito diferente daquela que haviam iniciado em Desdemona. Mas, apesar de relatos publicados em contrário, a Cayce Petroleum não conseguiu levantar dinheiro suficiente para iniciar obras em Luling. Tudo o que conseguiram realizar nos primeiros seis meses foi entregar uma carga de madeira para construir um *derrick*. E, ainda que Edgar e Kahn eventualmente tivessem de abrir mão dos seus arrendamentos, houve uma reviravolta curiosa no que mais tarde viria a suceder em Luling. No mesmo ano em que Edgar e Kahn abandonaram seus arrendamentos, um prospector de petróleo chamado Edgar B. Davis[77] — cuja história pessoal é quase tão notável quanto a de Cayce — começou a perfurar numa propriedade adjacente ao rancho Phillips.

Como Cayce, Edgar B. Davis tinha mais de seis pés de altura, embora fosse consideravelmente mais pesado que Edgar.

Também como Cayce, Davis era extremamente polido, de bons modos, cristão fervoroso e crente no poder da oração — qualidades incomuns entre os *wildcatters*[78] do petróleo. Antes de chegar ao Texas, Davis havia feito e perdido duas fortunas no negócio da borracha, sofrido um colapso nervoso, e tido uma experiência mística na qual a voz de Deus o dirigira a investir suas economias de uma vida na prospecção de petróleo em Luling.

Não há registro de que tenha se encontrado com Edgar Cayce no Texas, mas fica claro pela correspondência e pelas lembranças de residentes de Luling que comunicação de alguma forma — ainda que não um encontro pessoal — se deu. Dave Kahn relatou haver entregado a Davis as leituras e outros arquivos dos interesses da Edgar Cayce Petroleum no condado de Caldwell, e alegou que Davis — agindo sobre as leituras de Cayce — começou a perfurar em terras outrora arrendadas pela Cayce Petroleum. A verdade é difícil de desentranhar dos contratos de arrendamento existentes, mas não há dúvida de que Davis sabia dos interesses de Edgar Cayce em Luling e de que Davis prospectou petróleo em terras mencionadas nas leituras.

Em fins de 1921 e início de 1922, Davis perdeu uma fortuna substancial em seis poços secos. Quebrado, recorreu para financiamento a Frank Seiberling[79], de Akron, Ohio, com quem Davis havia servido no conselho da U.S. Rubber Company. Apesar dos contratempos frequentes, continuou perfurando, e em 9 de agosto de 1922, muito depois de a Cayce Petroleum ter perdido suas posses em Luling, o primeiro poço de Davis *"veio"*. Não foi o *"jorro"* como mais tarde foi descrito nos jornais, mas o

furo tinha *"pernas"*, como dizem os petroleiros, e produziu consistentemente mais de cem barris por dia por mais de uma década. Continua a ser um poço ativo até hoje.

Davis perfurou o seu poço seguinte a menos de cem jardas do primeiro. Este poço, que relatadamente foi perfurado num domo salino semelhante ao descrito nas leituras de Cayce, veio com força muito maior. Uma grande companhia petrolífera concordou em assentar um oleoduto até o campo e em pagar a Davis meio milhão de dólares adiantado por um milhão de barris, e outra companhia comprou US$ 100.000,00 em petróleo adiantado a produção futura. Usando esse dinheiro para financiar mais exploração, Davis *"socou"* mais dezesseis poços em Luling, que mais tarde vendeu por doze milhões de dólares.

Davis chamava Luling e os outros lugares em que prospectava de *"locações de fé"* e dizia abertamente que Deus o dirigia a elas. Num caso, Davis alegadamente recebeu uma mensagem de Deus para ir a um campo particular, arrancar um *erva-de-santa-maria* do chão e então perfurar no buraco onde haviam estado as raízes. O resultado foi um gêiser de petróleo. Outra vez, estava num passeio de carro ao entardecer quando ordenou ao motorista que encostasse o carro na beira da estrada. Davis desceu, atravessou um campo a pé e cravou uma vara no chão para marcar o ponto em que perfuraria o seu próximo poço. De novo, descobriu petróleo — tanto, de fato, que o poço jorrou livre por uma semana inteira, deixando uma poça de petróleo que chegava ao ombro num vale próximo.

Kahn, que havia lido sobre os fabulosos achados no jornal, mais tarde escreveu uma carta a Davis pedindo uma parte da fortuna,

baseado no fato de que lhe haviam fornecido as leituras de Cayce, e sugerindo que os arrendamentos das terras haviam sido originalmente obtidos pela Cayce Petroleum. Davis escreveu de volta dizendo que havia assumido outros compromissos com o seu dinheiro. Uma porção substancial da sua considerável fortuna foi dada ao povo de Luling, tanto negros quanto brancos.

Não foi, contudo, o último contato que Edgar Cayce teria com Edgar B. Davis. No final dos anos 1930, Davis se tornaria figura dominante numa tentativa de realizar uma gigantesca fusão de companhias de borracha. No processo, Davis e seu amigo e sócio de longa data, Frank Seiberling, tiveram um desentendimento. Exatamente como ocorrera nas tentativas de Cayce de localizar petróleo em Desdemona, a fusão proposta por Davis atolou-se numa complicada teia de interesses divididos.

Edgar Cayce foi procurado para aconselhamento em transe porque Davis era profundo crente no poder psíquico, e o próprio Seiberling pode ter estado predisposto a aceitar o conselho de Cayce, pois sua filha e seu filho haviam recebido leituras médicas de Cayce. As leituras subsequentes para Davis e Seiberling sugeriram que os dois homens tinham fortes poderes psíquicos, e que muito de bom poderia vir de uma parceria entre eles. Contudo, a leitura também indicou que os dois homens eram cabeça-duras, e que *"cooperação"* e desejo do bem comum eram essenciais para o próprio bem-estar financeiro e para o contínuo sucesso das suas companhias. Juntos, Davis e Seiberling tinham e podiam realizar muito bem. Separados, fracassariam.

"A lei do Senhor é como espada de dois gumes,"[80] disse Cayce — em transe — na leitura de 1937 para Seiberling. *"A menos que o bem*

seja feito a todos, o bem não pode brotar disso. Pois aquilo que semeardes, isso ceifareis!"

Nenhum dos dois homens seguiu o conselho de Cayce de cuidar dos interesses do sócio. Um acordo foi alcançado, mas apenas por via judicial. Os dois homens nunca mais trabalharam juntos. Edgar B. Davis e Frank Seiberling, em tempos dois dos homens mais ricos da América, perderam suas fortunas.

---

76. *Domo salino*: estrutura geológica subterrânea formada pela ascensão de massas de sal; frequentemente armadilha de hidrocarbonetos. Luling assenta sobre múltiplos domos, e o achado de Davis em 1922 confirmou a descrição cayceana. ↩
77. Edgar Byron Davis (1873-1951): empresário e filantropo de Brockton, Massachusetts. Fez fortuna na borracha e depois no petróleo de Luling; dedicou grande parte dela a fins filantrópicos. ↩
78. *Wildcatter*: prospector independente de petróleo, que perfura em áreas não comprovadas (*wildcat wells*); figura típica do boom texano-oklahomano do início do séc. XX. ↩
79. Frank Seiberling (1859-1955): fundador da Goodyear Tire and Rubber Company (1898) e, em seguida, da Seiberling Rubber Company. Conhecido como *o pequeno Napoleão* da indústria do pneu. ↩
80. *A lei do Senhor é como espada de dois gumes*: eco de Hb 4.12 (ARA: *"a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do*

que qualquer espada de dois gumes"). *Aquilo que semeardes, isso ceifareis*: Gl 6.7 (ARA). ↩

21.
Harry Houdini
e Cayce Petroleum

A falta de financiamento adequado atormentava a Cayce Petroleum desde a fundação da companhia em setembro de 1920. Tinham dinheiro bastante para arrendar terras, mas não para perfurar. Foi por isso que Edgar e Kahn embarcaram no que veio a ser uma jornada de um ano e de cinco mil milhas para vender ações da sua nova companhia. *"A cobiça do petróleo [e do dinheiro para perfurá-lo],"* disse Kahn, *"havia se tornado uma obsessão que não podia ser negada."*

Birmingham foi escolhida para a primeira parada porque Edgar tinha dois bons contatos naquela cidade: William K. Schanz, taquígrafo forense que uma vez fora tesoureiro estadual do *Christian Endeavor* do Alabama, e o Dr. Percy Woodall, o osteopata que havia sido usado pelos colegas de classe de Al Layne para *"desmascarar"* Cayce como fraude. A viagem de dezoito dias a Birmingham foi grande êxito, em boa parte graças a uma leitura que Cayce deu à Srta. Estelle Bealle, cujo irmão era editor do maior jornal da cidade, o *Birmingham News*. O resultado foi uma série de artigos favoráveis, seguidos de pedidos de mais leituras do que Edgar podia atender.

A viagem seguinte de Edgar e Kahn, a Nashville, não estava no itinerário. Estavam num trem indo para Hopkinsville ao encontro

de investidores quando uma fagulha entrou no olho de Edgar. O olho ficou rapidamente inflamado. Kahn sugeriu que descessem em Nashville, a parada seguinte, para encontrar um médico, o que fizeram. Kahn pegou a lista telefônica classificada e, por acaso, notou que um dos médicos listados era um físico chamado Edward B. Cayce. Kahn falou-lhe por telefone e contou-lhe da situação. Ele concordou em examinar Edgar.

Alguns relatos publicados da visita de Edgar a Nashville afirmam erroneamente que o Dr. E. B. Cayce não tinha qualquer parentesco com Edgar, quando de fato era primo do avô de Edgar, Thomas Jefferson Cayce. O grau em que conhecia as leituras médicas anteriores de Edgar em Hopkinsville não está claro, mas consta ter ficado tão fascinado pelas histórias que Kahn lhe contava que, depois de tratar do olho inflamado de Edgar, pediu a Edgar e Kahn se estenderiam a sua já interrompida viagem o bastante para almoçar com ele no *Union League Club*.

Naquela tarde o Dr. Cayce apresentou Edgar e Kahn a quatro proeminentes homens de negócios de Nashville: um banqueiro, um magnata do mercado imobiliário, o presidente de uma ferrovia e o dono do jornal mais importante de Nashville. Edgar, que normalmente não gostava de falar de si diante de um público, estava incomumente sociável, e Kahn ficou só contente de preencher quaisquer detalhes que faltassem. Em seguida, permaneceram em Nashville por duas semanas como hóspedes do Dr. Cayce, durante as quais Edgar deu muitas leituras para os pacientes e amigos do Dr. Cayce.

Um episódio particularmente dramático ocorreu enquanto um grupo de médicos assistia a uma leitura para um rabino local. A

sessão foi interrompida por uma chamada urgente de Birmingham, onde uma jovem, desolada pela deterioração do seu relacionamento com um jornalista, havia ingerido veneno e estava em estado crítico. Os médicos de Nashville ficaram de súbito muito mais interessados na ligação telefônica que na leitura para o rabino. Decidiu-se rapidamente que, ao término da leitura em curso, perguntariam a Cayce sobre a moça em Birmingham. Cayce passou a descrever o veneno que ela havia tomado como bicloreto de mercúrio. Deu então o antídoto, estricnina, que era ela mesma um líquido extremamente tóxico. Cayce afirmou na leitura que ela não sobreviveria a menos que o tratamento fosse administrado exatamente como recomendado.

Diante do grupo de Nashville, Kahn telefonou a nova informação a Birmingham. Os médicos de Nashville ouviram-no confirmar ao telefone que a moça *havia* de fato tomado bicloreto de mercúrio. Embora a leitura de Cayce advertisse que o antídoto tinha de ser administrado exatamente como descrito, como mais tarde viria a tornar-se evidente, os médicos de Birmingham recusaram-se a dar à paciente um outro veneno como contramedida. A moça morreu três dias depois.

Durante outra leitura, oito médicos viram Cayce entrar em transe enquanto o paciente, a quem Edgar não havia conhecido, era mantido em outra sala. Antes mesmo de Cayce ter terminado, os médicos incrédulos já se maravilhavam com a precisão da leitura. Um dos médicos — convicto de que Cayce lhes lia a mente — relatadamente exclamou: *"Diga-me algo sobre o paciente que eu não saiba."*

Cayce — ainda em transe — atendeu. Segundo um relato, a Fonte, sem ser perguntada, disse ao médico cético que voltasse à outra sala e examinasse uma erupção cutânea que acabara de aparecer entre os dedos do pé do paciente. Sem dizer palavra, o médico saiu da sala para examinar o paciente. Voltou uns minutos depois e relatou que o paciente, de fato, tinha uma erupção entre os dedos. *"Não estava ali quando o examinei há três ou quatro dias,"* teria dito o médico a Kahn.

Outro episódio interessante em Nashville surgiu de uma leitura que Cayce deu para uma moça jovem. O médico supervisor contestou o diagnóstico. Cayce foi posto de volta em transe e perguntado por que o médico da paciente havia feito um diagnóstico diferente. A resposta de Cayce foi quase indignada, implicando que o médico não havia examinado sua paciente com cuidado suficiente. *"Ele tampouco concordará que há uma cicatriz na sola do pé da moça porque nunca a viu, mas se examinar sob o dedão, ali a encontrará. Foi causada por pisar numa brasa quando era menininha, e a cicatriz ainda está ali. Ela sabe disso, mas ele não."* Como Kahn mais tarde ressaltou, esse detalhe físico estranho e insignificante — que foi depois confirmado pelo exame e pela própria jovem — provou ganhar o médico para o lado deles.

Edgar poderia ter permanecido em Nashville para o feriado de Natal não tivesse recebido um telegrama urgente convocando-o a Washington, D.C. Não há registro do que dizia o telegrama, de quem pagou pela viagem, ou de exatamente quando e como Edgar chegou à cidade. Tudo o que Edgar mais tarde disse foi que Kahn deixou Nashville para Nova York a fim de falar com potenciais investidores na Cayce Petroleum enquanto Edgar era

chamado a Washington *"para fazer um trabalho especial"* para um funcionário do governo não nomeado, sobre um assunto não revelado.

Embora o registro não seja claro, há razão para crer que foi então que Cayce foi pedido a dar leituras médicas para o Presidente Wilson, que havia sofrido um derrame enquanto fazia campanha pela ratificação da malograda Liga das Nações e estava confinado a uma cadeira de rodas. Em fins de novembro ou início de dezembro de 1920, quando se presume terem sido conduzidas as leituras, o Dr. Cary Travers Grayson, médico do presidente, já havia perdido toda a esperança na recuperação de Wilson.

Na entrevista de história oral conduzida por Hugh Lynn Cayce após a morte do pai, Kahn não especificou quando a primeira leitura tinha ocorrido. *"Creio… [que Cayce deu uma leitura para o presidente] durante o tempo em que ele estava na cadeira de rodas e incapacitado, e a Sra. Wilson cuidava dos seus assuntos,"* disse Kahn. *"Minha lembrança é que o Coronel Starling organizou essa leitura, pois era amigo de toda a vida de Edgar Cayce, ambos tendo nascido em Hopkinsville, Kentucky, e eu não vi a leitura ser dada, mas pelo que entendo descreveu a condição do presidente e predisse que o seu tempo estava limitado e que ele não se recuperaria."*

Além das lembranças de Kahn, evidência circunstancial sugere que foi de fato para o presidente que Cayce deu leituras. Alf Wilson, primo do presidente, sabe-se haver estado em Washington, D.C., ao mesmo tempo que Cayce, e no início do ano seguinte o acompanhou a Nova York, onde se juntaram a Dave Kahn. Alf também se tornou companheiro constante de Edgar pelos cinco meses seguintes, durante os quais Alf conduziu uma

série de leituras privadas das quais não há transcrições. Dada a disponibilidade de Alf para conduzir leituras, e de Will Starling para atuar como intermediário ou mensageiro junto ao presidente ou aos seus médicos, o mecanismo estaria pronto.

Houve também muito mistério em torno das atividades do Presidente Wilson nesse mesmo período. Por quase todos os relatos, os deveres do presidente estavam sendo conduzidos inteiramente pela esposa, pelo secretário do presidente, Joseph Tumulty, e por vários membros do gabinete. O próprio presidente havia recuado para os seus aposentos particulares e, com rara exceção, não via ninguém além dos seus médicos e da família. Havia tamanho sigilo quanto às atividades que se passavam na Avenida Pensilvânia que rumores circulavam entre gente de dentro de Washington de que o presidente pudesse estar morto ou completamente incapacitado. A verdade a respeito da visita de Cayce talvez nunca venha a ser conhecida. Tendo falhado no esforço de ver a Liga das Nações ratificada, Woodrow Wilson era uma mera sombra do que fora. Morreu em relativa reclusão em fevereiro de 1924.

O único outro evento de interesse durante a viagem de Edgar a Washington foi receber um convite para um jantar em Manhattan em janeiro de 1921. Edgar descreveu a reunião como um jantar *"stag"*[^nt11]: quinze homens sentados em torno de uma mesa a comer uma refeição suntuosa e a beber grandes quantidades de bebida alcoólica. Durante a festa, ocorreu um incidente que resultou num novo apelido para Edgar.

O homem sentado à direita de Edgar relatadamente mostrou-se surpreso ao saber que Edgar era de Selma e perguntou se

conhecia Alec Cawthon. *"Sim,"* respondeu Edgar. *"É um grande amigo meu."* Não era essa a resposta que o companheiro de jantar de Edgar queria ouvir. *"Esse filho da mãe matou o meu irmão!"* anunciou o homem. O *"assassinato,"* como foi relatado a Edgar na festa, tinha ocorrido na farmácia Cawthon-Coleman, no mesmo prédio que abrigava o estúdio fotográfico dos Cayce. O irmão do companheiro de jantar de Edgar era um caixeiro-viajante que havia ficado bêbado e arrumado briga com Cawthon pelo preço de uma *ice-cream soda*. Não houve testemunhas da rixa que resultou na morte do caixeiro-viajante, mas um júri mais tarde absolveu Cawthon de culpa. Na festa, Edgar foi solicitado a entrar em transe para julgar se Cawthon deveria ou não ter sido considerado culpado. Edgar declinou do pedido, alegando que todos à mesa, incluindo o homem sentado ao seu lado, estavam bêbados. Não muito depois do fim do jantar, Kahn começou a referir-se a Edgar como *"Juiz,"* e o nome pegou — Kahn e vários outros o chamariam assim pelo resto da sua vida.

Edgar frequentou muitas outras reuniões e festas interessantes durante a sua estada de cinco meses no McAlpin Hotel na Trinta e Quatro com a Broadway, sendo o mais notável desses eventos uma série de demonstrações que Edgar fez em fins de janeiro ou começo de fevereiro de 1921 para o Dr. William McDougal, chefe do departamento de psicologia da Universidade de Harvard. McDougal foi acompanhado pelos colegas Hereward Carrington, escritor notório [e mais tarde presidente do *American Psychic Institute* em Nova York], e pelo amigo de Carrington, o mestre-mágico Harry Houdini[81], que foram convidados ao McAlpin Hotel para assistir às leituras.

Edgar viera à atenção de McDougal por meio do antecessor desse médico em Harvard, Hugo Munsterberg, que havia investigado Edgar em Hopkinsville em 1912. Essa foi a primeira vez que McDougal conheceu Edgar em pessoa, ainda que já viesse acompanhando a carreira de Cayce e, alguns anos mais tarde, viria a conduzir a sua própria investigação com um colega, J. B. Rhine[82], quando os dois lecionavam na Duke University nos anos 1930. Houdini chegara a conhecer McDougal por meio de Carrington e por meio de Arthur Conan Doyle[83], a quem Houdini acabava de visitar na Inglaterra. Embora os três — Houdini, McDougal e Carrington — apenas começassem a se conhecer em 1921, nos quatro anos seguintes iriam lançar algumas das mais intensivas e amplamente divulgadas investigações de médiuns espíritas já conduzidas.

Infelizmente, não existem registros das leituras do McAlpin. Kahn não estava presente, pois havia retornado a Cleburne para encerrar formalmente a sua parceria com a Sam Davis Company e para prestar contas a Joseph Long e outros investidores sobre os esforços de captação em favor da Cayce Petroleum. As leituras do McAlpin para McDougal, Carrington e Houdini presume-se terem sido conduzidas por Gordon K. Nicodemus, executivo de uma corretora de valores mobiliários que Kahn engajou para levantar recursos para a Cayce Petroleum. Alf Wilson, que a essa altura havia comprado ações da Cayce Petroleum e com quem Edgar passava a maior parte do seu tempo em Nova York, acredita-se ter sido o estenógrafo dessas leituras.

McDougal — já inclinado a acreditar na veracidade dos alegados poderes de Cayce — mais tarde relatou haver ficado *"muito*

impressionado" e *"desconcertado"* com o modo como Cayce conseguia fazer o que fazia. Cayce não invocava *"espíritos dos mortos"* nem manifestava fenômenos estranhos comuns aos muitos espiritualistas com quem McDougal havia participado de sessões espíritas. Cayce apenas fechava os olhos e fornecia um diagnóstico médico após o outro. *"Simplesmente não sei o que é,"* disse McDougal a Edgar. *"Justamente quando penso saber o que é, a experiência seguinte me convence de que não sei."*

Muito dos mesmos sentimentos foram expressos por Hereward Carrington, que também passou a crer em Cayce. Embora inicialmente cético de todos os médiuns, descreveu o quanto ficou impressionado e desconcertado com os fenômenos Cayce. *"Minha crença na sinceridade do Sr. Cayce e na integridade do seu propósito é absoluta… Como cientista, eu diria que todos os diagnósticos e prescrições que se alega virem do Sr. Cayce não vêm, de fato, dele, mas vêm de alguma inteligência superior que se manifesta por meio dele. Não estou preparado para dizer o que é essa inteligência superior… [mas] certamente a mente consciente de um homem, sem educação em medicina, não poderia produzir sequer os termos técnicos que passam pelo Sr. Cayce."*

O impacto que o encontro teve no Houdini de cinquenta anos é matéria de conjectura. Tudo o que o registro indica é que Edgar veio a conhecer Houdini *"pessoalmente"* durante a sua estada em Nova York e assistiu, como convidado de Houdini, à luta pelo título dos pesos-pesados entre Jack Dempsey e o herói militar francês Georges Carpentier. Evidência também sugere que Houdini pode ter convidado Edgar, junto a McDougal e Carrington, à sua luxuosa casa em Harlem. Como outros

convidados, Edgar teria sido conduzido a uma sala comprida repleta de mobiliário coberto de tapeçaria e com bordas douradas, entulhada do chão ao teto dos muitos *mementos* do mágico dos seus anos em turnê pelo mundo. Edgar teria visto o cálice incrustado de joias dado a Houdini pelo Grão-Duque Sérgio da Rússia, a varinha de ébano e ouro do rei da Bélgica, e o busto de bronze de feições realistas do próprio Houdini, encomendado na Inglaterra, que repousava sobre um pedestal. Houdini também teria conduzido seus convidados ao andar de cima, à sua biblioteca de nível mundial, onde cartazes, gravuras, fotografias e milhares de dólares em livros estavam encaixados em cada canto disponível.

Em público e em privado, Houdini permaneceu estranhamente calado quanto ao seu encontro com Cayce. Houdini não o desmascarou como fraude — como havia feito com centenas de outros — mas tampouco investiu na Edgar Cayce Petroleum Company nem reconheceu publicamente que Edgar fosse *"coisa séria."* Como McDougal e Carrington, não tinha o menor interesse em poços de petróleo. Também tinha uma reputação a manter como *"desmascarador"* de médiuns fraudulentos. Contudo, as atividades do mágico nos meses imediatamente posteriores às demonstrações do McAlpin sugerem que Houdini possa ter-se convencido — pelo menos temporariamente — de que poderia haver comunicação genuína com o mundo espiritual.

Antes da leitura do McAlpin, Houdini acabava de retornar de uma longa estada na Inglaterra, onde havia desmascarado, por sua própria contagem, as práticas fraudulentas de mais de cem autodeclarados médiuns e espiritualistas que — por meio de

truques de ilusionismo, ventriloquia e outros expedientes típicos dos circos itinerantes — conjuravam mãos fantasmagóricas que batucavam mensagens em máquinas de escrever, tocavam sinos e faziam levitar mesas e outros objetos. Sua mais famosa investigação na Inglaterra foi a da célebre médium francesa Eva Carrière, que havia convencido Conan Doyle para além de qualquer sombra de dúvida de que tinha uma linha direta com os *"espíritos dos mortos."*

A especialidade de Carrière era produzir uma espuma branca borbulhante chamada ectoplasma, que alegadamente lhe pingava da boca, dos ouvidos e do nariz quando conjurava espíritos numa sessão espírita. Houdini argumentou de maneira convincente que aquilo era mero embuste. Ectoplasma, dizia, não era mais que uma mistura seca de sabão, gelatina e clara de ovo, que ela escondia na boca ou regurgitava do estômago. O próprio Houdini havia conhecido um regurgitador que conseguia *"manifestar"* uma cobra e um sapo na boca fazendo quase o mesmo.

Mas Houdini não conseguiria tão facilmente desprezar Cayce nem ignorar as mensagens cristãs que vinham por meio dele. O fato de que Cayce não precisava de sala escurecida, de bola de cristal, nem de entrar num *"armário dos espíritos"* fechado para produzir fenômenos psíquicos apresentava um desafio diferente de tudo o que Houdini encontrara na Inglaterra. Como Houdini sabia, Edgar podia entrar em transe em qualquer local da escolha do condutor e não precisava que lhe dissessem o nome do sujeito antes que já estivesse em transe. Quando Houdini escreveu a sua famosa denúncia, *A Magician Among the Spirits*[84], afastou-se de

discutir médiuns que, como Cayce, *não* levitavam mesas, produziam ectoplasma, nem batucavam mensagens espirituais.

Há uma outra razão para crer que o encontro com Cayce teve impacto sobre o mágico. Por volta da época da demonstração do McAlpin, Houdini surpreendeu e confundiu seus amigos ao abandonar os planos de fazer uma versão cinematográfica do seu livro favorito, *O Conde de Monte Cristo*. Em vez disso, escreveu um roteiro original para um filme a ser chamado *The Man From Beyond*. As filmagens começaram na primavera de 1921, e o longa-metragem, estrelado pelo próprio Houdini, foi lançado no ano seguinte. Para um judeu praticante que supostamente não havia encontrado médium algum que não pudesse desmascarar, sua escolha de tema e apresentação levantou muitas perguntas curiosas. O filme abria, surpreendentemente, com uma imagem de uma página do Novo Testamento, destacando uma profecia do Livro de João: *"Não vos admireis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz."*

Em tom e em substância, tal citação poderia ter sido tirada diretamente de uma leitura de Cayce. A trama do filme desdobra-se em torno de Howard Hillary, um explorador do Ártico — interpretado por Houdini — cujo corpo foi descoberto dentro de uma parede de gelo ártico, onde havia estado congelado por um século inteiro. Hillary é descongelado e trazido de volta à vida. Ele se apaixona por uma mulher que acredita ser a reencarnação da sua amada há muito perdida, e precisa convencê-la de que estavam destinados a ficar juntos. Não há dúvida quanto à mensagem: misticismo cristão e a imortalidade da alma — assuntos que iriam ocupar Edgar Cayce pelo resto da sua vida.

Houdini acabou por desistir do negócio do cinema e, fora criar suas próprias ilusões, voltou ao que se tornaria a sua obsessão dominante nos últimos anos de vida: desmascarar médiuns fraudulentos. Mas, apesar de ter muitas oportunidades por meio da amizade com McDougal e outros, nunca voltou a investigar Cayce. E, apesar dos incontáveis médiuns que investigou e expôs publicamente, Houdini procurou, em várias ocasiões, entrar em contato com o mundo espiritual até à sua morte em 1926, inclusive no muito divulgado pacto que fez com a esposa, Bess, de tentar entrar em contato com ela depois de morrer. Embora haja muita controvérsia em torno da decifração do misterioso *"Código Houdini,"* foi ninguém menos que Arthur Ford[85] — simpatizante e amigo de Edgar Cayce e médium com tantos seguidores quanto os de Cayce em vida — quem conseguiu convencer Bess de que Harry, de fato, a havia contatado do *"outro lado."*

Por mais ou por menos que Edgar tivesse impressionado Houdini, ele impressionou potenciais investidores da Cayce Petroleum Company. Por algumas estimativas, Edgar Cayce deu mais de cem leituras enquanto esteve em Nova York. Nicodemus ajudou a levantar aproximadamente US$ 100.000,00 em notas promissórias, além de US$ 50.000,00 a mais em dinheiro de um grupo de investidores que incluía o tio de Edgar, Clint Cayce, o tio de Gertrude, Hiram Salter, o Dr. Al Layne, a família Butler de Selma, e os banqueiros de Cleburne J. T. McConnell e Joseph Long.

Embora a Cayce Petroleum tivesse, a essa altura, perdido seus arrendamentos em Luling, as leituras os dirigiram a um ponto

noventa milhas a noroeste, no condado de San Saba, onde *Big Rocky Pasture* se encontrava com *Little Rocky Pasture*[86]. A correspondência já não existe para explicar como a Cayce Petroleum obteve arrendamentos sobre essas terras, mas fica claro pelo contrato resultante, assinado em 18 de maio de 1921, que a Cayce Petroleum fez um acordo não muito diferente daquele que Kahn havia feito em Desdemona um ano e meio antes. A Cayce Petroleum entrava com o dinheiro, e William Barrow, financista texano que detinha os direitos minerais, tornava-se acionista majoritário e diretor da companhia Cayce. Juntos, iriam perfurar o primeiro poço da Cayce Petroleum, que daí em diante ficaria conhecido como *Rocky Pasture #1*.

---

81. Harry Houdini (1874-1926, n. Erik Weisz): escapista e ilusionista húngaro-americano. Filho do rabino Mayer Samuel Weisz, devotou os últimos anos à campanha contra médiuns fraudulentos. ↩
82. J. B. Rhine (1895-1980): fundador da parapsicologia experimental em Duke University; cunhou o termo *percepção extra-sensorial* (ESP) e desenvolveu os testes com as cartas Zener. ↩
83. Arthur Conan Doyle (1859-1930): criador de Sherlock Holmes, convertido ao espiritualismo após a morte do filho Kingsley (1918). Amigo de Houdini, com quem rompeu por discordarem sobre a autenticidade dos médiuns. ↩

84. *A Magician Among the Spirits* (1924): livro de Houdini relatando sistematicamente as fraudes dos médiuns investigados, com a colaboração não creditada de H. P. Lovecraft. ↩
85. Arthur Ford (1896-1971): médium espiritualista americano; em janeiro de 1929 alegou ter recebido em transe a mensagem-código (*Rosabelle — believe*) combinada entre Harry e Bess Houdini. ↩
86. *Big Rocky Pasture* / *Little Rocky Pasture* / *Rocky Pasture #1*: topônimos do condado de San Saba (Texas central) — *grande/pequeno pasto rochoso* —, designações da propriedade arrendada e do primeiro poço da Edgar Cayce Petroleum Company. ↩

22.
Rocky Pasture

A notícia do desejo de Edgar Cayce de voltar ao Texas na primavera de 1921 não foi calorosamente recebida em casa por várias razões. A receita do estúdio fotográfico, que havia coberto as despesas do lar durante sua longa ausência, estava agora em falta, pelo fato de que Leslie havia estrepado as costas e jazia encamado, deixando a J. B. Williams a maior parte das responsabilidades fotográficas — trabalho pelo qual era pago. Gertrude ajudava quando podia, sobretudo colorindo fotografias à mão, mas estava com as mãos cheias com Hugh Lynn, de catorze anos, e Edgar Evans, de três. Em cartas para casa, Edgar garantia a Gertrude que a receita que esperava receber da Cayce Petroleum atenderia a todas as necessidades da família e prometia enviar a ela US$ 100,00 por mês para despesas domésticas. Mas dólares por si sós não compensavam o fato de que Edgar só havia visitado a família duas vezes no último ano e meio, e nessas ocasiões havia ficado em casa mal o tempo de desfazer as malas. Por mais tensas que estivessem as relações matrimoniais de Edgar e Gertrude nesse ponto, e por mais tensas que viessem a estar no futuro, ela contudo não interferia nas atividades do marido e o apoiava incondicionalmente.

Numa curiosa inversão de papéis da experiência anterior em Desdemona, era agora Edgar Cayce, e não Dave Kahn, quem tomava as decisões no novo empreendimento petrolífero. Kahn

visitou Cleburne com Edgar em maio de 1921, onde participaram de uma reunião do conselho de administração, mas com o tempo o papel de Kahn na companhia foi grandemente diminuído. Naquele mesmo ano ele deixou a companhia como *trustee* e secretário. Joseph Long tornou-se vice-presidente, e J. T. McConnell foi nomeado secretário e tesoureiro. A razão, talvez, tinha menos a ver com um desejo, da parte de Kahn, de reassumir funções que antes havia ocupado, e mais com o fato de que Nicodemus e outros instrumentais nos esforços de captação da companhia buscavam ativamente manter o espírito de *"cooperação e boa vontade"* que acreditavam ser necessário para que a Fonte guiasse adequadamente a sociedade durante as operações de perfuração em Rocky Pasture. Kahn era um time de um homem só — bom em dar ordens e bom em receber ordens — mas incapaz ou sem disposição para endereçar os interesses coletivos de todos os envolvidos. Como se havia provado em Desdemona, os sócios iam ter de trabalhar e atuar em conjunto, em harmonia mútua. Nicodemus assumiu o papel anterior de Kahn como condutor das leituras, e Fay Autry, filha adolescente de um acionista da Cayce Petroleum, tornou-se sua estenógrafa e secretária.

O perfurador posto no comando da operação de Rocky Pasture foi Riley Hurst. Vinha altamente recomendado como petroleiro e já havia estabelecido relações com Barrow e com os proprietários de terras de San Saba. Junto com Martin Sanders, Hurst pôs-se a comprar equipamento de perfuração rotativa e estabeleceu uma base de operações num anexo que pertencia a um pecuarista local, Charles Moore. Tanto Charles como sua mãe, Julia, a quem

Edgar afetuosamente chamava de Vovó Moore, moravam na propriedade, partilhavam refeições com a equipe da Cayce Petroleum e estabeleceram uma amizade com Edgar que ia muito além do interesse em descobrir petróleo.

Os trabalhos preliminares começaram em Rocky Pasture em março de 1921, embora não tivessem conseguido levantar o financiamento para iniciar a perfuração até dois meses depois, quando os acordos formais foram assinados. As leituras sobre essa propriedade foram extensas tanto no número de perguntas feitas, na orientação e no conselho oferecidos, como nas descrições detalhadas das várias formações geológicas rochosas que encontrariam à medida que perfurassem. Quando Edgar chegou em fins de abril, o local exato já havia sido escolhido e boa parte do equipamento já estava no sítio ou em vias de chegar por trem. Edgar ficou satisfeito tanto com o local quanto com os homens que Hurst havia reunido. Não muito depois da chegada de Edgar, o *derrick* foi erguido. O próprio Edgar ajudou a cavar as fossas e os diques de contenção em que se guardaria o petróleo caso atingissem um gêiser. Também assentou encanamentos de água, projeto tornado mais fácil pelo fato de que o poço estava convenientemente situado entre dois rios.

Edgar muito se agradou do tempo que passou na fazenda Moore e na propriedade adjacente. Além de ser uma área rica em prospecção de petróleo, a terra oferecia toda a natureza bruta e o maravilhamento que ele havia passado a apreciar no Texas. A vida primitiva ao ar livre nas planícies, livre dos bares e bordéis das cidades de *boom*, propiciava a Edgar uma fuga dos problemas e dos antagonismos que ele acreditava haver minado o trabalho

em Desdemona. Sua atividade favorita, quando não estava ocupado na construção da sonda ou lendo a Bíblia, era comer o *chicken-fried steak* e a torta de batata da Vovó Moore, e pescar *black bass* num grande lago próximo.

Segundo as leituras, a primeira aparição de petróleo seria num poço d'água que alcançariam a aproximadamente 1.000 pés. Uma quantidade maior de petróleo seria atingida aos 2.600 pés. As leituras diziam ainda que o poço produziria 5.000 barris por dia, totalizando 40.000 barris nos primeiros oito dias. Antes mesmo de terem perfurado seus primeiros 250 pés, contudo, começaram a surgir problemas. As amostragens do furo que iam sendo retiradas não correspondiam às descrições geológicas dadas nas leituras. Edgar começou a questionar a si mesmo e aos próprios poderes psíquicos, pensando talvez ter-se esgotado fazendo leituras sobre petróleo. De outro modo, um ou mais dos perfuradores não estariam seguindo as indicações com precisão, ou não eram de confiança. Podiam estar perfurando numa profundidade e reportando outra.

Mas a perfuração continuou e, como previsto, a aproximadamente 1.000 pés a equipe de Cayce alcançou uma poça d'água que continha traços de petróleo. Antes que pudessem escavar mais fundo, contudo, a equipe foi acometida de mais problemas. Um conjunto de ferramentas desapareceu do sítio de perfuração. Mal havia sido substituído, o segundo conjunto foi roubado. Se tivesse sido em Desdemona, onde estavam rodeados de concorrentes, teria sido fácil apontar o dedo para gente de fora. Mas ali, onde estavam sozinhos nas vastas planícies do Texas central, suspeitava-se que o culpado estivesse

entre eles. Mais tarde naquele mesmo mês, um dos seus próprios homens foi flagrado a jogar uma lápide dentro do furo de perfuração.

Devido aos atrasos inesperados com a substituição ou a modificação de equipamento, e devido a uma urgente necessidade de mais caixa, Edgar voltou à estrada. No fim de maio e início de junho de 1921 viajou com Gordon Nicodemus, Fay Autry, Alf Butler e o Major Wilson numa excursão-relâmpago a Fort Worth, Atlanta, Denver, Little Rock e, então, Nova York. Ao longo da viagem Edgar esperava um telegrama de Riley Hurst lá do Texas, indicando que os problemas haviam sido resolvidos e que o poço havia *"vindo"*. Mas o poço não veio, e não havia sinal imediato de que viria. Em 19 de junho a perfuração havia alcançado 1.626 pés. Nos três meses seguintes, conseguiram perfurar apenas outros vinte e quatro pés, devido a problemas financeiros imprevistos. Os sócios novaiorquinos da Cayce Petroleum estavam relutantes em honrar suas notas promissórias sem prova positiva de petróleo de um geólogo. Incapaz de fornecer a prova, a Cayce Petroleum teve de vender mais cinquenta mil ações a preço reduzido para continuar perfurando.

No seu retorno a Rocky Pasture em dezembro, Edgar recebeu seu primeiro sinal de esperança de que os problemas estavam para trás. Hurst anunciou que haviam alcançado as areias petrolíferas. Como indicado nas leituras, uma mistura de água e petróleo jorrou por sobre o *derrick*, chovendo sobre eles. Todos acreditaram estar a poucos pés de fazer um achado significativo. Mas naquela noite, antes mesmo que as roupas dos homens tivessem secado, um dos membros da equipe soltou uma luva de conexão,

enviando o terceiro conjunto de ferramentas para o fundo do poço. Mais um mês se passaria antes que se pudesse retomar a perfuração. No começo de março de 1922, Edgar havia se convencido de que Hurst ou alguns membros da sua equipe não queriam que o petróleo fosse encontrado.

Aflita pelas cartas infrequentes de Edgar para casa e pelas longas demoras no Texas, Gertrude mandou Thomas House a Rocky Pasture para investigar. Suas preocupações só haviam crescido desde a partida de Edgar. Não vinha recebendo os US$ 100,00 por mês que lhe haviam sido prometidos para as despesas da casa, e até aquela data havia recebido apenas US$ 360,00 em parcelas esporádicas, em cheques de US$ 30,00 a US$ 75,00. Agora, havia parado de receber qualquer dinheiro. A administração do estúdio fotográfico pelo *squire* também era menos lucrativa do que se esperava. Talvez em consequência dos seus problemas nas costas, ou de seus problemas contínuos associados à doença venérea, Leslie raramente deixava a cama. Sua habilidade em administrar o negócio nunca se havia revelado grande coisa, de qualquer modo, e J. B. Williams teve agora de assumir todas as funções de Leslie no estúdio. Gertrude também tinha de lidar com rumores desagradáveis na igreja e no seu pequeno círculo de amigos. O fato de que Edgar estava longe de sua casa e família havia mais de dois anos naturalmente tinha levado a especulações em Hopkinsville de que Edgar tolamente havia abandonado um estúdio fotográfico lucrativo e estabelecido em busca de uma aventura quixotesca nos ermos do oeste do Texas. Um segundo tipo de rumor, potencialmente mais danoso, também pode já ter

começado: a verdadeira razão pela qual Edgar não voltava para casa é que havia outra mulher na vida de Edgar — Fay Autry.
Fay Autry era de fato outra mulher na vida de Edgar, mas é altamente improvável que ela representasse uma ameaça aos afetos de Edgar por Gertrude como Margaret em Louisville havia representado. Nascida e criada em Meridian, Texas, Autry tinha dezoito anos quando a Cayce Petroleum a contratou para se tornar a estenógrafa da companhia. Embora fosse hábil como secretária, era mais lembrada por aqueles que a conheciam como uma mulher do ar livre, e dizia-se ser mais à vontade laçando gado e cavalgando pela campina do que tomando ditados. Durante os mais de três anos trabalhando com a Cayce Petroleum, registrou mais de duzentas leituras e viajou mais de mil milhas de sua casa em Meridian até Birmingham, no Alabama.
Há poucas evidências que sugiram que a relação de Edgar com Autry tenha sido algo além de profissional. A razão pela qual ela o acompanhava em viagens de negócios não era mistério — todos os que trabalhavam com Edgar conheciam o desafio de achar uma estenógrafa capaz de se encaixar de um momento para o outro para registrar as estranhas expressões do homem em transe. Os arquivos Cayce estão cheios de casos de secretárias que saíram voando das suas cadeiras assim que uma leitura começava, ou que ficaram tão atordoadas com o que presenciavam que não conseguiam concentrar-se na tarefa. Autry não apenas fazia seu trabalho sob condições que teriam posto à prova os melhores estenógrafos, mas produziu transcrições que resistiram a intenso escrutínio.

Edgar Cayce nunca estava, tampouco, a sós com Autry. No Texas, e mais tarde em Birmingham, eram acompanhados por Alf Butler, devoto aluno de Bíblia de Edgar, e pelo Major Wilson, que considerava Edgar um modelo de integridade. O tio de Edgar, Clint Cayce — outro investidor nos empreendimentos petrolíferos — passava semanas a fio com Edgar e Autry, assim como o Dr. Thomas House, que invariavelmente tinha em mente os melhores interesses de Gertrude. Nenhuma dessas pessoas jamais insinuou que Edgar fosse algo que não circunspecto nas suas relações com outras mulheres.

Contudo, um rumor de fato começou, junto a referências veladas de uma amiga da família, Lillian Hale, a um não revelado *"fardo"* que Gertrude tinha de carregar durante o seu casamento, tudo o que provavelmente contribuiu para a decisão de Gertrude de pedir a Thomas House que visitasse o Texas. Como Hugh Lynn antes dele, House gostou muito da sua estada de duas semanas. Mas sobreveio transtorno perto do fim da visita, quando foi ferido num acidente na sonda de perfuração. House, que aparentemente não estava ciente dos perigos de trabalhar em sondas petrolíferas, achava-se de pé junto à plataforma de perfuração, acendendo o cachimbo. A faísca do palito de fósforo inflamou o gás natural que escapava do furo de perfuração, criando uma bola de fogo gigantesca de gás ardente. A explosão lançou House, juntamente com os outros homens, direto para fora da plataforma. Além de queimaduras no pescoço e no rosto, House perdeu o vistoso bigode em guidão do qual havia tanto orgulho.

Foi talvez por causa desse acidente que Edgar voltou ao Alabama no verão de 1922. Os detalhes das atividades de Edgar são

imprecisos, mas fica claro que acompanhou House até Hopkinsville antes de partir sozinho para Selma. Tudo o que se sabe com certeza é que Gertrude, os meninos e Thomas House estavam em Hopkinsville, no Kentucky, naquele verão, onde permaneceriam pelo próximo ano, enquanto Edgar passou os últimos dias de junho, todo o mês de julho e parte de agosto em Selma antes de voltar para Rocky Pasture com Alf Butler.

Nenhuma explicação para a separação da família foi dada. Embora seja inteiramente possível que tivesse algo a ver com Fay Autry, é muito mais provável que Edgar estivesse preocupado em tentar salvar a Cayce Art Company da ruína financeira — Gertrude ela mesma citou dificuldade financeira como a razão pela qual ela e os meninos permaneciam em Hopkinsville, onde Hugh Lynn completaria o seu segundo ano do secundário. Edgar também pode ter estado com as mãos cheias nas consequências de um incêndio de origem não revelada que destruiu o estúdio de Selma por volta dessa época. Edgar aparentemente salvou os equipamentos, mas perdeu muita propriedade e pertences pessoais, incluindo a louça da família, que um assistente fotográfico bem-intencionado mas irrefletido havia jogado pela janela. O incêndio bem pode explicar a ausência da família de Selma, não apenas naquele verão, mas pelo ano seguinte inteiro.

Apesar da curta e ao cabo infeliz visita de Thomas House ao Texas, ele ficou o bastante para descrever o que havia visto a Gertrude. Nenhuma menção de Autry é feita no seu relato, mas anotou, sim, que os problemas que a Cayce Petroleum vinha tendo para encontrar petróleo pareciam vir de membros da equipe de Edgar que aparentavam ter conspirado com gente de

fora para fazer que o poço não *viesse* até que os arrendamentos da companhia tivessem expirado.

Apesar do fato de que o próprio Edgar estava operando a sua própria companhia e presumivelmente havia contratado pessoas de quem as leituras diziam que podia confiar, parecia que o que estava acontecendo em Rocky Pasture era uma mera repetição da experiência em Desdemona. O simples fato de que Edgar já havia ganhado reputação de saber onde encontrar petróleo aumentava grandemente as chances de que outras companhias não apenas estivessem cientes da sua decisão de perfurar em Rocky Pasture, mas tivessem enviado espiões para monitorar o progresso. No verão de 1922, outra companhia havia começado a perfurar num lote de terra adjacente e havia, de fato, afundado um poço que tecnicamente estava em propriedade da Cayce Petroleum. Há também evidência a sugerir que Riley Hurst estava preocupado com o fato de que leituras conduzidas durante as viagens de Edgar a Nova York estavam sendo abertas e lidas antes que Hurst as recebesse. A preocupação de que os concorrentes espionassem a operação pode ter sido a razão pela qual a Cayce Petroleum mais tarde se reorganizou e pôs suas posses em empresas como a *Big Five Petroleum* e a *Miami Land Development Company*, cujos nomes ocultavam o fato da participação de Edgar nelas.

O próprio Cayce — em transe — estava invulgarmente silencioso sobre o assunto. Leituras urgiam a sociedade a *"agir em acordo,"* mas não nomeavam as pessoas que os estavam impedindo de alcançar seus objetivos. A razão do fracasso, segundo as leituras, era a falta de um ideal comum, assunto discutido longamente por Curtis Willmott, pecuarista e petroleiro de Oklahoma que mais

tarde traria sua própria equipe e equipamento para perfurar em Rocky Pasture.

Em cartas a Edgar, fica claro que Willmott, talvez mais do que ninguém ligado aos empreendimentos petrolíferos de Cayce, entendia que um *"acordo"* espiritual entre os participantes era necessário para que o êxito fosse realizado no plano material. *"Todas as mãos,"* disse ele a Edgar, *"têm de estar puxando juntas em direção a um propósito comum."* Ademais, seu propósito comum não podia ser o desejo de riquezas, mas sim o *"propósito de Deus,"* ou o *"Primeiro Propósito."*[87] Como o próprio Edgar mais tarde reconheceu: *"Há leis cósmicas ou… [Divinas], tal como temos uma lei penal. [Os caçadores de tesouros devem abandonar a ideia de encontrar grandes riquezas até que] cada um tenha chegado à consciência de fazer-se reto com as Forças Criadoras"* — preceito repetido muitas vezes mais nas leituras nos anos vindouros. *"No momento em que o lado "material" da vida toma o lugar do espiritual,"* admoestava a mesma fonte, *"as condições se invertem materialmente,"* e os buscadores perderão, e literalmente se tornarão inimigos uns dos outros.

Edgar talvez entendesse esse princípio no abstrato, mas Willmott acreditava nele em sentido literal. Willmott nunca duvidou de que o petróleo seria encontrado exatamente onde Cayce havia dito que estaria, mas estava convencido de que não podia ser trazido à superfície sem a bênção de Deus sobre o empreendimento conjunto. Falhar em comprometer-se com o *"Primeiro Propósito,"* acreditava, criava impedimentos materiais tão reais quanto uma corrente de arrasto ou uma lápide bloqueando o furo de perfuração.

Três anos se passariam antes que Edgar Cayce explorasse esse assunto em maior profundidade, e outra década se escoaria antes que o próprio Edgar entendesse que ainda não havia começado a apreender a mensagem maior que vinha pelas leituras: que certas leis cósmicas ou Divinas não só influenciavam a saúde física do homem, mas também a sua capacidade de obter bênçãos materiais. Por mais que Edgar acreditasse haver alcançado o devido *"acordo"* descrito nas leituras, a verdade era autoevidente. Dave Kahn, que ainda influenciava fortemente o processo decisório de Edgar, nunca parou de tramar esquemas de enriquecimento rápido. E o próprio Edgar confessava que a busca deles por petróleo em Rocky Pasture havia se tornado uma *"obsessão"* para além do seu desejo de construir um hospital. Por isso, talvez, Kahn havia sido originalmente instado a obter arrendamentos de noventa e nove anos[^nt16]: podia levar todo esse tempo para que os sócios de fato alcançassem o *"acordo"* necessário para seu êxito.

Ao fim do verão de 1922, os arrendamentos de San Saba expiraram, e o *Rocky Pasture #1*, tendo, como Edgar disse, *"sido habilmente sabotado uma dúzia de vezes,"* não havia *"vindo"*. Os fundos da companhia se esgotaram, e o projeto de Rocky Pasture teve de ser abandonado.

"O petróleo estava ali," Edgar mais tarde confessou em carta a um amigo de confiança. *"Eu é que não fui à altura de lidar com os homens que estavam associados a ele."*

---

87. *Primeiro Propósito* (*First Purpose*): doutrina cayceana emergente em 1921-1922 — todo empreendimento humano (inclusive comercial) deve alinhar-se ao propósito divino. Tornar-se-á tema central nas *leituras de vida* a partir de 1923. ↩

23.
Birmingham
e Dayton

Antes da sua partida de Rocky Pasture, Edgar Cayce recebeu uma carta de Frank Mohr, o dono de minas que havia começado a construir um hospital em Nortonville, Kentucky, quando Edgar estava em sociedade com Ketchum. Na década que havia transcorrido desde a última vez que Edgar teve notícias dele, Mohr havia ficado lentamente cego, exatamente como as leituras de Cayce tinham predito. Médicos insistiam que Mohr se submetesse a uma operação para remover ambos os olhos como forma de salvar-lhe a vida. Ele então se havia lembrado da leitura de Edgar, que dizia que, se ficasse cego, teria de submeter-se a tratamentos de hidroterapia para reverter o dano. Tendo em tempos duvidado do conteúdo da leitura, Mohr empreendeu os tratamentos recomendados com afinco. Numa carta em junho relatou a Edgar haver se submetido a várias centenas de tratamentos e ter a visão completamente restaurada. Elogiou e agradeceu a Edgar pela leitura e, mais importante, exprimiu renovado desejo de construir o hospital.

Entusiasmado e encorajado pelas notícias, Edgar convidou Mohr a ir ao Texas no fim do verão de 1922. Passaram vários dias em Rocky Pasture antes que Edgar o acompanhasse até sua casa em Columbus. Embora Edgar estivesse tão ansioso por construir um

hospital quanto Mohr, havia um grande obstáculo: Mohr havia perdido a fortuna. Durante sua longa doença, teve de abrir mão de praticamente todas as suas extensas posses minerais e vender seus bens para sustentar a família e pagar contas médicas. Queria ajudar Edgar a começar, mas a única assistência que podia oferecer eram trinta e cinco anos de experiência empresarial, não dinheiro.

Pouco tempo depois de chegar a Columbus, Edgar recebeu um telegrama de Dave Kahn, que estava em Denver, no Colorado. Nos meses que haviam transcorrido desde que Kahn deixou a Cayce Petroleum, ele havia ido a Denver trabalhar para um advogado proeminente, B. D. Townsend, que também estava envolvido no negócio do petróleo. Por meio de Townsend, Kahn conheceu alguns dos cidadãos mais influentes de Denver, inclusive Frederick Gilmer Bonfils, dono e editor do *Denver Post*. Bonfils, tendo ouvido tudo sobre Edgar da boca de Kahn, queria assistir a uma leitura e concordou em pagar as despesas de viagem de Edgar. Edgar e Mohr fizeram as malas outra vez e embarcaram no trem para Denver.

A primeira leitura que Edgar deu foi para o próprio Bonfils e foi conduzida num sofá em seu escritório particular. Bonfils ficou muito agitado com o que ouviu. À medida que Cayce, em transe, percorria o seu corpo, descrevendo a condição de cada parte, Bonfils colocava a mão sobre aquela região. Quando a leitura terminou, Bonfils exclamou: *"Essa é a coisa mais fina que já vi na vida!"*

Cayce então deu outra leitura, dessa vez num quarto de hotel. Bonfils havia reunido uma equipe de médicos que haviam

selecionado um paciente a ser submetido a diagnóstico físico. Bonfils e os outros ficaram estupefatos com a minúcia e a precisão do conhecimento médico de Cayce, e Bonfils imediatamente ofereceu-se para contratar Cayce a fim de dar leituras, por uma quantia declarada de US$ 1.000,00 por dia. Townsend seria conselheiro-geral, Kahn o gerente-geral, e Bonfils dirigiria a operação.

Havia vários *"senões,"* contudo, no acordo. Bonfils ficaria encarregado da publicidade, e Edgar Cayce teria de adotar uma nova *"persona,"* que exigiria que se vestisse num traje de seda branca com um turbante. Seria levado de carro por Denver numa limusine Cadillac ou Packard especialmente feita, com as cortinas corridas, e teria lacaios ao seu serviço. Bonfils marcaria dois compromissos por dia, um dos quais seria reservado exclusivamente para ele. Durante as leituras, o rosto de Cayce ficaria oculto atrás de um véu. Em todos os momentos, estaria acompanhado de guarda-costas e jamais poderia ser visto sozinho.

Edgar ficou indignado. *"Só há [uma] coisa que eu lhe posso dizer,"* disse. *"Eu não sou um showman… [nem vou] ser retratado como tal. E não vou usar turbante algum, porque não sou o que o turbante diz que é… Sou um caipira dos morros [do] Kentucky. Posso dar-lhe uma leitura como a que viu hoje, e é assim que tem de se manter."*

Apesar da falha em chegar a um acordo, o editor fez com que ele conduzisse várias leituras para membros da família, que se provaram bem-sucedidas. Mas, por mais satisfeito que o editor estivesse com o resultado, ou não sentiu que era necessário pagar pelas leituras, ou Edgar não aceitou o seu dinheiro. Edgar e Mohr

ficaram à deriva em Denver. Para agravar o que havia agora se tornado uma situação financeira desesperadora, Leslie chegou inesperadamente do Alabama, de trem. Também ele estava quebrado, mas havia arranhado o dinheiro para vir a Denver quando entendeu mal um telegrama que Edgar lhe enviara, pedindo que Leslie lhes mandasse dinheiro para passagens de trem de volta a Selma.

Justamente quando a comitiva Cayce parecia estar em situação desesperada, um telegrama chegou para Edgar da secretária de um clube de mulheres em Birmingham, Alabama, que queria saber quanto Edgar cobraria para proferir uma palestra. Edgar respondeu imediatamente e, arriscando a má opinião que pudessem ter dele, indicou o preço como sendo três passagens de trem, duas de Denver a Birmingham, para Edgar e Frank Mohr, e uma de volta a Selma, para Leslie. Edgar ficou tanto surpreso como satisfeito com o convite, pois até aquele momento nunca havia sido convidado a dar uma palestra pública remunerada.

Edgar e Mohr chegaram a Birmingham na tarde fresca de outono de 13 de setembro de 1922. Tendo passado algumas semanas naquela cidade dois anos antes com Dave Kahn, Edgar já havia desenvolvido uma reputação. E agora, com Frank Mohr disponível para conduzir leituras e ajudar a divulgar a obra, o médico Percy Woodall para consultar sobre tratamentos, e o taquígrafo forense William K. Schanz para coordenar estenógrafas, Edgar estava mais preparado do que nunca para achar pessoas que pagassem pelas suas sessões de transe. Embora esperasse ficar apenas alguns dias, a demanda pelas suas leituras e palestras foi tanta que ele contratou Fay Autry para juntar-se a

eles como sua secretária e estenógrafa. Ela chegou em novembro, e, em janeiro, Edgar ainda estava dando leituras. O velho amigo de Edgar de Selma, Alf Butler, que havia entrado para a Cayce Petroleum em maio de 1921 e agora morava em Birmingham, ocasionalmente sentava-se nas leituras ou conduzia as leituras ele mesmo.

O êxito das palestras de Edgar e das leituras subsequentes em Birmingham foi sem precedentes. Durante seus quatro meses vivendo no décimo andar do Tutweiler Hotel, Edgar deu 240 leituras documentadas — mais leituras por mês do que jamais havia dado antes. Pela primeira vez na sua vida, a única renda de Edgar vinha de dar leituras e de falar sobre elas.

A primeira leitura que deu foi para um menino de dois anos de Dayton chamado William Darling, que estava morrendo de câncer. William havia ido com os pais a Denver quando adoeceu, e havia sido diagnosticado com linfossarcoma. Os médicos não lhes deram nenhuma esperança. Foi no trem de volta para casa, via Chicago, que encontraram Dave Kahn, que lhes falou das leituras de Edgar. A mãe e a criança continuaram para casa, em Dayton, enquanto o pai, acompanhado por Kahn, seguia para Birmingham ao encontro de Edgar. A leitura subsequente afirmou que a causa do câncer do menino era uma combinação de fatores, que incluíam o modo como o cordão umbilical havia cicatrizado logo após o nascimento da criança: um potente fármaco usado para dilatar o útero da mãe durante o parto havia ficado retido no organismo da criança. Entre outros tratamentos, Cayce recomendou injeções de atropina, que se mostraram altamente eficazes. A criança imediatamente começou a se recuperar.

Outras leituras em Birmingham foram conduzidas para um homem que veio a Edgar com severa cárie dentária, uma jovem com um quadro sanguíneo, um homem de negócios que havia sofrido um colapso nervoso, e uma senhora com artrite. Num caso particularmente dramático, Edgar foi solicitado a fazer uma leitura de emergência para um dos pacientes de Woodall que sofria de uma trompa de Eustáquio bloqueada. Cayce recomendou um procedimento notável e altamente eficaz a que chamou de *"cirurgia com os dedos,"* que consistia em o médico usar os próprios dedos para alcançar o interior da boca do paciente e manipular a trompa de Eustáquio através das membranas moles que a separam da cavidade bucal. Leituras dramáticas como estas foram, em não pequena parte, a razão pela qual as pessoas faziam fila no Tutweiler Hotel para ver Edgar. Como Schanz mais tarde descreveu: *"Na maioria dessas leituras a sala… estava cheia de espectadores, e em quase todas elas havia de um a três médicos."*

Um incidente particularmente engraçado ocorreu quando Frank Mohr, Alf Butler e Edgar estavam assistindo a um espetáculo de mágica. Um estranho sentado ao lado deles perguntou a Edgar se sabia como o mágico era capaz de executar um certo truque. *"Não, não sei,"* respondeu Edgar. O estranho, sem se dar conta de que estava falando com o próprio Edgar Cayce, então disse: *"Há um monte de coisas que não entendemos — mas creio saber como aquele sujeito, [o Cayce] lá no Tutweiler, faz os truques dele."* Alf Butler perguntou ao estranho como pensava que Cayce o fazia. Ele respondeu: *"[Cayce] marca seus compromissos com muita antecedência e tem alguém que descobre tudo sobre os pacientes. É um sujeito bastante esperto, pelo que ouvi, e aí ele só lhes diz tudo de volta."* Foi

nesse ponto que Alf Butler e os outros se apresentaram e convidaram o estranho a assistir a uma leitura no Tutweiler. Ele mais tarde se tornou um dos maiores apoiadores de Edgar em Birmingham e, nos anos 1930, formou um grupo de estudos dedicado às leituras.

O povo de Birmingham parecia não conseguir se fartar. Edgar até passou no teste de um advogado enviado pelas autoridades para espioná-lo. O advogado teve uma leitura feita para si e para a esposa e concluiu que não havia nenhum *"hocus-pocus"* acontecendo. Mais ainda, os apoiadores entusiasmados de Cayce prometeram mais de US$ 50.000,00 para construir um hospital que manteria Edgar na cidade deles pelo resto da sua carreira. Em janeiro de 1923, já se faziam planos para que Gertrude e os meninos se mudassem para Birmingham.

Antes que Gertrude pudesse vir de Hopkinsville, contudo, surgiram dois problemas. O primeiro foi relativamente menor e decorreu do fato de que as autoridades municipais pediam a Edgar que obtivesse uma licença médica. Uma comissão de médicos superou esse obstáculo com sucesso alegando que Cayce não precisava de licença médica porque não praticava medicina — apenas dava conselhos. O segundo problema foi consideravelmente mais difícil de conciliar, resultado de uma leitura que Cayce deu para determinar o sítio apropriado em que construir o hospital. A leitura declarou categoricamente que Birmingham não era o local para se construir o hospital, porque era comercial demais. Tampouco preenchia uma exigência previamente declarada numa leitura: a Fonte indicava que Edgar Cayce tinha de conduzir suas leituras em transe em proximidade

estreita de uma grande extensão de água. O próprio Edgar — em um ou outro grau — já estava ciente disso, mas ainda não havia dado muita atenção ao *"ambiente"* em que dava as leituras. Agora, em Birmingham, foi forçado a confrontar a questão diretamente.

As leituras outra vez sugeriam que uma pequena cidade chamada Virginia Beach, na costa da Virgínia, era o melhor local para Edgar Cayce conduzir suas leituras em transe. Isso não veio de todo como surpresa para Edgar, pois esse local havia sido sugerido em leituras anteriores — hoje perdidas — que haviam sido conduzidas em Anniston, Alabama, em 1910, e então em Hopkinsville, em 1911. As leituras anteriores tinham causado impacto suficiente para que Lynn Evans — que, por causa do seu emprego na Louisville and Nashville Railroad, podia viajar livremente de trem — houvesse visitado Norfolk e a vizinha Virginia Beach. Lynn foi mais tarde seguido por Hiram Salter, tio de Gertrude, que passou férias em Virginia Beach em 1915. Eles reportaram que, embora Virginia Beach atendesse à exigência de estar perto de uma grande extensão de água, não passava de uma sonolenta vila de pescadores, certamente não lugar para construir um hospital dedicado às artes curativas de um psíquico. O impacto que a nova leitura teve sobre o grupo de apoio não foi inesperado. O juiz Robert Benson Evins e os outros apoiadores influentes que haviam prometido financiamento mostraram-se compreensivos com o dilema de Edgar, mas sem disposição de levantar dinheiro para uma instituição que estaria a centenas de milhas de distância.

Em cartas para casa, Edgar lamentava o que considerava mais um fracasso em Birmingham. Mas, embora ainda não tivesse

levantado dinheiro algum para construir um hospital, seu sonho estava muito vivo. Continuava desesperado pelo petróleo *"vir"*, se é que alguma vez viria, para financiar o sonho, mas entrementes decidiu que teria de continuar a ampliar o escopo dos seus empreendimentos. Determinado a agir em acordo com as leituras, Edgar e Frank Mohr deixaram Birmingham para dar mais leituras e palestras, e para vender ações adicionais da Cayce Petroleum. No fim de janeiro, Edgar rumou para Atlanta, onde uma tempestade de neve praticamente paralisou a cidade. Exausto e sem saber o que fazer em seguida, Edgar decidiu tirar um longo e muito necessário descanso, indo primeiro a Selma e, em seguida, passando por Hopkinsville antes de partir para mais uma busca de financiamento para seus empreendimentos petrolíferos.

Não há registro do que se passou quando Edgar finalmente conseguiu ver a esposa e os filhos em *The Hill*. Sem dúvida Gertrude tentou convencê-lo a ficar em Selma e, no mínimo, a dedicar-se ao estúdio fotográfico, além de dar leituras sobre seus empreendimentos petrolíferos. Como Hugh Lynn relatou, as relações entre seus pais estavam tensas. Durante seus vinte e nove anos juntos, haviam superado muitos desafios, e Gertrude havia feito mais do que a sua parte de concessões. Em sua mente, Edgar estava se comportando como um caixeiro-viajante ou, no mínimo, vivendo a vida de um. Mas Edgar, obstinado e ainda convicto de que estava no *"caminho das riquezas,"* não se desviou do curso presente. Se alguma coisa, seus quatro meses em Birmingham o haviam convencido de que Deus pretendia que ele desse leituras

em tempo integral. Qualquer outro tipo de trabalho, quer fosse fotografia ou não, teria de ficar em segundo plano.

Em meados de março, Edgar estava de volta à estrada, primeiro a Cleburne e depois a Meridian, no Texas, onde se hospedou com J. T. McConnell, o secretário-tesoureiro da Cayce Petroleum. Ele e McConnell estavam agora em negociações com William K. Rice, conhecido simplesmente como *"Tex Rice,"* a quem Edgar descreveu como *"um vendedor de alta pressão."* Rice havia recebido uma leitura física no dezembro anterior em Birmingham, e em discussões subsequentes descobriu que Edgar ainda controlava arrendamentos sobre vinte e cinco mil acres de terra onde as leituras afirmavam que se encontraria petróleo. Tinha interesse em *"lançar uma proposta petrolífera"* no Texas pela sua própria *Penn-Tenn Company* e queria incluir os arrendamentos da Cayce Petroleum na sua proposta. Em troca de dinheiro e ações da Penn-Tenn Company, Edgar transferiu suas posses da Cayce Petroleum para a Penn-Tenn. Dave Kahn também investiu, como fez seu empregador, B. D. Townsend.

Por ora, a função de Tex Rice era buscar investidores. Kahn tocaria o *"escritório central,"* e Cayce recrutaria investidores e daria leituras sobre campos de petróleo específicos quando fosse a hora. A série de leituras conduzidas para a Penn-Tenn revelam algumas maneiras curiosas pelas quais a Fonte comunicava informação por meio de Cayce. Numa leitura a Fonte disse: *"Quanto aos negócios e às forças físicas de Dave Kahn, bem, ele está bem alto lá nas alturas no presente. Será melhor para ele, contudo, quando pousar [de volta]. Terá melhor juízo ao lidar com os assuntos."* E quando Kahn, ambicioso como sempre, perguntou se devia tentar

também conduzir outro ramo de negócios, Cayce — em transe — respondeu: *"E meter-se em encrenca. Se quiser, deixem-no tentar. Não pode servir a dois senhores!"*[88] Outra leitura revelou quanto o enfoque da Fonte sobre os negócios era compatível com o bom senso comercial. Kahn queria saber se deveriam lançar uma campanha de jornal na tentativa de encontrar mais investidores. Cayce — em transe — respondeu: *"Ainda não. As operações efetivas têm de estar funcionando antes que operações de jornal atinjam alguma condição digna do gasto."*

A resposta de Cayce numa leitura subsequente também demonstrou de forma graciosa não apenas o seu senso de humor e a sua consciência de temas contemporâneos, mas também a necessidade de o condutor ser muito específico no modo de falar com a Fonte. Depois de perguntar várias outras coisas sobre os assuntos da Penn-Tenn Company, Kahn perguntou o que a companhia poderia vender por correspondência que desse retornos substanciais. Cayce — em transe — respondeu: *"Alambiques [para fazer bebida] seriam a melhor coisa."*

Esta não foi a única vez em que as leituras em transe de Cayce trataram do tema do álcool. A Fonte também tinha algo a dizer sobre a Lei Seca[89], que, a essa altura, estava em vigor havia três anos. Embora a Fonte geralmente recomendasse moderação em todas as coisas e visse o alcoolismo como perigoso à saúde, não via a Lei Seca como solução. Quando perguntada se a Lei Seca impediria as pessoas de beber, a resposta veio: *"Ninguém jamais pode legislar bondade no coração ou na alma de quem quer que seja… [A Lei Seca] já se perdeu na América, e só aguarda a decisão daqueles a*

respeito de se… [os americanos]… [serão] cumpridores ou… transgressores da lei."

Embora a taxa com que Edgar Cayce dava leituras tivesse caído consideravelmente em relação ao que fizera em Birmingham, houve muitas sessões de transe notáveis em Meridian para além daquelas conduzidas para a Penn-Tenn, incluindo uma para a sogra de McConnell, uma enfermeira aposentada de setenta e um anos que vivia queixando-se de frio. Em transe, Cayce recomendou-lhe usar um dispositivo não muito diferente daqueles que Cayce havia recomendado aos pacientes de Ketchum. Foi dito à sogra de McConnell como montar o aparelho usando fios de cobre presos a varetas de aço imersas em água gelada, que ela deveria prender aos tornozelos e pulsos por uma ou duas horas de cada vez, sempre que sentisse frio. Com base nas especificações das leituras, ela foi em frente e fez o primeiro protótipo. A sogra de McConnell tornou-se uma convertida a Cayce depois de seu primeiro tratamento com o dispositivo, e, segundo se conta, chegou uma vez a ficar tão *"quente"* usando-o que saltou da cama e rapidamente tentou se desconectar. Seu filho, médico, disse-lhe: *"Isso é pura imaginação,"* ao que ela respondeu: *"Então, por Deus, me dê mais dessa imaginação!"*

Em maio de 1923, Edgar e Tex Rice viajaram para Chicago e Pittsburgh. Em cada parada, Edgar continuou dando palestras e leituras físicas, esperando levantar dinheiro para a Penn-Tenn ou para o hospital. Em seguida, foram a Altoona, Pensilvânia, onde se encontraram com Dave Kahn antes de seguirem para Nova York. A razão era que a captação não vinha correndo tão bem quanto o esperado. Segundo as leituras, Rice não era

conscienciosamente suficiente no acompanhamento das pistas. Leituras também revelavam que Rice estava lutando contra hipertensão e problemas renais, causados por bebida pesada e discórdia marital, e indicavam que não deveria empreender muito em nome do empreendimento de negócios deles até que os seus assuntos pessoais tivessem melhorado. Entrementes, B. D. Townsend, empregador de Kahn, também não estava cumprindo a sua parte do trato, que envolvia vender ações da companhia no mercado de ações. Não surpreende que numa leitura a Fonte comentasse que, para Edgar Cayce, havia *"boa dose de tristeza… neste momento."*

Em junho, a busca por novos investidores e o desejo de conhecer o agora trienal William Darling Jr. — a criança que havia sido diagnosticada com câncer — levaram Edgar a Dayton, que era também a cidade de Tim Brown, amigo da família Darling e inventor e fabricante de autopeças que havia recebido leituras em Birmingham. Edgar também devia estar ciente do significado especial daquela cidade — lá em Anniston, em 1910, a Fonte havia dito que Dayton era onde o trabalho começaria.

No auge da sua doença, William Alfred Darling Jr., a quem Edgar havia diagnosticado nove meses antes, tinha mais de cem nódulos cancerosos. Cayce havia continuado a dar leituras para ele e, embora suas recomendações anteriores nem sempre tivessem sido seguidas ao pé da letra, os pais e o osteopata deles, Dr. Gravett, haviam se tornado mais proficientes e bem-sucedidos em aplicar os tratamentos recomendados. Quando Edgar arranjou um encontro pessoal em Dayton com o menino e a mãe, a criança só tinha três nódulos do tamanho de uma noz restantes no corpo:

um ao lado de cada olho e um no pulso esquerdo. Numa quinta leitura para o menino, dada em Dayton, Cayce afirmou que, embora a condição parecesse quase eliminada, os pais e seu médico tinham de ter cuidado. Se os tratamentos não fossem mantidos, a doença voltaria.

Edgar, ainda à espera de novos desenvolvimentos com a Penn-Tenn, passou mais de um mês e meio em Dayton, hospedado no Phillips Hotel, onde conduziu principalmente leituras físicas. Embora não recebesse um honorário por hora pelas suas sessões de transe, as doações que vinham bastavam para cobrir seu hotel e alimentação e os da sua estenógrafa, Fay Autry, que se juntou a ele em Dayton como havia feito em Birmingham. Frank Mohr havia retornado para casa em Columbus, e a grande maioria das leituras foi conduzida pelo padrinho de William Darling, Linden Shroyer, um contador que vinha morando com os Darling durante o calvário deles. Homem baixo, franzino, de óculos e cabelo escuro cuidadosamente repartido ao meio, e de trato sereno, Shroyer não sabia o que pensar do estranho do Alabama. Mas cada sessão de transe o convencia mais de que Edgar de fato era legítimo e de que a verdadeira riqueza do seu *"dom"* ainda estava por explorar. A trágica ironia era que o paciente a quem Cayce estava mais próximo, William Jr., era também o único paciente diagnosticado em Dayton que morreria.

No começo de junho, o menino Darling estava brincando em volta de uma piscina e caiu, batendo em um dos seus nódulos cancerosos remanescentes. O nódulo cresceu rapidamente até o tamanho de uma laranja. Cayce imediatamente deu outra leitura, afirmando que um novo tipo de procedimento osteopático teria

de ser empreendido, o qual, se tratado adequadamente, de fato aceleraria a recuperação do menino. Infelizmente, os tratamentos não foram conduzidos de maneira tempestiva ou eficaz, nem as atividades da criança foram monitoradas adequadamente. Como mais tarde ficou claro, os pais do menino andavam brigando, e o pai, Alfred Darling, havia entrado numa longa bebedeira. A criança sofreu uma segunda queda, outra vez machucando um dos tumores cancerosos. O Dr. Gravett, que estava ausente num congresso médico, designou um osteopata que não era bem treinado no novo procedimento. Embora o câncer tivesse sido praticamente erradicado, a condição da criança rapidamente piorou e em questão de dias ele estava morto.

Foi com grande tristeza que Cayce conduziu a sua primeira leitura *post mortem*, confirmando o que Shroyer e o Dr. Gravett já suspeitavam: os tratamentos osteopáticos não haviam sido executados adequadamente, e os venenos do nódulo rompido haviam se difundido por todo o corpo da criança.

---

88. Eco de Mt 6.24 (ARA): *"Ninguém pode servir a dois senhores... Não podeis servir a Deus e às riquezas"*. A reverberação do Sermão da Montanha junta admoestação espiritual e conselho comercial — recorrente nas leituras cayceanas. ↩
89. Lei Seca (*Prohibition*): vigente nos EUA entre 17/01/1920 e 05/12/1933, pela 18.ª Emenda e pela *Volstead Act*. À época desta leitura (1923), o experimento já se mostrava desastroso. ↩

24.
Lei Divina

Para Shroyer, tanto quanto para Edgar, a tragédia voltava a pôr em relevo a necessidade de um hospital em que pacientes como a criança Darling de três anos pudessem receber atenção e cuidados constantes. A essa altura, o assunto de construir um hospital também havia chegado à atenção do empregador de Shroyer, Arthur Lammers[90], um magnata dos negócios de meia-idade que havia feito fortuna em Chicago e que agora possuía em Dayton uma grande companhia de impressão e fotogravura que publicava um jornal batista. A pedido de Lammers, Cayce deu a primeira de uma série de leituras — não só sobre oportunidades de investimento para a Penn-Tenn Company, na qual Lammers tinha interesse em entrar — mas também sobre como melhor usar os *"poderes psíquicos"* de Cayce e estabelecer uma instituição ou fundação para estudá-los. Embora o tempo que Cayce pessoalmente passaria com Lammers fosse bastante curto, e as leituras conduzidas a seu pedido somassem menos de dez, a breve parceria entre os dois alterou para sempre o escopo e a substância do trabalho.

Por mais relutante que estivesse Edgar em sondar a Fonte com perguntas para além do escopo dos seus interesses médicos e comerciais, ficou lisonjeado pela maneira como Arthur e sua esposa, Zelda, o acolheram, e abraçaram seus ideais, e fascinado pelo conhecimento que eles tinham de filosofia oriental e

metafísica. Não apenas liam e estudavam os livros e os ensinamentos de Madame Blavatsky e de outros Teosofistas, como promoviam sessões espíritas na própria casa — uma espraiada mansão vitoriana com vitrais, um gigantesco órgão de tubos, e uma extensa biblioteca de livros esotéricos e manuscritos sobre temas como alquimia medieval, ioga e astrologia. Acredita-se que Edgar tenha participado de pelo menos uma sessão espírita na casa dos Lammers, embora não permaneça nenhum registro do que ali se passou.

Homem baixo, barbeado, de rosto quadrado e compleição musculosa de lutador profissional peso-pesado, Lammers queria respostas para as perguntas mais importantes da vida: o propósito da existência do homem sobre a terra e o que esperar depois da morte. E, como Ketchum antes dele, Lammers também queria saber sobre a fonte da informação de Edgar, e o que exatamente acontecia quando Edgar entrava em transe. Lammers colocou estas e outras perguntas a Cayce em duas sessões de transe realizadas em junho de 1925 no Phillips Hotel. Mais leituras desta série, todas conduzidas por Shroyer, ocorreram no começo de outubro e em novembro, e a última leitura da série foi feita no Dia dos Namorados de 1924.

A primeira pergunta colocada a Cayce tratava da sua capacidade de obter e comunicar informação psíquica. Como Cayce havia dito anteriormente numa leitura para Ketchum, o *"estado"* em que dava informação psíquica estava sob *"sujeição"* da *"mente subconsciente."* O corpo humano era descrito como uma *"trindade,"*[91] composta do corpo físico, da mente mental ou consciente, e do espírito, que era descrito como o subconsciente,

ou *"mente da força da alma."* O espírito, disse a Fonte, não podia ser *"visto"* ou revelado a menos que o corpo físico e a mente consciente fossem sujeitados. Em outras palavras, quando Edgar Cayce entrava em estado de transe, seu corpo físico e sua mente consciente não interferiam com a sua mente subconsciente ou *"forças da alma."*

Como extensão natural desta pergunta, Lammers perguntou o que exatamente era a *"alma,"* e se alguma vez morre. A Fonte respondeu que a alma era *"aquilo que o Criador deu a cada entidade ou indivíduo no princípio, e que busca o lar outra vez, ou o lugar do Criador… [A alma] pode ser banida do Criador, [mas] não [pela] morte."* Prosseguiu dizendo que a mente subconsciente era apenas um atributo da alma, e que havia outras influências ou leis Divinas que governavam ou dirigiam a alma em seu caminho de volta ao Criador.

Quando se perguntou que tipos de perguntas deveriam ser colocadas a Cayce em transe, a Fonte respondeu: *"Apenas aquelas que estão em acordo com forças e leis espirituais e da alma."* Segundo a Fonte, as perguntas apropriadas deveriam consistir daquelas que conduzem ao alívio da dor ou do sofrimento, desde que não o fossem à custa ou em detrimento de outro indivíduo.

A Fonte foi, em seguida, inquirida sobre se a informação dada em transe era sempre correta. A resposta ofereceu uma interessante visão das frequentes referências que a Fonte vinha fazendo ao longo dos anos ao conceito de que *"a mente é a construtora,"* e também tinha relação direta com as leituras do Texas. A Fonte disse: *"Edgar Cayce está no estado de ser guiado pelo indivíduo que faz as sugestões, e enquanto as sugestões estiverem em acordo e a mente do*

indivíduo for mantida em acordo, [a informação será correta].” Em outras palavras, a Fonte dizia que o que estivesse na mente da pessoa que conduzia a leitura e da pessoa que pedia a ajuda ou a informação determinaria em grande parte o resultado. A Fonte ilustrou esse mesmo ponto comparando os efeitos do consulente sobre a leitura aos efeitos que a água pode ter sobre um objeto parcialmente submerso: *“Qualquer objeto… projetado na água aparece torto, assim também com o reflexo, das sugestões, sobre o subconsciente [a mente].”*

A Fonte disse ainda que a intenção daqueles que faziam a consulta não afetava apenas a qualidade da leitura, às vezes determinava se alguma informação passaria ou não. Isso explicava por que a Fonte às vezes encerrava uma leitura dizendo *“Estamos concluídos,”* mal a sessão começava. Cayce — em transe — disse: *“[A informação correta estava] sendo desviada… por pergunta ou ambiente, de modo a causar a angústia na conexão entre o consciente e o subconsciente.”*

Como se revelaria mais adiante nessa mesma série de leituras, a Fonte era dirigida pelas *“leis de Deus,”* ou *“Leis Divinas,”* que não podiam ser ignoradas nem postas de lado. Enquanto uma pessoa que quebra as leis do homem só sofre a consequência se for apanhada, ao quebrar as leis de Deus ela é sempre apanhada. Cayce — em transe — tinha de ser perguntado a pergunta certa pela razão certa.

Talvez a mais importante das leis citadas fosse a *“lei do amor,”*[92] que a Fonte disse que *“homem algum deveria pôr de lado.”* Posto do modo mais simples, a Fonte disse: *“Amor é Lei, Lei é Amor. Deus é Amor. Amor é Deus.”* Isso equivalia à mesma coisa que *“o dom de*

dar" sem *"esperança de recompensa ou pagamento,"* ou seja, servir aos outros.

Em resposta à pergunta sobre se as leituras deveriam ou não ser usadas para outros fins além de auxiliar na cura das enfermidades humanas, a Fonte destacou que elas tinham de se ater à *"lei do amor."* A Fonte disse que toda informação obtida por meios psíquicos não deveria ser usada para fins egoístas, mas *"pode ser, deve ser usada e dada ao mundo."* A Fonte sugeriu que as pessoas buscassem compreender essa lei Divina do amor em suas vidas e agissem de acordo com ela. *"O uso da força psíquica, por qualquer indivíduo, é apenas o uso dessa lei espiritual que faz a pessoa livre, mas não liberdade para tirar vantagem,"* disse a Fonte.

Outra leitura enfatizava a importância de compreender que Deus é o criador e legislador, não o homem: *"Lembrai-vos, primeiro, de que toda força concedida… vem da força todo-dadivosa do Deus do Universo, e não do próprio eu… pois, ao tomar-se essa [força], ninguém pode mudar lei alguma. Somente pela observância dessa lei pode ela ser feita ou desviada para o uso individual do próprio eu… [pela potência do livre-arbítrio do homem], pois com a vontade [livre] o homem pode tanto aderir [à] como contradizer a lei Divina."*

Outras perguntas práticas foram postas a Cayce quanto a como conduzir leituras futuras. A Fonte disse que apenas uma pessoa de cada vez deveria colocar perguntas a ele no estado de transe, e que, para os melhores resultados, a pessoa deveria ter uma certa polaridade. *"O corpo,"* disse Cayce, em transe, *"é feito de ambos os opostos, ou polos positivo e negativo. O corpo não está completo sem o todo, ou ambos… [A condição ideal existe quando há] a união perfeita*

em todas as forças, quer da física, mental, material, alma ou espírito [cada uma com polaridade positiva e negativa]."

Linden Shroyer estava claramente seguindo o raciocínio de Cayce. Ele perguntou em seguida à Fonte quem seria a melhor pessoa para conduzir as leituras. A Fonte respondeu que o sexo do condutor não fazia diferença, apenas a polaridade e a intenção do condutor. Edgar foi descrito como sendo positivo. Daí, era melhor que uma pessoa de carga negativa lhe colocasse as perguntas.

A informação continuou a jorrar de Cayce. Como Ketchum antes dele, Lammers queria saber se era possível a qualquer outra pessoa, que não Edgar Cayce, realizar o tipo de trabalho psíquico que ele estava fazendo. A resposta foi um *sim* inequívoco. *"Todos podem fazê-lo,"* veio a resposta. O fator determinante era o grau de *"desenvolvimento"* por parte do indivíduo em questão. *"Quanto ao grau do desenvolvimento, apenas a lei da concentração por meio da subjugação [é] posta em jogo, e [a pessoa] só precisa da oportunidade da [sua] autoexpressão."*

Lammers também perguntou se era possível a Edgar Cayce se comunicar com pessoas que haviam passado para o mundo espiritual. A resposta foi afirmativa. Na primeira leitura conhecida em que se faz referência clara ao que acontece quando uma pessoa morre, a Fonte disse: *"O espírito de todos que passaram do plano físico permanece em torno do plano até que seu desenvolvimento os leve adiante, ou até que sejam devolvidos para o seu desenvolvimento aqui… Há milhares em torno de nós aqui neste momento."*

Quando se perguntou como Edgar Cayce deveria usar seus talentos psíquicos para fazer o maior bem, a Fonte deu outra resposta assombrosa. É difícil determinar o quanto da resposta foi entendido por Lammers ou pelos outros, mas ficou claro em retrospecto que a Fonte introduzia aquilo que se tornaria o aspecto mais discutido das leituras de Dayton: o desenvolvimento da alma *"por meio da reencarnação."*[93] *"[Edgar Cayce é capaz de dar conselho em transe] sob as leis da força governante, como… dado a este indivíduo [ao longo de] oito gerações [de desenvolvimento da alma],"*[94] disse a Fonte. Por fim, perguntou-se a Cayce se o momento era oportuno para iniciar uma instituição por meio da qual todas as leituras futuras seriam conduzidas. *"Muito bom,"* veio a resposta. *"Está próximo o tempo!"*

Quanto ou quão pouco Edgar Cayce compreendeu as implicações das leituras Lammers não está claro, mas não há dúvida de que ele passou a reconhecer que suas capacidades psíquicas podiam ser usadas para muito mais do que localizar reservas subterrâneas de petróleo ou dar leituras físicas. Lammers havia incitado Edgar a expandir seus horizontes para além até do que poderia ser alcançado num hospital — para a compreensão dos mistérios da própria vida. O fato de que Edgar verdadeiramente considerou *"dar o mergulho"* fica aparente em sua decisão, ao voltar ao Alabama mais tarde naquele ano, de separar um lugar dedicado à condução das suas leituras em transe e de contratar uma estenógrafa permanente para transcrevê-las. A sua volta para casa, contudo, não foi o evento alegre que havia há muito antecipado que seria.

Antes de voltar ao Alabama, Edgar fez mais uma viagem ao Texas para tentar conseguir apoio financeiro para a Penn-Tenn Company. Lammers — a quem Edgar acreditava ter *"bolsos fundos"* — estava considerando fazer um investimento substancial na companhia, assim como Tim Brown, o fabricante de autopeças, e Alfred Darling, pai do falecido William Jr. O interesse e entusiasmo dessas pessoas levaram Edgar de volta a Meridian, no Texas, onde o banqueiro da Penn-Tenn, J. T. McConnell, estava no meio de obter mais arrendamentos com base em receitas antecipadas dos esforços de captação de Tex Rice.

A viagem de Edgar ao Texas foi curta e desanimadora. Os contatos de Kahn e de B. D. Townsend haviam falhado em levantar dinheiro algum. E então Edgar recebeu a notícia de que Tex Rice havia sido preso por fraude num esquema de trapacear investidores num negócio fajuto de loteamento. Os promotores pediram — e acabaram obtendo — um indiciamento contra Rice por *grand larceny*. Edgar e a Penn-Tenn Company foram protegidos da ação penal porque Rice era um operador independente e a propriedade que ele havia usado para defraudar os investidores não era parte dos ativos da Penn-Tenn. Independentemente do fato de a Penn-Tenn não ter sido incluída no indiciamento, Edgar — como McConnell — ficou horrorizado com o comportamento de Rice, e não podia, de boa-fé, aceitar financiamento de ninguém até que o assunto todo fosse resolvido. Edgar também se sentiu pessoalmente responsável, reconhecendo que ele fora quem havia apresentado Tex Rice ao seu círculo de amigos. E era a participação de Edgar na Penn-Tenn que Rice havia usado como base dos seus esforços de captação em

primeiro lugar. Edgar mais tarde referiu-se a Rice como *"a mais mal afamada [pessoa com quem alguma vez fez negócios]."* A preocupação persistente de Gertrude de que Edgar atraía jogadores e outras pessoas em busca do *"dinheiro fácil"* havia mais uma vez se provado verdadeira.

Embora leituras anteriores tivessem revelado as dificuldades pessoais de Tex Rice, Edgar não conseguia compreender por que a Fonte não o havia alertado de que Rice era um criminoso. Em retrospecto, Edgar chegou por fim à conclusão de que o *"fracasso"* das leituras em predizer o comportamento de alguém não era resultado de nenhuma falta de discernimento ou *"desenvolvimento"* por parte da Fonte, mas uma questão da influência inexorável do livre-arbítrio individual. O livre-arbítrio — descrito nas leituras Lammers como o supremo Dom de Deus ao homem — determinava em última instância o destino do indivíduo. Ninguém, nem mesmo Deus, podia predizer de forma conclusiva eventos moldados pelo livre-arbítrio de um indivíduo, ou pela vontade coletiva de grupos de indivíduos.

Em consequência da sua experiência com Tex Rice, e sentindo-se pressionado e abalado pelas demoras, promessas vazias, e o constante desfile de investidores potenciais que exprimiam interesse mas não punham dinheiro, Edgar finalmente desistiu da Penn-Tenn Company. Embora seja opinião popular que ele nunca mais trabalhou no negócio do petróleo, Edgar mais tarde daria cerca de outras oitenta leituras sobre potenciais sítios de perfuração no Alabama, Arizona, Flórida, Louisiana, Tennessee e Wyoming. Muitas dessas leituras foram para pessoas com as quais, como Curtis Willmott e Byron Wyrick, ele mais tarde

esteve em sociedade. A única diferença era que nunca mais voltaria a se dedicar exclusivamente ao negócio do petróleo.

Sentindo-se destituído e envergonhado, voltou para casa — desta vez, acreditava, de vez. Enviou um telegrama a Gertrude em Hopkinsville para que ela e os meninos fossem ao seu encontro em Selma. Foi uma mensagem curta, mas sentida: *"Estou em casa para ficar. Por favor, volte."*

Edgar Cayce, aos quarenta e seis anos de idade, não tinha, ao que parecia, nada a mostrar pelos últimos quatro anos, exceto mais rugas no rosto, cabelo que havia prematuramente embranquecido e mais uns quarenta libras acrescidas, que se mostravam em volta da cintura. Edgar Evans mal tinha completado um ano de idade e Hugh Lynn tinha apenas doze quando Edgar havia partido para Cleburne. Agora, Edgar Evans estava pronto para o jardim de infância e Hugh Lynn estava indo para o terceiro ano do secundário, namorava meninas e pensava em faculdade. O negócio de fotografia de Edgar mal havia conseguido manter as portas abertas na sua ausência. E Gertrude — cujo cabelo também havia prematuramente embranquecido — sentia-se ferida e abandonada. Ao longo desse tempo ela naturalmente havia se perguntado por que ele não havia voltado para casa muito antes, em vez de deixá-la a ela e aos meninos se virarem e dependerem da ajuda de parentes para sobreviver. A resposta era difícil para ela, como para qualquer outro, entender. Edgar não queria voltar para casa de mãos vazias e em pior forma do que havia começado. A cada parada ao longo da estrada para casa ele genuinamente acreditava que estaria voltando como homem rico e próspero.

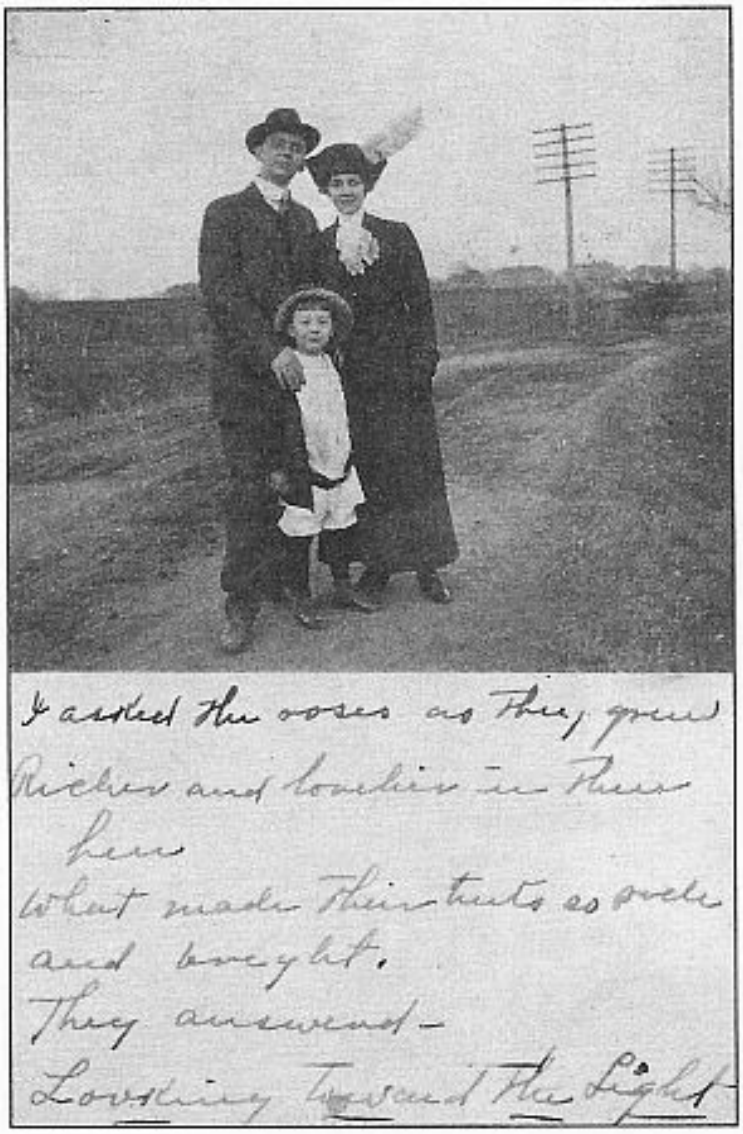
Por ora, seus sonhos de fazer leituras e, no mínimo, sustentar a família, ou, no máximo, construir um hospital — sem ter de pedir pagamento ou doações a outros — estavam por terra. Mas as centenas de leituras físicas que ele havia dado em Birmingham, Nashville, Cleburne, Hopkinsville — e as últimas leituras que havia dado a Lammers em Dayton — pelo menos o haviam convencido de que as horas que passava em transe eram valiosas, e que era seu dever e vocação cristã usar o dom que Deus lhe havia dado para ajudar os outros. Ele tinha uma missão na vida que não podia ser ignorada nem negada. E, com vistas a esse fim, havia decidido não permitir que mais nada — a fotografia, o negócio do petróleo, a falta de renda da família — interferisse no seu dar leituras. *"Ao estudar os acontecimentos dos anos em que estive fora, percebi que tinha de haver, sim, uma mudança na minha visão de vida,"* disse Cayce. *"O trabalho [tem de vir] primeiro… o eu em segundo."*

---

90. Arthur Lammers (c. 1882-1930): empresário e dono de gráfica em Dayton, membro ativo de círculos teosóficos. É creditado por ter dirigido as primeiras perguntas metafísicas a Cayce, desviando o escopo das leituras do diagnóstico médico para a cosmologia e a reencarnação.↩
91. *Trindade corpo-mente-espírito*: na antropologia cayceana, o ser humano é trino em corpo, mente consciente e espírito (ou mente subconsciente), distinto da Trindade teológica cristã (Pai, Filho, Espírito Santo).↩

92. *Lei do amor*: o dístico em quiasmo *"Amor é Lei, Lei é Amor. Deus é Amor. Amor é Deus"* ecoa 1 Jo 4.8 (ARA: *"Deus é amor"*) e Rm 13.10. A fórmula cayceana identifica reciprocamente *lei* e *amor* — articulação central de toda a sua produção doutrinária pós-1923. ↩
93. *Reencarnação*: primeira referência doutrinária explícita nas leituras cayceanas. O conceito, estranho ao cristianismo protestante de Cayce, será central em todas as *leituras de vida* (mais de 2.500) que ele daria a partir de 1923-1924. ↩
94. *Oito gerações da alma*: nos capítulos seguintes, esclarece-se que Cayce teria tido oito vidas anteriores relevantes — entre elas, segundo as leituras, sacerdote egípcio (Ra-Ta), troiano (Xenon), perso-árabe (Uhjltd) e escocês (John Bainbridge). ↩

PARTE V


I asked the roses as they grew
Richer and lovelier in hues
here
what made their tints so sweet
and bright.
They answered –
Looking Toward the Light

AVENTURA INTERIOR

25.
Miss Gladys
e Mr. Cayce

Logo que voltou para casa, Edgar imediatamente dedicou um cômodo de seu estúdio a abrigar as transcrições das leituras que já havia dado, e onde pretendia dar mais. O local que escolheu para esta *"sala dos fantasmas"*, como Edgar a chamava, foi a antiga sala de depósito da Cayce Art Company. Ele queria decorá-la com móveis que seus amigos lhe dessem, junto com fotografias e objetos pessoais. Percebeu, talvez apenas intuitivamente, que ter recordações de amigos era importante para as próprias leituras. A um associado próximo escreveu: *"Quero que o lugar seja tão pessoal que, quando eu entrar, meus melhores amigos me falem."*

A reação de Gertrude ao fato de Edgar transformar uma parte do estúdio em espaço para o trabalho não é conhecida. Sem dúvida ela estava feliz por tê-lo em casa depois de anos de viagens constantes, e se isso significava reservar algum espaço para ele conduzir leituras, estava bastante disposta a acomodá-lo. Não querendo desperdiçar tempo, Edgar também enviou imediatamente seu novo endereço a todos em sua sempre crescente lista de correspondência.

Edgar também precisava encontrar uma estenógrafa a quem pudesse treinar para transcrever as leituras. Fay Autry, a secretária que havia sido contratada pela Cayce Petroleum, estava

agora casada e morando em Houston, e encontrar outra secretária que pudesse transcrever adequadamente as leituras de maneira que fizesse sentido revelou-se tão difícil quanto encontrar investidores para a sua companhia de petróleo. Em transe, Cayce às vezes falava rapidamente, frequentemente usando conjunções, preposições e pronomes relativos com tanta profusão que as regras normais de pontuação não podiam mais ser aplicadas. Estar sem uma estenógrafa adequada à tarefa tornava as leituras Cayce menos valiosas — às vezes, completamente inúteis. Edgar entrevistou e testou mais de doze secretárias antes de encontrar uma que pudesse fazer o trabalho. Seu nome era Gladys Davis, e, afora o próprio Edgar, ela se tornaria a parte mais importante do trabalho — a pessoa que, mais do que qualquer outra, o elevou a um patamar profissional.

Naquele ano, 1923, Gladys Davis havia feito dezoito anos, apenas dois a mais que Hugh Lynn. Alta e loira, de ombros largos, traços delicados e olhos azuis, era a filha mais velha de um plantador de amendoim do Alabama, cuja alegria e paixão na vida eram os encontros com abundância de parentes e amigos reunidos para comer, cantar e ouvi-lo tocar o seu violino. Sua família também era aparentada de Jefferson Davis, presidente da Confederação — o avô, Zedoc Hookey Davis, carinhosamente chamado *"Hook,"* havia sido seu primo. Dorothy Gladys Davis era a mais velha de cinco filhos e tinha dois irmãos e duas irmãs: Lucile, Boyd, Burt e, a favorita de Gladys, Mary Frances, cujo apelido era *Tiny* e que se casou aos quatorze anos.

Gladys era muito mais capaz e independente que os outros irmãos, tanto que, por mais de cinco anos após a morte do pai em

1924, tornou-se a única fonte de sustento financeiro da família. Desde o começo da adolescência, era conclusão assente que Gladys se tornaria professora primária. Mas, após frequentar a Selma High School por um ano, ela se encantou com uma invenção recente que só então aparecia em Selma — a máquina de escrever. Matriculou-se no Central City Business College para aprender a usá-la.

Gladys foi trabalhar aos quinze anos, no mesmo ano em que se formou no colégio comercial. Seu primeiro emprego foi na Cawthon-Coleman Drug Store, onde, graças ao gerente do escritório, aprendeu a pontuar. Coincidentemente, a farmácia localizava-se abaixo do Cayce Art Studio, e embora se passassem ainda mais dois anos até conhecer pessoalmente a família Cayce, ela se lembrava de tê-los visto subindo e descendo as escadas entre a casa e o estúdio. Lembrava-se de como Edgar certa vez entrara na farmácia depois do que devia ter sido uma de suas visitas ao Texas e dissera *"Bom dia, Miss Gladys,"* embora nunca tivessem sido apresentados e ela não soubesse como ele conhecia seu nome. O gerente disse a Edgar, brincando, que parasse de flertar com sua secretária chamando-a de *"Miss Gladys."* Edgar o ignorou. Daquele momento em diante, e por muitos anos, ele invariavelmente a chamaria de *"Miss Gladys,"* e ela o chamaria de *"Mr. Cayce."*[95]

A temporada de Gladys na farmácia foi curta — ela estava substituindo a estenógrafa titular enquanto esta estava de férias — e o emprego seguinte foi como estenógrafa na Tissier's Retail and Wholesale Hardware Store, ganhando setenta e cinco dólares por mês. Como ela mesma mais tarde diria da experiência,

esperava que houvesse mais na vida do que listas de baldes de carvão, martelos, pregos, porcas, parafusos, arados e cultivadores. Embora ela não o soubesse na ocasião, suas esperanças se realizariam quando surgisse a oportunidade de datilografar uma das leituras Cayce.

O pedido chegou por intermédio de Miss Willie Graham, a gerente do departamento de porcelana da Tissier's, que às vezes recrutava Gladys para ajudar a demonstrar porcelanas para hóspedes no Prince Albert Hotel. No fim de agosto de 1923, logo após o retorno de Edgar a Selma, Graham perguntou a Gladys se estaria disposta a tomar por escrito uma *"leitura"* clarividente que seria dada pelo Sr. Cayce naquela tarde. A sessão de transe seria conduzida em benefício do sobrinho de três anos dela, Virgil Graham, que sofria de um distúrbio nervoso.

Apesar da longa ausência de Edgar de Selma e das férias prolongadas que Gertrude e os meninos haviam passado em Hopkinsville, a família Cayce não era inteiramente estranha à família Davis, pois seus caminhos haviam se cruzado muitas vezes desde que Gladys e os irmãos haviam frequentado o ensino secundário em Selma. Hugh Lynn Cayce era amigo da irmã de Gladys, Tiny, quando estava na sétima série na Dallas Academy. Ele frequentemente acompanhava Tiny até em casa depois da aula, trocando livros e comparando temas de casa com ela, e às vezes a levava à farmácia Cawthon's para tomar refrescos.

Além de Hugh Lynn, Tiny passara a conhecer Edgar por sua participação no Esforço Cristão. Ela e o restante da filial de Selma do Esforço Cristão haviam ido com Edgar a Birmingham quando ele foi homenageado pelo trabalho notável com os jovens. Apesar

do conhecimento entre as duas famílias, Gladys estava confusa sobre qual membro do clã Cayce fazia as leituras psíquicas. Havia presumido que o Cayce mais velho, o *"homem elegante"* de bigode, a quem ocasionalmente havia visto e que há não muito tempo tirara fotografia dela, era a pessoa a que Miss Willie Graham se referia. A amiga de Gladys, Ruth de Bardeleben, que trabalhava no departamento de papelaria da Tissier's, tirou-lhe a dúvida. Era o filho, Edgar, o homem alto que ensinava a escola dominical na First Christian Church, o homem que havia acabado de voltar de aventuras emocionantes nos campos de petróleo do Texas, e o homem que a chamava de *"Miss Gladys,"* quem fazia as leituras psíquicas. Ruth estava entusiasmada, dizendo a Gladys que havia ouvido que as pessoas que seguiam o que o Sr. Cayce dizia em transe eram curadas de qualquer coisa que as afligisse.

A leitura para Virgil Graham foi marcada para 30 de agosto de 1923 — pouco mais de uma semana depois da chegada de Edgar em casa. Conforme combinado, Gladys encontrou-se com Miss Graham após o almoço e subiu as escadas para o estúdio fotográfico. Gladys não foi a única estenógrafa a comparecer. Entre as dez ou mais outras sendo consideradas para o cargo estavam a amiga de Gladys, Maud Doughty, e outra mulher que Gladys não reconheceu. Gladys olhou ao redor da sala e avistou Edgar, que lhe sorriu. Ele levantou-se discretamente e moveu uma pequena mesa para perto de onde ela estava sentada. Em seguida, foi até um sofá comprido e sentou-se. Ao lado dele, sentou-se o Cayce mais velho, Leslie.

Edgar explicou brevemente o que estava prestes a acontecer e disse às moças que era melhor ser fiel ao que era dito do que

tentar dar-lhe sentido. Em seguida, deitou-se, enquanto Gladys e as outras estenógrafas permaneciam sentadas, em silêncio, observando. Pareceu a Gladys que ele iria tirar uma soneca, ali mesmo, diante de todas. Como de costume, Edgar fechou os olhos, afrouxou a gravata, e prosseguiu para *"relaxar."* Leslie acomodou-se ao lado dele. Depois de alguns minutos de silêncio, as pálpebras de Edgar tremeram e Leslie falou algumas palavras ao filho, terminando com instruções para encontrar o corpo do sobrinho de Miss Graham. Edgar Cayce então passou a descrever o corpo do menino em detalhes.

Gladys acompanhou a leitura cuidadosamente, embora parte da linguagem fosse bastante estranha, e foi ficando mais perplexa a cada momento que passava. Durante o diagnóstico, Edgar usou expressões altamente incomuns, tais como *"sistema cerebroespinal"* e *"[centros] perineurais e cardíacos secundários,"* e então recomendou que a criança fosse tratada com um aparelho elétrico conhecido como *"oscilloclast de Abrams,"* que deveria ser conectado ao *"pulso e à sétima dorsal"* do paciente.

Por mais estranhas que as palavras lhe soassem, Gladys continuou a escrever — estava determinada a registrar tudo. Embora a atmosfera fosse bastante profissional durante a sessão de transe, mais tarde ela percebeu o quanto a experiência havia sido verdadeiramente incomum. Cayce não só havia diagnosticado a condição nervosa de uma criança enquanto dormia, como havia prescrito o uso de um aparelho fabricado por uma pessoa que a maior parte da profissão médica considerava um *"charlatão."*

Esse *"charlatão"* era o Dr. Abrams[96], médico outrora eminente que havia estudado em Londres, Paris, Berlim e Viena antes de se tornar professor de patologia em uma clínica em São Francisco que mais tarde viria a fazer parte da Faculdade de Medicina da Universidade Stanford. Em 1912, Abrams chocou a profissão médica ao anunciar que a manipulação adequada de certos centros nervosos do corpo podia aliviar uma variedade de enfermidades geralmente consideradas curáveis apenas por bisturi. As afirmações de Abrams, com efeito, davam respaldo a boa parte do que aparecia nas leituras de Cayce. Ele causou outra comoção ao sustentar que podia manipular o sexo de uma criança por nascer por meio do uso de vibrações elétricas em uma gestante, e que podia dizer se uma pessoa estava mentindo ou não mapeando o seu nível *"vibracional."* Abrams, milionário várias vezes em razão de diversos aparelhos eletrônicos que havia patenteado e vendido, foi completamente rejeitado pelos colegas de profissão e morreu sem saber que um aparelho baseado em sua ideia, o *"detector de mentiras,"* seria um dia usado por quase todos os departamentos de polícia do país. Como Gladys aprenderia mais tarde, o fato de Abrams — para não falar de Cayce — ter sido descartado como *"maluco"* foi provavelmente a razão pela qual Virgil Graham não recebeu os tratamentos que Cayce havia recomendado.

Gladys Davis foi a única estenógrafa presente naquela tarde que conseguiu registrar adequadamente o que Cayce disse. Uma das outras estenógrafas admitiu a Gladys que tinha certeza de que não conseguiria o emprego porque estava *"chocada demais"* com o que se passava para tomar por escrito uma única palavra. Como

as outras, Gladys datilografou duas cópias da leitura e foi-lhe pedido que as entregasse a Miss Graham, embora esperasse que o Sr. Cayce também visse uma cópia e, talvez, até lhe oferecesse o emprego. Como Gladys diria mais tarde, de algum modo ela sabia que ele o faria. Ainda assim, ficou satisfeita e entusiasmada quando Miss Graham a abordou e disse que o Sr. Cayce queria falar com ela.

Gladys chegou no horário marcado, e, ao entrar no estúdio, Edgar saiu de seu quarto escuro enxugando as mãos manchadas de marrom em uma toalha. Gladys mais tarde descreveria o sentimento que experimentou em presença dele como *"uma agradável sensação de retomada de uma velha amizade."* Edgar disse-lhe que gostava da maneira como ela conduzira o trabalho de tomar a leitura por escrito e que eles precisavam de uma secretária em tempo integral. Ele não podia descrever exatamente quais seriam as atribuições, porque não sabia. Mas ela provavelmente teria de viajar. Achava que haveria, possivelmente, viagens a Nova York e a outros lugares. Gladys aceitou o emprego e quase imediatamente teve um vislumbre do que o futuro reservaria, quando Edgar olhou para ela fixamente, com um brilho nos olhos azul-acinzentados, e disse suavemente, como se lesse seus pensamentos: *"Nada mais de porcas e parafusos."* Em 10 de setembro, Gladys Davis começou o que viria a ser o trabalho de sua vida.

Apenas uma semana depois, em 17 de setembro, Arthur Lammers chegou a Selma. Embora não tivesse ficado impressionado com o modo como Tex Rice e Dave Kahn vinham conduzindo as vendas de ações, nem com a participação de Alfred Darling, que ele sabia

ser alcoólico, havia se tornado cada vez mais inspirado pelo trabalho de Cayce e queria formar uma sociedade. A notícia de que Rice estava fora da operação, e de que outro contato de Edgar, Abraham Rosenberg, estava interessado em substituir Kahn e Townsend na condução das vendas de ações, motivou Lammers a ir a Selma. Ele propôs a formação do Cayce Institute for Psychic Research[97], financiado por ele próprio e por outros e chefiado por Edgar Cayce, sob cujos auspícios não só os empreendimentos petrolíferos seriam operados, mas também um hospital e uma editora. Lammers ficou alguns dias, discutindo suas ideias com Edgar e participando de uma série de leituras físicas. Então, em 20 de setembro, Lammers foi se encontrar com J. T. McConnell e outros em Meridian, Texas, antes de voltar para Dayton. Edgar, apesar da afirmação que havia feito a Gertrude de que estava *"em casa para ficar,"* foi com ele.

O plano de Lammers gradualmente se desenvolveu até a formação daquilo que ele chamava de *"Plan of Protected Investment Co."* Os sócios nessa empreitada seriam Edgar Cayce, Arthur Lammers, Linden Shroyer, e mais dois trazidos por J. T. McConnell: Madison Byron Wyrick, executivo de meia-idade da Western Union em Chicago, e George Klingensmith, engenheiro civil de vinte e cinco anos da Pensilvânia. Juntos, emitiriam dez mil ações preferenciais da nova companhia a US$ 100,00 por ação. O capital seria usado para criar um fundo patrimonial para a construção do hospital e de um centro de estudos, bem como para cobrir as despesas operacionais iniciais. Seriam emitidas ainda outras trinta mil ações ordinárias, vinte mil das quais iriam comprar os arrendamentos de petróleo detidos pela Cayce

Petroleum e pela Penn-Tenn, e, então, outras dez mil ações destinadas ao que seria chamado de Cayce Institute for Psychic Research.

Em meio às negociações de Edgar, Gertrude encarregou-se do treinamento de Gladys Davis. Primeiro, pediu a Gladys que iniciasse o trabalho de coletar e organizar as leituras de Edgar, e, pelas três semanas seguintes, ajudou Gladys a praticar suas habilidades de transcrição ditando a partir das quinhentas ou seiscentas leituras em arquivo. Isso proporcionou a Gladys ampla preparação para o trabalho de fato, pois lhe deu a oportunidade de se familiarizar com as peculiaridades da linguagem de Edgar em transe. O tempo que passaram juntas também deu a Gladys a chance de conhecer Gertrude.

Por todos os relatos, a relação inicial de Gladys com Gertrude foi tensa. O motivo mais óbvio era que Edgar havia contratado uma estenógrafa em tempo integral quando a Cayce Art Company recém-revivida mal ganhava o bastante para pôr comida na mesa da família. O fato de Edgar ter contratado Gladys e, em seguida, prontamente partido para o Texas, não ajudava. Havia também, talvez, motivos mais sutis para a tensão na relação. Gertrude, por natureza, era quieta e reservada e não se interessava muito pela vida fora de casa, fossem encontros eclesiais ou chás de jardim. Gladys, em contraste, era extrovertida. Gostava de conhecer outras pessoas e conversar com todos os envolvidos na vida de Edgar, fossem homens do petróleo no Texas, anciãos da igreja ou o séquito de alunos do Esforço Cristão de Edgar. Gertrude, que tinha agora quarenta e três anos, nunca se havia recuperado plenamente das três gestações e da tuberculose, que quase a havia

matado. Ela também começava a apresentar os primeiros sinais da menopausa, que pode ter sido precocemente desencadeada pela sua saúde frágil. Com dezoito anos, Gladys era jovem e vibrante, e bastante bonita.

Apesar de tudo isso, Gertrude e Gladys acabaram, sim, desenvolvendo um forte entrosamento, e a relação cresceu até se tornar uma que ambas prezaram. As duas se conheceram rapidamente, compartilhando as histórias das suas vidas, das suas provações e dos seus triunfos, com Gertrude interessando-se de modo maternal em Gladys, e Gladys fazendo as vezes da filha que Gertrude e Edgar nunca tiveram. E quando as duas se punham ao trabalho, Gladys provava seu valor imediatamente. Por mais jovem e bonita que fosse, ela tinha muito mais tino comercial do que qualquer um dos Cayces e estabeleceu procedimentos que tirariam o máximo das leituras. Seu plano era tomar as leituras em taquigrafia e, mais tarde, datilografá-las. Também desenvolveu um sistema em que seriam feitas duas cópias — uma para o cliente e uma para os arquivos. Foi o zelo de Gladys em guardar *"uma para o registro"* e compilar material de contexto para cada sessão de transe que, em última análise, resultou na coleção de mais de quatorze mil leituras[98], e nos milhares de cartas e outros documentos, todos os quais ela indexou e referenciou cruzadamente, tornando-os tanto mais úteis e valiosos para os muitos médicos e outras pessoas que mais tarde os estudaram.

Gladys não estava no emprego nem havia três semanas quando uma carta de Edgar chegou endereçada a Gertrude, informando-a de que ele havia parado em Saint Louis — mas não tivera tempo

de escrever — e que agora estava em Chicago, não em Dayton, onde dissera que estaria. Estivera em outra turnê de captação de recursos, dando leituras, palestras e conferências. Edgar lhe contava que acreditava ter levantado meio milhão de dólares para o hospital por meio de Lammers e seus associados e mais US$ 250.000,00 para perfurar mais poços de petróleo, e queria saber se Gertrude estaria disposta a se reunir a ele em Dayton. Perguntava se ela poderia combinar de Hugh Lynn ficar com amigos da família em Selma para terminar a primeira metade do seu terceiro ano do secundário e então juntar-se a eles nas festas de fim de ano. Também queria que Gertrude perguntasse a Gladys se ela *"queria estar ligada ao trabalho o tempo todo"* e se ela iria junto. Talvez antevendo o cansaço que Gertrude deveria sentir ao receber essa carta, ele acrescentou, ao fechar: *"Me ame, me ame [um] bocado, pois eu amo você, Gertrude… Beije os meninos por mim. Sempre, seu Edgar."*

Havia muito mais que Edgar Cayce poderia ter dito nessa carta, coisas sobre as quais ele escolheu permanecer em silêncio. Por ora, além de continuar o tipo de leituras conduzidas em Dayton sobre o trabalho, Lammers pretendia explorar um assunto que só havia sido insinuado antes: a possível influência que as estrelas e os planetas têm sobre o comportamento humano.

---

95. *Miss Gladys* e *Mr. Cayce*: as formas de tratamento em inglês são preservadas no livro inteiro por funcionarem como *leitmotiv* da relação entre Gladys Davis e Edgar. ↩

96. Albert Abrams (1863-1924): médico americano formado pela Universidade de Heidelberg; criador do *oscilloclast*, aparelho eletromecânico que alegadamente emitia frequências terapêuticas específicas para cada doença. ↩
97. *Cayce Institute for Psychic Research*: primeira formulação institucional do que em 1931 tornar-se-ia a *Association for Research and Enlightenment* (ARE), sediada em Virginia Beach. ↩
98. *Mais de 14.000 leituras*: o total preservado no arquivo da ARE é de 14.306 leituras (número consolidado após a morte de Cayce em 1945). ↩

26.
Governado por Júpiter

O conceito de astrologia não era inteiramente novo para Edgar e Gertrude. Apesar de, por vezes, simularem ignorância de assunto tão marcadamente *"não-tradicional"* para cristãos, ambos sabiam mais sobre astrologia do que até então estavam dispostos a admitir. A astrologia havia sido objeto de uma leitura conduzida quatro anos e meio antes, antes dos anos do petróleo, quando Edgar trabalhava em tempo integral como fotógrafo em Selma.

Essa leitura astrológica anterior surgiu como resultado indireto de um pedido feito pelo mesmo D. M. Thrash que havia despertado em Edgar o interesse por fazer leituras de petróleo. Em 1919, Thrash escreveu a Edgar pedindo sua data de nascimento para que lhe fosse traçado o horóscopo. No começo do ano seguinte, Edgar e Gertrude receberam várias comunicações de astrólogos dizendo-lhes que, em uma determinada data — 19 de março de 1919 —, Cayce poderia dar uma leitura de *"maior interesse para a humanidade"* do que qualquer outra leitura que pudesse dar naquele ano. Embora Edgar tenha, sim, dado uma leitura nessa data, com Gertrude conduzindo e dois amigos de confiança para testemunhar a leitura e tomar notas, o conteúdo surpreendente dessa leitura não foi revelado nem a Thrash nem a ninguém mais até que Edgar se encontrou com Lammers em Dayton. A razão não é difícil de entender. A astrologia, como o princípio da reencarnação, era assunto que

desafiava as crenças cristãs profundamente enraizadas de Edgar e Gertrude. Discuti-lo abertamente teria aberto portas que não poderiam ser facilmente fechadas.

Como Lammers descobriria mais tarde, a primeira pergunta colocada a Cayce em transe em 19 de março de 1919 era muito semelhante à que Ketchum havia feito a ele, em Hopkinsville, em 1909: *"… Dirás-nos como é realizado o trabalho psíquico por meio deste corpo…"* Cayce, em transe, afirmou mais uma vez que *"neste estado [de transe] a mente consciente está sob subjugação da mente subconsciente ou mente da alma… Ela obtém sua informação de… outras mentes subconscientes… ou mentes que passaram ao Além… O que é conhecido por uma mente subconsciente ou alma é conhecido por outra, quer consciente do fato quer não."*

A consistência entre esta resposta e a que havia sido dada ao Dr. Ketchum nove anos antes deve ter sido tranquilizadora tanto para Edgar quanto para Gertrude. Contudo, a pergunta seguinte de Gertrude os levou a uma área de investigação inteiramente nova. Dado que um astrólogo havia indicado que aquele dia seria um dia importante, e talvez pretendendo encerrar de uma vez por todas a questão da astrologia, Gertrude perguntou se os planetas tinham algo a ver com o governo do destino dos homens. Cayce respondeu: *"Sim."*

Edgar então passou a expandir o tema: *"No princípio, quando nosso próprio planeta, a Terra, foi posto em movimento, o posicionamento de outros planetas deu início ao governo do destino de toda matéria, assim como criada — assim como a divisão das águas era e é governada pela lua em seu curso em torno da Terra… O mais forte poder no destino do homem é o sol… depois, os planetas mais próximos… no momento do*

nascimento do indivíduo." Aqui, e pela primeira de muitas, muitas vezes, Cayce — em transe — admoestou: *"Mas fique aqui entendido [que] ação alguma de nenhum planeta, nem nenhuma das fases do sol, da lua ou de qualquer dos corpos celestes, supera o governo da força individual da vontade do homem."*

Cayce passou em seguida a fornecer um exemplo de influências astrológicas, elucidando o próprio mapa de Edgar. *"Como neste corpo aqui [Edgar Cayce], nascido em 18 de março de 1877, três minutos após as três horas, com o sol descendente, em seu declínio, a lua no lado oposto da Terra — [a] lua velha — Urano em seu zênite; daí o corpo ser 'ultra' em suas ações… Daí [que] não há meio-termo para este corpo: [ele é] ou muito bom ou muito ruim, ou muito religioso ou muito ímpio, ou muito rico ou sempre em prejuízo, ora muito em amor ora em ódio, muito dado a boas obras ou sempre fazendo o errado… Quanto às forças deste corpo [Edgar Cayce], o 'psíquico' é obtido pela ação de Urano e de Netuno; sempre foi assim para este corpo e sempre será… apenas salvo financeira e espiritualmente pela ação de grande quantidade de água… Este corpo ou será muito rico ou muito pobre."*

Agora, mais de quatro anos depois dessa leitura até então não divulgada, tempo suficiente havia transcorrido para que Edgar estivesse disposto a reexaminar com Lammers o seu assunto principal. O fato de Edgar estar na companhia de pessoas que eram verdadeiramente solidárias, além de ardentes crentes em astrologia, sem dúvida tornava tudo mais palatável. E, em última análise, foi ninguém menos que a grande Evangeline Adams[99] — a astróloga mais respeitada e famosa dos anos 1920 — quem pessoalmente tranquilizou Edgar quanto ao potencial valor da leitura.

O breve encontro com Adams deu-se a pedido de Lammers, numa curta viagem que ele e Edgar fizeram a Nova York. Por todos os relatos, Adams não era o que Edgar havia esperado de uma astróloga. A graciosa e digna *doyenne* da sociedade nova-iorquina morava em um belo *town house* de Manhattan, elegantemente decorado, legado da sua família ilustre, que havia dado ao mundo dois signatários da Declaração de Independência e dois presidentes dos Estados Unidos. Adams havia estudado astrologia na Universidade de Boston, e seus clientes incluíam o tenor de ópera Enrico Caruso; o rei Eduardo VII da Grã-Bretanha; o lutador Jack Dempsey; Seymour Cromwell, presidente da Bolsa de Valores de Nova York; e a estrela de cinema Gloria Swanson.

Para Edgar e outros que chegavam à sua sala de estudos forrada de livros, a Adams de meia-idade, com óculos de aro de metal e um discreto vestido preto, parecia bastante erudita, quase professoral. Adams sem dúvida contou a Edgar parte da ilustre história da astrologia, nomeando o Rei Salomão, Platão e Napoleão como praticantes, e mostrando a Edgar os mapas circulares em que se faziam os cálculos de horóscopo. Ela então obteve a data, a hora e o local do nascimento de Edgar, e recolheu-se à sua sala de estudos, onde, pelos quarenta minutos seguintes, consultou as ferramentas do seu ofício: um globo no qual localizar a latitude e a longitude do Condado de Christian, Kentucky, e um grosso volume encadernado em couro chamado *efeméride*, que ela usava para calcular a posição das estrelas e de outros corpos celestes no momento do nascimento dele. Com essas informações, passou a desenhar um mapa circular

mostrando a posição dos planetas às 3 da tarde de 18 de março de 1877.

Edgar relatou ter ficado bastante impressionado com o horóscopo que ela lhe entregou, pois era semelhante ao da leitura anterior que havia dado sobre si mesmo em 19 de março de 1919. E, como Edgar relatou mais tarde, muito do que ela disse mais tarde *"provar-se-ia verdadeiro."* Só havia uma coisa no horóscopo que ele achou perturbadora. *"Resigne-se a nunca alcançar [completo] sucesso ou a ser [materialmente] feliz,"* ela lhe disse.

Quando, exatamente, Lammers trouxe a Edgar pela primeira vez o assunto das leituras astrológicas não está claro. Tudo o que se sabe com certeza é que em 11 de outubro de 1923, dentro de apenas três dias do retorno de Edgar a Dayton, ele deu sua primeira leitura *"horoscópica"* sob medida para Lammers. Linden Shroyer conduziu a leitura no Phillips Hotel, tal como fizera durante a visita de Edgar em junho. As palavras exatas de Shroyer não foram registradas, mas pode-se presumir que ele tenha perguntado sobre as influências astrológicas que atuavam sobre Arthur Lammers.

A Fonte não hesitou em responder às perguntas. Em transe, Cayce descreveu Lammers como *"alguém de corpo forte, ainda que corpulento com a força de uma natureza secular,"* alguém de *"vontade forte e autossuficiente,"* e *"alguém cujo destino repousa em sucesso mais próximo à porção central de sua vida neste plano."* Cayce prosseguiu dizendo que Lammers era *"governado por Júpiter"* com *"Vênus na casa onze,"* e que ele estava bem *"equilibrado"* para tratar com indivíduos cujo aniversário cai em março — como Edgar Cayce.

Esta mais recente leitura apoiava outra vez a ideia de que as estrelas e os planetas influenciam o comportamento humano. Para Lammers, já grande crente em astrologia, isto não teria sido surpresa. Para muitas outras pessoas em torno de Edgar, porém, o conceito de astrologia teria sido difícil, quando não impossível, de apreender e aceitar. Mas, segundo a Fonte, o estudo da astrologia existia havia muito, muito tempo. Quando se perguntou quem haviam sido os primeiros povos do mundo a praticar astrologia, Cayce respondeu: *"Muitos, muitos milhares de anos atrás. O primeiro registro [é] aquele registrado em Jó, que viveu antes de Moisés…"*

Em outra leitura para Lammers, a Fonte desafiou os céticos que desprezariam a noção de astrologia, colocando uma pergunta: *"A astronomia é considerada ciência e a astrologia [é tida como] tolice. [Mas] quem está certo? Uma [das duas] sustenta que, por causa da posição da terra, do sol, dos planetas — eles se equilibram uns com os outros de alguma maneira, de alguma forma — mas que não têm nada a ver com a vida do homem ou… com as emoções do 'ser físico' na terra. Então, por que e como é que os efeitos do sol… influenciam [a vida na terra] e não afetam [o homem e] as emoções [do homem]?"* Ainda em outra sessão, para uma jovem de vinte anos que procurou Cayce para uma leitura física, a Fonte afirmou que não apenas os planetas afetam as emoções do indivíduo, mas que a lua afeta o corpo físico: *"O sistema nervoso simpático tem muito a ver com as mudanças das condições lunares."*

Por mais elementares que os pronunciamentos de Cayce pudessem parecer a Lammers, a informação sobre astrologia que em última análise veio a passar por Cayce era muito mais

complexa do que mesmo Evangeline Adams poderia ter antecipado. Como se tornaria aparente mais tarde, não apenas o poder do livre-arbítrio de uma pessoa desempenhava o papel mais destacado em determinar como sua vida se desdobrava, como era quase impossível, para qualquer um que não tivesse os dons que Cayce possuía, descrever com precisão os traços de personalidade, tendências, talentos, fraquezas e desafios futuros de um indivíduo com base apenas em sua data e hora de nascimento. Havia, no mínimo, outros fatores complicadores a serem considerados. Por exemplo, em muitas leituras astrológicas que Cayce viria a dar mais tarde, a Fonte sugeriu que a *"alma"* de um recém-nascido às vezes chegava ao corpo em momento diferente do nascimento físico da criança. Em alguns casos, essa chegada era consideravelmente anterior ao nascimento; em outros, muito posterior. Numa leitura feita para um estudante de dezoito anos, Cayce disse: *"Houve… trinta a trinta e cinco minutos de diferença entre o nascimento físico e o nascimento espiritual."* Outra leitura, dada para um universitário, realçou as dificuldades que tal diferença podia produzir: *"O nascimento espiritual e o físico variaram [um] pouco, houve o físico sob um signo e o espiritual sob outro. Daí as dúvidas que frequentemente surgem, do ponto de vista astrológico."*

Na maioria das leituras horoscópicas, Cayce enfatizava a influência específica que vários planetas exerciam sobre o indivíduo. O papel das constelações, porém, como Câncer, Leão ou Virgem, era considerado relativamente insignificante. Assim, as leituras Cayce sugeriam que os signos do zodíaco não desempenham um papel tão fundamental nas influências

astrológicas de alguém quanto geralmente se acredita, em marcado contraste com a abordagem popular, que diz que o *"signo"* sob o qual uma pessoa nasce é o principal fator determinante na formação da personalidade de um indivíduo.

Numa leitura dada para um vendedor de trinta e três anos, Cayce afirmou explicitamente: *"Quanto a essas influências das constelações… na vida desta entidade*[100]*, estas são meras influências 'oscilantes' na vida, e não aquelas forças diretoras sempre presentes na alma interior desta entidade. Estas encontramos em oposição a muito do que atualmente se ensina ou se dá no plano terreno."*

Ainda outra complicação que surge nas leituras para estudantes de astrologia foi revelada em comentários que Cayce fez sugerindo que havia falhas no sistema egípcio de astrologia, que é o mais comumente usado. O sistema *"tropical"* ou egípcio de astrologia, que era o mais comumente usado por astrólogos como Evangeline Adams, é quase trinta graus diferente do sistema *"sideral"* ou persa defendido por Cayce[101], que então, como hoje, é o meio menos popular de traçar mapas astrológicos.

Para complicar ainda mais as coisas para os estudantes de astrologia, Cayce afirmou que a influência dos planetas não era necessariamente aquela que era popularmente entendida pela maioria dos astrólogos. Como na astrologia padrão, Marte era associado por Cayce à alta energia e à ira, mas a Fonte enfatizava com consistência a influência *"interna"* do planeta, em lugar do comportamento *"externo"* pelo qual é popularmente entendido pela maioria dos astrólogos. Para uma menina de oito anos nascida em Norfolk, Virgínia, a Fonte advertiu: *"Irai-vos e não pequeis."* Numa leitura para uma dona de casa de trinta e nove

anos, também sob a influência marciana, Cayce afirmou: *"A ira justa é uma virtude. Aquele que não tem temperamento é muito fraco. Mas aquele que não controla o seu temperamento é muito pior."* Aqui, como em outras partes das leituras astrológicas, o crescimento construtivo pelo controle da vontade humana era realçado.

Talvez a maior anomalia na informação astrológica de Cayce fosse sua visão da influência do planeta Saturno. O planeta dos anéis tem representado historicamente um amor pela tradição e uma oposição à mudança. Em contraste, as palavras-chave que Cayce relacionava a Saturno eram mudanças *"súbitas"* ou *"violentas." "Em Saturno encontramos as mudanças súbitas ou violentas — essas influências e meios que não crescem, por assim dizer, mas são súbitos, pela mudança de circunstâncias materialmente, ou pelas atividades… de outros."* Embora a maior parte das pessoas pudesse considerar Saturno uma influência negativa ou malévola, Cayce prosseguia encorajando seu consulente na mesma leitura, acrescentando: *"São estes períodos de prova da tua resistência, da tua paciência, do teu amor pela verdade, pela harmonia, e do espírito que não falha."* Mais uma vez, o crescimento construtivo pelo controle da vontade humana era o fator decisivo.

Urano, na astrologia tradicional, tem sido descrito como o planeta do discernimento, do misticismo, da originalidade e da mudança. As leituras sustentam o aspecto místico, mas o distinguem da espiritualidade, e sugerem que sua influência é de extremos: *"[Em] tempos muito bela em caráter — em outros [tempos] muito feia."* Em outra leitura, ele disse: *"A entidade… encontra períodos em que está… nos cumes das montanhas e outros nas profundezas do desespero."* Numa terceira, Cayce disse: *"Haverá também períodos em*

que… a entidade será chamada de sortuda em qualquer jogo de azar, mas haverá também períodos em que… será praticamente impossível para a entidade ganhar por meio de jogos de azar."

Como Urano, Netuno — que está ligado à água — também se relacionava ao misticismo. *"De Netuno encontramos que estar perto das águas… é muito bom… e isto dá também aquelas habilidades do místico."* Este tema foi repetido em uma segunda leitura para um indivíduo supostamente sob a influência de Netuno, para quem Cayce disse: *"Residir perto de grandes massas de água… serão os elementos naturais para o desenvolvimento, dando origem a… habilidades místicas."* Dada esta conexão mística evidente em Urano e Netuno, não é surpreendente que estes dois planetas figurassem com destaque no horóscopo de Edgar da leitura de 1919.

Plutão não foi, de fato, descoberto senão em 1930, sete anos depois que Cayce fez sua primeira leitura horoscópica. Mas, antes de sua descoberta e subsequente nomeação, Cayce referiu-se a um planeta que chamou de *Septimus*[102], que era claramente uma referência a Plutão, sobre cuja influência os astrólogos não conseguem chegar a acordo. Numa leitura que Cayce deu para um homem de negócios judeu, sugeriu que Septimus exercia uma influência adversa ou desafiadora, mas em última análise para o crescimento construtivo: *"Estes fazem com que se dê aquela influência que tem sido de mudanças súbitas em… relacionamentos no que respeita àqueles de parentesco e… de relações físicas ou de negócios. Mas estas adversidades podem ser usadas ou aplicadas na experiência da entidade como degraus para o desenvolvimento da alma."*

As leituras que Edgar iniciou com Lammers, como centenas de outras que mais tarde ficariam conhecidas como *"leituras de vida,"*[103] sugeriam a natureza muito complexa e a dificuldade de mapear as influências astrológicas. Mas os maiores desafios, e as revelações mais significativas, ainda estavam por vir. As leituras astrológicas de Cayce, como as dos astrólogos regulares, discutiam a influência que os planetas têm sobre os seres humanos. Entretanto, nenhum astrólogo profissional — nem mesmo Evangeline Adams — discutia *por que* eles têm uma influência. A resposta que a Fonte deu era talvez o aspecto mais estranho e mais difícil de quaisquer das leituras e teria chocado mesmo o mais veterano dos astrólogos.

Na quarta leitura Cayce sobre astrologia, conduzida por Shroyer, a Fonte afirmou que a *"influência como é dada por muitos daqueles [astrólogos profissionais] em… no plano terreno é defeituosa [na medida em que] muitas das forças de cada [planeta] são sentidas mais pela experiência da 'estadia'*[104] *da entidade sobre esses planetas."* Cayce voltaria a fazer referência a isto numa leitura posterior para uma secretária de trinta anos: *"Deveria ser entendido… que a estadia da alma naquele 'meio', em vez da posição [do planeta] é o que faz a maior influência na experiência de uma entidade ou corpo em qualquer dado plano… Como indicamos, não é tanto que uma entidade seja influenciada porque a Lua está em Aquário… mas antes porque essas posições nos céus se dão por a entidade ter estado naquela estadia como alma… não como corpo físico como é conhecido na Terra, mas como corpo adaptável aos meios de Júpiter: pois há vida lá — não como é conhecida na Terra!"*

Por estas e outras leituras de vida, a Fonte parecia estar sugerindo que a alma de um indivíduo podia, de fato, *"residir"* em outro planeta e, como Cayce elucidou mais tarde, *"em outras dimensões."* Esta informação adicional ajudou a clarificar parte do que a Fonte havia dito nas primeiras leituras para Lammers, em outubro. Em resposta à pergunta sobre se a alma alguma vez morre, Cayce disse: *"Pode ser banida do Criador, [mas] não [pela] morte."* A pergunta seguinte para a Fonte foi o que ela queria dizer por banimento de uma alma do Criador, e por que uma *"entidade"* ou indivíduo escolheria ser *"banido."* A Fonte respondeu: *"para operar sua própria salvação… a entidade ou indivíduo se baniu a si mesmo, ou [baniu] a sua alma [da Terra para Saturno]."*

A mensagem que vinha através de Cayce sugeria que o planeta Saturno era um lugar não diferente da visão católica romana do purgatório. Nestas e em outras leituras astrológicas, a maior verdade sugerida pela informação em transe se tornou clara. O propósito da estadia de um indivíduo em vários planetas, inclusive a Terra, era um meio para um fim: preparar o indivíduo, pelo *"desenvolvimento da alma,"* para o encontro com o Criador.

Edgar e outros naturalmente desejavam saber como as *"estadias"* em diferentes planetas afetavam o homem. Uma leitura posterior proporcionaria um importante discernimento, que mais tarde seria discutido em profundidade: *"Cada influência planetária vibra a uma taxa diferente… Uma entidade que entra nessa influência entra naquela vibração; não é necessário que [ela] mude, mas é pela graça de Deus que [ela] pode [mudar]."* Numa segunda leitura, Cayce descreveu essa influência de outra maneira: *"As sombras daquelas coisas das estadias desta entidade em Mercúrio [influenciam] os próprios*

relacionamentos e atividade da entidade… Assim como o fato de a entidade frequentar este ou aquele… lugar de aprendizagem faria um vocabulário peculiar a ele próprio. Mesmo que indivíduos estudem a mesma linha de pensamento, um frequentando Harvard, outro Yale, outro… a Universidade do Arizona, cada um levaria consigo as vibrações criadas pela sua própria atividade naqueles meios."

Em outra leitura, Cayce explicou como essas estadias podiam provocar variações nas pessoas, apesar da família, herança ou ambiente comum em que viviam: *"A estadia de uma alma em seu meio em torno da Terra, ou neste sistema solar, dá os fatores que muitas vezes se encontram em indivíduos… que são da mesma parentela, no mesmo meio. Mas um pode ser um gênio e o outro um tolo."* A vibração, Cayce apontaria mais tarde, determina o *"ambiente"* que existe em outro planeta ou em outra dimensão, de maneira muito semelhante à que governa a cor, o som e a *"substância"* da matéria na Terra. *"Pois não é estranho que a música, a cor, a vibração sejam todas parte dos planetas, assim como os planetas são parte e padrão do universo inteiro."*

Segundo Cayce, em última análise, a tarefa de um indivíduo era usar o seu livre-arbítrio para retornar a Deus, o Pai. *"Primeiro há o espírito, depois a alma… depois a mente com suas várias modificações e com seus vários estímulos, com suas várias ramificações… e a vontade, o equilíbrio nas forças que pode fazer ganhar tudo ou perder tudo. [O homem deve passar] por todos os estágios do desenvolvimento até que a vontade se perca Nele e ele se torne um com o Pai."* Como Edgar bem sabia, esta, em grande medida, era a mesma mensagem que se encontra no Pai Nosso, aquela de *"Seja feita a tua vontade."*

99. Evangeline Adams (1868-1932): astróloga nova-iorquina, considerada a mais famosa dos EUA no início do séc. XX; tornou-se celebridade após ganhar em 1914 ação judicial em que provou ser a astrologia *ciência*, não *fraude*. ↩
100. *Entidade* (*entity*): termo técnico cayceano para a alma-pessoa em sua continuidade através das encarnações, distinto de *indivíduo* (corpo-pessoa em uma encarnação específica). ↩
101. *Zodíaco tropical* (egípcio): ancora-se no equinócio vernal em 0° de Áries, usado pela astrologia ocidental desde Ptolomeu. *Sideral* (persa): ancora-se nas constelações fixas. ↩
102. *Septimus* (do latim *sēptimus*, *sétimo*): designação cayceana pré-1930 para o planeta que viria a ser oficialmente nomeado *Plutão* (descoberto em 1930, batizado por Venetia Burney). ↩
103. *Leituras de vida* (*life readings*): as leituras que, a partir de outubro de 1923, tratam das encarnações passadas da *entidade*. ↩
104. *Estadia* (*sojourn*): termo cayceano para a permanência da alma em um planeta entre encarnações terrenas. ↩

27.
Um Monge em sua Terceira Aparição

Aceitar a astrologia como influência sobre o comportamento humano foi um desafio formidável para Edgar e Gertrude. Mas o que veio a seguir os testaria mais do que qualquer coisa com que antes houvessem se deparado, pois, no final da primeira leitura de vida de Lammers, veio uma breve afirmação, dada de forma corriqueira, que acrescentou ainda outra dimensão à sua compreensão do lugar do homem no universo. Segundo a Fonte, esta era a *"terceira aparição [de Lammers] neste plano. Ele foi, certa vez, um monge."*

Não é difícil imaginar que essa simples afirmação tenha pegado todos na sala de surpresa, pois Lammers jamais havia sido um monge. Esta era, como tanto Edgar quanto Lammers sabiam, uma clara referência à reencarnação, crença que estava ainda mais distanciada da teologia cristã aceita do que a astrologia. Quase uma semana se passou antes que pedissem à Fonte uma explicação, talvez porque Edgar estivesse nervoso quanto ao que iriam saber. Quando finalmente fizeram mais perguntas, a Fonte confirmou que Lammers havia aparecido *"neste plano [terreno]"* três vezes, e que anteriormente havia aparecido como monge. A Fonte prosseguiu dizendo: *"Nesta [encarnação] vemos vislumbres, na própria vida da entidade, daquilo que se manifestou no monge… O corpo*

[é] apenas, sempre, o veículo daquele espírito e alma… através de todos os tempos, e permanece para sempre o mesmo."

Dois dias depois de dar essa interpretação, a Fonte novamente introduziu o tema da reencarnação numa leitura física que Cayce deu sobre si mesmo. *"As forças da alma de… [Edgar Cayce] estão desenvolvidas além daquelas… dos corpos normais com os quais este corpo possa se encontrar. Daí a intuição da real alma ou das forças elementares de toda pergunta que possa ser apresentada a este corpo pelas manifestações de outras mentes ou almas. Pois esta alma viu sua sétima manifestação neste plano físico, ou terreno."*

Em retrospecto, é difícil imaginar que Lammers não tenha voltado imediatamente a interrogar a Fonte sobre esse mais recente pronunciamento. E é motivo de perplexidade: dadas as cerca de duas mil leituras que Cayce havia dado desde que deixara Hopkinsville, por que teria levado a Fonte uns vinte e tantos anos para abordar esse tema. Embora a Fonte tivesse aludido à existência da reencarnação em leituras conduzidas em 1911 e 1922, as referências foram suficientemente vagas para serem deixadas de lado. Tampouco o tema teria sido abraçado pelo próprio Cayce, pois o conceito de reencarnação sempre lhe parecera — como certamente Tia Lulu concordaria — *"obra do Diabo."* As leituras mais recentes, porém, não podiam ser ignoradas. A razão pela qual a Fonte fazia agora tais referências era provavelmente a mesma razão da informação astrológica que vinha passando por Cayce: Lammers não apenas era crente em astrologia, mas também em reencarnação.

Apesar da óbvia relutância de Edgar em prosseguir no tema, a Fonte não estava disposta a deixá-lo de lado. Quatro dias depois

de a Fonte notar que a alma de Edgar Cayce havia visto sua *"sétima manifestação,"* uma leitura física foi conduzida para o sócio da Penn-Tenn, George Klingensmith, em que a Fonte disse que a *"alma e o espírito [de Klingensmith estavam] desenvolvidos além do normal… pois [ele] esteve quatro vezes sobre este plano terreno."*

Novamente, Edgar conseguiu ignorar a declaração. Mas a Fonte estava, aparentemente, determinada a obter a atenção deles. Pouco depois dessa leitura, numa em que Edgar, Lammers, Klingensmith e Shroyer haviam solicitado para buscar conselhos comerciais, a Fonte admoestou-os a fazerem sucesso do trabalho que estavam fazendo, porque todos os quatro haviam anteriormente trabalhado juntos com *"propósitos destrutivos."* Edgar estava, claramente, ainda relutante em sondar uma explicação adicional dessa afirmação, mas duas semanas depois, permitiria a Linden Shroyer fazer a pergunta lógica seguinte: *"Dai o nome e a profissão… de cada uma das aparições neste plano de cada um destes quatro indivíduos."* A resposta não foi uma daquelas leituras interrompidas com *"estamos concluídos,"* mas antes sugeriu que esse tipo de consulta direta sobre vidas passadas era exatamente o que a Fonte havia há muito esperado ser perguntada.

A leitura afirmou que Shroyer havia vivido na idade de ouro dos nórdicos, e antes disso, no exército persa. A encarnação anterior de Klingensmith havia sido no tempo de Luís XV, e antes disso, durante as guerras gregas, quando foi morto por Alexandre, o Grande. Lammers havia sido Heitor durante as guerras troianas, e depois, um monge na Espanha. A lista das encarnações de Edgar Cayce foi a mais longa, e incluía um soldado nas imediações de Dayton, Ohio, e um colono em Jamestown, Virgínia. Antes disso,

estivera na França no tempo de Richelieu. Previamente a isso, foi um químico na Grécia estudando sob Aristóteles, e depois, retrocedendo no tempo, viveu no *"território das planícies"* da Arábia, onde a Fonte disse que seus restos humanos ainda podiam ser encontrados numa caverna a 7¼ milhas de uma cidade chamada Shushtar. Talvez a mais impressionante encarnação de Edgar descrita nessa leitura tenha sido a sua segunda, no Egito, quando foi relatado ter sido o sumo sacerdote Ra Ta[105], que — segundo a Fonte — foi expulso da corte do Faraó. Por fim, em sua primeira encarnação, a Fonte remontava à criação do homem: *"quando as estrelas da alva juntas cantavam e os 'filhos de Deus' se reuniram e espalharam a nova da glória da vinda [do homem]."* Não se sabe se Edgar divulgou a Gertrude e Gladys a notícia das leituras de vida nessa altura. Com base em evidências circunstanciais, é improvável, pois suas notas e cartas para casa instando-as a ir a Dayton eram incomumente lacônicas. Talvez o próprio Edgar ainda não tivesse pleno entendimento do significado do que passava por ele, ou mais provavelmente, o tema era explosivo demais para ser discutido por carta. Como ele sabia, das leituras astrológicas, pequenas portas podiam abrir-se para grandes salas. Contudo, independentemente do que escolheu contar a Gertrude e a Gladys nesse momento, o impacto que as leituras tiveram sobre ele foi dramático, pois havia perdido todo interesse em voltar a Selma e à vida que ali havia levado. Excetuando breves visitas de volta para ver amigos ao longo dos anos, jamais voltaria ao Alabama, e todos os assuntos comerciais referentes ao estúdio seriam transferidos ao seu assistente, J. B. Williams, que acabou assumindo o estúdio por completo.

Em 14 de novembro de 1923, por volta do meio-dia, Gertrude, Gladys e Edgar Evans chegaram de trem a Cincinnati. Edgar foi recebê-los na estação e os acompanhou ao Phillips Hotel em Dayton, onde ficariam até que a mobília chegasse e pudessem se mudar para um pequeno *apartamento-quitinete* na East Fifth Street. Ansioso para que seu *"time"* começasse, as leituras foram retomadas no próprio dia da chegada, quando Gladys registrou uma leitura física às 15h30. Gertrude, talvez querendo mostrar apoio a Edgar ou ajudar Gladys a se estabelecer, participou da leitura, que Linden Shroyer conduziu.

A astrologia não foi mencionada nessa leitura, mas o tema foi, sem dúvida, levantado naquela mesma tarde, quando Gertrude e Gladys começaram a revisar as transcrições do último mês do trabalho de Edgar em Dayton. Para surpresa de Edgar, a resposta delas não foi inteiramente negativa, embora também não estivessem com pressa de solicitar leituras desse tipo para si mesmas. Hugh Lynn não foi consultado porque não as acompanhara a Dayton. Havia ficado para trás para concluir o primeiro período letivo do seu terceiro ano do secundário em Selma e estava morando com um colega, David Pierson, cujo pai conhecia os Cayces da igreja. Por combinação prévia, Hugh Lynn se juntaria ao resto da família em Dayton durante as festas de fim de ano.

O pequeno Edgar Evans, de cinco anos, foi o primeiro membro da família Cayce a receber uma leitura de vida, que foi conduzida em 19 de novembro. O próprio Edgar, naturalmente, havia recebido informação relativa às suas próprias influências astrológicas e encarnações anteriores, mas uma leitura de vida

dedicada — aquela cujo único propósito é definir e descrever a encarnação presente de uma pessoa em relação às vidas anteriores — nunca havia sido conduzida. Talvez, mesmo àquela altura, Edgar secretamente temesse o que as leituras pudessem revelar.

A informação que veio era típica das leituras anteriores, no sentido de que delineava várias influências planetárias e encarnações anteriores. A leitura sugeriu que Edgar Evans pareceria *"estranho aos outros"* por causa do seu conhecimento inato ou apreensão da mecânica e da química. Quatro encarnações anteriores foram mencionadas, incluindo uma na Alemanha e uma na Índia, mas detalhes específicos não foram dados. A Fonte passou a dar conselhos parentais e advertências quanto a várias doenças ou lesões a que se deveria estar atento, com base em influências astrológicas, e datas específicas durante as quais a criança estaria propensa a ter um acidente relacionado a *"fogo."* Não havia nada de extraordinário nessa leitura, exceto uma breve e bastante curiosa referência de que *"havia apenas duas outras almas sobre este plano terreno enviadas [no momento em que a alma de Edgar Evans encarnou]."* A sugestão era de que Edgar Evans era único de alguma maneira, ainda não revelada. A leitura terminou com a misteriosa afirmação: *"alguém em quem os muitos, em muitas esferas, temerão… a [sua] vinda."* Edgar e Gertrude, naquele momento, escolheram não sondar a Fonte sobre qual aspecto das vidas anteriores de Edgar Evans *"os muitos"* poderiam ter a temer, ou onde ele estivera e o que fizera na Terra — ou em qualquer outro plano — antes de chegar à casa dos Cayces.

Gladys foi a próxima a submeter-se a uma leitura de vida, obtendo a primeira das cinquenta e cinco leituras desse tipo que receberia ao longo da vida. Ela se lembrava de como ficou abalada com o que passou — ela não só estava presente quando a leitura foi conduzida, como teve ela mesma de registrá-la. Não desde o dia em que transcrevera sua primeira leitura em Selma se havia sentido tão nervosa. Gladys observou tensa enquanto Edgar afrouxava a gravata e se deitava no sofá. Linden Shroyer conduziu.

Primeiro, a Fonte forneceu a Gladys uma descrição de várias influências planetárias, entre elas, sobretudo, a de Vênus, a de Mercúrio e a de Marte. Ele então deu uma longa lista de dons e virtudes de Gladys, incluindo esta descrição: *"Alguém em quem haverá, no futuro, pouco dos males terrenos para si mesma, embora alguém que muito prestará auxílio nos males terrenos dos outros."* Ele também disse: *"Alguém que, com outros, atrairá a si muito das coisas mais belas do plano terreno, e alguém para quem todos os obstáculos se tornam os degraus para um desenvolvimento mais alto neste presente plano terreno."*

Diferente de leituras anteriores, que haviam fornecido algumas poucas sentenças soltas quanto às vidas passadas, foram dados a Gladys três parágrafos sobre cada uma das suas encarnações anteriores. As vidas passadas dela somavam quatro e incluíam uma temporada na corte de Luís XV, quando era membro da família real e havia sido seduzida pelo Duque de York, tendo-lhe dado um filho. Antes disso, teve encarnações na Pérsia, no Egito e, certa vez, viveu na casa do governante de um lugar chamado

"Alta,"[106] que existiu — segundo a Fonte — *"dez mil anos antes de o Príncipe da Paz vir."*

A informação revelada nessa leitura lançou luz sobre a importância das experiências de vidas passadas na contribuição para as respostas emocionais, as confianças e as desconfianças, simpatias e antipatias da encarnação atual. Por exemplo, em referência à vida de Gladys entre a realeza francesa, a Fonte disse: *"A primeira mudança veio no décimo sétimo ano da vida… com o encontro e o noivado deste indivíduo com o do Duque de York, [o que] trouxe ao indivíduo aquilo que, na alma mais íntima, é a desconfiança do… sexo oposto, e o corpo tornou-se então morador dos muros confinados, onde foi passado o resto da [sua] vida, e só viveu até a idade, em anos, de trinta."* Sobre o seu tempo na Pérsia, a Fonte acrescentou: *"[Gladys] foi tomada pelas forças invasoras… e nisto [ela tem agora] a aversão àqueles instrumentos cortantes, pois dessa maneira veio a destruição do corpo."*

Gladys ficou bastante chocada com a leitura. Por mais estranha que parecesse, a Fonte havia dito coisas que ela intuitivamente sabia serem verdadeiras. Ela, de fato, tinha medo de ser cortada, e, com efeito, tinha medo de facas desde que era pequena. Seu irmão menor havia descoberto esse medo e a atormentava com instrumentos afiados, perseguindo-a por toda a casa. Ela não suportava usar sequer uma faca de cozinha, e, se usasse, invariavelmente se cortava. Gladys também, como se revelaria, tinha medo de homens.

A informação em transe que a Fonte forneceu a Gladys estabeleceu o ritmo para todas as leituras de vida futuras em seu escopo de detalhe e extensão. Dado que Linden Shroyer estava

presente em todas elas, não foi surpresa que ele solicitasse e recebesse uma leitura de vida no mesmo dia em que Gladys recebeu a sua. A leitura de Linden revelou algo do processo pelo qual Cayce passava ao obter informação de vidas passadas. Cayce — em transe — literalmente contava para trás no tempo, quase como se estivesse falando em voz alta enquanto folheava as páginas de um livro de história. Dessa vez, acrescentou um comentário: *"Dia terrível para aqueles nascidos em julho de 1915"* — uma referência a uma epidemia de gripe que varreu o país naquele mês.

A Fonte afirmou que a encarnação presente de Shroyer era a sua quinta, e passou a detalhar cada aparição. A falha em exercer o livre-arbítrio foi destacada como o maior desafio de Shroyer, deixando-o frequentemente na posição, disse a Fonte, de uma *"almofada de alfinetes"* humana. Cayce encerrou essa leitura com mais um conselho, como havia sido dado na leitura para Edgar Evans: *"Conserva a força da vontade no caminho que conduzirá à Fé dos pais."*

Edgar continuaria a dar uma ou duas leituras físicas por dia. E, embora Edgar e Gertrude ainda não tivessem feito suas próprias leituras de vida, Shroyer e outros já estavam se adiantando para mais. Uma leitura dada para George Klingensmith revelou que ele era *"alguém cujas forças morais estão acima de qualquer reprovação."* Uma encarnação durante o reinado de Luís XV — que, coincidentemente, foi ao mesmo tempo que a de Gladys Davis — e sua vida durante as guerras troianas foram descritas em detalhes minuciosos. Sabendo que havia vivido também outras vidas, Klingensmith deve ter ficado decepcionado quando

a leitura terminou de repente com *"Concluímos por ora."* Ao fechar, contudo, a Fonte indicou que Klingensmith, de fato, tinha outras encarnações talvez igualmente ou mais relevantes para a sua situação de vida atual, mas que estas, disse a Fonte, não podiam ser reveladas: *"[Nos] é vedado aqui dar mais por ora."* A Fonte afirmou claramente que havia, de fato, muito mais que podia ser dito a Klingensmith, mas, como Edgar mesmo logo aprenderia, o fator determinante para quando a informação seria revelada repousava não apenas com a Fonte, mas com o receptor da leitura de vida. Em outras palavras: *"Quando o aluno estiver pronto, a lição será ensinada."*

Finalmente, em 5 de dezembro de 1923, Gertrude reuniu coragem para pedir a sua própria leitura de vida. Durante esta — sua quinta leitura documentada —, a Fonte disse que a *"alma"* de Gertrude havia esperado várias horas depois do seu nascimento para entrar em seu corpo físico. Embora sua mãe tivesse tecnicamente dado à luz nas primeiras horas da manhã, a alma de Gertrude teria só entrado em seu corpo ao fim da tarde. Edgar aparentemente achou o ponto bastante engraçado e mais tarde provocaria Gertrude dizendo que ela havia esperado até o último momento possível para encarnar porque sabia *"que tempo difícil tinha pela frente."*

Aos quarenta e três anos, Gertrude deve ter ficado satisfeita ao ouvir a afirmação seguinte da Fonte, a de que *"a maior força nesta vida, e a maior compreensão, virão nos dias mais tardios neste plano."* Entretanto, qualquer alegria que ela tivesse recebido ao ouvir essa informação teria sido amortecida pelo comentário que se seguiu. *"Haverá três bons anos… [possivelmente] quatro, [em que]… as maiores*

bênçãos serão sobre esta vida neste presente plano." A Fonte passou a gastar uma desproporcionalmente grande quantidade de tempo explicando influências astrológicas sobre ela, e depois listou brevemente três vidas anteriores. A encarnação mais recente havia sido nas cortes francesas, quando Carlos II vivia no exílio e Luís XIV era ainda criança. Como revelaria uma leitura de seguimento, o nome dela havia sido Lurline, e estava envolvida em muitas intrigas da corte como cortesã real. Antes disso, Gertrude havia vivido na Grécia antiga, e previamente a isso, *"no território dos nômades nas terras altas [egípcias]"* durante o reinado dos primeiros faraós. Numa leitura de seguimento, esses *"nômades nas terras altas"* foram ditos como sendo beduínos, e ela foi descrita como uma bela dançarina.

Gertrude ficou, sem dúvida, tão surpreendida e desnorteada com sua leitura de vida quanto Gladys havia ficado. A ideia de que ela, uma dona de casa nascida no Kentucky, tivesse certa vez sido uma cortesã nas cortes francesas era conceito difícil de aceitar. Mas havia pelo menos um elemento da informação que lhe chamou a atenção. Lurline era o mesmo nome que ela havia dado à sua boneca mais querida de infância. Gertrude também respondeu à noção de que tinha sido dançarina, pois, quando jovem, passava o tempo livre *"dançando"* nos bosques, imaginando-se a executar diante de grandes audiências, embora, de fato, nunca tivesse ido a um baile nem visto uma apresentação teatral, a não ser as figuradas em livros.

Tendo agora conduzido mais de doze leituras de vida, pareceria natural que o próprio Edgar devesse receber uma. Ele ainda resistia, talvez porque estivesse temeroso do que pudesse ouvir.

Dados os estranhos acontecimentos da sua infância — em que havia sido visitado por um anjo — e sua própria crescente percepção de que havia de algum modo sido *"escolhido"* para ser mensageiro ou comunicador de poderes para além daqueles dos homens comuns, não teria vindo como grande surpresa saber que ele havia sido Moisés ou um dos profetas bíblicos. Sua vida até aquele ponto já havia sido desafio suficiente. A perspectiva de ser-lhe dito que poderia ser algum tipo de moderno Messias apresentaria dificuldades inimagináveis. Como a própria Fonte havia dito numa leitura antiga: *"Ele já é tido [pelos outros como] maluco o bastante, de qualquer modo!"* Dados os temores de Edgar, não causou surpresa que a leitura de vida seguinte fosse conduzida para Hugh Lynn, que não estava presente para protestar.

Após um preâmbulo-padrão, a Fonte disse que Hugh Lynn possuía uma poderosa vontade ou autodeterminação que *"trará muito sucesso físico e financeiro."* A Fonte descreveu-o como *"alguém com a aflição de Saturno, sob conjunção de Mercúrio e Marte, [que] tem a aflição em fogo e em armas de fogo para o detrimento do corpo."* Ademais, afirmou que Hugh Lynn era *"bem equilibrado em corpo e mente,"* e que era *"alguém cujo amor-de-vida virá depois dos anos da maturidade."* A Fonte sugeriu que ele tinha um profundo amor pela natureza e pelas atividades ao ar livre, mente matemática, inclinação para defender *"princípios pessoais a qualquer custo."* Conselhos vocacionais também foram dados: *"[Hugh Lynn é] alguém cujo maior forte se encontrará no de [um] escritor, compositor, historiador ou compilador de dados."*

Segundo a lista de seis encarnações que a Fonte forneceu, Hugh Lynn havia feito uma aparição na Inglaterra, onde havia sido monge nos dias de Alfredo, o Grande. Seu nome, Olaf Ericson, disse a Fonte, poderia ser encontrado em registros feitos por ele naquele tempo. Hugh Lynn também havia sido cavaleiro nas Cruzadas, o líder de uma força invasora que carregava o estandarte *"Daquele que foi o Doador de dons perfeitos."*[107] Muito mais significativa para Edgar — que já temia o que a Fonte pudesse revelar sobre as suas próprias encarnações — era a informação sobre a vinda de Hugh Lynn *"nos dias em que o Príncipe da Paz caminhava pela orla do mar, [quando] atendeu ao chamado, e foi um daqueles seguidores… que trouxe seu irmão ao Mestre."*[108] Seu nome era André, um dos discípulos de Cristo. A Fonte prosseguiu descrevendo uma encarnação no Egito, e disse que seus restos físicos podiam ainda ser encontrados no canto norte de uma das grandes pirâmides. Sua encarnação mais antiga colocava Hugh Lynn sobre a terra durante o mesmo período que o descrito na leitura física de seu pai: *"quando as forças do Universo se reuniram, quando havia sobre as águas o som do reunir-se… quando as estrelas da alva cantavam… e sobre a face das águas havia a voz da glória da vinda do plano para a habitação do homem."*

Como se pode imaginar, Edgar e Gertrude ficaram, a um tempo, desnorteados e gratificados com a leitura. Por um lado, não podiam deixar de sentir-se honrados por ter um filho que, como a leitura afirmava ousadamente, havia *"caminhado pela orla do mar"* com o Mestre. O enigma, naturalmente, era o que ele e Gertrude e os outros deveriam fazer com a informação. Sem saberem exatamente o que fazer, ou mesmo se deveriam acreditar nessa

espantosa nova informação, foi tomada a decisão de nada fazer. Nenhuma outra pergunta sobre as vidas passadas de Hugh Lynn foi feita, nem foi a Fonte consultada quanto à mais perplexa pergunta de todas: por que uma alma que havia ajudado a fundar a Igreja cristã renasceria dois mil anos depois em Bowling Green, Kentucky, como filho de um fotógrafo atribulado e sua esposa-doméstica de vinte e sete anos.

Edgar daria mais quatro leituras de vida antes das festas de fim de ano. Nessa altura, as vidas de Edgar, da sua família, e de Gladys haviam sofrido uma mudança notável, devida não apenas ao novo tipo de leituras, mas à falta de renda da família. Em vez de receber um cheque de dezembro de J. B. Williams, que havia assumido o estúdio de Selma, Edgar recebeu centenas de dólares em cobranças, por dívidas comerciais e tributárias que Leslie havia deixado de pagar na Cayce Art Company enquanto Edgar estava no Texas. E, embora Edgar tivesse dado trinta e quatro leituras médicas desde que chegara a Dayton, a vasta maioria havia sido para amigos e familiares das pessoas a seu redor, pelas quais não havia sido remunerado. Nem Edgar havia recebido remuneração por dar leituras de vida. Embora Lammers houvesse prometido apoiá-lo, ele não havia recebido um único cheque. Como Edgar contou à família em Hopkinsville, o Natal, este ano, iria ser *"muito magro."*

O pouco dinheiro que a família Cayce havia economizado até aquele ponto se fora para mudar Gertrude, Gladys, Edgar Evans e seus pertences para Dayton. Os recursos de Edgar e Gertrude estavam tão escassos que Gladys não havia sido paga desde antes da sua chegada. Gertrude havia sido forçada a usar a última

moeda de ouro restante do seu dote para levantar dinheiro para pagar a passagem de trem que traria Hugh Lynn para casa na véspera de Natal.

Até então, Edgar e Gertrude haviam tentado proteger Hugh Lynn de suas crescentes preocupações financeiras, mas o desespero da situação tornou-se aparente quando Hugh Lynn chegou à estação. Ele já havia começado a suspeitar, pelas cartas deles, que a família havia exaurido seus recursos e que o grande benfeitor de Edgar, Arthur Lammers, não havia cumprido o apoio prometido. Agora, na estação de trem, em meio a uma nevasca que havia castigado durante toda a noite e parado o trânsito, apenas Edgar estava no depósito para recebê-lo. O resto da família, como Hugh Lynn veio a saber mais tarde, não estava na estação para recebê-lo porque não tinham casacos de inverno. Nem o pai dele tinha. Quando Hugh Lynn abraçou forte Edgar na estação, ouviu o estalar de papel sob o fino paletó de algodão do pai. Para se blindar contra as temperaturas geladas, Edgar havia enfiado jornal nas mangas e por baixo do casaco, como John Latham havia lhe ensinado a fazer no tempo de Hopkinsville. Hugh Lynn achou que o pai parecia magro e cansado.

Edgar fez o melhor possível para evitar as perguntas do filho pelo único motivo de que não queria onerar Hugh Lynn com algo sobre o qual ele nada podia fazer. Mas Hugh Lynn logo soube da extensão do apuro da família. Embora o próprio Edgar ainda não o soubesse, a Lammers Photo Products havia perdido a sua maior conta, a National Cash Register Company de Dayton, por causa de uma desavença entre Lammers e o filho do fundador da NCR, Fred Patterson. A companhia de Lammers, que já estava

sobrecarregada pela aquisição de outras pequenas gráficas, havia entrado num tobogã financeiro que redundou num processo judicial custoso. O próprio Edgar apenas suspeitou da profundidade dos problemas financeiros de Lammers quando recebeu uma carta de Joseph Long, no Texas, dizendo que um dos cheques de Lammers havia sido devolvido por fundos insuficientes.

"Muddie," como Hugh Lynn ainda carinhosamente chamava a mãe, havia feito o melhor possível com o que tinha em mãos para as festas de fim de ano. Quando Hugh Lynn chegou, ela preparou um jantar escasso, porém delicioso. Havia um frango para os cinco repartirem. Hugh Lynn lembrava-se do frango ser pequeno o suficiente para que pudesse enconchá-lo inteiro numa das mãos. Ainda assim, apesar das porções magras que seu pai distribuía, Edgar, Gertrude e Gladys estavam de ânimo elevado.

"Entusiasmo" pairava no ar, Hugh Lynn relataria mais tarde, e a razão se tornou clara quando Gladys e os outros começaram a discutir o novo tipo de leituras que a Fonte estava dando, que ela considerava os mais extraordinários *"presentes de Natal"* que qualquer deles poderia ter recebido. Embora ninguém — incluindo o próprio Edgar — estivesse inteiramente convencido da verdade da informação que passava, todos estavam convencidos de que algum grande avanço havia sido feito, e de que o trabalho nunca mais seria confinado a simplesmente dar diagnósticos físicos e leituras ligadas a negócios. Foi então — enquanto os pratos do jantar estavam sendo retirados — que Hugh Lynn recebeu o seu presente de Natal: a leitura de vida que havia sido conduzida em seu nome em 10 de dezembro.

De início, Hugh Lynn ficou confuso, pois jamais havia ouvido antes a palavra *"reencarnação."* Tampouco entendia a pretendida conexão entre o movimento dos planetas e o comportamento humano. À medida que estudava sua própria leitura de vida e chegou à parte sobre André, o discípulo de Cristo, a confusão de Hugh Lynn virou descrença, depois raiva, e por fim, asco declarado. Não era apenas intelectualmente que discordava da sua própria leitura de vida; tinha uma aversão visceral a lê-la. Ao fim da noite, quando a família tradicionalmente enfeitava a árvore e saía para as vésperas, Hugh Lynn não conseguia se conter o bastante para ficar em um mesmo lugar por mais do que alguns minutos. Ele exigiu que nenhuma outra leitura desse tipo fosse conduzida e que ninguém na família mencionasse que alguma vez houvessem sido feitas. Como ele mesmo relataria mais tarde, sentia como se seu mundo *"estivesse desabando ao redor dele."*

---

105. Ra Ta: sumo sacerdote egípcio, protagonista das leituras cayceanas sobre o Egito antigo (*c.* 10.500 a.C.). ↩
106. *Alta*: civilização pré-diluviana das leituras cayceanas, associada ao complexo atlântico-lemuriano. A datação *dez mil anos antes de Cristo* é cayceana canônica. ↩
107. *Doador de dons perfeitos*: eco de Tg 1.17 (ARA: *"Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes"*). ↩
108. *André* (Ἀνδρέας, *Andréas*): em Jo 1.40-42 (ARA), apresentado como o discípulo que primeiro encontra

Jesus e *traz seu irmão* Simão Pedro ao Mestre. Identidade cárica atribuída a Hugh Lynn.↩

28.
Dívida Cármica e a Primeira Causa

Apesar da reação inicial de Hugh Lynn ao seu presente de Natal, e do fato de que manteve em segredo por muitos anos os detalhes da sua própria leitura de vida, ele viria mais tarde a fazer estudos penetrantes dessas novas leituras e, em última análise, abraçá-las mais do que Edgar, Gertrude, Gladys ou qualquer outro. Em uma carta de 1949, endereçada à composição geral dos membros da ARE — a *Association for Research and Enlightenment*[109], a instituição mais responsável pela continuidade do legado de seu pai —, Hugh Lynn apontou aquilo que, no seu entendimento, tornava as leituras de vida de Edgar Cayce únicas e valiosas no contexto mais amplo dos escritos espiritualistas e da pesquisa sobre o tema.

"[A reencarnação] estivera aqui na forma de ensinos orientais, da Teosofia e dos Rosa-Cruzes [por milhares de anos]," escreveu Hugh Lynn. *"Mas o que era diferente no material de Papai era a aplicação prática dele para o indivíduo. Não era apenas teórico… Havia uma relação [profunda e duradoura] entre uma vida e outra, e os talentos e as habilidades e as falhas e todos os fatores emocionais da vida da gente… estavam ligados diretamente a esse conceito de renascimento… As leituras o tornaram coisa muito pessoal e prática."*

Como Hugh Lynn deixou evidente nessa carta aberta à ARE, ele e a família haviam feito muito progresso na compreensão dos conceitos primeiramente apresentados nas leituras de vida de 1923. De fato, dez anos depois de receber sua primeira leitura de vida, Hugh Lynn solicitou uma série de leituras, que se tornaram o discurso mais longo e abrangente que a Fonte deu sobre o tema. Houve uma pergunta feita durante essa série que parecia mais premente para Hugh Lynn: por que a reencarnação é necessária, afinal? A Fonte respondeu com certa extensão:

"A consciência do homem… é ganha por meio [daquilo] que ele, o homem, faz acerca do conhecimento [daquilo] que ele é, em relação àquilo de onde veio e em direção àquilo para onde vai," disse a Fonte. *"Daí, na análise e na compreensão de si mesmo pelo homem, é tão importante saber de onde veio quanto saber para onde vai."*

A Fonte também deixou claro que o conhecimento ganho por meio das leituras de vida não é o mesmo que memórias específicas de encarnações anteriores. Segundo a Fonte, o esquecimento de nossas vidas anteriores é por desígnio, não apenas com o propósito de manter o *"livre-arbítrio,"* mas para nossa própria proteção, porque as memórias conscientes de encarnações mais antigas poderiam tornar-se, potencialmente, um grande fardo. A *"memória"* que uma pessoa leva consigo para uma encarnação subsequente é mais na forma de uma lição que foi aprendida, ou que ainda resta a aprender. A menos que essa *"lição"* faça da pessoa alguém melhor, ela não tem valor duradouro. Era a isso que a Fonte se referia como *"karma,"*[110] ou ao impacto que uma encarnação tem sobre outra.

Como Hugh Lynn buscou comunicar àqueles que estudavam as leituras de vida, *karma* era simplesmente memória subconsciente, e não uma questão de punição Divina, como popularmente entendido por muitos crentes em reencarnação. *"Trata-se [simplesmente] de causa e efeito… simplesmente de memória interna,"* disse Hugh Lynn. *"As pessoas sempre acharam que se tem karma com alguém. [Mas] o karma não existe entre pessoas… Você não tem karma com outras pessoas. Você tem uma memória sobre [a experiência]. Mas [a memória delas] pode ser muito diferente da sua. Elas podem ter superado isso… e ter transformado isso numa boa relação."*

O ponto que a Fonte enfatizou repetidamente é que o *karma*, e o conhecimento dele pelo homem, tem propósito. *"Descobrir que apenas viveste, morreste e foste sepultado sob a cerejeira no jardim da avó não te torna nem um tantinho melhor vizinho, cidadão, mãe ou pai!"* disse a Fonte. *"Mas saber que falaste de modo descortês e por isso sofreste, e que no presente podes corrigir tal coisa sendo justo — isso vale a pena!"*

Implícito ao longo de todas as leituras de vida estava o entendimento de que uma alma, por meio da sua capacidade dada por Deus de *"livre-arbítrio,"* literalmente escolhe as condições ou o ambiente em que nasce. Em outras palavras, uma alma escolhe como fazer as pazes, ou libertar-se de sua *"dívida cármica."* E, assim como uma alma individual *"escolhe"* o tempo e o lugar de reentrar no plano terreno, escolhas específicas são feitas com respeito a família, genética, atributos físicos e personalidade. A Fonte comparou as linhagens de sangue e a família a um *"rio"* através do qual uma entidade viaja enquanto seleciona as condições aproximadas ou os desafios a enfrentar. O

conceito da genealogia familiar como uma espécie de rio cósmico tinha grande atrativo pessoal para o próprio Edgar, pois sua passagem favorita da Bíblia estava no Salmo 46, que diz, em parte: *"Há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus."*

Para Hugh Lynn, como para Edgar, a mensagem central que estava sendo comunicada era que a vida tem propósito e direção, e que a reencarnação só podia ser entendida no contexto de onde o homem veio e para onde ele vai — *de* a *"Primeira Causa"*[111] ou Deus, e *de volta* a Deus. O objetivo primário de toda experiência humana, disse a Fonte, era tornar-se digno companheiro de Deus. O grande mundo que nos rodeia é uma questão de criação nossa, e nos permite ver onde estamos em nossa jornada de volta a Deus.

Mais uma vez, a Fonte enfatizou o conceito de mente como construtora[112], referindo-se ao bem que pode advir de focar em Deus e na criação de Deus, e ao dano que resulta de uma preocupação com males terrenos como violência, desejo carnal e materialismo. Isso seria especialmente verdadeiro, acrescentou a Fonte, para crianças e jovens adultos, cuja tendência natural a ver Deus no mundo pode facilmente ser subvertida pelo materialismo e pelo consumismo, que para muitos são os ritos costumeiros de passagem para a vida adulta. *"A mente é sempre a construtora, seja no espírito, seja na carne,"* disse a Fonte. *"Se a mente da pessoa está cheia daquelas coisas que falam do espírito, então a pessoa torna-se de mente espiritual… Inveja, contenda, egoísmo, ganância, avareza, são os filhos do homem! Tolerância, bondade, amor fraternal, boas obras, são os filhos do espírito."*

Ademais, a Fonte sugeriu que o único método seguro de descer da roda aparentemente interminável de nascimento e renascimento era seguir o exemplo de Jesus Cristo, que, segundo a Fonte, foi a primeira pessoa a fazer a transição de volta a Deus, o *"Criador."* Nesse contexto, a Fonte realçou o ensinamento bíblico de que Cristo morreu na cruz para salvar a humanidade. Ele viveu e morreu — disse a Fonte — para fornecer um exemplo vivo do caminho do homem de volta a Deus. *"Ele é o caminho, aquela luz sempre pronta,"* disse a Fonte. O caminho de volta, disse a Fonte, envolve fazer com que a vontade da pessoa seja a mesma vontade do Pai, como Jesus fez na cruz. Embora Ele tivesse o poder de salvar-se a Si mesmo, mostrou Sua fé deixando Seu destino nas mãos de Deus. É em conexão com esse conceito que Cayce citaria Jesus como ensinando: *"Se quiserdes ter vida, dai vida"* — uma versão mais específica de *"colhereis o que semeardes,"* e *"o que fazemos aos outros, na verdade fazemos a nós mesmos."*

Por mais difícil que fosse para Edgar aceitar a noção de reencarnação, ele sabia, dos anos de estudo da Bíblia, que ela respondia a muitas questões teológicas, não menos das quais as passagens muitas vezes citadas sobre *"nascer de novo."* Após fazer seu próprio estudo da reencarnação e da Bíblia, Edgar finalmente concluiu que ela continha várias referências específicas ao tema do *karma* e das vidas passadas. Um exemplo era o Evangelho de João, quando os discípulos perguntaram a Cristo sobre um homem que havia nascido cego. Os discípulos queriam saber se a cegueira havia sido provocada pelo próprio homem ou pelos seus pais. Como Edgar destacou em uma palestra que mais tarde proferiu: *"Não teria sido possível para o homem ter pecado nesta vida*

[e] nascer cego. Eles [os discípulos] devem ter acreditado que o homem viveu antes; do contrário, não teriam feito tal pergunta." Outra referência que Edgar citou estava no Evangelho de Mateus, quando Jesus, Pedro, Tiago e João desceram do Monte da Transfiguração, onde haviam visto Moisés e Elias. Pedro e João, questionando uma profecia anterior sobre a vinda do Messias, perguntaram por que os escribas haviam dito que Elias devia vir primeiro. Jesus respondeu: *"Elias já veio, e não o reconheceram… Então, entenderam os discípulos que lhes falara a respeito de João Batista."* A Fonte mais tarde apoiou a interpretação de Edgar dessa passagem em uma leitura dada para uma dona de casa de quarenta e seis anos de Akron, Ohio, ao fazer referência específica à vida prévia de João Batista como Elias.

Uma pergunta lógica que veio à mente de Edgar era por que o tema da reencarnação não aparece na teologia cristã. A Fonte respondeu a essa pergunta em uma leitura dada sobre o gnosticismo, doutrina praticada por uma seita primitiva da Igreja cristã. Nessa leitura, a Fonte disse que a reencarnação era crença comumente aceita até que líderes da igreja primitiva começaram a desenvolver *"regras fixas,"* que eram, segundo a Fonte, *"tentativas de tomar atalhos."* O conceito de responsabilidade pessoal perturbava os pais cristãos por causa do grau de culpabilidade que ele colocava sobre o indivíduo. Se o próprio homem havia escolhido as circunstâncias da sua vida, ele não podia alegar ser vítima de má sorte, pois eram suas próprias ações, pensamentos e atitudes — desenvolvidos em encarnações anteriores — que o estavam retendo. Mas essa mudança na doutrina da igreja foi,

sugere a Fonte, míope. Essa mesma leitura destacou: *"[Não há atalhos] no Cristianismo!"*

Como Hugh Lynn, à semelhança de Edgar, viria a tomar conhecimento de modo íntimo, a vasta maioria das leituras de vida e suas leituras físicas concomitantes sugeriam que o *karma* estava na raiz dos desafios que uma pessoa enfrentava. Em uma leitura conduzida em 1944 para uma criança de doze anos que sofria de asma, a Fonte disse: *"a pessoa não espreme a vida fora dos outros sem, em alguns momentos, parecer ter a mesma espremida fora de si."*

Talvez o exemplo mais interessante de dívida cármica pertencesse a uma mulher que veio a Cayce sofrendo de gonorreia. Em sua leitura de vida, a Fonte disse que ela havia sido certa vez prostituta em Yokohama, e que em sua encarnação atual havia sido infectada pela mesma cepa de doença venérea que ela havia, conscientemente, transmitido a inúmeros marinheiros um século e meio antes.

Distúrbios emocionais também eram explicados pelo *karma*, como evidenciado por uma leitura que Cayce deu para uma menina de dezoito anos que tinha um medo incomum da escuridão. A Fonte disse: *"As experiências na masmorra na qual foste lançada [criam esse medo]."*

Frequentemente, em casos de condições cármicas, a Fonte recomendava desenvolver a fé tanto em si mesmo quanto em Deus, antes de embarcar em qualquer tratamento físico. Em uma leitura para uma mulher de quarenta e sete anos que sofria de glaucoma, a Fonte disse: *"Daí, a saúde geral tem muito a ver com a condição, [mas] o karma tem muito mais… Tuas oportunidades e teus*

propósitos, como em cada alma, são apenas… oportunidades para ti. Usa-os para a glória de Deus, e não na desobediência voluntária de qualquer maneira."

Em outra leitura, dada para uma dona de casa de trinta e sete anos de Nova Jérsei que sofria de artrite e prisão de ventre, a Fonte aconselhou que, antes que medicamentos fossem dados, *"primeiramente é preciso haver uma mudança na atitude mental do corpo. Tem de ser erradicado todo julgamento ou condenação, da parte do eu para com o eu, ou para com qualquer pessoa associada ao corpo."*

Ridicularizar a situação de vida de outra pessoa era visto pela Fonte não apenas como errado, mas como fonte de mau *karma* e de saúde precária em encarnações futuras. As leituras revelavam situações em que a pessoa enfrentava desafios que havia ridicularizado em outros, em uma vida passada. Em uma leitura para uma estudante de dezessete anos, a Fonte disse: *"Frequentemente a entidade riu daqueles menos ágeis em atividade, devido ao peso no corpo deles. Daí encontramos a entidade não apenas se deparando com a mesma coisa no presente, sob ângulo físico — obesidade — mas há a necessidade de isso ser resolvido pela dieta, bem como pela atividade ao ar livre."* Em outro caso, um jovem que se sentia desafiado por sua homossexualidade buscou uma leitura física que acreditava poder explicar sua situação de vida atual. As origens do seu *"desafio"* apareceram em uma leitura de vida. Ele havia sido cartunista político em uma encarnação francesa anterior, e havia ridicularizado pessoas proeminentes conhecidas ou suspeitas de serem homossexuais.

A pergunta naturalmente surgiu, em relação a essas leituras, se todas as enfermidades sérias ou aflições eram resultado de

experiências de vidas passadas. Em resposta a essa pergunta, a Fonte afirmou repetidamente que muito pouco acontece por acaso, sejam condições físicas, sejam associações com outros: *"Nunca é por acaso, mas, como ocorre com todas as coisas neste mundo material, há causas e efeitos,"* disse a Fonte a um homem de cinquenta anos de Durham, Carolina do Norte. *"Para ser certo, em momentos pode haver o que se poderia chamar de acidentes. Mas estes também, em um mundo de causação, têm sua causa e efeito."*

Contudo, a Fonte reconheceu que, ocasionalmente, *"acidentes acontecem na criação, bem como na vida dos indivíduos! Afirmação peculiar aqui, mas verdadeira!"* Um exemplo de tal acidente não-cármico foi o de uma enfermeira que aparentemente não havia lavado as mãos adequadamente antes de manusear um bebê que mais tarde desenvolveu problemas relacionados à audição. A Fonte disse: *"uma condição triste, e não resultado de karma, mas um acidente."* Outro exemplo foi o de uma enfermeira que acidentalmente derrubou uma criança que, em consequência, desenvolveu lesões na coluna.

Mesmo quando a Fonte dizia não haver *karma* anterior envolvido em uma situação de vida específica, ainda assim causa e efeito se aplicavam. Esse foi o caso de uma professora primária que perguntou se devia ou não submeter-se a uma cirurgia. A Fonte disse: *"A menos que algo seja feito a respeito das [atuais] condições, [teus problemas físicos] podem ocorrer de novo! Não se trata do pagamento de dívidas cármicas de outras experiências… mas da falta de conformidade às leis pertinentes à saúde."* Por mais frustrante que tenha sido para essa professora ouvir que a responsabilidade última pela sua situação de vida era dela, a Fonte descreveu um

meio pelo qual o indivíduo poderia superar seus desafios através do ato do *"perdão."* Isso, em sentido mais amplo, era o que Cayce acreditava que Cristo havia realizado em sua vida na terra.

Outra leitura colocou o ponto de modo mais direto: *"Influências cármicas têm sempre de ser enfrentadas, mas Ele preparou o caminho que as toma sobre Si mesmo… à medida que confias Nele… pois forças cármicas são [tais que] aquilo que é medido tem de ser enfrentado."* Aqui, a Fonte parecia estar dizendo que, embora não haja maneira de a pessoa evitar suas dívidas cármicas, é possível enfrentar os desafios da vida vendo-os como degraus para um maior crescimento espiritual, e perdoando os erros dos outros. Segundo a Fonte, era apenas na medida em que a pessoa perdoa aos outros os seus erros, que os seus próprios seriam perdoados. *"É só conforme perdoardes [que] o Cristo é capaz de te perdoar,"* disse a Fonte numa leitura de 1944. *"Perdoai, se quereis ser perdoados."*

Hugh Lynn, como seu pai, viria a acreditar que é apenas no contexto do *karma* que os poderes de cura de Jesus podem ser melhor compreendidos, pois, no sentido cármico, Jesus verdadeiramente curou as pessoas das suas enfermidades *"perdoando-lhes os pecados,"* particularmente as pessoas nascidas com a condição de que sofressem. E quase as últimas palavras que Cristo proferiu na cruz — *"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem"* — assumem novo significado, especialmente à luz do ensinamento bíblico que diz: *"Ele é o caminho."* Para Edgar e outros estudantes das leituras de vida, a mensagem era clara: as pessoas colhem o que semeiam. Se a pessoa é julgadora e cheia de ódio, colherá julgamento e ódio. Se age com perdão e paciência, sua vida estará cheia de perdão e paciência.

Embora o foco em muitas das leituras estivesse no que poderia ser chamado de *"mau karma,"* a Fonte dedicou um número maior de leituras àquilo que poderia ser chamado de *"bom karma,"* ou talentos, habilidades e atitudes que eram ganhos como resultado de ter enfrentado com sucesso desafios em experiências de vida anteriores. A uma boa pessoa seriam dadas *"maiores responsabilidades,"* que vinham na forma de riqueza, posição na vida, boa saúde, físico, ou habilidades e talentos altamente desenvolvidos. A Fonte descreveu essas bênçãos terrenas como *"responsabilidades"* porque elas também eram cármicas, e tinham de ser usadas de uma maneira em consonância com a *"Primeira Causa,"* ou propósito Divino.

Esse tema foi abordado em uma leitura para um executivo de negócios de trinta e oito anos, a quem a Fonte disse: *"Podes verificar — à medida que os bens deste mundo aumentam em tuas mãos… que eles não se tornarão fardos para a tua consciência, nem te separarão do teu lar ou do teu próximo. Antes, é a oportunidade de servires ao teu Criador. Tu ganhaste o direito a muitos dos bens deste mundo."*

Em uma leitura para uma secretária de trinta anos, a Fonte disse: *"[Tu] ganhaste [companheirismo harmonioso], pois praticaste primeiro a paz dentro de ti, e a habilidade de fazer paz com os outros."* Nessa mesma leitura, contudo, a Fonte enfatizou a necessidade de essa indivídua não tomar suas bênçãos como certas. *"[Cuida para não] falar demais! E estas [presentes bênçãos] sempre garantirão à entidade boa posição, para alcançar, para ganhar o que possa ser o desejo ou o propósito [da alma]. [Adota a atitude] de 'viver e deixar viver,' e de*

ajudar o próximo, [e] manterás aquelas [experiências de vida anteriores] invioláveis, e haverá harmonia nesta [presente] experiência."

Como a sua própria leitura de vida mais tarde lhe revelaria, a sua bênção mais especial — a sua habilidade de comunicar-se em nível psíquico — era resultado direto do seu *"desenvolvimento da alma"* em vidas anteriores. A encarnação em que ele fez o maior desenvolvimento a esse respeito foi uma vida em que havia sido ferido, e através do poder de sua autodeterminação, pôs de lado a sua *"mente carnal"* para curar seu próprio corpo. Contudo, como essa mesma leitura revelou, sua situação presente era determinada por mais do que apenas o *karma* pessoal. Em virtude da sua tarefa especial na vida, Edgar, como muitos outros que obtinham leituras de vida para si mesmos, atraía a si pessoas e grupos de pessoas com quem havia anteriormente se associado em encarnações anteriores. Segundo a Fonte, grupos de pessoas podiam encarnar juntos para resolver *karma* individual ou completar algum *"bem"* de longo prazo que havia sido começado em encarnações anteriores. Como Edgar gradualmente tomou ciência durante a condução da primeira série de leituras de vida, as pessoas em contato próximo com ele invariavelmente se conheciam no Egito muitos milhares de anos antes, que era onde o trabalho havia verdadeiramente começado.

Nem todos na vida de Edgar estavam com ele em outras encarnações *"em grupo."* Em muitas instâncias, as pessoas eram atraídas a ele por causa de *karma "pessoal"* que precisava ser resolvido. Uma mulher que Edgar havia tratado mal em uma encarnação anterior foi salva de morte certa por uma leitura que ele forneceu. Nesse caso, como em muitos outros, Dave Kahn

agiu como uma espécie de intermediário gentil pelo qual alguém que de outro modo não teria cruzado o caminho de Edgar buscou e recebeu ajuda. E Edgar, ao fazer essas leituras, era capaz de apagar mau *karma* resultante do seu mau tratamento desses indivíduos em experiências de vida anteriores.

É interessante notar, a esse respeito, que Dave Kahn, segundo suas próprias leituras de vida, não participou do trabalho em encarnações anteriores de Edgar e não havia desempenhado o tipo de papel que Gertrude, Gladys e outros haviam tido no *"rio da vida"* de Cayce. O propósito *"cármico"* da participação de Dave Kahn na vida atual de Edgar parece ter sido o de agente através do qual Edgar, em nível pessoal, era capaz de corrigir injustiças que havia cometido em encarnações anteriores. Kahn havia desempenhado precisamente esse tipo de papel em Desdêmona e em Luling, onde havia agido como o ponto de contato pelo qual os vários petroleiros buscaram ou receberam a ajuda de Cayce.

É irônico — dado o fato de que receptores de leituras físicas em épocas tão remotas quanto Hopkinsville e Bowling Green eram admoestados a *"olhar dentro de si mesmos"* em busca da fonte dos seus desafios de vida, ou a *"fazer as pazes com Deus"* e *"estudar as escrituras"* se desejassem ficar fisicamente bem — que mais uma década inteira se passasse antes que o próprio Edgar Cayce ficasse pessoalmente convencido da mensagem que estava sendo apresentada nas leituras de vida de Dayton. A um jovem estudante universitário que perguntou a Cayce — em transe — o que o convenceria da reencarnação, a Fonte respondeu, simplesmente: *"Uma experiência."* Foi precisamente uma tal *"experiência"* que finalmente convenceu Edgar.

No curso da condução de leituras de vida e leituras físicas para Cayce Jones[113], o filho bebê dos melhores amigos de Edgar em Selma, a Fonte não apenas forneceu respostas a perguntas sobre o bem-estar físico e mental do consulente, mas teve isto a dizer a Edgar, em nível pessoal: *"Aqui podes ter prova [da reencarnação]. Deixa que tua mãe veja a criança; ela o reconhecerá, como ele a ela."*
A referência era a Thomas Cayce, o falecido irmão menor de Edgar, que uma das leituras de vida afirmava ter sido reencarnado como Cayce Jones, e que iria, na encarnação presente, supostamente manifestar grandes habilidades psíquicas. Como Edgar se lembrava, Thomas Cayce, com dez dias de vida, havia morrido nos braços da mãe, e isso havia sido fonte de muita dor pela qual Edgar e sua mãe haviam buscado consolo na oração. Na leitura para Jones, a Fonte sugeriu que se Carrie Cayce fosse apresentada à criança, ela o reconheceria como seu, dada a sua encarnação anterior. Infelizmente, Edgar não agiu sobre a informação em 1925, quando a leitura de vida de Cayce Jones foi dada. Poucos meses depois, Carrie morreu, e Edgar lamentou não ter colocado mãe e *"filho"* juntos para ver o que poderia acontecer. Mas então, em 1927, Edgar visitou Selma e passou uma tarde com a família Jones. No caminho da estação de trem para a casa deles, a mãe de Cayce Jones, Alva, e o marido dela, Lamar, falaram a Edgar sobre sua *"criança muito peculiar,"* agora com dois anos e meio. Segundo Alva, seu filho — que havia sido nomeado em homenagem a Edgar — alegava não ser membro da família deles. *"Ele insiste que não pertence a nós, [e] está apenas nos visitando até que sua gente venha buscá-lo,"* ela disse a Edgar. *"Ele não quer ter nada a*

ver com estranhos, chama-nos pelos nossos nomes, Mr. Jones e Mrs. Jones, e suas irmãs e irmãos pelo nome deles."

Quando Edgar chegou à casa dos Jones, foi apresentado ao pequeno Cayce Jones. Edgar descreveu a criança como *"adorável"* e *"normal de todo modo,"* e ficou surpreso quando o garotinho não o saudou nem se aproximou dele. Apenas observava Edgar, intensamente, à distância, sem dizer nada. De repente, então, correu para abraçar Edgar. O rosto da criança ficou radiante. *"Brother!"* anunciou. De uma só vez, a criança começou a implorar a Edgar que a levasse para casa, suplicando a Edgar que pertencia à família Cayce, não aos Jones. O pequeno Cayce Jones ficou tão aflito com a perspectiva de não partir com ele que Edgar teve de esperar até que a criança estivesse dormindo para poder sair da casa dos Jones.

Edgar não viu Cayce Jones pelos oito anos seguintes, achando que, se o fizesse, poderia haver sérias repercussões para a relação da criança com os pais. Então, quando ele de fato voltou, Alva Jones relatou um curioso fenômeno que estava criando grande tensão na vida familiar deles. Ela disse a Edgar que seu filho de dez anos não entrava sozinho na casa para a qual eles haviam recentemente se mudado, nem entrava em seu quarto ou no banheiro deles a menos que acompanhado de um dos pais. Isso provou ser problema considerável, pois um dos pais tinha de constantemente acompanhar a criança de dez anos. Quando Alva perguntou ao filho qual era o problema, ele teria respondido: *"A senhora não entenderia."*

Lamar e Alva Jones pediram a Edgar que olhasse a questão e falasse com o filho deles. Edgar atendeu. Logo se tornou aparente

para ele que a criança de dez anos havia começado a manifestar as habilidades psíquicas previstas em sua primeira leitura de vida. Cayce Jones disse a Edgar o que estava relutante em dizer aos pais: que acreditava que o fantasma de alguém que havia morrido na casa havia permanecido para assombrar seus ocupantes presentes. Cayce Jones estava *"captando"* vibrações psíquicas, e o perturbava ficar sozinho na casa. Em conversas com Edgar sobre o *"fantasma,"* o problema foi resolvido. A criança apenas precisava levar uma coisa viva consigo para o cômodo, como um pássaro engaiolado ou uma planta envasada, para neutralizar as vibrações da presença fantasmagórica. Como Edgar mais tarde relatou em uma carta a um amigo, a criança confirmou o que tanto ele quanto a criança sabiam, no fundo, ser verdade. *"[Um pássaro ou uma flor tem] vida, e Vida é Deus. E quando Ele está… [presente], nada pode fazer mal."*

Ajudar o garotinho a superar seu medo da casa, contudo, foi muito mais fácil do que convencer a criança a permanecer com a família Jones. Quando Edgar estava prestes a partir da casa dos Jones para retornar à sua, o garotinho apareceu à porta com seus pertences arrumados em uma mala. Exigiu ser levado *"para casa."* Como Edgar mais tarde disse do incidente: *"isso não foi prova [da reencarnação] para ninguém [de modo científico], mas [foi] muito significativo para mim!"*

---

109. ARE: *Association for Research and Enlightenment*, organização fundada por Edgar Cayce em 1931 em Virginia Beach para preservar e estudar as leituras. ↩

110. *Karma* (preservado em itálico): termo cayceano-teosófico para a lei moral de causa e efeito ao longo das encarnações.↩

111. *Primeira Causa* (*First Cause*): termo da metafísica clássica (Aristóteles, *Metafísica* XII; Aquino, *prima via*) aqui apropriado por Cayce para designar o ato divino originário de toda existência.↩

112. Mente como construtora: princípio cayceano fundamental — *"O espírito é a vida, a mente é a construtora, o físico é o resultado"*. Retomado de Cap. 10.↩

113. Cayce Jones: Carl Cayce Jones, filho de Lamar e Alva Jones, melhores amigos de Edgar em Selma. Identificado em leitura como a reencarnação do irmão menor de Edgar, Thomas Cayce, falecido aos dez dias.↩

29.
História e Atribulações

Embora o número de sessões em transe que Edgar Cayce havia dado tivesse mais do que dobrado desde a chegada de Gertrude e Gladys a Dayton em outubro de 1923, Arthur Lammers não havia solicitado uma única leitura para si mesmo ou para a sua companhia, e todas as comunicações com ele estavam, agora, sendo encaminhadas via Linden Shroyer, seu secretário particular. Não obstante, Edgar ainda acreditava que Lammers proveria o apoio financeiro que repetidamente havia prometido. Contudo, em janeiro de 1924, a *Lammers Printing and Engraving Company* havia praticamente fechado as portas. E, em meio aos processos legais correlatos, Lammers e um dos seus sócios tiveram um desentendimento sobre como reorganizar e enxugar a *Dayton Photo Products Company*. Nos meses seguintes, a Dayton Photo Products e a Lammers Printing entraram em falência. Os credores da companhia executaram a hipoteca sobre a mansão de Lammers em Bryn Mawr e retomaram-lhe os automóveis. Não havia sequer dinheiro suficiente para imprimir um livro proposto baseado na série de leituras que Edgar havia conduzido em Dayton.

No último encontro relatado de Edgar com Lammers, em dezembro de 1923, o homem de negócios ainda fingia que sua

situação não era tão desesperadora quanto todos acreditavam. Lammers chegou tarde ao encontro, e ficou descontente ao descobrir que Linden Shroyer e Byron Wyrick haviam começado a negociar com outro impressor para publicar o livro de Edgar. Lammers objetou energicamente a permitir que qualquer pessoa que não ele mesmo publicasse o livro, e, no atraso resultante, o projeto, tal como originalmente concebido, foi abandonado. Olhando para trás, para aqueles meses iniciais do ano novo, Hugh Lynn lembrava que podia ver o *"olhar magoado nos olhos do [seu] Pai quando ele falava de pessoas [que o haviam decepcionado]."* Mas, sobre dinheiro, seu pai dizia simplesmente: *"Há de vir."*

A verdade da matéria, contudo, era que a família estava completamente quebrada, e eles, junto com Gladys Davis, estavam, agora, encalhados em uma cidade de estranhos durante o que foi descrito como um dos invernos mais frios da história de Dayton. Além de Lammers e Shroyer, os Cayces praticamente não conheciam ninguém, exceto o fabricante de peças automotivas Tim Brown, que havia partido em uma viagem prolongada para Los Angeles e cujo retorno não era esperado por pelo menos um mês. E, não tendo laços estabelecidos com nenhuma congregação eclesiástica de Dayton, a família era, ou pouco disposta, ou incapaz, de pedir caridade. A única renda que a família recebia provinha de leituras médicas, que estavam sendo conduzidas a uma média de uma por dia. Eles teriam gostado de dar mais leituras, mas ninguém, além do seu pequeno círculo de apoiadores no Phillips Hotel, sabia quem eles eram ou o que Edgar fazia. Tendo dedicado a parte do leão de seu tempo em transe a leituras de vida, ele não havia desenvolvido contatos com

a comunidade médica nem estabelecido a base de apoio que tinha em Birmingham e em Nashville.

A renda obtida com uma leitura física diária — cobrada à taxa de cinco dólares por sessão — mal conseguia pôr comida sobre a mesa, quanto mais pagar o aluguel no Phillips Hotel, onde as leituras estavam sendo dadas, ou o do seu apartamento de dois cômodos na East Fifth Street. A única razão por que Edgar mantinha o quarto no hotel é que não conseguia pagar a sua conta, e temia que, se se mudasse de vez, fosse preso por inadimplência de aluguel. Um breve comentário que Edgar fez em uma carta a Byron Wyrick, em Chicago, segundo o qual eles ainda estavam *"comendo — às vezes,"* não era a piada que parecia ser, pois leituras físicas conduzidas para Gertrude alertavam repetidamente para complicações decorrentes de deficiências de vitaminas e minerais em sua dieta. Além de dar leituras e jogar longas partidas de cartas em torno de uma mesa improvisada na cozinha, a única diversão da família eram passeios ao próximo Rio Miami, onde Hugh Lynn e Edgar Evans, agasalhados em várias camadas de roupa, perseguiam uma lata achatada por sobre uma extensão de gelo, sob a Dayton View Bridge. Eles chamavam o jogo de *"ice-polo."*

Em meio a essa pobreza abjeta, Edgar deu algumas das leituras mais inspiradas e provocativas da sua carreira. A mais notável foi a leitura de vida que ele finalmente deu para si mesmo. Encorajado por Linden Shroyer e inspirado pela *"coragem"* de Gladys, ele finalmente submeteu-se em 9 de fevereiro. Devido ao mero volume de informação que a Fonte tinha a fornecer, a leitura foi continuada ao longo de um período de sete dias. Gertrude,

talvez apreensiva com o que a Fonte pudesse dizer, ou simplesmente preocupada em cuidar das crianças, permaneceu em casa.

As declarações introdutórias da leitura de Edgar foram semelhantes às feitas pela Fonte para dezenas de leituras de vida ao longo dos anos. A Fonte disse que daria apenas a informação que fosse vital para Edgar naquele momento, e indicou também que tratava Edgar com a mesma neutralidade concedida a outros receptores de leituras de vida. Embora Shroyer e outros, sem dúvida, colocassem Edgar em um pedestal, a Fonte afirmou claramente que os desafios que ele enfrentava eram os de um homem ordinário. *"[Ele é] alguém que encontra muito no escopo ou esfera da intriga em casos amorosos secretos, alguém dado, com frequência, às condições que têm a ver com os assuntos do coração, e com aquelas relações que têm a ver com o sexo."*

É interessante especular o que Gertrude pode ter pensado sobre esse comentário, pois ela, mais do que qualquer pessoa, sabia que aquilo que faltava ao seu marido em boa aparência era mais que compensado pela sua maneira gentil e pelo seu carisma pessoal — como evidenciado pelo interesse mostrado em Edgar por Margaret, a rica herdeira em Louisville. Independentemente de quão inocentes tenham sido as intenções de Edgar à época, Margaret havia criado uma intriga que ameaçara pôr fim ao noivado de Gertrude e Edgar. Contudo, Gertrude, como o próprio Edgar, também tinha consciência de que a Fonte estava apenas afirmando *"inclinações,"* e havia, de fato, prefaciado seus comentários afirmando que tais inclinações eram sem referência à considerável força pessoal de livre-arbítrio de Edgar. Edgar podia

ser acusado de muitas coisas, como má gestão de dinheiro, mas não era um galanteador. Ele havia aprendido a controlar as tentações postas diante de si.

A Fonte então balanceou as inclinações potencialmente más de Edgar com as suas inclinações positivas. *"[Ele é] alguém que encontra a maior força nas forças espirituais e em seu desenvolvimento, alguém dado a tornar manifesto, no plano presente, muito das forças do psíquico e do oculto, alcançando a maior altura de desenvolvimento em tal plano… alguém que, por meio de tais manifestações, trará alegria, paz e quietude às massas e multidões, por meio de esforços individuais."*

A Fonte passou a descrever influências astrológicas vindouras, algumas benéficas e outras perigosas para Edgar, e então acrescentou o seguinte lembrete: *"Houve muitas condições que foram impedidas pelo efeito da vontade, e outras que foram assistidas. Conserva a vontade naquela do desenvolvimento espiritual… para que todo trabalho no plano presente seja julgado [pela] manifestação, do indivíduo, das forças espirituais em e por meio da ação individual em e diante de [todos] os homens."* Aqui, a Fonte parecia estar dizendo que o bem que viria por meio dele seria julgado menos sobre a *"manifestação material"* desse bem do que sobre o comportamento pessoal de Edgar, ou como ele se conduzia durante a sua encarnação presente.

A próxima parte dessa leitura, dedicada à vocação, parecia oferecer a Edgar uma escolha de carreiras possíveis, e sugeria que ele poderia fazer praticamente qualquer coisa que quisesse, mas que seu trabalho no campo da pesquisa psíquica seria o melhor. *"Quanto à vocação, esta, no plano presente, pode ser dirigida em qualquer canal por meio da vontade,"* disse a Fonte. *"A condição*

melhor… seria em direção àquelas do psíquico e do oculto, ou ensinando ou desenvolvendo ao longo das linhas de tal plano para dar a manifestação de tais forças à população."

O restante da leitura descrevia as encarnações anteriores de Edgar. Cayce estava, atualmente, em sua oitava vida na terra, e a Fonte percorreu suas vidas passadas em ordem inversa. Em consonância com a informação fornecida na leitura dada em novembro, a nova leitura descrevia sua sétima encarnação, um soldado britânico chamado John Bainbridge[114], que havia nascido na Cornualha, Inglaterra, e recebido treinamento militar no Canadá. Sua vida como John Bainbridge terminou quando se afogou no rio durante uma batalha perto de Dayton. A partir dessa encarnação, Edgar havia desenvolvido *"a habilidade de tomar nota do detalhe, especialmente em seguir instruções dadas a partir de outras mentes ou fontes de informação."*

A Fonte nada disse sobre a sexta encarnação de Edgar, que a leitura de novembro havia situado em Jamestown, Virgínia. A Fonte simplesmente saltou para mais atrás no tempo, para descrever uma encarnação de curta duração nas cortes francesas, da qual vinham os ímpetos de Edgar para a *"defesa intensa daqueles princípios tidos como certos."* Na leitura anterior de novembro, essa quinta encarnação foi descrita como ocorrida durante *"o governo de Richelieu."* O fato de que a Fonte, em leituras anteriores, havia dito tanto a Gertrude quanto a Gladys que elas, também, haviam vivido na França por volta dessa época, sugeria que os três haviam, de algum modo, estado conectados durante esse período. Mas, como Edgar logo descobriria, a Fonte estava relutante em expandir o que exatamente havia acontecido. Ou a Fonte não

considerava essa informação necessária, ou, como o próprio Edgar concluiu mais tarde, não achava que Cayce estava preparado para ouvir o que a Fonte tinha a dizer.

A Fonte continuou com a quarta encarnação de Cayce, como Xenon[115], um dos defensores de Troia. Além de citar suas habilidades de guerreiro, a Fonte disse que Xenon havia sido químico, escultor e artesão, e que dessa encarnação Edgar havia desenvolvido um grande amor pela beleza e pela arte. Como a Fonte disse em uma leitura posterior, Lammers, Shroyer e Klingensmith também haviam estado em Troia ao mesmo tempo, e os quatro foram todos retratados na *Ilíada* de Homero. Como Edgar mais tarde confirmaria durante uma visita à Biblioteca Pública de Dayton, Homero havia descrito Xenon como um dos homens que se sentavam no alto das muralhas quando Helena de Troia veio passar revista ao exército grego acampado fora dos muros da cidade[116].

Em sua terceira encarnação, Edgar viveu na área da Pérsia agora conhecida como Irã, sob o nome de Uhjltd (pronunciado *Iú-ult*)[117]. Uhjltd foi descrito como alguém de *"poder, prestígio, [e] realeza,"* que, em certo momento, conduziu muitas incursões contra tribos circunvizinhas. Suas habilidades de liderança mais notáveis foram ditas como tendo ocorrido durante uma guerra contra um governante persa chamado Creso. Durante uma fuga, ficou gravemente ferido, e, no processo de tentar curar-se, aprendeu a *"força psíquica,"* que se havia agora tornado o foco da sua vida. Leituras posteriores revelariam que, nessa altura, Edgar, como Uhjltd, decidiu construir uma grande cidade no deserto na qual a paz reinaria e o povo prosperaria. Ele teve sucesso em realizar

esse sonho, e *"sua"* cidade tornou-se grande centro de comércio. Mais tarde, contudo, ele e sua esposa foram raptados e mortos pelos gregos, e a paz da cidade foi sobrepujada pela contenda. A Fonte comentou que *"há muitos sobre este plano terreno, e em diferentes localizações, que estavam associados a esta entidade naquele tempo."*

A Fonte então descreveu a segunda encarnação de Edgar, no Egito durante a dinastia dos Ramessés[118], quando se disse que Hugh Lynn havia sido Faraó, e Edgar, como Ra Ta, era o sumo sacerdote. *"[O trabalho] foi interrompido [por Edgar] permitindo que… forças e desejos físicos entrassem, e tomando… Gertrude Cayce [como amante de Edgar Cayce]."* Como resultado do que a Fonte caracterizou como ligação inapropriada entre Edgar e Gertrude, o Faraó os baniu do Egito, o que não apenas *"trouxe elementos destrutivos ao corpo [físico de Edgar],"* mas trouxe, ainda, dificuldades para o povo a quem ele havia servido. Como a Fonte apontou no que pode ser considerado a passagem mais ominosa da leitura, *"o karma de cada um deve ser enfrentado, Edgar e Gertrude, e neste plano superado, se cada um quiser entrar [em companheirismo com Deus]."* Segundo a leitura de vida de Gladys, ela também havia vivido no Egito durante essa era, embora apenas por um curto período de tempo. Sua relação com Edgar e Gertrude — e o *karma* associado a ela — era um tema sobre o qual a Fonte não se elaboraria.

Como na leitura de novembro, a primeira encarnação de Edgar na terra foi descrita em termos poéticos, tornando impossível nomear lugar ou tempo específico. Contudo, a Fonte sugeriu que era o tempo em que o homem primeiro caminhou pelo planeta:

"Encontramos, no princípio, quando as… forças postas em movimento que trouxeram à existência… a Terra… e quando as estrelas da alva juntas cantavam, e os ventos sussurrantes traziam a nova da… vinda da habitação do homem… esta entidade veio à existência."

A leitura também descrevia algumas mudanças vindouras na vida presente de Edgar e acrescentava que *"nesta esfera ou plano, encontramos haver muitos que vêm sob a influência da… personalidade… e por muitos anos, depois deste retorno às outras esferas, [será] esta influência [sentida] no plano da terra."* A leitura de Edgar terminou, como tantas outras, com palavras de conselho e inspiração: *"Toma isto que tens em mão e faze, e molda-o, ao desenvolvimento do plano presente, para que tu mesmo e outros saibam que Deus… requer das Suas criaturas… o conhecimento de si mesmo, para que melhor sirvam aos seus semelhantes… trazendo aos outros o conhecimento Dele."*

Houve uma observação final feita pela Fonte, que sugeria que ainda havia muitos detalhes não revelados sobre as vidas passadas de Edgar. *"Há muitas outras influências como foram derramadas pelo plano da terra a partir da estadia da entidade ali,"* disse a Fonte. *"Estas [que foram dadas] são [aquelas] para que todos possam saber e compreender."*

Edgar foi imediatamente posto à vontade, sentindo que não deveria ter temido o que a leitura teria a revelar.

O próximo membro da família a ter suas encarnações passadas reveladas foi Leslie Cayce, que estava em Hopkinsville quando a sua leitura foi conduzida. Talvez por Leslie não ter solicitado essa leitura e não estar presente para apresentar perguntas à Fonte ele mesmo, a sessão foi consideravelmente mais curta do que a de

Edgar. Sua leitura fazia referência a influências negativas *"naquelas de Câncer… Marte e Urano,"* que traziam muitas mudanças repentinas às *"condições estruturais do corpo físico."* Aparentemente, isso se referia ao fato de que, ao longo dos anos, quase todos os ossos do corpo de Leslie haviam sido quebrados pelo menos uma vez. A leitura também apontava que certas influências astrológicas *"trouxeram e trazem [muito desgosto] e trouxeram muitos dos males terrenos, e cuidados e preocupação materiais."* Foi então dado o seguinte conselho: *"Exerce a vontade para que estes possam ser usados em desenvolvimento, e não medidos contra aquele karma que é feito em cada [última] estadia da entidade."*

Apenas três das encarnações de Leslie foram descritas, uma das quais viveu no tempo de Alfredo, o Grande, e que presumivelmente tinha alguma relação com Hugh Lynn, que também viveu então como monge. Aparentemente, Leslie estava na corte da Inglaterra, e, como resultado dessa encarnação, ele manifestava uma incomum compreensão da lei escrita. A Fonte passou a dizer que Leslie tornar-se-ia advogado em sua próxima encarnação. Na encarnação anterior à da Inglaterra, foi um gaulês que perdeu a vida *"no porão dos navios mercantes."* Era um remador-escravo das forças de Aníbal, e morreu nas mãos do seu capataz-escravo negro. Uma leitura posterior descreveu essa encarnação como a causa profundamente enraizada do seu comportamento racista.

Como na leitura de Edgar, a informação que agora vinha através destacava a necessidade de todos eles — Edgar, Gertrude, Gladys e Hugh Lynn — irem à Biblioteca Pública de Dayton para obter melhor entendimento da história e da geografia do mundo. O fato

de que as leituras — até então — não haviam contradito os fatos conhecidos da história dos manuais didáticos tornava a sua pesquisa sobre a história das suas vidas passadas tanto mais gratificante. Tampouco viriam suas leituras a ser definitivamente contraditadas por pesquisa erudita posterior. De fato, quanto mais as leituras eram estudadas, mais acuradas pareciam ser.

Nos anos que se seguiriam, registros de arquivo e outras evidências circunstanciais seriam encontrados para suportar as leituras de vida de mais de 250 indivíduos, variando de pessoas ditas ter sido nobreza bávara a, de outro modo, donas de casa e carpinteiros sem nada de notável. Entre as pessoas cujas leituras de vida foram estudadas em profundidade, havia um professor de música da Virgínia, identificado, em uma encarnação anterior, como um veterano comum da Guerra Civil e fazendeiro do Kentucky. A documentação da sua encarnação anterior foi encontrada em registros do Exército Confederado, na Biblioteca de Richmond, em listas de membros de um Templo Maçônico, e, finalmente, em uma lápide tumular à margem de um milharal do Kentucky.

---

114. John Bainbridge: sétima encarnação atribuída por Cayce — soldado britânico, nascido na Cornualha, treinado no Canadá, falecido na América colonial. ↩
115. Xenon: quarta encarnação atribuída por Cayce — defensor de Troia. O nome não aparece na *Ilíada* entre os guerreiros troianos nomeados. ↩

116. Helena de Troia / muralhas de Troia: eco da *Teicoscopia* (Canto III da *Ilíada*, vv. 121-244), em que Helena observa do alto das muralhas os guerreiros que combatem por ela. ↩

117. Uhjltd: terceira encarnação atribuída por Cayce — líder persa. A grafia (sem vocais) é cayceana canônica, possível reflexo de transliteração consonantal. ↩

118. Ramessés: incongruência cronológica cayceana. A dinastia dos Ramessés corresponde à XIX e XX dinastias do Egito (séc. XIII-XI a.C.), milênios depois da datação cayceana de Ra Ta (*c.* 10.500 a.C.). ↩

30.
Amor e
Casamento

Foi em uma veia de autodescoberta histórica que as leituras de vida prosseguiram, em ritmo cada vez mais acelerado. O fato de a Fonte ter aguçado o interesse de Edgar, Gertrude e Gladys nos seus relacionamentos pessoais passados tornou aquilo que ouviriam em seguida tanto mais inquietante.

Em 31 de maio de 1924, Gladys decidiu fazer uma segunda leitura de vida. Vários meses haviam-se passado desde que Edgar havia dado as primeiras leituras de vida para a sua própria família, e as possíveis conexões entre suas encarnações anteriores haviam sido discutidas com frequência. Contudo, o mistério mais perplexo ainda permanecia: como uma menina de dezoito anos, chegada tardiamente à vida de Edgar e Gertrude, havia se tornado catalisadora tão importante do processo de dar leituras de vida mais profundas e mais significativas.

A primeira encarnação sobre a qual a Fonte se demorou na leitura de seguimento de Gladys foi sua encarnação francesa como **a segunda filha de Luís XIV**. Aos dezessete anos, ela teria sido seduzida pelo galanteador Duque de York, que mais tarde se tornaria o Rei Jaime II da Inglaterra. Gladys ficou grávida e deu à luz nada menos do que Edgar Cayce em sua quinta encarnação. Aqui, a história torna-se trágica. A mãe de Gladys, a rainha, teria

caído em desfavor com o Rei Luís, que baniu a ela, à filha e ao neto da corte. *"Isso traz [a Gladys Davis] grande desconfiança de todos os homens,"* disse a Fonte. *"O amor não cessa no coração, mas todo ele é centrado na descendência desse amor [Edgar Cayce]. O monarca [descarrega] vingança… sobre a [rainha] mãe… Daí, [a criança] Edgar Cayce é deixada aos cuidados [e proteção] daqueles que… Gladys Davis sentia serem os mais próximos amigos no séquito do rei… O descendente, Edgar, [é descoberto e morto pelo rei] e [Gladys Davis] gradualmente sucumbe a [um coração partido] e [morre]."*

Assim, segundo essa leitura, Gladys havia sido, certa vez, mãe de Edgar e, perdendo-o em idade muito jovem, morrera de coração partido. Essa leitura passou a recomendar que Gladys *"deve encontrar [seu] descanso em coração, alma e mente, na vida desse indivíduo… Edgar Cayce… O afeto que foi perdido naquele plano deve manifestar-se na [encarnação] presente, pois Gladys Davis [só] encontrará seu descanso, neste plano da terra, com aquela entidade Edgar Cayce."*

Uma peça crucial do quebra-cabeça encarnacional que havia sido posto a seus pés ao longo dos últimos meses havia agora sido revelada. E, com base nessa leitura, a entrada de Gladys nas vidas dos Cayces era muito mais do que coincidência. Explicava por que ela havia ficado com Edgar em Dayton, apesar das razões óbvias que tinha para voltar para casa. O fato de ela não ter recebido contracheque, e de ter de dividir um quarto de dormir com dois meninos adolescentes, eram problemas menores comparados ao futuro incerto que ela enfrentava ao permanecer com a família Cayce. A leitura também explicava por que Gladys parecia ser a única estenógrafa na vida de Edgar que conseguia

registrar seus discursos em transe com a aparente familiaridade de uma mãe escutando o filho.

Ao despertar da sua mais recente sessão em transe, Edgar deve ter ficado tão intrigado quanto Gladys, pois imediatamente decidiram aprender sobre outras conexões — ou, talvez, quiseram testar quão bem as leituras dele e dela podiam casar. Edgar voltou ao transe nesse mesmo dia para perguntar à Fonte sobre sua encarnação francesa e sua relação com Gladys.

A Fonte disse: *"A entidade [Edgar Cayce] era de tenros anos… nascida de [Gladys Davis], a amada da corte, e do filho do governante do território logo do outro lado das águas [Inglaterra]. E a mudança necessária nas tramitações da corte impediu a culminação do reconhecimento, por esse governante, da paternidade terrena de [Edgar Cayce]. Os grandes percalços vieram à entidade… quando a separação foi efetuada entre mãe e filho, [e] a vida jovem foi gradualmente extirpada por causa do ciúme que se levantou na corte. Pois o rei tornou-se plenamente ciente da aparência do rapaz, e a possibilidade de [ele] tornar-se o governante forçou outros a fazer-se traidores da mãe, que tanto amava a entidade."*

A próxima parte da leitura deve ter realmente lhes dado muito o que pensar. *"As vidas de cada um sempre estiveram ligadas à vida do outro, e as condições, tal como existem, são apenas o desdobramento do empenho no plano terreno… As manifestações exteriores dos desejos interiores do coração e da alma… encontram, em cada um, o acorde correspondente no afeto do outro, que jamais, jamais, jamais será encontrado em nenhum outro. Pois, desde os primeiros encontros… na Pérsia, quando esta entidade [Edgar Cayce], então o guerreiro em Uhjltd, encontrou e enamorou-se da bela [Gladys Davis] e encontrou o*

desenvolvimento do psíquico através do sofrimento que ambos suportaram, e através do qual esta entidade, então o auxiliar e companheiro da filha do rei, 'perdeu a cabeça.' Através da traição de outros, encontramos o mesmo encenado nesta corte francesa."

A leitura sugeriu que Edgar, em sua encarnação persa, havia estado com Gladys também em outras encarnações, e que estavam juntos quando Edgar, como revelado em sua última leitura de vida, desenvolveu sua habilidade psíquica. Aparentemente, ele não apenas curou os ferimentos que ele próprio havia sofrido, mas, possivelmente, os de Gladys também. A leitura passou a aconselhar: *"Sede fiéis um ao outro, sem importar as condições terrenas, [pois] estes dois sempre estiveram juntos… Sê fiel até o fim e recebe aquela coroa que é sempre para os fiéis em coração, alma e corpo. Sê bom, afetuoso, amoroso, sempre dando, sempre preferindo o outro."*

Pelo *"sempre preferindo o outro,"* a Fonte parecia estar dizendo que eles, por necessidade, devem sempre colocar o outro em primeiro lugar, antes de si mesmos. A afirmação de que esses dois haviam *"sempre estado juntos"* obviamente despertou tanto admiração quanto curiosidade — apenas dois dias depois, foi conduzida outra leitura sobre o tema. A primeira pergunta feita foi sobre a natureza específica das conexões anteriores entre Gladys e Edgar. Se os conceitos de reencarnação e astrologia já eram demais para lidar, a resposta da Fonte pode ter sido mais do que aquilo com que haviam contado.

"[Edgar Cayce e Gladys Davis] tiveram muitas experiências juntos, e suas alma e espírito estão bem entrelaçados, e devem, por necessidade, apresentar cada um para que possam ser um. Pois encontramos no

princípio que… estes dois — aos quais nos referiremos como 'eles' até a separação — eram como um, em mente, alma, espírito, corpo, e no primeiro plano da terra como a voz sobre muitas águas, quando a glória do dar do Pai, da habitação do homem na terra, era ao mesmo tempo macho e fêmea em um. Em forma de carne, no plano da terra, encontramos… ambos confinados no corpo da fêmea [em sua primeira encarnação]: pois esta era a forma mais forte… Contudo, com as experiências que foram trazidas naquele plano e período, encontramos então a separação do corpo. Pois sendo o desejo da carne dar de si, em forma corpórea, ao outro, isso trouxe a separação do espírito e da alma das forças carnais quando a seguir trazidos ao plano da terra… Daí… a separação… ainda assim ligados juntos em afetos físicos, um pelo outro."

A Fonte passou a explanar sobre suas encarnações egípcias, quando Gladys foi a descendência da união controvertida de Edgar — o sumo sacerdote conhecido como Ra Ta — e de Gertrude, que se diz ter sido a dançarina favorita do Faraó Hugh Lynn. Disse-se que Gladys morreu muito jovem, quando foi tirada dos pais pelo Faraó ciumento. A leitura também esclareceu mais a encarnação persa de Edgar como Uhjltd, e a de Gladys como Ilya[119], que se tornou sua esposa. Tanto Uhjltd quanto Ilya foram raptados e mortos pelos gregos. Como que para sugerir *"prova"* dessa experiência, a Fonte passou a descrever marcas que eles encontrariam em seus corpos *"designativas dessas condições"* através das quais perderam suas vidas. *"No corpo feminino [Gladys Davis], logo abaixo do seio esquerdo, ao lado e na borda do próprio seio, a marca, e uma correspondente no corpo do macho [Edgar Cayce]."*

Havia ainda mais que a Fonte tinha a dar. *"No presente, encontramos que estão novamente juntos… cada um saldando [seu karma], aquilo que foi ganho ou merecido… Estão novamente unidos em alma e em espírito… e através da alegria e do prazer do serviço abnegado podem novamente conhecer o significado de… aquelas alegrias… que trazem… paz, e novamente a [união] de corpo, alma e espírito na próxima [encarnação]. Permanecei, portanto, fiéis até o fim: ganhando aquelas alegrias por meio dos atos diários de abnegação para com e com os outros, lembrando que… eles — e todas as almas — tornam-se entrelaçados um com o outro."*

Gladys talvez já houvesse começado a suspeitar de alguma forte relação anterior com Edgar Cayce. Mas essa nova informação apresentava um desafio cuja magnitude nem ela nem Edgar podiam começar a compreender. A Gladys Davis de dezenove anos estava sendo dita algo que, em outras circunstâncias, poderia ser sonho romântico tornado realidade: que sua alma feminina havia sido, certa vez, uma única entidade com outra alma masculina em algum reino ou dimensão distante; que almas gêmeas[120] *através do tempo* de fato existiam; e que ela havia encontrado a sua alma gêmea. O pesadelo era o fato de que sua alma gêmea, cuja vida estava irrevogavelmente atada à sua através do tempo e do espaço, era um homem felizmente casado, vinte e sete anos mais velho que ela — esposo de uma mulher cuja amizade ela havia passado a estimar — e que, segundo a Fonte, *tinha de* permanecer casado, por causa do *karma* que ele e a esposa haviam criado no Egito com Hugh Lynn. Em outras palavras, Edgar e Gertrude eram destinados a estar juntos em sua

encarnação presente, e Gladys e Edgar teriam de esperar até a próxima encarnação para serem reunidos.

Sobre a necessidade de Edgar permanecer fiel a Gertrude não podia haver dúvida, pois a Fonte havia descrito essa dívida cármica na primeira leitura de vida de Edgar. *"No plano antes deste… na corte e no governo do segundo Faraó, Hugh Lynn Cayce, ou Ramessés… o sumo sacerdote [Edgar Cayce] deu o elemento e a força religiosa na era… contudo foi interrompido [por ceder à tentação] e tomar [Gertrude], e deixar as praias deste país [o que resultou na morte de Gladys],"* disse a Fonte. *"Aquela mesma entidade que foi tomada está, no presente, neste plano da terra: a companheira e cônjuge como deve ser na esfera presente, Gertrude Cayce."*

A bênção mista de simultaneamente conhecer sua alma gêmea e ser incapaz de entrar em uma relação marital plena com ele era um tema que Gladys — neste momento, e por anos a fio — declinava de discutir com qualquer um além de Edgar e Gertrude. E, contudo, a tensão que veio como resultado desse conhecimento não podia ser nem ocultada, nem dispensada, nem então, nem nos anos seguintes. Em uma leitura física após outra, a Fonte recomendava que Gladys empreendesse exercícios, meditação e terapia para combater depressão e problemas físicos provenientes do estresse mental e da repressão sexual.

Edgar, também, sentia o fardo de saber que Gladys era sua alma gêmea. Emocionalmente, ele talvez a amasse como esposa, mas só podia tratá-la como filha, na melhor das hipóteses, e em seu papel de secretária dele. Esse conhecimento também criava tensão em seu casamento com Gertrude. Ele tinha uma esposa *"na carne,"* a quem claramente amava, e com quem tinha conexões

profundamente enraizadas, e, agora, em sua jovem secretária, uma esposa *"no espírito"* que, em última análise, seria sua cônjuge para a eternidade. Quanto tempo levou Edgar para discutir esse tema com Gertrude não está claro. A conversa, onde quer que tenha tido lugar, deve ter sido tanto desajeitada quanto desconfortável. Qualquer tensão que pudesse já ter sido sentida entre Gertrude e Gladys teria sido exacerbada por essa revelação, quer eles realmente acreditassem ou não.

Tanto isto era claro para eles: as circunstâncias presentes em que Edgar, Gertrude e Gladys se encontravam eram cármicas, e o modo como cada um deles escolhesse lidar com elas determinaria seus desafios ou bênçãos vindouras. Em leituras subsequentes, Gladys e Edgar repetidamente buscaram conselho em transe de como lidar com essa situação desajeitada e potencialmente volátil, e ocasionalmente buscavam *"boletins"* sobre quão bem estavam se saindo.

Em uma dessas leituras, a Fonte disse: *"Para o melhor desenvolvimento, cada um deve dar do outro a si mesmo, sem termos vagos, se o melhor há de vir… pois eles são entrelaçados em um, e sua plenitude só se encontrará no outro."* Perguntada qual deveria ser a relação deles com a família um do outro, a Fonte respondeu: *"Sempre na mesma relação amorosa que um sustenta para com o outro, pois, de fato, eles são um, e a relação deles com os laços familiares um do outro deve ser a mesma… A paciência tudo suporta;*[121] *contudo, se não tivermos o amor que se encontra entre estes nas relações deles, tornamo-nos como um som ou como o tinir da vibração sem o acorde correspondente."*

Em consonância com o conceito de um *"acorde"* correspondente, a Fonte repetidamente encorajava Edgar e Gladys a fomentar e a manter o profundo amor inato e a harmonia que, naturalmente, manifestar-se-iam entre eles. A Fonte chegou a sugerir que uma união física, se conduzida discretamente, não seria inapropriada se assim o desejassem, e realçaria a *"unidade"* deles. Com base nas perguntas postas em leituras subsequentes, e na informação que a própria Gladys mais tarde confidenciou a Jeanette Thomas — a arquivista que deu continuidade ao trabalho de Gladys Davis com as leituras —, Edgar e Gladys tomaram a decisão consciente de abster-se de qualquer experiência carnal. Isso foi corroborado por um exame médico realizado em Gladys pouco depois da morte de Edgar, quando Gladys estava prestes a se submeter a tratamento para câncer de útero. O laudo do seu médico pessoal indicava que Gladys Davis, aos cinquenta e cinco anos, ainda era virgem.

A escolha deles não foi fácil — tornada ainda mais difícil porque qualquer pessoa que soubesse da verdadeira conexão deles teria, naturalmente, questionado a natureza da sua relação pessoal próxima. E mesmo aqueles que não estudavam as leituras às vezes chegavam às suas próprias conclusões sobre o que percebiam como uma jovem, bonita e solteira secretária morando com — e trabalhando para — um carismático psíquico. O fato de Gladys não ter compromissos românticos nem estar disponível para a população masculina local apenas amplificava as suas suspeitas.

Prevendo os desafios que estavam por vir, Gladys e Edgar também perguntaram à Fonte como deveriam relacionar-se um

com o outro em público. A resposta veio: *"Como foi dado, andando circunspectamente diante dos homens, não permitam que o bem seja malfalado, não como servos, mas como aquele que presta o bem a todos, mantendo cada um apenas naquela relação que faz pelo melhor de tudo em tudo para o outro, pois as forças mais altas… dirigem suas relações… e apenas a 'vontade' de qualquer dos dois é o elemento destrutivo que poderia entrar."*

Se Gladys havia estado considerando bater em retirada dos Cayces em Dayton e voltar para casa, no Alabama, agora ela tinha uma razão muito convincente para ficar. *O trabalho* de Edgar Cayce — *o trabalho* — que havia começado milhares de anos antes, era também o dela próprio.

---

119. Ilya: nome cayceano da esposa de Uhjltd, identificada como encarnação anterior de Gladys. ↩
120. *Almas gêmeas* (*soul mates*): formulação cayceana — um par originalmente uno na criação, separado em corpos masculino e feminino, destinado a reencontros sucessivos pelas encarnações. Distinto do uso popular pós-1970. ↩
121. *A paciência tudo suporta*: eco de 1 Co 13.7 (ARA: *"[O amor] tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta"*). Versículo do Hino ao Amor paulino. ↩

31.
Bênçãos por Vir

Que Gladys Davis e a família Cayce tenham conseguido superar os desafios dos seus primeiros anos em Dayton foi, talvez, a façanha mais notável de sua vida em comum. Em nenhum momento, antes ou depois, tiveram Edgar e Gertrude mais razão para fazer as malas e voltar para *The Hill*. Nunca houve mais razão para desistir de dar o tipo de leituras que os tornariam párias para as comunidades cristãs que amavam, e que há tanto tempo os haviam sustentado. E, contudo, eles permaneceram juntos, pondo de lado suas necessidades pessoais pelo bem maior que poderia advir do *trabalho*. Mesmo Hugh Lynn, que ainda guardava ressentimento contra o pai pela decisão que ele havia tomado de permanecer em Dayton, e que secretamente temia o que mais a Fonte diria sobre os seus próprios relacionamentos cármicos, passava o tempo livre estudando os livros de história que davam relevância às leituras de vida que os mantinham ali.

Edgar havia dito a Hugh Lynn, na sua chegada a Dayton, que *"o dinheiro virá,"* embora não tenha sido específico sobre quão cedo poderiam esperá-lo. Como uma resposta a uma oração, sua família foi, de fato, suprida. Byron Wyrick, em Chicago, enviou um cheque de cinquenta dólares, que permitiu a Edgar e a Linden Shroyer fazerem o *check-out* do Phillips Hotel. Em seguida, Curtis Willmott, um petroleiro e amigo que Edgar havia conhecido em Oklahoma, enviou um adiantamento de US$ 100,00 contra futuros

lucros que esperava obter perfurando em Rocky Pasture. Usando esse dinheiro, Edgar pôde pagar o aluguel atrasado do apartamento da família na East Fifth Street e mudar-se para um *duplex* de três quartos na Grafton Avenue, onde Gladys não teria de dividir um quarto de dormir com Edgar Evans e Hugh Lynn. Apesar da mudança dos Cayces para mais longe do centro, para um bairro consideravelmente menos atrativo, um número crescente de pessoas fazia a longa caminhada até a Grafton Avenue para receber leituras físicas. Dinheiro, naturalmente, ainda era a principal preocupação da família, mas, como Gladys mais tarde relataria, a *"divina mão da providência"* estava constantemente com eles.

Um incidente que lembrou aos Cayces que seriam cuidados ocorreu em uma tarde quando estavam em meio a uma discussão sobre como iriam pagar pelas compras do mercado naquele dia. Segundo Gladys, eles tinham treze centavos entre todos. No meio do processo de decidir quem comeria a única tigela de sopa que sobrara na cozinha, houve uma batida à porta. Um completo estranho estava na soleira, e solicitou uma leitura para sua irmã, pela qual pagou US$ 25,00 adiantados. Algumas horas depois, Edgar abriu a correspondência da tarde para encontrar mais US$ 25,00, desta vez de alguém em Chicago, a quem também não havia conhecido. *"Anjos disfarçados!"* Edgar declarou.

Outro *"anjo"* que veio em seu socorro foi Tim Brown, o fabricante de peças automotivas que Edgar havia conhecido em sua primeira viagem a Dayton. Durante uma visita a Los Angeles, Brown reuniu-se com produtores de cinema para discutir a possibilidade de Edgar usar suas habilidades psíquicas para

escrever roteiros para uma companhia de produção chamada *Famous Players Lasky*, que mais tarde viria a ser conhecida como *Paramount Pictures*. Dado o sucesso anterior de Edgar, em 1917, em escrever o argumento para a atriz Violet Mesereau, que acabou se tornando propriedade do pioneiro produtor de cinema Thomas Ince, Brown acreditava que os Cayces poderiam gerar uma renda considerável para si no negócio cinematográfico. A Fonte concordou, e ao longo de um período de quatro meses no início de 1924, Edgar conduziu uma série de doze leituras que resultaram em tratamentos para dois roteiros separados, de longa-metragem, que Brown enviou a Hollywood.

O primeiro tratamento de roteiro, intitulado *Why?* (*Por quê?*), ilustrava alguns dos novos conceitos que vinham através das leituras de vida. O esboço, de sete páginas, foi dado em cinco leituras, conduzidas ao longo de nove dias, começando em 3 de janeiro de 1924. O cenário retratava um jovem faz-tudo chamado Abe, que trabalhava para uma rica família de Nova York. Enquanto entregava uma carga de lenha, ele se envolve em conversa com um convidado para o jantar que tem alguma experiência com hipnose. Considerado candidato adequado para experiências, Abe concorda em ser posto em transe. Para grande surpresa e deleite dos ricos nova-iorquinos, Abe — em transe — revela-se possuir muitas habilidades psíquicas, incluindo o poder de compor e tocar música celestial, e responder a perguntas sobre destino e fado do homem. O resto da história espelha as próprias experiências de Edgar, contando dilemas, lições e dons que advieram desse novo e incomum conhecimento, e o seu impacto subsequente sobre a casa.

Alguns meses depois de dar leituras sobre esse tratamento de roteiro, Brown solicitou que fizessem outro roteiro para Gloria Swanson, que estaria, segundo se relatava, com dificuldade de encontrar uma história que lhe servisse. Em uma série de sete leituras, começando em 23 de abril de 1924, Edgar entregou o que equivalia a um roteiro de vinte páginas. Como o roteiro anterior, este também fazia uso de informação das leituras de vida. Apenas que este roteiro, intitulado *Bride of the Inca* (*Noiva do Inca*), era de escopo muito mais grandioso, e contava de uma cobiça avassaladora pelo ouro peruano, e como ela mudou as vidas de um jovem arqueólogo e do seu grupo de socialites nova-iorquinos enquanto buscavam tesouro nos Andes.

Alf Butler, que estava agora trabalhando como distribuidor de filmes em Birmingham, deu a Cayce muito encorajamento, assim como Brown. *"Você sabe que sempre foi minha ideia que seus roteiros deveriam vingar com folga,"* escreveu Butler a Edgar. *"Uma vez que você quebrar o gelo… todas as nossas preocupações… terão acabado. Talvez você se lembre de como Jack London escreveu de coração esvaziado sem vender nada até bem tarde; então [ele] mal podia escrever rápido o suficiente para suprir a demanda. É a mesma coisa com o que você será capaz de produzir. E você terá a vantagem adicional de produzir a maior diversificação de tramas e temas que jamais desceu a estrada. Suas histórias jamais entrariam em uma rotina, [porque você] tem mais… ideias do que qualquer dúzia de autores combinados."*

Por mais entusiasmados que Brown e Butler estivessem, esses dois roteiros, e mais um outro, completado em 1932, foram, em última análise, rejeitados em Hollywood como *"não plenamente desenvolvidos"* e *"não muito interessantes."* E, contudo, a carreira

cinematográfica de Edgar teve seus benefícios, pois o produtor cinematográfico Harry Goetz, como Gloria Swanson e outros notáveis de Hollywood, tornaram-se admiradores e apoiadores financeiros de Edgar para toda a vida, e em vários momentos no futuro discutiriam filmar a história de vida do próprio Edgar.

Tim Brown continuou a fiar ideias que pensava poderem traduzir o talento psíquico de Edgar em dinheiro vivo. Seu próximo plano era que Edgar desse leituras sobre dispositivos elétricos que pudessem ser patenteados, produzidos e vendidos em mercado aberto. Brown começou pedindo à Fonte informação sobre algo que acreditava que iria revolucionar as comunicações eletrônicas: um instrumento que suprimiria o *"ruído"* ou a *"estática"* que acompanhava a comunicação por rádio.

As leituras subsequentes, que começaram em 26 de maio de 1924, resultaram em informação detalhada sobre como projetar e construir válvulas de rádio ou *"eliminadores de estática,"* que, quando construídos, consistiriam em vários tipos de discos sintéticos em torno de um filamento de cobre, alojado dentro de uma válvula de rádio. O detalhe apresentado nas leituras para esses instrumentos era assombroso: o nome e localização de uma companhia em Pittsburgh e de um laboratório universitário capazes de produzir as válvulas; as dimensões precisas — até milésimos de polegada — dos seus vários elementos; e uma descrição dos próprios componentes químicos dos materiais de que os discos deveriam ser feitos. Acompanhando essas descrições detalhadas, havia fascinantes discursos sobre a natureza da comunicação por rádio.

"Toda força é criada por vibração," disse Cayce em transe, em 3 de julho de 1924, ecoando a mensagem anteriormente dada a Thomas Edison. *"Toda vibração torna-se elétrica em sua ação e seu efeito… Ela ou avigora, traz [maior] vibração, ou… torna-se amortecida ou destrutiva para uma ou para a outra das vibrações assim encontradas. Aquela lei que governa… as vibrações na transmissão de mensagens [de rádio]… é a relatividade da vibração tal como posta em movimento em qualquer um lugar particular, e outras vibrações sintonizadas àquela mesma vibração… criada por uma [e] amplificada na outra."*

A Fonte recomendou que protótipos de dois tipos de eliminadores de estática fossem construídos, que funcionariam em conjunto. Eles corrigiriam mudanças nas vibrações elétricas resultantes da passagem de ondas eletromagnéticas pelo calor e pela luz, mudanças que os atuais dispositivos de comunicação por rádio não levavam em conta. As válvulas de Cayce estabilizariam o nível vibracional dos sinais, filtrando-os por meio de discos termo-tratados e codificados por cor.

As leituras sobre o eliminador de estática continuaram até setembro. Contra o conselho dado nas leituras, Brown tentou construir os protótipos ele mesmo, escolhendo não usar nem a companhia de Pittsburgh, nem o laboratório universitário. Construir as válvulas ele mesmo levou tempo considerável, e ele não conseguiu, em última análise, ajustar os seus protótipos às especificações exigentes das leituras. Frustrado, Brown finalmente desistiu, e seguiu para outros projetos. Contudo, anos depois, Mitchell Hastings, engenheiro elétrico, consultor da IBM e amigo pessoal da família Cayce, continuaria a experimentar com os eliminadores de estática de Cayce, e por fim relataria ter tido

sucesso onde Brown havia falhado. Por essa altura, mudanças no projeto básico do rádio, das válvulas catódicas para os circuitos de estado sólido, haviam tornado a invenção de Cayce obsoleta.

Outros projetos técnicos inovadores sugeridos em leituras seriam, contudo, fabricados em vida de Cayce, embora o próprio Edgar nunca tivesse podido reivindicar o crédito por tê-los inventado ou comercializado. O exemplo mais notável foi um farol de neblina, cujo sistema básico de filtração por cor foi exposto em uma leitura em 7 de dezembro de 1925, e foi mais tarde expandido quatro meses depois. Nessas leituras, Cayce detalhou um sistema de filtração de alta intensidade, que penetrava a neblina densa e podia ser usado para auxiliar pilotos ou navegadores em navios oceânicos. Tais faróis se tornariam estado-da-arte por volta de 1929, e estão hoje em uso em todos os aeroportos internacionais do mundo.

Outra inovação discutida nas leituras foi um material têxtil que mais tarde se tornaria conhecido como *Plexiglass*, e que a Fonte chamava de vidro *"maleável"* ou *"elástico."* Uma leitura em 1926 descreveu-o como um material feito de substâncias orgânicas alteradas pelo uso de produtos químicos, e resultando em *"uma peça [ou] tira de 'vidro' [que poderia ser] dobrada… depois de cristalizada [mas ainda mantendo sua forma]."* O celuloide, naturalmente, existia desde a virada do século, mas o *"vidro elástico"* — como descrito nas leituras — só seria fabricado ou comercializado nos anos 1940, duas décadas depois de Cayce ter dado pela primeira vez leituras sobre esse tema.

Tim Brown faria tentativas de explorar esses conceitos revolucionários, mas, em última análise, foi incapaz de fazer

qualquer coisa construtiva com eles. Contudo, os conceitos científicos apresentados nessas leituras o engajaram a tal ponto que ele desenvolveu uma apreciação mais profunda dos Cayces e do seu trabalho. Subsequentemente, ele faria tudo o que pudesse para aliviá-los do enorme esforço financeiro sob o qual estavam em Dayton. Para esse fim, Brown seria instrumental em colocar Hugh Lynn na Moraine Park School, uma avançada *"experiência em educação"* montada por industriais ricos de Dayton para os filhos.

A aceitação de Hugh Lynn na Moraine Park School, com bolsa integral, foi grande alívio para Edgar e Gertrude. Era considerada uma das melhores escolas do estado, e era também uma instituição que ensinava valores cristãos tradicionais acima de tudo. Leitura, escrita e aritmética eram importantes, mas consideradas secundárias em relação a questões de caráter. Hugh Lynn floresceu na atmosfera de *"estufa"* criada na escola, e conviveu extremamente bem com os outros alunos, apesar do fato de ter crescido em ambiente rural e de seus colegas virem de pano-de-fundo econômico e cultural muito diferente. Enquanto o pai de Edgar se preocupava em vestir o filho para a escola, alguns dos amigos de Hugh Lynn tinham guarda-costas pessoais. Seus amigos mais próximos incluíam Dick Funkhouse, cujo pai era presidente da Delco; os dois meninos Patterson, cujo pai era dono da *National Cash Register*; e Gene Kettering, cujo pai inventou o motor de partida do automóvel[122]. Pela associação na escola, os Cayces vieram também a conhecer Orville Wright, que era juiz no clube de debates em que Hugh Lynn se tornou ativo.

A vida estava ficando mais fácil. À medida que o tempo esquentava, Edgar começou a fazer longas caminhadas pelo Forest Park, ou caminhadas mais curtas, em que acompanhava Gertrude, ao redor do Five Oaks Park, ou atravessando o rio para o que hoje é chamado Island Park. Às vezes, faziam piqueniques com Linden e Violet Shroyer e o filho deles, Donald, ou com visitantes como Carrie e Tommy House, ou com Lizzie, a mãe de Gertrude. À tarde, a família às vezes jogava cróquete ou se juntava aos outros para *lawn bowling*. Edgar era bom em qualquer tipo de jogo de gramado, especialmente *ten-pin bowling* — também conhecido como *duck pins*. Hugh Lynn dizia que jamais via o pai perder. A maioria dos passeios da família era a pé ou de bonde elétrico. Um destino frequente era a Gruta, uma velha pedreira de pedra que havia formado uma piscina natural. Eles também visitavam o Zoológico do Forest Park, que apresentava uma grande casa de macacos e muitos cervos selvagens.

Agora que a família estava se estabelecendo melhor em Dayton, as discussões voltaram-se novamente para a formação de um *Cayce Institute*, onde as leituras pudessem ser conduzidas e estudadas em base mais formal, e Edgar receberia uma renda estável. Quão longe Edgar havia chegado em sua própria visão pessoal, e o que ele via como sua nova vocação, era evidente em toda a sua correspondência.

Em uma carta datada de 3 de junho de 1924, a um médico que havia expressado interesse no conceito de ajudar a construir o *Cayce Institute*, Edgar escreveu: *"O trabalho para os outros [cresceu a tal grau] que sinto que todo o meu tempo deveria ser dedicado a ele."* À sua prima Fannie Cayce, escreveu: *"Em meus dias mais jovens, era*

meu desejo ser ministro religioso. Acredito agora que estou encontrando, nisto… um trabalho do ministério ao espiritual, mas também aquilo que conduz ao edificar do espiritual por meio do edificar do físico." Em uma carta de resposta, Fannie disse pensar que Edgar deveria tirar férias e fazer-lhes uma visita, e acreditava que ele não deveria gastar todo o seu tempo perseguindo *"o todo-poderoso dólar."* Edgar respondeu: *"Não tenho gastado minha vida tentando acumular, mas, antes, tenho tentado dar-me em serviço à humanidade, e estou na esperança e creio estar construindo, para mim mesmo e para as gerações vindouras, o fundamento para um conhecimento mais perfeito das Leis do Céu e de Deus, no que se relaciona à humanidade. Não pretendo inferir disto que estou tentando estabelecer algum novo tipo de religião, mas uma compreensão mais perfeita de como viver, em vez de [apenas] professar os princípios de Cristo."*

Apesar de Edgar não saber onde o instituto seria, finalmente, localizado, ou como seria financiado, ele estava mais impaciente do que nunca para estabelecer uma base de operações mais estável. Como ele disse a George Klingensmith, ele não queria ficar *"tilintando para sempre todo mundo por uns poucos siclos para sobreviver."* Sabendo, com certeza, que Lammers não desempenharia papel em empreitadas futuras, e frustrado pela falta de sucesso em seus empreendimentos petrolíferos, Edgar agora foi à procura de um gerente de negócios.

O nome de Linden Shroyer surgiu como possível gerente, mas a relação de Edgar com ele havia diminuído à medida que a necessidade de Shroyer de obter renda estável o levou para fora de Dayton em busca de emprego. Após alguns meses longe dos Cayces, e ainda em busca de um trabalho remunerado, ele se

mudou com a família para a Flórida para ajudar Lammers a desenvolver um projeto imobiliário. Como sugeriam as leituras conduzidas para ele, a decisão não foi sábia, e seu novo arranjo comercial com Lammers, como o anterior, falhou miseravelmente. Lammers, mais uma vez, voltou atrás em suas promessas, e o deixou encalhado na Flórida. As últimas duas leituras que Shroyer conduziu em Dayton foram em 20 de junho de 1924. Daí em diante, e por muitos anos vindouros, Gertrude tornar-se-ia a condutora oficial.

A forte relação que Edgar havia desenvolvido com Byron Wyrick também o tornava possível candidato à posição de gerente. Mas, devido à sua agenda atribulada — entre um emprego em tempo integral em Chicago e o negócio de petróleo no Texas — Wyrick raramente vinha a Dayton, e, a menos que Edgar e a sua família se mudassem para Chicago — coisa que as leituras indicavam não ser local adequado para estabelecer um instituto —, Wyrick não estava em posição de ser gerente de negócios em tempo integral.

Outro possível gerente era George Klingensmith. Embora seu coração estivesse no lugar certo, sua juventude e falta de experiência em negócios faziam dele um candidato pobre. Apesar de seus frequentes relatos de que havia levantado até US$ 20.000,00 para vários empreendimentos petrolíferos, ou que estava perto de fechar negócio para um instituto dedicado a Cayce, ele foi, em última análise, incapaz de levantar um único dólar.

Dado o contínuo interesse de Frank Mohr e Dave Kahn, eles também foram considerados para o cargo. Mas Edgar estava relutante em oferecê-lo a qualquer um deles, porque ambos

haviam demonstrado, por experiência anterior, que eram incapazes de cooperar com as pessoas de quem Edgar mais dependia. Após aqueles meses de sucesso em Birmingham, Mohr — como Kahn antes dele — havia se acostumado a ser o chefe e estava tendo dificuldade em ajustar-se a partilhar a responsabilidade com Gladys e Gertrude.

Foi a Fonte que ajudou Edgar Cayce a estreitar sua busca por gerente de negócios. Em uma leitura em 13 de agosto de 1924, a Fonte nomeou várias pessoas adequadas a serem seu gerente, incluindo Morton Blumenthal[123], um corretor de valores judeu de vinte e nove anos, de Nova York, e amigo de Dave Kahn. Apesar do fato de Edgar nunca ter conhecido Blumenthal, ele parecia ter todas as credenciais certas. Segundo Kahn, ele era jovem, bem instruído, muito admirado na comunidade financeira, e, como Lammers, *"tinha um desejo ardente de compreender os segredos do universo."*

---

122. Charles Franklin Kettering (1876-1958): engenheiro americano, inventor do motor de partida elétrico (1911-1912), fundador da Delco, vice-presidente da General Motors. Consultou Cayce sobre invenções elétricas. ↩
123. Morton Blumenthal (1894-1957): corretor de valores judeu-americano em Wall Street. Personagem central da fase Virginia Beach (1925-1931): financiou o Hospital Cayce e a Universidade Atlântica. ↩

32.
Os Irmãos Blumenthal

Houve muitas pessoas que Edgar Cayce amou e admirou ao longo de sua carreira. John Blackburn havia sido mentor de Edgar por muitos anos difíceis em Bowling Green, e tinha a devoção de um médico à arte da cura. David Kahn era um vendedor nato a quem Edgar amava como irmão menor. Lamar Jones era um companheiro de pescaria, capaz de fazer Edgar rir até as lágrimas virem aos olhos. E Tim Brown podia fiar ideias mais rápido do que uma estenógrafa as podia registrar. Mas, mais do que qualquer outro na vida de Cayce, Morton Harry Blumenthal[124] combinava as habilidades de liderança e a grande visão de um executivo corporativo com uma paixão profunda pela verdade e a coragem de defender as próprias convicções. Como Edgar mais tarde disse, ele jamais admirou outro homem tanto quanto admirou Morton. E Morton, por sua vez, jamais deu mais do seu tempo e dos seus recursos a alguém de fora da própria família do que deu a Edgar Cayce. Dave Kahn fez o contato inicial com os Blumenthals. Em 15 de junho de 1924, ele encontrou Morton no Plaza Hotel, onde discutiram uma sociedade comercial para o desenvolvimento de uma companhia de móveis. Kahn raramente discutia qualquer tema em profundidade sem mencionar Cayce, e o nome de Edgar, bem como o tema dos fenômenos psíquicos e

das leituras em transe, logo veio à conversa. Blumenthal expressou interesse moderado em Cayce, mas também citou a frequência com que médiuns estavam sendo expostos como fraudes. Certo de que Blumenthal podia ser convencido dos genuínos poderes psíquicos de Cayce, Kahn desafiou o jovem corretor de valores a obter uma leitura física para sua namorada, Miriam Miller, uma corista da Broadway. O próprio Kahn concordou em pagar pela leitura caso Morton e a namorada não ficassem completamente satisfeitos. Apertaram-se as mãos e telefonaram para Dayton, do Plaza Hotel, naquela mesma noite.

A leitura de Miriam Miller foi conduzida no dia seguinte, e a transcrição da sessão feita por Gladys chegou pelo correio ao escritório de Blumenthal na Broadway um dia depois. Morton e Miriam reuniram-se naquela noite e leram-na juntos na suíte permanente de Morton no Hotel Cambridge, onde Morton vivia com a mãe, Freda Blumenthal. A leitura dizia que Miller estava sofrendo de fadiga, o que a impedia de realizar suas ambições no palco. O diagnóstico era anemia, e as recomendações sugeriam suplementar a dieta com nozes e vegetais, bem como estimular o sistema respiratório inalando os vapores de aguardente de maçã de um recipiente de madeira. Algumas semanas depois, Blumenthal, como Miller, teve de admitir a Kahn que o diagnóstico de anemia estava correto, e que o tratamento foi um grande sucesso. A pedido de Miller, três outras leituras foram, por fim, conduzidas para ela, uma das quais foi uma leitura de vida que revelou um relacionamento longo e complicado entre ela e Morton em encarnações anteriores deles.

Intrigado, Morton escreveu uma carta a Edgar agradecendo-lhe pela primeira leitura física. *"Você ficaria altamente gratificado se soubesse o quanto a leitura ajudou-a,"* disse Morton. *"Estudei a danada por horas, preparando-me para explicá-la a ela, e então, quando ela leu, disse: 'Mas é claro, sei exatamente o que isso significa. Tenho-o em mim [para ser uma grande atriz], se ao menos eu tiver a oportunidade de mostrá-lo [no palco]. Diz que vou ter essa oportunidade se continuar a fazer o meu melhor. Diz muitas outras coisas também — e eu entendo, Morton, você não precisa explicar!'… Miriam não senta mais no canto chorando os olhos por decepção. Em vez disso, dança com toda a sua força, e diz-lhes que sabe que vai chegar lá! Pasme: já a tiraram de dois corpos de baile e disseram-lhe que tinham um bom papel reservado para ela logo depois da estreia do espetáculo."*

Kahn também ficou muito satisfeito com a leitura. Morton e seu irmão, Edwin[125], eram homens de considerável posses e influência, e Kahn acreditava que eles podiam fazer grandes coisas pelo *trabalho*, se ao menos pudesse engajá-los em um negócio comercial. Kahn comunicou isso em uma carta que escreveu a Edgar, pedindo-lhe que fizesse tudo o que pudesse para permanecer nos bons graços de Morton e do irmão. Nessa mesma carta, contudo, Kahn revelou uma fraqueza que, em última análise, desfaria sua relação com os Blumenthals.

Sem o conhecimento de Edgar, Morton havia concordado em reembolsar Dave Kahn por despesas telefônicas e outras que ele havia incorrido nas comunicações com Edgar, e em fazer uma doação em dinheiro de US$ 50,00 a Edgar, além do custo da leitura inicial, *se Dave concordasse em igualar essa quantia*. Morton pagou o dinheiro a Kahn, que entregou os US$ 50,00 de Morton,

mas apenas US$ 25,00 dele próprio, dizendo a Edgar: *"Entendo que você recebeu os cem dólares completos."* Aparentemente, Kahn estava ele mesmo apertado de dinheiro, e precisava dos outros US$ 25,00 para o sustento mensal que mandava para a sua mãe. Mais tarde, sob arranjo similar com Morton, Dave Kahn não apenas não pagou a sua metade integral do dinheiro, mas também ficou com uma pequena porção do dinheiro de Blumenthal. Levaria anos até que Morton descobrisse a extensão completa das práticas comerciais de Kahn.

Embora Kahn estivesse organizando leituras para os Blumenthals desde que os havia conhecido, nem Morton nem Edwin haviam ainda feito uma solicitação por si próprios. Foi só quando Edgar escreveu a Morton no início de agosto, contando-lhe da política de só dar leituras quando solicitadas diretamente pelo consulente, que Morton fez uma solicitação para si mesmo.

A primeira leitura foi sobre uma ampla gama de temas, mas geralmente centrada na condição física de Morton, que, no geral, era boa. A Fonte citou uma irritação leve nas amígdalas de Morton, um problema com gengivas e dentes, e um desequilíbrio geral de atividade física. Ele tinha estresse demais e exercício de menos. A leitura também destacou as habilidades de Morton como homem de negócios e o seu potencial para trazer bem ao mundo. Contudo, a Fonte admoestou-o de que a *"força espiritual"* devia *"ser mantida a par com o desenvolvimento das inclinações mentais da entidade."* Ecoando o Salmo 19 da Bíblia, a Fonte acrescentou: *"Conserva sempre a injunção na fé das forças da entidade, e conserva as palavras da boca, a meditação do coração, santas e aceitáveis a Ele."*

Por mais abrangente que essa leitura parecesse ser do ponto de vista físico, Morton ficou surpreso por ela não ter mencionado um problema recorrente de ouvido que ele tinha desde a juventude. Uma segunda leitura, conduzida em 2 de setembro de 1924, abordou a questão. O problema do ouvido de Morton, indicava a leitura, *havia* sido tratado na leitura anterior. A suposição era de que esse problema era resultado de má circulação, e que isso causava, entre outros males que haviam sido especificamente notados na leitura anterior, problema com a sua trompa de Eustáquio, que poderia ser remediado com tratamentos osteopáticos. Essa explicação satisfez Blumenthal. Ele submeteu-se a tratamentos osteopáticos, e seus problemas auditivos, doença gengival e saúde geral melhoraram grandemente.

Nos dias subsequentes à sua segunda leitura, Morton apresentou mais perguntas à Fonte. Desejava saber se ele deveria vir a Dayton para conhecer Edgar, ou se Edgar deveria ir a Nova York. A resposta veio: *"Sob as condições existentes, melhor que… Morton Blumenthal estude tais condições de ambos os pontos de vista. Primeiro, ver e conhecer… Edgar Cayce no lar e nas condições circundantes. Depois nas… próprias circunstâncias de… Morton."* Perguntada como ele poderia melhor beneficiar o trabalho de Edgar Cayce, a Fonte disse: *"Na capacidade de curador, diretor ou gerente, desse ponto de vista, e na assistência financeira que o corpo [Morton Blumenthal] é capaz de prestar [em] tal trabalho."*

Morton Blumenthal, aparentemente preocupado de que Dave Kahn estivesse exagerando as habilidades de Edgar Cayce, perguntou sobre a precisão e sinceridade de Kahn, ao que a Fonte respondeu: *"Os empenhos, como foram delineados, são dignos de*

consideração. O entusiasmo de David E. Kahn pode ser capitalizado, e tal indivíduo, como Morton, é capaz de fazê-lo… As exagerações são quase nulas, contudo devem ser tomadas em conta e bem consideradas."

O tipo e o número de perguntas que Blumenthal fez a Edgar revelavam claramente seu interesse crescente no trabalho. Nos dias antes e depois das suas leituras, ele crivava Kahn de perguntas sobre Cayce e a sua família. Kahn, por essa altura, estava morando em Nova York e namorando uma atriz chamada Lucille, que coincidentemente compartilhava com ele o mesmo sobrenome. Lucille Kahn e Miriam Miller tinham muito em comum, assim como seus respectivos namorados, de modo que era natural que os casais começassem a sair em encontros duplos e tornassem-se mais próximos um do outro. Edgar e Gertrude viriam mais tarde a conhecer Lucille quando ela viesse a Dayton como parte da companhia em turnê de uma peça de Otis Skinner. Edgar, com o tempo, daria leituras para ela e para Dave, como agora dava para Miriam e Morton.

Antes, em junho, Kahn vinha pressionando Edgar a largar tudo e ir a Nova York para conhecer Morton. Gertrude vinha pressionando Edgar a permanecer em Dayton, e Edgar relutava em deixar a cidade quando não havia sequer dinheiro para colocar comida sobre a mesa em casa. Além disso, ele tinha estado ocupado com Tim Brown nas leituras sobre o eliminador de estática, e estava esperando que George Klingensmith e Byron Wyrick dessem o próximo passo na nova sociedade deles, apesar do fato de que o sócio que havia iniciado tudo isso, Arthur Lammers, havia se retirado completamente do quadro.

Apesar da pressão pesada de Dave Kahn, Edgar continuou adiando o encontro. Agora, o interesse de Morton havia crescido a tal ponto que ele propôs pagar pela viagem de Edgar a Nova York, juntamente com fornecer-lhe uma modesta verba para cobrir despesas domésticas durante a sua ausência. Ignorando o conselho dado pela Fonte de que Morton viesse primeiro a Dayton, Edgar partiu para Nova York em 4 de outubro para um encontro com Morton no Hotel Cambridge.

Morton era tudo o que Dave Kahn havia dito que seria, e mais. O bonito corretor de valores de cabelos escuros tinha grande carisma: tinha o amor de filósofo pela beleza e pelas artes, e a abordagem prática à vida de homem de negócios. E, ao contrário de Arthur Lammers, Morton, de fato, escutou o que Edgar tinha a lhe dizer — não apenas por curiosidade intelectual, mas com genuíno interesse em Edgar como outro ser humano. Ele escutou com fascínio enquanto Edgar lhe contava histórias de sua primeira infância em Beverly, de Bowling Green e de sua sociedade com Ketchum e Noe, e de suas frustrações no negócio de petróleo no Texas. Morton ficou impressionado pelas histórias e se viu encantado, embora mais tarde tenha admitido ter ficado afastado pela óbvia falta de educação de Edgar e pelo seu lento sotaque arrastado do Kentucky.

No dia seguinte, durante o jantar no Plaza Hotel, Morton contou a Edgar sobre si mesmo. Ele e seu irmão, Edwin, haviam nascido em Altoona, Pensilvânia, onde o pai administrava uma pequena loja de eletrodomésticos. Quando o pai de Morton morreu repentinamente, os dois meninos sustentaram a mãe enquanto trabalhavam para se sustentar nos estudos. Morton descreveu

como a escola havia sido difícil para ele, e quão frequentemente ele se sentia como um *"toleirão."* Sua persistência, contudo, deu frutos. Ele estudou economia e sociologia à noite na *Universidade de Pittsburgh* enquanto trabalhava como funcionário na loja de departamentos *McCreey's* durante o dia. O reitor ficou tão impressionado que organizou um programa educacional vespertino especial para Morton, que ele completou na *Universidade Columbia*, em Nova York, enquanto trabalhava em vários empregos braçais. Morton e seu irmão menor estavam ainda em seus vinte e tantos quando se juntaram à corretora *William E. Lauer*, no início da Broadway, em Manhattan. Edwin então casou-se com uma rica moça da sociedade, enquanto Morton levava vida de solteirão. Morton preferia trabalhar no escritório, pesquisando investimentos, enquanto Edwin *"trabalhava o pregão"* da bolsa de valores.

O interesse de Morton em fenômenos psíquicos havia começado quando um amigo próximo, em quem tinha a confiança mais profunda e mais sincera, disse que havia sido visitado por um fantasma. Essa experiência levou Morton a estudar a comunicação com espíritos em vários textos filosóficos antigos e modernos, como Lammers havia feito. Mas Morton mergulhou mais fundo do que Lammers em muitas áreas, particularmente no campo da filosofia contemporânea. Seu gabinete forrado de livros incluía as obras de Bergson, Ouspensky, William James e Thomas Hudson. Morton não apenas estudou esses livros, como manteve abundantes notas em fichários e em folhas avulsas, empilhadas sobre sua escrivaninha e sobre suas estantes. Era sua esperança transformar tudo aquilo, um dia, em livro. Embora se

considerasse judeu, e até houvesse, brevemente, considerado a ideia de tornar-se rabino, Morton tinha uma interpretação muito mais ampla daquilo que significa ser judeu do que comumente se aceita. Reconhecia que Jesus Cristo havia sido um importante profeta e um filho de Deus, do qual muito se podia aprender. No fim da visita de dez dias de Edgar, em 14 de outubro, Dave Kahn conduziria a primeira de quatro leituras de vida sobre Morton. Sem dúvida, Edgar, como Kahn e o próprio Morton, estava ansioso para ouvir o que a Fonte lhes diria.

Como em todas as leituras de vida anteriores, a Fonte forneceu informação astrológica. Disse-se que Morton estava majoritariamente sob a influência de Mercúrio, com influências positivas de Júpiter e Netuno, e a influência adversa de Saturno e Urano. Dada essa configuração, e o que só pode ser descrito como as conquistas de Morton em encarnações anteriores, disse-se que ele era *"um líder… no que respeita aos da compreensão mental das condições. [Ele] pode ser conduzido, especialmente através do respeito… ou através da influência enobrecedora do… amor… contudo nunca dirigido em qualquer dos dois. Alguém dado a ter muito dos bens deste mundo."*

Ademais, a leitura afirmava que, em seu trigésimo quinto ano — 1930 — ele teria muito dos bens deste mundo, embora o modo como ele escolhesse usar aqueles bens determinaria, em larga medida, se permaneceriam ou não em sua posse. Como leituras de vida posteriores revelariam, Morton foi aconselhado a usar suas *"posses mundanas"* da *"maneira correta,"* ou, como disse a Fonte, para trazer *"satisfação a si mesmo e aos outros,"* em oposição a *"angústia."*

Quanto às encarnações anteriores, Morton foi descrito como tendo sido, certa vez, um porteiro na cidade de Jerusalém, onde ajudou a reconstruir e a proteger aquela cidade. Antes disso, ele havia sido a grande figura mítica de Aquiles[126], um homem de habilidades excepcionais e grande beleza física, que liderou o assalto do exército grego à cidade de Troia. Edgar e os outros não puderam deixar de notar que Morton, em sua encarnação como Aquiles, havia matado Arthur Lammers, que, como Heitor, o príncipe troiano, era o comandante do exército troiano. Em consonância com a descrição na lenda de Homero, a Fonte disse que Aquiles morreu de um ferimento no calcanhar, infligido pelo irmão de Heitor, Páris[127].

A Fonte também mencionou outra encarnação de Morton, a de Aarat[128], descrito como um sábio em um culto religioso egípcio, que se tornou importante conselheiro do rei. Como mais tarde se tornaria evidente, a encarnação egípcia de Morton, e sua encarnação como Aquiles, coincidiam com as encarnações anteriores de Edgar, Gertrude, Hugh Lynn e Gladys. Ele também havia sido parte do *trabalho* desde o princípio. E ele, como seu irmão, Edwin, havia sido — como uma leitura posterior revelaria — um do *"povinho"* — os *"amigos imaginários"* de Edgar — que apareceram não apenas para o divertimento de Edgar, mas para ajudar a prepará-lo para o trabalho da sua vida.

Talvez o aspecto mais interessante da primeira leitura de vida de Morton tenha sido a sugestão da Fonte de que ele havia se desenvolvido a tal ponto, em suas encarnações anteriores, que poderia não precisar reencarnar na terra novamente, se continuasse a prestar serviço a Deus. Tinha grande poder, indicou

a Fonte, de ajudar as vidas de incontáveis outros e de prover ao mundo discernimento sobre o *"reino de além."* Tinha o potencial de tornar-se um grande mestre.

Sem dúvida, Morton ficou impressionado com sua leitura de vida. Em seu entusiasmo de aprender mais, encorajou Edwin a solicitar uma leitura de vida própria. Edgar concordou, e, com essa leitura, sua conexão com o *trabalho* tornou-se ainda mais clara. Segundo a Fonte, Edwin e Morton haviam trabalhado juntos em encarnações anteriores, mais notavelmente na reconstrução de Jerusalém. Como Morton, Edwin foi descrito como tendo habilidades excepcionais, especialmente as de natureza psíquica, que, se desenvolvidas, poderiam rivalizar com as do próprio Edgar. Aparentemente, eles também haviam sido uma equipe por muitos milhares de anos.

A verdade dessas leituras, da perspectiva de Edgar, não estava em questão. Morton, e por sua vez Edwin, tinham uma compreensão tão intuitiva dos princípios fundamentais do trabalho de Edgar que dificilmente alguma explicação das leituras era necessária. De fato, apenas alguns dias depois de Edgar apresentar a Morton uma cópia do manuscrito do livro que ele e Lammers haviam começado, Morton já estava oferecendo *insights* e sugestões editoriais que iam além de qualquer coisa que Edgar mesmo havia considerado.

Uma das mais interessantes e reveladoras notas editoriais de Morton foi a sugestão de que a palavra *"psíquico"* não fosse usada no livro porque ela não conseguia transmitir adequadamente o sentido pleno do que se passava quando Edgar entrava em transse. *"Os poderes possuídos por Edgar Cayce são tais que a língua de hoje não*

contém uma palavra para descrevê-los," escreveu Morton a Byron Wyrick, o amigo de Edgar em Chicago. *"[Por ora] usamos 'psíquico' por falta de palavra própria… Ouvir ou ler a sua tese sobre as viagens que faz ao reino do subconsciente nos dá uma compreensão mais clara do que se quer dizer pelas visões ou sonhos dos profetas, de Nosso Senhor, e dos seus discípulos. Permite, também, uma compreensão da realidade dos habitantes dos oráculos nos antigos templos gregos, e dos bardos das tribos separadas dos povos das montanhas, no berço da Cristandade. Convença-se você mesmo pelo teste, que é o método de prova do indivíduo. A sua convicção dará ao Cayce Institute o ímpeto desejado em direção ao seu objetivo declarado de serviço à humanidade."*

Não muito depois da viagem de Edgar a Nova York, Morton seguiu o conselho anterior da Fonte de visitar Dayton. Quando chegou de trem, em 2 de novembro de 1924, Morton não poderia ter ficado mais aturdido com a dicotomia da existência dos Cayces em Dayton. Embora Edgar estivesse dando leituras para algumas das famílias mais ricas da cidade, e seu filho mais velho frequentasse a escola mais prestigiada de Dayton, os Cayces estavam vivendo no que Morton descreveu como *"absoluta pobreza."* Morton tinha a impressão de estar entrando *"no lar desolador de pessoas indigentes."* Morton simplesmente não conseguia acreditar que um homem com tais óbvios talentos vivesse em condições tão sórdidas. Ele não olhou para dentro dos quartos de dormir, mas notou que o único mobiliário no resto da casa consistia em um sofá esfarrapado, uma mesa de madeira nua, quatro cadeiras de espaldar reto e uma cômoda.

"Gertrude e os dois meninos, Hugh Lynn e Edgar [Evans], pareciam subnutridos," Morton mais tarde diria. *"Gertrude estava magra e*

pálida, com os dedos quase esqueléticos na aparência. O menino mais velho, Hugh, era pequeno, encolhido e usava óculos." A vista da casa e a condição física dos seus ocupantes levaram Morton a desculpar-se, ir a um armazém e voltar com caixas de comida e mantimentos secos para encher a despensa. Gertrude pôs-se a preparar uma grande refeição que, segundo Morton, *"a família devorou prontamente."*

Após visitar Dayton, Morton convidou Edgar, Gertrude, Hugh Lynn, Edgar Evans e Gladys para serem seus convidados em Nova York, no Hotel Cambridge, no início de janeiro de 1925. Para Gladys, que jamais havia estado *"na cidade grande,"* e que já havia começado a sentir uma afinidade especial por Morton, a viagem foi uma *"férias dos sonhos."* Morton era o tipo de acompanhante que só existia na ficção: um intelectual rico e elegante, com uma artista de espetáculo por namorada, e uma sociedade em uma corretora de Nova York.

Morton levou os Cayces e Gladys a visitar os lugares sobre os quais haviam apenas lido, incluindo o que eles classificaram como uma *"chocante"* peça da Broadway chamada *Ladies of the Evening*, que tratava de prostitutas. Morton admitiu, com embaraço, que ele mesmo não havia escolhido o espetáculo; havia apenas mandado pedir ingressos do seu corretor de bilhetes para qualquer espetáculo que tivesse lugares disponíveis. Em seguida, levou-os a dançar no *Silver Slipper*, a sua boate favorita de Nova York. No dia seguinte, Freda Blumenthal levou Gladys e Gertrude ao centro, onde lhes comprou vestidos novos, e em seguida as tratou a um almoço em um restaurante elegante.

Entre os amigos de Morton que Edgar conheceu nessa viagem estava Merryle Rukeyser, um colunista de jornal que havia frequentado a Universidade Columbia com Blumenthal. Rukeyser recebeu uma leitura, juntamente com Freda Blumenthal, Edwin, e a esposa de Edwin, Ruth. Embora cada uma dessas sessões tenha corrido bem, as leituras que tornaram Morton verdadeiro discípulo foram dadas para a mulher que se tornaria esposa de Morton.

A vinte-anos Adeline Levy, a futura Sra. Blumenthal, estava visitando Nova York vinda da sua casa no Bairro Francês de Nova Orleans quando ela e Morton se conheceram. Morton apaixonou-se instantaneamente pela bela morena de pequena estatura. Sua reserva discreta, sua herança judaica profundamente sentida e seu amor pelo lar e pela família eram um descanso refrescante das pessoas de ritmo acelerado e movidas pela carreira que o cercavam. E, contudo, ela não era de modo algum provinciana. Havia viajado pelo mundo, falava francês como nativa, e era quase tão lida quanto ele, embora os gostos dela tendessem mais à ficção popular. Miriam Miller rapidamente desapareceu da vida de Morton.

Havia apenas um problema. Diferentemente de Miriam Miller, Adeline não aprovava o interesse de Morton pelos Cayces, e tampouco dava qualquer valor às leituras. Sua família achava que *"poderes psíquicos"* não passavam de truques de salão. Morton estava, segundo se relata, tão perturbado com a situação que solicitou uma leitura sobre o tema. Para alívio de Morton, as leituras sugeriam que Adeline — apesar de seus receios sobre os interesses filosóficos e mais espirituais dele — era uma cônjuge

ideal para ele. Segundo outra leitura, ela não era outra senão Helena de Troia em uma encarnação anterior[129], em razão da qual Morton, como Aquiles, havia travado guerra naquela cidade. Disse-se também que Adeline tinha personalidade que complementava a de Morton, e que ela teria efeito calmante sobre ele, embora, se contrariada, pudesse tornar-se vingativa e rancorosa para com ele.

Dave Kahn mais tarde brincaria que Edgar e seus conselhos em transe foram *"tão bons em vender a Morton a ideia de casar-se com a moça"* que ele queria que Edgar começasse a *"vender móveis para a sua companhia."* Morton ainda precisava persuadir Adeline de que Cayce era legítimo, e implorou que ela se submetesse a uma leitura para si mesma. As duas leituras físicas e a uma leitura espiritual dadas para Adeline a convenceram da habilidade de Cayce mais do que qualquer coisa que Morton poderia ter-lhe dito sobre o homem. Eles se casaram em junho de 1925.

Com base no sucesso dessas leituras, Blumenthal decidiu dedicar muito do seu tempo e da sua energia a Edgar — não como gerente, conforme sugerido nas leituras, mas como seu benfeitor. Pôs Edgar em uma retenção de US$ 50,00 por semana. Em seguida, esperava-se de Edgar — mas ele não estava obrigado — que desse leituras para ele e para o seu irmão, e mais tarde para a sua esposa. Gladys seria paga US$ 25,00 por semana para transcrever as leituras e cuidar das comunicações entre Nova York e Dayton. A suposição que Dave Kahn fazia era de que os Blumenthals queriam que Edgar desse leituras sobre o mercado de ações. E, de fato, Edgar deu. Mas, intrigado pelo aparente conhecimento que a Fonte havia exibido, Morton tinha, também,

algo muito mais grandioso do que o mundo financeiro em mente: ele queria leituras sobre a vida de Jesus Cristo[130].

---

124. Morton Harry Blumenthal (1894-1957): corretor de valores judeu-americano da *William E. Lauer & Co.* em Manhattan. Personagem central da fase Virginia Beach. ↩
125. Edwin Blumenthal: irmão menor de Morton, sócio na mesma corretora; co-fundador, com Morton, do Hospital Cayce em 1928. ↩
126. Aquiles: herói da *Ilíada*, filho de Peleu e da deusa Tétis, líder dos mirmidões gregos no cerco de Troia. Identidade cárica atribuída a Morton. ↩
127. Páris: filho do rei Príamo de Troia, seduziu Helena de Esparta e desencadeou a Guerra de Troia; matou Aquiles com flecha no calcanhar. ↩
128. Aarat: sábio de culto religioso egípcio, conselheiro do rei, sem correspondente histórico documentado — encarnação cayceana de Morton no Egito de Ra Ta. ↩
129. Helena de Troia = Adeline Levy: atribuição cayceana que completa o triângulo encarnacional troiano — Helena (Adeline) observada das muralhas por Páris (Morton) e Xenon (Edgar). Cf. Cap. 29. ↩
130. *Leituras sobre a vida de Jesus Cristo*: antecipação direta do Capítulo 33. A solicitação de Morton inaugura a fase cristológica das leituras cayceanas. ↩

33.
A Vida
de Cristo

As leituras de Cayce já haviam sugerido a posição exaltada com que a Fonte via a vida e os ensinamentos de Jesus Cristo. Referências ao *"Humilde Nazareno,"* ao *"Mestre"* e ao *"Príncipe da Paz"* apareciam milhares de vezes durante as sessões em transe, em modos que sugeriam que os receptores das leituras deveriam aspirar a uma compreensão maior de Deus. Agora que a curiosidade de Morton Blumenthal havia sido aguçada por sua própria leitura de vida, ele naturalmente queria saber se Jesus o homem de fato existira, e se os detalhes aceitos da sua vida, conforme apresentados na Bíblia, eram precisos. O fato de que Morton Blumenthal — um judeu — primeiro levantou o tema, tornou a busca pelo Jesus histórico tanto mais incomum.

Para alívio de Edgar, raramente os conteúdos do que veio a ser conhecido como as **leituras sobre Jesus**[131] — nem as centenas de leituras de vida que foram, mais tarde, conduzidas para pessoas tidas como tendo desempenhado papel nos eventos da Igreja cristã primitiva — contradiziam abertamente o que aparecia na Bíblia. Mais frequentemente do que não, essas leituras acrescentavam clareza e um quadro mais profundo, mais tridimensional, da vida e dos tempos de Jesus Cristo. Contudo, como tanta outra coisa que veio através do transe, as leituras

sobre Jesus também desafiavam quem quer que as estudasse. Talvez a informação mais intrigante que veio através de Cayce dizia respeito à preparação para o Seu nascimento, tema sobre o qual a Bíblia fornece poucos detalhes.

Em um discurso particularmente fascinante sobre a história bíblica, a Fonte sugeriu que os preparativos para a vinda do Messias estavam em andamento quatrocentos anos antes do nascimento de Jesus. Segundo Cayce, o grupo de pessoas que estavam *"preparando o caminho,"* e em cujo seio Jesus por fim nasceu, eram os essênios[132], ou a *"Irmandade."* Cayce os descreveu como *"uma ordem religiosa [não-celibatária] dentro do judaísmo,"* cuja função primária era a de guardar registros, de interpretar as profecias e de servir como canais para o Messias por vir. Segundo as leituras, por causa de sua crença em astrologia, numerologia e reencarnação, eles eram, também, geralmente vistos pela população judaica mais ampla como rebeldes e radicais.

Para os historiadores modernos, os essênios há muito têm sido um enigma, principalmente porque há pouca menção da existência da seita após o nascimento de Jesus. Muito do que se sabe agora sobre os essênios vem dos **Pergaminhos do Mar Morto**, descobertos em Qumran em 1947, mais de uma década depois de Cayce primeiro discutir os essênios, e dois anos após sua morte. Os Pergaminhos do Mar Morto, geralmente atribuídos aos próprios essênios, em última análise criaram mais confusão sobre quem os essênios eram. Contudo, a informação revelada pelos pergaminhos guarda semelhança notável com as descrições das leituras de Cayce, e fornece a evidência mais convincente

isolada de que a história bíblica tal como apresentada por Cayce poderia, de fato, ser verdadeira.

Embora os historiadores e as leituras de Cayce concordem que os essênios eram uma seita judaica, a Fonte foi consideravelmente mais longe ao descrever a composição da comunidade. *"Eles tomavam judeus e gentios igualmente como membros [assim como tomavam tanto homens como mulheres],"* disse Cayce. *"Este foi o início do período em que as mulheres eram consideradas como iguais aos homens em suas atividades, em suas habilidades de formular, de viver, de ser canais. Elas se uniam por dedicação… [uma] [questão de] livre-arbítrio."* Talvez a mais surpreendente das alegações de Cayce tenha sido que a chefe dos essênios à época do nascimento de Jesus era uma mulher chamada **Judy**[133], que *"teve a experiência de ouvir vozes e de comunicação com o divino — vozes, sonhos, sinais, símbolos."* A Fonte passou a dizer que o nascimento de Judy fora pré-anunciado por um anjo que apareceu diante de seu pai e mãe. *"Que a entidade fosse uma filha, em vez de ser um varão, trouxe alguma perturbação [e] confusão, mas foi uma decisão dos poderes do 'alto,' e deu a primeira demonstração do lugar da mulher nos assuntos e nas associações do homem, pois [como] os ensinamentos de Jesus, [isto] libertou a mulher daquele cativeiro a que ela havia sido mantida desde as ideias do homem concebidas a partir da queda de Eva."*

Aparece, das leituras, que Judy, que rompeu com a tradição ao tornar-se a chefe feminina dessa seita, tinha, ainda, a *"Divina"* responsabilidade de registrar e compilar muito do que se encontra hoje no Antigo Testamento e nos antigos documentos que compõem os Pergaminhos do Mar Morto. Segundo a Fonte, os essênios *"trabalhavam na preservação dos registros de Suas*

atividades como a Criança [e] das atividades dos [Magos]. Judy havia sido a profetisa, a curadora, a escritora, a registradora." Como sugeriria essa última leitura, e como confirmaria a próxima, os Magos, que tinham vindo do Oriente em busca do Messias recém-nascido, haviam, de fato, estado em contato com os essênios mesmo antes do Seu nascimento. Os Magos foram descritos como adivinhos, astrólogos, intérpretes de sonhos e de mãos, e também *"aqueles que eram buscadores da verdade, do [Messias por vir]."*

Não apenas os essênios se devotavam espiritualmente ao Messias por vir, mas, segundo a Fonte, eles tomavam medidas práticas para fazer acontecer o evento, quando seus próprios cálculos astrológicos, e os dos Magos, indicavam que a chegada do *"Prometido"* se aproximava velozmente. Este era um tempo, segundo a Fonte, em que os sábios essênios fervorosamente começaram a estudar os ensinamentos da Pérsia, da Índia, da Grécia, do Egito e dos hebreus.

Segundo Cayce, o estudo se dava no Monte Carmelo, perto da Galileia, e não longe de Nazaré. *"Assim, em [Monte] Carmelo, onde estavam os sacerdotes desta fé, foram [doze] donzelas escolhidas que foram dedicadas a este propósito [como possíveis canais para o Messias]."* As doze donzelas haviam sido, supostamente, selecionadas de *"todos aqueles que escolheram dar aqueles que eram perfeitos em corpo e em mente para o serviço."* Como afirmado em outras leituras, os pais dessas donzelas estavam todos esperançosos de que sua filha, em última análise, fosse escolhida. Foi **Maria**, a entidade que Cayce descreveu como *"uma aquariana — em sua percepção [e] perfeição,"* que havia sido entregue por sua mãe aos *"quatro"* anos, e *"entre os doze e os treze [foi] a escolhida."*

Maria, como as outras virgens, foi posta em treinamento segundo a tradição essênia, que incluía *"castidade, pureza, amor, paciência, perseverança — todas [as quais] seriam denominadas, por muitos no presente, de perseguições, mas [eram] testes de força física e mental… Estes eram mantidos balanceados segundo aquilo que havia sido primeiramente estabelecido por* ***Aran e Ra Ta***[134]*."* Embora o ponto talvez tenha inicialmente passado despercebido por Morton e Edgar, ali estava não apenas uma descrição da educação da mãe de Jesus, mas a primeira de muitas referências ao papel que Ra Ta — Edgar Cayce, em uma encarnação anterior — desempenhou em *"preparar o caminho."*

Segundo as leituras, Maria havia estado em séria preparação por três anos antes de ser escolhida por um anjo para ser a mãe do Messias. A escolha foi feita *"nos degraus do templo, [quando as] donzelas [estavam] subindo ao altar para a oração… Quando subiam os degraus, todas estavam banhadas pelo sol da manhã, o que não apenas formava um quadro belo, mas vestia a todas como em púrpura e ouro. Quando Maria atingiu o último degrau, [houve] trovão e relâmpago, e o [anjo Gabriel] tomou a dianteira, conduzindo a criança [Maria] pela mão."*

A Fonte confirmou que Jesus foi imaculadamente concebido, e afirmou que Maria, ela mesma, foi também divinamente concebida, embora de modo um tanto diferente. Como Edgar Cayce e Gladys Davis, Maria e seu filho Jesus foram descritos como *"almas gêmeas"* ou *"soul mates"* separadas em algum período inicial e ainda não definido durante a *"habitação"* da Terra. Perguntada sobre como explicar a natureza da concepção de Jesus, a Fonte disse: *"A imaculada conceição é o físico e o mental…*

sintonizados ao espírito a tal ponto de serem por ele revigorados. [Muitos dirão] 'Impossível!' Eles dizem que isto não está em conformidade com a lei natural. [Mas] é uma lei natural, como tem sido indicado pela projeção da mente sobre a matéria… Nem Maria nem Jesus tiveram um pai humano. Eram uma só alma."

Segundo Cayce, uma vez que a adolescente Maria foi estabelecida como a futura mãe do Messias, os essênios rapidamente buscaram encontrar-lhe um marido. Um viúvo de trinta e seis anos chamado José foi escolhido, e o casamento, que foi realizado no templo em Carmelo, *"seguiu o ritual normal… não… no templo judaico, mas, em vez disso, no salão geral de reuniões dos essênios."* O anjo Gabriel apareceu novamente em uma visão e abençoou a união. Maria, então, ficou grávida.

Como descrito na Bíblia, as leituras diziam que Maria juntou-se a José em Nazaré após o casamento, e *"de [Nazaré] eles foram a Belém para serem taxados, ou para se cadastrarem."* A Fonte passou a preencher muitos novos detalhes: *"A chegada de Maria e José [a Belém] foi à noite… o tempo estava frio, e havia multidões na estrada… vindas das colinas da Judeia."* Em outra leitura, a Fonte disse: *"Ao entardecer… o espectro da Sua estrela no céu noturno trouxe espanto e maravilha a todos que a viram. No crepúsculo, José se aproximou da hospedaria, que estava lotada com aqueles que também tinham viajado até lá no caminho para se cadastrarem para o imposto… requerido pela lei romana… Tanto José quanto Maria eram membros da seita [radical]… e, assim, foram interrogados por aqueles não apenas na autoridade política, mas na autoridade religiosa, das cidades. Veio então a resposta do hospedeiro: 'Não há lugar na hospedaria,' especialmente*

para tal ocasião. Riso e zombaria seguiram-se à vista do homem idoso com a moça bela, sua esposa pesada de criança."

A respeito do hospedeiro, que tem sido geralmente retratado como insensível, Cayce forneceu detalhe interessante: *"Muito do que foi registrado, encontramos não estar… em conformidade com [o que] o [hospedeiro] fez. [Seu nome era]* ***Apsafar***[135]*, que era dos essênios. [Ele] sabia das coisas que haviam sido pré-anunciadas pelos professores… e fez todos os preparativos tão de acordo, quanto possível, com aquilo que havia sido pré-anunciado."* Apsafar, portanto, mandou Maria e José para uma gruta atrás dos estábulos, para protegê-los dos romanos, onde, segundo a Fonte, a Criança nasceu.

"[Quando chegou a hora da meia-noite] a estrela apareceu, que fez o assombro dos pastores… Todos estavam em êxtase, à medida que o brilho da Sua estrela apareceu e brilhou, enquanto a música das esferas trazia aquele coro alegre: 'Paz na Terra! Boa vontade aos homens de Boa Fé.' Todos sentiram as vibrações e viram uma grande luz — não apenas os pastores acima daquele estábulo, mas aqueles na hospedaria também. Para ser certo, essas condições foram, mais tarde, dispersadas pelos duvidadores que disseram ao povo que tinham se embriagado de vinho."

Os Magos, segundo a leitura, chegaram à gruta onde a Criança havia nascido por meio de seus próprios poderes psíquicos e visões, levando consigo presentes que representavam — em sentido metafísico — as três fases da experiência do homem na materialidade: ouro, o material; incenso, o éter ou etéreo; e mirra, a força curativa. Embora a história bíblica sugira que após os Magos visitá-los, a Sagrada Família deixou Belém quase

imediatamente, Cayce afirmava que Maria, José e o bebê Jesus permaneceram em Belém por **vinte e nove dias**.

Como descrito na Bíblia, a caminho de visitar o Messias recém-nascido, os Magos haviam parado para visitar Herodes e perguntar-lhe a respeito do paradeiro do Messias bebê. Cayce apontou que visitar Herodes, que era apenas o segundo ou terceiro em comando, em vez dos romanos no comando, podia parecer escolha estranha por parte dos Magos. A Fonte passou a dizer que isso fora orquestrado por Judy, que sabia que Herodes, um déspota, reagiria violentamente à notícia do novo Rei dos Judeus, e assim cumpriria outra profecia veterotestamentária, a de *"Raquel chorando os seus filhos."* Isso sugeriu que o cumprimento das profecias e a prática essênia de manter registros eram, na verdade, uma e mesma coisa: prover evidências aos buscadores de que Jesus era o Messias, e cronicar a vida que Ele viveria.

Tal como as leituras dedicadas à vida de Jesus forneceram *insights* interessantes sobre a chegada do *"Novo Rei,"* centenas de leituras de vida conduzidas por Cayce ao longo das duas décadas seguintes descreveram outros eventos importantes da vida de Cristo a partir da perspectiva de participantes de Sua história. Uma leitura de vida particularmente perspicaz foi dada para uma mulher tida como tendo sido a terceira esposa de Herodes. Segundo essa leitura, **Thesea**, como era conhecida em sua encarnação anterior, tinha quatorze anos quando se casou com Herodes, que, segundo se relata, a havia escolhido não apenas pela beleza e pela educação, mas pela influência política que sua família tinha com os sacerdotes no poder. Caifás, o sumo

sacerdote da Bíblia que presidiu o julgamento de Jesus, era seu cunhado, e foi descrito por Cayce como tendo *"feito ofertas a Herodes em sua proclamação da relação mais próxima ao governo romano."* Thesea, segundo a Fonte, ficou horrorizada com o édito do marido de matar os bebês de Jerusalém, e dissociou-se de suas atividades, e, mais tarde, como os essênios, sofreu grande crueldade física e mental às mãos dele. Como a história foi contada, Thesea tornou-se informante secreta para os essênios, conversou com os Magos, e assumiu a tarefa de cronicar o que havia acontecido. Seus escritos, como os de Judy, foram supostamente parte dos registros destruídos na Biblioteca de Alexandria, e uma porção desses registros, em alguma forma, dir-se-ia também ainda existir na biblioteca do Vaticano.

A perseguição de Herodes forçou a Sagrada Família a partir para o Egito, mas, antes da partida deles, Judy designou uma moça chamada **Josie** — uma das doze virgens consagradas — para tornar-se a serva de Maria e José. A jornada os levou *"através de partes da Palestina, de Nazaré aos limites do Egito,"* disse a Fonte. *"Não entendam que havia apenas José, Maria, Josie e a criança, pois havia outros grupos [essênios] que precediam e seguiam [-os para sua] proteção."* A respeito dos *"quatro anos, seis meses e três dias"* que a família, segundo se relata, passaria no Egito, a Fonte notou que Jesus já havia começado a manifestar os dons mais tarde a Ele atribuídos na Bíblia. As *"vestes usadas em torno da Criança"* eram ditas ter propriedades curativas, *"pois o corpo, sendo perfeito, irradiava aquilo que era saúde, vida em si mesma."* Cayce afirmou também que Jesus não foi conscientemente capaz de realizar

"milagres" até que tivesse doze anos, quando ficou para conversar com os rabinos em Jerusalém.

Segundo as leituras, o retorno da família do Egito foi a Cafarnaum — não a Nazaré, como afirma Mateus — e foi feito não apenas por razões políticas, devido à morte de Herodes, mas para a continuação da educação de Jesus: *"Que houvesse o ministério ou ensinamento [a Jesus] que devia ser parte da Irmandade — supervisionada nesse período por Judy."* Embora nada se diga no Novo Testamento sobre Jesus entre o tempo em que era uma criança de doze anos no templo em Jerusalém, e quando era um homem de trinta anos prestes a iniciar Seu ministério, as leituras de Cayce cronicam a vida de Jesus nesse período, alegando que ele foi à Pérsia, à Índia, à Síria e ao Egito para completar Sua educação.

Na Índia, Jesus, segundo se afirmava, estudou as *"purificações do corpo, em conexão à preparação para a força no homem físico bem como no mental."* Aparentemente, esses ensinamentos representavam formas de jejum e meditação, práticas que visavam a purificar o próprio corpo, pensamentos e ações. Disse-se também que Jesus estudou em Benares — uma cidade santa hindu —, onde aprendeu *"ensinamentos… combinados das escolas essênias, mas… não doutrina essênia verdadeira como praticada pelas associações judaicas e semi-judaicas em Carmelo."* Jesus retornou para casa e, após o funeral de seu pai, segundo se relata, acompanhou o homem que se tornaria João Batista *"ao Egito para a conclusão da Sua preparação como mestre."* Foi no Egito, disse Cayce, que *"ambos [João e Jesus] tornaram-se os iniciados na pirâmide… [estudando] o que vocês chamariam hoje [a lei do uno]."*[136] Cayce acrescentou que *"esses*

[aspectos da educação de Jesus] não devem ser olhados pelos estudantes como condições antinaturais," sugerindo, talvez, que qualquer um que se preparasse para o ministério na comunidade essênia teria empreendido uma educação dessas.

Cayce também fez referência *"à passagem dos testes [no Egito] por aqueles que eram do grupo essênio, ao entrarem no serviço."* Para esses testes, Jesus esteve em Heliópolis — uma cidade em ruínas hoje, fora do Cairo, não confundir com a cidade moderna de mesmo nome. Heliópolis, que significa *"cidade do sol,"* era o centro do culto solar na civilização egípcia pré-cristã, e havia também sido conhecida como a *"Cidade de Ra"* — outra referência ao deificado Ra Ta nomeado nas leituras de vida de Edgar. A razão pela qual os essênios escolheram esse local, como Cayce afirmou em outra leitura, era que *"a unificação dos ensinamentos de muitas terras se reuniu no Egito [sob a lei do uno]."*

Cayce — em transe — disse que a Bíblia não conta da juventude e da educação de Jesus porque havia poucos, se algum, registros de apoio: *"Todos os que existiam foram destruídos — isto é, os originais — com as atividades em Alexandria [embora] haja alguns que são manuscritos forjados."* O que exatamente Cayce queria dizer por *"forjados"* não está claro, mas o que ele talvez quisesse dizer eram cópias adulteradas dos originais.

Cayce afirmou que *"Maria e José iniciaram a vida conjugal normal cerca de dez anos após o nascimento de Jesus, quando Jesus foi ser ensinado pelos sacerdotes."* Eles então tiveram três filhos. Segundo as leituras, Jesus tinha doze quando Maria deu à luz Tiago. No ano seguinte, quando Jesus começou seus estudos em terras estrangeiras, Rute nasceu em Cafarnaum, e depois nasceu Judas.

Embora essa informação seja diferente da Bíblia, que se refere aos irmãos Tiago, Judas, Simão e José, bem como a irmãs não nomeadas, alguns historiadores afirmam que os irmãos mencionados na Bíblia não eram filhos de Maria, mas filhos de José de um casamento anterior, o que estaria em consonância com o relato de Cayce dos eventos.

Há muito pouco nas leituras sobre Tiago, que Cayce confirmou ser o cabeça da Igreja cristã em Jerusalém após a morte de Jesus: *"Tiago foi exaltado à posição de líder porque a honra cabia a Jesus… a quem toda a honra e toda a glória são devidas."* Contudo, Cayce também afirmou algo que estudiosos modernos contestam: que Tiago, o irmão do Senhor, e *"Tiago, o Menor,"* como referido na Bíblia, eram uma e mesma pessoa.

A Fonte rendeu muito mais informação sobre a irmã de Jesus, Rute, que não é especificamente mencionada na Bíblia. A informação sobre ela vem de uma leitura de vida dada para uma esposa de quarenta e seis anos de um mediador de relações trabalhistas, e filha de um homem que, à época, era um dos mais ricos e influentes homens da América, tido nas leituras como tendo sido Augusto César em encarnação anterior. Disse-se que Rute havia atingido a idade adulta jovem quando o povo judeu estava questionando a veracidade dos eventos relacionados ao nascimento de Jesus. Apesar das dificuldades que surgiram quando seu irmão retornou ao Egito para completar seu treinamento, Rute, no fim, apoiaria Jesus e O reconheceria como o Messias. E, após a morte de Jesus, ela auxiliou seu irmão Tiago a chefiar a igreja, e a convencer seu irmão menor Judas da verdade

da ressurreição de Jesus. Judas foi descrito por Cayce como *"vacilando muito"* em sua vida adulta inicial.

Em algumas ocasiões, Cayce ofereceu uma descrição física de Jesus como jovem, às vezes incluindo detalhes interessantes: *"O cabelo do Mestre é 'mui ruivo,' inclinado a ser encaracolado em partes, contudo não feminino ou fraco — forte com olhos pesados e penetrantes, que são azuis ou cinza-aço. Seu peso seria de pelo menos cento e setenta libras. Dedos longos e afilados, unhas bem cuidadas. Unha longa, contudo, no dedo mínimo esquerdo."*

Cayce confirmou que o primeiro milagre registrado realizado pelo Mestre foi quando Ele transformou água em vinho num casamento. Segundo as leituras, a noiva, chamada Maria, era uma parente próxima de Sua mãe, Maria, a quem a Bíblia se refere como *"a outra Maria."* Cayce descreveu o milagre: *"O dia estava bonito e a tarde, formosa, com lua cheia. Houve cada vez mais beberagem de vinho e mais hilaridade, e a dança — que era feita em círculos… O vinho começou a faltar. Maria, lembrando-se de como, no retorno deles do Egito, comida havia sido misteriosamente provida quando se demoraram, ficou convencida de que aqui talvez houvesse uma oportunidade de experimentar tal aumento de novo, especialmente com o seu filho retornando homem, começando a Sua missão."* No que Cayce descreveu como uma das raras instâncias em que Jesus realizou milagres entre os Seus consanguíneos, a água foi transformada em vinho *"à medida que era despejada das jarras."*

Segundo os Evangelhos, não muito depois desse milagre, João Batista havia sido aprisionado por Herodes por publicamente condenar Herodes por tomar a esposa do irmão — ou, como Cayce expressou, *"porque João havia falado contra aquilo que*

respondia ao engrandecimento de uma luxúria carnal." Embora a Bíblia fale apenas da morte de João Batista, segundo Cayce, **Roael Zebedeu**, o noivo do casamento e o irmão mais velho de Tiago e João, o amado, estava também entre aqueles seguidores que sofreriam perseguição e morte.

Embora o Evangelho de Lucas tenha Jesus retornando para casa do deserto a Nazaré e depois indo a Cafarnaum, segundo Cayce, Jesus foi diretamente para casa, em Cafarnaum. No Seu retorno, no primeiro Sábado, Ele foi à sinagoga, e Sua irmã Rute *"pela primeira vez ouviu, na sinagoga, Suas primeiras pronunciações, sobre as profecias de Isaías, Jeremias, e os ensinamentos dos profetas menores."*

A caminho de casa, vindo dessa reunião, Rute encontrou o seu futuro marido, um arrecadador de impostos romano de trinta anos chamado **Philoas**. Rute foi descrita como não apenas bela, mas *"ativa naquelas condições que eram concedidas àqueles povos em circunstâncias menos afortunadas, o que se tornou parte dos interesses desse romano."* Os dois foram apresentados pelo médico Lucas, o apóstolo. Uma vez que Rute superou sua timidez com Philoas, a Fonte disse que ela começou a ressentir-se do conselho dado por sua mãe, que estava insegura sobre a sabedoria do relacionamento de sua filha. Rute persistiu em ver Philoas porque, na sua mente, *"ele falava de um maior conhecimento das necessidades da experiência humana do que aquele mantido tanto pelos essênios quanto pelo povo judaico ortodoxo."* O trabalho de Philoas o pôs em contato com muitos dos seguidores do Mestre, incluindo Judy, a chefe dos essênios, e muitos dos apóstolos. Disse-se que ele, no fim, obteve os registros que haviam sido compilados por Judy em Carmelo, e os entregou em Alexandria.

Quando veio a Páscoa, Jesus foi a Jerusalém, onde muitas pessoas já tinham ouvido relatos de Suas atividades. Uma destas era um fariseu chamado Nicodemos, que, segundo João 3.2, *"de noite foi ter com Jesus,"* para conversar com Ele e fazer-Lhe perguntas. Um ponto interessante que Cayce destacou é que Nicodemos era casado com uma essênia chamada Marta. Como fariseu, Nicodemos jamais foi capaz de plenamente aceitar o grupo da esposa, mas aceitou-a, em consonância com os preceitos essênios, como parceira, em vez de propriedade.

Como narrado no Evangelho de João, quando Jesus deixou a Judeia para retornar a casa, na Galileia, Ele parou no caminho em uma cidade chamada Sicar, na Samaria. É onde Ele encontrou a mulher do poço — que, segundo Cayce, se chamava **Jodie** —, a quem Jesus impressionou com Seu íntimo conhecimento do passado dela. Jesus sabia, por exemplo, que ela tinha tido cinco maridos. O que não está registrado na Bíblia é que Jodie e suas irmãs trouxeram muitos novos seguidores a Jesus, pois eram da família de um nobre de alto escalão. A visita de Jesus, naquele dia, foi um longo passo para o desenvolvimento de um enorme séquito na Samaria. Como diria Cayce, *"o ensinamento do homem de Nazaré desses povos começou com este lar."*

A Bíblia diz que Jesus e Seus discípulos viajaram pela Galileia ensinando e curando. A respeito dessas curas, Cayce disse: *"Houve muitas instâncias em que curas individuais pelo Mestre foram… instantâneas, como… quando ele disse [a um homem que estava] enfermo de paralisia, 'Filho, perdoados são os teus pecados'… O reconhecimento era de que o pecado havia causado a perturbação física."* Cayce notou que a cura por meio do perdão, descrita tanto em

sua querida Bíblia quanto nas leituras, podia certamente ser entendida como argumento para a existência do *karma*.

Sobre a cura de Maria Madalena, Cayce teve coisas muito interessantes a dizer. Informação sobre ela veio de uma leitura de vida feita para a prima de Gladys, **Mildred Davis**[137], que se juntaria mais tarde ao trabalho em Virginia Beach, e que, em encarnação anterior, havia sido Maria Madalena. Em contraste com a opinião popular, Cayce disse que essa mulher era a mesma pessoa descrita como Maria, irmã de Marta e Lázaro. Cortesã para os romanos, Maria Madalena, de vinte e três anos, dizia a Fonte ter sido separada de sua família em Betânia, e estabelecida em um bordel. Como atividade lateral lucrativa, ela também negociava informações que obtinha como acompanhante paga de clientes influentes. Segundo as leituras, quando uma multidão de pessoas trouxe Maria Madalena a Jesus, pedindo que ela fosse apedrejada por seus muitos atos de adultério, Jesus inclinou-se e escreveu no chão. Exatamente o que Ele escreveu não é mencionado na Bíblia. A razão, segundo a Fonte, era que as palavras que Jesus escreveu na areia milagrosamente apareciam diferentes para cada pessoa que as lia. Cada pessoa, ao ler a mensagem, lia dos pecados que ela mesma havia cometido. Não é, então, de admirar que a multidão imediatamente se dispersasse.

Houve não apenas um — segundo Cayce — mas dois incidentes em que uma mulher acusada de adultério foi trazida a Jesus. Isso pode dar conta de variações nas histórias contadas nos Evangelhos. O incidente incluído na Bíblia, em que Jesus disse: *"Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra,"* foi descrito nas leituras como sendo o de uma mulher

apanhada no ato de adultério com um soldado romano. Enquanto Maria Madalena tinha sete *"demônios"* a serem expulsos, essa moça era culpada apenas de auto-indulgência. Nessa instância, também, Jesus inclinou-se e escreveu na areia. Dessa vez, escreveu *"Medi, Medici, Cui,"* o que foi traduzido pela Fonte como uma expressão de misericórdia, e não de sacrifício[138].

A ressurreição de Lázaro por Jesus, segundo a Fonte, foi o evento que completamente convenceu Rute e Philoas de Sua identidade como o Messias. Segundo Cayce, Lázaro havia morrido de febre tifoide antes que Jesus o ressuscitasse dos mortos. Uma das coisas que mais impressionou os espectadores, quando Jesus chegou quatro dias após a morte de Lázaro, foi que *"Ele chorou com aqueles dos Seus amigos, na face da crítica [por ter chegado tarde, e] na companhia dos grandes e dos quase-grandes."* Essa experiência, disse Cayce, *"trouxe uma mudança, que fez por uma vida nova, uma compreensão nova, uma concepção nova de… Deus entre os filhos dos homens."*

Cayce confirmou que a ressurreição de Lázaro foi também a gota d'água nas mentes dos sumos sacerdotes, que então começaram a tramar Sua morte a sério. Como tantas figuras no Novo Testamento, nenhuma menção é feita do que finalmente aconteceu a Lázaro, embora se afirme que os sumos sacerdotes tramaram, também, a sua morte. O que é mais interessante observar é que Lázaro, como praticamente toda pessoa identificada nas leituras de vida como tendo sido curada por Jesus, supostamente desenvolveu habilidades curativas naquela existência, e também em encarnações posteriores. O homem que havia sido Lázaro, dizia a Fonte, renasceu em 1875 como **Fredoon**

Birdi, em Puná, Índia, de pais persas. Fontes biográficas independentes das leituras de vida apoiam tal afirmação: o Dr. Fredoon Birdi, nascido em Puná, Índia, foi um respeitado curandeiro naturopata em St. Petersburg, Flórida.

Entre as outras *"primeiras cristãs"* reencarnadas na geração de Edgar estavam várias *"Santas"* mulheres, muitas das quais foram descritas nas leituras como tendo, certa vez, devotado-se a Jesus e à Sua obra. Essas mulheres incluíam Maria e sua irmã Marta, Sua própria mãe, e **Maipah**, esposa de Jairo, cuja filha foi ressuscitada dos mortos. A Fonte descreveu essas almas reencarnadas como tendo viajado de lugar em lugar à frente de Jesus e Seus discípulos, atendendo às suas necessidades, e estabelecendo *"lugares de refúgio"* para as pessoas que haviam sido curadas por Jesus, e que desejavam tornar-se professores ou ministros do Mestre.

Conscientes do perigo que corriam após a ressurreição de Lázaro, Jesus e Seus seguidores retiraram-se *"para um país perto do deserto."* Foi aqui, como descrito na Bíblia, que um jovem rico e governante veio a Jesus perguntando como herdar a vida eterna. Jesus respondeu que ele deveria desistir de seus bens e segui-Lo. O jovem foi embora. As leituras de Cayce diziam que o nome desse homem era **Nicholas**, referindo-se a ele como *"aquele sobre quem muita especulação tem havido nas mentes de muitos… Mas lembrem-se… o Mestre amou o jovem… Ele não quis que alma alguma se perdesse. E a entidade fez exatamente isso. Ele veio, mais tarde, e seguiu."*

Quando Jesus se preparava para retornar a Jerusalém, onde muitos de Seus inimigos estavam de tocaia, segundo Cayce houve

"muita perturbação entre os discípulos que eram da Galileia e aqueles que eram do ministério da Judeia." Cayce sugeriu que pessoas de toda parte tinham ouvido falar de Jesus e tinham vindo a Jerusalém na esperança de vê-Lo e testemunhar Suas obras. A Fonte notou que, quando Jesus entrou em Jerusalém, havia uma *"multidão de pessoas, especialmente os pequeninos. Pois, embora o homem fizesse a maioria acreditar que havia grandes massas, a maioria delas era de mulheres e crianças."* Apesar da chegada gloriosa de Jesus, muito da multidão ficou aparentemente decepcionada *"quando aquela poderosa força, aquela criatura gloriosa, aquele homem poderoso entre os homens não foi proclamado 'Rei.' E Ele parecia exercer tão pouco daquela necessária aplicação material de poder e força gloriosos sobre aquelas coisas na experiência do homem da doença, da dúvida, do medo!"*

Talvez a revelação mais surpreendente que veio das leituras sobre Jesus tenha sido a descrição de Cayce da Última Ceia. A descrição não apareceu na mesma forma da vasta maioria do material sobre Jesus, mas foi dada ao final de uma leitura médica de seguimento, quando Cayce recusou-se a obedecer ao comando de Gertrude para acordar do transe. Sem ser perguntado, Cayce relatou o que estava *"vendo,"* que veio a ser nada menos do que a Última Ceia, testemunhada, parecia, em primeira pessoa.

Em transe, Cayce falava em fluxo de consciência que surpreendia e deleitava tanto Gertrude quanto Gladys, à medida que gradualmente compreendiam o que estava sendo descrito: *"vê-se o que eles tinham para a ceia: peixe cozido, arroz, com alho-poró, vinho, e [pão]. A… veste do Mestre não era branca, mas cinza-pérola… o presente de Nicodemos ao Senhor. O mais bonito dos doze… era Judas,*

enquanto o mais novo era João — rosto oval, cabelo escuro, rosto liso, [o] único com o cabelo curto… O Mestre… alegre — mesmo na hora da provação! … Judas se retira. O último é dado do vinho e do pão… Tira a Sua veste, que é toda de uma só peça — cinge a toalha em torno da cintura… está vestido com linho que é azul e branco. Enrola para trás as dobras, ajoelha-se primeiro diante de João, Tiago, depois diante de Pedro — que recusa. Em seguida, a dissertação sobre 'Aquele que quiser ser o maior, será servo de todos.'… E agora vem 'Está consumado.' Eles cantam o Salmo nonagésimo primeiro… Ele é o músico, também, pois usa a harpa…"

Aqui, a leitura, se de fato podia ser considerada uma, terminou. Mas havia muito mais informação a vir em outra leitura. Cayce, em transe, disse que o tempo mais difícil para Jesus não foi o julgamento, ou mesmo a crucificação, mas *"aqueles períodos no jardim… a aparente indiferença e o sentimento da perda de alguém em quem confiança e esperança haviam sido depositadas."* Em outra leitura, Cayce disse que *"o teste real foi [com] a percepção de que Ele tinha enfrentado todo teste e, contudo, devia conhecer o pungir da morte."* Mas Cayce também afirmou: *"Lembrem-se, Ele até fez o gracejo enquanto caminhava para o jardim para ser traído… Ele olhou com amor sobre o Seu discípulo que O negou."*

Enquanto na Bíblia Judas Iscariotes é retratado como tendo entregado Jesus pela recompensa oferecida, as leituras sugerem que Judas estava tentando forçar Jesus a *"afirmar-Se como rei e instaurar Seu reino."* Segundo a Fonte, havia muitos que acreditavam que se Jesus era o Messias, Ele os libertaria de seus inimigos, e mais especificamente, dos seus ocupantes romanos e dos pesos da sua tributação. Esperavam uma libertação material,

em vez de uma libertação espiritual. Judas estava aparentemente esperando acelerar o processo forçando Jesus a salvar-se a Si mesmo. Enquanto na Bíblia a esposa de Pôncio Pilatos lhe apela para que nenhum mal venha *"àquele justo,"* a razão oferecida é que ela teve um sonho. Cayce sugere outra razão: que Jesus havia curado o filho de Pôncio Pilatos de epilepsia. Não obstante, Pilatos lavou as mãos do caso e entregou Jesus às multidões.

As leituras de Cayce confirmavam muitos dos detalhes da morte de Jesus na cruz. Foram feitas referências ao escurecer do céu, aos terremotos, e ao rasgar do véu do templo. Cayce disse que Marta, a esposa de Nicodemos, estava à direita da Mãe Maria durante a crucificação, enquanto a outra Maria estava à sua esquerda. Duas das doze donzelas consagradas originais também estavam ali, junto com muitos seguidores, enquanto os romanos tentavam dispersar as multidões. Segundo Cayce, o *"jovem rico governante,"* Nicholas, que havia se afastado quando havia sido instruído por Jesus a desistir de tudo o que possuía, foi instrumental em levar *"Nicodemos a buscar o Senhor [e] aqueles que cuidaram do corpo, quando foi colocado em uma nova tumba, ainda não usada."*

Uma vez que o corpo de Jesus foi descido, várias das mulheres presentes prepararam as especiarias e envolveram a Sua cabeça. Uma mulher, segundo se relata chamada **Veronicani**, uma seguidora de João Batista, e cujo filho se tornaria o primeiro mártir cristão, banhou o rosto do Senhor. Rute não estava presente para o julgamento ou para a crucificação — ela estava com seu novo marido, que havia sido chamado de volta a Roma pouco antes do julgamento. Eles retornaram, contudo, no dia

seguinte à crucificação, e estavam, segundo se relata, com os outros sobre o monte quando Jesus reapareceu três dias depois.

A Fonte disse que muitas pessoas — mesmo aquelas próximas à Sagrada Família — agora sentiam dúvidas de que Jesus tivesse sido o Messias, perguntando-se se Sua mãe, Maria, havia, de algum modo, ficado confusa sobre os eventos da vida do filho. Dados os milagres assombrosos que Cayce confirmava, e que muitos outros aparentemente os haviam testemunhado, isto destacava, para Edgar e para outros que estudavam as leituras, quão subjetivas essas experiências devem ter parecido para o povo daqueles tempos. Como hoje, era todo demasiado fácil convencer alguém a desconfiar dos seus próprios olhos e ouvidos.

As leituras de Cayce sugeriam que a maioria, se não todas, das mulheres presentes na crucificação estavam também presentes na manhã da ressurreição, quando muitos duvidadores se tornaram discípulos. A Bíblia conta de dois discípulos que se encontraram com Cristo em uma caminhada para Emaús, pouco depois da ressurreição, dando apenas um nome, o de Cleopas. Cayce descreveu Cleopas como um judeu de Cafarnaum que cobrava impostos para os romanos, e cuja filha, em última análise, tornar-se-ia diaconisa na igreja em Laodicéia.

Segundo Cayce, havia, na verdade, três discípulos a caminho de Emaús aquele dia. O segundo discípulo, disse Cayce, era Philoas, marido de Rute, e o terceiro era Lucas — *"o médico amado, que era ao mesmo tempo romano e judeu, e daquelas mesmas províncias no governo grego que estavam sob as autoridades romanas."* Em outra leitura, Lucas de Cirene foi descrito como *"o jovem médico que*

nunca completou e nunca praticou, contudo era conhecido como o médico [que era] próximo do cunhado de Pilatos."

Cayce confirmou os vários encontros citados na Bíblia entre o Cristo ressurrecto e Seus discípulos, e afirmou que, por quarenta dias após a ressurreição, Jesus conversava frequentemente com os discípulos, mas também com muitos outros na Galileia. Em outra leitura, Cayce disse que a ascensão ocorreu cinquenta dias após a ressurreição, e Jesus foi visto por até cinco mil pessoas.

Os anos que se seguiriam à morte e ressurreição de Jesus produziriam muitos relatos de heroísmo e martírio, perseguição e discriminação. Philoas, cunhado de Jesus, por meio de seus relatos a Roma, provaria ser altamente influente em fazer Pilatos ser destituído e substituído por um governante romano que era mais simpático aos novos ensinamentos de Jesus e Seus discípulos. Mais tarde, ele seria instrumental em salvar alguns dos líderes da igreja de sentenças de morte, concedendo-lhes exílio em vez disso. Outro que ajudaria a causa do Cristianismo era Cornélio, o convertido governante romano de Cesareia.

Ao longo dos anos, a informação que veio através de Cayce sobre Jesus, Seus seguidores e a Igreja cristã primitiva foi suficiente para encher vários volumes. Quantos historiadores consultaram esse material, não se sabe. Mas, para Edgar, Gertrude e Gladys, que partilhavam um sentimento profundo de amor e reverência pelo Mestre, as leituras sobre Jesus — que cresciam em profundidade e em escopo em base quase diária — tornaram-se um meio de melhor compreender as muitas vezes confusas lições ensinadas na Bíblia, e, talvez mais importante, tornaram-se o

catalisador para uma relação maior e mais íntima com o seu Criador.

Para Morton Blumenthal, as leituras sobre Jesus foram suficientes para trazer uma experiência catártica. Antes um judeu praticante, Morton converter-se-ia ao Catolicismo. Ele também devotaria suas consideráveis habilidades financeiras a tirar Cayce da pobreza e a construir o hospital dedicado às suas artes de cura.

---

131. *Leituras sobre Jesus* (*Jesus readings*): categoria das leituras dadas entre 1925 e 1944 sobre Jesus Cristo, sua vida, a estrutura essênia e os apóstolos. ↩
132. *Essênios*: seita judaica do período do Segundo Templo (séc. II a.C. - séc. I d.C.), conhecida pela ascese e pelo comunalismo de bens; mencionada por Plínio o Velho, Filo e Flávio Josefo. ↩
133. Judy: chefe feminina dos essênios à época do nascimento de Jesus, sem correspondente histórico em fontes antigas. Inversão sociológica cayceana — a tradição histórica restringia a liderança essênia aos homens. ↩
134. Aran e Ra Ta: nomes cayceanos canônicos; Ra Ta foi estabelecido em [Cap. 27] como sumo sacerdote egípcio em *c.* 10.500 a.C. ↩
135. Apsafar: nome cayceano para o hospedeiro essênio de Belém. A Bíblia não nomeia o hospedeiro; Cayce o reabilita como membro positivo da estrutura essênia que preparava a vinda do Messias. ↩

136. *Lei do Uno* (*Law of One*): princípio metafísico cayceano da unidade essencial de toda criação em Deus. Antecede em décadas a popularização da expressão no movimento *New Age* a partir dos anos 1970.↩

137. Mildred Davis = Maria Madalena: atribuição cayceana central. Mildred era prima de Gladys Davis e juntar-se-ia ao trabalho cayceano em Virginia Beach.↩

138. *Medi, Medici, Cui*: frase escrita por Jesus na areia, segundo a leitura, no segundo incidente de adultério. Possível latim corrompido (*"meio, médico, a quem"*?); enigma cayceano sem decifração canônica.↩

PARTE VI



UM LAR NA PRAIA

34.
Vida em Virginia Beach

Em meio à condução das *leituras sobre Jesus*, as vidas dos Cayces e de Gladys Davis em Dayton continuavam a estar repletas de *"provações e atribulações."* Não fosse pela nova ajuda de Morton Blumenthal, seu benfeitor de Nova York, o futuro da família teria certamente sido drasticamente diferente.

Para Edgar, a atribulação fisicamente mais dolorosa aconteceu em uma viagem de volta a Hopkinsville em novembro de 1924, um dia ou dois depois de ter celebrado o jantar de Ação de Graças. Como mais tarde compartilhou em uma carta a Morton, ele embarcou na conexão errada de volta para Dayton, e teve de ser deixado a uma milha da estação. Apressando-se para pegar o trem certo — arrastando uma mala e outro grande pacote nas mãos —, esgotou-se. Aos quarenta e sete anos, e não em sua melhor forma, Edgar pagaria caro. *"Quase quebrei o pescoço — eu, palerma — tentando voltar a tempo… correndo pelos pátios da ferrovia. Consegui, mas arruinei-me… Não consigo ficar muito tempo em pé, nem caminhar."* Já na primavera seguinte, Edgar ainda sentia as consequências daquele esforço.

Enquanto Edgar estava de cama, recuperando-se — durante o que se descreveu como *"paciente extremamente ruim"* —, o pai de Gladys morreu repentinamente, e ela teve de retornar ao

Alabama para acudir a sua mãe e irmãos abalados. Como tanto Edgar quanto Gertrude admitiram, ela tinha toda a razão para nunca mais voltar: a vida em Dayton tinha sido dura para ela, e a sua família precisava dela como nunca. Pelo que se julga da correspondência deles, Edgar verdadeiramente acreditava que ela poderia não voltar. No entrementes, ele e Gertrude também passaram a apreciar a qualidade do trabalho de Gladys, pois as estenógrafas substitutas não chegavam perto dos altos padrões dela. Em uma carta de Morton, que estava frustrado por não conseguir decifrar a transcrição de uma leitura tomada nesse período, ele aconselhou Edgar a não se incomodar em dar leituras até que Gladys voltasse.

Então, em março do ano novo, Gertrude sofreu um acidente, caindo enquanto descia as escadas do porão e batendo a face do lado. Além de uma terrível contusão na maçã do rosto, ela seriamente lesionou o olho. As leituras sugeriam que melhoraria com tratamento, mas apenas alguns anos depois ela caiu novamente, na cozinha. Dessa vez, a queda agravou a sua condição anterior, e ela, em última análise, perdeu a visão do olho esquerdo.

Mais notícias ruins vieram de Hopkinsville, onde a mãe de Edgar havia se acamado, sofrendo de colite e asma. Leituras conduzidas para ela em Dayton forneciam alívio temporário para a sua dor, mas o seu corpo havia se deteriorado a tal ponto que era duvidoso que jamais se recuperasse completamente.

A única boa notícia, parecia, vinha de Morton. Ele, agora, abraçava as leituras — tanto as espirituais quanto, cada vez mais, aquelas que vinham sendo dadas sobre o mercado de ações — a

tal ponto que havia começado a pensar em termos das necessidades de longo prazo da família Cayce. De todas as pessoas que demonstraram interesse em trabalhar com Edgar e em formar o *Cayce Institute*, Morton era o único que o exortava a escutar a Fonte. E quanto a onde Cayce deveria continuar o trabalho, Morton era enfático: *"Se as leituras dizem Virginia Beach, então é para lá que você deve ir."* Outros apoiadores do trabalho, mesmo o sempre-fiel Byron Wyrick, haviam tentado atrair os Cayces para outros lugares, mas, no fim da primavera de 1925, Morton aumentou o salário regular de Edgar e de Gladys, e prometeu alugar-lhes uma casa em Virginia Beach e fornecer US$ 1.000,00 para levá-los até lá. O grandioso gesto de Morton foi muito apreciado, embora seriam vários meses — depois que Hugh Lynn e Edgar Evans terminassem o ano letivo — até que Gladys Davis e os Cayces finalmente partissem para o que dali em diante ficou conhecido simplesmente como *"a praia."*

Os Cayces desocuparam o apartamento em Dayton em 1.º de setembro de 1925, e passaram os dez dias seguintes em *The Hill*, visitando família e amigos, enquanto seus pertences estavam em trânsito. Não foi uma reunião totalmente feliz, pois, embora os Cayces de Hopkinsville compartilhassem da empolgação da família com a perspectiva da mudança para Virginia Beach e do novo benfeitor, a frágil saúde da mãe de Edgar tornava improvável que ela algum dia conseguisse juntar-se a eles. Leslie era de pouco conforto para ela, pois havia se acamado com um forte resfriado que ameaçava desenvolver-se em pneumonia. Edgar pagou pelos tratamentos médicos da mãe e do pai com dinheiro dado a ele pelos Blumenthals para a mudança, mas foi

sua irmã mais nova, Annie, quem se tornou a principal cuidadora e companheira deles. Como Edgar disse na sua partida, deixar *The Hill* lançou *"uma nuvem sobre nós que foi difícil de superar, [um] sentimento de vazio que não será preenchido."*

De Hopkinsville, Edgar e a família continuaram de trem até Nashville, acompanhados da prima de Gertrude, Stella, que se voluntariou para ajudar com a mudança. Em Nashville, ficaram com a irmã de Edgar, Mary, e depois seguiram para Richmond, Virgínia, finalmente chegando a Norfolk na noite de 13 de setembro de 1925, onde se hospedaram no *Southland Hotel*, na *Granby Street*.

Inseguro do que esperar em Virginia Beach, Edgar decidiu que ele e Hugh Lynn — que havia recém-graduado do ensino médio — fariam primeiro a perna final da viagem. Sairiam na manhã seguinte. Stella, Gertrude e Edgar Evans ficariam para trás no hotel para reclamar os pertences da família, que haviam sido enviados de Dayton, e para aguardar a chegada de Gladys Davis, que viria juntar-se a eles vinda de Selma, onde havia ido visitar a sua família. Na manhã seguinte, a família acordou ao ressoar de uma sirene de neblina distante, chamando a frota naval de Norfolk de volta ao porto. Nuvens escuras de tempestade pendiam do céu sobre o hotel, e ondas altas se rebentavam ao longo da costa. Gertrude, naturalmente, começou a se perguntar como seria a vida na costa da Virgínia. Edgar fez o melhor que pôde para aliviar as preocupações dela, mas, como ela, tinha dúvidas de que o novo ambiente — longe de amigos ou família, e a centenas de milhas do Kentucky — fosse melhoria sobre as exuberantes terras de cultivo marrons da sua juventude. Edgar e

Hugh Lynn despediram-se dela, prometendo um relato sobre o seu novo lar tão logo possível.

A viagem de vinte minutos de Norfolk a Virginia Beach, de trem, custava cinco centavos por passageiro. Exceto por um breve vislumbre do barrento e marrom *Elizabeth River* enquanto seu trem chacoalhava sobre o trestle em Broad Creek, Edgar e Hugh Lynn viam apenas uma profusão de pinheirais e gramíneas-de-pato que se agarravam precariamente ao barro arenoso e marrom que cobria o solo. A vasta extensão do Oceano Atlântico não era visível até que o condutor do bonde abruptamente tocou o sino, e as rodas estridularam ao parar em uma junção sem pavimentação, no limite de Virginia Beach.

Edgar e Hugh Lynn não perceberam que tinham chegado ao destino até verem a placa em uma pequena agência postal com o nome da parada que o condutor lhes havia mandado procurar. Do seu posto de observação, na orla sul da cidade, Virginia Beach consistia em pouco mais do que casas de campo de dois e três andares e pensões, um par de lojas de souvenires com tábuas pregadas, um restaurante igualmente pregado, e uma loja de ferragens-e-farmácia, que Edgar mais tarde descobriu ser de propriedade e operada pelo prefeito-e-eventual-administrador-postal. Os turistas de verão tinham partido algumas semanas antes, deixando Virginia Beach uma virtual cidade-fantasma.

Pouco percebiam, à época, contudo, que a pequena vila de Virginia Beach, que não parecia destino algum, estava começando a passar por uma grande transformação. Ao longo do período de 1.º de janeiro a fevereiro do ano seguinte, mais de três quartos de milhão de dólares em propriedades trocariam de mãos. Menos de

um ano após sua chegada, Edgar lamentaria não ter ido a Virginia Beach quando as leituras lhe haviam dito pela primeira vez para ir. *"Tivesse eu sido capaz à época,"* escreveu Edgar a seu amigo Lamar Jones em Selma, *"os lucros [em quinhentos dólares de imóveis] teriam… construído uma instituição de duzentos mil dólares."*

Edgar e Hugh Lynn não ficaram para explorar o centro de Virginia Beach, mas pegaram um bonde que os levou para o norte, ao longo da *Pacific Avenue*, passando mais casas de campo e pensões, e o maior *Princess Anne Hotel*, com sua cúpula ornada. As casas tornaram-se mais escassas na *Twenty-fifth Street*, e exceto pelos carros estacionados em um hospital infantil para pacientes de tuberculose, não havia sinal de vida. Os lares, como as dunas estéreis, varridas pelo vento ao leste, e o oceano por trás delas, pareciam completamente desertos — resultado do alerta de tempestade que havia mandado os turistas para terreno mais alto.

O bonde deixou Edgar e Hugh Lynn na *Thirty-fifth Street*. No momento em que desceram para a rua, podiam ver a sua nova residência — era a única casa de campo a três quadras das *Pacific* e *Atlantic Avenues*. A desolada casa de campo branca de madeira, de dois andares, que Morton havia alugado para eles, sem ter visto, ficava em meio a uma grade de lotes vazios em uma quadra tomada por mato, situada a meio caminho entre o mar a leste e os pinheirais a oeste. Não havia entrada de carro, garagem, nem mesmo um caminho para os degraus de cimento que levavam à varanda aberta e à porta da frente.

Nesta primeira visita, Edgar e Hugh Lynn não ficaram mais que vinte minutos no novo lar. A tempestade iminente os fez correr de volta a Norfolk no bonde, naquele mesmo dia, e os manteve

confinados ao hotel pelos três dias seguintes. Gladys chegou de Selma, e a família, com a ajuda de Stella, recolheu suas coisas e então alugou uma carroça de aluguel para levá-los ao novo lar. Por volta de 19 de outubro, a mudança estava completa, e todos pareciam achar a sua nova acomodação bastante a seu gosto. Tendo passado os últimos dois anos espremidos em um quarto de hotel, e depois em um apartamento de um quarto, e depois em outro de três quartos, sentiam um real senso de alegria por finalmente ter um lar para si, mesmo que custasse a então grande quantia de US$ 35,00 por mês, e mesmo que parecesse que estavam todos sozinhos nesse ambiente isolado.

"Acredito que vamos gostar deste lugar bastante," escreveu Edgar para a família de Gertrude, de volta a *The Hill*, logo depois da mudança. *"Tenho certeza de que vai ficar bem solitário aqui no inverno, pois é claro que praticamente todas as pessoas estão indo embora daqui agora, exceto em alguns hotéis aonde os turistas vêm por alguns dias de cada vez — mas eu acho o oceano ótimo."*

O fato de a casa não ter aquecimento central não parecia representar um problema. As noites de outono ainda eram quentes, com uma brisa constante vinda do Atlântico, e a sua grande sala de estar inicialmente parecia confortavelmente quente e charmosa. Foi só em novembro, quando os ventos frios soprando do Atlântico começaram a chacoalhar as janelas, que descobriram a falta de aquecimento como um problema. Sua única fonte de calor era uma única lareira de tijolo na sala de estar, que rapidamente se tornou o cômodo mais habitado da casa. Mais tarde, naquele inverno, Edgar escreveu a Morton pedindo um adicional de US$ 50,00 além do seu estipêndio

mensal de US$ 200,00, e comprou um aquecedor portátil a óleo. Este seria substituído um ano depois, quando puderam instalar uma fornalha.

Uma preocupação mais premente era o fato de que não tinham trazido nenhuma comida com eles. Naquele primeiro dia em sua nova casa, toda a tripulação foi a pé de volta à vila em busca de uma refeição. O *Casino*, a quatro quadras de distância, era o único restaurante que encontraram aberto, e ainda assim, o chefe e o único garçom não estavam preparados para a chegada de seis pessoas. Havia apenas um item restante no cardápio: um peixe local sazonal chamado *spot* — um tipo de linguado. O chefe tinha apenas o suficiente para servir um a cada um dos recém-chegados. Na manhã seguinte, encontraram o *Pender Market*, que ficava a dezoito quadras de distância, na *Seventeenth Street*. Comprar lá fazia uma saída demorada, pois o bonde só passava pela *Pacific Avenue* uma vez a cada duas horas.

Em seu primeiro Domingo em Virginia Beach, eles aventuraram-se para fora pela segunda vez. O calçadão que corria ao longo da praia havia sido destruído pela tempestade — tudo o que dele restou foram pedaços de madeira flutuante lavados sobre a areia —, então a família passeou pela *Pacific Avenue*, pelas casas de campo fechadas e pensões desertas. Não havia uma *Christian Church* para frequentar, mas havia outras três para escolher — a Batista, a Metodista, ou a Presbiteriana. Gladys e os Cayces votaram em experimentar a Igreja Batista primeiro, pois parecia ser a mais próxima de seus próprios pano-de-fundo fundamentalistas.

Estavam lá a tempo para o serviço da manhã, que muito apreciaram. Em seguida, Edgar abordou o ministro sobre juntar-se à congregação. O pastor disse que teria de discutir o assunto com sua congregação, e pediu-lhes que passassem para o vestíbulo. Edgar sentiu-se ofendido por ele e a sua família não terem sido recebidos na igreja de braços abertos, como se esperaria em uma igreja cristã. Sem mais discussão, os Cayces saíram, e nunca mais voltaram.

No Domingo seguinte, frequentaram o serviço na Igreja Presbiteriana, que à época era apenas uma pequena missão sob a supervisão de uma igreja-mãe em Norfolk. O ministro, **Dr. Frank Scattergood**, e a sua congregação de quarenta, imediatamente acolheram os Cayces, e até realizaram uma festa de chá para eles conhecerem os anciãos da igreja e o restante da congregação. Em poucas semanas, toda a família estava ativa na igreja: Gladys juntou-se ao coro, Edgar começou a ensinar uma classe bíblica, Hugh Lynn assumiu uma classe de escola dominical, e até Edgar Evans se envolveu, juntando-se a uma tropa de Escoteiros que se reunia nos escritórios da igreja.

Embora a igreja se tornasse a principal fonte de atividades sociais dos Cayces durante os meses frios fora-de-temporada, eles também passaram a fazer parte de outros eventos da comunidade e reuniões improvisadas. Ficaram surpresos ao descobrir que, mesmo neste lugar aparentemente deserto, ainda havia ocasionais bailes de quadrilha de fim de semana, reuniões da Associação de Pais e Mestres, e sessões de planejamento do conselho municipal. Eventualmente, Gladys e os Cayces estabeleceram uma rotina que continuou pela década seguinte. A família pegava o bonde para

Norfolk todo Sábado para apanhar suprimentos na *Freeman's Stationery Store* e em outras lojas, jantavam em um dos restaurantes à beira-mar, e depois iam ao cinema.

Na maioria das noites, a família jogava cartas. Seu jogo favorito era o *Five Hundred*, também chamado *Rook*. Outro jogo que gostavam era um que Gertrude improvisou. Cada membro da família pesquisaria algum tema de interesse sobre Virginia Beach e apresentaria seus achados após o jantar. Houve apresentações sobre a flora e fauna dos pinheirais, a vida e os tempos dos índios *Chesapeake*, e anedotas históricas tais como um relato do naufrágio do cargueiro norueguês *Dictator*[139], que havia encalhado no fim do século passado a cinco quadras ao norte do lar dos Cayces. Uma noite, Hugh Lynn surpreendeu a família com um tema ainda mais interessante. Edgar não era o único psíquico em Virginia Beach. Havia um par de meninos morando nos limites da cidade que supostamente tinham poder telecinético. O dono de uma loja em Virginia Beach disse ter testemunhado as crianças encostarem as cabeças e derrubarem fileiras e fileiras de mantimentos secos das suas prateleiras, sem nem ao menos levantar o dedo. Isso fez Edgar sentir-se melhor — em comparação, um homem que conseguia se deitar e diagnosticar doenças não era assim tão estranho.

Uma vez instalados, Gertrude veio a amar Virginia Beach. Embora não houvesse aderido às caminhadas pela praia como Edgar, estava muito contente em finalmente ter um lar próprio para decorar e cuidar, sem o constante desfile de estranhos chegando e partindo para leituras físicas. *"Está-se mostrando maravilhoso para Gertrude,"* escreveu Edgar em uma carta para

Alva Jones, esposa de seu bom amigo de volta a Selma. *"Duvido que você reconhecesse-a."*

Edgar conseguiu retomar muitas das atividades que tanto amava. Na primavera, desempacotou sua caixa de ferramentas, fez reparos e pequenas adições à casa, incluindo telar a varanda da frente e construir uma chaise longue oscilante onde ele e Gertrude pudessem sentar-se ao início da noite para ver o pôr do sol. Edgar passou tempo conservando frutas e vegetais, instalou floreiras nas janelas da frente, e plantou um gramado. Embora o lote fosse apenas um retângulo de 50 por 150 pés, Edgar encontrou espaço para um adorável jardim onde cultivou flores com sementes que encomendava por catálogo. Entre as muitas plantas em seus canteiros estavam corações-sangrantes, peônias, jacks-in-the-pulpits, *Tom Thumbs*, centáureas, cravinas-rústicas, violetas, amores-perfeitos, gladíolos, botões-de-ouro, galantos, tulipas e dedaleiras. E, pela primeira vez, Edgar passou a praticar pesca oceânica, o que se mostrou uma experiência considerável para qualquer um que o acompanhasse.

Um companheiro de pescaria da igreja Presbiteriana certa vez observou que coisas estranhas invariavelmente aconteciam quando Edgar levava o pequeno barco do seu hospedeiro para fora da marina de Norfolk. A pescaria era sempre boa quando Edgar estava com ele, e nas poucas ocasiões em que não imediatamente pegavam um peixe, tudo o que Edgar tinha de fazer era sentar-se quieto e concentrar-se na água em torno do barco. Inevitavelmente, os peixes começavam a morder. A atividade mais gratificante de Edgar, contudo, não era jardinagem ou pescaria, mas caminhar sozinho pela praia, colhendo madeira

flutuante e pequenas conchas, e sonhando com o hospital que ele esperava algum dia trazer centenas — talvez milhares — de pessoas a estas mesmas costas.

Duas semanas depois da chegada à praia, Edgar Evans, de sete anos, a quem chamavam *Ecken*, começou a escola fundamental na *Professor Francis H. Green's School for Boys*. Adaptou-se bem ao novo ambiente, demonstrando grandes habilidades mecânicas e talento para a escrita. Onde Hugh Lynn era idealista, filosófico e visionário, Edgar Evans era muito literal e prático. Era também um aluno brilhante. Quando tinha dez anos, já estava construindo vários tipos de dispositivos mecânicos no porão, e em certo momento criou uma pequena explosão ao fabricar a sua própria pólvora. Com Edgar Evans em casa, a família nunca precisaria de mecânico. O menino era bastante meticuloso em todas as suas empreitadas, e mantinha registros detalhados de suas atividades, que incluíam contabilizar cada centavo que gastava. Eventualmente, tornou-se o orador da turma do ensino médio, e a sua média de notas ao longo dos quatro anos de ensino médio foi mais alta do que a de qualquer um que tivesse antes se graduado naquela escola.

Mais do que seu irmão mais velho, Edgar Evans, como o pai, amava caminhar sozinho pela praia, e tinha um amor e uma apreciação profundos pela beleza solitária da praia. Como Edgar disse em uma carta: *"Quase não conseguimos manter ele fora dela."*

Como seu irmão mais velho, ele sustentou um sério ferimento na infância. O dele veio na forma de queimaduras de primeiro grau nos quadris e nas pernas, que sofreu pouco mais de um ano após a chegada à praia. Enquanto brincava um dia, Edgar Evans

aproximou-se demais da lareira, e uma fagulha pulou do fogo sobre o seu pijama de flanela, fazendo-o entrar em chamas. Ele rolou desamparadamente no chão, gritando, até que seus berros trouxeram Gertrude do andar de cima. Ela agarrou-o e enrolou nele uma camisa que carregava para a lavanderia. Conseguiu extinguir o fogo, mas não antes que ele fosse seriamente queimado ao longo do lado posterior da perna esquerda, do tornozelo ao quadril, fazendo com que os músculos se contraíssem e o seu lado esquerdo se tornasse permanentemente desfigurado.

Edgar não teve hesitação em buscar ajuda em transe, pois a leitura de vida de Edgar Evans havia advertido aos pais sobre a probabilidade de tal evento. Ele e Gertrude rapidamente aplicaram os vários óleos e pomadas sugeridos nas leituras subsequentes. Os médicos que examinaram Edgar Evans recomendaram que o tendão fosse cortado. Fazer isso, contudo, resultaria em uma claudicação para o resto da vida, mas pelo menos ele seria capaz de andar. Embora a perna estivesse dobrada e não pudesse ser endireitada, as leituras afirmavam que uma operação não era necessária, e que, se os tratamentos recomendados fossem aplicados, o menino, em última análise, andaria normalmente de novo. Um mês após o acidente, Edgar Evans ainda não conseguia caminhar. *"É bem doloroso ver ele se arrastando pelo chão tentando fazer algumas das coisas que ele normalmente faz,"* Cayce escreveria à sua irmã caçula, de volta a Hopkinsville.

Como no caso das leituras conduzidas para seu irmão mais velho, os tratamentos recomendados pela Fonte, em última análise,

provaram seu valor. Edgar Evans ficou marcado para a vida, mas a musculatura cicatrizou completamente, e ele cresceu para tornar-se o membro mais atlético da família, jogador de futebol americano na escola e ávido golfista nos anos posteriores. *"Estou agradecido por dizer que não houve complicações,"* relatou Edgar. *"Acredito que ficará tudo bem."*

Ao chegar à praia, Hugh Lynn, como o irmão mais novo, também começou a estudar, matriculando-se em um curso geral de um ano no *Norfolk Business College*, para o qual se deslocava de bonde. Tanto Edgar quanto Gertrude pensavam que era uma boa maneira para ele conhecer pessoas, bem como aperfeiçoar algumas habilidades importantes, que incluíam datilografia, taquigrafia e melhoria da ortografia. Ele pôs algumas dessas habilidades em prática no verão seguinte, quando arrumou um emprego em uma agência imobiliária, mas, ainda assim, não voltou à escola de negócios no outono seguinte. Morton Blumenthal aconselhou Hugh Lynn a olhar além de Norfolk para a sua educação superior, e generosamente concordou em pagar a sua mensalidade e o seu alojamento na *Washington and Lee University*, em Lexington, Virgínia, que havia sido sugerida a Hugh Lynn em uma leitura. Ali, disse a Fonte, Hugh Lynn encontraria muitos associados de encarnações anteriores.

Não surpreendentemente, o primeiro amigo verdadeiro que os Cayces fizeram em Virginia Beach foi o Dr. Scattergood, o ministro da igreja Presbiteriana que frequentavam, que vinha de pano-de-fundo de construção e engenharia. Foi também o primeiro residente da praia a tomar consciência das atividades psíquicas de Edgar. Nos anos vindouros, Scattergood

desempenharia um papel cada vez maior nas atividades da associação que Blumenthal e outros formariam para apoiar os Cayces e promover o trabalho.

Outro ministro que vieram a conhecer foi o Reverendo Joseph B. Clower, de Norfolk, que ocasionalmente vinha a Virginia Beach para juntar-se ao Dr. Scattergood na Igreja Presbiteriana. Hugh Lynn e Gladys frequentaram seu grupo de discussão depois de uma das suas visitas, e em última análise desafiaram suas crenças como talvez ninguém antes. Hugh Lynn fez-lhe perguntas sobre *karma*: por que algumas pessoas nasciam aleijadas, cegas ou pobres, enquanto outras nasciam saudáveis, ricas, ou em circunstâncias mais favoráveis? Como o Dr. Scattergood, Clower tornou-se amigo de Edgar e, em última análise, juntou-se ao trabalho, embora tenha feito isso a partir do *Hampden-Sydney College*, em Hampden-Sydney, Virgínia. Manteve contato com os Cayces por meio de cartas frequentes, e ocasionalmente retornou à praia, incluindo uma viagem para celebrar o casamento de Hugh Lynn, e outra para celebrar o de Edgar Evans. Também fez a longa caminhada de volta para proferir o elogio fúnebre no funeral de Edgar.

Harry Holland, o administrador postal de Virginia Beach, e sua esposa, Ruth, também tornaram-se amigos íntimos dos Cayces. A curiosidade de Holland foi naturalmente aguçada pelas malas postais e cartas de entrega especial que Edgar começou a receber, e ele eventualmente veio à casa para testemunhar uma leitura em primeira mão, e tornou-se admirador para toda a vida. Gertrude veio a conhecer sua esposa, Ruth, por meio das atividades da igreja; Gladys tornou-se amiga de sua filha, Dorothy Moore, a

gerente do *Pender Market*; e toda a família Holland, eventualmente, participaria dos grupos de estudo que mais tarde se formariam em torno de Cayce e do trabalho.

Enquanto Hugh Lynn, com dezenove anos, ainda estava matriculado na escola de negócios, ele encontrou uma jovem chamada **Olive Koop**, que tocava violino na *Norfolk Symphony Orchestra* e frequentava aulas com ele na escola de negócios. Apaixonou-se de cabeça pela jovem de vinte e três anos, apesar do que Hugh Lynn percebia como o seu exterior reservado e frio. Como Hugh Lynn mais tarde admitiu, começou a sair com ela como uma espécie de desafio — para derreter, como ele dizia, a *"rainha de gelo."* Além das suas habilidades em música, ela era uma fina artista e mulher de negócios. Era também impressionantemente bela, com cabelo castanho-claro e pele de marfim. O fato de ela vir de uma família rica de Nova York, da *Gold Coast* de Long Island, também atraía tremendamente o status-consciente Hugh Lynn. Foi amor à primeira vista, e ele a pediu em casamento conhecendo-a por apenas alguns meses. Gertrude tomou o romance de Hugh Lynn de forma calma, mas teria preferido que ele tivesse interesse em alguém da sua própria cidade de Hopkinsville, e não em uma rica moça da sociedade nova-iorquina. O fato de Olive ser quatro anos mais velha do que o filho não ajudava as coisas.

Embora ocasionalmente saudosa de *The Hill*, Gertrude, ela mesma, estava ganhando peso constantemente, sinal seguro de que sua condição física estava melhorando. Fotografias tiradas em setembro de 1925 capturaram-na sorrindo pela primeira vez em quase quatro anos, e no fim do primeiro mês na praia, Edgar

começou a brincar que ela ia *"engordar [morando aqui]."* Em junho de 1926, Edgar dizia o quão *"maravilhosa"* a praia era para ela. *"Ela pesa agora cerca de cento e quinze — talvez vinte —, e você sabe que ela jamais passou dos cem [libras] em sua vida."*

Diferentemente de Gertrude, que estava contente em passar a maior parte do tempo em casa, Gladys precisava e queria de saídas sociais. A sua hora favorita do dia era a manhã cedo, quando ela ia até a agência postal para apanhar a correspondência e enviar a do dia. Invariavelmente parava no caminho para visitar amigas ou para colher uvas-do-mato que cresciam no emaranhado de bosques logo acima do calçadão. Depois, havia as viagens de fim de semana a Norfolk com a família Cayce, ou passeios até os prados da *Seventeenth Street* para colher flores silvestres com Gertrude. Além da igreja, o único outro contato que ela tinha com outras pessoas era quando alguém visitava os Cayces por três ou quatro dias de cada vez. E ela vivia para essas visitas.

O primeiro visitante foi Tim Brown, que veio de Dayton, seguido por Morton, que veio acompanhado da sua nova esposa, Adeline. Como o espaço na casa da *Thirty-fifth Street* era limitado, os visitantes ficavam em casas de campo de aluguel próximas, ou, mais tarde, no *Cavalier Hotel*, que foi construído em 1927. Dave Kahn veio à praia, assim como Lamar Jones, de Selma, Leslie, Thomas e Carrie House, e o filho deles, Tommy, o menino cuja vida Edgar havia salvado anos antes em Hopkinsville. Byron Wyrick trouxe o seu bom amigo Franklin Bradley, um fabricante de tintas de Chicago que abraçou Edgar e o trabalho, e proveu ajuda financeira nos meses seguintes. A visitante favorita de

Gladys era a sua mãe, que chegava de carroça-puxada-a-cavalo, acompanhada da sua vaca. Ela posteriormente enviaria à família galinhas, que Edgar criava em um galinheiro que construiu no quintal.

Para além de atender aos visitantes e às atividades normais de verão dos Cayces, havia muitas leituras a serem feitas. Em retrospecto, é interessante que a Fonte tenha sugerido que os Cayces se mudassem para uma parte tão deserta do país, onde seus contatos sociais eram primariamente apoiadores e amigos que tinham de vir até eles. Era fácil para a família levar vidas de relativa reclusão na praia, fora do olho do público, e onde Gladys e os Cayces podiam melhor se concentrar no que as leituras estavam ensinando-lhes.

Em sua maior parte, essas primeiras leituras de Virginia Beach eram para Morton e seu irmão, Edwin, que, como prometido, estavam pagando todas as contas da família. As leituras para os Blumenthals eram a primeira ordem do dia toda manhã, e a última a serem discutidas toda noite. Os Blumenthals invariavelmente perguntariam sobre o mercado de ações em alta e em queda, relacionamentos pessoais, preocupações médicas, e mais informações sobre Jesus Cristo e outros temas espirituais. Contudo, logo após a chegada dos Cayces a Virginia Beach, Morton começou a pedir à Fonte para interpretar os sonhos da sua família: mais especificamente, aqueles relativos ao seu e ao filho ainda-não-nascido de Adeline. Como a Morton havia sido dito de volta a Dayton: *"Prestai mais atenção aos sonhos, pois [é onde] verdades são dadas."*

Aquelas verdades, tornou-se claro a Morton e a Adeline, estavam levando os Blumenthals por um caminho de autodescoberta que os trazia mais próximos da família Cayce e do trabalho que ocuparia uma porção cada vez maior de seu tempo e de seus recursos.

---

139. Naufrágio do *Dictator*: em 27 de março de 1891, o cargueiro norueguês *Dictator* encalhou em Virginia Beach durante temporal; tornou-se evento fundador da memória local da cidade. ↩

35.
Sonhos e Reencarnação

A prova da importância dos sonhos, da perspectiva de Edgar, residia não na literatura ou na filosofia contemporâneas, mas na Bíblia, mais especificamente na experiência de **José**, o muito amado décimo primeiro filho de Jacó, que não apenas tinha a habilidade de lembrar e interpretar seus próprios sonhos, mas os do Faraó. Como Morton apontou, Edgar, também, podia fornecer tais discernimentos. Embora Morton e Edgar houvessem experimentado fazer leituras sobre sonhos[140] já em janeiro de 1925, foi só em junho e julho daquele mesmo ano — em meio à condução das leituras de vida — que a primeira série de leituras dedicadas a sonhos foi conduzida. Em uma leitura conduzida em 28 de julho, Morton solicitou uma interpretação de dois dos sonhos de Edgar, que Morton acreditava serem centrais para o trabalho em Virginia Beach. No primeiro desses dois sonhos, Edgar e quase todos os ligados à sua organização nascente estavam em uma grande balsa ancorada na costa da Virgínia. No centro do barco havia um elegante salão de baile, cercado por um *soda fountain*, e Morton, Gertrude e Edgar estavam sentados na borda do barco, pescando. Gertrude pegou um peixe, e quando o puxou para fora da água, ele tinha o rosto de um homem. No segundo dos sonhos de Edgar, um médico de Hopkinsville, **Dr.**

Thomas, que havia sido acerbamente contra Edgar e seus empreendimentos, visita Virginia Beach para inspecionar um hospital dedicado a Edgar Cayce. Gostando do que encontra, torna-se um campeão do trabalho e prega o seu valor aos colegas médicos.

No início da leitura para interpretar esses dois sonhos, a Fonte castigou Edgar por não estar mais atento à importância dos sonhos. *"Pois, como tem sido dado,"* afirmou a leitura, *"frequentemente são apresentadas a todo corpo normal… aquelas condições, por meio das forças subconscientes do estado de sono, em que verdades são dadas, visões são vistas das coisas a serem advertidas [ou] que serão vantajosas ao corpo, fisicamente, mentalmente, moralmente, espiritualmente e financeiramente… Prestai mais atenção ao sonho de cada e todo [um ligado ao trabalho]!"* Implícita nessa resposta estava a sugestão de que todas as pessoas tinham a capacidade de interpretar e agir sobre comunicações subliminares. *"Todos têm o poder,"* dizia Cayce — em transe — repetidamente.

Como Edgar e Morton logo aprenderiam, não era necessário que se contasse à Fonte o sonho inteiro. O condutor tinha apenas de referenciar o sonho particular pela data, ou dar uma breve descrição do enredo. Cayce, em transe, então expandiria sobre os pontos mais salientes, e às vezes descreveria elementos do sonho que o próprio sonhador talvez houvesse esquecido. Tudo o que era necessário para a Fonte interpretar os dois sonhos de Edgar era que o condutor mencionasse a festa a bordo, ocorrendo na costa de Virginia Beach, e a aparição do Dr. Thomas no hospital.

Interpretando o primeiro desses dois sonhos, a Fonte disse que a balsa era emblemática de Edgar estar sendo direcionado àquele

lugar — Virginia Beach — onde *"as forças deste corpo podem ser melhor direcionadas."* Pescar pela borda do barco significava a natureza específica do trabalho, e o peixe com a cabeça humana representava *"algo extraído"*, ou uma lição que era aprendida. O segundo sonho foi interpretado como significando que uma transformação ocorreria nas pessoas que estavam inicialmente contra o trabalho. Eles seriam conquistados, e por meio deles a instituição em Virginia Beach seria capaz de estender-se e ajudar o mundo. *"Por meio de muitos… podem ser adquiridas… finanças e ajuda a muitos por meio de… medicamentos, lições, verdades [e] entendimentos que podem ser adquiridos… e dados a muitos."*

Essas interpretações de sonhos eram diretas o suficiente. Mas, como os Blumenthals e os Cayces descobriram, as leituras sobre sonhos podiam ser muito mais complexas, exigindo extensas explicações dos símbolos e das lições que neles apareciam. Em última análise, Edgar deu **oitocentas leituras** para interpretar **mais de mil e seiscentos sonhos**. Embora setenta pessoas diferentes solicitassem e obtivessem interpretações em transe dos seus sonhos, 90% dessas leituras foram para quatro pessoas: Edgar, Gladys, Morton e Edwin.

As leituras sobre sonhos de Cayce sugeriam que os sonhos deveriam ser interpretados por meio de sinais, mensagens diretas e símbolos, todos os quais derivavam de um registro indelével inscrito na mente subconsciente do sonhador, composto de tudo o que o sonhador havia visto, lido, ouvido, imaginado ou experimentado em sua vida presente ou em vidas anteriores. Em outras palavras, a linguagem e a imagística dos sonhos de um indivíduo derivavam do seu registro pessoal de alma, e como tais,

falavam apenas àquela pessoa. A mensagem do sonho, contudo, vinha de um *eu superior*, ou dos *eus superiores* dos outros. Segundo a Fonte, mensagens podiam vir do balconista da mercearia da rua, dos familiares falecidos, ou de comunicações Divinas enviadas para proteger ou guiar o indivíduo. Compreender a mensagem era apenas questão de manter o canal aberto, ou reconhecer, em primeiro lugar, que ele existia. *"Feliz pode ser aquele que é capaz de dizer que se falou com ele através do sonho ou da visão,"* Cayce — em transe — diria.

Para além da mensagem do sonho, a Fonte identificou cerca de duzentos símbolos diferentes que tinham, frequentemente, um sentido particular. Uma flecha, por exemplo, era presságio de uma mensagem que chegava. Um bebê ou recém-nascido representava um novo empreendimento ou atividade. O sangue representava as forças físicas do próprio corpo, e era indicativo da saúde do indivíduo. O fogo representava o medo, e o cabelo era o processo de raciocínio. Em última análise, contudo, todos os símbolos representavam aquilo que o sonhador deles fazia, pois a relevância de uma vinha para uma pessoa podia ser a mesma que uma sala de aula escolar para outra.

Muitos dos sonhos foram interpretados pela Fonte como advertências, como foi o caso com um sonho que Edwin Blumenthal relatou: *"[Sonhei com um] vazamento do que parecia ser bebida alcoólica em nosso tapete do foyer, saindo de uma garrafa… ou pequeno barril."* Na leitura subsequente sobre esse sonho, a Fonte disse: *"Como se vê, isso é como a advertência à entidade no que respeita a bebidas alcoólicas em e ao redor da casa, e no uso das mesmas… Não permitas que estas condições se tornem a pedra de tropeço, seja para a*

saúde, seja para a posição, seja para os arredores influentes." Como, de fato, veio a ser o caso, a esposa de Edwin tinha um problema de bebida que tinha de ser checado antes que sérios danos fossem causados à família ou a ela mesma.

Frequentemente, as leituras sobre sonhos envolviam pessoas próximas ao sonhador que haviam falecido e que usavam o estado onírico como meio direto de comunicação com os entes queridos. Esse aparentemente foi o caso com um sonho que Gertrude teve no início de outubro de 1926, em que a mãe de Edgar estava mostrando a Gertrude a sua casa em Hopkinsville. Enquanto caminhavam pelos cômodos, Gertrude notou que todas as cortinas das janelas eram brancas. Eventualmente, Carrie conduziu Gertrude por uma passagem subterrânea em que Gertrude teve a impressão de um rio subterrâneo, e sentiu que precisava alcançar seus filhos e levá-los para a segurança. Estava também temerosa de uma explosão iminente.

A leitura em transe subsequente afirmou que as cortinas brancas e a passagem subterrânea eram indicação de que alguém — presumivelmente a mãe de Edgar — seria, em breve, sepultado, que essa pessoa estava reentrando no fluxo da vida, e *"retornando novamente ao primeiro elemento."* O sonho era, também, aparentemente um chamado específico para ajudar as crianças — Hugh Lynn e Edgar Evans — em meio ao que poderia, de outra forma, ser uma explosão na família. Carrie Cayce, de fato, morreu mais tarde naquele mês, em 25 de outubro de 1926. Edgar, que recebeu um telegrama de sua irmã Annie de que sua mãe estava seriamente doente, viajou de volta a Hopkinsville e estava com ela quando ela morreu. A morte de sua mãe foi um tempo triste e

angustiante para todos da família, especialmente para Annie — que havia cuidado de Carrie durante a sua longa doença.

Não surpreendentemente, Annie repetidamente recebeu comunicações em sonhos de sua mãe a partir do *"outro plano."* Em um dos sonhos de Annie, Carrie a abraçou, e Annie lhe perguntou se sabia o quanto sempre a havia amado. Carrie, segundo se relata, respondeu: *"Sim, você sempre o provou."* Em uma interpretação em transe desse sonho, em 3 de setembro de 1927, um espírito alegando ser Carrie Cayce interrompeu a leitura para retransmitir uma mensagem a Annie. Foi um momento dramático, pois raramente alguém além da Fonte havia falado através de Cayce. O pai de Alf e Roger Butler havia se comunicado por meio de Edgar em um sonho que Edgar tivera enquanto dava uma leitura em 1918, assim como uma antiga assistente do estúdio de fotografia de Selma, mas era a primeira vez que um membro da família Cayce vinha através. No meio da leitura, Carrie endereçou-se à filha como *"sister"*, como o fazia quando estava viva. *"Mamãe vê, mamãe sabe, mamãe sente aqueles mesmos sentimentos daquele amor que está na terra que faz do lar celestial,"* Edgar disse em transe. A voz pertencia a Edgar, mas o tom e as palavras convenceram Gertrude e os outros de que aquele que falava era, de fato, Carrie Cayce.

O resto da mensagem de Carrie foi uma afirmação do amor que ela sentia pela filha: *"Embora eu esteja nos planos do espírito, ainda estou presente nas mentes e nos corações daqueles que me expressam o amor… que o Mestre mostra a todos, quando deu que iria preparar o lar para aqueles que viessem após Ele. Ame aqueles ao seu redor da maneira como mamãe deu, e seja como mamãe a teria, pois mamãe não te deixa…*

Pois a vida é a vida toda, mesmo como o Mestre deu que era a vida e a luz do mundo, naquele mesmo conceito que se mostra naquele sentido em que mamãe acolhe [Annie] em seus braços."

Leituras como esta convenceram Morton Blumenthal do bem que poderia advir da interpretação de sonhos, e o levaram a solicitar leituras sobre sonhos que ele e a sua esposa estavam tendo a respeito do filho deles em vias de nascer, **Morton Jr.**

Premonições do nascimento de um filho primeiro apareceram a Adeline em um sonho que ela teve em 29 de junho de 1925, em que um menino ou criança *"de mente fraca"* lhe apareceu, e uma leitura foi conduzida em 1.º de julho. Cayce, em transe, advertiu-a a ser extremamente cuidadosa em controlar os seus pensamentos, pois a projeção daqueles pensamentos seria traduzida no físico: pelo demorar-se sobre pensamentos negativos, ela poderia, de fato, ter uma criança *"de mente fraca." "Apenas pensamentos bons e somente bons devem ser projetados no subconsciente… pois o corpo… torna-se aquilo de que se alimenta… Os sonhos são aquilo de que o subconsciente é feito, pois qualquer condição que jamais se torne realidade é primeiro sonhada."*

Adeline, com a ajuda de Morton, tentou manter uma atitude positiva durante a sua subsequente gravidez, e muitas leituras foram conduzidas para ajudá-la a superar uma crise após outra. Primeiro, houve a doença súbita de uma amiga de longa data, depois a morte súbita de sua mãe, e finalmente o suicídio de seu pai — tudo dentro de um período de nove meses. Seu ânimo foi, contudo, temporariamente elevado quando ela teve outra premonição da criança a nascer, dela e de Morton, em um sonho

em 25 de novembro de 1926, que foi interpretado por Cayce em uma leitura alguns dias depois.

Adeline descreveu o seu sonho em uma carta a Edgar: *"Sonhei [que meu bebê] tinha olhos azuis e cabelo loiro, e era um menino. Tinha, contudo, um nariz judeu de que eu não gostei. Disse à minha mãe, que estava lá: 'Parece kikish — judeu demais.' Minha mãe… mordiscou o dedo de modo característico e sorriu para o bebê. Disse que era esplêndido… Olhei para o meu bebê. Tinha então um ou dois dias, como antes, mas em vez de ser parcialmente feio, parecia ser uma linda criança, com cabelos claros, olhos azuis, e saudável."*

Cayce — em transe — interpretou o sonho como segue: *"No nascimento, ver-se-á o menino… de olhos azuis ou cinza-escuros — quase azuis, loiro, e apresentando algo da condição característica como visto [pela mãe]."*

De fato, como mais tarde se revelaria, o bebê de Morton e Adeline, que nasceu em 4 de abril de 1927, era de pele clara, tinha olhos azuis e cabelo loiro, e cresceria para ser brilhante, vívido e dado a travessuras. Mas, como a leitura anterior havia advertido, a criança era *"de mente fraca."* **Morton Jr.** desenvolveu problemas psicológicos que, mais tarde, resultariam em sua internação em um asilo de saúde mental.

Por meio de interpretações de sonhos como estas, Edgar veio a entender que a informação das leituras sobre sonhos não diminuía as leituras de vida. Antes, cada tipo de leitura podia ampliar a outra. Hugh Lynn lançou uma espécie de balão de ensaio nesse campo de pesquisa, quando solicitou uma leitura de vida para a sua noiva, **Olive Koop**, que aparecia frequentemente em seus sonhos.

A leitura foi conduzida em 3 de abril de 1926, quando Hugh Lynn convidou Olive a ir até a casa para conhecer sua mãe e seu pai. Como foi o caso com outras pessoas que ele havia trazido para *"conhecer os pais,"* ela era cética, e não acreditava muito no que o pai de Hugh Lynn fazia para ganhar a vida. Contudo, ela gostou de Edgar e do resto da família imediatamente, e, à medida que todos passaram a se conhecer melhor, Edgar — suspeitando que ela era parte do que ele agora chamava de a *"turma egípcia"* — deu-lhe uma leitura de vida. A leitura confirmou que ela, Hugh Lynn e Edgar haviam todos se conhecido no Egito antigo. Durante aquela encarnação, ela acompanhou o sumo sacerdote, Edgar Cayce, quando foi banido pelo Faraó, Hugh Lynn, e mais tarde retornou para casar-se com Hugh Lynn e dar-lhe um filho. Em vez de ficar afastada por sua leitura de vida, como Hugh Lynn originalmente havia ficado, Olive apaixonou-se por ela e, em última análise, escreveria sobre sua experiência em um artigo de revista. A aceitação dela à leitura apenas fez Hugh Lynn querer saber, mais do que nunca, se as leituras de vida eram válidas, ou apenas figmento da imaginação de seu pai. Ele teve sua chance quando Edgar fez uma leitura para um colega de ensino médio de Hugh Lynn, de Selma, **Fred Batterson**.

Hugh Lynn e Fred Batterson haviam, certa vez, sido bem próximos, frequentemente saindo em encontros duplos quando Hugh Lynn saía com a irmã de Fred. Uma leitura solicitada por Hugh Lynn dizia que ele e Fred haviam sido irmãos no Egito, quando Hugh Lynn havia sido o Faraó, e que uma briga em que se envolveram, sobre a moça que agora era Olive, havia dividido o reino. Com essa informação, Hugh Lynn pensou que ele e a sua

família finalmente tinham uma chance de testar a validade das leituras de vida. Se, de fato, Fred havia sido seu irmão, e havia brigado por Olive, certamente haveria alguma energia cármica em jogo quando todos eles se encontrassem. Sem deixar nenhum dos dois saber do plano, Hugh Lynn convidou Fred a visitar Virginia Beach na mesma época em que Olive e a sua mãe estariam visitando, vindas de Long Island. Após o primeiro encontro deles na casa dos Cayce, Hugh Lynn interrogou Fred extensamente. *"Ela é a pior que você já escolheu,"* ele disse a Hugh Lynn. *"Você não pode se casar com essa moça. Ela é fria como gelo."*

Uma semana depois, Olive e a sua mãe retornaram a Long Island. Fred ficou na Virgínia por uma semana adicional e, sem o conhecimento de Hugh Lynn, fez um desvio a Nova York, no caminho de volta para Selma. Foi ver Olive, com quem ele já havia estado namorando secretamente. Para ele, ela era qualquer coisa menos *"fria como gelo."* E como ele mais tarde admitiu a Hugh Lynn, Fred e Olive haviam começado um caso na primeira noite em que foram apresentados na praia. Alguns dias depois de Fred ir embora, Hugh Lynn recebeu de volta o seu pino de noivado dela e um pedido de desculpas dos dois. *"Por todos os deuses, essas leituras de vida estão certas!"* Hugh Lynn anunciou ao pai e à mãe. Esse conhecimento, contudo, não diminuiu a dor que ele sentia por ter sido traído. Sua raiva foi tão profunda que, de fato, tornou-se tema de leituras posteriores, quase duas décadas depois, quando Hugh Lynn passou por um período em que se engasgava com aquilo que comia.

Como Hugh Lynn mais tarde descreveria sua experiência, a primeira coisa com que ele se engasgou foi um pedaço de

cartilagem, depois um osso de ensopado, e novamente em um comprimido que estava engolindo. Em três ocasiões separadas, ele teria de ser levado ao pronto-socorro de um hospital para evitar sufocamento. Após o último incidente, ele teve um sonho em que viu o rosto da sua antiga noiva. Era uma cena saída diretamente da sua leitura de vida, em que ele havia sido um invasor norueguês na Inglaterra. Olive Koop, ao que parecia, havia sido a sua esposa. No sonho, ele a estrangulou porque ela havia engravidado de outro homem. Como esse sonho sugeriu, seu próprio acesso de engasgo subitamente parecia fazer sentido. Seguindo o conselho do pai, ele orou por força para perdoá-la, e por perdão para si mesmo, por nutrir má vontade. Hugh Lynn acordou na manhã seguinte sentindo como se *"um grande peso houvesse sido tirado."* Alguns dias depois, ele inesperadamente recebeu um telefonema de Olive — seu primeiro contato com ela em muitos anos. Ela havia se casado e divorciado duas vezes, e estava agora trabalhando como secretária jurídica em Nova York. Havia ligado, por capricho, para dizer: *"Espero mesmo que você já tenha me perdoado. Eu te tratei tão vergonhosamente."* Hugh Lynn perdoou-a, e os incidentes de engasgo cessaram completamente.

Outra leitura que Hugh Lynn solicitou durante seus primeiros anos em Virginia Beach o admoestou a não manusear armas de fogo. Isto parecia desconcertante a Hugh Lynn, pois, durante toda a sua vida, ele havia sido bastante competente em usá-las. Amava espingardas e pistolas, e dizia-se ser tão bom com uma arma que conseguia pregar pregos com uma pistola calibre .45. Apesar de sua habilidade, contudo, a leitura afirmava que armas teriam efeito adverso sobre ele, e que, a menos que controlasse sua

tendência de cercar-se delas, perderia uma parte do próprio corpo. Com base na precisão com que seu pai havia descrito o relacionamento do filho com Olive, Hugh Lynn prontamente livrou-se de toda arma que possuía, e fez tudo o que pôde para não combater na Segunda Guerra Mundial — exceto tornar-se objetor de consciência. Embora, em última análise, tenha lutado na guerra, e estado sob o comando do **General Patton** em pessoa, ele passou os anos de guerra na Europa distribuindo literatura e coordenando atividades de entretenimento para os companheiros das tropas. Ele jamais sofreu o ferimento contra o qual havia sido advertido.

Hugh Lynn também solicitou leituras para muitos de seus novos amigos. De longe, a leitura mais importante, no esquema mais amplo do trabalho, foi para **Tom Sugrue**[141], uma das primeiras pessoas que Hugh Lynn conheceu na *Washington and Lee University* quando ali chegou em setembro de 1926. Como Fred Batterson, era também um homem com quem Hugh Lynn tinha muito *karma* a resolver.

A primeira vez em que Hugh Lynn viu Tom, ele estava usando um *beanie*, dedilhando um ukulele e cantando uma cantilena irlandesa. O baixinho jovem ruivo, de Naugatuck, Connecticut, perguntou a Hugh Lynn de onde ele era. Hugh Lynn lhe disse Virginia Beach, e Tom respondeu com uma observação depreciativa que estabeleceu o tom para o restante da relação deles. Uma discussão começou que não terminaria pelos vinte e cinco anos seguintes.

Tom queria ser escritor mais do que qualquer outra coisa. Estava fora do ensino médio havia dois anos, e estava trabalhando em

um banco de Connecticut, quando o presidente do banco lhe pediu para escrever uma matéria para o jornal local sobre o piquenique da empresa. O artigo foi bem-recebido, e o inspirou a matricular-se na Washington and Lee University. Do momento em que ele e Hugh Lynn se conheceram, discutiram praticamente sobre tudo, às vezes resolvendo seus desacordos com uma briga de socos que mandava um ou os dois à enfermaria da escola. Discutiam sobre as coisas mais mundanas, dos quadros que cada um escolhia para pendurar nas paredes a quem teria as melhores notas em cada semestre. Discutiam sobre onde iriam morar, sobre as fraternidades, sobre política, e sobre a qual clube de jantar da escola se filiar. Mais importante, contudo, discutiam sobre religião.

Tom era um católico fervoroso, e havia, certa vez, considerado estudar para o sacerdócio, mas era *"rebelde demais,"* como mais tarde escreveu em uma carta a Edgar. Hugh Lynn o atormentava com teorias sobre reencarnação e *karma*, e com as histórias sobre Jesus que ele alegava não terem entrado para a Bíblia. Hugh Lynn, finalmente, o desafiou a conhecer o seu pai, e Tom concordou em fazê-lo, segundo ele disse, com a intenção de provar que *"Cayce era uma fraude."* Mal havia chegado à praia em junho, e já começou a pontificar sobre a *"falcatrua"* da pesquisa psíquica. Hugh Lynn e Gladys ficaram bastante felizes em dar-lhe corda suficiente para que se enforcasse, e em 7 de junho de 1927, conduziram a sua primeira leitura de vida.

Como de hábito com as leituras de vida, a Fonte discutiu a influência de várias estrelas e planetas sobre o comportamento de Tom Sugrue antes de lançar-se em uma análise de caráter. Cayce

descreveu Sugrue como *"de mente elevada,"* e amante do belo, fosse na música, na poesia, na literatura, ou na natureza. A Fonte disse que ele era *"alguém que se atrai a poucos, contudo atrai a muitos,"* que era *"excêntrico de modo… bem-vidente, bem-intencionado… contudo não bem aterrado."*

As leituras indicavam que, em uma vida anterior, Tom havia sido um monge na Igreja Anglicana, durante a qual estudou música, de que gostava, e química, de que não gostava — algo que precisamente paralelava a sua experiência atual na faculdade. A Fonte disse que, na encarnação mais recente, ele havia sido um cruzado na Terra Santa, e havia auxiliado muitos que haviam sido feitos prisioneiros. A Fonte disse que esta era a razão pela qual ele tinha um desejo inato de ver a Terra Santa e escrever sobre ela — o que, de fato, ele mais tarde faria. A encarnação mais relevante de Tom — para a mente de Hugh Lynn — foi como conspirador na rebelião que se seguiu à expulsão de Ra Ta do Egito. Tom havia tomado o lado de Ra Ta na disputa do sacerdote com Hugh Lynn, que era o Faraó.

A leitura fez todo o sentido para todos, exceto para Tom. Nos dias que se seguiram, contudo, Tom teve a chance de ler as outras leituras de vida, e a sua começou a fazer mais sentido. Edgar entendeu pelo que o jovem estudante universitário estava passando. *"Tornar-se acostumado às ideias [na casa Cayce] era como viver com tribos da selva que não usam roupas,"* escreveu Cayce. *"Depois de um ano ou dois, você percebe que é você quem está engraçado, com toda a sua roupa."*

Tom tornou-se um convertido completo ao trabalho quando recebeu uma leitura física em 30 de dezembro de 1927, que

revelou detalhes íntimos da sua vida pessoal que uma pessoa normal não poderia ter possivelmente conhecido. Essa leitura sugeria que ele havia sido afligido por gonorreia — fato que Tom jamais havia revelado a nenhum dos Cayces — e advertia que haveria graves consequências se ele não seguisse uma dieta especial, injeções de medicação na uretra, e o que a Fonte descreveu como *"uma vida limpa e pura."* Em transe, Cayce o aconselhou a não se preocupar, *"pois a preocupação trará as maiores perturbações ao sistema."*

Mesmo Hugh Lynn pôde ver como tudo mudou para Tom, uma vez que aceitou as suas próprias leituras. Hugh Lynn relatou como o seu amigo agora começou a estudar as centenas de páginas de leituras anteriores que estavam arquivadas, e à noite juntava-se ao grupo na sala de estar, conversando sobre as leituras, e sobre reencarnação, astrologia e medicina. Pelo meio do ano seguinte, Tom tomou a decisão de devotar-se inteiramente ao trabalho em Virginia Beach. *"Decidi entrar no trabalho como uma carreira de vida,"* escreveu a Edgar da faculdade. *"E, dado que tenho fé plena nele e em você… eu deveria, neste momento, colocar-me inteiramente nas mãos 'dele,' tanto física quanto mentalmente."*

Tom eventualmente tornou-se como outro irmão para Hugh Lynn, e um filho para os Cayces. Veio ficar em Virginia Beach por semanas a fio, e mais tarde por verões inteiros. As leituras tornaram-se um tema de estudo para toda a vida para ele, e nos anos vindouros, salvariam a sua vida mais de uma vez. Tornou-se também o primeiro biógrafo de Edgar Cayce.

Outra pessoa que recebeu uma leitura de vida significativa foi o **Dr. Thomas House**, que, com sua esposa Carrie, também passou

a desempenhar um papel pivotal na vida dos Cayces em Virginia Beach. Durante os anos transcorridos desde o nascimento do filho deles, Carrie e Thomas House haviam atravessado uma séria crise mental e física. A turbulência emocional — resultado da reavaliação das suas práticas médicas com base nos preceitos que ele havia passado a conhecer e em que confiar — deixou o Dr. House sofrendo de úlceras hemorrágicas, que Cayce foi capaz de curar por meio de uma série de leituras. Mais tarde, o Dr. House voltou-se novamente a Edgar para superar a dependência que havia desenvolvido da morfina que havia usado para amortecer a dor excruciante daquelas úlceras. House creditou sua recuperação ao bem que havia encontrado nas leituras. No início de 1926, decidiu entregar a sua vida ao trabalho, e tornar-se, se Edgar e Morton concordassem, o médico-chefe encarregado do hospital deles, proposto em Virginia Beach.

Era apenas natural que ele recebesse uma leitura de vida para ajudar Morton e os outros a determinar se ele era ou não adequado a assumir as operações do hospital proposto. Edgar considerou a leitura subsequente, conduzida em 7 de agosto de 1926, como uma das mais importantes dadas até a data, pois documentava a contribuição contínua de House ao trabalho. Como Edgar mais tarde escreveria a Tim Brown em Dayton: *"[A leitura de House representa] uma das nossas aparições muito importantes nos assuntos do velho mundo, e possivelmente pode ser tão importante nos assuntos do mundo dos nossos dias."*

A revelação mais interessante da leitura foi que o Dr. House e a sua esposa, Carrie, haviam estado juntos nas cortes francesas durante a revolução. O filho deles, então, como agora, era Tommy

House Jr., e havia sido tirado deles para ser aprisionado na Bastilha, onde havia morrido sem conhecer o amor dos pais. Em sua encarnação atual, o Dr. House e Carrie haviam sido cármicamente testados de novo, naquela fria noite de março de 1909, quando Carrie chamou Edgar para *The Hill*. Foi a sua demonstração de amor e a sua confiança nos *"poderes mais altos"* que impediu que a *"entidade"* Tommy House Jr. fosse-lhes tirada de novo. Ademais, as leituras de vida estabeleciam as relações positivas do Dr. House com Edgar e com muitos dos outros associados ao trabalho, em encarnações anteriores.

O comitê de contratação da equipe do hospital, que solicitou a leitura, não poderia ter ficado mais satisfeito. *"Resultou um indivíduo bem-equilibrado, alguém com ideal e propósito fixos… os mais altos possíveis, pois exigem o sacrifício de si mesmo pelo melhoramento da humanidade,"* concluiu o comitê. *"Há muitos contatos, muitos amigos, poucos inimigos, poucas perdas."*

A posição de administrador-chefe agora pertencia ao Dr. House. A decisão deles parecia ser boa, como evidenciado por um sonho perspicaz que Gladys teve em 27 de novembro de 1926. No sonho de Gladys, Tim Brown, **Frank Bradley**, os Blumenthals e os outros principais membros da associação estavam sentados na sala da frente da casa dos Cayces, na Thirty-fifth Street. Foram chamados à janela para ver o Dr. House sentado nos controles de um avião decolando do que parecia ser um morro gramado onde Edgar gostava frequentemente de caminhar. À medida que o avião subia ao ar, acima da casa dos Cayce, Gladys e os outros podiam ver uma corda pendendo da parte de trás do avião. Ao ver a corda, Tim Brown — com quem existiam os mais sérios

potenciais problemas — saiu correndo da casa para o campo de pouso, agarrou-se à corda, e foi puxado para o céu.
Em termos de sonhos e da subjacente dívida cármica dos principais atores, a construção de um hospital parecia inevitável. Era apenas uma questão de quando.

---

140. *Leituras sobre sonhos* (*dream readings*): categoria cayceana das leituras dadas para interpretar sonhos. Cerca de 800 leituras, interpretando mais de 1.600 sonhos. ↩
141. Tom Sugrue (1907-1953): jornalista, primeiro biógrafo de Edgar Cayce. *There Is a River* (1942) tornar-se-ia o livro fundador da projeção internacional de Cayce. ↩

36.
Tesouros Grandes e Pequenos

Morton e Edwin Blumenthal permaneceram presença constante na vida diária da família Cayce. Eles não apenas pagavam a Edgar um estipêndio e cobriam a mensalidade e as despesas de Hugh Lynn na faculdade, mas enviavam pagamentos regulares a Gladys, e tornaram a vida dos Cayces em Virginia Beach mais segura e feliz do que em qualquer outro ponto de suas vidas. Naquele primeiro Natal na praia, os Blumenthals enviaram a Gladys um cheque de US$ 300,00, que ela imediatamente usou para comprar presentes para sua família, de volta ao Alabama. E em fevereiro de 1926, Morton e Edwin compraram a casa para os Cayces, na Thirty-fifth Street, por aproximadamente US$ 11.500,00, e também lhes compraram o primeiro automóvel que jamais possuíram, um Ford novo em folha. Mais importante para Edgar, contudo, foi que, na primavera de 1926, os Blumenthals fizeram a primeira tentativa séria de levantar os fundos necessários para construir o hospital.

O plano de Morton, conforme delineado em uma série de reuniões em março e abril de 1926, era levantar US$ 50.000,00 iniciais a partir dos 1.160 nomes na lista de envio da associação que Gladys havia preparado desde os dias deles em Dayton, e então levantar US$ 100.000,00 adicionais de outras fontes. Para

esse fim, cartões de inscrição foram impressos, oferecendo vários tipos de membresia naquilo que chamaram de **Association of National Investigators**[142]. Membresias individuais podiam ser obtidas pelo custo de US$ 5,00; o status de patrono podia ser obtido por US$ 25,00; e as membresias vitalícias por US$ 100,00.

A primeira correspondência saiu em julho de 1926. Em certos aspectos, a campanha foi considerada um sucesso, pois resultou em a associação tornar-se algo mais do que apenas uma lista de envio. Uma organização estava no lugar, com endereço permanente, um conjunto-padrão de regras e procedimentos, e um plano para o futuro: a criação de um hospital onde todos os membros poderiam receber os tipos de tratamento recomendados nas leituras.

Do ponto de vista da arrecadação de fundos, contudo, a correspondência foi um fracasso desolador. Quarenta e nove pessoas contribuíram, totalizando US$ 5.500,00. A razão tornou-se clara a partir das numerosas cartas que afluíram à associação — a vasta maioria das pessoas na lista de envio havia tido apenas contato mínimo com Edgar, e algumas não o tinham visto ou tido notícia há anos. Havia também pessoas que haviam recebido recentemente sua primeira leitura, e se sentiam ofendidas por se esperar que participassem da construção de um hospital. Como uma mulher escreveu de Pittsburgh: *"O grito por dinheiro veio tão rápido depois da minha leitura, que eu perdi a fé… na coisa toda, e temo ser apenas um esquema para extorquir dinheiro."*

Não desencorajado pela resposta inicial, Morton pôs outro plano em ação. Ele e seu irmão usariam conselhos em transe, dos seus negócios, para estabelecer uma conta dedicada no mercado de

ações, da qual os lucros seriam usados para comprar propriedade e iniciar a construção do hospital. O pensamento de Morton, bem como o de Edgar, era que, uma vez que os membros vissem um edifício real subindo, contribuiriam com quantias maiores que cobririam as despesas iniciais da associação. E, uma vez que o hospital fosse construído e estivesse em operação, os próprios pacientes apoiariam a sua continuidade. Morton pediu aos membros mais ativos da associação — Tim Brown, Franklin Bradley, Dave Kahn e outros — que se juntassem a ele e ao seu irmão em reunir uma porção dos seus recursos, e investir na conta da associação. As ações pertenceriam aos investidores, mas os lucros seriam aplicados na construção do hospital.

A ideia foi calorosamente recebida, mesmo que não houvesse outra razão senão que os próprios irmãos Blumenthal haviam, com sucesso, usado os conselhos em transe para triplicar suas próprias posses no mercado de ações. Raramente passava mais de um dia ou dois sem que Morton ou seu irmão pedissem uma leitura sobre ações em suas contas pessoais; e, embora o registro não esteja claro quanto à frequência com que agiam de acordo com os conselhos de Edgar, eles estavam ganhando dinheiro suficiente no mercado de ações de modo que generosamente abriram uma conta em nome de Edgar Cayce, que, de fato, havia quase dobrado em valor em menos de um ano.

Tim Brown fez a contribuição mais substancial à nova conta da associação, dando um total de US$ 13.433,00. Dave Kahn deu US$ 740,00. Estimou-se em US$ 5.000,00 o valor dado por outros membros, que incluíam um engenheiro de trinta e nove anos da General Electric, trazido por Morton Blumenthal; um vice-

presidente de trinta e sete anos de uma proeminente companhia fabricante de produtos de couro; e o sócio de Franklin Bradley em uma grande companhia de tintas. Por conselho de Cayce em transe, Morton comprou ações em mais de vinte companhias, que incluíam Hudson Motors, General Electric, Atlantic Gulf, Pan American Petroleum, *Louisville and Nashville Railroad*, Chrysler Motors, Pacific Gas and Electric, e IBM.

Talvez o aspecto mais impressionante das mais de duzentas leituras sobre o mercado de ações que foram subsequentemente conduzidas foi a assombrosa habilidade de Cayce em transe de prover informação detalhada e específica de operações financeiras, não diferente dos dados geológicos que ele havia previamente fornecido em Desdêmona e em Rocky Pasture. Como evidenciado pelas próprias leituras, Cayce — em transe — podia, aparentemente, citar números do mercado de ações diário como se fosse um teleimpressor da bolsa com linha direta para o pregão da bolsa de Nova York. Contudo, deve ser notado que a Fonte qualificava todos os seus conselhos sobre o mercado de ações afirmando que o futuro não era certo, e, dessa maneira, qualquer previsão sobre o mercado em alta e em queda só deveria ser usada como indicador para o valor futuro de uma ação particular dadas as condições presentes do mercado.

Durante essas leituras, não era incomum que a Fonte dissesse que *"a Atlantic Gulf vai avançar de 57 para 80 [pontos],"* que *"a Louisville and Nashville voltará a 132,"* ou que *"a Chrysler Motors fará desdobramento no fim do mês."* Em uma leitura específica sobre a *U.S. Steel*, por exemplo, Morton recebeu a informação de que a corporação *"venderá próximo da marca de 151 ½ [a] 152 ½… [e] com*

as mudanças que ocorrerão, então, será vista… a alta para a marca de 164 nesta presente semana, [e] a grande mudança ocorrerá por volta do terceiro ou quarto de fevereiro." Durante outra leitura, Morton perguntou se as ações da Havana Electric estavam subindo ou descendo. A resposta veio: *"Descendo na segunda-feira, e subindo terça-feira e quarta-feira."*

Além dos indicadores diários de mercado, a Fonte frequentemente mencionava os nomes e as agendas de vários CEOs e principais acionistas, cujas ações determinariam o desempenho de uma ação particular. Em setembro de 1926, por exemplo, a Fonte indicou que a *Ford Motor Company* tentaria assumir a administração da *Hudson Motors*, e que as ações da *Hudson Motors* responderiam de acordo — o que, de fato, aconteceu. Em outra leitura, a Fonte discutiu o impacto que o aumento das taxas de juros pelo *Federal Reserve* teria sobre a bolsa de Nova York. As decisões administrativas das *Macy's Department Stores* eram tema frequente de discussão, e a informação que vinha referia-se rotineiramente a planos de longo prazo, presumivelmente desconhecidos do público em geral, de expansão do número de suas lojas de departamentos.

Talvez o aspecto menos compreendido e mais mal-representado dessas leituras tenha sido que o *"eu superior"* de Cayce não era a fonte primária para a informação do mercado. Uma série de outras entidades apresentavam-se através de Cayce para fornecer informação específica, e em mais de dois terços das leituras sobre o mercado de ações, Cayce — em transe — não era solicitado a relatar diretamente sobre o desempenho de uma ação, mas pedido a interpretar o desempenho com base nos sonhos de

Morton ou de Edwin. O propósito de tais leituras, segundo a Fonte, não era interferir ou dar a um indivíduo uma vantagem desigual sobre outro, mas ajudar Morton e Edwin a desenvolver suas próprias habilidades intuitivas, ao aplicá-las às suas vidas e ao seu trabalho.

Houve mais de cem instâncias em 1926 e 1927 em que Morton ou seu irmão sonharam que um deles, ou ambos, estavam de pé no pregão da bolsa de valores, observando a fita-ticker de uma ação particular subir ou cair, ou ouvindo *"vozes"* citando preços reais de ações ou descrevendo tendências. Essas entidades primariamente forneciam conselhos e orientação — de uma perspectiva espiritual — sobre o mercado de ações e os assuntos de negócios, e eram principalmente as vozes de quatro almas falecidas: o pai de Morton, **August Blumenthal**; **Marcus Loew**; **Elbert H. Gary**; e **Felix Fuld**. Todos esses homens — com exceção do pai de Morton — haviam, certa vez, sido líderes internacionais de negócios ou financeiros importantes. August Blumenthal havia morrido em 1919. Elbert Gary, que ajudou a organizar a *U.S. Steel Corporation*, havia morrido três dias antes de fazer a sua primeira aparição em transe, em 1927. Marcus Loew, que também havia recentemente falecido, era um produtor cinematográfico e dono de uma cadeia de cinemas. E Felix Fuld, mais bem lembrado como um dos fundadores da cadeia *Bamberger Department Store*, apareceu nas leituras em 1929, ano em que faleceu.

As entidades apresentavam-se durante as leituras dizendo: *"Temos Elbert Gary aqui,"* ou *"É Felix Fuld,"* e Morton havia sido informado em um sonho de que eles haviam *"se unido para um propósito comum no plano cósmico… para ajudar a… realizar certo*

propósito sobre a terra." O sonho continuava: *"Seu pai é o centro de um grupo que busca a sua melhor compreensão e a auxiliar a sua melhor aplicação. Elbert H. Gary é o centro de outro grupo que busca auxiliá-lo financeiramente. Ele e o grupo estão determinados a torná-lo milionário."*

Infelizmente, a perda dos registros de operações dos Blumenthals durante a Grande Depressão[143] torna impossível, agora, determinar exatamente que percentual da sua renda provinha diretamente das recomendações feitas nas leituras. Mas uma revisão dos conselhos em transe dados aos Blumenthals por Fuld, Gary e outros, em leituras conduzidas entre setembro de 1924 e 29 de outubro de 1929 — desde quando os primeiros pedidos comerciais foram feitos até quando o mercado de ações repentinamente colapsou — é impressionante por qualquer padrão. O registro mostra que a vasta maioria das ações e títulos comportou-se como descrito, e algumas das posses dos Blumenthals, como a Chrysler Motors, haviam crescido bem além das expectativas normais no mercado de touros do final dos anos 1920. Contudo, deve também ser notado que as predições diárias da Fonte, em que as *"vozes"* eram solicitadas a citar os preços de operação de uma ação particular, estavam erradas em pelo menos um a dois pontos em quase três quartos dos casos estudados. Isso, aparentemente, não foi visto pelos Blumenthals como um fracasso, mas, antes, como resultado da reconhecida incapacidade da Fonte de prever desempenho diário específico, com base nas mudanças nas condições de mercado. O mercado era determinado pela vontade coletiva do homem, e mesmo Deus não podia predeterminar a vontade do homem.

O fato de que Morton e seu irmão tornaram-se milionários no fim da década de 1920 é, talvez, o melhor indicador de que sua associação com os Cayces os ajudou a alcançar seus objetivos. Em três anos, os jovens corretores foram, de membros juniores em uma firma, a comprar a sua própria cadeira na bolsa por aproximadamente US$ 500.000,00 em valor de 1928 — equivalente a possuir um edifício de escritórios moderadamente grande no centro de Manhattan. Tinham também, aproximadamente, essa mesma quantia em posses pessoais, incluindo uma elegante casa-de-cidade em Nova York, onde Edwin e a sua esposa Ruth viviam, e uma casa à beira-mar em Deal, Nova Jérsei, onde Morton e Adeline viviam.

É interessante notar que o próprio Edgar tomou pouco interesse pessoal ou profissional nas leituras sobre o mercado de ações. Ele não estudava o mercado em alta e em queda, e deixava todas as decisões financeiras, no que respeita às próprias posses, nas mãos de Morton. Sentindo-se compelido a ampliar a sua base de apoio, e incapaz, ou desejoso, de não permitir que as leituras sobre o mercado de ações dos Blumenthals determinassem inteiramente o destino do seu sonho de construir o hospital, Edgar lançou suas próprias iniciativas projetadas para gerar renda. Esses esforços eram localizar depósitos ocultos de petróleo, como ele havia feito centenas de vezes no passado, encontrar tesouros enterrados, e patentear várias invenções.

Entre as pessoas a oferecer sua ajuda nessas empreitadas estava Frank Mohr, que havia se mudado recentemente para a Flórida para juntar-se ao seu cunhado e a outros dois homens de

negócios, prospectando petróleo e especulando em imóveis. Eles instaram Edgar a vir à Flórida para juntar-se a eles.

O principal financiador do sindicato de Mohr era **Thomas Peters**, conhecido em Miami como o *"Rei do Tomate,"* porque havia ganho a sua fortuna em uma grande operação de transporte de produtos. Ele havia investido aproximadamente US$ 5 milhões no desenvolvimento da ilha caribenha de **Bimini** como um resort *off-shore*, na esperança de que turistas americanos afluíssem para lá a fim de escapar da **Lei Seca**, que estava em vigor desde 1919. Peters construiu o *Bimini Bay Rod and Gun Club*, bem como o *Hotel Bimini*, que ostentava cassino, bar de coquetéis, jardins e quadras de tênis. Ao todo, possuía aproximadamente doze mil acres na ilha, bem como vastas extensões de terra no Condado de Dade, na Flórida. A Lei Seca, contudo, não tornou seu hotel em Bimini a atração que ele esperava, e ele teve de fechar temporariamente as portas em 1925. Menos de um ano depois, ele reabriu o hotel em sociedade com o financista imobiliário **A. C. Preston**.

Peters e Preston haviam ouvido falar de Edgar pelo cunhado de Frank Mohr, que também tinha interesse financeiro em Bimini. O primeiro pedido que fizeram por leituras foi no fim de julho de 1926, para verificar se petróleo poderia ou não ser encontrado na sua propriedade no Condado de Dade. A leitura subsequente disse que apenas quantidades muito pequenas de petróleo poderiam ser encontradas, e que estas, infelizmente, seriam difíceis de acessar por causa dos grandes depósitos de lama. Com base nessa leitura, Peters e Preston decidiram não perfurar no Condado de Dade, mas, em vez disso, pediram uma segunda leitura, dessa vez sobre sua propriedade em Bimini.

Esta leitura foi conduzida em 14 de agosto de 1926. Cayce — em transe — localizou a ilha sem dificuldade. Não tinha muita esperança de que encontrariam petróleo, pois disse que a maioria da estrutura subterrânea da ilha consistia em coral. Era, contudo, muito mais esperançoso quanto à localização de outros tesouros. *"Há muitos que estão escondidos,"* disse a Fonte, e estes consistiam em *"ouro, lingotes [e] prata."*

Em uma leitura tão dramática quanto qualquer das leituras sobre tesouros que Cayce havia anteriormente dado, a Fonte descreveu um incidente em 1839, em que um marinheiro chamado **Bill Desmond**[144] cometeu motim em um navio, mais tarde roubou um lojista nas imediações de Jamestown, e fugiu pela costa abaixo, e depois para Bimini, onde seu navio naufragou em um recife de coral. Desmond e quatro outros foram descritos como vivendo em um promontório, em um posto de observação que haviam construído com madeiras salvadas do navio. Um dos marinheiros que haviam fugido com Desmond morreu de picada de cobra, e outro morreu de envenenamento alimentar. Os dois marinheiros restantes tiveram uma briga sobre seu esconderijo de pilhagem oculto. Desmond foi ferido, e morreu logo após a briga. O outro tomou uma porção do tesouro e tentou fugir para o continente em um pequeno barco, mas perdeu-se na rebentação e afogou-se. A Fonte disse que os restos do corpo de Desmond ainda estavam no cofre escondido do tesouro enterrado. Esse cofre, segundo a Fonte, continha quase **cento e vinte mil moedas de ouro** e muita prata.

Essa leitura foi suficiente para inspirar planos para uma busca massiva da ilha. Peters e Preston fizeram uma investigação

minuciosa e acharam que a geografia da ilha de Cayce e o ambiente em torno de onde supunham que o tesouro estivesse eram *"absolutamente corretos."* Empolgados, Peters e Preston convidaram Edgar a tornar-se parte da equipe deles, prometendo-lhe US$ 10.000,00 caso achassem qualquer parte do tesouro. O primeiro pedido de que ele se juntasse a eles veio no fim de novembro de 1926, logo após Edgar Evans ter tido as pernas queimadas. Devido aos ferimentos do filho, Edgar declinou o convite, mas disse que poderia considerar fazer a viagem mais tarde. Antes de comprometer-se finalmente a fazer a viagem, contudo, Edgar consultou seu velho amigo Byron Wyrick, que conhecia em primeira mão o tipo de problema que tantas vezes resultava de leituras desse tipo.

Byron aconselhou Edgar a ser cuidadoso, pois o potencial de fracasso era tão grande quanto todas as suas empreitadas anteriores para levantar dinheiro com prospecção petrolífera. *"Se todas as partes forem conscientemente sinceras e honestas em seu desejo de produzir riqueza e recuperar tesouros sobre [uma] base de equidade para todos os envolvidos, então os esforços terão sucesso, e você se justificará indo até lá e dando as leituras. Mas se as partes envolvidas forem egoístas em mente, [esperando] a parte do leão, então o projeto fracassará."*

Antes que Peters e Preston pudessem levar o assunto adiante, uma grande tempestade atingiu as Bahamas e a Flórida e devastou Bimini, onde sete residentes foram mortos, e cinquenta e duas casas e a única estação de rádio da ilha foram destruídas. O Hotel Bimini jamais reabriria — vândalos o despojaram de seu mobiliário e de qualquer coisa que pudesse ser carregada. Peters e

Preston imploraram a Edgar para vir à Flórida para mais leituras. Os marcos que Edgar havia identificado na primeira leitura não podiam ser encontrados após a tempestade — em um caso, águas de inundação haviam coberto completamente o solo onde uma fonte natural deveria estar localizada — e eles não podiam continuar sem a ajuda de Cayce. Mohr ficava cada dia mais empolgado. *"Se isto sair tudo certo,"* escreveu a Edgar, *"você está acertado para… a vida."*

Ele foi finalmente persuadido a vir a Bimini em pessoa em 20 de janeiro de 1927, acompanhado de Gertrude, Edgar Evans e Gladys, todas as despesas pagas. Edgar acreditava que precisava trazer todo o *"escritório"* junto, pois tinha uma agenda cheia de leituras a dar, e recusava-se a adiá-las. *"O tempo já [foi] dado a outros,"* Edgar diria, à guisa de explicação, *"e a promessa é a minha palavra de honra."* A verdade, contudo, era mais complexa. Edgar não queria repetir o que havia acontecido em Desdêmona e em Rocky Pasture. Ao cercar-se daqueles que conhecia e amava, ele pensava que poderiam ter sucesso onde Thrash e os outros haviam falhado.

Peters e Preston encontraram o séquito Cayce na estação de trem de Miami com duas limusines Packard, para levá-los ao hotel. *"Os quartos estão todos arranjados para nós, e estão tão agradáveis… quanto poderíamos pedir,"* escreveu Edgar em uma carta a Hugh Lynn, que não pôde juntar-se a eles porque estava fora, na faculdade. Não dito ficou o seu entusiasmo com a perspectiva de cavar atrás de tesouro perdido e de visitar um país estrangeiro pela primeira vez.

Em 3 de fevereiro, Edgar viajou com Peters, Preston e Mohr para Bimini, onde permaneceram por três dias. Edgar mais tarde descreveu a experiência como bastante maravilhosa, especialmente a viagem de ida, quando viu o pôr do sol mais fabuloso que jamais havia visto. Infelizmente, esse foi o ponto alto da viagem. Embora Edgar tenha dado quatro leituras na ilha, o ouro e a prata jamais foram encontrados, nem os marcos das leituras puderam ser localizados. Contudo, ninguém, exceto Frank Mohr, parecia ter ficado desencorajado.

Retornando a Miami, Edgar deu uma série de leituras para verificar por que não eram capazes de localizar o tesouro mencionado na leitura anterior. A leitura subsequente em 7 de fevereiro de 1927 culpou os propósitos do grupo, mesmo o do próprio Edgar. Era *"não porque a informação seja incorreta… mas porque o problema reside dentro… Pois essas fontes de onde a informação vem ao mundo material são de uma fonte universal e infinita, mas o canal das mesmas é do lugar carnal ou material. Daí sabemos que o pecado jaz à porta, e naquela informação como foi dada respeitando o mesmo, que a casa precisa ser posta em ordem."* Talvez Edgar mesmo soubesse, no seu coração, que os motivos deles não eram puros, mas se recusasse a reconhecê-lo por causa do desejo de ser o sócio deles.

Edgar ainda estava em Miami nesse ponto, hospedado no *Halcyon Hotel* com Gertrude, Gladys e Edgar Evans. Peters e Preston continuaram pressionando Edgar para retornar a Bimini. Ele estava relutante em fazê-lo, pois isso interferiria em uma leitura física que ele havia agendado com muita antecedência. Edgar pediu à Fonte para verificar se ele deveria ou não interromper

ainda mais o trabalho, abrindo mão da leitura física e retornando à ilha para ajudar os homens a encontrar o tesouro, o que poderia — a longo prazo — fornecer o dinheiro para Edgar continuar o trabalho de modo muito mais grandioso, e, portanto, ajudar a muitos. A resposta veio: *"Cumpre o compromisso… pela leitura física, [pois, como Jesus curou um e não muitos], todos serão os ganhadores por isso."*

Esta leitura, e outras subsequentes no Halcyon Hotel, diriam a Edgar para retornar a Virginia Beach, e enfatizavam a importância de buscar primeiro as *"riquezas interiores."* O grau em que Edgar deu ouvidos a esse conselho é discutível, pois, embora retornasse a Virginia Beach após a Flórida, foi imediatamente para Nova York para conduzir leituras sobre o mercado de ações para Morton, e para participar de uma palestra que havia sido organizada por seus apoiadores em Nova York. Edgar relatou a Morton que *"a viagem [à Flórida] foi realmente benéfica,"* mesmo que *"tenha sido decepcionante do ponto de vista financeiro."* Para Edgar, a melhor coisa que dela veio foi a cooperação que se desenvolveu entre ele, Gertrude e Gladys. *"Fez todos nós apreciarmos o papel desempenhado por cada indivíduo, e a sua relação com aqueles que buscam conselho, ajuda e auxílio,"* disse Edgar. *"Estou seguro de que isso é quase como criar sangue novo no trabalho."*

Quanto ao porquê de a caça ao tesouro ter falhado, Edgar disse a Morton que *"podemos ver, pelo nosso entendimento, exatamente por que… eles jamais localizaram o tesouro, pois há leis cósmicas ou psíquicas, exatamente como temos leis penais, e essas pessoas, eu acho, percebem isso… Então eles foram e — mesmo com todas as suas outras preocupações — tentaram pôr-se cada um em ordem… [Eles] desistiram*

da ideia de encontrá-lo, até que cada um chegasse à consciência de tornar-se reto com as Forças Criadoras."

Antes de despedir-se dos Blumenthals e retornar a Virginia Beach, Edgar escreveu a Peters, esboçando muito do mesmo que havia dito a Morton. Quando Peters recebeu essa carta, ele e Preston não estavam mais se entendendo, e em breve se separariam por completo. *"[Peters] não escutará razão, nem escutará seus amigos ou aqueles que pretendem ser seus amigos,"* escreveu Preston a Cayce. *"Ele não queria que eu devotasse nenhum do meu tempo a nada fora do gerenciamento do aluguel do [hotel e cassino]."*

Por ora, o fim da sociedade pôs ponto final à busca pelo tesouro de Bimini. Isso, contudo, em nada arrefeceu o interesse de Preston em Cayce como fonte de informação psíquica sobre tesouros escondidos. Antes de Edgar deixar a Flórida, Preston obteve leituras sobre tesouros escondidos ao longo do **Lostman's River**, perto do local onde **Ward Cawthon**, amigo de Edgar da farmácia em Selma, já havia cavado com sucesso.

Na leitura de Preston sobre o Lostman's River, conduzida em 14 de fevereiro de 1927, no Halcyon Hotel em Miami, a Fonte novamente discutiu esse curso d'água do Condado de Monroe como bom lugar para caçar tesouros. *"Este é, antes, um rendez-vous favorecido… embora muitas… mudanças… tenham ocorrido no desenvolvimento dos países de onde essas pessoas zarparam, viveram, escaparam, ou usaram essas águas e a região circundante como lugares para se esconder — não apenas de ganhos mal-adquiridos por meio de incursões, mas daqueles que foram, na verdade, levados — onde pessoas foram, mesmo, assassinadas pelos mesmos, e, em… uma porção desse rio,*

podem ser encontrados muitos lugares onde várias quantidades foram colocadas."

O ponto que foi recomendado a Preston ficava a umas seis milhas acima da boca do rio, em uma ilha próxima a uma baía onde o rio se dividia em dois. *"Houve, certa vez, uma árvore muito grande aqui, no fim da ilha [na] extremidade meridional, e neste toco [está] esta caixa ou baú… e neste será encontrada muita pilhagem, muito em ouro, em prata, e em vários… jewels… [de cerca de] meio milhão de dólares no total."* A leitura passou a dizer que o ponto na ilha podia ser identificado por uma árvore jovem que crescia do toco da árvore velha.

Em uma segunda leitura sobre esse tesouro, conduzida no Halcyon Hotel em 3 de março de 1927, Edgar forneceu uma explicação detalhada de como chegar à ilha de canoa e que equipamentos e suprimentos seriam necessários trazer consigo na busca. As leituras também alertaram Preston a ser cuidadoso quanto aos habitantes locais da área, e fortemente exortaram Preston a não se apresentar como caçador de tesouro, mas, para sua própria segurança, atuar como caçador, pescador, ou desenvolvedor imobiliário.

Preston e um grupo de outros, de fato, fizeram viagens rio Lostman acima, em julho de 1927, mas tiveram dificuldade de encontrar o caminho rio acima, e se perderam. *"Há milhares de ilhas neste rio,"* escreveu a Edgar. *"A descrição do país estava perfeita, e acredito que vamos localizar se conseguirmos encontrar a ilha apropriada."* Esporadicamente, ele continuou sua busca, sempre acreditando que encontraria o tesouro. No processo, sua apreciação por Cayce e pelo trabalho apenas crescia em

profundidade, levando-o a solicitar uma leitura de vida, que revelou que ele também havia estado associado a Ra Ta, e que os dois haviam sido exilados juntos para a Núbia. Eventualmente, Preston tornar-se-ia o gerente de negócios da *Association for Research and Enlightenment*, conhecida como ARE, que assumiu as atividades da associação original que Morton Blumenthal formou em 1927. Seu antigo sócio comercial, Peters, perdeu interesse no trabalho, eventualmente foi à falência, e morreu logo depois. Quanto ao ouro enterrado nas Bahamas, muito foi mais tarde encontrado, embora não haja relatos conhecidos de ouro descoberto em um cofre escondido em Bimini. O único esforço exploratório real na ilha foi uma tentativa de encontrar petróleo, que se mostrou malsucedida, como a Fonte havia previsto.

Embora o tesouro não houvesse sido encontrado, houve uma recompensa inesperada que veio das leituras de Cayce sobre Bimini: uma localização geográfica exata do continente mítico de **Atlântida**[145]. Não fosse pelo fato de leituras de vida anteriores e futuras continuamente confirmarem a existência de tal lugar, a referência a Bimini teria sido descartada pelos Cayces como uma mistura fantasiosa de fato, ficção e mitologia. A informação nas leituras de vida, contudo, sugeria isto e muito mais: que o destino futuro dos Estados Unidos, e do mundo, estava nas mãos daqueles que, certa vez, haviam sido encarregados do bem-estar da Atlântida. O fracasso deles em ater-se às leis de Deus havia resultado na destruição do mundo então civilizado, e essas mesmas almas estariam agora, na América, sendo cárminamente testadas de novo.

142. *Association of National Investigators* (ANI): predecessora institucional da ARE. Carta-patente estadual de 6 de maio de 1927 na Virgínia. ↩

143. Grande Depressão (*Great Depression*): crise econômica iniciada com o *crash* da Bolsa de Nova York em 29 out. 1929 (*Black Tuesday*). ↩

144. Bill Desmond: nome cayceano canônico do alegado marinheiro-amotinador-pirata de Bimini, supostamente reencarnado em Edgar Cayce — atribuição peculiar das leituras sobre tesouros. ↩

145. Atlântida (*Atlantis*): continente mítico mencionado por Platão em *Timeu* 24a-25d e *Crítias* 108e-121c. Tema central das leituras cayceanas a partir de 1923. ↩

37.
Atlântida e o Futuro do Homem

Detalhes sobre o continente perdido de Atlântida, ou **Poseidia**[146], haviam sido mencionados nas leituras de vida mais antigas. Mas, até a viagem de Edgar a Bimini, ninguém envolvido no trabalho pensava em Atlântida como um lugar específico, um antigo continente agora desaparecido sob o mar. Em uma leitura conduzida em 2 de março de 1927, no Halcyon Hotel, a Fonte disse que um templo dos *"posideanos"* localizara-se, certa vez, perto do que era hoje a ilha de Bimini. Esse comentário marcou o início do que viria a ser uma extensa e intensiva investigação sobre o tema, e levou à compilação e ao estudo de **seiscentas leituras de vida** que faziam referência à Atlântida, a Poseidia, ou a *"Alta,"* como variavelmente as leituras chamavam o agora perdido continente. E no início de 1932, o grupo de Cayce conduziu uma série intensiva de **treze leituras**, que esperavam fazer sentido de um tema que havia perplexado historiadores e cientistas desde Platão.

Edgar Evans, de quatorze anos, podia atribuir a si parte do crédito de inspirar o comitê a iniciar a sua pesquisa, pois foram suas leituras de vida que primeiro detalharam eventos no mítico reino atlante e sugeriram tanto a grandeza quanto a tragédia da história da Atlântida. E, assim como Hugh Lynn passou a abraçar

a sua própria leitura de vida e, com o tempo, devotou-se a um estudo do tamanho de um livro sobre reencarnação, Edgar Evans, nos anos vindouros, tornou-se o estudante mais hábil das leituras sobre Atlântida na associação, e ele, também, eventualmente, publicou o seu próprio livro sobre o tema.

A primeira menção da conexão de Edgar Evans com a *"terra dos posidonianos"* foi em sua segunda leitura de vida, que havia sido conduzida em Dayton, em 27 de fevereiro de 1925. A leitura disse que Edgar Evans havia desenvolvido suas consideráveis habilidades mecânicas e de engenharia em Poseidia, habilidades que ele havia carregado por todas as suas encarnações subsequentes. Como leituras posteriores revelariam, talentos que ele havia desenvolvido em Atlântida estariam em alta demanda em sua presente vida, e como ele aplicaria suas habilidades desempenharia um fator determinante no curso de eventos futuros. Assim, era natural que o inquisitivo e cientificamente-orientado Edgar Evans quisesse saber como tinha sido aquela cultura agora desaparecida.

Muitas das suas perguntas foram respondidas na série de leituras dedicadas especificamente à Atlântida, embora alguns dos detalhes mais interessantes viessem por meio das leituras de vida. Na série de 1932, iniciada em 3 de fevereiro, a Fonte fez referência a passagens nos diálogos *Timeu* e *Crítias* de Platão, que datam do século V a.C., em que a Atlântida é descrita em uma conversa entre sacerdotes egípcios como uma grande ilha no Atlântico, que afundou em uma catástrofe vulcânica cerca de nove mil anos antes.

Foi só na terceira leitura dessa série que a Fonte saiu diretamente e disse que a Atlântida tinha existido, e havia sido, certa vez, um grande continente cujas fronteiras se estendiam do Golfo do México ao Mediterrâneo. *"Que o continente existiu está [no presente] sendo provado como fato,"* disse a Fonte, fazendo referência a recentes empreendimentos científicos e arqueológicos no México. Em outra leitura, a Fonte disse que evidências da Atlântida haviam já sido encontradas em Iucatã, na forma de um marco ou tábua de pedra, que estava, naquele momento, supostamente a caminho de um museu na Pensilvânia, embora os arqueólogos ainda não houvessem entendido a significância do que tinham encontrado. Disse-se também que evidências da cultura atlante existem nos Montes Pireneus, no Marrocos, no Honduras Britânico, no Peru, e na América Central. *"Há algumas porções salientes dentro [dessas regiões] que devem ter sido, em um ou outro momento, parte deste grande continente,"* disse a Fonte. *"As Índias Ocidentais Britânicas, ou as Bahamas, e uma porção das mesmas que pode ser vista no presente… em Bimini, e na Corrente do Golfo."*

Estas, contudo, eram apenas marcos, ou âncoras que a Fonte dava para melhor situar a Atlântida no globo, e revelar quão vasta era a região que ela um dia havia abrangido. O fato de que essa descrição não era de uma *"ilha,"* como havia sido referida por Platão e por outras fontes históricas posteriores, foi explicado nas leituras: as referências de Platão eram àquilo que restava do enorme continente após sucessivas ondas de destruição cataclísmica terem feito a maior parte dele submergir sob o mar. Para entender propriamente a Atlântida, sugeriu Cayce, era preciso olhar para trás, milênios antes de Platão, ao alvorecer da

encarnação do homem no planeta. Para Platão, a Atlântida era apenas uma ilha. Mas para os primeiros habitantes da terra, conforme o que afirmava a Fonte, era um **berço cósmico**, em que a *"mente como construtora"* assumia uma significância muito além de qualquer coisa que Platão pudesse ter imaginado.

Segundo as leituras, a primeira alma ou entidade que Deus criou chamava-se **Amilius**[147]. Ele era, junto com as outras almas que Deus criou, descrito por Cayce como *"luz pura."* E foi a ele, segundo as leituras, a quem Deus se referia simbolicamente em Gênesis quando disse: *"Haja luz."* A Fonte explicou que Deus não estava dizendo *"haja luz física,"* ou *"luz do sol,"* mas, em vez disso, *"haja a 'luz' do espírito"* na entidade de Amilius. E quando Deus disse: *"Façamos o homem à nossa imagem,"* estava dizendo, segundo as leituras, que Ele e Amilius co-criaram o homem à imagem espiritual deles.

As leituras sobre a Atlântida descrevem como a primeira onda de almas a entrar na terra experimentou com a matéria e o reino físico. A Fonte disse que elas construíram corpos para si *"muito da mesma maneira como as amebas [apareceriam] nas águas de uma baía estagnada, ou de um lago."* A razão para habitarem na forma física, como metaforicamente descrito na Bíblia, e expandido nas leituras, era experimentar o ambiente terreno, ou as vibrações de *"som, gosto e tato"* que não podiam ser experimentadas em seu reino não-tridimensional. Acima de tudo, desejavam relações carnais, e isso, segundo as leituras, resultou em as almas serem aprisionadas ou *"endurecidas"* em várias formas físicas inferiores. Amilius, que encarnou como **Adão**[148], o *"primeiro filho de Deus,"* tomou para si a tarefa de entrar no plano da terra para tentar

libertar as almas perdidas que haviam ficado aprisionadas na materialidade. Adão criou uma companheira em Eva, a primeira *"alma gêmea"*, e juntos povoaram e subjugaram a terra com uma forma *"humana"* superior, que era capaz, pelo poder do livre-arbítrio, de retornar a Deus.

A cultura na Atlântida desenvolveu-se mais cedo do que outras culturas indígenas porque foi onde Amilius, como Adão, e muitos dos seus colegas *"filhos de Deus,"* primeiro estabeleceram um templo dedicado à *"Lei do Uno."*[149] E, segundo as leituras, foi nesse templo que a população da Atlântida desenvolveu uma fundação moral muito à frente das outras culturas que coexistiam no planeta.

O grau ao qual os atlantes finalmente desenvolveram tecnologia estava completamente além de qualquer coisa que existia na Terra à época. Enquanto tribos nômades em uma parte do mundo presumivelmente ainda viviam em cavernas, os atlantes haviam aprendido a cultivar e a reabastecer o solo, a construir canais e obras hidráulicas para irrigação e banho, e a produzir várias formas de metais leves. A capital chamava-se Poseidia, e era construída sobre um morro com vista para o mar. Diferentemente das cidades que estavam sendo construídas em outras culturas em desenvolvimento descritas nas leituras, Poseidia não era uma fortaleza amuralhada, mas aberta de todos os lados. Era também projetada de modo que a água do rio fosse canalizada em piscinas, onde os residentes se banhavam, praticavam esportes e conduziam cerimônias religiosas. Havia também aquedutos ou canais que, segundo as leituras, eram mantidos *"constantemente em movimento, de modo que [a água] se purificasse no seu curso."*

Com o tempo, disse a Fonte, *"divisões entre os da Lei do Uno — os filhos de Deus que haviam mantido sua pureza — e os filhos de Belial [surgiram]."* Os filhos da Lei do Uno foram descritos como aqueles cujo padrão era *"que a alma fora dada pelo Criador…"* Mas o padrão da Lei do Uno foi rejeitado pelos filhos de Belial. Segundo a Fonte, os filhos de Belial buscavam *"a gratificação, a satisfação, o uso das coisas materiais para si, sem pensamento ou consideração quanto às fontes de tais coisas, nem às dificuldades na experiência de outros… Eram aqueles sem padrão de moralidade. Os filhos de Belial não tinham padrão, salvo o do eu."*

Segundo a Fonte, *"[os] primeiros tumultos [na Atlântida] foram trazidos quando as atividades dos filhos de Belial trouxeram às filhas dos filhos da Lei do Uno as habilidades para usufruir dos prazeres dos excessos de toda natureza nas relações humanas, bem como nas que se relacionavam com as mesmas."* Esse tema foi repetido em outra leitura: *"[Eles gradualmente começaram] a poluir-se com aquelas misturas que traziam desprezo, ódio, derramamento de sangue, e aquelas que constroem para os desejos do eu sem respeito pela liberdade de outros, pelos desejos de outros."*

A Fonte fez outro ponto importante a respeito do progresso na cultura atlante. Os atlantes viajavam ou visitavam outros povos em desenvolvimento, e compartilhavam com eles alguns dos seus avanços sofisticados. E eles, como seus vizinhos, tinham de lidar com a ameaça de enormes feras carnívoras do campo e aves do ar. Os *"filhos dos homens"* haviam, na verdade, criado essas criaturas, e então perdido o controle sobre elas *"por influências dos poderes da sugestão…"* As criaturas foram descritas como grandes feras ou *"animais pré-históricos"* que pisoteavam as florestas, destruíam os

campos, e consumiam vastas quantidades de comida, fazendo a vida do homem miserável. Os atlantes e pessoas de outras nações tentaram muitas abordagens para subjugar e destruir essas feras. Eventualmente, uma grande convenção foi realizada no Egito, o único lugar na terra onde as feras não haviam dominado, para determinar o que devia ser feito sobre essa ameaça. Talvez por causa de sua tecnologia avançada, os atlantes tomaram para si a tarefa de erradicar as feras. Assim, a tecnologia que outrora havia sido usada apenas para utilizar a energia para fins doadores-de-vida, e para comunicar-se com seu Criador, era agora usada para desenvolver armas para a caça e o massacre das feras e aves do ar, e por fim, levaria ao fim da primeira fase da vida no continente.

Uma invenção tecnológica, descrita como uma enorme *"estação de força"* alimentada por uma *"pedra de fogo,"* teria provocado a segunda fase de destruição na Atlântida, dita ter ocorrido por volta de 28.000 a.C. Segundo a Fonte, a pedra de fogo foi *"não-intencionalmente acionada alta demais,"* e resultou em uma explosão tremenda, que aqueceu o solo e causou atividade vulcânica, deixando apenas três das cinco ilhas — aquelas chamadas Poseidia, **Aryan** e **Og**. As erupções vulcânicas, ou explosões, foram de tão grande força que uma onda gigante criou uma vasta inundação por grandes partes do mundo, cobrindo muita da terra e resultando em muitas mortes. Esse evento, segundo a Fonte, foi o grande dilúvio retratado na Bíblia, para o qual Noé e a sua família construíram a sua arca. Foi também um momento em que uma evacuação de grandes segmentos da população atlante, muitos dos quais associados à Lei do Uno, fez sua jornada para outras partes da terra, mais notavelmente o Egito, o Iucatã e o

Peru, onde se tornariam sumos sacerdotes e guias espirituais entre as culturas em desenvolvimento daqueles lugares.

Não há evidência de que o grupo de Cayce tenha feito esforço para corroborar a representação da Atlântida pela Fonte ou a alegada descoberta arqueológica que estava então a caminho da Pensilvânia. Não foi senão depois da morte de Edgar que Hugh Lynn e Edgar Evans lançaram uma busca nessas linhas, e seus achados foram geralmente descartados como *"pseudoarqueologia"* ou *"ciência da Nova Era."* A razão provável pela qual nenhum esforço foi feito em 1933 para verificar as alegações da Fonte é que a informação que veio a respeito da terceira e última fase da cultura atlante estava além da crença racional, e foi, portanto, considerada distante demais de uma consideração séria. Contudo, dados os desenvolvimentos científicos dos anos 1940, a informação talvez não fosse tão implausível quanto originalmente se pensava.

Segundo a Fonte, os atlantes, que estavam agora em guerra, supostamente aprenderam a alterar a estrutura molecular de partículas atômicas em uma reação em cadeia, ou *"fogo eterno."* Nos quarenta mil anos desde que as primeiras mudanças terrestres haviam alterado a configuração social e geográfica do seu continente, os atlantes haviam supostamente desenvolvido tecnologia que era alimentada por uma fonte ilimitada de energia elétrica — um feixe concentrado de luz, muito como um feixe de laser, emanando do que Cayce chamou *"o poderoso, o terrível cristal."* A palavra *"atômico"* foi usada em muitas referências diretas ao tipo de *"energia elétrica"* ou *"eletricidade"* sendo aproveitada pelos atlantes para reconstruir na esteira da

devastação ao final da segunda destruição da Atlântida. A Fonte disse que os atlantes usavam *"gases redescobertos, e aqueles das formações elétricas e 'aeráticas' [as carregadas com gás] na quebra das forças atômicas para produzir força impulsora… ou para mudar as faces ou forças da própria natureza."* Em outra leitura, o princípio que foi descrito como alimentando a *"chama eterna"* era *"tal como podemos encontrar naquelas que fazem as forças ativas no urânio."*

Houve outras revelações interessantes dadas em leituras. Por exemplo, segundo a Fonte, pessoas que tiveram encarnações em Atlântida *"são todas excepcionais… Ou empenham mal, ou grande desenvolvimento. E suas influências são sentidas, quer o indivíduo a reconheça em si mesmo ou não."*

Uma revelação muito maior viria das leituras sobre Atlântida. Segundo a Fonte, assim como Edgar, como Ra Ta, havia, subsequentemente, encarnado várias vezes para *"ajudar a preparar o caminho,"* assim havia também Amilius, o primeiro criado por Deus, que havia encarnado como Adão. Apenas que ele não havia retornado para *"preparar o caminho,"* como Ra Ta. Ele *era* o caminho. **A entidade outrora conhecida como Amilius, e depois como Adão, era ninguém menos que Jesus em Sua última encarnação.**[150] E foi aqui, em uma sessão em transe conduzida em 5 de abril de 1932, que as centenas de leituras de vida individuais finalmente puderam ser vistas como partes de um gigantesco mosaico, retratando as atividades de Deus e do homem na Terra, e fornecendo testemunho de uma visão do Cristianismo bem diferente daquela compreendida pela maioria dos cristãos praticantes hoje.

Edgar sabia que muitos cristãos dos dias de hoje ficariam horrorizados com o conceito de reencarnação, particularmente aplicado ao *"Mestre dos Mestres."* E, contudo, como os Cayces haviam sido informados pela Fonte quando o tema apareceu pela primeira vez, a reencarnação havia caído em desuso na teologia cristã como resultado de tentativas de tomar *"atalhos."* Como disse a Fonte: *"Muito poderia ser dado a respeito daquilo que vós… chamais de Bíblia. Esta passou por muitas mãos. Muitos que voltariam aquilo que estava escrito para os significados que serviriam aos seus próprios propósitos, como vós mesmos frequentemente fazeis."* Para Edgar, grande amador da Bíblia, isso teria sido tão difícil de aceitar quanto seria para muitos outros fundamentalistas. Ele ficou aliviado, contudo, quando a Fonte continuou a dizer: *"Mas, se obtiveres o espírito daquilo que está escrito [na Bíblia], ali poderás encontrar que isto te conduzirá às Portas do Céu. Pois ele fala de Deus, do teu lar, dos seus tratos com seu povo em muitos ambientes, em muitas terras. Lê-o para ser sábio, estuda-o para entender, vive-o para saber que o Cristo caminha através do mesmo contigo."*

Como quer que se escolha ver Jesus e as leituras sobre Atlântida, era claro que Cayce havia superado um obstáculo importante na compreensão do quadro mais amplo apresentado em todas as leituras. Assim como a alma de Amilius havia encarnado como Adão e como Jesus para tentar conduzir a humanidade de volta a Deus, a Fonte também conclusivamente afirmou que Ele viria de novo, não apenas nos corações e mentes daqueles que O amam, mas *"como O vistes ir no corpo."*

A confirmação da segunda vinda foi simultaneamente assombrosa e amedrontadora para Edgar, Gertrude e Gladys. E

foi em conexão a uma leitura devotada à segunda vinda, em que o papel de Edgar no *"quadro maior"* foi mais claramente definido. Edgar estava simultaneamente humilde e orgulhoso de saber que a Fonte o descreveu como *"alguém que será um precursor da… [da] consciência cristã*[151]*… aquela força ou poder na terra que tem sido falado através das eras."* Nessa mesma leitura, a Fonte então admoestou Edgar e os outros a abordarem o trabalho com humildade e cooperação: *"Escutai enquanto Ele fala!"*

---

146. Atlântida / Poseidia / Alta: três nomes cayceanos para o continente perdido. *Atlântida* (Platão), *Poseidia* e *Alta* são designações cayceano-canônicas das ilhas atlantes. ↩
147. Amilius: primeira alma criada por Deus, identificada com Adão e, em sua última encarnação, com Jesus Cristo — revelação cristológica central das leituras. ↩
148. Adão = Amilius encarnado: leitura cayceana inédita — Adão é a primeira encarnação física da primeira alma criada por Deus. ↩
149. *Lei do Uno* (*Law of One*): princípio metafísico cayceano da unidade essencial de toda criação em Deus. Cf. [Cap. 33]. ↩
150. Amilius = Adão = Jesus em Sua última encarnação: revelação cristológica central das leituras cayceanas — Cristo é o termo de uma sequência soteriológica iniciada na criação. ↩

151. *Consciência cristã* (*Christ consciousness*): termo cayceano para o estado espiritual atingível por toda alma, distinto da pessoa histórica de Jesus. ↩

38.
Gravidade, Polaridade e Movimento Perpétuo

O tecido conectivo contínuo nas leituras constantemente surpreendia, impressionava, desconcertava e confundia Edgar Cayce e os outros. Mal haviam terminado de pôr no lugar uma ou duas peças a mais do quebra-cabeça, e descobriam que a própria figura havia mudado, ou se tornado mais abrangente do que haviam previamente imaginado possível. Assim como leituras anteriores haviam aberto seus olhos a uma nova fascinação por história e religião, as leituras sobre Atlântida inspiraram interesse em tudo, da mitologia à geografia, oceanografia, arqueologia e até mesmo à ciência e tecnologia modernas.

Mais de **650 pessoas** tiveram leituras de vida que as situavam na tecnologicamente avançada Atlântida. O fato de que, segundo a Fonte, esses indivíduos específicos — entre eles Edgar Evans — estavam sendo encarnados no presente certamente parecia explicar os avanços tecnológicos que vinham sendo feitos a uma velocidade sem precedentes neste século. Inovações tecnológicas que pareciam absurdas em 1925 se tornariam realidade nos anos 1930 e 1940. O próprio Edgar e Gertrude tinham passado de andar de carruagem-puxada-a-cavalo em Hopkinsville, Kentucky, a dirigir um Buick em Virginia Beach. Tivessem Edgar e Gertrude vivido para além de 1945, eles, como Gladys, Hugh Lynn e Edgar

Evans, teriam visto um homem caminhando na Lua dentro do tempo de suas vidas. O próprio Edgar Evans, filho de um fotógrafo que revelava imagens em placas de vidro, ajudaria a operar um sistema de radar de aeronaves. À luz do que vinha vindo nas leituras sobre a tecnologia dos atlantes, não era pequena coincidência, para Gladys e os Cayces, que um homem que (na mente de Edgar) deve ter sido um antigo atlante envolveu Cayce em uma invenção que parecia tão improvável quanto qualquer coisa dita ter sido criada naquele antigo reino: um motor de movimento perpétuo.

Marion L. Stansell[152], um mecânico de motores de Birmingham, de trinta e cinco anos, chegou ao conhecimento dos Cayces em uma breve viagem que Edgar fez àquela cidade no início de 1928, para suscitar interesse e apoio na nova *Association of National Investigators*, a ANI. Como **Edgar B. Davis**, que descobriu petróleo em Luling, a história pessoal de Stansell é bastante notável. E ele também, como Edgar Davis, teve uma visão em que alegadamente recebeu uma comunicação direta de Deus.

Stansell teve sua visão enquanto estacionado na França durante a Primeira Guerra Mundial, quando estava em um hospital se recuperando de envenenamento por gás mostarda. No processo de recuperação, contraiu um vírus de gripe, e em sua condição enfraquecida, sofreu falência cardíaca, e foi declarado morto. Não diferentemente de outros que relataram **experiências de quase-morte**, ele alegou ter se elevado acima do seu corpo, e ter observado todas as atividades na enfermaria do hospital ao seu redor. Tornou-se então consciente da sua família, de volta ao Alabama, que estava orando pelo seu retorno seguro para casa.

Um *"guia espiritual"* o escoltou ao que ele descreveu como uma dimensão habitada pelos recém-falecidos. Mas Stansell não queria continuar a sua jornada astral. Pediu para se encontrar com Jesus, com quem suplicou que se permitisse retornar à Terra para servir a Deus. Cristo lhe disse que ele poderia voltar, e que lhe seria dada uma fórmula para um dispositivo mecânico que, em última análise, salvaria o planeta de uma certa destruição ambiental no próximo milênio. Após vinte minutos sem respirar, Stansell despertou para descobrir que os médicos já o haviam declarado morto. Os médicos não apenas ficaram chocados ao encontrá-lo vivo, mas, aparentemente, plenamente recuperado tanto da gripe quanto dos efeitos do envenenamento por gás mostarda.

Uma leitura física conduzida por Cayce em 1.º de fevereiro de 1928 confirmou que o corpo de Stansell havia passado por um milagroso processo de cura. Leituras posteriores indicaram que Stansell tinha consideráveis *"talentos psíquicos,"* e que, por meio de sonhos e visões, era capaz de visualizar plantas para um tipo revolucionário de motor. Esse motor, segundo as leituras, era projetado, no reino do espírito, por **De Witt Clinton**[153], o falecido ex-governador de Nova York, que, na sua última encarnação na terra, havia sido a principal força criativa por trás do desenvolvimento do *Canal Erie* e de outros projetos de engenharia pública de larga escala. As leituras também sugeriram que Stansell precisava da assistência em transe de Edgar Cayce para retransmitir informação técnica precisa de Clinton a Stansell, e que Stansell também precisava de uma equipe dedicada de empreendedores atlantes afins — como Morton Blumenthal e o

fabricante de peças automotivas de Dayton, Tim Brown — para levar a invenção até a sua conclusão.

A primeira de **vinte e uma leituras** sobre o motor Stansell ocorreu em 8 de março de 1928, no *La Salle Hotel* em Chicago. Morton, que conduziu a primeira leitura, pediu uma descrição do dispositivo a ser construído. *"[O] motor… desenvolverá energia em sua própria ação,"* disse a Fonte. *"A ideia e os planos, como foram trabalhados, [são] a melhor aplicação da energia criada [ou universal]."*

O motor consistiria em um grande tanque metálico contendo água, no qual seria suspenso um tambor contendo ar comprimido ou vapor. Ao redor das laterais e dentro do tambor estavam ressaltos metálicos chamados *"sprankles"*[154] nas leituras, muito como pinos inseridos em uma almofada, ou velas em um bloco de motor. Um *"eixo de cames"* atravessando o centro do tambor estaria conectado a um eixo motor tipo *caterpillar* no topo do tanque. Partículas positivamente carregadas, expandindo-se na parte inferior do tambor cheio de vapor, contrair-se-iam à medida que subissem para encontrar partículas negativamente carregadas no topo, o que criaria uma força rotacional, fazendo o tambor girar. A ação no tambor metálico era comparada à rotação da terra: uma vez posto em movimento, o tambor giraria indefinidamente, até que fosse fisicamente parado. Quanto maior o motor, mais energia produziria. Não haveria gases de escape, nem emissões perigosas de qualquer espécie, e não exigiria combustível além daquele necessário para inicialmente pôr o tambor em movimento.

Cayce, em transe, também emitiu uma advertência a todos os participantes da construção desse motor: *"Tem de haver cooperação*

perfeita do eu e da vontade com aqueles que prestariam assistência em aperfeiçoar isto a partir do lado material. Tem de haver, também, cooperação perfeita com o eu interior, para obter aquela informação que daria ao eu o conhecimento… Pois [toda] força é uma."

Brown e Blumenthal saltaram à oportunidade de ajudar Stansell a realizar o seu sonho. No processo, naturalmente esperavam tornar-se ricos, eles próprios, pois a revolução técnica que um motor de movimento perpétuo criaria na indústria poderia ter consequências inimagináveis, não menos das quais uma fonte ilimitada de energia *"limpa."* O resultado foi um contrato que Brown e Blumenthal elaboraram para reunir seus recursos e instalar Stansell na *Brickman Engineering Company*, um centro estado-da-arte para a tecnologia automotiva de Detroit. Era também, descobririam os sócios, um lugar caro para desenvolver sua invenção. Nos primeiros meses experimentando na Brickman, estima-se que Brown e Blumenthal tenham gasto vários milhares de dólares montando vários protótipos não-funcionais do motor Stansell.

O protótipo original do motor — que se parecia, de algum modo, com um pequeno resfriador evaporativo — foi muito discutido nas sessões em transe durante a fase inicial de desenvolvimento do produto, depois descartado em favor de começar do zero, usando ferramentas e materiais mais precisos, conforme especificado nas leituras. À medida que um novo modelo era construído, Brown solicitou e recebeu numerosas leituras adicionais para explicar exatamente como e por que o motor deveria operar. E, assim como Morton Blumenthal havia abraçado os mistérios do *"espírito"* nas leituras de vida, Brown

estava fazendo o mesmo com os mistérios do mundo material nas leituras de física, ou científicas. Edgar mesmo tinha pouco interesse inicial nos aspectos técnicos da informação que vinha através, mas logo descobriu que as leituras científicas, mais do que as médicas e as de vida, forneciam discernimentos sobre como ele era teoricamente capaz de recuperar informação em estado de transe.

As leituras sobre o motor Stansell, que foram conduzidas ao longo de um período de dois anos, podem bem ser consideradas uma continuação da informação apresentada a Thomas Edison e Nikola Tesla uma década antes, em Bowling Green. A diferença importante era que Brown e Stansell não estavam apenas compilando novos conceitos teóricos, mas também construindo uma máquina de protótipo real para testá-los. Talvez, em nenhum tempo na história moderna, engenheiros tenham consultado um psíquico em uma empreitada desse tipo.

A terminologia que estava sendo usada nas leituras de Stansell claramente não era a mesma que se encontra em livros didáticos de engenharia ou de física, mas os conceitos eram claros. *"A vida em [todas] as suas manifestações é vibração,"* afirmou a Fonte. *"Eletricidade é vibração."* O tipo ou *"comprimento de onda"* da vibração determina como ela age em um dado ambiente. *"A vibração que é criativa é uma coisa, [e] a vibração que é destrutiva é outra… contudo podem ser da mesma fonte, como nas forças elétricas… no corpo [humano]… Lembra-te: a vida é vibração, [e] também a mente, e também a matéria."*

Segundo a Fonte, *"a eletricidade… é a mesma energia… [que se chama] Deus. Não que Deus seja uma luz elétrica ou uma máquina*

elétrica, mas a vibração que é criativa [em vez de destrutiva] é da mesma energia que a própria vida." Ademais, a Fonte afirmou: *"A forma mais baixa de vibração eletricamente fornece forças criativas [construtoras], em vez das mais altas. É a vibração alta que destrói."*

Em transe, Cayce explicava como uma vibração afeta outra, como visto na criação de compostos químicos ou de cores na paleta de um pintor. O mesmo se dizia ser verdade para o som. Assim como duas substâncias podiam ser combinadas para formar uma terceira, vibrações sonoras podiam ser combinadas em oitavas, que criam sua própria harmonia. Em virtude do fato de que o homem está sujeito às limitações de seu corpo humano, seu conhecimento ou consciência da grande gama, ou espectro, de *"escalas vibratórias"* é extremamente limitado.

No conceito tudo-abrangente de Cayce de a vibração ser a força da vida, ele — em transe — introduziria o conceito de tempo, bem como de som e cor, em sua relação com a vibração: *"A história será vista como vindo em ciclos… como [no caso da] energia, [pois] vê-se a relatividade do espaço e da força como [ela] começa, e como [ela] continua a vibrar… [Quando] ela vibra na mesma vibração, mostra-se como a mesma coisa."* Em outras palavras, a história, ou o tempo, é governada por uma gama específica de vibrações que existem em um dado ambiente. Mas o tempo em um ambiente não seria o mesmo que poderia existir em outro ambiente ou dimensão, em que a gama vibratória é diferente, ou sujeita a um conjunto diferente de leis.

Como Brown e o próprio Edgar perceberam, a Fonte estava confirmando muito da mesma teoria como anteriormente postulada por Einstein em sua **teoria da relatividade**. Contudo,

os conceitos apresentados pela Fonte recebiam uma inspiração Divina pela sugestão da Fonte de que tempo, matéria e espaço eram, todos, uma só vibração começada por Deus. E foi, em grande sentido, o aspecto *"espiritual"* da vibração que tornou a interpretação dos fenômenos naturais pela Fonte a mais relevante a uma compreensão teórica de como Edgar Cayce era capaz de fazer o que fazia quando entrava em transe.

Segundo a Fonte, a diferença fundamental entre aquilo que era do *"espírito"* e aquilo que era de *"manifestação terrena"* era a lei da *"polaridade"* agindo sobre a *"Primeira Causa,"* ou força de energia de Deus. No reino Divino ou espiritual, toda energia, segundo a Fonte, era positivamente carregada, ou em expansão. A manifestação terrena ou material era simultaneamente positiva e negativamente carregada. A energia vibracional negativamente carregada, segundo a Fonte, contrai-se em vez de se expandir.

Como leituras anteriores haviam sugerido, os seres humanos continham tanto partículas, ou vibrações, positiva quanto negativamente carregadas, mas, devido a uma carga ser maior do que outra, podia-se dizer que uma pessoa era positiva ou negativa. Edgar mesmo havia sido informado de que era positivamente carregado, e, assim, faria o seu melhor trabalho com uma pessoa que era negativamente carregada, como Gertrude era.

"A matéria é aquela demonstração e manifestação das unidades de energia positiva e negativa [ou de uma sendo puxada para a outra]," disse a Fonte. Esse tema foi expandido em outra leitura, que disse: *"Cada [átomo] de um corpo físico é feito de suas unidades de forças positivas e negativas, que o trazem ao plano material… Como um grupo*

pode elevar as vibrações atômicas que fazem aquelas forças positivas, como trazer Força Divina à ação [no] plano material — aquelas que são destrutivas são quebradas pelo elevar daquela vibração."

Esses conceitos eram cruciais para entender o movimento do motor Stansell, porque alegavam ser a essência da lei física. A Fonte disse que, assim como a energia positivamente carregada se expande, a energia negativamente carregada se contrai, ou puxa as partículas positivamente carregadas para si. Esta ação entre as duas foi descrita como gravidade, ou aquilo em que *"tudo… é puxado a um centro comum… [A gravidade é apenas] a centralização da força vibratória [no plano material]."* A Fonte sugeriu, ademais, que aquilo que era comumente entendido como a atração magnética que a agulha de uma bússola tinha em direção ao polo positivo da terra era um e o mesmo que a gravidade. Uma maçã cai ao chão pela mesma razão que um pedaço de metal se prende a um ímã. A rotação da Terra, ou *"força radial,"* era também resultado da gravidade, ou do deslocamento de *"forças impelentes."*

A mensagem que estava sendo comunicada, muito simplesmente, era que a gravidade era resultado de uma combinação de vibrações positivas e negativas, agindo em relatividade entre si. Pela alteração das combinações de vibrações, podia-se teoricamente mudar a atração gravitacional sobre os vários elementos. O motor Stansell trabalhava sobre o princípio de alternativamente mudar a atração gravitacional do vapor no tambor que abrigava o motor. Os *"sprangles,"*[155] ou ressaltos, que eram alojados no tambor, não eram nada mais do que diapasões que transmitiam o nível vibratório do vapor no tambor, e agiam sobre os gases ali aprisionados, fazendo-os alternativamente subir

ao topo do tambor e depois afundar até o fundo. Esta ação foi descrita como sendo o mesmo tipo de força centrífuga encontrada na natureza, que teoricamente manteria o tambor girando para sempre. Pelo primeiro pôr do tambor em movimento, o homem estava fazendo o que Deus havia feito na Primeira Causa, quando sua *"força diretiva,"* ou liberação de energia vibratória, criou o universo e pôs a terra e outros objetos planetários a girar no espaço.

Uma pergunta natural posta à Fonte foi como a estrutura atômica do metal poderia ser reestruturada, de modo a impedir a atração gravitacional do positivo para o negativo. A Fonte estava relutante em revelar como isso poderia ser realizado, mas indicou que era possível. *"Tem de ser determinado para que propósito estes vão ser usados, antes que vos seja dada [esta informação],"* disse a Fonte.

Embora relutante em falar mais sobre esse tema, houve muitas inferências nas leituras de Stansell ao poder de pessoas altamente desenvolvidas de elevar o nível vibratório da matéria, para mudar ou alterar a sua composição apenas pelo *"pensar"* ou *"concentrar-se"* em um objeto ou pessoa. Esse conceito era certamente outro modo de descrever o conceito da **mente como construtora** no plano material. A Fonte sugeriu que esse princípio funcionava em muitos níveis diferentes, tais como *"cura pela fé,"* ou as forças combinadas de *"grupos de pessoas em oração."* Ademais, pessoas altamente desenvolvidas tinham a habilidade — em variados graus — de aceder a uma maior gama, ou espectro, de *"escalas vibratórias."* Esta, em teoria, era a maneira como Edgar Cayce tinha a habilidade de obter informação em transe. Pela subjugação do seu eu terreno ou material, a fim de

entrar na dimensão espiritual, seu corpo astral não estava mais sujeito à gravidade, ao tempo e às relações espaciais. Leis inteiramente diferentes governavam as condições em um ambiente em que a energia negativamente carregada não existia.

Tim Brown parece ter tido um entendimento mais claro dos princípios científicos pretensamente apresentados nas leituras do que Edgar Cayce, pois muito da correspondência do laboratório em Dayton para Edgar em Virginia Beach era apenas uma tentativa de explicar o que ele pensava que as leituras estavam dizendo. O problema era que, por mais que Brown pudesse ou não ter compreendido corretamente a teoria por trás do motor, pôr aquela teoria em prática provou ser um desafio intimidante.

As leituras forneceram uma multidão de razões técnicas pelas quais cada um dos primeiros protótipos não funcionou, não menos das quais era a tarefa aparentemente impossível de montar as peças do motor em ordem própria, enquanto submersas em água, e enquanto se mantinha a pressão correta dentro do tambor. Tudo isso tinha de ser feito na sequência correta, e realizado em uma janela de tempo relativamente pequena, para impedir a mistura de gases negativa e positivamente carregados no tambor. Ademais, as leituras especificamente diziam que o tambor tinha de ser posto em movimento quando o dispositivo estivesse precisamente alinhado ao longo de um eixo leste-oeste, presumivelmente porque os polos positiva e negativamente carregados da Terra interfeririam na ação que tinha lugar dentro do tambor. O verdadeiro desafio não era manter o motor funcionando, concluiu Brown, mas pô-lo a girar em primeiro lugar.

À medida que os meses passaram, um protótipo após o outro foi construído e depois descartado. Como diapasões finamente afinados, os *"sprankles"* e os sulcos cortados neles tinham de atender a padrões exigentes para apropriadamente transferir a vibração da água no tanque para a vibração do vapor no tambor. E, assim como a densidade do aço com que eram feitos tinha de ser levada em conta — assim também a espessura e o contorno superficial do metal de que o tambor era feito —, a composição química do líquido nos tanques de retenção tinha também de atender a especificações rigorosas. No caso dos dois primeiros protótipos do dispositivo, o tambor metálico provou ser frágil demais, e teve de ser fortalecido. Mais leituras foram conduzidas para tentar trazer cada modelo sucessivo aos padrões estabelecidos na leitura anterior. Os desafios eram formidáveis e testavam a paciência de todos.

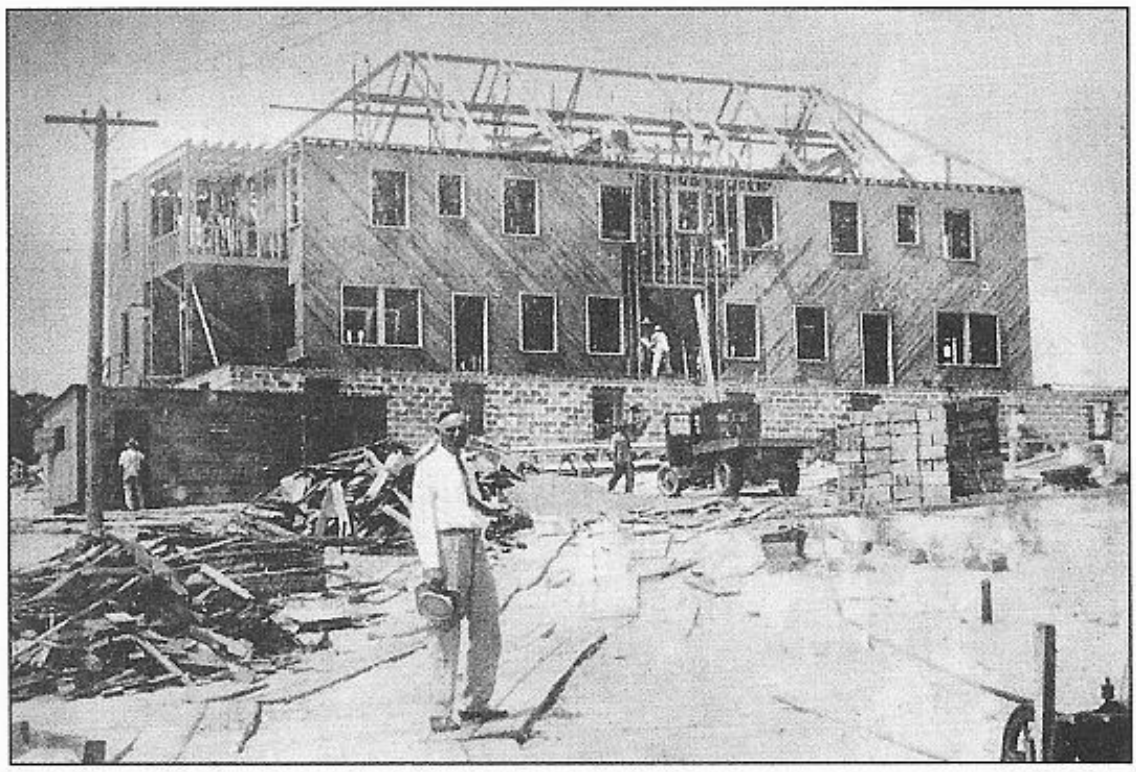
Em vez de ficar frustrado com a falta de progresso, Brown tornava-se cada vez mais fascinado com o motor. Acreditava que os princípios por trás do motor Stansell não apenas resultariam em uma revolução tecnológica, mas abririam as portas para uma maior compreensão da lei cósmica. Confiantes de que estavam tomando os passos necessários para reconfigurar o seu mais recente protótipo, e de que era apenas uma questão de tempo até que o pusessem em funcionamento, Brown, Blumenthal e Stansell avançaram para que o dispositivo fosse patenteado, e solicitaram uma leitura em 7 de março de 1929 para determinar quanto rendimento sua invenção poderia gerar. Para o seu deleite, a leitura sugeriu um pagamento de **US$ 10.000.000,00**.

Por mais entusiasmado que Morton estivesse com a perspectiva de fazer fortuna no motor Stansell, ele dificilmente precisava da renda adicional. Durante os cinco anos que se haviam passado desde que conhecera Edgar, os Blumenthals haviam se tornado milionários. E, apesar da falta de apoio financeiro pela vasta maioria dos membros da associação, os Blumenthals haviam acumulado capital suficiente para construir o hospital, eles mesmos.

---

152. Marion L. Stansell: engenheiro mecânico de Birmingham, Alabama, veterano da Primeira Guerra. Consultou Cayce sobre o desenho de um motor de movimento perpétuo. ↩
153. De Witt Clinton (1769-1828): político americano, prefeito de Nova York e governador estadual; promotor do Canal de Erie. Atribuído pelas leituras como espírito-engenheiro orientando a construção do motor Stansell. ↩
154. *Sprankles* / *sprangles*: termo cayceano-técnico que não existe na engenharia mecânica padrão — designa elementos hipotéticos do mecanismo do motor Stansell. ↩
155. *Sprankles* / *sprangles*: termo cayceano-técnico que não existe na engenharia mecânica padrão — designa elementos hipotéticos do mecanismo do motor Stansell. ↩

PARTE VII



O HOSPITAL CAYCE

39.
Um Sonho Realizado

Durante as longas caminhadas vespertinas de Edgar, ele inevitavelmente se detinha em um ponto, ao longo de um trecho remoto da praia varrida pelo vento, a um quarto de milha acima de sua casa. Olhando para o interior, ele fitava um morro gramado acima dos pinheiros — a duna de areia mais alta entre **Cape Henry** e os limites da cidade. Era ali, em sua mente, que ele pintava um quadro do hospital que havia vindo a Virginia Beach para construir, um hospital erguendo-se como um *"farol"* sobre a areia e o mar. Edgar esperava que a instituição se tornasse um exemplo perdurável do lema da associação que estaria gravado em sua pedra angular: *"Para que possamos manifestar o nosso amor por Deus e pelo homem."*

Edgar não poderia, portanto, ter ficado mais satisfeito e grato quando Morton e Edwin retiraram da sua conta pessoal, em fevereiro de 1927, para comprar cinco lotes adjacentes de terra exatamente no local que Edgar havia visualizado para o hospital. Os cinco lotes, junto com benfeitorias — que incluíam uma estrada que conduzia à entrada sul e a instalação de uma rede de água — custaram US$ 10.000,00. Cada lote media aproximadamente 150 pés ao longo da *Atlantic Boulevard*, no que é hoje a *Sixty-seventh Street*, e estendia-se 300 pés para o oeste, até a

Holly Avenue, logo acima do topo da duna de areia, e adentrando um aglomerado de pinheiros mais adiante. Isso totalizava 225.000 pés quadrados, ou pouco mais de cinco acres.

No mesmo mês em que a terra foi comprada, Morton contratou a respeitada firma de arquitetura de Norfolk, **Rudolf, Cooke and Van Leeuween**, para começar a projetar o edifício, e dois meses depois aceitou uma proposta da *United Construction Company*, em Norfolk, para iniciar a construção. Um empréstimo de US$ 46.500,00 da *Definite Contract Building and Loan Association*, de Norfolk, garantido por Tim Brown, Dave Kahn e os Blumenthals, ajudou a cobrir uma porção dos custos iniciais de construção, estimados em torno de US$ 52.000,00. Contudo, mesmo antes de a construção estar prestes a começar, os custos para o arquiteto e o empreiteiro já estavam subindo, e no início de maio haviam atingido US$ 65.000,00, à medida que benfeitorias e edifícios adicionais foram acrescentados ao contrato.

Por mais que o hospital devesse ser *"um farol de luz"* sobre mares conturbados, o edifício, ele mesmo, foi projetado segundo as linhas clássicas de uma massiva casa-de-plantação ante-bélica, com uma ampla varanda na frente, percorrendo o comprimento do segundo andar, e em torno das laterais. Esse edifício principal teria quatro níveis. O andar térreo, ou porão, abrigaria salas de terapia e uma máquina de raios-X e fluoroscópio. A entrada principal seria no segundo andar, com escadas conduzindo a ela do exterior. Dentro da porta da frente, ficaria o saguão, do qual se desdobrariam uma biblioteca, consultórios médicos, uma sala de palestras e salas de tratamento. O terceiro e o quarto andares

abrigariam camas para trinta pacientes, em alas e quartos privativos.

Em consonância com as recomendações da Fonte de levar uma vida balanceada de trabalho e lazer, haveria também quadras de tênis, um parque de cróquete e *shuffleboard*, um salão para jogadores de cartas, e cabines de banho na praia, para onde a Fonte frequentemente enviava as pessoas em busca dos efeitos curativos do mar, da areia e do sol. E porque era o sonho de Edgar que o edifício não fosse apenas um hospital, mas um lugar para os pacientes buscarem ajuda espiritual e mental, um jardim de meditação foi acrescentado atrás do edifício principal. Preocupados com o fato de que os pacientes pudessem transformar o hospital em um santuário e adorar Edgar e o trabalho, em vez de ao Deus interior, os Cayces decidiram contra a construção de uma capela — algo que, sem dúvida, eles teriam adorado ter para si próprios. Mas, como a Fonte sempre lhes lembrava, **o corpo era o verdadeiro templo de Deus**.

A fim de manter uma atmosfera de privacidade, os Cayces decidiram que as leituras deveriam ser conduzidas em casa, na Thirty-fifth Street. Isso também permitiria a Gertrude e Edgar cuidarem do seu lar e da sua família entre as sessões em transe. Gladys, solteira e sociável, provavelmente teria preferido trabalhar no hospital, mas trabalhar em casa não estaria sem suas delícias. Ela havia crescido para ser cada vez mais como a filha que Edgar e Gertrude jamais tiveram, e como uma irmã para Hugh Lynn e Edgar Evans.

Enquanto os planos ainda estavam sendo feitos para o edifício, os retoques finais estavam sendo dados ao estatuto que estabelecia a

ANI como entidade legal. A *Association of National Investigators* receberia sua carta-patente estadual na Virgínia em **6 de maio de 1927**, como *"uma associação para o propósito da pesquisa psíquica, e para prover a aplicação prática de qualquer conhecimento obtenível por meio dos fenômenos psíquicos."* Os oficiais originais da associação incluíam Edwin e Morton Blumenthal, a esposa de Morton, Adeline, Lucille e David Kahn, Tim Brown, Byron Wyrick, Franklin Bradley, os Cayces e Gladys Davis. Um dos seus dez estatutos exigia que qualquer pessoa que solicitasse uma leitura primeiro se tornasse membro da associação, o que significava reconhecer que a pesquisa psíquica do hospital era puramente experimental. Isso protegia a associação e seus curadores de processo legal por *"adivinhação,"* que era contravenção no estado da Virgínia.

No ano entre a compra da terra e o início final da construção, em junho de 1928, numerosas leituras foram conduzidas para ajudar a refinar as plantas, preparar orçamentos, obter as licenças de trabalho necessárias, e encomendar equipamentos médicos que tinham de ser feitos sob medida. O Dr. House renunciou ao seu posto em Hopkinsville, e ele, Carrie e Tommy mudaram-se para a praia, junto com o pai de Edgar, Leslie.

Não houve cerimônia formal de lançamento da pedra fundamental, mas toda a família estava presente quando Edgar, vestido de macacão, testemunhou as equipes de construção limparem o terreno em preparação para o lançamento da fundação. Embora Edgar estivesse se sentindo, como ele dizia, *"meio adoentado"* — tendo, novamente, perdido a voz e sofrendo as dores de cabeça e outros efeitos colaterais das aderências

resultantes do acidente que havia tido quando criança —, não havia chance de ele perder esse evento momentoso. Por volta das 15h30 da mesma tarde, ele estava de volta em seu escritório na Thirty-fifth Street, preparando-se para a leitura da tarde. Cada dia depois disso, Edgar e Gertrude vinham e observavam o progresso que estava sendo feito, com Edgar entrando no esforço e ajudando onde podia. Dentro dos dois meses seguintes, a fundação foi assentada e os carpinteiros começaram a estruturar o edifício.

Ao longo do processo de construção, os Blumenthals, como Tim Brown, ficavam constantemente surpresos e impressionados com as habilidades que Edgar demonstrava com o martelo e a serra, pois eles só o haviam conhecido na sua capacidade de psíquico, não como o **menino-fazendeiro do Kentucky** que se havia tornado tão hábil em construir um celeiro quanto era atrás do arado. Subir no andaime que se erguia sobre as dunas de areia deve ter acrescentado ao prazer de Edgar, pois cada dia o seu sonho de longa data, de construir um hospital, estava se tornando uma realidade ao seu redor. Ao seu lado, estavam o seu filho de vinte e um anos, Hugh Lynn, e Tommy House Jr.

Os primeiros meses de construção, no verão e no outono de 1928, foram marcados por uma atitude de cooperação e harmonia entre os Cayces e os Blumenthals. Contudo, as leituras nessa época admoestavam Edgar a entrar mais profundamente no mundo do espírito, e advertiam Morton de problemas futuros que poderiam surgir dos seus sentimentos para com outros na associação. Essa mensagem veio especialmente clara em um sonho que Edgar teve

em outubro de 1928, que forneceu uma lição tanto para Morton quanto para si mesmo.

No sonho de Edgar, a voz do profeta vétero-testamentário **Habacuque**[156] falou-lhe sobre sua relação com Morton e o trabalho. Embora os conteúdos exatos do sonho sejam desconhecidos, uma leitura subsequente sobre esse sonho confirmou que Edgar havia, de fato, sido visitado pelo espírito de Habacuque. *"Diga a Morton para padronizar muito [do seu trabalho com Edgar] segundo aquilo que é dado nas lições por Habacuque,"* afirmou a Fonte. *"Não as suas lamentações respeitantes às condições filiais, nem aquelas de um povo perdido, mas, em vez disso, as boas novas que estão guardadas para aqueles que escutarão [aquilo] que vem de dentro… Lê [Habacuque] e, no estudo do mesmo, virá uma experiência que ainda não apareceu ao corpo. Pois a glória Daquele que se deu em resgate se espalhará à sua volta. Sê verdadeiro."*

A referência era ao final do **Livro de Habacuque**, em que o profeta, depois de revelar, em medo trêmulo, o terrível castigo que ele via à frente para o povo que havia se desviado, declarou: *"O Senhor Deus é a minha fortaleza… e fará os meus pés como os das corças, e me fará andar sobre os meus lugares altos."* Esses versículos, talvez por nenhuma coincidência, também fazem referência a edifícios — ao Senhor em seu Templo Santo, e a pedras e madeiras de construção que *"clamarão e não serão ouvidas."*

A advertência da Fonte, na mesma leitura, foi a de não tomar os fenômenos psíquicos de Edgar como certos — e não apenas como manifestados em transe, mas em sonhos e em estado de vigília. A Fonte disse: *"As visões e sonhos que vêm ao corpo devem ser aplicados*

à luz dos… assuntos diários… para a propagação do pensamento. Contudo, há laxidez nessas considerações."

Pode ter sido essa a primeira vez que Edgar, em sonho ou em transe, foi visitado por Habacuque, mas, de modo algum, a última visitação por um profeta do mundo do espírito. À medida que a construção continuava, Edgar podia sentir a presença de anjos operando muito além do escopo limitado de Elbert Gary ou Felix Fuld, e esses espíritos indicavam que todos os envolvidos no processo de construção estavam no caminho certo, e estavam fazendo a vontade de Deus.

Talvez a visitação mais dramática tenha ocorrido alguns meses antes, em julho de 1928, quando um anúncio inesperado interrompeu uma leitura que estava em andamento: *"Atentai! Vem a voz de alguém que falaria àqueles aqui reunidos."*

Morton, Gertrude, Gladys, Thomas House e os outros presentes sentaram-se em silêncio atônito enquanto o **Arcanjo Miguel**[157], o anjo que está diante do *"Trono do Pai,"* foi anunciado pela Fonte. Como Gladys mais tarde a descreveria, eles podiam instantaneamente sentir uma *"mudança vibracional"* nas *"forças de energia"* ao seu redor. Ela descreveu como as vidraças das janelas começaram a tremer, e como ela sentia como se o caderno de papel em sua mão estivesse sendo puxado para longe dela, exatamente como se uma rajada de vento estivesse soprando pela sala. As pessoas sentadas na sala podiam sentir o aguilhão das lágrimas em seus olhos e arrepios subindo e descendo pelos corpos, enquanto se sentavam, congeladas em êxtase e medo.

"EU SOU MIGUEL, SENHOR DO CAMINHO!"[158] Cayce proclamou em voz incomumente alta. *"INCLINAI A VOSSA*

CABEÇA, Ó FILHOS DOS HOMENS. DAI OUVIDO AO CAMINHO COMO ESTÁ POSTO DIANTE DE VÓS NAQUELE SERMÃO DO MONTE… POIS, COMO A VOZ DAQUELE QUE ESTAVA DIANTE DO MAR, E CHAMOU TODOS OS HOMENS AO CAMINHO, PARA QUE OS QUE OUVISSEM PUDESSEM SABER QUE HAVIA NOVAMENTE UM CAJADO EM DAVI… POIS EM SIÃO OS VOSSOS NOMES FORAM ESCRITOS, E NO SERVIR VIRÁ A VERDADE!"

O grupo permaneceu em silêncio enquanto a Fonte quietamente encerrou a sessão em transe. Gertrude teve de se compor para atender às necessidades de Edgar, emitindo o comando habitual para acordar. Edgar se espreguiçou e abriu os olhos para ver cada um deles enxugando as lágrimas. Embora as palavras do Arcanjo fossem bíblicas em conteúdo e em alusão, seu significado era claro: aqueles reunidos para ouvir a leitura estavam recebendo uma grande oportunidade — e também a aterradora responsabilidade — de servir a Deus e ao seu próximo de modo muito incomum.

O dinheiro para o hospital, como prometido, estaria lá. Mas a tarefa que ainda estava por ser realizada — uma tarefa que requeria algo mais do que martelos e pregos — era desenvolver cooperação entre aqueles que o administrariam. Problemas entre os vários membros vinham fermentando desde que Morton primeiro tomou as rédeas, e vieram à tona na primeira reunião formal da associação realizada no recém-construído Cavalier Hotel, em Virginia Beach.

Em uma carta convidando todos os membros da associação para o encontro de 4 de agosto de 1928, Hugh Lynn alertou os

participantes de que muitos deles não haviam se entendido em encarnações anteriores, e era incumbência de todos eles entrar no trabalho juntos em um espírito de cooperação. Muitos dos participantes haviam sido postos uns contra os outros no Egito — Hugh Lynn admitia ser ele mesmo um deles, assim como Morton Blumenthal, Dave Kahn e Franklin Bradley. Segundo as suas leituras de vida, esses homens haviam tido muitos conflitos uns com os outros.

A reunião começou em nota feliz. Segundo Hugh Lynn, todos cumprimentavam-se e abraçavam-se uns aos outros. E, contudo, como Hugh Lynn mais tarde diria, *"em trinta minutos depois de eles se sentarem e começarem a falar, podia-se ouvir… Morton e Franklin gritando um com o outro."* O argumento inicial foi sobre se uma cobertura de telha de zinco ou de telha de madeira deveria ser posta sobre a garagem para doze carros que estava sendo construída atrás do hospital, junto à quadra de tênis. *"Morton e Franklin nunca mais estiveram do mesmo lado de uma votação a partir daquele momento,"* Hugh Lynn observou mais tarde. Em certos aspectos, a reunião marcou o início de um período muito tenso e turbulento na história da associação, embora nenhum dos participantes percebesse a natureza séria do que havia sido posto em movimento, senão três anos depois.

Outro incidente que tirou um pouco da alegria que Edgar estava sentindo ao ver o hospital construído ocorreu quando estavam quase terminando, e Morton, telegrafando-os de Nova York, ordenou um súbito *halt* na construção. Sua razão, ele disse, era que o empreiteiro estava cobrando dele aproximadamente o dobro do que ele havia esperado nessa fase da construção. Disse-

se a Morton que alterações significativas haviam sido feitas nas plantas, incluindo a adição de um banheiro entre cada um dos dez quartos do segundo andar, e outro banheiro no corredor do terceiro andar.

Morton ficou tão preocupado com as alterações que contratou um avião para voá-lo a Virginia Beach, de modo que pudesse falar com Edgar e o empreiteiro pessoalmente. Descobriu que o próprio Edgar havia autorizado as alterações, sem buscar a permissão de Morton. Por fim, Morton concordou em aceitar as alterações, mas ficou visivelmente irado com Edgar. Até aquele ponto, Edgar acreditava que estava encarregado da operação de construção, mas, daí em diante, ele se afastou e deixou Morton supervisionar a construção a partir de Nova York. E embora Morton tivesse castigado Edgar por fazer alterações, ele mesmo era responsável por US$ 15.000,00 em benfeitorias, que incluíam aterrar o gentil morro ondulado entre o hospital e a praia, e cobri-lo com milhares de libras de grama. Isso deu ao Hospital Cayce a distinção de ter o único gramado entre o Cavalier Hotel e Cape Henry — e um enorme, ainda por cima.

Edgar há muito havia esperado pela cerimônia de inauguração do hospital, mas, agora que se aproximava, ele a olhava com certa apreensão. Em 25 de outubro de 1928, quando a pressão para concluir o hospital era a mais alta, ele escreveu a um amigo: *"Não tenho-me sentido capaz de fazer nada… embora tenha continuado de pé e em movimento, talvez eu devesse ter parado de tentar trabalhar, mas, aparentemente, muitas coisas se acumularam sobre nós… [e] quando ficamos tão atrasados, somos obrigados a fazer alguém se sentir negligenciado."* Edgar estava mais preocupado com Morton. Em

seu esforço para equipar o edifício, ele não estava dando a atenção devida às leituras diárias de Morton, e às vezes dois ou três dias se passavam antes que ele pudesse responder às muitas perguntas dos Blumenthals.

A tensão também fazia o temperamento de Edgar disparar. Em um dia particularmente ruim, Gladys relatou que Edgar lhe ditou várias cartas, e, depois de dar a sua leitura matinal, disse que ia ao canteiro de obras para ver como as coisas estavam indo. Gladys lembrou-o de levar a sua capa de chuva. *"Eu ia levar de qualquer jeito,"* ele retrucou. Gladys então mencionou que Morton estava esperando uma leitura sobre sonhos. Edgar respondeu que não tinha tempo de fazê-la — tinha de falar com o jardineiro. Quando Gladys destacou a importância da leitura, Edgar disparou de volta que *ele* estava encarregado, *não* Morton, e que ela estava demitida, e marchou para fora da sala. Leslie, que ainda estava na praia, tentou consolá-la dizendo que Edgar não tinha realmente querido dizer o que tinha dito. Mais tarde, naquele dia, quando Edgar voltou à casa, agiu como se nada tivesse acontecido.

Gladys também estava sentindo o estresse. Em outubro de 1928, ela descobriu um tumor linfático em seu seio esquerdo, e estava experimentando fraqueza nos dedos e má circulação. Em uma leitura subsequente, foi instruída a estimular a excreção, externa e internamente, por meio de banhos de vapor e usando iodo na água. Devia também beber três ou quatro copos de água logo antes dos banhos, depois dos quais devia massagear o seio e a axila com **Iodex**, um composto de iodo. Os tratamentos provaram ser bem-sucedidos: pouco mais de um ano depois, após uma

leitura de checagem, os médicos relataram que o tumor havia se dissolvido. Nunca reapareceu.

À medida que o hospital se aproximava da conclusão, a associação realizou muitas reuniões para determinar como deveria ser melhor operado. Foi decidido que estadias noturnas em quartos individuais seriam cobradas a US$ 100,00 por noite, quartos duplos voltados para o oceano teriam a tarifa de US$ 65,00, e os quartos das alas custariam US$ 45,00 por noite. Tratamentos como banhos quentes e osteopatia seriam cobrados à taxa de US$ 2,00 por sessão. Durante essa mesma reunião, os salários dos médicos foram fixados, totalizando US$ 800,00 por mês, e foi decidido que estes, junto com outras despesas de operação de aproximadamente outros US$ 1.000,00, seriam compartilhados conjuntamente pelos Blumenthals, Franklin Bradley, Tim Brown e Dave Kahn, até que a instituição pudesse pagar-se a si mesma. Embora se assumisse, em geral, que os Blumenthals carregariam a parte do leão dos custos operacionais, cada uma das outras partes seria esperada a fazer contribuições mensais. Além dos pagamentos em dinheiro, doações de suprimentos, tinta e equipamentos eram esperadas e desejadas.

Duas semanas antes da abertura programada do hospital, outra reunião foi realizada, em que uma leitura foi conduzida para verificar se seria ou não apropriado que Edgar desse uma demonstração psíquica na cerimônia de dedicação. A resposta foi um *"não"* mais que definitivo. A Fonte disse: *"Não estaria em consonância com os melhores interesses [do hospital]… Que aquilo que possa ser realizado seja bem-falado, e não exibais o que é santo."*

As cerimônias de dedicação, conduzidas por Morton Blumenthal como presidente da associação, tiveram lugar em **11 de novembro de 1928**[159]. As diferenças foram postas de lado, à medida que os Blumenthals, os Cayces, os Kahns e outros, orgulhosos, contemplavam o edifício concluído com expectativa. Multidões de apoiadores de Cayce, de perto e de longe, encheram a sala de palestras. Quando Morton formalmente entregou o hospital à associação, Edgar, dizem, respondeu: *"Quando suas orações são respondidas, você descobre que orações são quase a única coisa para a qual as palavras servem; portanto, não há nada a dizer, exceto dar graças."*

Morton, de pé ao lado de Edgar, ficou tão comovido com o momento que se inclinou e disse a ele: *"[Eis que] se ergue o nosso grande carvalho, Edgar, da terra rumo ao céu."* Como Morton mais tarde escreveu: *"Aqui estava um centro para a distribuição da bênção de Deus aos que sofrem. Aqui, talvez, a vida de dois mundos [o plano terreno e o do espírito] pudesse encontrar-se em empenho comum, e tornar mais compreensíveis as grandes verdades do universo."*

O **Dr. William Moseley Brown**, professor de psicologia de Hugh Lynn na Washington and Lee University, que havia sido apresentado ao trabalho tanto por Hugh Lynn quanto por Tom Sugrue, fez o discurso. Esta ocasião, ele disse, *"marca a consumação dos esforços de anos… [de] trabalho, perseverança, e devoção consagrada a uma causa nova e pouco-reconhecida… os resultados visíveis dos labores daqueles que se aliaram a esta associação para o benefício da humanidade."*

Embora o hospital tenha sido dedicado naquele dia, ainda havia muito a ser feito, e vários meses se passaram antes que as portas

fossem oficialmente abertas. Em **11 de fevereiro de 1929**, eles admitiram seu primeiro paciente — **Charles Dillman** —, que sofria de uma condição sinusal crônica. Nove dias depois, após receber tratamentos medicinais, osteopáticos e por calor, sua condição estava *eliminada*. Como Edgar excitadamente escreveu em 21 de fevereiro: *"Nosso primeiro paciente já veio e foi — curado!"* Por essa altura, sua segunda paciente havia chegado, **Elizabeth Gresham**, mulher de trinta e seis anos que sofria de problemas digestivos havia mais de um ano. Mais dois chegariam antes do mês acabar: **Herman Drinkwater**, homem de cinquenta e oito anos com tumor na bexiga, e **Elizabeth Meredith**, esposa de um farmacêutico, que tinha asma, bronquite e perturbações na vesícula biliar. Ao longo dos dez meses seguintes, mais de quarenta pacientes seriam admitidos, entre eles o irmão da secretária de Dave Kahn e **Leona May Ringle**, esposa do perfurador de petróleo. Os pacientes vinham de todo o país, sofrendo de condições que iam de tumores, a úlceras estomacais, gastrite aguda, prurido geral, colite, sífilis e neurite óptica. Esses pacientes ficavam dias — às vezes meses — e praticamente todos foram relatados como tendo sido curados. *"Hei de cantar os teus louvores,"* disse um paciente agradecido, no momento da sua alta.

Nunca antes havia Cayce dado tantas leituras físicas, e nunca antes havia tantos médicos à disposição para tratar os pacientes exatamente como as leituras recomendavam. Durante os primeiros três meses do ano novo, Edgar deu **210 leituras**, e a lista de espera para consultas cresceu para dois meses de duração. Os anos difíceis em Dayton, quando os clientes eram poucos e o dinheiro era apertado, pareciam ido-se para sempre. Cayce tinha

toda a razão para acreditar que a maior recompensa por seus dons estava finalmente à mão.

---

156. Habacuque: profeta vétero-testamentário (séc. VII a.C.), autor do livro homônimo (3 capítulos) sobre teodiceia e providência divina. ↩
157. Arcanjo Miguel (*Archangel Michael*): príncipe dos exércitos celestes; mencionado em Dn 10.13, 12.1; Ap 12.7. Primeira visitação angelológica direta nas leituras cayceanas. ↩
158. *"EU SOU MIGUEL, SENHOR DO CAMINHO!"*: auto-identificação do Arcanjo através de Cayce-em-transe — momento dramático fundador da hierarquia das visitações sobrenaturais cayceanas. ↩
159. 11 de novembro de 1928: inauguração do Hospital Cayce em Virginia Beach. ↩

40.
As Artes de Cura

Ao longo dos caóticos anos das parcerias médicas de Cayce em Hopkinsville e Bowling Green — antes que as leituras em transe fossem propriamente registradas e indexadas, e quando os registros médicos detalhados do paciente eram mantidos em sigilo pelos seus médicos —, era quase impossível ver a contribuição psíquica de Cayce à medicina no contexto mais amplo das práticas médicas dos anos 1920. A menos que um paciente experimentasse recuperação imediata, pouco ou nenhum esforço era feito para acompanhar o progresso de um paciente, ou determinar a eficácia dos tratamentos que Cayce recomendava. Arquivos contendo cartas de agradecimento ofereciam os únicos discernimentos. No hospital, contudo, com um condutor dedicado e uma estenógrafa para supervisionar e registrar as sessões em transe, e uma equipe de médicos habilitados pelo conselho para mapear, estudar e interpretar o progresso de um paciente ao longo de um longo período de tempo, foi possível ver o escopo das contribuições de Cayce, e compreender os princípios gerais de saúde que estavam sendo comunicados nas leituras. Como estudiosos médicos apontariam uma geração mais tarde, as leituras em transe de Cayce forneciam uma cartilha sobre o emergente campo da **medicina holística**[160].

Embora a informação que ele transmitia estivesse, frequentemente, em consonância com a prática tanto da medicina

homeopática quanto da alopática da época, tornou-se claro, no fim dos anos 1920, que Cayce também extraía informação do conhecimento médico de culturas antigas, especialmente as do Egito e da Grécia. E uma justa porcentagem das ideias de Cayce era inteiramente nova à época em que as leituras eram dadas. Alguns dos discernimentos médicos de Cayce foram confirmados pela ciência médica moderna, enquanto outros ainda têm de ser validados. Nenhum, ainda, teve de ser descartado como produto fantasioso de uma imaginação hiperativa.

A maior surpresa nas leituras sobre saúde de Cayce foram as causas aparentes que se davam a várias enfermidades. A Fonte citava ideias que iam do que agora poderia ser considerado bom-senso à moda antiga — como não molhar os pés, ou evitar resfriados expondo-se aos elementos — a conselhos mais incomuns, como não empurrar a comida para baixo com uma bebida antes de mastigá-la propriamente. A Fonte se afastava mais da filosofia médica aceita na esfera das condições físicas relacionadas ao cósmico — como as repercussões cármicas das experiências de vidas anteriores. Talvez igualmente incomum em sua época, Cayce frequentemente ligava a doença aos estados mentais e emocionais dos pacientes. Em uma leitura, foi citado dizendo: *"Assim, podes [sofrer] um forte resfriado por ficar irritado [ou] por [xingar] alguém."*

O fato de que muitos dos tratamentos que Cayce recomendava estavam em consonância com a abordagem médica padrão à doença tornava mais fácil para o Dr. House e seu sucessor, o **Dr. Lyman Lydic**, seguir os seus conselhos. Como regra geral, esses tratamentos variavam apenas na combinação de medicamentos e

terapias, e geralmente envolviam mais trabalho árduo da parte tanto do médico quanto do paciente do que se tornou a norma na medicina moderna. Invariavelmente, contudo, o trabalho árduo dava resultados.

Em muitos casos, Cayce estava claramente à frente de seu tempo. Ele certa vez recomendou que um bebê com problemas digestivos fosse mantido em uma dieta estrita de bananas, o que nos anos 1920 era geralmente considerado venenoso para os bebês. Hoje, a dieta toda-banana é tratamento médico padrão para crianças celíacas. Cayce também descreveu causas primárias para perturbações físicas que, então como agora, permanecem não-reconhecidas pela profissão médica. Estas incluíam condições como **psoríase**, que Cayce dizia ser causada pelo afinamento das paredes intestinais e pela tentativa do corpo de eliminar toxinas por outro sistema de eliminação, a pele; **enxaquecas**, que ele dizia serem frequentemente o resultado de congestão no cólon; e **enjoo matinal** em mulheres grávidas, que ele atribuía à falta de certos minerais necessários para construir o corpo do bebê. Disse também que lesões na coluna podiam causar problemas tão diversos quanto asma, gagueira, e até comportamento violento.

Ao estudar as leituras, House e Lydic foram forçados a expandir sua compreensão do papel que **quatro processos básicos**[161] desempenhavam ao governar a saúde do corpo, que Cayce dizia afetar a habilidade das células de se reproduzir e funcionar adequadamente: **assimilação, eliminação, circulação e relaxamento**.

A assimilação, que apareceu em quase um quarto das leituras médicas, referia-se não apenas à ingestão de nutrientes pelo

corpo, mas também à digestão. Cayce frequentemente alertava contra comer quando aborrecido, irado ou angustiado, dizendo que, devido às mudanças fisiológicas resultantes no corpo, a comida permaneceria não-digerida e se tornaria tóxica para o sistema. Cayce também falava de evitar certas combinações de alimentos, especificamente aqueles que requerem ácidos diferentes para serem digeridos. Se tais alimentos fossem comidos juntos, dizia Cayce, um seria digerido enquanto o outro ficaria e fermentaria no estômago. Falava também do equilíbrio de ácido e alcalino no corpo, que ele dizia ser afetado pelos alimentos que ingerimos — uma área da nutrição que era virtualmente desconhecida nos anos 1920, e só recentemente se tornou popular. Justamente quando os alimentos produzidos em massa estavam começando a aparecer, e décadas antes de o movimento por **alimentos integrais** se tornar popular, Cayce vinha emitindo advertências. Repetidamente afirmava que alimentos refinados, açúcares, carne vermelha e alimentos fritos eram geralmente nocivos ao corpo. *"O que pensamos e o que comemos, combinados,"* disse Cayce, *"fazem o que somos, fisicamente e mentalmente."*

Cayce não apenas afastava os pacientes de certos alimentos; ele encorajava o consumo de outros. Por exemplo, em consonância com o que se sabe hoje sobre a importância de ingerir enzimas alimentares ativas, ele recomendava comer uma refeição por dia, primariamente de vegetais crus. E, embora não usasse o termo contemporâneo *fitoquímicos* — o elemento nutricional relacionado à cor dos alimentos —, ele frequentemente recomendava alimentos de uma certa cor para certas enfermidades. Também consistentemente instruía os pacientes a comer grãos integrais,

em vez de refinados, dizendo que produtos refinados não apenas careciam dos nutrientes que o corpo precisa, mas que tais alimentos, com todas as enzimas e outros elementos removidos, são, na verdade, tóxicos ao corpo humano.

As diretrizes dietéticas gerais de Cayce recomendavam o consumo de **20% de alimentos produtores de ácido**, como carnes, amidos e açúcares, e **80% de alimentos produtores de alcalino**, como vegetais, frutas e laticínios. A uma mulher de quarenta e oito anos, Cayce disse: *"Quanto menos exercício físico… maior deveria ser o alimento de reação alcalina ingerido. Energias ou atividades podem queimar ácidos, mas aqueles que levam a vida sedentária não podem ir em doces, ou em amidos demais."*

Recomendava também que vegetais de baixo do solo, como cenouras, beterrabas e batatas, deveriam constituir apenas 25% da dieta de vegetais, enquanto os vegetais acima do solo, como alface, abóbora e tomates, deveriam responder por 75%. Recomendava que apenas 10% da dieta fosse de gorduras, outros 10% de proteínas, 5% de amidos e açúcares refinados, e os outros 75% de carboidratos complexos, como vegetais, frutas e grãos.

Muito tempo após a morte de Cayce, muitas das diretrizes aparentemente radicais que ele oferecia nos anos 1930 viriam a ser vistas como tendo mérito. Mas algumas das recomendações de Cayce ainda parecem estranhas até hoje. Por exemplo, ele afirmou em várias leituras que, embora os tomates contenham mais nutrientes do que qualquer outro alimento isolado, quando não maturados na ramada, eram tóxicos ao corpo humano. Afirmou também que bebidas gaseificadas devem ser quase sempre evitadas, não apenas porque geralmente têm açúcar nelas,

mas porque interferem com o equilíbrio entre o fígado e o rim. Cayce disse também que maçãs nunca deveriam ser comidas cruas, apenas assadas ou cozidas, a menos que usadas para fins de jejum; apenas a casca da batata branca tinha qualquer real valor nutricional; e o café e o chá tornavam-se tóxicos quando combinados com leite ou creme.

A má eliminação foi citada como estando na raiz de um grande número de doenças, e referências a ela apareceram em mais da metade das leituras médicas de Cayce. Além de receberem nutrição, as células humanas devem também eliminar produtos residuais e toxinas para permanecer saudáveis, e, segundo as leituras de Cayce, *"[se] as assimilações e as eliminações… [fossem] mantidas mais perto do normal na família humana, os dias poderiam ser estendidos a qualquer período que se desejasse, pois o sistema é… capaz de trazer ressuscitação enquanto as eliminações não atrapalharem."*

Cayce sugeriu muitos auxiliadores diferentes para a eliminação. Um dos mais simples era beber uma xícara de água quente com uma espremida de suco de limão a cada manhã, ao se levantar e antes de comer, o que aparentemente ajudava o corpo a eliminar as toxinas eliminadas durante o sono. Similarmente, ele recomendava fazer exercícios de respiração profunda a cada manhã, para eliminar toxinas acumuladas nos pulmões pela respiração superficial característica do sono. Medidas dietéticas eram recomendadas para melhorar a atividade intestinal, que incluíam comer vegetais folhosos e frutas cozidas, como figos e passas. Sugeria também beber até **seis a oito copos de água por dia**.

Em casos extremos de toxemia, Cayce recomendava enemas e colônicos, acrescentando que estes podiam ser usados também por pessoas saudáveis. *"Pois todos — todo mundo — deveria fazer um banho interno ocasionalmente, bem como um externo."* Cayce também recomendava frequentemente **jejuns de três dias com maçãs**, e ocasionalmente jejuns de quatro dias com uvas ou jejuns de cinco dias com laranjas, para casos mais extremos de toxemia. Embora o jejum de maçã, em particular, fosse intencionado para ter efeito limpador sobre os intestinos, ele também, segundo Cayce, *"limparia as atividades do fígado, dos rins e do sistema todo."*

O terceiro aspecto da manutenção de boa saúde, segundo Cayce, era a circulação. *"A circulação… é o atributo principal do corpo físico, ou aquele que mantém a vida em todo o sistema,"* ele frequentemente dizia em transe, e referências ao qual apareceram em aproximadamente 60% das leituras. Destacando o papel que a circulação desempenha na assimilação e na eliminação, ele apontou que *"não há condição existente em um corpo cujo reflexo não possa ser rastreado até o suprimento de sangue, pois a corrente sanguínea não apenas leva as forças reconstrutoras ao corpo, mas também leva as forças usadas e as elimina por meio de seus canais próprios."* Na mesma leitura, Cayce fez uma observação assombradoramente profética: *"O dia ainda pode chegar em que se possa tomar uma gota de sangue e diagnosticar a condição de qualquer corpo físico."*

Cayce fez referência não apenas à circulação arterial, mas à circulação linfática, que ele considerava ser tão importante quanto. A Fonte referia-se ao fluido no sistema linfático como *"sangue branco"* ou *"sangue linfático,"* e apontava que, ao contrário

do sistema arterial, que tem tanto o coração quanto a parede muscular das artérias para mover o sangue ao longo, o sistema linfático, que não tem bomba própria, depende de outros métodos para mover a matéria residual para fora do corpo. Um método que Cayce recomendava era a **massagem**. Embora considerada por muitos como nada mais do que ociosa indulgência, Cayce via a massagem como curativa, particularmente para os inativos.

A maneira mais natural de sustentar boa circulação geral, tanto da linfa quanto do sangue, dizia Cayce, era o exercício. Como ele apontou em uma leitura para uma mulher de quarenta e seis anos, *"O exercício é maravilhoso, e necessário — e poucos, ou ninguém, fazem tanto quanto é necessário, de maneira sistemática."* A outro paciente, ele disse que o exercício *"não é algo a ser meramente atravessado, ou de que se livrar."* Alongamentos diários, rotações de cabeça e pescoço, e caminhadas, preferivelmente de vinte minutos, eram todas recomendações que Cayce dava.

O quarto processo que Cayce considerava vital para a boa saúde era o que ele se referia como **relaxamento**. Em transe, Cayce afirmou que *"a atividade da mente, ou da força da alma, do corpo pode controlar inteiramente todo o [corpo] físico por meio da ação do equilíbrio no sistema [nervoso] simpático, pois o sistema nervoso simpático está para as forças da alma e do espírito, assim como o cerebroespinhal está para as forças físicas de uma entidade."* O sistema nervoso era o veículo por meio do qual a *"mente como construtora"* de Cayce podia influenciar o corpo mais diretamente.

As leituras físicas de Cayce dividiam o sistema nervoso em três partes[^nt12]: o sistema cerebroespinhal, composto pelo cérebro e

pela medula espinhal; o sistema nervoso sensorial, que incluía os órgãos dos sentidos; e o sistema nervoso simpático, ou autônomo, sobre o qual a pessoa não tem controle consciente. Segundo as leituras, o sistema nervoso simpático podia ser considerado *"a manifestação cerebral das forças da alma no corpo."* Cayce também sugeriu que dentro desse sistema os hábitos, tanto bons quanto maus, eram formados e retidos. Esses hábitos governavam os elos entre nossa mente e nosso corpo. E, aparentemente, qualquer um podia *"corrigir hábitos formando outros! Isso [vale para] todo mundo!"*
Embora os profissionais médicos de hoje frequentemente vejam o poder da *"sugestão"* como pseudo-ciência, Cayce frequentemente recomendava que a sugestão positiva fosse parte do tratamento diário do paciente. Cayce dizia que as emoções, tanto positivas quanto negativas, moviam-se como energias elétricas pelo sistema nervoso, afetando o organismo inteiro. A mensagem aqui era que o sistema nervoso agia como condutor, por assim dizer, e levava impulsos e instruções a cada célula do corpo. Pensamentos positivos e negativos podiam, portanto, alterar fisicamente o funcionamento de cada célula. Mais uma vez, Cayce estava à frente do seu tempo em apontar o papel que o estresse desempenhava na saúde geral. Em uma leitura no hospital, Cayce — em transe — afirmou que *"a preocupação e o medo [são] os maiores inimigos a um corpo [físico] saudável e normal."* Para outro paciente, ele disse: *"Pois pensamentos são coisas![162] E têm seu efeito sobre os indivíduos… tão físico quanto enfiar um alfinete na mão!"*
Esse mesmo tema foi expandido em uma leitura que Cayce fez para um médico de quarenta e quatro anos que havia buscado uma leitura de vida. *"Embora [seja] verdade [que] os medicamentos,*

compostos, dispositivos mecânicos, radiação, todos têm seu lugar, e são das forças criadoras, ainda assim, a [habilidade] de despertar a esperança, de criar a confiança, de trazer a consciência da fé à consciência do indivíduo é muito necessária," disse a Fonte. *"Apenas quando qualquer porção da estrutura anatômica de um ser humano é posta em acordo com as influências divinas… pode vir a cura real."*

Cayce também disse que uma preocupação com uma doença específica podia resultar na manifestação dessa doença na própria vida. Para manter a saúde, Cayce sugeriu que *"silêncio, meditação, por meio minuto a um minuto, trará força [se o corpo] vir fisicamente este fluir para fora a aquietar o eu, seja caminhando, parado, ou descansando."* Cayce também urgia os pacientes a encontrar equilíbrio em suas vidas: *"Orçai o tempo para que possa haver um período regular para sustentar o ser físico, e também para sustentar o ser mental e espiritual. Como é necessário… haver recreação e descanso para o físico, assim é necessário que haja recreação e descanso para o mental."*

A um homem de quarenta e cinco anos que sofria de problemas circulatórios e de eliminação, Cayce admoestou que ele *"não [tinha] suficiente sol, nem trabalho duro o suficiente."* A Fonte continuou dizendo: *"Muito trabalho cerebral, mas o corpo é suposto coordenar o espiritual, o mental e o físico. Aquele que não dá lugar à recreação em sua vida, e ao tom próprio a cada fase… algum dia… estará pagando o preço. É bom para as pessoas… pôrem as suas mãos… na terra de vez em quando, e não ser o homem-de-colarinho-branco o tempo todo!"*

Em contraste com a visão predominante de que os médicos curam exclusivamente por meio do remédio ou da cirurgia, a visão em transe de Cayce era de que *"a menos que seja para a remoção de*

condições que se tornaram agudas por negligência ou outras causas da mesma natureza, todas as forças curativas devem ser de dentro do eu, e são do todo de um ser físico: pois o corpo anatômico humano é como o funcionar de um todo perfeito." Nesse sentido, Cayce via o corpo humano como um milagre da criação em sua habilidade de se curar a si mesmo. Sua visão tornou-se mais aparente em uma afirmação que ele fez a um grupo de médicos empreendedores que buscavam informação sobre produtos de saúde que queriam produzir. Nesta leitura, solicitada em nome deles por Hugh Lynn e Tommy House, Cayce disse: *"Não há fábrica maior no universo do que aquela em um corpo humano em seu estado natural, normal de reação. Pois há aquelas máquinas, ou glândulas, dentro do corpo, capazes de produzir, do próprio ar, ou da água, e dos valores nutricionais ingeridos pelo corpo… qualquer elemento que seja conhecido no mundo material!"* Cayce diria também, mais de uma vez, que *"toda célula do corpo é um universo em si mesma."*

Em outras leituras, Cayce levou as propriedades geradoras do corpo um passo além, sugerindo que, se uma pessoa mantivesse a atitude apropriada e mantivesse seus órgãos adequadamente coordenados uns com os outros, ela poderia viver tanto quanto desejasse: *"Pois, como pode dizer qualquer patologista, não há razão conhecida pela qual um indivíduo qualquer não devesse viver tanto quanto deseje. E não há morte, salvo na tua consciência. Porque todos os outros morreram, esperas morrer — e morres!"*

A habilidade de um ser humano de prolongar a sua vida, segundo Cayce, dependia do funcionamento adequado do **sistema endócrino**. As glândulas, dizia Cayce, eram *"aquilo que permite ao corpo, fisicamente em todo lugar, reproduzir-se a si mesmo."*

O sistema glandular também, segundo Cayce, servia como o ponto físico de contato entre o sistema nervoso de uma pessoa e seus *"corpos espirituais."* As leituras identificavam **sete glândulas, referidas como sete centros, ou "chacras"**[163], que agem como centros de crescimento para o corpo físico, e como principais centros espirituais. Estas sete incluíam a gônada, a *lyden* — também referida como **células de Leydig** —, as adrenais, o timo, a tireoide, a pineal e a pituitária. Nos anos 1930, quando Cayce fez leituras sobre essas glândulas, seus propósitos estavam sendo acaloradamente contestados, e até certo ponto, nenhum seria completamente compreendido pela profissão médica até meio século ou mais depois.

Como com o sistema nervoso, Cayce descreveu como as emoções de uma pessoa afetam as atividades das glândulas: *"Pois, como tem sido indicado em algumas maneiras, em algumas atividades, há uma atividade dentro do sistema produzida pela ira, pelo medo, pelo júbilo, pela alegria, ou por qualquer dessas forças ativas, que produz por meio da secreção glandular aquelas atividades que fluem para o todo do sistema."* Essas emoções causavam secreções, e podiam fazer estragos na saúde da pessoa. *"A ira faz com que venenos sejam secretados das glândulas,"* ele disse. *"A alegria tem o efeito oposto."* Em outra ocasião, ele observou: *"Ninguém pode odiar o seu próximo e não ter problemas no estômago ou no fígado. Ninguém pode ter ciúmes, e permitir a ira do mesmo, e não ter digestão perturbada ou desordem cardíaca."* Talvez a afirmação mais radical que ele fez nessa direção foi dizer que toda doença era causada pelo pecado, mais notavelmente o pecado do **medo**, pois esse representava

uma falta de fé. *"O medo é a raiz da maioria dos males da humanidade,"* disse ele em uma leitura dada em junho de 1928.

A Fonte também afirmaria que, embora o corpo espiritual não esteja, na verdade, contido no corpo físico, *"há o padrão, no plano material ou físico, de toda condição como existe no plano cósmico ou espiritual."* Era por essa razão, talvez, que Cayce não via a doença como estritamente causada por problemas físicos, nem via a sua cura apenas no reino físico. A crença e a antecipação desempenhavam papel importante no processo de cura, também. Ele lembrava aos pacientes que *"… aquilo que pedirdes em Seu nome, crendo, e ti vivendo, a mente construirá."* Disse também: *"Uma boa risada, um arrebatamento mesmo até… a hilariedade, é bom para o corpo, fisicamente, mentalmente, e dá oportunidade a um maior despertar mental e espiritual."* Em outra leitura, ele disse: *"A pessoa é sempre tão jovem quanto o coração e o propósito. Conservai-vos doces. Conservai-vos amistosos. Conservai-vos amorosos, se quereis manter-vos jovens."*

Segundo Cayce, a atitude que cura é a *"Consciência Cristã… a única fonte de cura para um corpo físico ou mental."* Como a Fonte certa vez expressou: *"Em verdade, não há condições incuráveis… aquilo que existe é, e foi, produzido a partir de uma primeira causa, e pode ser enfrentado, ou neutralizado, ou mudado."* Em outra leitura, Cayce disse que *"toda a força, toda a cura de toda natureza, é a mudança das vibrações de dentro, a sintonia do divino dentro do tecido vivo de um corpo às Energias Criadoras. Apenas isso é a cura. Quer seja realizado pelo uso de drogas, da faca, ou [de qualquer outra coisa], é a sintonia da estrutura atômica da força viva à sua herança espiritual."*

Por mais que Cayce aconselhasse seus pacientes a não ignorar os assuntos espirituais ao lidar com os desafios de saúde, ele também os alertava a não ignorar suas vidas físicas. Em um diagnóstico físico, a Fonte disse: *"O corpo é constituído pelo físico, pelo mental, pelo espiritual,"* e que *"cada um tem suas leis, que funcionam um com o outro, e o todo é o homem físico; contudo, não trateis condições físicas inteiramente por meio de leis espirituais ou mentais, e espereis que as mesmas respondam como uma só."*

De todos os tratamentos físicos, Cayce considerava a **terapia osteopática** como a mais próxima do processo de cura do corpo humano. *"Não há forma de mecanoterapia física tão em consonância com as medidas da natureza quanto os ajustes osteopáticos corretamente dados,"* ele disse. Os osteopatas, designados como *"D.O.s,"* cujos diplomas são geralmente considerados equivalentes aos dos médicos, enfatizam a habilidade natural do corpo de se curar, e trabalham por meio da manipulação do sistema musculoesquelético. Como disse Cayce: *"A ciência da osteopatia não é meramente o socar em certo segmento ou o estalar dos ossos, mas é a manutenção de um equilíbrio — pelo toque — entre o sistema simpático e o cerebroespinhal. Isso é osteopatia real!"*

Em uma leitura particularmente comovente em **24 de maio de 1934**, na qual ele resumiu muito da sua filosofia, Cayce discutiu a beleza de ser *"um com Deus,"* em sentido espiritual, bem como físico. *"Quando a terra foi trazida à existência, ou ao tempo e ao espaço, todos os elementos que estão fora do homem podem ser encontrados no corpo humano vivo,"* disse Cayce. *"Daí, estes em coordenação, como vemos na natureza, como vemos no ar, como vemos no fogo, ou na terra,*

fazem da alma, do corpo e da mente um fator coordenador com a energia criadora universal a que chamamos Deus."

Assim como Cayce falava sobre ser um com Deus, ele sugeria que as células de um corpo deveriam agir em concerto para sustentar boa saúde. Em milhares de leituras médicas, Cayce ofereceu tratamentos físicos direcionados a melhorar a *"coordenação."* De modo igual, o tema da *"vibração"* era bastante evidente em seus diagnósticos. Como Cayce havia dito nas leituras de física para o motor Stansell: *"A vida em suas manifestações é vibração, eletricidade é vibração."* Nesse sentido, Cayce sugeriu que os mesmos princípios da *"harmônica"* que governam a liberação de energia estavam em jogo no corpo humano. Todos os remédios de Cayce tinham a intenção de corrigir as vibrações das várias células do corpo, fosse por meio de medicamentos, manipulação osteopática da coluna, hidroterapia, aplicação de calor e frio, terapia eletromagnética, ou pela simples imposição das mãos.

Um dos conceitos mais interessantes a respeito de boa saúde e longevidade apresentados por Cayce era que *"[não há necessidade] de um corpo melhor [a menos que seja para] servir melhor ao teu próximo."* Igualmente, quando perguntado por uma mulher quantos anos mais de vida ela deveria esperar, Cayce respondeu: *"Quantos desejas [ou precisas]? Que a oração seja sempre: 'Pai, enquanto eu for útil como manifestação do Teu amor na terra, e na medida em que eu for gentil e bondoso e verdadeiro e puro para com o meu próximo, mantém-me, ó Senhor.'"*

Quando perguntado *"Quem mais me ajudará no meu trabalho e na vida diária?"*, Cayce simplesmente respondeu: *"Deus."* Em outra leitura, a Fonte disse: *"A igreja está em ti mesmo. Pois o teu corpo é o*

templo do Deus vivo." E, de fato, além de todo conselho que ele dava sobre dieta, hábitos, tratamentos físicos, estados mentais, ajustes de atitude e exercício na manutenção de um corpo saudável, havia sempre um tema subjacente — a disposição de invocar a ajuda de Deus por meio da oração e ter fé de que a ajuda virá. Sobre esse tópico, Cayce daria, talvez, o seu conselho mais inspirador e mais facilmente compreendido: *"Nunca te preocupes enquanto puderes orar. Quando não puderes orar, é melhor começar a te preocupar! Pois então tens [realmente] algo com que te preocupar!"*

---

160. *Medicina holística*: termo cunhado por Jan Smuts em *Holism and Evolution* (1926), do grego *holos* ("todo"). A abordagem cayceana é considerada precursora da medicina holística moderna. ↩
161. *Quatro processos básicos cayceanos*: assimilação + eliminação + circulação + relaxamento. Quadrivium terapêutico que estrutura todas as recomendações de saúde nas leituras. ↩
162. *Pensamentos são coisas* (*thoughts are things*): apótegma cayceano-teosófico, cunhado por Annie Besant e popularizado por Cayce — afirmação do impacto material direto dos estados mentais. ↩
163. Sete chacras / sete glândulas: alinhamento cayceano-teosófico-tântrico — os sete chacras (sânscrito *chakra*, "roda") correspondem, nas leituras, às sete principais glândulas endócrinas do corpo. ↩

41.
Atlantic University

Por trinta anos, Edgar Cayce havia entregue sua mensagem deitado de costas, em transe. Em Virginia Beach, em agosto de 1929, instigado por Morton Blumenthal e Tim Brown, ele se ergueu sobre os pés, diante de uma audiência, e conscientemente apresentou a primeira de mais de trinta palestras que daria sobre tópicos como *karma*, astrologia, auras, telepatia mental e evolução. E foi o sucesso esmagador dessas palestras que reacendeu em Morton Blumenthal o sonho de estabelecer uma faculdade dedicada a desenvolver a mente, assim como o hospital havia sido dedicado a curar o corpo. O resultado foi uma instituição de ensino superior chamada **Atlantic University**[164].

Embora o próprio Edgar tenha sido creditado com a ideia de iniciar a Atlantic University, Blumenthal sonhava em começar a sua própria escola desde que havia frequentado a Universidade Columbia, uma década antes. Morton propôs a ideia na primeira reunião formal da ANI, no início de 1927, antes de o hospital ser construído. À época, ele esboçou um plano para mudar uma escola-internato para meninos pré-existente para Virginia Beach, mas a ideia foi votada contra, em favor de primeiro estabelecer o hospital. Mal o hospital havia se tornado realidade, e ele apresentou a ideia uma segunda vez — e agora com Edgar dando suas próprias palestras, ele tinha uma visão muito mais grandiosa do que poderia ser realizado. Não queria nada menos do que uma

universidade da **Ivy League**. *"Harvard na Praia,"* foi como ele a descreveu a um possível aluno.

Morton não tinha, na verdade, uma escola como Harvard em mente. Embora desejasse uma escola com prestígio acadêmico e edifícios imponentes cobertos de hera, a instituição que ele visualizava ofereceria o que hoje poderia ser chamado de currículo *"Nova Era."* Embora houvesse cursos padrão em matemática, ciências e artes, inventores como Tim Brown e Marion Stansell apresentariam aos alunos de engenharia novos conceitos teóricos, e Morton e seu irmão criariam uma série de cursos *"de ponta"* sobre filosofia, metafísica, espiritualismo e as ciências esotéricas sugeridas nas leituras. A Atlantic University seria, para a comunidade acadêmica, o que o Hospital Cayce era para a medicina.

Tim Brown — ele mesmo um professor experiente — tinha certas reservas sobre o plano de Blumenthal desde o início, e inicialmente votou contra a segunda proposta de Morton, assim como Dave Kahn. Em sua opinião, a ANI tinha as mãos cheias com o hospital, e as complicações adicionais de contratar um corpo docente, construir salas de aula e prover comida e abrigo para duzentos ou mais alunos em Virginia Beach seriam um pesadelo logístico. Em uma reunião especial do conselho, realizada no fim do verão de 1929, na corretora dos Irmãos Blumenthal em Nova York, Brown propôs um plano alternativo de primeiro oferecer cursos de educação continuada, usando o hospital como base administrativa de operações, e alugando espaço adicional de salas de aula em um dos hotéis de Virginia Beach, conforme necessário. Eles poderiam gradualmente

expandir o programa em uma faculdade de pleno direito ao longo de um período de anos. Morton, contudo, rejeitou intransigentemente a ideia.

Além de algumas declarações de Brown e Kahn sobre o tema, não há registro adicional das discussões que tiveram lugar nesse tópico. A votação inicial do conselho foi um impasse, presumivelmente devido à falha de Edgar em emitir o voto decisivo a favor ou contra a proposta. Embora ele tradicionalmente apoiasse todas as iniciativas de Morton, não podia, em boa-fé, descartar as preocupações financeiras de Brown e Kahn. Uma universidade seria uma empreitada tão custosa quanto um hospital, e ele, como Brown e Kahn, não podia se dar ao luxo de assinar uma nota promissória.

Em vez de discutir com outros membros do conselho, Morton apresentou uma proposta revisada, que afirmava que ele e seu irmão arcariam com a conta inteira. A ANI operaria a universidade como anexo ao Hospital Cayce, mas todas as decisões financeiras e quaisquer notas promissórias que tivessem de ser assinadas seriam tratadas pelos Blumenthals. O conselho decidiu a favor de Morton presidir um Conselho Educacional recém-formado, composto dele mesmo, Edwin e Tim Brown, que desenvolveria e operaria a universidade. Embora tecnicamente parte da ANI, o Conselho Educacional não responderia a ninguém, exceto a seus próprios membros. Edgar não tinha voz real nas decisões do conselho, mas sua falta de envolvimento não era nem questão de sua agenda apertada no hospital, nem de sua relutância inicial devido ao compromisso financeiro. A verdade, como mais tarde se tornou aparente, era que **Morton não**

considerava Edgar Cayce um homem instruído. Nas memórias de Morton, ele repetidamente apontava que Edgar não tinha educação digna desse nome, e que era ele, Morton, quem havia tirado o psíquico da *"obscuridade."* Edgar não foi convocado a dar uma leitura sobre qual deveria ser a missão da universidade até a primavera de 1931, quase dois anos depois — altura em que as aulas já estavam sendo dadas.

As leituras que Morton solicitou durante os primeiros estágios da universidade proposta focavam-se apenas na viabilidade financeira de seus planos, e em se sua estimativa de US$ 10 milhões de lucro com o motor Stansell estava ou não dentro da razoabilidade. Ficou satisfeito de ouvir a Fonte confirmar essa possibilidade em uma leitura em 7 de março de 1929, dado que ele estava contando com esse dinheiro para financiar a universidade, à qual a Fonte se referia como *"uma universidade em todos os sentidos da palavra."* Por mais encorajadora que essa notícia tenha sido, a Fonte continuou a lembrar Morton de que *"a mente é a construtora,"* e que era preciso dar ao planejamento adequado de como a instituição seria criada na sua própria mente. Foi então, em meio a essa leitura, que outro dos guias espirituais de Morton se apresentou.

"Este é Jeremias[165]*, falando pela primeira, mas não pela última vez,"* Cayce disse, presumivelmente falando em nome do profeta vétero-testamentário. A mensagem que estava sendo comunicada era uma que tinha vindo antes: que as decisões que Morton tomaria nos anos 1931 e 1932 determinariam que bênçãos maiores estavam por vir. *"Houve o chamado para ti em tal empreitada, e, de fato, haveria uma mensagem para o meu povo, que há muito permaneceu*

em servidão por meio da superstição, e por meio das relações dogmáticas como foram trazidas por aqueles que ensinariam 'como eu vejo,' e não como o indivíduo possa ter despertado neles para suas habilidades."

Como prometido, Jeremias, de fato, faria outra aparição — no dia seguinte. A mensagem era simultaneamente de encorajamento e de conselho. Morton foi assegurado de assistência do reino espiritual em sua presente encarnação, como, segundo se relata, havia sido dada quando ele e Edwin e outros membros da família haviam se unido para construir o muro em torno da cidade de Jerusalém em uma encarnação anterior. Jeremias não se demorou na viabilidade financeira do plano de construir uma universidade, mas na importância de Morton não permitir que seu ego interferisse no trabalho maior que ele buscava realizar.

"Não te deixes desencaminhar de modo algum," Morton foi dito. *"Não sejas ditatorial, nem dominador em tua própria atividade. Antes, humilde em espírito… Pois, mesmo enquanto o conhecimento vem, deixa que seja disseminado entre aqueles que buscam conhecer o* ***Cordeiro que tira os pecados do meu povo****, e suas transgressões não mais serão lembradas, e a doença, e a tristeza, e as lágrimas serão limpas. Pois Aquele que veio em carne estabelecerá o seu nome ali. Por meio dos teus esforços, então, meu filho, sê fiel. Falei eu, Jeremias, o servo do Rei."*

Apesar do encorajador conselho espiritual que Morton e seu irmão estavam recebendo nesse ponto, um número crescente de leituras sobre o mercado de ações recomendava cautela e advertia que um *"tumulto"* no mercado estava no horizonte. Isto ficou claro em 6 de março de 1929, quando Morton pediu à Fonte para interpretar um sonho em que ele visualizava um touro perseguindo e atormentando sua esposa, vestida de vermelho.

"Sonhei que deveríamos vender todas as nossas ações, incluindo [as consideradas muito seguras]." A Fonte interpretou esse sonho dizendo que Morton deveria pegar o touro pelos chifres. O touro era um *mercado de touros* em vias de declinar. O vestido vermelho da sua esposa era um aviso de perigo. *"Espera uma considerável quebra [no mercado],"* disse a Fonte. *"[Haverá problemas] entre as reservas das nações e dos indivíduos, e causará — a menos que outras das condições bancárias mais estáveis venham em socorro — um grande distúrbio nos círculos financeiros."*

O próprio Edwin teve um sonho provocativo em 6 de abril de 1929, em que ele estava sendo injustamente culpado pelo assassinato de um jovem. Uma multidão de espectadores irados buscava restituição injetando-lhe um veneno mortal. *"Senti uma agulha e esperava a morte,"* Edwin disse do sonho. Tendo se acostumado a interpretar seus próprios sonhos, Edwin disse que esse sonho representava uma luta atualmente travada dentro do **Conselho do Federal Reserve**, que teria impacto negativo no mercado financeiro. Os investidores, que Edwin representava, o culpariam pela depreciação de suas ações. Uma leitura subsequente confirmou a interpretação de Edwin. *"O [Conselho do Federal Reserve] está… dividido, [e, se for] permitido correr sem checagem… há de surgir certamente… pânico nos centros financeiros."*

Durante o mesmo tempo em que essas leituras estavam sendo dadas a Morton e Edwin, Dave Kahn e outros estavam recebendo advertências similares de problemas financeiros iminentes. Em uma memória posterior dos seus anos com Edgar Cayce, Kahn descreveu uma leitura em que a Fonte lhe disse, especificamente, para vender todas as suas ações em agosto de 1929. Kahn não

agiu sobre o conselho, porque o mercado parecia estar forte, e os Blumenthals, que haviam investido para ele cerca de US$ 35.000,00 em ações — todas compradas na margem — também não acreditavam que um colapso aconteceria.

A recomendação da Fonte de avançar com os planos de construir uma universidade deve ter parecido contradizer as advertências sobre os tumultos financeiros iminentes. Na ausência de registros das operações, é difícil saber em que grau os Blumenthals compreenderam ou prestaram atenção ao conselho que estava sendo dado. Tudo o que se pode dizer com certeza é que Morton foi inspirado a avançar a velocidade vertiginosa, acreditando que ele, de fato, tinha controle sobre o aspecto *"ditatorial"* da sua personalidade, e que seus guias espirituais não falhariam com ele durante quaisquer tumultos que estivessem por vir.

Em setembro, menos de um mês após a formação do Conselho Educacional, Morton e Tim Brown tiveram uma reunião de almoço, em Dayton, com o **Dr. William Moseley Brown**, antigo professor de Hugh Lynn na Washington and Lee, que havia proferido o discurso de formatura na dedicação do Hospital Cayce. A razão de Dr. Brown encontrar-se com Morton e Tim era levantar dinheiro para concorrer pela chapa republicana ao governo da Virgínia. Morton tinha outra coisa em mente — torná-lo o primeiro presidente do que ele se referia como *"sua"* universidade.

Como Morton bem sabia, havia muito a recomendar uma parceria entre ele e Dr. Brown, e a Fonte indicava que Brown entendia que tinha sido um auxiliar de Aquiles, encarnação anterior de Morton. Os dois haviam trabalhado bem juntos, então, e presumivelmente

trabalhariam amistosamente novamente, agora. Morton sabia, também, que Dr. Brown não tinha o respaldo necessário para derrotar o democrata em exercício **Harry Byrd** pelo governo. A campanha de Brown, Morton acreditava, terminaria antes de começar. Se Dr. Brown admitiu ou não isso a Morton durante o almoço deles, não se sabe. Tudo o que se pode dizer com certeza é que o entusiasmo de Morton para iniciar uma universidade era contagiante. Antes do final daquela breve reunião, Dr. Brown concordou em tornar-se o primeiro presidente da universidade ao salário anual de US$ 10.000,00 — independentemente do resultado da eleição.

Morton inicialmente não compartilhou essa boa notícia com ninguém além de Edwin e Tim Brown, nem mesmo com Edgar. Tivessem eles tornado seus planos públicos, controvérsias que mais tarde irromperam em torno do currículo proposto e do envolvimento de Edgar com a universidade poderiam ter sido evitadas. Embora houvesse havido muita pesquisa e discussão prévia a respeito da nomeação do Dr. House como chefe do hospital, praticamente nenhuma consideração havia sido dada à nomeação de Brown como presidente da universidade, e seu surpreendente aparecimento no Conselho Educacional faria pouco mais do que dividir as partes interessadas em facções.

Quando a nomeação do Dr. Brown se tornou formal, em agosto de 1929, já estava claro que não havia esforço coordenado para esclarecer quais deveriam ser a política e os objetivos da universidade, muito menos onde o campus deveria ser erguido. Sem consultar nem Dr. Brown nem buscar uma leitura, Morton havia unilateralmente contratado o respeitado arquiteto

Lawrence B. Emmons para projetar dois edifícios, um para abrigar escritórios administrativos, e outro para salas de aula. A propriedade que ele escolheu consistia em dois lotes situados entre o hospital e a praia, do outro lado da Atlantic Boulevard. Isso fazia uma propriedade longa, estendendo-se do bosque de pinheiros no topo das dunas de areia atrás do hospital até as ondas que se rebentavam na praia, e cortada apenas pelo bulevar. Em consonância com a localização, Blumenthal agora deu um nome à sua instituição: **Atlantic University**. Enquanto as plantas para a escola ainda estavam sendo desenhadas, Morton fixou a data para a abertura da escola — o outono de 1930. Como a construção não estaria terminada até então, ele decidiu alugar espaço de escritório em Virginia Beach para servir de salas de aula até que o campus fosse concluído; também contratou um segundo membro do corpo docente, **Dr. Job Taylor**, de Roanoke Rapids, Virgínia, espiritualista notório e viajante mundial, e dono de um antigo manuscrito em papiro do **Livro dos Mortos egípcio**. Sem o conhecimento de Morton, Dr. Brown também estava montando um corpo docente e um currículo. Brown estava entusiasmado e impaciente para começar, e tinha sua própria visão dos terrenos físicos e do ambiente acadêmico que se tornaria a Atlantic University. Quão longe os planos do Dr. Brown estavam dos de Morton tornou-se evidente em um artigo publicado naquele agosto no *Norfolk Virginian-Pilot*. Em uma entrevista dada pelo Dr. Brown, que havia, agora, desistido da sua candidatura ao governo, ele descreveu uma educação tradicional em artes liberais, levando a um bacharelado em artes e ciências. Propôs aulas que incluiriam inglês, literatura inglesa,

economia, sociologia, governo, filosofia, psicologia, história, matemática, astronomia, química, física, biologia, fisiologia, oratória pública e arte dramática. Nenhuma menção foi feita aos estudos psíquicos.

Morton ficou perplexo ao ler o relato, e convocou uma reunião de emergência do Conselho Educacional. Não restam notas da reunião, que ocorreu em Nova York, mas resultou em outra matéria de jornal, no *New York Times*, bem como em editoriais no *Norfolk Virginian-Pilot*. Dr. Brown agora anunciava um curso *"alternativo"* de estudo para a Atlantic University. Exatamente em que esses cursos alternativos consistiriam, contudo, não estava claro. Mas rumores que circulavam nas páginas editoriais dos jornais de Virginia Beach sugeriam que Morton estava exigindo cursos em clarividência e espiritualismo. Segundo o *Norfolk Virginian-Pilot*, Brown havia *"relegado a pesquisa psíquica a uma nota de rodapé"* antes que Morton e seu irmão entrassem em cena.

Brown e Blumenthal, eventualmente, resolveram a questão. A Atlantic University ofereceria o regime padrão de programas de pré-direito, pré-engenharia e pré-medicina, junto com um programa de estudo eletivo especial em um centro de pesquisa para estudo psíquico. Este seria modelado segundo um programa similar na Universidade Duke, em Durham, Carolina do Norte, que era presidido pelo famoso pesquisador psíquico **William McDougall**, antigo membro de Oxford e Harvard. *"A abordagem será inteiramente científica, e os mesmos métodos gerais serão utilizados como aqueles que se utilizam em todas as outras ciências,"* disse Brown a repórteres na próxima entrevista que deu. *"[O conselho] não está, mais enfaticamente, interessado em espiritualismo, mediunidade,*

clarividência, ou em qualquer das outras charlatanices comumente conhecidas."

Era agora a vez de Edgar sentir-se desprezado. Embora ele jamais tivesse visto a si próprio como espiritualista ou médium, não podia exatamente negar que era isso o que estava fazendo. A inferência de que as atividades que ocorriam do outro lado da rua, em frente ao local proposto da Atlantic University, podiam ser agrupadas com *"charlatanice"* o chocou. O tom da correspondência de Morton a respeito dessa questão também não ajudava as coisas. Na própria mente de Morton, parecia, o trabalho em Virginia Beach estava sendo separado em duas empreitadas distintas, como, de fato, mais tarde estaria. *"Parece que você ficará como guardião principal no portão do hospital, eu no portão da universidade,"* Morton disse a respeito dos seus respectivos papéis. À guisa de desculpa por não tê-lo incluído no processo de tomada de decisão, Morton disse: *"Jamais perdi o meu afeto por você, pelos seus, ou pelo trabalho — nem desejo usurpar qualquer poder mandante que, de algum modo, buscasse tirar vantagem de qualquer um. Contudo, seja paciente até que eu possa encontrar completamente o meu próprio eu, o que não é tão fácil na terrível tensão e pressão que há sobre mim constantemente, mesmo de homens que me usariam para tirar vantagem do trabalho, ou de você, e mesmo da minha própria natureza inferior. Encontrarei a rocha, e com ela, o caminho para usar a agência divina para trazer harmonia e paz."*

Por mais que Morton estivesse sentindo a tensão de gerenciar uma corretora em Nova York e construir uma universidade em Virginia Beach, Edgar estava sob tensão igual, se não maior, atuando, por padrão, como administrador no hospital, ao mesmo

tempo dando leituras e explicando-as a médicos e pacientes, igualmente. E, então, no fim de setembro de 1929, **o Dr. House adoeceu de colite** e teve de ser admitido como paciente em seu próprio hospital. Não apenas a condição de House foi vista pelas leituras como ameaçadora à vida, mas os tratamentos sugeridos exigiam um osteopata treinado. Dr. House, em condições nenhumas de tratar a si mesmo, e sem outro osteopata no Hospital Cayce para supervisionar os tratamentos, teve de ser enviado a Dayton, onde as leituras indicavam que ele deveria ser posto sob os cuidados do Dr. Lyman Lydic. Acompanhando Dr. House estava Carrie, que naturalmente desejava confortar e auxiliar o marido em sua hora de necessidade. Assim, o Hospital Cayce não apenas perdeu seu médico residente e administrador-chefe, mas a chefe da sua equipe de enfermagem e de governança. Durante a ausência do Dr. House e da sua esposa, as pressões sobre Edgar e todos os outros no hospital aumentaram dramaticamente. Não há menção, nem na correspondência pessoal de Edgar nem em suas breves entradas de diário acompanhando as leituras, de onde Gertrude se posicionava sobre o tema da universidade, das atividades do hospital, e da saúde declinante do Dr. House. Não há indicação tampouco de que ela buscasse envolver-se em quaisquer reuniões que ocorriam. Sem dúvida, ela apoiava o marido em casa, e abria com agrado a sua porta às muitas pessoas que ativamente intervinham para ajudar no hospital.

As pessoas que vieram ao auxílio de Edgar incluíam Leslie, que começou a fazer tarefas no hospital, e **Annie Cayce**, a única irmã solteira de Edgar, que havia se mudado de Nashville e assumido

as funções de Carrie House. Mais tarde, juntaram-se a eles a prima de Gladys, **Mildred Davis**, de Oklahoma City, e Linden Shroyer, de Miami, que vieram ajudar a tocar os assuntos de negócios e a iniciar a longa e árdua tarefa de catalogar os crescentes volumes de leituras e outros registros do hospital. Mas, mesmo essas novas chegadas, não conseguiram endireitar o pânico e a eventual desordem que se instalaram quando uma carta chegou de Dayton em **7 de outubro**.

"É inútil tentar encontrar palavras para expressar minha gratidão por seus esforços infindáveis e infatigáveis para ajudar Papai," escreveu Tommy House. *"Só Deus sabe como Mamãe e eu temos orado para que ele se recupere, e, se ele de fato sair desta, sinto que deveremos tudo a vocês… [Mas] o Dr. Lydic ainda diz que, se Papai sair desta, será um milagre. Pobre velhinho — ele é o lutador mais valente que se já viu, mas parece apenas estar deitado ali, definhando, e eu não posso fazer nada por ele."* Um dia depois, um telegrama chegou de Tim Brown, confirmando quão grave a condição do Dr. House havia se tornado. Dr. Lydic dava a ele menos de dois dias de vida. Uma leitura de emergência conduzida no mesmo dia, 8 de outubro, concordava. *"Não muita esperança… no presente,"* disse a Fonte, encerrando a leitura.

De fato, em **12 de outubro de 1929**, após meses de estar acamado, **Dr. House**, aos sessenta e dois anos, **morreu de falência renal**, e foi mais tarde sepultado no terreno que outrora havia sido reservado para o bebê Tommy House. Edgar juntou-se a Carrie House em Hopkinsville para o funeral, partilhando da sua tristeza pelo seu falecimento, e tentando convencê-la a retornar com ele a Virginia Beach. Amiga devotada, antiga sócia financeira

do estúdio fotográfico, e talvez a pessoa que havia incessante e compaixonadamente apoiado o trabalho mais tempo do que qualquer outra, Carrie decidiu aposentar-se e viver os anos restantes em *The Hill*. Por mais que desejasse ajudar Edgar e Gertrude a enfrentar os desafios que ela sabia que se lhes apresentariam, sentia que não podia continuar suas funções no hospital sem o companheirismo de seu marido.

E desafios havia. Foremost entre eles o vazio que resultou da partida do Dr. House. Osteopatas que eram também médicos eram em pouca oferta, e era quase impossível encontrar um que fosse, também, intérprete experiente das leituras. Por dois meses, vários foram tentados e depois dispensados. Finalmente, no final de dezembro de 1929, Dr. Lyman Lydic foi convencido a mudar-se de Dayton e assumir o lugar do Dr. House. Mas, como Edgar e Morton viriam a notar mais tarde, por mais habilidoso que Lydic fosse como médico, osteopata e administrador, ele carecia de uma compreensão espiritual das leituras. Não rezaria à beira do leito de um paciente, nem aplicaria um tratamento sob *"fé,"* como Dr. House e Carrie haviam consistentemente feito. A menos que o tratamento recomendado nas leituras concordasse com o seu próprio, Lydic não o prescreveria.

Edgar, melancólico e distraído, começou a sofrer de neurite, e, pela primeira vez, teve de usar óculos devido ao esforço visual. Isto, sem dúvida, foi resultado de passar um número aumentado de horas no hospital, organizando os livros e dando jeito sem o Dr. House e Carrie. Junto com Linden Shroyer, Edgar estava tentando também cobrar dinheiro de antigos pacientes. Ninguém, parecia, havia estado vigiando as contas, e aproximadamente

metade dos pacientes que haviam sido admitidos ou não tinham dinheiro para pagar suas visitas, ou não haviam mantido suas contas em dia.

Não demorou muito para que Morton pedisse uma contabilidade mais detalhada das despesas do hospital. Insatisfeito com o que recebeu, Morton solicitou que as despesas fossem cortadas, e que esforços fossem feitos para manter o orçamento em linha com a receita. O problema, do ponto de vista dele, era que não havia uma única pessoa encarregada dos assuntos comerciais, nem havia uma pessoa central encarregada da compra de suprimentos para o hospital, o que resultava em duplicação de esforços e excedentes de custo. Embora Edgar prometesse a Morton e Edwin pôr os livros em ordem, não há evidência de que ele tenha feito qualquer outra coisa além de recomendar que Leslie Cayce, ou outra pessoa, fosse contratado como agente central de compras. E, à medida que um novo administrador hospitalar após o outro era testado e depois dispensado, a situação apenas piorava.

A cooperação entre os membros da ANI — que não era mais a regra, mas a exceção — foi um tema sobre o qual a Fonte se expandiu em uma das mais notáveis leituras conduzidas naquele ano. Durante uma sessão em transe realizada para melhor determinar qual deveria ser o papel de cada membro do conselho no hospital, outro **visitante celestial** — que se acreditava ser nada menos que **o Mestre**[166] em pessoa — fez uma aparição. Em linguagem que poderia facilmente ser confundida com uma passagem da Bíblia, a *"entidade,"* falando através de Cayce, enfatizou a urgência de trabalhar em acordo, antes que a situação saísse de controle.

"Que cada um seja consciente daquele lugar, daquele nicho, daquele [propósito] que cada um há de preencher," Cayce disse em transe. *"Cooperai com outros indivíduos, trabalhando em suas capacidades individuais, para que o [propósito] todo possa ser como um, mesmo como o Pai e Eu somos um em vós. Não falo de mim mesmo, mas para que possais conhecer a verdade, mesmo como entregue no dia em que caminhei entre os homens e me tornei conhecido como o 'Filho do homem' e o salvador… Aqui, meus irmãos, viestes novamente para cumprir, neste lugar, um glorioso princípio, um glorioso artigo de trabalho entre os filhos do homem."*

Não está claro, do registro ou da correspondência subsequente, quem entre os membros do conselho da ANI tomou essa mensagem a peito, pois ninguém, parecia — exceto talvez Gladys —, tinha os interesses coletivos de todo o conselho em primeiro plano em mente. Dave Kahn enviava seus pagamentos mensais a Virginia Beach, mas seus cheques eram passados pessoalmente a Edgar, não à conta da ANI. Gertrude conduzia todas as leituras, mas raramente se aventurava no hospital propriamente dito para visitar o paciente para o qual uma leitura havia sido dada. Linden Shroyer, talvez ainda enciumado do papel que Gladys desempenhava como confidente principal de Edgar, a responsabilizava pelos excedentes de custo e pelo mau estado dos livros do hospital, mesmo que a contabilidade não fizesse parte da descrição das tarefas dela. E, em meio à crise da saúde do Dr. House e da sua eventual partida, Morton e Dr. Brown ainda não conseguiam concordar sobre o corpo docente da universidade ou sobre o que haviam sido contratados para ensinar.

Dr. Brown apresentou seu orçamento proposto para a Atlantic University, juntamente com um portfólio de contratos de ensino que já haviam sido negociados e assinados. Para o assombro de Morton, Brown havia montado um corpo docente completo de **vinte professores, com orçamento superior a US$ 125.000,00** — aproximadamente o dobro da cifra que Morton alegava que Brown havia discutido em uma reunião em Washington, DC. *"Não pude acreditar nos meus olhos,"* disse Morton depois de receber o orçamento proposto. Irado, Morton convocou uma reunião do Conselho Educacional no fim de setembro e ameaçou fechar a universidade antes que suas portas houvessem sequer aberto. Não fosse pela intercessão do Dr. Job Taylor, que era respeitado tanto pelos Blumenthals quanto pelo Dr. Brown, a Atlantic University poderia jamais ter tido um único aluno. Em uma reunião privada entre Morton e Taylor, o tão estimado chefe do departamento de ciências psíquicas da universidade prometeu ajudar Brown a cortar seu orçamento durante o primeiro semestre de operação da escola.

A falta de cooperação — especialmente em matérias financeiras — continuou a ser uma fonte de grande discórdia, à medida que a Atlantic University se aproximava de abrir suas portas. Hugh Lynn tornou-se o foco de tal tensão antes da sua formatura na faculdade, em junho de 1930. Ao se preparar para voltar para casa da escola, naturalmente desejava arranjar um emprego, e ficou lisonjeado com uma oferta de Dave Kahn de ajudá-lo a se estabelecer em Nova York após a formatura, onde ele poderia trabalhar em meio-período na fábrica de móveis de Kahn e continuar a sua educação na pós-graduação. Morton, ao saber que

Hugh Lynn poderia em breve estar trabalhando para Kahn, ficou indignado de que Hugh Lynn não tivesse vindo a ele primeiro. Afinal, foi ele quem havia pago pela educação de Hugh Lynn, não David Kahn. Morton escreveu uma nota tanto a Edgar quanto a Hugh Lynn sobre o tema, e então fez uma proposta extravagante: contratar Hugh Lynn como bibliotecário da Atlantic University, ao salário de US$ 150,00 por mês — emprego que ele subsequentemente aceitou.

Por mais satisfeitos que Edgar e Gertrude estivessem com a perspectiva de ter seu filho em casa, em Virginia Beach, e empregado na Atlantic University, o salário proposto para Hugh Lynn causou certo grau de consternação entre vários membros da equipe do hospital. Gladys ganhava US$ 50,00 a menos por mês pelo seu emprego como secretária, estenógrafa e contadora de fato do hospital — para o qual ela trabalhava, em média, dez a doze horas por dia — e Edgar ganhava apenas US$ 50,00 a mais por mês como superintendente do hospital, além de dar leituras. À medida que Morton se preocupava ainda mais com o financiamento da Atlantic University às custas do Hospital Cayce, e à medida que os *"tumultos"* descritos nas leituras sobre o mercado de ações se tornavam realidade, os cheques de pagamento ao hospital eram atrasados, e contas rotineiras não estavam sendo pagas. Em determinado momento, Hugh Lynn recebeu o seu cheque, mas Edgar e Gladys não.

Morton reconheceu a aparente disparidade entre os salários do hospital e da universidade, mas argumentou que era Dr. Brown o responsável pelo orçamento da Atlantic University, e que Dr. Job Taylor estaria ajudando a cortar despesas. E, em justiça a Morton,

ele tinha toda a razão para acreditar que, uma vez cortado o orçamento da Atlantic University, a renda de outras fontes reduziria a tensão financeira sobre todos os envolvidos, e poria fim ao que Morton chamava de *"diferenças menores e outras pequenezas."* De fato, até o verão de 1930, muito tempo após os Blumenthals terem incorrido em sérias perdas financeiras na sua corretora, eles permaneceram inabaláveis e otimistas sobre seu próprio futuro e sobre o destino da universidade e do hospital.

Em junho de 1930, Morton foi encorajado pelo fato de que candidaturas de alunos estavam chegando a um escritório administrativo temporário em Norfolk a uma taxa de três ou quatro por dia, e a matrícula inicial era projetada em algumas centenas, com mais candidaturas esperadas, uma vez que panfletos fossem impressos e distribuídos. Morton, seu irmão, e Tim Brown, também ainda esperavam ricas recompensas do motor Stansell, alegado a estar quase operacional.

Otimista como Morton estava à época, nada com o que ele contava se tornaria realidade. O mais recente modelo do motor Stansell não rodou mais do que algumas revoluções antes de parar bruscamente. Em meio a uma campanha para atrair mais alunos não-internos, notícias chegaram aos escritórios da Atlantic University de que a melhor faculdade privada do estado — **William and Mary** — havia anunciado planos de expandir seu campus e começar a dar aulas em Norfolk. As esperanças de aumentar o número de alunos diurnos foram instantaneamente arruinadas. E, apesar das alegações em contrário, o orçamento da Atlantic University, como o do hospital, excedeu todas as estimativas anteriores.

No outono de 1930, quando a primeira turma de **209 alunos** chegou aos dois hotéis de Virginia Beach que serviam como dormitórios para meninos e meninas, a Atlantic University oferecia um currículo composto de trinta cursos, ensinados por vinte professores — totalizando aproximadamente um professor para cada dez alunos, e sete alunos por turma. Além dos cursos, a escola se gabava de um time de futebol americano completamente equipado, chamado **Seadogs**, um time feminino de futebol chamado **Mermaids**, uma banda de dança chamada os **Atlanteans**, um jornal, biblioteca, fraternidades, e um cão-mascote de três pernas chamado **Tripod**.

A época não poderia ter sido pior para a universidade, para o hospital ou para os Blumenthals. Naquele primeiro ano, **mais de 40% dos alunos ingressantes seriam incapazes de fazer seus pagamentos de mensalidade**, e mais da metade dos pacientes do hospital seria incapaz de pagar pelos serviços recebidos. Enquanto Dr. Brown saudava a sua turma de calouros, em uma assembleia realizada na Igreja Presbiteriana, e o sol da manhã cintilava nas águas azuis para além de Cape Henry, **a Grande Depressão**[167] pairava como nuvem de tempestade sobre os procedimentos.

---

164. Universidade Atlântica (*Atlantic University*): fundada em 1930 em Virginia Beach como instituição de orientação cayceana. Fechou em 1932 por colapso financeiro; reaberta em 1961. ↩

165. Jeremias: profeta vétero-testamentário (séc. VII-VI a.C.), autor do Livro de Jeremias e das Lamentações. Aparição central nas leituras de 1929 anunciando o colapso financeiro.↩

166. *Visitante celestial* / *o Mestre*: provável referência a Jesus Cristo falando através de Cayce-em-transe — primeira visitação cristológica direta documentada.↩

167. Grande Depressão (*Great Depression*): cf. [Cap. 36]. Iniciada com *Black Tuesday* em 29 out. 1929.↩

42.
Olhos Irlandeses
e Anjos Caídos

Exatamente quanto dinheiro os Blumenthals perderam durante a Depressão varia dramaticamente, dependendo de em quem se confie. Hugh Lynn alegava que os Blumenthals perderam mais de um milhão de dólares, e que em meados dos anos 1950 ficaram destituídos e foram forçados a trabalho braçal. Morton alegava que suas perdas estavam mais próximas de cem mil dólares, e que eles atravessaram a Depressão em estilo. O fato de ele e seu irmão não terem perdido sua cadeira na bolsa até 1937, e de Morton e Edwin terem feito, respectivamente, viagens à Europa e a Havana apenas alguns meses após o colapso do mercado de ações, é evidência de que suas perdas, provavelmente, não foram tão devastadoras quanto Hugh Lynn acreditava. E, contudo, por mais que Hugh Lynn possa ter exagerado o impacto que a Depressão teve sobre a fortuna Blumenthal, o relato de Morton dos eventos que se seguiram imediatamente antes e após o colapso do mercado contrasta de modo notável com os registros que existem.

Morton e seu irmão fizeram alegações repetidas, nos anos posteriores ao colapso, de que as leituras em transe que Edgar Cayce lhes deu não sequer insinuaram os eventos que viriam, e de que foram as leituras físicas e comerciais na esteira do colapso

que os levaram a desencantarem-se com Cayce, e tornarem-se incapazes, em boa-fé, de continuar a tomar a sério o seu conselho em transe, ou apoiar qualquer empreitada associada a ele.

"Eu frequentemente me perguntei se a era enlouquecida-pelo-dinheiro dos anos vinte não teve algum efeito sobre [Edgar] Cayce," Blumenthal mais tarde diria a um jornalista com quem ele colaborou em suas memórias não publicadas. *"As pessoas estavam fazendo fortunas da noite para o dia, e Cayce, ele mesmo, havia se mudado, bem rapidamente, da beira da pobreza para um mundo de dinheiro e abundância material. É bem possível que essa tenha sido a causa de algumas das suas inconsistências. Em todo caso, seus dons psíquicos pareciam jamais beneficiar seus benfeitores, e me decepcionaram no momento em que poderiam ter sido a maior ajuda."*

A referência que Blumenthal fazia era a **29 de outubro de 1929**[168], dia em que os preços na bolsa caíram dez pontos no início da manhã, e por volta do meio-dia, não havia compradores para as ações que estavam sendo oferecidas. À medida que aquele dia avançava, e a situação drasticamente piorava, Morton, segundo se relata, ficou frenético. Ele e seu irmão observavam enquanto os investidores perdiam até US$ 30.000,00 em menos de dez minutos de operações. Desesperado por discernimento sobre o que estava acontecendo, Morton, segundo se relata, telefonou a Virginia Beach, e pediu a Edgar para tomar o trem para Nova York. Morton alegava ter reservado um quarto de hotel para ele e marcado uma consulta para uma leitura na manhã seguinte às 8h. Segundo o relato de Morton, a leitura subsequente indicava que o pior havia passado: que o fundo havia sido atingido nos preços das ações, e que o mercado se estabilizaria, e em breve começaria

a subir de novo. Morton relatou que foi sua própria ideia sair do mercado naquele dia — não a de Edgar Cayce — e que, não tivesse ele tomado ação imediata em direta contradição às leituras, ele teria certamente sido falido, à medida que o mercado continuou a despencar.

Evidências no registro de arquivo não apoiam nenhuma das alegações de Morton Blumenthal. Ao longo do verão e do outono de 1929, Morton e seu irmão receberam numerosas leituras sugerindo que um tumulto no mercado era iminente. Morton tinha, de fato, viajado a Virginia Beach de trem em **26 de outubro de 1929**, com o expresso propósito de esclarecer a mais recente advertência de desastre iminente. Durante essa sessão, que não apenas foi solicitada por Morton, mas conduzida por ele, Cayce — em transe — foi especificamente perguntado sobre confirmação a respeito de uma afirmação feita pelo guia espiritual de Morton, **Elbert Gary**, de que uma das maiores contas dos Blumenthals, que estava *"bem-marginalizada,"* poderia ser *"varrida"* no dia seguinte. A resposta veio: *"[A informação por Gary] está correta."*

Morton então fez a observação de que, dado que as ações detidas em sua maior carteira eram também as mesmas ações na conta dos próprios Blumenthals, o resultado seria devastador. *"Isso varre a nós também, e isso é o fim do negócio,"* disse Morton, obviamente esperando que ele tivesse, de algum modo, malinterpretado as observações feitas por Elbert Gary através de Cayce. Mas não havia havido mal-entendido. *"Essa… é a situação como é dada aqui,"* disse Cayce. Nesta mesma leitura, a Fonte disse,

especificamente, que era *"melhor vender, e então comprar [de volta] a um preço mais baixo [em data posterior]."*

Para todos os fins e propósitos, Morton havia recebido suas ordens de marcha. Devido ao fato de que os registros das operações dos Blumenthals foram mais tarde destruídos, é impossível saber com certeza se Morton e seu irmão agiram ou não sobre o conselho dado em 26 de outubro. Tudo o que se pode dizer com certeza é que Morton retornou a Nova York naquela noite, ou no início da manhã seguinte, e não contatou Edgar novamente até que o mercado tivesse iniciado seu declínio acentuado. Edgar foi contatado a seguir por telefone em Virginia Beach em 2 de novembro de 1929, momento em que Morton solicitou confirmação de que ele deveria estar *"fora"* do mercado. O conselho era o mesmo. Disse-se a Morton para ficar fora do mercado pelos próximos dias, momento em que ele e seu irmão receberiam mais instruções.

"Não permitas que as mentes sejam perturbadas," disse a Fonte. *"Não permitas que os corpos se tornem sobrecarregados. Não permitas que o mental se torne desequilibrado pelo clamor ou pela inquietude que se ergue neste momento."* A Fonte também os instou a *"obter dentro de si próprios aquela quietude de propósito que vem da oração constante com aqueles que ajudariam ou guiariam neste momento."*

Uma viagem subsequente que Edgar fez a Nova York, à qual Morton se referia em suas memórias como tendo ocorrido no fim de outubro, não ocorreu de fato senão em **15 de novembro**, quando Edgar foi convidado a hospedar-se como hóspede de Morton e Edwin no **Prisament Hotel**. A leitura conduzida ali começou com um lembrete a Morton e Edwin de que a *"união"*

que eles representavam com Cayce, que havia sido *"manifestada em assuntos materiais, morais, sociais e financeiros,"* seria *"invejada por muitos,"* e que era responsabilidade deles *"honrar"* a confiança que lhes havia sido dada permanecendo firmes. *"Aquele que provê pão para os irmãos, há de governar muitas cidades,"* disse-lhes a Fonte. *"Aquele que honra ao seu Deus, não ficará sem plena recompensa, diz o Senhor. Aquele a quem amei, a este também levantarei. Aquele que ensina ao seu irmão o caminho reto, não ficará sem recompensa. Conserva tuas mãos limpas. Conserva a tua força em mim. Ama ao Senhor. Não te esqueças dos seus benefícios. Conserva sempre aquilo na sombra na tua memória, pois Eu pagarei, diz o Senhor. Eu te protegerei."*

Como sugerido na leitura anterior, a Fonte aconselhou Morton e Edwin a permanecerem sintonizados com a orientação espiritual oferecida. *"Em compreensão, vêm a força, o poder e o vigor. Toma isto e conserva-o contigo no teu coração, e na tua mente, sempre. Com poder de dinheiro, com posição e riqueza, vem maior responsabilidade."*

Nesse ponto da leitura, ficou claro aos Blumenthals que Gary e Fuld, que regularmente se comunicavam através de Cayce quando perguntados sobre o mercado, não eram quem agora os endereçava. Morton perguntou se a voz que vinha pertencia a Jesus. A Fonte respondeu: *"Ele fala contigo frequentemente em tuas meditações e orações."*[169] Isto indicou aos Blumenthals que Jesus mesmo estava, de fato, falando-lhes, e que podiam contar com sua ajuda se permanecessem abertos e atentos às suas comunicações. Perguntaram se Jesus continuaria a guiá-los agora, e nas suas relações com outros. A Fonte respondeu: *"Estais [guiados]. Na hora em que falares, ponho no teu coração o que dizer. Pois*

muitas vezes, em oração, falo contigo." Morton e seu irmão, aparentemente comovidos pela mensagem que havia vindo, encerraram sua sessão dizendo uma oração. *"Pai, meu irmão e eu agora inclinamos a cabeça em gratidão por esta bela leitura, conselho e orientação, [e] oramos para que possamos viver de modo a merecer… e cumprir o teu propósito."*

Dado o registro de arquivo dessa leitura, é estranho que Morton e seu irmão tivessem memória tão notavelmente diferente do que se passou entre eles e Edgar após o colapso do mercado. É extremamente improvável que a transcrição existente fosse forjada — esta leitura não foi conduzida em Virginia Beach, mas em Nova York sob auspícios dos Blumenthals. Edwin estava presente no quarto do hotel, Morton era o condutor, e a secretária da empresa deles era a estenógrafa. Eles ficaram com uma cópia da leitura para si, e enviaram a Gladys uma duplicata para os registros da ANI.

Alegações posteriores de Morton, de que ele e seu irmão há muito haviam parado de pedir conselhos sobre o mercado de ações, também não eram verdadeiras. Morton e seu irmão obtinham leituras quase diárias sobre o mercado e sobre negócios pelos cinco anos imediatamente anteriores ao colapso. E, independentemente de quais foram os *"ganhos"* e as *"perdas"* dos Blumenthals em relação a essas leituras, havia uma conexão inegável entre sua riqueza e seu trabalho com Edgar Cayce. Como o próprio Morton havia anteriormente reconhecido, os Blumenthals e os Cayces estavam participando do mesmo *"trabalho do Mestre dos Mestres,"* e qualquer ganho material que disso resultasse pertencia a Ele, *"a verdadeira causa da riqueza*

deles." Edgar não era mais responsável pelos problemas financeiros dos Blumenthals do que o próprio Morton. Morton deve ter sabido que isto era verdade, pois leituras relacionadas ao trabalho continuaram até **30 de março de 1930**, cinco meses após o colapso, por meio das quais Edgar forneceu alguns dos mais interessantes conselhos de negócios e de mercado de ações em registro.

Em 18 de novembro, por exemplo, Cayce — em transe — foi pedido a interpretar um sonho que Morton havia tido dois dias antes. No sonho, Morton estava em uma estação de trem a caminho de Chicago quando percebeu que havia esquecido sua mala. *"Tive de me apressar, pois o trem ia partir às onze, e ia começar com grande pressa, e atravessar um túnel,"* disse Morton. A Fonte indicou que seu sonho era uma mensagem de que o mercado estava prestes a passar para o *"estágio mais baixo."* Durante essa sessão em transe, Morton consultou a Fonte sobre outro sonho que havia tido em 16 de novembro, em que viu um mergulhador entrando no mar para salvar pessoas de afogamento. Mais uma vez, a Fonte disse que o sonho estava relacionado ao mercado de ações em queda livre.

Morton e seu irmão receberam mais sete leituras antes de tirar uma extensa folga da sua corretora, durante a qual Morton e a sua família viajaram à França e ao norte da África, e Edwin e a sua esposa foram a Havana. Em nenhuma dessas leituras, ou na correspondência acompanhante, há qualquer indício de que tivessem sofrido grandes perdas, ou se sentido traídos por Edgar com respeito ao mercado devastado. Tampouco, segundo o registro histórico, parecem ter se sentido enganados por uma

leitura física conduzida durante o mesmo período, que Morton mais tarde alegaria à imprensa como evidência cabal de que Edgar Cayce havia perdido sua habilidade de dar informação confiável em transe.

A leitura física em questão foi inicialmente solicitada em 7 de outubro de 1929, para **Rosamond Blumenthal**, de cinquenta e quatro anos, irmã da mãe de Morton, que havia recém-passado por uma operação grave em um hospital de Nova York, e não estava se recuperando adequadamente. Edgar escreveu diretamente à mãe de Morton, dizendo que não conseguiria chegar à leitura por tempo considerável, devido ao acúmulo de pedidos no hospital. Contudo, ele disse que o pedido dela poderia ser acelerado se Rosamond viesse a Virginia Beach, porque os pacientes do hospital estavam recebendo tratamento preferencial. Pouco percebeu Edgar à época que tal viagem era inviável — Rosamond mesma não tinha fé nas leituras, não aprovava o envolvimento do sobrinho com o alegado psíquico de Virginia Beach, e não estava ciente de que Edgar Cayce estava sendo consultado sobre seu caso. Em vez de alertar Edgar sobre a verdade da matéria, a mãe de Morton pediu ao seu filho que intercedesse em nome da tia, e obtivesse uma leitura sem ter de passar pelos canais regulares. Morton obedeceu. Telefonou a Edgar em 22 de outubro de 1929, e solicitou que a leitura da sua tia fosse anexada ao final da sua leitura diária habitual. Edgar disse que veria o que poderia fazer, mas, tendo recém-retornado do funeral do Dr. House no Kentucky, acrescentou que não tinha muita esperança de chegar a ela por pelo menos uma semana.

Edgar deu por fim a leitura às 16h30 de **30 de outubro de 1929** — um dia após o Black Tuesday. Gertrude conduziu, lendo a partir da carta que a mãe de Morton havia originalmente escrito em 7 de outubro. Segundo a leitura, Rosamond estava perto da morte; seus órgãos ainda funcionavam, mas sob grande aflição. A recomendação era que ela aumentasse suas forças antes que outra leitura pudesse ser obtida, esboçando os tratamentos necessários para a sua recuperação. A fim de aumentar suas forças, ela foi instruída a beber uma solução contendo **casca de cerejeira-brava, raiz de salsaparrilha, gengibre selvagem, *Indian turnip*, ginseng, casca de freixo-espinhoso, folhas de bucu, e mandrágora**.

Uma cópia da leitura foi enviada à mãe de Morton, e outra ao próprio Morton. Blumenthal telefonou a Cayce em 2 de novembro para expressar sua surpresa pelo que ela continha, pois sua tia havia morrido e estava sepultada três dias antes de a leitura ter sido conduzida. Ele não havia contado a Edgar porque estivera ocupado demais com as atividades no mercado de ações em colapso. Morton, contudo, tinha uma ideia sobre o que poderia ter acontecido, e disse a Edgar que poderiam discutir a questão quando ele estivesse em Virginia Beach no próximo final de semana.

Morton e sua esposa, Adeline, reuniram-se com Tim Brown e os Cayces para discutir a matéria em Domingo, 9 de novembro. Edgar queria dar outra leitura para ver o que poderia ter dado errado, mas Morton não achava necessário. Disse que as leituras haviam insistido em que os compromissos fossem definidos e que o indivíduo solicitando a leitura estivesse em uma atitude buscadora e meditativa no momento da consulta. Rosamond não

havia sequer sabido que havia um pedido ou uma marcação para a leitura, nem teria aprovado se houvesse sido informada. Tampouco estava no local quando a leitura foi solicitada, porque já estava no túmulo. E, tendo estudado a leitura, ficava claro que o diagnóstico se aplicava à condição da paciente no momento em que a leitura havia sido solicitada, não no momento em que a leitura foi dada. A única *"ligação"* psíquica que Edgar tinha com Rosamond era a carta que Gertrude segurava em sua mão enquanto conduzia as leituras — uma carta que já tinha vinte e três dias. Em vez de revelar um *"erro"* da parte de Edgar Cayce, disse Morton, a leitura revelava algo do processo de solicitar informação à Fonte. Cayce — em transe — literalmente recuou no tempo para examinar a condição dela.

Os diários de Gladys revelaram que Morton não parecia estar perturbado com a leitura da tia. Sua atitude só começou a mudar ao retornar da Europa, quando sua mãe e outros membros da família começaram a questionar a veracidade do trabalho de Edgar e o envolvimento de Morton nele. A mãe de Morton achava o filho tolo por dar tanto do seu tempo e dinheiro a um psíquico que havia cometido erro tão óbvio, especialmente em tempos tão inquietos. Morton pode ter ou não concordado. Mas uma coisa logo ficou clara. Os tumultos no mercado o haviam abalado, e o haviam enchido de medo. E, em vez de voltar-se a Edgar Cayce para ajuda, ou à sua esposa, ele convidou outra mulher para sua vida.

Patricia Devlin[170] era uma atraente ruiva de vinte e cinco anos, descrita por algumas pessoas como voluptuosa, e por outras como meramente *"rechonchuda."* Ela primeiro veio à atenção de

Morton em fins de 1928, quando era operadora de telefonia no edifício que abrigava a corretora Blumenthal. Não há evidências sólidas de que ela escutasse às escondidas as conversas telefônicas entre Nova York e Virginia Beach, mas não há dúvida de que ela tinha conhecimento íntimo dos assuntos de Morton e de Edgar bem antes de Morton contratá-la como sua assistente pessoal em 1929. Devlin alegava que sua fonte de informação eram os mesmos *"canais psíquicos"* a que Edgar Cayce acessava, e disse a Morton que ela só precisava fechar os olhos para entrar em um estado autoinduzido de transe que lhe permitia, subconscientemente, viajar a Virginia Beach para ver o que estava acontecendo. Morton mais tarde relatou ter *"descoberto"* em Devlin o que ele havia visto em Edgar Cayce de volta em Dayton, e disse ser responsável por desenvolver o *"precioso dom"* que Devlin alegadamente possuía.

Exatamente quando ela e Morton ultrapassaram a relação de empregada e empregador não está claro. No início de 1929, ela começou a acompanhar Morton a Virginia Beach e a ajudá-lo a preparar palestras, e a tomar notas para melhorias que ele desejava implementar no hospital. Edgar expressou interesse moderado no que ele chamava de *"protegida"* de Morton, quando foram primeiro apresentados, e, como Morton, encorajou-a a desenvolver seus talentos psíquicos. Em dezembro de 1929, ela proferiu uma palestra na série de palestras do hospital, e logo começou a assumir as responsabilidades de Morton e Edwin como nova fonte de conselhos psíquicos sobre o mercado de ações e os negócios. Edgar não estava decepcionado com essa mudança de responsabilidade. Ao contrário, estava notavelmente

aliviado de ter a pressão de dar a Morton e Edwin leituras de negócios duas vezes por dia retirada dos seus ombros. O fato de Morton estar certo dos poderes dela e da ajuda que ela podia dar a ele e ao seu irmão tornou Edgar ainda mais satisfeito. Ele escreveu a Tim Brown que *"certamente [houve] coisas maravilhosas que Morton tem conseguido obter por meio da sua assistente lá no escritório."*

Diferentemente de Edgar Cayce, Patricia Devlin podia, e de fato lembrava, da informação que alegadamente lhe vinha durante as sessões em transe, o que lhe permitia discutir as comunicações que recebia em modos que Edgar era incapaz de fazer. Ela falava também em sua voz normal enquanto em transe, em sentenças claras e distintas, sem o uso repetitivo de pronomes e advérbios que às vezes tornava as leituras de Cayce difíceis de entender. Sua simplicidade-de-fala, junto com sua disponibilidade de dar leituras a Morton — tanto noite quanto dia —, a tornava mais desejável em muitos aspectos do que Edgar Cayce, cujas responsabilidades no hospital o tornavam impossível de devotar-se a Morton em tempo integral, como havia feito no passado.

A confiança que Morton depositava em Devlin era em toda parte aparente, desde os conselhos que ela começou a dar a Tim Brown e a Marion Stansell, em que ela descrevia *"ver o motor deles operacional,"* até suas dicas de ações, em que ela alegadamente implorou a Morton e ao seu irmão para sair do mercado no exato dia em que as ações começaram a despencar. É curioso, contudo, que Morton jamais houvesse solicitado uma leitura a Edgar sobre as habilidades psíquicas dela, como havia solicitado uma checagem de antecedentes sobre Stansell. O mais perto que

qualquer dos irmãos Blumenthal chegou de pedir o conselho psíquico de Edgar sobre Devlin foi uma pergunta que Edwin fez em 16 de fevereiro de 1930, aparentemente preocupado com problemas que tinha em manter-se *"sintonizado"* trabalhando com Devlin. Em uma resposta particularmente reveladora, a Fonte foi direta e disse que ele não deveria pôr sua *"confiança em poderes feitos com mãos,"* o que era aparentemente uma referência a Devlin.

A única sessão em transe dedicada a Devlin foi uma leitura física conduzida em 11 de janeiro de 1931, para diagnosticar e recomendar tratamento para dores que ela tinha nas costas e no plexo solar. Cayce — em transe — prescreveu um tratamento padrão que consistia em mudança de dieta e na aplicação de sais de Epsom e compressas de óleo de mamona, indicando que, caso ela seguisse as recomendações, suas dores desapareceriam dentro de dois ou três dias.

Devlin aparentemente havia começado a influenciar Morton antes mesmo que as portas da Atlantic University de fato abrissem. No início de outubro de 1929, Devlin estava revisando a correspondência da universidade, e descobriu que, sem o conhecimento de Morton, Brown havia contratado dois professores a mais do que haviam acordado em uma reunião anterior. Morton ficou justificadamente irritado. Devlin, contudo, também ficou irada. Como Morton mais tarde disse: *"Pat balançou sua bonita cabeça ruiva, pôs seu chapéu, e saiu, retornando com um advogado."*

Devlin também recomendou ação legal depois que revisou as despesas. Morton tomou uma abordagem mais benigna. Ele e

Devlin visitaram o hospital, e levaram Edgar à parte, informando-o de que as despesas tinham de ser cortadas, e que, dessa vez, ele estaria encarregado de fazer as mudanças necessárias. Além de cortar as despesas, Blumenthal solicitou que Edgar diminuísse quaisquer leituras *"de cortesia,"* e se concentrasse em clientes pagantes. Quando Morton e Edwin fizeram suas viagens ao exterior no início de 1930, Devlin foi posta no comando de gerenciar o hospital.

Não há evidências que sugiram que Edgar ou Gertrude particularmente se importassem com Devlin sendo temporariamente posta no comando dos assuntos do hospital. Edgar talvez não tenha de fato visto-a durante o mês e meio que os Blumenthals estiveram fora, embora ela, de fato, fizesse frequentes viagens para entrevistar médicos e equipe do hospital. A principal dificuldade de Edgar era tentar limitar o número de leituras dadas a pacientes incapazes ou pouco-dispostos a pagar por elas. Em uma carta que escreveu a Morton em 13 de janeiro de 1930, Edgar viu-se na desconfortável posição de ter de justificar o fato de não poder atender ao decreto de Morton. *"[Ninguém], você ou qualquer outro… pode controlar as leituras… [Você e eu] talvez possamos controlar os tempos em que daremos as leituras, mas para quem elas vão ser, e quando vão ser dadas — no minuto em que fazemos isso, perdemos o próprio… fundamento de todo o trabalho… Lembre-se de que o Mestre não se recusou a curar todos os dez leprosos, embora apenas dois tenham voltado e dito 'obrigado.'"*

Morton claramente entendeu o que Edgar estava dizendo, pois deixou a matéria de lado por ora. Mas ele, como Edgar, não podia ignorar o repetido pedido de cooperação que vinha através das

leituras. Quando o hospital havia sido formado, as leituras descreviam a cooperação como *"necessidade."* Agora, a Fonte indicava que tudo estaria perdido, a menos que a cooperação se tornasse a *"tarefa"* e *"propósito"* central deles. A mensagem que vinha através era similar ao que havia sido dito em leituras para outra parceria, a de Edgar B. Davis e Frank Seiberling. Como a Fonte havia dito então: *"A menos que haja uma coalizão dos interesses… muito daquilo que tem sido como um sonho… será perdido. Em vez de… ampliar as diferenças que existiram, [agi] na maneira do amor fraternal… A lei do Senhor é como espada de dois gumes… A menos que o bem seja feito a todos, o bem não pode crescer disso. Pois, o que semeardes, colhereis!"*

Edgar e Morton ainda não estavam se entendendo, e, com a introdução de Patricia Devlin, a distância entre os dois homens tornou-se consideravelmente maior. No retorno de Morton da Europa, em 16 de fevereiro, Devlin relatou o que descreveu como a *"desiludente"* notícia de que Edgar o havia falhado como nunca antes, e que estava em pleno processo de conduzi-lo a um *"passeio financeiro."* Os gastos não haviam sido cortados no hospital. Não apenas isso, mas a investigação de Devlin havia revelado um grande número de hóspedes não-pagantes vivendo no hospital, cujas contribuições ao trabalho ela achava questionáveis. Entre eles estavam Tom Sugrue, que havia sido convidado a ajudar a editar publicações da associação; a prima de Gladys, Mildred Davis, que estava ajudando com o trabalho secretarial; e Leslie Cayce, que havia se mudado para um quarto no andar superior do hospital. Havia também duas das irmãs de Edgar, Annie Cayce, e **Sarah Cayce Hesson**, que vieram ao hospital para

substituir Carrie House. Por fim, havia **Booker Avery**, o faz-tudo e motorista do hospital, que, segundo Devlin, usava o automóvel do hospital para frequentes excursões noturnas.

Morton convocou Tim Brown e Devlin para uma reunião de emergência no hospital naquele mesmo mês para estudar a contabilidade de Linden Shroyer. A reunião não começou com bom pé. Enquanto o grupo de Morton subia o caminho até a frente do hospital, um dos saltos altos de Devlin ficou preso em algo enterrado na grama. Descobriram que era um cano. Tim Brown rastreou o cano, e descobriu que ele corria do encanamento de água do hospital até uma residência particular adjacente ao edifício de enfermeiras recém-concluído. Edgar foi chamado para olhar o cano, e admitiu que havia deixado um vizinho fazer ligação ao suprimento de água do hospital, em vez de fazer o homem ir ao trabalho e à despesa de encontrar sua própria fonte de água. O hospital, Edgar admitiu, não estava sendo compensado por sua generosidade.

O resto da tarde, segundo Morton, apenas piorou. A ele, Tim Brown, e Devlin, segundo se relata, foram mostrados todos os registros do hospital, exceto o livro-razão que detalhava os desembolsos. Por mais que tentassem, o livro-razão não pôde ser encontrado, senão algum tempo mais tarde, naquele dia, quando Devlin liderou um grupo de busca até o porão, onde o livro perdido foi descoberto sob o que Morton chamou de uma *"pilha de detritos."* Como havia chegado ali, e se Devlin usou ou não seus alegados poderes psíquicos para encontrá-lo, jamais foi esclarecido.

Segundo Morton, o livro-razão revelava pagamentos excedentes para comida, equipamento extraneous do hospital, e muitos gastos pessoais pela família Cayce e pela equipe do hospital. Mais irregularidades foram, segundo se relata, descobertas quando os investigadores consultaram comerciantes dos quais grandes compras haviam sido feitas. Por recomendação de Devlin, Morton parou de pagar as contas até que as contas fossem postas em ordem e os gastos pessoais fossem reembolsados.

"Eu [apenas] não sou um homem de negócios assim tão bom," admitiu Edgar quando confrontado com o livro-razão e a contabilidade de Devlin. *"Certamente, me dá raiva fazer o meu melhor, e então descobrir que fiquei muito aquém do que deveria ser feito."* E uma leitura, conduzida mais tarde, também colocou a culpa diretamente sobre os ombros de Edgar. *"Esta presente discórdia… tem sido… o gasto extravagante de… Edgar Cayce."* Embora a Fonte, quando perguntada por especificidades, sugerisse que isso pudesse só ser visto como extravagância em termos materiais: *"[a sua extravagância só pode ser] julgada por indivíduos. [Mas] não daqui."*

Uma reunião especial do conselho foi realizada em Virginia Beach em **16 de setembro de 1930**, atendida pelos Kahns, Cayces, Blumenthals e todos os outros membros do conselho. O ânimo foi descrito como *"sombrio."* As dívidas pendentes do hospital foram calculadas, e foi determinado que **US$ 42.572,00** eram devidos à *building and loan association* que detinha a hipoteca da propriedade do hospital — pela qual Dave Kahn e os Blumenthals eram conjuntamente responsáveis —, e que a associação devia US$ 14.420,00 em empréstimos de construção não pagos e US$ 19.724,00 em contas comerciais não pagas. Morton então deixou

claro que tais quantias não poderiam, possivelmente, ser cobertas pelo pouco que estava sendo gerado pelo hospital, e que, caso ele tivesse de cobrir os juros sobre os empréstimos e as outras obrigações do hospital, ele e seu irmão deveriam primeiro ter o consentimento da associação de que os Blumenthals assumiriam controle financeiro e gerencial total do hospital, e que Edgar não teria autoridade para pagar contas ou aceitar novos pacientes sem aprovação prévia. Além de cortes em salário para a equipe do hospital, apenas as enfermeiras receberiam quarto e refeição livres; todos os outros pagariam US$ 30,00 por mês. Um dispositivo conhecido como *"governor"* deveria também ser colocado no automóvel do hospital, para registrar e restringir seu uso não-autorizado. Dr. Lyman Lydic foi dispensado e substituído por **Dr. Gena Crews**, um osteopata de Richmond, Virgínia, e **Dr. James R. Parker**, um clínico-geral de Norfolk. Tanto Crews quanto Parker reportariam diretamente aos Blumenthals. Morton fez mais uma exigência: que Dave Kahn não recebesse mais leituras.

Esta exigência final veio como resultado da revisão dos registros financeiros por Devlin, em que ela descobriu que Kahn, além de seu investimento inicial de US$ 750,00 no fundo de ações da ANI, não havia feito contribuições regulares à associação como havia concordado alguns anos antes. Em vez disso, ele vinha pagando dinheiro diretamente a Edgar, que o gastava como achasse adequado. Igualmente sério era a revelação de que móveis que Morton acreditava terem sido doados por Kahn, estimados em US$ 7.000,00 de valor, haviam, de fato, sido faturados pela companhia de Kahn e pagos por Morton e seu irmão por meio da

conta da ANI. Incrédulo, Morton exigiu saber como tal coisa poderia ter acontecido. Edgar disse que ele também havia ficado surpreso de receber uma fatura pelos móveis, mas havia pago porque não desejava que ninguém se sentisse obrigado a doar ao hospital quando não quisesse. Doações eram esperadas vir do coração. A resposta de Edgar não satisfez Morton. O há muito fervilhante antagonismo entre Blumenthal e Kahn agora se tornava hostilidade aberta, e Morton exigiu que Edgar não desse a Dave Kahn mais leituras sem permissão expressa de Morton.

Edgar, que havia permanecido calmo quando exigências anteriores haviam sido postas sobre ele, explodiu. Ele, segundo se relata, voltou-se a Morton e disse: *"Por mais afeto que eu tenha por você, e por mais que eu aprecie tudo o que você tem feito por mim, no dia em que eu não puder dar uma leitura para Dave Kahn, ou para qualquer membro da família dele, ou para qualquer pessoa, é o dia em que 'pequeno Eddy' estará seis pés abaixo do chão."*

Na fervor do momento, as razões que haviam reunido o conselho parecem ter sido esquecidas. Por mais justificados que os Blumenthals estivessem em acusar Edgar de extravagância, não era extravagância caracterizada por carros chiques, casas belas, ou qualquer espécie de excesso material. A extravagância pela qual Edgar era culpado era a **caridade**. Sua meta o tempo todo havia sido dar seus serviços de qualquer maneira possível, e estava muitas vezes além de sua habilidade pedir dinheiro em troca. Posto simplesmente, Edgar não conseguia trazer-se a exigir pagamento por aquilo que acreditava ser um dom de Deus.

Nada mais foi dito na reunião sobre o tema das fracas habilidades gerenciais de Edgar ou de seu dar leituras para David Kahn. A

reunião terminou, e Morton pagou uma porção das dívidas mais prementes do hospital. Mas, em dezembro de 1930, os Blumenthals haviam novamente parado de pagar as contas do hospital, alegando que Edgar e os outros não estavam fazendo nada para conter as despesas. A conta da ANI estava em atraso em aproximadamente US$ 10.000,00. Morton demitiu Linden Shroyer e colocou Dr. Job Taylor diretamente no comando de toda a contabilidade e desembolsos do hospital. Talvez ainda mais sério, os pacientes que retornavam após as festas de fim de ano encontraram as portas temporariamente fechadas a eles, enquanto Morton e Dr. Taylor avaliavam o atual status das contas do hospital. Em uma reunião, pouco depois, em **28 de fevereiro de 1931**, eles fechariam as portas do hospital para sempre.

Antes da reunião, Morton aproximou-se de Hugh Lynn — membro votante do conselho da ANI — para informá-lo de que solicitaria que o conselho transferisse a propriedade do hospital a ele e ao seu irmão. Morton lembrou-o de que era ele quem havia pago pela educação de Hugh Lynn, e era ele quem lhe havia dado um emprego após a formatura. Morton disse a Hugh Lynn que, se ele não usasse sua influência para ver que o conselho aprovasse a resolução, seria demitido da equipe da universidade. Hugh Lynn ficou indignado de que Morton recorresse a tais táticas, e estava determinado a não deixar Morton ter o que queria.

A reunião foi realizada nos dormitórios das enfermeiras, no edifício adjacente ao hospital. Como sempre, Morton e seu irmão estavam impecavelmente vestidos. Edwin sentou-se quietamente em uma cadeira ao lado, enquanto Morton se levantou e fez uma breve revisão da história financeira do hospital. Listou então US$

10.000,00 em contas pendentes que haviam se acumulado. Por fim, propôs que o conselho da ANI formalmente entregasse a propriedade do hospital e todos os seus ativos a ele e ao seu irmão, como pré-requisito para a quitação de todas as contas pendentes da ANI. A moção foi votada contra, com Tim Brown, os Kahns, Hugh Lynn e Frank Bradley votando contra. Edgar absteve-se. Morton perdeu o controle. O advogado da associação, que estava sendo pago pelos Blumenthals, renunciou ao seu posto, e indicou que agora representava os Blumenthals pessoalmente.

Morton ameaçou forçar um fechamento imediato do hospital. Edgar então tomou a palavra, e durante o que Hugh Lynn descreveu como o discurso *"mais simples e mais belo"* que seu pai jamais havia feito, assegurou a Morton sua fé e confiança nele, e disse-lhe que, se ele queria o hospital e sua propriedade, gostaria de devolvê-los a ele, que pouco significariam sem o interesse e a cooperação de Morton. *"Morton deu a propriedade, e se ele precisa dela, devemos devolvê-la a ele,"* disse Edgar. Uma segunda votação colocou a propriedade do hospital nas mãos dos Blumenthals, com o voto decisivo lançado por Tim Brown, que acreditava não haver sentido em continuar as operações a menos que Edgar desejasse estar no comando.

Menos de um mês depois, uma segunda reunião do conselho foi realizada em Nova York, em que os papéis foram assinados que fecharam o hospital e dissolveram a ANI. Edgar retornou ao hospital uma última vez para coletar os registros das leituras em transe, um relógio que lhe havia sido dado pelos carpinteiros que

construíram o edifício do hospital, e uma fotografia da sua mãe, que havia pendurada sobre a lareira na entrada.

Gladys e os outros membros da agora extinta organização rapidamente entraram em ação, na esperança de recapturar o ímpeto dos seus anos anteriores. Centenas de cartas foram enviadas, notificando os apoiadores de Cayce do que havia acontecido, e pedindo sua ajuda para formar uma organização que substituísse a ANI. Leituras foram conduzidas para decidir o que devia ser feito, culminando em uma reunião em **28 de março de 1931**[171], atendida por quase setenta pessoas que se aglomeraram na sala de estar da casa de Cayce na Thirty-fifth Street.

Ao contrário das reuniões anteriores de membros gerais para o Congresso anual da ANI, aqueles que se levantavam ou se sentavam ombro a ombro na sala de estar da casa de Cayce eram relativos recém-chegados ao trabalho. Incluíam A. C. Preston, que havia estado com Edgar em Bimini para buscar tesouro; **Esther Wynne**, a professora de ensino médio que havia sido atraída ao trabalho após assistir a uma das palestras de Edgar; **Frances Morrow**, que se havia tornado uma estudante hábil das leituras desde que conheceu Edgar nos degraus do hospital; e o Reverendo Frank Scattergood.

Exceto Gladys, Leslie, Annie Cayce, Linden Shroyer e Dave Kahn, virtualmente nenhuma das pessoas presentes havia sido ativa no trabalho por mais de dois ou três anos. E nenhuma das pessoas presentes era rica ou influente, exceto talvez Kahn, que ainda estava lidando com processos legais e com a falência da sua própria empresa na esteira do mercado de ações em queda livre.

Ausentes, mas não esquecidos, estavam Frank Bradley e Byron Wyrick, que continuariam a apoiar o trabalho nos anos vindouros, e ajudariam a formar um grupo de apoio Cayce em Chicago. Tim Brown e Marion Stansell, agora trabalhando com Patricia Devlin no motor de movimento perpétuo, sequer enviaram um cartão. Eventualmente, Stansell desapareceu de vista por completo, esmagando para sempre o sonho dos Blumenthals de recuperar seu investimento em sua invenção.

Edgar abriu a reunião com um momento de oração silenciosa, depois proferiu um curto discurso sentido: *"Amigos, mal sei como me expressar ao ver cada um de vocês aqui esta tarde. Embora nos reunamos para um propósito muito definido, acredito que vocês dirão, quando tiverem deixado a reunião, que foi uma reunião incomum. Não se trata de podermos saber como continuar o trabalho, mas… que… iremos continuar o trabalho."*

Embora a vasta maioria dos membros fosse nova ao trabalho, todos expressaram seu encorajamento e compromisso em formar outra organização. E, ao contrário do pequeno núcleo de pessoas que havia trazido a ANI à existência, essas pessoas representavam um amplo espectro de apoiadores — a *"base de poder"* que Morton havia tentado criar quando os Cayces primeiro vieram a Virginia Beach. O novo grupo poderia não ter os meios financeiros para construir um hospital ou uma universidade, mas sua força residia em números, e no fato de que o futuro da sua organização não dependia da generosidade e da riqueza de qualquer indivíduo isolado. Ninguém endereçou a questão de como tal organização seria financiada, mas voltaram-se para a questão de como chamá-la. **Gray Salter**, primo de Hugh Lynn,

sugeriu que a chamassem *"National Association of Research and Enlightenment."* Ao final da reunião, foi decidido simplesmente chamá-la *"Association for Research and Enlightenment,"* ou ARE.

Foi apenas questão de meses antes que a universidade também fechasse as portas. Morton primeiro cortou os salários pela metade, depois recusou-se a pagar salários ou outras despesas por completo, resultando em outros US$ 10.000,00 devidos a comerciantes locais e a membros do corpo docente. Hugh Lynn descreveu a situação como um *"campo armado,"* com Dr. Brown e o corpo docente de um lado, e os Blumenthals do outro. Brown convocou uma reunião com todo o corpo docente e membros do conselho restantes no Cavalier Hotel. Morton e Edwin haviam sido convidados a juntar-se a eles, mas foram mantidos esperando do lado de fora da sala de reunião, com seu advogado de Nova York, enquanto Brown realizava uma discussão privada com o restante do corpo docente e dos membros do conselho. Quando Brown finalmente terminou sua reunião privada e convidou os Blumenthals para a sala, não foi para pedir suas opiniões, mas, sim, para exigir o pagamento imediato de US$ 10.000,00. Caso contrário, Brown, como presidente, fecharia a universidade. O advogado de Morton chamou o blefe de Brown. A menos que o conselho da Atlantic University assinasse um documento colocando a propriedade da universidade no nome de Blumenthal, nenhum centavo viria. Brown recusou, ponto em que os Blumenthals tentaram sair do edifício. Não puderam sair pelas portas da frente porque um guarda de segurança as havia trancado. Irado, Morton marchou até uma das portas laterais, chutou o vidro, e saiu.

Diferente de Edgar, que havia simplesmente entregado o hospital aos Blumenthals, Brown decidiu lutar. Chegou à corretora Blumenthal alguns dias após a reunião de Virginia Beach, acompanhado de um advogado de Nova York que era também executivo bancário importante. Morton e seu irmão mantiveram Brown e o banqueiro esperando por mais de uma hora antes de concordarem em deixá-los entrar. O advogado de Morton tomou a mesma abordagem que haviam tomado na reunião de Virginia Beach. A menos que Brown assinasse um documento devolvendo o que os Blumenthals consideravam legitimamente seu, eles deixariam a Atlantic University falir.

"Até este ponto, os Blumenthals deixaram você comandar o show, e você se aproveitou de cada privilégio que eles lhe deram, começando pela própria abertura da escola," disse Morton que seu advogado falou a Brown. *"Você quebrou cada promessa, violou mesmo as regras de cortesia comum, e os excluiu completamente da instituição que apenas o dinheiro e a generosidade deles tornaram possível. Sr. Brown, aquela faculdade é nossa — fundada pelo nosso dinheiro e pela nossa organização, e o senhor é nosso empregado."*

Brown, segundo se relata, voltou-se ao seu amigo banqueiro em busca de ajuda, ponto em que o banqueiro disse não ter sido propriamente informado sobre a matéria, e pediu para ser excusado. Brown deixou o escritório dos Blumenthals, retornando um dia depois para assinar um documento dando aos Blumenthals tudo o que queriam. A Atlantic University lutou por mais dois semestres antes de Morton e Edwin fecharem-lhe as portas, deixando muitos de seus professores e alunos encalhados no meio de um ano letivo, sem qualquer lugar para onde ir.

Como havia ocorrido em Hopkinsville três décadas antes, a parceria que havia começado com as melhores intenções, terminou no tribunal. David Kahn, irado pelo fato de que os Blumenthals chantageassem o conselho do hospital para entregar os ativos da ANI a eles, processou Morton e Edwin em nome de Edgar Cayce e da associação para a devolução da propriedade. Em um processo separado, Patricia Devlin processou David Kahn em nome de Morton e Edwin pelas notas que ele havia coassinado pela propriedade do hospital, e pelas opções de ações que ele havia comprado na margem antes do colapso. Então, Morton e Edwin processaram Edgar em outra ação civil pelos várias centenas de dólares que alegavam que Edgar havia sacado em despesas não autorizadas nos meses finais do declínio do hospital.

Edgar e Morton encontraram-se pela última vez em **11 de abril de 1932**, no **Princess Anne County Courthouse**, uma estrutura de tijolo vermelho com pórtico, com vista para gramados verdes e árvores de sombra esparramadas. Lá dentro, de pé na bancada das testemunhas, Edgar admitiu que Morton havia provido o dinheiro para a casa em que ele estava morando, bem como o hospital, cujos ativos haviam sido entregues aos Blumenthals durante uma reunião legítima do conselho realizada pela ANI, da qual Morton era então presidente. O juiz decidiu o caso da ANI a favor dos Blumenthals, e outro juiz, em 1937, decidiu contra Kahn pelos US$ 7.500,00 devidos à corretora Blumenthal.

Edgar estendeu sua mão a Morton no corredor fora da sala do tribunal quando seu próprio caso foi julgado, em 1932. *"É todo*

seu, Morton," disse ele. Morton respondeu: *"Você quer dizer* ***nosso carvalho****… Caiu."* Recusou-se a tomar a mão estendida de Edgar. Edgar e Morton jamais voltaram a falar-se. Cartas que Edgar escreveu pedindo uma reconciliação ficaram sem resposta.

---

168. 29 de outubro de 1929 — *Black Tuesday*: dia mais célebre do colapso da bolsa de Nova York; marco zero da Grande Depressão.↩
169. Segunda visitação cristológica direta a Cayce-em-transe (cf. [Cap. 41]): Jesus fala diretamente aos Blumenthals através das leituras.↩
170. Patricia Devlin: telefonista irlandesa-americana, ruiva e atraente, com quem Morton Blumenthal teve caso extraconjugal; pivô do escândalo que destruiria o casamento e o trabalho cayceano-financeiro.↩
171. 28 de março de 1931: fundação da ARE (Association for Research and Enlightenment), apenas um mês após o fechamento do Hospital Cayce em 28 fev. 1931.↩

PARTE VIII



CHAMADO DE VOLTA

43.
Comecemos pelo Princípio

Longas caminhadas pelas dunas de areia desertas, ou meditações silenciosas em sua horta, faziam pouco para remover a intensa dor e depressão que Edgar, agora com cinquenta e quatro anos, sentia nos meses após o fechamento do hospital. Gladys descreveu sua alma gêmea como *"apático"* e *"incapaz de se concentrar."* Os amigos ficavam perturbados ao vê-lo *"perplexo"* e *"hesitante."* Tinham toda a razão para se preocupar, pois seu ser físico claramente refletia sua turbulência interior: Edgar perdeu a voz mais uma vez, sofreu de neurite e prisão de ventre severa, e um simples resfriado tomou-lhe a maior parte de um mês para superar. Em menos de três meses, ele estava vinte libras mais leve, e sua face usualmente bronzeada estava abatida e cerosa. *"A menos que mudanças sejam feitas, isto pode tornar-se uma condição muito séria,"* alertou uma leitura física.

Tivessem as leituras não lhe dito para permanecer nas costas da Virgínia, ele certamente teria empacotado os pertences da família e se retirado para *The Hill*, onde, no mínimo, não teria de olhar para o *"grande fantasma branco"* que outrora havia sido o Hospital Cayce. E os Blumenthals não perderam tempo em liquidar o que restava da instituição. Designaram Patricia Devlin para demitir os médicos e terapeutas do hospital, levar embora os registros, e, por

centavos no dólar, desmontar e vender o equipamento. Dias depois, enquanto uma equipe de carpinteiros chegava para transformar o edifício do hospital em hotel, Morton despachou um xerife de Virginia Beach à casa dos Cayces com uma notificação de despejo. Já envolvido em dois processos judiciais sobre o fechamento do hospital, Edgar não estava prestes a iniciar um terceiro lutando para manter a casa que acreditava legitimamente pertencer-lhes a ele e a Gertrude.

Aluguéis eram caros e difíceis de encontrar no auge da temporada turística, e tudo o que os Cayces encontraram dentro da sua faixa de preço foi uma casa de campo de verão, com correntes-de-ar, no pé da 105th Street, que se voltava para o oceano de um lado e, do outro, para o agora extinto Hospital Cayce. A última tarefa de Edgar foi talvez a mais difícil: desenterrar um canteiro de violetas para transplante. Um sentimento de melancolia desceu sobre ele enquanto sacudia a terra das mãos e pensava nas frutas e legumes que ainda estavam por colher. A própria Gertrude tinha de se conter para não chorar, pois ela também havia derramado seus talentos criativos na casa da Thirty-fifth Street — o primeiro e único lar que ela e Edgar puderam verdadeiramente chamar de seu durante os vinte e oito anos de casamento.

Da janela do quarto do andar superior, em sua nova casa de campo na 105th Street, os Cayces tinham uma visão clara daquilo em que o antigo hospital havia sido convertido: o **Cape Henry Hotel**, administrado pelo irmão do homem que operava o *Princess Anne Country Club*. Menos de um ano depois, Morton e Edwin transformaram-no no **Princess Pat Hotel**,

presumivelmente nomeado em homenagem a Patricia Devlin, que gerenciou a propriedade em nome deles até que fosse fechada quatro anos depois. Mais tarde ainda, seria vendido e transformado em uma boate, depois em um clube de oficiais, e, por fim, em um Templo Maçônico.

Em uma noite, no fim do verão de 1931, Edgar estava sentado à janela do quarto na sua nova casa, quando Devlin recebeu uma festa para mais de cem amigos e admiradores para celebrar a inauguração formal do hotel. O som da música escapava do velho hospital, e havia muita dança e bebida. Bem cedo na manhã seguinte, pessoas ainda estavam saindo para a praia.

"Ninguém senão Deus sabe das angústias que tive sobre aquele lugar," admitiu Edgar em uma carta a Carrie House. *"Receio que jamais consigam fazer um sucesso de qualquer coisa nele, exceto daquilo para que foi construído. Sangue do coração de demasiada gente foi para aquele edifício, e ele foi dedicado a outro propósito que não simplesmente a folia."*

Os Cayces estavam, mais uma vez, em sérias dificuldades financeiras. Embora Edgar continuasse a dar leituras, mal tinham dinheiro para encerrar as contas. Embora muito houvesse acontecido nos últimos sete anos, tanto Edgar quanto Gertrude sentiam como se estivessem de volta exatamente onde haviam estado no Natal de 1925, quando Edgar enchera o paletó de jornais para se proteger do frio congelante em Dayton. Sem o conhecimento de Edgar ou de Gertrude, Gladys buscou melhorar a situação escrevendo dezenas de cartas aos membros da ARE, pedindo sua ajuda para encontrar à família Cayce um lar mais permanente e renda estável. Mas, no inverno de 1931, a Grande

Depressão estava bem em curso, e, embora a sua nova associação fosse alta em entusiasmo, permanecia escassa em fundos. A campanha de cartas de Gladys, eventualmente, lhes rendeu várias centenas de dólares, mal o suficiente para manter mantimentos sobre a mesa e lenha na lareira durante o que provou ser um dos invernos mais longos e mais frios da história de Virginia Beach.

A situação econômica dos Cayces logo chegou ao ponto em que seu crédito na mercearia local foi cancelado, e seus serviços públicos desconectados. Sem óleo combustível, os Cayces tinham de coletar madeira flutuante e outros detritos na praia para queimar na lareira. Mas, em vez de tentar tirar-se da depressão e fazer algo sobre o seu apuro financeiro, Edgar tornou-se ainda mais distante, e depois irracional. Gladys relatou que, quando alguns dólares de fato vinham, Edgar deixava de agir responsavelmente com o dinheiro. Em um caso, ele foi enviado por Gertrude à mercearia para acertar a conta deles, e voltou com uma vara de pesca nova e um punhado de iscas. Gertrude, segundo se relata, olhou para ele com desespero. *"Não se preocupe com isso, Mãe,"* respondeu ele. *"O dinheiro vai aparecer de algum modo."*

Em outubro de 1931, alguns dólares vieram, de fato, e esse dinheiro foi posto de lado para pagar pela passagem de trem de ida e volta para Gladys e os Cayces a Nova York, onde Dave Kahn e outros membros da associação haviam organizado uma série de leituras físicas. Cayce esperava que essas leituras gerassem fundos suficientes para sustentá-los pela temporada de fim de ano. Por algum tempo, parecia que Edgar conseguiria recapturar parte do ímpeto das visitas anteriores, quando os

Blumenthals tratavam a família a hotéis finos e noites no teatro. A agenda de compromissos estava cheia para toda a sua estadia de duas semanas no Victoria Hotel, e uma palestra que Edgar deu na **Sociedade Teosófica** lhes garantiu muitos novos apoiadores. A cortina caiu, contudo, em **7 de novembro**[172], no dia em que planejavam dar duas leituras finais antes de partir para Virginia Beach. Seus problemas começaram quando o seu compromisso das três horas foi subitamente cancelado, e Gladys aceitou uma leitura não-agendada para uma hóspede do hotel registrada como **Bertha Gorman**, que havia estado implorando por ajuda a Edgar por vários dias, e que oferecia três vezes a tarifa normal pela membresia na ARE.

A Sra. Gorman, e a sua acompanhante, **Sra. Anna McNamara**, foram vagas sobre como tinham ouvido falar de Edgar Cayce, ou exatamente sobre quem havia recomendado que ela obtivesse uma leitura. Tudo o que a consulente da leitura, de quarenta e cinco anos, disse sobre si mesma foi que era uma viúva desempregada de Wilmington, Delaware, que estava visitando a cidade para consultar médicos sobre uma doença não-revelada. Não havia nada de particularmente incomum em seu comportamento, exceto que nem ela nem a sua acompanhante quiseram assinar a inscrição na associação. Gertrude explicou que a assinatura era exigida, que Edgar dava leituras em transe sob uma carta-patente baseada na Virgínia, que estipulava que apenas membros podiam ter leituras. A leitura em transe não seria dada sem suas assinaturas. A Sra. Gorman e a Sra. McNamara leram o pedido e alegadamente assinaram-no.

A leitura foi incomum em duas formas significativas. Diferentemente da vasta maioria das outras leituras, a Fonte foi excepcionalmente vaga sobre o que exatamente afligia a Sra. Gorman. Tudo o que a Fonte indicou foi que a raiz dos seus problemas residia menos no físico e mais no espiritual. A Sra. Gorman deveria, afirmou a leitura, esclarecer seus ideais, e não deixar que suas necessidades materiais se tornassem seus princípios orientadores. A Fonte ainda afirmou que a Sra. Gorman sofria de solidão, alienação e falta de fé, e estes foram considerados de maior preocupação do que quaisquer dificuldades físicas, ou um empréstimo hipotecário com o qual estava preocupada naquele momento. Outro aspecto curioso da leitura ocorreu quando a Sra. Gorman perguntou sobre a saúde da sua irmã. A Fonte disse que nenhuma irmã podia ser encontrada. Talvez o aspecto mais interessante da leitura tenha sido a sugestão de que a própria Sra. Gorman, se desejasse, poderia desenvolver alguma habilidade psíquica.

A verdade, como mais tarde foi revelada no tribunal, era que a mulher que se autodenominava Sra. Gorman não tinha irmã. Por mais acurada que a informação em transe pudesse ou não ter sido, o conteúdo da leitura teve pouca relevância para o que se desenvolveu. Mal a leitura havia terminado e a Sra. Gorman e a sua acompanhante anunciaram que eram **policiais disfarçadas**. Um detetive apareceu à porta e prendeu Edgar, Gertrude e Gladys por *"fingir prever a sorte."* Para acrescentar à indignidade, alguém havia avisado a imprensa. Quando Edgar, Gertrude e Gladys deixaram a delegacia mais tarde naquela noite, libertados sob fiança, um fotógrafo do *New York Daily News* tirou-lhes uma

foto. Hugh Lynn não recebeu a notícia até o dia seguinte, quando leu a história nos tabloides e viu uma foto de Edgar e da sua *"bonita secretária loira"* sendo levados à prisão. Gertrude, que estava de pé entre Edgar e Gladys quando a foto foi tirada, havia sido cortada da fotografia.

Um julgamento foi marcado para **11 de novembro**. A cobertura foi esmagadoramente negativa, mas os Cayces encontrariam ao menos um repórter solidário em Tom Sugrue, agora trabalhando para o *Herald-Tribune*. Sua própria reportagem disfarçada do julgamento subsequente revelou como a imprensa havia sido avisada, bem como o nome da pessoa que ele acreditava ter pago pela conta de oito dias de hotel da *"Sra. Gorman"* e pela taxa de membresia na ARE: **Morton Blumenthal**. Como Edgar escreveu em uma carta à mãe de Gertrude: *"Os nossos bons amigos ainda estão tentando nos atormentar. Não lhes desejo nenhum mal, mas só desejo que me deixem em paz."*

Os apoiadores nova-iorquinos dos Cayces, dos quais havia muitos, entraram em ação. Um homem de negócios de Nova York, cujo irmão era proprietário do *Gallagher's Steak House*, forneceu a fiança e pagou as despesas para a estadia prolongada de Gladys e dos Cayces em Nova York; e um advogado de Norfolk e seu associado de Nova York concordaram em representá-los gratuitamente. No interim, Gertrude conduziu uma leitura para ver como deveriam melhor lidar com a crise. A leitura veio dizendo que deveriam responder às perguntas do promotor *"simples"* e *"verdadeiramente,"* e não complicar nem agravar sua situação. Foram assegurados de que o julgamento terminaria a seu favor, se mantivessem a verdade.

O Estado apresentou seu caso nos primeiros dez minutos do julgamento de duas horas no **Tribunal do Sétimo Distrito**. **Bertha Conwell**, a mulher que havia se passado por Sra. Gorman, contou como pagou US$ 70,00 em notas marcadas para que sua sorte fosse prevista, e essa quantia, junto com as anotações de Gladys e outros documentos, foram introduzidos como evidência. Foi apenas no contra-interrogatório que se revelou ao tribunal que os US$ 70,00 foram dados aos Cayces como pagamento pela sua membresia na ARE. Foi também apontado que a inscrição de membresia trazendo o seu nome e endereço, que a testemunha admitiu ter visto na suíte do hotel, e que ela alegadamente não havia assinado, não podia ser introduzida como evidência porque a polícia não pôde produzir o documento. A inscrição havia convenientemente desaparecido dos arquivos da polícia.

Dave Kahn foi o primeiro a testemunhar em defesa de Edgar. *"Este réu Cayce tem um poder incomum,"* disse ao tribunal. *"O que é, ninguém foi capaz de dizer. Eu tive advogados, médicos, presidentes de universidades nesta cidade, as pessoas mais proeminentes, e nenhum homem foi capaz de dizer outra coisa senão que é perfeitamente notável e que o que ele diz é a verdade… A nossa carta-patente [de associação] está organizada para o propósito de investigação e… os registros são guardados nos nossos arquivos."* Antes de descer, Kahn acrescentou: *"O homem não está comercializando isso, e um pobre homem da rua pode entrar."*

Gladys foi contra-interrogada em seguida, e forneceu o único momento humorístico durante os procedimentos. Perguntada se era casada, ela teria respondido *"sim."* Gertrude depois lhe deu uma cotovelada nas costelas e disse: *"Você sabe que isso não é*

verdade." Gertrude, é claro, estava certa. Gladys era legalmente solteira. Mas Gladys — pelo menos no sentido espiritual — considerava-se casada, se não com a sua alma gêmea, então com o trabalho. Gladys, que admitidamente estava nervosa e tinha de lutar para não mostrar seu pânico, foi em seguida perguntada se ela havia solicitado a leitura. *"Absolutamente não,"* respondeu.

Gertrude seguiu-a ao banco das testemunhas, e seu testemunho foi breve. Então Edgar foi chamado. Foi pedido a explicar o processo de transe, e disse que não sabia nada sobre o que dizia ou fazia durante uma sessão até depois de sair do transe, ponto em que o condutor lhe contava.

Minutos depois, o **juiz Francis J. Erwin** proferiu seu veredicto: *"Após ver as testemunhas do povo e os três réus, e a sua testemunha, no banco, e observar a sua maneira de testemunhar, e após ler os documentos no caso, considero como fato que o Sr. Cayce e seus co-réus não estavam fingindo prever a sorte, e que considerá-los culpados… seria uma interferência com as crenças, práticas ou usos de um corpo eclesiástico governante incorporado…"*

Edgar simplesmente ficou em silêncio enquanto todos os demais sorriam e apertavam as mãos. Dave Kahn deu a todos um grande abraço de urso, enquanto Tom Sugrue vibrava. Mas, por mais que Kahn e outros pusessem uma boa cara no episódio, Edgar abertamente o chamou de *"pesadelo,"* e afundou em uma depressão ainda mais profunda do que havia estado antes de vir a Nova York. Em seu retorno a Virginia Beach, sofreu um severo ataque de náusea e dor abdominal, que foi diagnosticado como **colecistite**, forçando-o a cancelar todos, exceto seus compromissos mais prementes. Uma leitura, embora não

sugerindo que ele estivesse seriamente doente, dizia que as coisas piorariam se o problema não fosse tratado.

Pesadelos assolavam as horas de sono de Cayce. Suas visões consistiam, às vezes, em pequenas criaturas escuras a que Edgar chamava *"impos,"* que puxavam suas mangas de camisa, ou se penduravam nos seus ombros, constantemente o puxando para a escuridão, ou fazendo-o perder o equilíbrio e girar desamparadamente em um vazio. Em outras vezes, ele sonhava com travar batalha contra exércitos sobrenaturais que carregavam lanças, escudos, tochas e elmos. Em um sonho particularmente ominoso, em **30 de novembro de 1931**, ele se encontrou em pé numa clareira da floresta, esperando ser acompanhado por outros que ele lideraria à batalha. Em meio a grande empolgação e clamor estrondoso, um grande cavalo apareceu vestindo um arnês reluzente. À medida que o cavalo se aproximava, Edgar de repente percebeu que ele era o cavaleiro, e que estava à frente de uma longa procissão de soldados. O sonho parecia estar lhe dizendo que a luta entre os exércitos sobrenaturais era por ele. Uma leitura subsequente disse que o sonho era uma advertência de que Cayce seria puxado de volta ao mundo do espírito, a menos que fosse retido aqui pelos seus amigos: *"[Pois] aqueles no [mundo do] espírito fariam tais reivindicações, ou exigências, que trariam uma separação do corpo."* Ao final dessa leitura, veio uma mensagem não-solicitada: *"Estamos chamando aqui. Há coisas a serem feitas!"*[173]

Ao ouvir essa pronunciação, Gertrude, tomada pelo medo, inclinou-se em direção ao marido — ainda em transe — e suavemente perguntou o que poderia ser feito. A Fonte

respondeu: *"Condições têm de ser enfrentadas! Há muita necessidade no mundo do espírito pelas atividades de [Edgar Cayce]."* Gertrude argumentou com a Fonte, dizendo que havia, certamente, muito mais pessoas no mundo material que precisavam dele, ela mesma e seus filhos incluídos. A Fonte respondeu: *"Então deve haver tais que pesem mais do que aqueles que chamam [do outro lado]."*

A única consolação de Edgar naquele ano, e a coisa que Gertrude e Gladys, em última análise, vieram a acreditar terem mantido Edgar no *"plano terreno"* durante os meses que se seguiram, foi a formação de um grupo espiritual de estudo, que os Cayces chamavam de *"bom círculo,"* e que mais tarde viria a ser conhecido como o **Norfolk Study Group**[174]. Um grupo menor de oração, composto de muitos dos mesmos membros, foi formado cerca de três semanas depois, inspirado em um sonho que Edgar havia tido. Esse grupo passou a ser conhecido como os **Glad Helpers**, nomeado segundo o programa de ação de que Edgar havia participado em Louisville muitos anos antes. Juntos, esses dois grupos permitiram a Edgar e aos outros sentirem-se mais otimistas sobre os desafios que enfrentavam na esteira do fechamento do hospital e das prisões em Nova York.

Membros dos grupos originais de oração e de estudo de fato haviam estado juntos desde antes mesmo de os Cayces se mudarem para a praia. Em 1925, uma dona de casa local, **Edith Edmonds**, havia se reunido com a sua irmã, Florence, uma enfermeira, e suas amigas — entre elas Mary Louise Black, Esther Wynne, Hannah Miller e Minnie Barrett — para estudar as grandes religiões do mundo lendo livros sagrados. Como Edgar frequentemente gostava de dizer, eram compostos de quase todo

"culto ou ismo" que ele podia imaginar. *"[Há] rosa-cruzes de três escolas diferentes… também um curador da Igreja Espiritualista,"* Edgar diria. A maioria dos membros, contudo, praticava o cristianismo padrão. Eventualmente, o grupo desejou expandir seu estudo, e em 1930 começou a frequentar a série de palestras no Hospital Cayce com a ideia de explorar suas próprias potenciais habilidades psíquicas. Seu entusiasmo pela mensagem que estava sendo apresentada nas palestras de Edgar trouxe-os profundamente à vida da associação, e os Cayces, subsequentemente, convidavam-nos à sua casa sempre que pessoas importantes ou interessantes vinham à praia.

Após uma breve reunião do grupo informal em uma cafeteria de Virginia Beach, em agosto de 1931, Edith Edmonds, ciente de que o Hospital Cayce havia sido fechado e que os Cayces haviam perdido uma fonte importante de apoio, enviou um bilhete manuscrito a Edgar em nome dela e das suas amigas, perguntando como poderiam ser de assistência. O bilhete agradou muito a Edgar, e um mês depois uma leitura foi conduzida para responder a essa pergunta.

Durante essa primeira leitura, realizada na sala de estar de Minnie Barrett em **14 de setembro de 1931**, Cayce — em transe — invocou a mensagem de Jesus, conforme apresentada na Bíblia: *"Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles."* Também lhes ofereceu uma promessa: se fossem sinceros em seu desejo e compromisso, poderiam dar *"luz ao mundo que aguarda."*

Todos ficaram contentes e empolgados enquanto Edgar lhes contava como cada um deles podia contribuir para o

desenvolvimento espiritual dos outros, e que os esforços combinados deles se tornariam *"luz"* em suas próprias vidas e nas vidas de muitos outros. A leitura afirmava que cada membro do grupo viria a ter algo diferente: *"A alguns serão dados aqueles [dons] de profecia; a alguns serão dados aqueles de ensino; a alguns serão dados aqueles de ministério."* Perguntado a esboçar os passos que deveriam dar para tornar-se mais de uma só mente, Cayce foi bastante claro. *"Primeiro,"* disse ele, *"aprendei cooperação!"*

Os membros do novo grupo ficaram tão impressionados e encantados com a leitura que, no mesmo dia, fizeram a promessa de permanecer juntos para ver aonde as leituras os levariam. Comprometeram-se também a cumprir com o regime estrito de oração, meditação e estudo que devia acompanhar as leituras. Cada membro meditaria todas as manhãs em sua própria casa, consciente do fato de que os outros membros do grupo estariam meditando ao mesmo tempo. Buscariam também, fielmente, aplicar as lições e as leis espirituais apresentadas nas leituras de Cayce. Perguntada qual deveria ser sua próxima lição, a Fonte os admoestou a não avançar até que terminasse com a primeira lição. *"Tomemos uma de cada vez… **Comecemos pelo princípio!**"*

Em **4 de outubro de 1931**, uma terceira leitura sobre cooperação foi conduzida, e ao grupo foi dada uma oração para meditar. *"Não a minha vontade, mas a Tua, ó Senhor, seja feita em mim e através de mim. Que eu seja sempre um canal de bênçãos, hoje, agora, para aqueles que contato, em todos os modos. Que o meu entrar e o meu sair sejam de acordo com aquilo que Tu queres que eu faça, e quando o chamado vier: **Eis-me aqui, envia-me, usa-me!**"*

Em 18 de outubro, uma quarta leitura foi dada, também enfatizando a importância da cooperação. Esther Wynne, secretária do grupo, havia começado a compilar as mensagens de Cayce em um plano de aulas, que cada membro podia levar para casa e estudar. Em 29 de novembro de 1931, o Norfolk Study Group foi capaz de apresentar um sumário da sua primeira lição, junto com um formato sugerido de como essa lição e as lições futuras poderiam ser usadas pelo grupo deles e por outros. Cada reunião, foi proposto, começaria com a leitura da lição como um todo. Em seguida, memorizariam a oração dada na sessão de transe anterior, estudariam as lições por tópico, e então meditariam antes de tentar levar o que aprenderam à sua vida cotidiana. A Fonte ficou satisfeita, e indicou que estavam prontos para começar a sua segunda lição: ***"Conhece-te a ti mesmo."***

Edgar, Gertrude, Gladys e Mildred viriam todos a tornar-se membros do grupo de estudo, assim como Hugh Lynn, que se tornou um dos seus líderes. Hugh Lynn não tinha muita esperança de que o grupo de *"donas de casa,"* como às vezes se referia a elas em particular, ficaria junto além do primeiro ano ou dois, nem achava que poderiam apoiar e proteger a nascente ARE contra os tabloides ou a corretora Blumenthal. Mas sabia que seu pai estava se beneficiando muito do senso de camaradagem e apoio que derivava de participar das suas sessões em transe e frequentar as reuniões deles. Em contraste com as atividades do grupo de estudo, ele e Dave Kahn acreditavam que a salvação de Edgar e da ARE estava em uma maneira inteiramente diferente: localizar poços de petróleo ou tesouros perdidos, ou leituras de alta visibilidade que capturassem a atenção da imprensa. Para

esse fim, ambos perseguiram uma variedade de esquemas para ganhar dinheiro, o que provavelmente apenas serviu para prolongar a depressão de Edgar.

Hugh Lynn, que não havia participado muito das primeiras expedições de caça ao tesouro, havia se tornado tão obcecado em encontrar tesouro escondido quanto seu pai uma vez havia sido obcecado em encontrar petróleo. Desta vez, o local não era na Flórida, nem nas Bahamas, mas muito mais perto de casa, em **White Horse Hill**, em Virginia Beach, em uma área anteriormente conhecida como o **Cape Henry Desert**. Embora referida como deserto, a área era qualquer coisa menos estéril, consistindo em colinas de areia e pântanos cobertos de rica vegetação verde e cipós pendentes. Caçadores de tesouros há muito vinham se interessando pela área, dado que alguns dos assentamentos mais antigos do país haviam sido nas proximidades. **Barba Negra**, o pirata, foi morto em Oregon Inlet, na Carolina do Norte, apenas algumas milhas ao sul, e a lenda dizia que ele havia enterrado uma fortuna em tesouro em ou perto de White Hill, ao longo de uma antiga trilha indígena que conduzia da praia. Hugh Lynn acreditava que encontrar o tesouro de Barba Negra seria a resposta a suas dificuldades financeiras, assim como seu primo, Gray Salter, seu amigo Dr. Owen Snyder, e talvez mais significativamente, A. C. Preston, o primeiro gerente da ARE. A pedido deles, e em meio ao que Hugh Lynn descreveu como graves *"reservas"* de seu pai em continuar a se envolver em ainda mais caças ao tesouro, conduziram a primeira leitura sobre o tema.

Como em toda outra leitura de tesouro, a Fonte prefaciou seus comentários enfatizando a necessidade de os buscadores terem a atitude mental certa. *"Em buscar tal informação… muita consideração deve ser dada a respeito de propósitos, objetivos e ideais,"* começou a leitura. Hugh Lynn e os outros ficaram entusiasmados com o que veio a seguir. *"Como encontramos, há — e tem havido — tesouros, ou dinheiros, joias, papéis, e tais, que foram postos nesta vizinhança."* A Fonte passou a descrever um tesouro em excesso de US$ 1.000.000,00 escondido em um antigo cemitério indígena, dez a doze pés a sudoeste de uma árvore-da-borracha morta, no lado oeste de White Horse Hill. Hugh Lynn tinha mais uma pergunta a fazer. Tendo passado a perceber que a Fonte para as leituras médicas não era a mesma fonte que para os negócios e outras leituras, queria saber quem estava fornecendo essa informação por meio de Edgar Cayce. A resposta foi bastante reveladora, pois sugeriu que a Fonte eram agora **índios falecidos** que desejavam que o tesouro fosse removido do solo sagrado deles.

Empolgado, Hugh Lynn, Preston, Gray Salter e Owen Snyder lançaram o que equivaleu a um assalto a White Horse Hill. Isto provou ser um tanto problemático, porque a localização viu-se ser um parque estadual. Os buscadores enfrentaram a escolha de caçar tesouro furtivamente, ou obter permissão das autoridades. Hugh Lynn decidiu ir às autoridades, e subsequentemente obteve uma licença para escavar artefatos. Mas suas primeiras incursões a White Horse Hill renderam pouco mais do que uma pilha de latas deixadas por campistas descuidados. Uma inspeção mais cuidadosa, contudo, revelou alguns outros tantalizantes artefatos. Gray Salter encontrou um antigo mosquete embrulhado em pano

oleado escondido em uma árvore oca, e não muito longe Snyder encontrou a lâmina enferrujada de uma espada enterrada em um toco. Sua busca continuou pelo inverno, à medida que mais leituras eram conduzidas. Seu desafio mais significativo era o fato de que White Horse Hill abrigava não apenas uma árvore-da-borracha morta, mas várias. Havia também um problema de profundidade. Segundo as leituras, o esconderijo de pilhagem estava enterrado *"extremamente fundo."* Uma verdadeira manta de raízes de árvore espessas e vegetação rasteira tornava mesmo a mais rasa das escavações um empreendimento maior.

Edgar Evans mais tarde retomou onde Hugh Lynn havia falhado. Ele e os seus parceiros eventualmente convidaram um vendedor de jipes para se juntar a eles, e usando seus contatos, requisitaram o uso de um caminhão auxiliar de bombeiros com tração nas quatro rodas, que a equipe forçou pelo pântano e subiu a encosta de White Horse Hill. Apesar das grandes dificuldades logísticas de levar o caminhão até o local, e da tarefa igualmente formidável de tirá-lo de volta, em um único dia eles lavaram mais areia e terra fora da colina do que uma dúzia de operários poderia ter cavado em uma semana. Nem um único osso indígena ou dobrão de ouro foi encontrado, e a equipe decidiu, nesse ponto, desistir da busca. Se eles simplesmente não conseguiam cavar fundo o suficiente, ou se a Fonte estava errada sobre a localização, eles jamais tentaram descobrir em uma leitura subsequente.

Dave Kahn também temporariamente entraria em cena para tentar ajudar a aliviar a situação financeira dos Cayces. Mas a sua solução, como a de Hugh Lynn antes dele, foi envolver Cayce no que prometia ser uma experiência ainda mais desmoralizante do

que o seu fracasso em encontrar tesouro enterrado. A leitura que Kahn solicitou foi para localizar **Charles Augustus Lindbergh Jr.**[175], o filho bebê do mais renomado piloto da América, que foi sequestrado da casa da família em **Hopewell, Nova Jérsei**, em **1.º de março de 1932**.

Kahn solicitou a leitura em nome do **Major Thomas G. Lamphier**, alegado a ser amigo pessoal próximo da família Lindbergh. Em certo grau, o pedido em si beirava a fraude, pois a família Lindbergh não havia sido contatada sobre a leitura, nem se sabe se eles teriam posto sua fé em informação vinda de alguém com quem não tinham contato em primeira mão, quanto mais um psíquico. Embora Kahn e Lamphier pudessem ter o interesse da criança em mente, seus motivos eram complicados pela publicidade que sabiam que seria gerada caso Cayce ajudasse os investigadores a localizar a criança, bem como pela recompensa de US$ 10.000,00 que estava sendo oferecida pelo retorno bem-sucedido da criança.

A primeira leitura foi conduzida em 9 de março de 1932. Cayce — em transe — não pareceu ter a menor dificuldade de voltar no tempo para fornecer os detalhes: *"Sim, temos o corpo aqui, Charles Augustus Lindbergh Jr.,"* disse ele. *"19h30 — 20h30 — ele está sendo removido do quarto — É carregado por um homem. Há outro esperando, e que pega o corpo enquanto este é abaixado ao chão. Eles imediatamente viram à direita, e através dos terrenos circundantes, partem… [Eles vão] ao norte, e através das… seções periféricas [da cidade]. Agora… outro carro é usado para ir… a Jersey City e através dos túneis. Em seguida atravessa a cidade pela manhã, levado a Connecticut, naquela região de* ***Cardova****, e ali o corpo está… não longe de New Haven."*

Cayce — em transe — passou a dizer que o cabelo da criança havia sido mudado. O carro foi mais tarde descrito como um automóvel Mercer, cuja placa havia sido mudada. A casa onde a criança estava sendo mantida foi descrita como um edifício de dois andares de estrutura de madeira na **437 Scharter Street**, descrita como tendo sido pintada de verde uma vez, e estando agora marrom-suja. Havia três homens e uma mulher na casa com a criança. O nome da mulher foi dito como **Madge Beliance**. Um dos homens, descrito como o líder, era chamado **Megleo**.

Kahn e Lamphier, aparentemente, contactaram as autoridades imediatamente, que foram incapazes — se de fato investigaram o relatório inicial de Kahn — de localizar a casa. Assim, em 10 de março, outra leitura foi solicitada. Desta vez, a localização foi novamente dita ser Cardova. Contudo, a Fonte apontou que essa não era uma área encontrada no mapa, mas uma que estava conectada a uma companhia que fabricava produtos de couro. Cayce deu mais direções, indicando que havia uma placa em uma rocha na esquina da estrada, parcialmente coberta, identificando-a como Scharter Street. Passou a descrever a casa uma segunda vez, apontando que havia duas cabras no quintal, uma marrom e uma branca. À época dessa leitura, o líder, Meg, foi dito estar na sala-grelha do **Taft Hotel** tomando uma coca.

Desta vez, Kahn e Lamphier dirigiram de Nova York e tentaram procurar a casa eles mesmos, mas logo se perderam em uma seção de New Haven onde todas as ruas eram numeradas e muitas das casas pareciam iguais. Kahn e Lamphier brevemente consideraram fazer Edgar juntar-se a eles em Connecticut, mas discutiram sobre quem pagaria a passagem de trem. Em vez

disso, decidiram telegrafar a Edgar para instruções mais explícitas. Desta vez, a Fonte tornou-se quase sarcástica, referindo-se a eles como *"mentes pequenas,"* e castigando-os por não seguir as direções como dadas. *"As direções foram dadas… Será tarde demais depois de um tempo!"*

Embora Edgar estivesse decepcionado de que a casa não houvesse sido encontrada, ele não estava surpreso. Após ter caminhado o comprimento da Ilha de Bimini procurando marcos que podiam ou não ter sido lavados pelas águas centenas de anos antes, e após ter gasto dezenas de milhares de dólares perfurando poços em terras que não produziam o petróleo que a Fonte alegava conter, ele não tinha muita esperança de responder a um pedido que não havia vindo diretamente de Charles ou Anne Morrow Lindbergh. *"Sempre tive minhas dúvidas sobre qualquer coisa muito autêntica [vindo] em tais matérias, a menos que viesse de si própria por meio de indivíduos profundamente interessados,"* Edgar escreveu a Kahn em 12 de março de 1932.

A falta de entusiasmo de Edgar não impediu Kahn de pedir informação adicional. Em 12 de março, Kahn envolveu outro amigo do Coronel Lindbergh. A leitura desta vez indicou que Cardova era uma área de New Haven onde sapatos, botas, selas e outros produtos de couro eram fabricados. A entrada da fábrica foi descrita, e a casa foi localizada em relação a essa descrição. A Fonte identificou uma rua perto de Scharter, **Adams Street** — uma rua, eles mais tarde descobriram, que não estava sequer no mapa, porque havia sido renomeada apenas duas semanas antes. Kahn e Lamphier estavam novamente incapazes de encontrar a casa, e solicitaram outra leitura em 13 de março. A resposta veio:

*"Vire à direita na nova **Macadam Road**, na rua-meio antes do final da Adams, dois décimos de milha."*

Ainda outra leitura foi dada. Kahn tomou abordagem diferente, perguntando mais sobre os indivíduos envolvidos. Disse-se-lhe para encontrar a criança, não focar nos gângsteres. Mesmo assim, mais informação sobre os sequestradores foi fornecida. Um deles era uma pessoa chamada *"Rosenblat"* ou *"Rosenthal,"* que havia cumprido pena na **Sing Sing Penitentiary** em 1922, e que outrora havia sido empregado pela família Lindbergh usando um nome diferente. *"Foi 15 de outubro, segundo encontramos, quando [ele foi] dispensado — sob outro nome… Douger ou Dogan — quando dispensado."*

Kahn continuou incapaz de encontrar a rua. Quando a próxima leitura foi solicitada e conduzida, a criança Lindbergh, segundo a Fonte, havia sido transferida para Jersey City por um carro com a placa de Nova York 2M 217. As direções para a casa não eram tão claras quanto haviam sido para a localização em New Haven. Desta vez, Cayce descreveu a localização como sendo uma rua que cruzava Broad Street no Jersey City Guaranty Trust Building. *"Está três ruas acima desse terminal de ônibus — desce por uma colina — uma pequena viela…"* disse Cayce. A leitura também indicou que a criança não estava bem.

Nesse ponto, Kahn não prosseguiu sua investigação. A razão primária era que se disse a Kahn em uma leitura de 26 de março de 1932 que ele não podia fazer nada para promover a investigação policial, e que deveria abandonar o assunto. Outra razão, contudo, era que ele tinha as mãos cheias com os processos de falência da sua própria companhia, e com Morton Blumenthal,

que estava fazendo esforços para ter Kahn preso por não pagar o acordo devido a ele do processo civil. Para grande embaraço de Kahn, ele eventualmente foi preso e logo se viu sujeito a duas matérias desfavoráveis no *New York Times*, passou uma noite na cadeia, e foi multado em US$ 250,00.

A decisão de Kahn de não prosseguir com a investigação Lindbergh, contudo, não foi o fim do envolvimento deles no caso, pois, em março de 1932 — desconhecido a Kahn ou a Cayce —, o **FBI** estava investigando a investigação policial do sequestro Lindbergh. O nome de Edgar Cayce, e o de David Kahn, eram agora considerados parte do arquivo oficial Lindbergh. Embora o grau em que Kahn e Cayce foram pessoalmente investigados seja desconhecido, comunicações posteriores entre David Kahn e **Harold G. Hoffman**, governador de Nova Jérsei, em dezembro e janeiro de 1935, sugerem que uma possível razão pela qual Kahn e Cayce foram investigados era que parte da informação de Cayce havia sido acurada, embora nada dela se referisse a **Bruno Richard Hauptmann**[176], o homem que foi preso pela polícia.

Em uma carta datada de 30 de dezembro de 1935, três anos e meio depois de Kahn ter primeiro iniciado leituras sobre a criança sequestrada, o Governador Hoffman solicitou respostas a vinte e quatro perguntas. Entre essas perguntas estava se Hauptmann havia agido sozinho ou não, por que Hauptmann não disse tudo o que sabia sobre os outros envolvidos no crime, e se certos elementos de evidência no caso haviam sido plantados. Em consonância com as leituras anteriores no caso, Cayce — em transe — afirmou que Hauptmann teve algum envolvimento, embora aparentemente não tanto quanto o caso da promotoria

sugeria, e que ele não era a única parte culpada. A leitura também sugeriu que aquelas *"partes"* que buscavam a informação não estavam necessariamente buscando que se fizesse justiça, mas tinham outros motivos. A Fonte disse que, se os *"oficiais apropriados"* assumissem a responsabilidade de seguir as pistas dadas — embora pudesse trazer críticas —, ajuda chegaria *"por meio deste canal."*

Hugh Lynn enviou uma carta contendo a leitura, junto com uma explicação ao governador. Nela, ele explicava como Cayce conduzia suas leituras, e como a *"verdade"* só podia ser encontrada se todas as pessoas envolvidas estivessem genuinamente interessadas em sua descoberta. Hugh Lynn também pediu que o nome de Cayce não fosse usado em conexão com o caso, independentemente dos resultados. Eles não ouviram mais nada do governador, e Bruno Richard Hauptmann morreu na cadeira elétrica em **3 de abril de 1936**, em meio a uma nuvem de controvérsia sobre se havia ou não agido sozinho, e após repetidamente insistir que não era culpado das acusações. Se há alguma evidência que apoie a informação que veio através de Cayce, ela ainda está por ser tornada pública.

---

172. 7 de novembro de 1931: prisão de Cayce em NY por *"fingir prever a sorte"*. Inocentado pelo juiz Francis J. Erwin. ↩
173. *"Estamos chamando aqui. Há coisas a serem feitas!"*: título da Parte VIII (*Called Back*) — convocação cayceana de retomada após o colapso institucional. ↩

174. *Norfolk Study Group*: grupo de estudo cayceano fundado em 14 set. 1931 em Virginia Beach; ativo até 1944. ↩

175. Sequestro do bebê Lindbergh: Charles A. Lindbergh Jr., filho do aviador, sequestrado em 1.º mar. 1932. Cayce conduziu várias leituras sem sucesso prático. ↩

176. Bruno Richard Hauptmann (1899-1936): imigrante alemão-americano condenado pelo sequestro/morte do bebê Lindbergh; executado na cadeira elétrica em 1936. ↩

44.
Aquele Que Perseverar

Embora pouco fizesse para aliviar a sua miséria, Edgar concluiu que o fracasso do hospital não havia sido apenas resultado de escolhas conscientes feitas por ele e por outros, mas que o *karma* — aquela memória interior profunda e duradoura dos relacionamentos através do tempo e do espaço — havia estado em toda parte presente nos eventos que conduziram ao fechamento do hospital. Como atores disputando o papel principal num drama, cada pessoa envolvida no hospital havia estado preocupada demais consigo mesma para realizar a tarefa maior de coletivamente encenar a peça. Seu suposto diretor, o **Mestre dos Mestres**, conhecia os desafios que confrontavam o grupo, junto com as severas consequências que viriam do fracasso deles em nele confiar enquanto a cortina se erguia. A Fonte confirmou isto em uma leitura dada ao próprio Edgar: *"Não esperes que dias maus não venham sobre cada e todos, pois — como foi dado — [desafios] devem mesmo vir."*

Por mais disposto que Edgar estivesse a tomar para si a culpa inteira, outra leitura forneceu alguma consolação e sugeriu o grau em que várias forças estavam aliadas contra ele. Em referência a uma passagem da Epístola de Judas, a Fonte notou: *"Pois tem havido a contínua batalha com aquelas forças [o diabo], como Miguel*

lutou com sobre o corpo de Moisés. Aquele que conduz, ou orienta, é continuamente assediado pelas forças que iriam minar… [Mas] aquele que perseverar até o fim, vestirá a coroa."

A Fonte ofereceu outro encorajamento, também. Com o fechamento do hospital e a severa tensão financeira que novamente afligia os Cayces, é compreensível que Edgar, Gertrude e Gladys pensassem o seu trabalho como fracasso completo. Mas a Fonte indicou de outra maneira. Perguntada por que os Cayces estavam tendo tantas dificuldades, a Fonte respondeu: *"Aquele que olha para as condições monetárias como sucesso, olha em vão! [O trabalho] obteve sucesso para além de toda medida, nas forças espirituais."*

Por mais encorajadora que essa leitura tenha sido, Gladys e Gertrude estavam ainda seriamente preocupadas com o fato de Edgar estar sendo chamado de volta ao mundo do espírito. Os sonhos de Edgar prediziam isso, e até começaram a sugerir que ele estava em vias de ser preparado para essa transição. Em um sonho que Edgar relatou, ele havia se encontrado com o **Anjo da Morte**, que lhe disse para se preparar para deixar este mundo, e que ele só poderia levar consigo aquilo que houvesse *"dado."* Hugh Lynn, buscando levantar o ânimo de Edgar, disse-lhe: *"Pai, estou pensando que vão precisar de um [trem] expresso para levar toda a sua bagagem!"*

Apesar do seu humor, Hugh Lynn, como Gertrude e Gladys, sabia que algo tinha de ser feito. Exatamente o que devia *"ser feito"* não estava claro, mas as *"forças invisíveis"* que falavam por meio de Cayce claramente tinham algo mais em mente do que o que estava ocorrendo. Como Hugh Lynn, Gertrude e Gladys mais

tarde concluíram, era como se as metas do trabalho estivessem sendo reavaliadas, e o antigo plano de construir um hospital ou um instituto de pesquisa houvesse sido abandonado em favor de alguma tarefa indefinida. Sua primeira diretriz da Fonte era encontrar a Edgar Cayce e à ARE uma residência mais permanente, um lugar que, de fato, mantivesse *"Edgar em casa."*

A necessidade disso seria intensificada no início de 1932, quando, justo quando Edgar estava se preparando para fazer sua jardinagem de primavera, os Cayces descobriram que seus outrora *"bons amigos,"* os Blumenthals, haviam feito preparativos para comprar ou alugar a casa da 105th Street em que estavam morando, forçando-os a mudar mais uma vez. Assim, em março de 1932, os Cayces e Gladys instalaram-se em duas pequenas casas de campo na **Lake Drive**, que corria ao longo do lago salobro de Lake Holly em uma seção da cidade chamada **Pinewood**, na extremidade sul da praia. *"Duas pelo preço de uma!"* declarou Edgar, caracteristicamente dando um tom positivo à mudança. Contudo, em termos de conveniência e tamanho, as duas casas de campo deixavam muito a desejar.

De um ponto de vista espiritual, contudo, os sonhos de Edgar sugeriam que as coisas estavam melhorando. Ele solicitou uma leitura sobre um sonho que teve no fim de março, que descreveu como segue: *"Vi um pequeno monte de folhas mortas. Enquanto eu olhava… [uma] cobra pôs a cabeça para fora e disse: 'Não me bata — e eu não vou mais te incomodar.'"* A Fonte interpretou esse sonho como indicando uma *"limpeza do sistema daquelas coisas que são vis"* e a iminente chegada *"daquela paz, conforme buscada."* Edgar sentia que estava a caminho de ganhar aquela coroa prometida àquele

"que perseverar." A Fonte havia frequentemente dito que havia muitos paralelos entre as encarnações egípcias de Edgar, Gertrude, Gladys e Hugh Lynn e suas vidas atuais. Reconhecendo isso, e na esperança de receber boas notícias, perguntaram à Fonte se a parte de suas vidas *"correspondente ao período de banimento"* no Egito estava para trás deles. A resposta encorajadora veio: *"[Vós] entrais naquele período da reunião para o desenvolvimento das verdades como podem ser ministradas a outros, ou o ministério no Egito, como foi dado, [e] foi um começo [de] um levantamento, um assentamento, um ministério… [Vós] entrais naquele do ministério, ainda em meio aos pangos dos levantamentos."*

Os *"pangos dos levantamentos,"* aparentemente, incluíam dificuldades financeiras contínuas, e ainda outra mudança de casa. Embora os Cayces tivessem feito um arrendamento de um ano em sua nova propriedade, uma cláusula permitia ao proprietário cancelar prematuramente o arrendamento, caso as casas fossem vendidas. Apenas um mês após a mudança, a propriedade foi vendida, e os Cayces saíram à procura de outra casa.

Por essa altura, os Cayces descobriram um espaçoso, mas decadente, aluguel de verão à venda do outro lado do lago, na **Arctic Circle**[177]. A Fonte recomendou que comprassem em vez de alugar, e decidiram agir sobre o conselho. Segundo um relato, Edgar — sem sequer US$ 100,00 no banco — telefonou ao proprietário da casa da Arctic Circle, e disse que queria comprá-la. Edgar concordou em pagar US$ 500,00 em trinta dias como entrada, com hipoteca remanescente — detida pelo vendedor — de US$ 4.600,00. Quando a entrada veio a vencer, contudo, os

Cayces ainda não tinham o dinheiro. Justamente quando Edgar estava prestes a desistir de comprar a casa, o proprietário ligou para se desculpar, dizendo que não conseguiria vir com os documentos necessários e coletar a entrada deles senão na segunda-feira seguinte. O proprietário queria saber a que horas, na segunda-feira, deveria ligar. Aleatoriamente, Cayce disse meio-dia. E, para grande alívio de Edgar, a correspondência da manhã, na segunda-feira, trouxe aos Cayces dois cheques de receptores satisfeitos de leituras. **Harry Goetz**, um produtor cinematográfico de Hollywood, enviou um cheque de US$ 250,00 em gratidão por ajudar seu filho, vítima de pólio, e o outro cheque veio de **Helene e Ernest Zentgraf**, membros relativamente novos da ARE de Staten Island, Nova York, que haviam recebido tanto leituras físicas quanto leituras de vida. Embora a entrada não fosse muito dinheiro contra o principal, ela, como Edgar escreveu a Alf Butler, *"depois de alguns séculos,"* forneceria à família *"alguma equity no lugar."*

Edgar e a sua família ficaram aliviados por finalmente ter uma casa que pudessem chamar de sua, mesmo que estivessem um tanto assustados com sua aparência desolada. Grandes arbustos descuidados e ervas altas mascaravam seus contornos, e a hera havia crescido para dentro da casa por meio das fendas das paredes. O lago, na parte de trás da propriedade, havia invadido o quintal, e juncos e taboas cresciam a poucos pés das escadas dos fundos. Apesar de sua condição dilapidada e de localização um tanto pobre — ficava logo ali, na rua, de uma sala de dança e de um parque de diversões, e a apenas uma quadra da cadeia —, Edgar achava que tinha um ar de quieta dignidade e beleza, bem

como vista espetacular. Ficava a apenas duas quadras do oceano. *"Imagine olhar para fora de uma janela e ver o lago, enquanto olha para fora de outra e vê o oceano,"* escreveu Edgar a um amigo.

O mais importante para a família, os quatro quartos eram grandes o suficiente para acomodar a todos. Hugh Lynn e Edgar Evans dividiam um quarto na ala norte, e Leslie Cayce — descrito por Edgar como tendo agora se tornado um *"viúvo rabugento"* — tinha o seu próprio quarto no topo da escada. Gladys e a sua prima Mildred dividiam um terceiro quarto, e Edgar e Gertrude tinham o quarto.

Mal haviam se mudado, e Edgar requisitou o solário do andar inferior para o seu escritório, e imediatamente o decorou com fotografias de amigos e família, e uma estante onde guardava bibelôs e *souvenirs* da sua carreira. Edgar havia exibido fotografias em todos os seus escritórios anteriores, mas, dessa vez, ele pendurou quase tudo o que tinha — mais de sessenta fotografias emolduradas, ao longo das paredes, com duas pinturas e cópias impressas de algumas das suas orações favoritas. No escritório da ARE no andar superior, Gladys, Hugh Lynn e Mildred tinham, cada um, suas mesas.

Edgar pôs-se novamente a fazer um jardim com as plantas que haviam sobrevivido a três mudanças diferentes. Como escreveu a um amigo: *"Praticamente a única coisa que salvei de toda aquela bela coleção foram as minhas violetas. Foram movidas tantas vezes que suponho que, quando veem alguém vindo com uma enxada, perguntam-se para onde vão a próxima vez."*

O novo jardim de flores de Edgar estava em plena floração em **29 de junho de 1932**[178], quando a ARE realizou seu primeiro

congresso anual. Apesar da condição geralmente pobre da casa e do terreno, a membresia muito apreciou ter um lugar que também pudessem chamar de *"lar."* Durante o evento de quatro dias, atendido por mais de oitenta pessoas, grupos de vinte ou mais por vez visitavam a casa, reuniam-se no gramado, e ouviam em silêncio absorto enquanto Edgar dava leituras. O foco das leituras e das discussões acompanhantes não era a ARE como associação, mas, em vez disso, as mensagens que estavam sendo comunicadas por meio de Cayce. As perguntas postas à Fonte eram formadas a partir de qualquer coisa que estivesse na mente dos presentes, o que talvez explique por que os temas iam do cuidado e educação adequados das crianças, a câmaras escondidas na grande pirâmide de Gizé.

Não muito depois de o congresso anual ter terminado, e com a modesta infusão de dinheiro que veio como resultado, Gladys e os Cayces focaram-se em fazer do seu novo lar um lugar adequado para conduzir o trabalho. Em julho e agosto, a velha tinta foi raspada da casa, portas e janelas foram reparadas, e duas décadas de crescimento velho foram cortadas. No processo, eles continuaram a receber outros sinais de que as *"forças invisíveis"* tinham um empreendimento especial em mente, se ao menos Edgar e os outros tivessem a coragem e a presença de espírito de pôr o passado para trás e mover-se em uma direção nova.

Embora Morton e Edwin Blumenthal pudessem ter acreditado que as visitas do **Arcanjo Miguel** tinham sido especificamente para eles, Miguel retornaria três vezes em leituras naquele ano, para oferecer conselho, orientação e encorajamento. Em aparições anteriores, o Arcanjo havia admoestado Morton a ser consciente

da importância de sua tarefa de construir o Hospital Cayce, e mais tarde, havia se dirigido a A. C. Preston, Hugh Lynn e outros, para proteger Edgar. Agora, à medida que o período descrito pela Fonte como o *"ministério"* começava, Miguel apareceu novamente, chamando os Cayces a avançar e reprovando-os pelo tempo perdido e por pensar apenas em si mesmos. Miguel apareceria de novo.

A primeira visita de Miguel ao grupo de oração e estudo de Edgar veio em setembro de 1932, quando haviam recém-completado a primeira de sete lições para aquela sessão. O título da nova lição, *"A Porta Aberta,"* visava preparar aqueles que buscavam orientação do alto a abrir seus corações e mentes ao Senhor, para que pudessem se tornar canais mais hábeis para o trabalho divino que estavam empreendendo. Edgar, em transe, expandiu-se sobre a *"porta aberta"* como sendo o ponto de entrada do Espírito Santo, ao buscar expressão por meio da vida humana.

Ao final do breve discurso, o Arcanjo Miguel se apresentou. *"AQUIETAI-VOS, MEUS FILHOS!"* declarou ousadamente a voz que vinha através. *"Inclinai vossas cabeças, para que o 'Senhor do Caminho' possa fazer-vos saber que fostes escolhidos para um serviço neste período em que há a necessidade daquele espírito ser feito manifesto na terra… [Vós, que] nomeastes o nome, fazei conhecer vosso caminhar diário da vida, nos pequenos atos das lições que foram edificadas em vossa própria experiência, por meio daquelas associações de si em meditação e oração, para que o Seu caminho possa ser conhecido entre eles: pois Ele chama todos: quem quer que queira possa vir… Pois hoje, ainda atentai, o caminho está aberto. EU, MIGUEL, CHAMO-VOS!"*

Duas semanas depois, quando o grupo se reuniu novamente para a próxima leitura, Miguel fez outra aparição. Desta vez, a voz veio através com tanto poder que muitos na sala foram movidos às lágrimas, Gladys mais do que todos. *"INCLINAI AS VOSSAS CABEÇAS, Ó FILHOS DOS HOMENS, QUERERÍEIS CONHECER O CAMINHO: POIS EU, MIGUEL, [sou] O SENHOR DO CAMINHO. QUERERÍEIS QUE NÃO ESTIVÉSSEIS NO CAMINHO DO TEU IRMÃO, NEM… [SENTÁSSEIS] NO ASSENTO DOS ESCARNECEDORES, MAS, EM VEZ DISSO, FIZÉSSEIS CONHECIDO AQUELE AMOR, A GLÓRIA, AQUELE PODER NO SEU NOME, PARA QUE NENHUM TEMA."*

Se as reuniões semanais do grupo de estudo já não eram instigadoras do pensamento, é difícil imaginar que alguém no grupo perdesse a próxima sessão, na qual, como esperado, Miguel novamente fez uma aparição. Segundo Gladys, a presença do Arcanjo trouxe lágrimas, silêncio e *"bela sintonia."*

Miguel, como havia feito no passado, começou com: *"ATENTAI, Ó FILHOS DOS HOMENS! INCLINAI AS VOSSAS CABEÇAS, Ó FILHOS DOS HOMENS: POIS A GLÓRIA DO SENHOR É VOSSA, ESTAREIS FIÉIS À CONFIANÇA QUE FOI POSTA EM CADA UM DE VÓS! CONHECEI EM QUEM TENDES CRIDO! CONHECEI QUE ELE É SENHOR DE TUDO, E SUA PALAVRA NÃO FALHA AOS QUE SÃO FIÉIS DIA APÓS DIA. POIS EU, MIGUEL, PROTEGEREI AQUELES QUE BUSCAM CONHECER A SUA FACE."*

Miguel não foi o único anjo a falar através de Cayce. Aproximadamente um ano depois, em **15 de outubro de 1933**, uma leitura foi conduzida para a décima quarta lição do grupo de

estudo, *"Dia e Noite,"* cujo título foi descrito pela Fonte como sendo os símbolos espirituais do bem e do mal. O assunto era incomumente profundo, e a leitura foi notável pela sua clareza e pela facilidade com que o grupo foi guiado a uma maior compreensão da significância do capítulo de abertura do Gênesis. A leitura terminou com uma mensagem inesperada: *"Vinde, meus filhos! Vós, sem dúvida, ganhastes do comentário deste dia que um novo iniciado falou em ou através deste canal.* ***Halaliel***[179]*, que estava com aqueles no princípio que guerrearam contra os que se separaram e se tornaram nada!"*

A lição apresentada na leitura foi, aparentemente, tão desafiadora que o grupo de estudo não pensou em endereçar a questão de quem ou o que era Halaliel por mais três meses, o que fizeram durante uma leitura sobre o tema *"Criação."* Halaliel era, segundo a Fonte, *"um em e com cujas cortes Ariel*[180] *lutou quando houve a rebelião no céu."* A leitura passou a dizer que o inimigo de Halaliel, Ariel, era uma companheira de Lúcifer, e *"alguém que fez pela disputa das influências na experiência de Adão no Jardim."*

Assim como o Arcanjo Miguel havia conduzido o grupo de estudo pelas questões complexas em *"A Porta Aberta,"* Halaliel — uma das combatentes celestiais postas contra as forças das trevas — parecia ser a entidade ideal para *"Dia e Noite."* E, como o Arcanjo Miguel, Halaliel cada vez mais se tornava uma presença nas leituras e uma influência sobre aqueles que as obtinham. Para Edgar, a aparição dos anjos coincidiu com um aumento dramático no número de visões que ele tinha tanto em estados de vigília quanto de transe. Era como se as *"forças invisíveis"* não apenas estivessem levando Edgar Cayce e a ARE em direção nova, mas

Edgar pessoalmente estava recebendo poderes e *insights* para ajudá-lo a liderá-los.

Uma indicação dos poderes visionários de Cayce veio em **15 de novembro de 1932**, pouco mais de um mês depois da última aparição de Miguel, enquanto Edgar lecionava sua aula habitual de escola dominical na Igreja Presbiteriana, em Virginia Beach. Aparte do fato de que apenas alguns membros da sua classe estavam presentes, não parecia haver nada de especial naquela manhã. E, contudo, à medida que ele começou sua lição naquele dia — uma discussão bíblica sobre a admoestação de **Josué** —, um fenômeno estranho ocorreu. Segundo Edgar, os assentos vazios na igreja começaram a se encher de fantasmas. O pai de Edgar, Leslie, que estava frequentando a aula naquela manhã, não podia ver o que Edgar via, mas, pelo olhar de assombro no rosto do filho, sabia que algo incomum estava ocorrendo. Após a aula, Edgar explicou a Leslie o que ele havia visto: *"Vi a seção inteira da igreja se encher daquelas entidades desencarnadas, pessoas de muitas fés… como se significava por seu vestuário. Muitos eu conhecia. Muitos eu não conhecia."*

Edgar teria outra experiência curiosa de clarividência consciente em **22 de outubro de 1933**, quando **Byron Wyrick**, amigo e associado próximo de Edgar, apareceu diante de Edgar enquanto ele estava sentado em sua sala de estar na Arctic Circle, ouvindo seu programa de rádio favorito de música evangélica. *"Percebi que meu amigo estava sentado ali comigo ouvindo a música,"* Edgar disse mais tarde. *"Ele se voltou para mim e disse: 'Cayce, há a sobrevivência da personalidade… mas [a vida de oração] é a única vida a se viver.'"* O que tornou esse incidente extraordinário foi que Wyrick havia

sido ferido em um acidente e morrido em **28 de abril de 1933** — seis meses antes da visão de Edgar.

Edgar estava também agora começando a se lembrar de pelo menos algo do que se passava quando dava leituras. Por exemplo, à medida que dava uma leitura de vida para um quiropraxista de cinquenta e um anos em 14 de novembro, ele podia sentir seu corpo espiritual se separar do seu corpo físico e seguir um feixe de luz até um edifício onde os registros da vida do indivíduo eram contidos em grandes livros[181]. Edgar descreveu o que tinha visto em uma palestra que deu um mês depois em Norfolk.

"Eu me vejo como um pequeno ponto fora do meu corpo físico, que jaz inerte diante de mim," disse Cayce, descrevendo a experiência. *"Encontro-me oprimido pela escuridão e há um sentimento de terrível solidão… Estou consciente de um feixe branco de luz. Como esse pequeno ponto, eu me movo para cima seguindo a luz, sabendo que devo segui-la, ou estarei perdido. À medida que me movo ao longo desse caminho de luz, gradualmente me torno consciente de vários níveis em que há movimento. No primeiro nível há formas vagas, horríveis, formas grotescas tais como se veem em pesadelos. Passando, começam a aparecer em ambos os lados formas deformadas de seres humanos com alguma parte do corpo aumentada… Torno-me consciente de formas encapuzadas em cinza movendo-se para baixo. Gradualmente, estas tornam-se mais claras de cor. Em seguida, a direção muda, e estas formas se movem para cima, e a cor das vestes fica rapidamente mais clara. Em seguida, começam a aparecer em ambos os lados contornos vagos de casas, paredes, árvores… À medida que eu passo, há mais luz e movimento no que parece ser… cidades e vilas… Torno-me consciente de… música, riso e canto… As casas ficam para trás, à frente há apenas*

uma mistura de som e cor. Bastante de repente, chego a um salão de registros[182]*. É um salão sem paredes, sem teto, mas estou consciente de ver um homem velho que me entrega um grande livro, um registro do indivíduo sobre quem busco informação."*

As memórias de Edgar de tais experiências fora-do-corpo nem sempre eram as mesmas, mas quase todas envolviam a luz, que ele seguia, e a casa com os livros. Uma interpretação em transe dessa visão sugeriu que a alma de Cayce passava de um reino para outro para buscar fontes de informação. Cada imagem que via lhe transmitia algo a que podia se relacionar a partir do reino material. Edgar via livros simplesmente porque essa era a sua moldura de referência. *"Para uma mente que pensa em livros, literalmente livros,"* disse a Fonte, *"[da mesma maneira que o céu] requereria os Campos Elísios com pássaros, com flores."*

Em abril do ano seguinte, Edgar obteve mais um discernimento a respeito de suas viagens astrais, dessa vez durante uma leitura para Dave Kahn. Ao despertar, Edgar relatou que havia estado consciente de seu eu físico se separando do seu eu da alma, e que tinha tido a impressão de seu *"eu físico ser encerrado em uma caixa, como uma caixa de alabastro ou de pedra-da-lua, de um material que eu não podia descrever."* Continuou dizendo que *"parecia que a manifestação material do meu eu físico e mental estava na caixa. Eu dei a caixa a alguém, e senti, ao dá-la, 'Este é alguém [que conduz a leitura] em quem posso confiar.'"* Edgar descreveu a caixa como sendo similar ao que ele imaginava ser a **Arca da Aliança**[^nt23]: uma espécie de templo que abrigava uma posse sagrada. Essa leitura reafirmou a importância do condutor — não apenas para auxiliar

Cayce em sua jornada, mas para proteger o que ele deixaria para trás.

Dado os incomuns fenômenos psíquicos que Edgar estava experimentando, não era surpresa que ele recebesse uma visita de retorno do **indiano oriental**, que misteriosamente havia aparecido anos antes, quando ele, Ketchum e Noe estavam assinando seus papéis de sociedade, de volta a Bowling Green. O indiano oriental apareceu-lhe em **28 de outubro de 1933**, enquanto Edgar visitava a família Zentgraf em sua elegante e palaciana casa-de-cidade em **Staten Island**, em Nova York.

Por essa altura, o lar nova-iorquino dos Zentgrafs estava se tornando muito como *The Hill* outrora havia sido para ele e Gertrude no Kentucky. Era o lar fora-do-lar dos Cayces, um lugar onde Edgar podia experimentar e ser assegurado de um ambiente amigável e seguro. Edgar ficou especialmente impressionado com Helene, que se importava tanto com a dieta da sua família quanto com seu ambiente espiritual. Mais tarde, ele lhe pagaria um grande elogio: *"Coisa maravilhosa seria, se todas as mães contribuíssem tanto quanto você contribui para o equilíbrio adequado dos alimentos para fazer mentes e corpos fortes!… Se eu tivesse de escolher uma mulher do mundo segundo quem moldar a minha vida, seria você."*

Edgar estava em pé sozinho na biblioteca da luxuosa casa-de-cidade dos Zentgrafs quando o indiano oriental apareceu-lhe em uma visão. Hugh Lynn, Gladys, e outros na casa, jamais o viram fisicamente, mas sabiam que algo incomum havia ocorrido, porque Edgar estava estranhamente silencioso, e, sem explicação, pediu que seus compromissos de Nova York fossem cancelados.

Edgar jamais revelou exatamente o que o homem turbantado lhe havia dito, apenas que era uma advertência que ele mais tarde atendeu. Isso claramente tinha algo a ver com a sua saúde, pois, ao final da sua visita, Edgar foi forçado para a cama por uma terrível febre, advinda de um resfriado que vinha o atormentando havia três semanas. Ernest e Helene estavam tão preocupados que chamaram um médico, que diagnosticou Edgar como tendo pneumonia, e ordenou que ele fosse levado a um hospital imediatamente. Uma ambulância foi chamada, e Hugh Lynn foi enviado ao andar de cima para preparar Edgar para a viagem. Edgar, contudo, recusou-se a ir. Pareceu a Hugh Lynn que seu pai sabia que, se fosse a um hospital, talvez nunca mais voltaria para casa.

Como Hugh Lynn mais tarde contou a história, Edgar parecia ter feito a sua mente para lidar com aquela crise privadamente, e acreditava que teria ajuda espiritual em fazê-lo. Pediu a Hugh Lynn para trancar a porta e não deixar ninguém entrar no quarto até que ele acordasse. Hugh Lynn fez como lhe foi dito. Observou enquanto seu pai se pôs em transe. *"Era exatamente como se ele estivesse dando uma leitura, exceto que ele mesmo a fazia,"* disse Hugh Lynn. *"Quase imediatamente, ele começou a transpirar. Encharcou os lençóis e escorreu pela cama até o chão em poças."* Antes que Edgar pudesse sair de seu transe, a ambulância havia chegado, e o médico estava batendo na porta do quarto. Hugh Lynn lhe disse, através da porta, que seu pai estava dormindo e não devia ser perturbado. O médico bateu mais forte. Os Zentgrafs subiram ao andar de cima e exigiram entrar. Hugh Lynn recusou-se a abrir a porta. Cerca de vinte minutos depois, Edgar acordou, encharcado

de suor. Sua temperatura havia voltado ao normal, e a congestão na cabeça e nos pulmões havia desaparecido. Levantou-se e foi para o chuveiro, enquanto Helene trocava a roupa de cama. Enquanto isso, o marido dela tentava explicar ao médico confuso que Edgar tinha certos poderes além da compreensão da maioria das pessoas. O médico, por fim, mandou a ambulância embora. Não havia razão em levar um homem saudável a um hospital.

Não muito depois da *"rejuvenescimento"* de Cayce, ainda outra série de visões ocorreu, demonstrando ainda mais as habilidades recém-encontradas de Edgar. Esse incidente envolveu um jovem chamado **Mitchell Hastings**, filho de uma conhecida socialite e teosofista de Nova York. Aproximadamente da mesma idade de Hugh Lynn, Hastings havia recebido uma leitura de vida pela primeira vez em novembro de 1933, seguida por uma leitura física em dezembro, para problemas severos nas costas e no abdômen relacionados a um sério ferimento em que havia fraturado várias costelas. Essas leituras não apenas prescreveram tratamentos, mas sugeriram que Mitchell era um indivíduo profundamente talentoso e espiritual, que tinha muito a oferecer ao mundo. A convite de Edgar, Mitchell havia viajado a Virginia Beach após o Natal, e passou o Dia de Ano-Novo de 1934 com os Cayces.

Os pais de Mitchell não duvidavam da veracidade das leituras do filho. Na época da primeira leitura física, Cayce não sabia nada das doenças do jovem Hastings. Seu diagnóstico provou ser acurado em todos os detalhes, e, um ano após a leitura inicial, Mitchell estava jogando golfe e tênis. Suas leituras de vida pareciam ser igualmente perspicazes, pois Cayce o nomeou como

um dos cientistas em Atlântida que tinha poderes psíquicos altamente desenvolvidos, e que havia ajudado a construir e manter a *"pedra de fogo"* na usina atlante. Os pais de Mitchell acreditavam que isso era inteiramente acurado — seu filho já havia sido reconhecido como um gênio no campo da eletricidade, havia obtido admissão antecipada na Universidade Harvard, e, em anos posteriores, viria a ser pioneiro no desenvolvimento da **Rádio FM**, obtendo patentes sobre vários dispositivos que usavam cristais e gemas para alterar frequências elétricas. Ao longo do meio século seguinte, até a sua morte, aos noventa anos, Mitchell permaneceu apoiador ardente e comprometido de Edgar Cayce, abertamente creditando-o pela ajuda que havia recebido em desenvolver seus dons únicos. Não-dito ficou a ajuda que esse jovem estudante universitário havia fornecido a Edgar em um momento crítico de sua vida.

Como parte dos tratamentos para as suas costas, as leituras recomendavam que Mitchell deveria passar tempo no Arizona — sair ao sol e ao ar seco, onde ele se recuperaria mental e fisicamente. Uma leitura física que Cayce recebeu para si mesmo, por volta da mesma época, recomendava que ele também *"saísse ao sol e ao ar seco."* E, em março de 1934, os dois decidiram fazer a viagem juntos. Em curto aviso, e como um colegial fazendo sua primeira viagem para longe de casa, Edgar despediu-se da família e dos amigos, e partiu com Mitchell no Pontiac dos Hastings. Gladys, podendo aproveitar a ausência de Edgar, decidiu ir para casa para uma visita, e viajou com eles até Selma. Depois disso, Hastings e Cayce desapareceram para partes desconhecidas. Foi só mais tarde que Gertrude e os outros souberam que haviam

viajado do Alabama através do Texas, do Novo México e do México, antes de parar em um rancho em **Bonita, Arizona**.

Edgar raramente falava da sua aventura juntos, e foi apenas por meio da extensa correspondência de Mitchell com ele nos anos posteriores da vida de Cayce que algo se sabe sobre o que aconteceu. Uma rivalidade ciumenta entre Hugh Lynn e Mitchell pode ter contribuído para a relutância de Edgar em falar do relacionamento deles, e pode ser também o que tornou Hastings indesejado na casa de Hugh Lynn uma vez que Edgar se foi.

Com base na correspondência existente, é claro que Hastings e Cayce tinham apenas de estar próximos um do outro para compartilhar visões extraordinárias. Hastings descreveu-as como miragens, em que pessoas cavalgariam em direção a eles, ou estranhos os abordariam para transmitir um curioso pedaço de informação ou conselho. Talvez a mais assombrosa e reveladora dessas visões tenha sido uma que tiveram em um campo no Novo México.

Uma aparição da mãe falecida de Edgar apareceu e falou a Edgar sobre o futuro. Ela o instou a não desistir da esperança e a não se preocupar com sua precária situação financeira, nem duvidar do poder e da veracidade da informação que vinha através dele. Em experiências visionárias anteriores, Edgar havia apenas visto ou ouvido visitantes espirituais. Mas ali, no Novo México, talvez auxiliado pelo poder mental do próprio Hastings, Edgar, segundo se relata, recebeu uma manifestação mais física da visita. Sua mãe lhe entregou um **dólar de prata**, e quando ela havia desaparecido de vista, a moeda permaneceu na palma da mão dele.

177. Casa de Arctic Circle: comprada em 1932 por US$ 5.100; última residência de Edgar Cayce. ↩
178. 29 de junho de 1932: primeiro congresso anual da ARE — apenas 15 meses após a fundação. ↩
179. Halaliel: entidade angelológica cayceana, primeira aparição em 15 out. 1933. Sem paralelo bíblico-tradicional. Apresentado como *Senhor do Karma*. ↩
180. Ariel: entidade angelológica cayceana rebelde — *companheira de Lúcifer* na rebelião celeste segundo as leituras. ↩
181. *Salão de Registros* (*Hall of Records*): categoria cayceana central — repositório metafísico dos registros akáshicos do passado e do futuro, supostamente localizado fisicamente sob a Esfinge de Gizé. ↩
182. *Salão de Registros* (*Hall of Records*): categoria cayceana central — repositório metafísico dos registros akáshicos do passado e do futuro, supostamente localizado fisicamente sob a Esfinge de Gizé. ↩

45.
Mestre Amado

De volta a 1931, logo após o fechamento do Hospital Cayce, Gladys Davis havia tido um sonho profético em que todas as pessoas ligadas ao trabalho estavam reunidas em uma sala superior, no andar mais alto de um edifício. *"Todos sentavam e ficavam em torno, esperando uma explosão que sabíamos que devia vir,"* lembrava Gladys. *"Todos entendíamos que o edifício desabaria, mas nenhum sequer pensava em fugir ou sair [porque] tínhamos fé em algum poder superior… Parecia também que a explosão abriria um tesouro enterrado abaixo do edifício, que até então não havíamos sido capazes de localizar, e aqueles que sobrevivessem ao choque e permanecessem fiéis receberiam o tesouro."*

Esse tesouro, muitas pessoas vieram a acreditar, foi entregue por meio de Edgar Cayce, começando com uma sessão em transe realizada em **19 de janeiro de 1934**, quando a Fonte entregou um discurso de uma hora sobre os assuntos mundiais, naquele que foi possivelmente a leitura mais controvertida da carreira de Edgar Cayce. Talvez sentindo que a leitura que estavam prestes a receber seria importante, Mitchell Hastings registrou-a em um cilindro de fonógrafo Edison.

De maneira interessante, esta leitura não foi conduzida em nome de um indivíduo, mas, como aquelas dadas para o Norfolk Study Group, foi dada a pedido de um pequeno círculo de amigos e familiares de Nova York que se haviam conhecido, estudado e

trabalhado juntos por vários anos, e que estavam, naquele momento, buscando, individual e coletivamente, usar seus substanciais recursos para trazer *"a verdade"* ou a *"palavra de Deus"* aos seus semelhantes.

"Cada um de vós, aqui reunidos, tem o seu próprio desenvolvimento individual," disse Cayce no início da leitura sobre os assuntos mundiais. *"Contudo, à medida que cada um busca ser canal de bênçãos ao próximo, cada um sintoniza-se com o 'trono da informação universal.' E pode ser-vos concedido aquilo que pode ser benéfico, não apenas em sua própria experiência, mas aquilo que provará útil, esperançoso, na experiência dos outros."*

Embora a Fonte da informação não fosse inicialmente revelada, Cayce — em transe — prefaciou suas observações posteriores dizendo que *"muitos estão presentes"* desejando dar a informação, *"cujos nomes, somente, trariam… assombro… mesmo um espanto."* Dadas essas observações introdutórias, não foi surpresa que o grupo seria tratado a algo bastante notável. Estavam, ao que parece, alegadamente recebendo um quadro de eventos mundiais potenciais, da segunda vinda de Cristo, e do dia do juízo para o planeta Terra. As leituras de Cayce profetizavam nada menos do que **o Armagedom**.

A Fonte anunciou que uma nova era de despertar espiritual começaria quando o **Profeta João**, *"amado de todos os homens em todos os lugares onde a universalidade de Deus na terra foi proclamada,"* retornasse à terra para tornar-se um canal *"através do qual as coisas espirituais, mentais e materiais [se tornariam] uma só, no propósito e nos desejos daquele corpo físico,"* e inaugurasse o **"Dia do Senhor."** Não-dito, mas sempre presente nesse discurso, estava a sugestão

de que o próprio Edgar Cayce havia sido enviado como mensageiro, um *"precursor,"* ou portador de uma mensagem Divina chamando à fraternidade dos homens.

Em transe, Cayce disse ao grupo reunido para procurar mudanças materiais que seriam *"como um presságio"* ou *"um sinal."* Passou a descrever isto em detalhes: *"A terra será partida na porção ocidental da América.*[183] *A maior porção do Japão deve ir ao mar. A porção superior da Europa será mudada como num piscar de olhos. Terra aparecerá ao largo da costa leste da América. Haverá os tumultos no Ártico e na Antártica que farão pela erupção de vulcões nas áreas tórridas, e haverá então uma mudança dos polos*[184]*… Quanto a tempos, quanto a estações, quanto a lugares — só é dado àqueles que nomearam o nome, e que ostentam a marca daqueles do Seu chamado e da Sua eleição em seus corpos. A eles será dado."*

As mudanças espirituais e físicas, disse Cayce, tocariam a todos: *"Aqueles em lugares humildes [serão] elevados aos de poder na… maquinaria das nações… assim como vereis aqueles em lugares altos reduzidos, e clamando às águas das trevas para cobri-los. [Por meio] daqueles que, nos íntimos recessos de si mesmos, despertam para as verdades espirituais que estão a ser dadas, e aqueles… que agiram na capacidade de mestres entre os homens — a podridão daqueles que ministraram em lugares será trazida à luz, e tumultos e contendas hão de entrar… O Armagedom está à mão."*

Foi nesse ponto da leitura que a Fonte se referiu a si mesma como *"Eu,"* não o *"nós"* que Gladys e os Cayces invariavelmente haviam passado a esperar: *"Eu declarei isto! Que me foi entregue para dar a vós, vós que aqui sentais, e que ouvis, e que vedes uma luz rompendo no oriente, e ouvistes, e vistes vossas fraquezas e vossas*

críticas, e sabeis que Ele endireitará os vossos caminhos se ao menos viverdes aquilo que sabeis neste dia… Amai o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração… Amai o vosso próximo como a vós mesmos."

O orador então revelou *"sua"* identidade: *"O fraco, o instável, deve entrar no cadinho e tornar-se nada, mesmo como Ele, para que conheçam o caminho.* ***Eu, Halaliel, falei.****"*

Por fim, Halaliel sugeriu o mecanismo que poderia desencadear eventos catastróficos e trazer *"sofrimento material"* sobre um *"povo perturbado."* Halaliel disse: *"O jovem rei logo reinará!"* A nação que produziria o *"jovem rei"* foi identificada, junto com seu nome. O país era *"Alemanha."* O rei era *"Hitler."*[185]

Muito tem sido dito e escrito sobre as profecias oferecidas nessa leitura, e sobre quantos desses eventos efetivamente vieram a se passar. As mudanças terrestres devastadoras não se manifestariam. E, contudo, a leitura era inteiramente acurada quanto ao reino de Hitler. Apesar da grande atenção que tem sido dada a esta e a outras leituras proféticas de Cayce, um ponto importante tem sido frequentemente perdido: os eventos preditos eram aqueles que potencialmente poderiam ocorrer, dado o estado dos assuntos mundiais em janeiro de 1934, quando a leitura foi dada. Em transe, como em estado de vigília, Cayce repetidamente dizia que mesmo o *"Senhor dos Senhores"* não podia acuradamente predizer eventos futuros, porque a vontade do homem alterava e definia o futuro.

Como Cayce disse em outra leitura, menos de um ano depois: *"Não é o mundo, a terra, os arredores em torno dela, nem as influências planetárias, nem as associações ou atividades, que governam o homem. Antes, é o homem — pelo seu cumprimento da Lei Divina — que traz*

ordem do caos; pelo seu desrespeito às associações e às leis da influência divina, traz aquelas… forças destrutivas a suas experiências."

Essa ideia foi, talvez, melhor ilustrada na mesma leitura em que Hitler foi nomeado rei. Cayce foi perguntado se Franklin Roosevelt viveria seu mandato em pleno ou não. Em resposta, a Fonte disse: *"O período maior para forças destrutivas entrarem… passou. Virá novamente, não neste ano, mas quando houver mudanças na próxima sessão. Quanto a qual será o resultado final, [isto] depende — como sempre — do que é feito sobre aquele período… Tornai conhecido que os caminhos de [Franklin Roosevelt] são dignos de consideração, e orai com [Roosevelt] para que, se for da Sua vontade, sua hora [de perigo] passe. Se ele falhar, então deve ser removido."*

Aqui, como na referência a Hitler, Cayce era simultaneamente assombrosamente profético e, ao mesmo tempo, atento a como a vontade do homem — neste caso a de Franklin Roosevelt — determinaria seu próprio destino. A referência ao *"período maior para forças destrutivas"* poderia ser interpretada como significando o ataque de pólio de Roosevelt. A referência ao *"resultado final"* sugere os desafios que ele enfrentaria em seu segundo mandato, ou *"sessão,"* no cargo, durante os meses que conduziriam à guerra. E sua incapacidade de enfrentar esses desafios sugeria tanto o resultado final para ele pessoalmente quanto as forças Divinas em ação durante a conflagração internacional. Roosevelt foi *"removido"* quando morreu no cargo em **abril de 1945**. Cayce — em transe — diria muito o mesmo sobre Hitler. Houvesse o *"jovem rei"* sido permitido a realizar seu sonho de domínio mundial, talvez as catástrofes especificadas em 1934 pudessem ter vindo a se passar.

Gladys mesma foi muito comovida por essa e por outras leituras proféticas, mas, como Gertrude e, em última análise, o próprio Edgar, ela passou a acreditar que o *"tesouro"* real predito em seu próprio sonho profético não eram as leituras sobre os *"assuntos mundiais,"* nem qualquer das profecias de Cayce. O *"tesouro"* real, em sua mente, eram as lições ainda sendo entregues ao Norfolk Study Group toda semana, e que estavam agora circulando entre outros grupos de estudo formando-se em **Nova York, Chicago, Detroit e Miami**. Os membros do grupo original de Norfolk haviam começado sua jornada lendo livros sobre as grandes religiões do mundo. Agora, estavam em uma jornada espiritual, guiados por Cayce em transe, e sob a direção, eles acreditavam, do *"Mestre dos Mestres,"* para criar algo que iria muito além dos confins da pequena comunidade litorânea da qual vinham. Gladys acreditava que esse grupo era o que a Fonte se referia como o seu *"ministério,"* e representava a maior e, em última análise, a menos reconhecida contribuição de Edgar Cayce como mensageiro Divino. Em sua mente, os poderes clarividentes de Cayce e as milhares de leituras médicas que havia dado eram um meio de fazer as pessoas prestarem atenção à mensagem de amor e fraternidade dos homens que ele estava entregando ao grupo de estudo, assim como as *"curas"* miraculosas de Jesus haviam estabelecido Sua credibilidade como o Filho de Deus.

Esther Wynne, professora de inglês, foi designada pelo grupo para ser a compiladora oficial das lições de Cayce, o que ela fazia entre as reuniões para permitir que Cayce, em transe, comentasse sobre elas na sessão seguinte. As transcrições, quando completas, eram então encaminhadas aos outros grupos de estudo.

Como Wynne mais tarde descreveu o processo, o desafio mais sério que o grupo enfrentou foi no início, durante suas sessões sobre cooperação. Os membros foram repetidamente informados de que não estavam, de fato, aplicando as lições que lhes haviam sido dadas, e que nenhuma instrução posterior seria dada até que o fizessem. A raiz do problema era a discórdia e o atrito sobre quais seriam os respectivos papéis de cada indivíduo dentro do grupo, e o ciúme entre o grupo de estudo maior e o grupo de oração menor. Oito reuniões foram realizadas antes que o grupo pudesse passar para a próxima lição, e, no processo, dois dos membros originais saíram, enquanto outros chegavam para tomar seus lugares. Em um ponto, tinham até quinze membros. Eventualmente, sua membresia se assentaria em consistentes **doze**, que era, como Edgar notou, o mesmo número dos discípulos de Jesus.

Um membro que acrescentou muito à coesão do grupo foi **Ruth LeNoir**. Ruth havia frequentado algumas das primeiras sessões deles, mas havia sido incapaz de continuar até que o grupo estivesse na sua quarta lição, intitulada *"Fé."* Sua contribuição, ao que parece, foi ajudar o grupo a aceitar o conceito de reencarnação, que para alguns membros era a doutrina mais radical apresentada. Durante uma reunião sobre o tema, quando pouco progresso estava sendo feito, Edgar demonstrou outro exemplo de sua clarividência em vigília. Endereçou-se a cada membro do grupo individualmente, revelando seus pensamentos mais íntimos e verdadeiros sentimentos sobre o tema sendo discutido — que eles, por cortesia, medo de embaraço ou outras razões, haviam sido relutantes em expressar diante dos outros.

Como Edgar mais tarde confidenciaria a um amigo de confiança, ele havia tido a habilidade — em estado de vigília — de ler a mente de uma pessoa quando era criança, em Beverly, Kentucky. E só agora, desde a queda do hospital, esse poder havia novamente começado a se manifestar de maneira diária.

À medida que Gladys, membro pleno do grupo, empreendia o regime diário de oração e meditação, começou a ter visões e sonhos vívidos ela mesma. Um dos seus sonhos indicava que seu papel no novo trabalho era considerável — coisa especialmente importante para os outros membros saberem, pois, embora pudesse ser fácil minimizar o papel de Gladys como estenógrafa, Edgar e os mais próximos a ele sabiam que ninguém antes dela havia sido capaz de fazer o trabalho. Sem alguém capaz de registrar adequadamente as mensagens de Edgar, nenhum *"ministério"* seria sequer possível. Edgar e Gertrude sabiam também que Gladys enfrentava muitos desafios pessoais, não menos dos quais o fato de a mãe de Gladys — devota Adventista do Sétimo Dia — desaprovar a participação da filha no grupo de estudo, admoestando Gladys a buscar a verdade onde, certamente, ela a encontraria: na igreja.

Quando as primeiras leituras sobre cooperação estavam sendo conduzidas, Gladys teve um sonho em que chegava ao porto de Nova York em um navio, e via a Estátua da Liberdade. Uma leitura subsequente explicou-lhe a significância do sonho: *"Que, como a estátua representa um espírito como se supõe emanar de uma nação, assim as atividades de… [Gladys Davis] em registrar aquilo [que]… serão o espírito formativo nas mentes, corações e almas das… muitas milhares que podem ser alcançados."*

Por meados de 1933, quando o grupo havia atingido sua décima segunda lição, vários membros estavam experimentando uma profunda crise espiritual, nenhum mais agudamente do que Florence Edmonds. Florence havia se tornado assombrada por espíritos invisíveis em seus sonhos e em sua vida em vigília. Ela sentia uma presença sobrenatural em sua casa. Portas rangiam ao se abrir. Sons e ruídos incomuns podiam ser ouvidos por toda a casa. Ela havia ficado amedrontada, acreditando que o grupo de estudo havia ido longe demais em sua pesquisa. Edgar foi chamado à sua casa em **25 de junho de 1933**, para discutir a questão e conduzir uma leitura para ver o que poderia ser feito. A Fonte sugeriu que Florence havia sido dotada de poderes psíquicos, que, em virtude da participação no grupo de estudo, estavam se tornando mais desenvolvidos. A crise eventualmente passou, e as *"forças invisíveis"* alegadamente em ação na casa Edmonds desapareceram. Florence tornou-se uma presença ainda mais forte no grupo, e, como duas outras membras, tornou-se curandeira, cujas curas aparentemente miraculosas — pela imposição das mãos — trouxeram muitas pessoas a sua casa.

Minnie Barrett, uma das membras originais do grupo, também experimentou uma crise espiritual que se manifestou em *"vibrações"* que ela ouvia antes de ir dormir à noite, incluindo o som de um sino tocando. As leituras indicavam que isto era um sinal a ela de que a porta de sua alma estava se abrindo, ela só precisava ouvir o seu chamado e atravessá-la. *"Quando abrires a porta, eu entrarei,"* disse a Fonte. *"Não temas."*

A crise mais séria no grupo ocorreu no fim do verão de 1934, durante uma lição intitulada *"Desejo,"* momento em que Edgar e o

grupo como um todo estavam em turbulência. O progresso havia chegado a uma paralisação. Em transe, a Fonte parecia exasperada, repetidamente respondendo a uma pergunta dizendo: *"Como foi dado… apliquem-no."* Por frustração, mais membros saíram do grupo. Edgar mesmo admitiu que as leituras não pareciam estar levando-os aonde queriam ir. Confessou que tinha de quase forçar-se a dar mais leituras, e considerou colocar fim às atividades do grupo de estudo.

Então, em **9 de setembro de 1934**, Edgar anunciou que se sentia bem com a leitura que estava prestes a dar. Não explicou o que havia causado a mudança em sua atitude, apenas que se sentia confiante de que a próxima sessão seria produtiva. A razão, como mais tarde se tornou aparente, era que **Halaliel** havia aparecido a Edgar em sonho na noite anterior.

"A parte que escolhestes em tal trabalho nasceu da verdade," Cayce — em transe — disse ao grupo. *"Que ele entre e seja parte de vossa vida diária. Olhem para as experiências, pois, como se verá, meus filhos, foi designado um que pode auxiliar-vos em vossas lições futuras, e ele será vosso mestre, vosso guia, [Halaliel], um enviado por meio do poder dos vossos próprios desejos."*

Halaliel apareceu de novo em duas leituras subsequentes, e tornou-se claro que esse espírito — ou *"Senhor do Karma,"*[186] como passou a ser conhecido entre os discípulos de Cayce — estava oferecendo seus serviços ao grupo como seu guia espiritual. Não apenas isso, mas o grupo seria esperado a decidir se queria que ele continuasse nessa capacidade. Halaliel literalmente os pôs no banco de testes, perguntando-lhes se podiam aceitar tal desafio. *"Pensai bem, então… e escolhei."*

Os problemas de ter tal guia espiritual eram muitos, pois ninguém sabia exatamente quem Halaliel era, quais eram suas intenções, ou por que suas intervenções nas leituras do grupo de estudo, como aquelas conduzidas sobre os assuntos mundiais, pareciam estar aumentando. Até aquele momento, Edgar, como os outros no grupo, supunham estar sendo conduzidos por Cristo, o *"Mestre dos Mestres."* Aceitar outro espírito como guia era similar, de certo modo, a aceitar um auxiliar de ensino no lugar do professor. Ao mesmo tempo, contudo, parecia claro a todos no grupo que o Mestre dos Mestres havia direcionado Halaliel a vir, e estavam relutantes em mandá-lo de volta.

Em retrospecto, parecia que o grupo de estudo estava sendo testado, e que Halaliel estava sendo dado rédea livre para extrair um preço por não-cumprimento da Lei Divina. As leituras pareciam dizer que o *"Mestre dos Mestres"* não estava de modo algum satisfeito com seu progresso em 1934, e estava lhes dizendo que, se não agissem sobre as lições sendo dadas por meio de Cristo, a alternativa era aprender de Halaliel — um intermediário que se dirigiria a eles à sua própria maneira. O preço pela *"compreensão,"* como Halaliel disse em uma leitura posterior, seria *"pesado."*

Após semanas de discussão, o grupo votou por **rejeitar a orientação de Halaliel**. Segundo Gladys, a decisão coletiva do grupo de pôr Cristo em primeiro lugar fez toda a diferença. Suas lições começaram a progredir suavemente. Em uma sessão posterior intitulada *"Conhecimento,"* foram endereçados por nada menos do que o espírito guia de **João, "o Amado,"** que, segundo as leituras, seria o próximo verdadeiro precursor sobre a terra.

"Não em vez do vosso Mestre, o Cristo," afirmou a leitura, *"mas como o amado d'Ele na terra, para que possais ser um em mente, em propósito, para que o dia do Senhor possa se aproximar."*

Ruth LeNoir e os Edmonds tornaram-se convencidos de que Edgar estava inaugurando uma *"nova era de iluminação espiritual"* e *"consciência cristã."* Gladys concordava, acreditando que Cayce estava *"preparando o caminho"* para uma futura geração que aceitaria os ensinamentos de Deus. *"Era como se todas as leituras anteriores estivessem levando Edgar a este ponto no tempo,"* disse outro membro da ARE. *"As leituras médicas chamavam a atenção para o fato de que havia forças em jogo no universo além da nossa compreensão. Agora que ele tinha uma audiência preparada para escutar, Edgar Cayce estava entregando a mensagem real do trabalho: que, por meio de Cristo ou da consciência cristã, havia propósito e significado em suas vidas."*

Em correspondência e em pessoa, Edgar estava, agora, sendo frequentemente endereçado não apenas como **o Juiz**, ou como Dr. Cayce, como outros haviam passado a chamá-lo, mas como *"mestre,"* ou *"mestre amado."* Suas cartas a seus pacientes e amigos haviam sido sempre cuidadosas e consideradas, muito como se poderia esperar de um pastor rural a um membro da sua congregação. Agora, começariam a tomar a poesia e o espírito das próprias leituras — às vezes tornando difícil dizer onde o homem dormente acabava e o homem em vigília começava. Em uma carta a um paciente do **Dr. Henry Harding**, em Nova York, Edgar escreveu: *"Muitos aqui passam por um período de prova… A maioria mantém-se à luz verdadeira, que desce do alto ao homem, vinda de Deus, e tudo está bem — pois Ele está em seu Templo Santo — em nossas*

mentes — e tudo está bem. Apenas mantém algo como isto, embora em suas próprias palavras: 'Pai — Deus —, que seja feito em mim e por meu intermédio aquilo que trará nosso irmão à percepção de Deus dentro de si.'"

Assim como Edgar Cayce estava ajudando o grupo de estudo a permanecer focado, ele e a Fonte forneceram mensagem similar em uma série de leituras para a família Zentgraf, que passou por uma crise que ameaçou desfazê-la. O problema começou em **18 de abril de 1934**, quando Ernest Zentgraf desapareceu de casa, levando com ele uma pistola. No dia seguinte, Helene, sua esposa, recebeu uma carta de suicídio[187] — resultado, ela acreditava, de uma depressão decorrente da crença de Ernest de que era um fracasso como homem de negócios, marido e pai. Como mais tarde foi revelado por outros membros da família, Ernest havia sido o curador de uma herança de US$ 2 milhões, a maior parte da qual havia perdido no mercado de ações e em outros maus investimentos. Pouco antes do seu desaparecimento, sua irmã, Marie, beneficiária do truste, havia severamente criticado Ernest pelo seu manuseio das contas familiares. Ernest havia sido visto pela última vez em uma pequena cafeteria em **Reading, Pensilvânia**.

Edgar sabia algo do apuro financeiro dos seus amigos, porque a última leitura que havia dado a Helene fora para ajudá-la a encontrar emprego para sustentar a família. Agora, ela o ligava por ajuda em salvar o marido, se de fato ele ainda estivesse vivo. Ficou claro na primeira leitura, contudo, que ninguém, nem mesmo Edgar, podia interferir no que ele descreveu como matéria de *"livre-arbítrio"* de Ernest. Edgar explicou isto em uma carta que

escreveu a Helene após a primeira leitura: *"As leituras são dadas inteiramente do ângulo mental e espiritual, como nos foi dito a não usar esses canais para forçar uma pessoa contra sua vontade a retornar — ou para passar por cima do desejo de outro… Mesmo em um caso como este, em que o homem significa tanto para nós, estamos impotentes. A vontade do homem é suprema."*

Edgar elaborou um plano alternativo que acreditavam não interferir na livre-arbítrio de Ernest, mas, antes, fortalecer e apoiar a sua própria autodeterminação em momento de óbvia necessidade. Sentar-se-iam juntos, como Edgar fazia para os Glad Helpers em Norfolk, e abririam um canal psíquico através do qual pudessem receber conselho, e através do qual pudessem enviar suas orações — neste caso a Ernest. Assim começou o que se tornou a primeira de **trinta e três leituras**, que foram conduzidas entre 19 de abril e 11 de junho de 1934.

Todas as leituras começavam e terminavam com orações, às vezes durando um minuto ou dois, e em outras vezes, até meia hora. Não há duas orações iguais, mas cada uma buscava comunicar o amor de Deus e o seu profundo afeto por Ernest. Em 8 de maio, Cayce, em transe, disse: *"Conserva aquilo que te foi entregue, ao tornar a tua vontade uma com a Sua vontade. Embora as sombras da dúvida e do medo te assombrem, n'Ele há força e luz… Não temas."* Seis dias depois, Cayce disse: *"Nenhuma alma, salvo aquela que se separou do amor do Pai, vagueia sozinha."*

Durante a terceira leitura conduzida em nome dos Zentgrafs, a família recebeu um sinal esperançoso: Ernest, foram informados, ainda estava entre os vivos, embora o suicídio ainda assombrasse seus pensamentos. Nessa mesma leitura, a Fonte aconselhou

contra um indivíduo tirar a própria vida. *"Profanar o corpo, que é o templo do Deus vivo, é menosprezar a si mesmo… Destruir o mesmo é ser fraco e indigno daqueles privilégios que foram teus em tuas relações na terra… Põe a tua carga sobre Ele, e Ele te sustentará, e te guiará, e te guardará."*

Duas leituras depois, Cayce, em tom baixo, murmurou a palavra *"Filadélfia,"* como se a sugerir que esse era o lugar onde Ernest estava naquele momento. A próxima leitura deu outra peça tantalizante de informação: *"Sua tosse está ruim."* Em uma leitura alguns dias depois, Cayce lembrou — como em sonho — ter visto bosques e água. Em 26 de abril, a mensagem veio claramente que Ernest retornaria para casa. Não havia especificidades, apenas que ele retornaria, e que Helene deveria continuar suas orações. Em 28 de abril, Cayce disse que Ernest havia escrito uma carta à família, como, de fato, eles logo descobriram que ele havia.

Em 14 de maio, Cayce — em transe — disse que Ernest estava *"cercado de verde,"* sugerindo que estivesse ao ar livre, talvez em uma floresta. [Mais tarde foi revelado que ele havia estado em pé num cemitério.] Dois dias após essa leitura, Edgar acordou de outro transe e relatou que havia visto **o Cristo**. Em sua visão, ele havia visto Jesus caminhando em direção ao grupo reunido, orando pelo bem-estar de Ernest. Jesus estava sorrindo, aparentemente satisfeito com as atividades deles. Essa sessão foi seguida em 2 de junho por um sonho que Gladys teve, em que Ernest estava sentado com os Cayces e a sua própria família. As leituras desse ponto em diante eram muito mais animadoras em tom, sugerindo que Ernest havia entrado *"na luz."* Ao final da

última leitura, em 11 de junho, uma mensagem especial veio: *"Quão belos são os rostos daqueles a quem o Senhor, o Cristo, sorri!"*
Ernest Zentgraf retornou para casa, vindo de Filadélfia, alguns dias depois, trazendo grande alegria a sua esposa e família. Em uma carta que escreveu aos membros da família, ele cronicou algumas de suas provações e tribulações, e a sua eventual volta a Cristo por ajuda em momento de necessidade. Helene se referiu à carta como *"uma coisa santa,"* pois mostrava-lhe *"o nascimento de uma alma."* A carta lia, em parte: *"Há cinco meses, meus assuntos pareciam tão sem esperança, o emaranhado tão confuso, que eu não conseguia ver minha saída… Fiz tal bagunça dos meus próprios assuntos… Eu havia estado vivendo em um 'paraíso de tolo,' e precisava deste choque para limpar minha alma. Confessei meus erros a Deus, e sei que Ele me perdoou, pois maravilhas aconteceram."*
As sessões em transe haviam também tocado Helene. Como ela mais tarde escreveu a Edgar: *"Aprendi muito por meio dessa experiência: a necessidade de viver cada hora da vida tão claramente quanto possível. Estou mais segura de Deus como Presença e Poder do que jamais estive em minha vida. A Lei Divina deve ser manifestada por meio de nós, e este, agora, é meu trabalho."*

---

183. *A terra será partida na porção ocidental da América*: predição cayceana central das mudanças terrestres globais.↩
184. *Mudança dos polos* (*pole shift*): conceito de deslocamento súbito do eixo de rotação terrestre — predição cayceana para o fim do séc. XX.↩

185. Jovem rei = Hitler / Alemanha: predição cayceana de janeiro de 1934. Hitler havia se tornado chanceler em 30 jan. 1933. ↩

186. *Senhor do Karma* (*Lord of Karma*): epíteto cayceano-teosófico aplicado a Halaliel — controvérsia interna nas leituras sobre se ele falava em nome da Fonte ou independentemente. ↩

187. Carta de suicídio Zentgraf: caso paradigmático de intervenção espiritual cayceana — Helene Zentgraf, em crise depressiva, recebeu 33 leituras entre 19 abr. e 17 dez. 1934. ↩

46.
O Mensageiro

Por mais que a emergência de Miguel e Halaliel como guias espirituais parecesse aumentar os poderes de clarividência em vigília de Edgar, o grupo de estudo não o impediu de continuar as leituras de saúde. De fato, desde que havia começado a dá-las, em 1901, até o dia em que morreu, Cayce nunca parou de dar conselhos em transe a pessoas em necessidade médica. Entre os mais famosos receptores das leituras de saúde de Cayce estavam o produtor cinematográfico **Jesse Lasky**, um dos fundadores da Paramount Studios, e o compositor **George Gershwin**, que solicitaram leituras em 1932. Mas, como tantos outros que receberam leituras, nem os médicos de Gershwin nem os de Lasky agiram sobre os tratamentos recomendados — apesar do fato de, no caso de Lasky, o diagnóstico de doença cardíaca de Cayce ter sido considerado *"perfeito"* pelos seus médicos. No caso de Gershwin, os médicos não consideraram os tratamentos dietéticos de Cayce como sendo relevantes para a *"depressão mental"* da qual ele buscava alívio. Gershwin morreu cinco anos depois de um tumor cerebral, e Lasky mais tarde caiu morto de um ataque cardíaco.

A razão pela qual os tratamentos não foram implementados nada tinha a ver com a má imprensa em torno do fracasso do Hospital Cayce ou da prisão de Edgar em Nova York, mas, antes, com uma falta geral de fé na medicina holística sugerida pelas leituras. A

descoberta da **penicilina em 1928** já havia posto em movimento um abandono popular das abordagens naturais à medicina. E, por volta de 1935, a mídia retratava os médicos como *"cientistas"* que, eventualmente, forneceriam curas para qualquer enfermidade ou doença que assolasse a raça humana, em uma simples pílula. As inovações que as leituras de Cayce representavam em dieta, terapêutica preventiva e práticas holísticas de saúde eram cada vez mais vistas pela comunidade médica como antiquadas, ou — pior ainda — como uma alternativa perigosa à *"medicina moderna."*

Havia muitos médicos, é claro, que eram incapazes de se conformar aos ditames mais à moda dos seus colegas. Como o Dr. Thomas House antes dele, o Dr. Lydic havia sido tocado pelas leituras em formas que tornavam impossível para ele virar as costas aos métodos pioneirados no hospital em Virginia Beach. Outro convertido à visão da medicina de Cayce foi o **Dr. Harold J. Reilly**[188], um fisioterapeuta que iria, mais do que qualquer médico isolado nas duas décadas após o fechamento do hospital, popularizar o valor das leituras médicas. Usando conselhos em transe e seu próprio considerável encanto e perícia médica, Reilly foi capaz de transferir sua prática de uma pequena academia no Bronx para uma suíte de salas no **Rockefeller Center**, onde sua clientela viria a incluir várias pessoas famosas do mundo dos negócios e das profissões em Nova York e Hollywood.

Homem alto e robusto, Reilly especializou-se em todas as formas de terapia sem medicamentos, usando técnicas que havia aprendido na *American School of Naturopathy*, na *American School of Chiropratics*, e durante um breve serviço no Exército dos EUA,

onde ensinou atletismo e jiu-jítsu. Seu conhecimento médico único e sua ênfase no preparo físico estavam em toda parte evidentes em sua pequena academia, que oferecia uma linha completa de equipamentos de exercício, bem como muitos tipos de hidroterapia, eletroterapia e outras formas de *"terapêuticas"* manipulativas.

Reilly estava fazendo bons negócios em 1930 quando um dos seus pacientes lhe entregou o que ele considerou ser um documento curioso. Continha um diagnóstico psíquico e recomendava hidroterapia e manipulação osteopática. A fonte do diagnóstico, o *Cayce Hospital of Research and Enlightenment*, em Virginia Beach, não tinha significado para ele à época. Tendo recebido instruções de fontes igualmente heterodoxas, incluindo astrólogos e espiritualistas, ele não deu muita atenção à matéria. Reilly forneceu o tratamento indicado e ficou satisfeito com os resultados. Não começaria a tomar conhecimento do nome Edgar Cayce até que dezenas de outras leituras, muitas das quais especificamente recomendavam Reilly para fornecer o tratamento, chegassem à sua mesa.

"As direções e os resultados eram muitíssimo notáveis," Reilly mais tarde notou. *"Eu [apenas] não conseguia entender como um homem podia adormecer e dar conselho tão bom, ou melhor, do que eu era capaz de dar em meu estado de vigília e em meu próprio campo especial, então decidi conhecer este… mago."*

O primeiro encontro de Reilly com Edgar ocorreu no início de 1931, quando Edgar fez uma viagem a Nova York em conexão com o fechamento do hospital pelos Blumenthals. Cayce visitou Reilly em sua academia e em seguida almoçou com ele. Reilly

havia visualizado encontrar um homem de aparência imponente, com olhos penetrantes e gestos majestosos — talvez mesmo usando um turbante —, mas o homem que se apresentou lembrava a Reilly mais um ministro de uma quieta igreja do interior.

Reilly ficou ainda mais perplexo quando Edgar pediu o seu almoço. Para sua surpresa, seu visitante de Virginia Beach pediu uma refeição pesada em gorduras fritas e o coroou com uma sobremesa rica e café. Quando a refeição terminou e a conversa se seguiu, ele passou a fumar um cigarro após o outro. Cayce, ao que parecia, não prestava atenção às regras de dieta e saúde apresentadas nas leituras que Reilly havia estado estudando nos últimos meses. Perguntado como isso podia ser, Edgar explicou que, em sua vida cotidiana, ele não tinha conhecimento especial de dieta nem de quaisquer outras medidas de saúde. Forte crente em alimentação saudável, Reilly instou Edgar a começar a seguir seu próprio conselho, e mais tarde o ajudaria a estabelecer um regime estrito de dieta e exercício, que, infelizmente, Edgar ignorou.

Sua curiosidade aguçada pelo primeiro encontro deles, Reilly decidiu olhar mais a fundo o fenômeno Cayce. Visitou o hospital em Virginia Beach, frequentou palestras, e por fim tornou-se um estudioso conhecedor das leituras. Recebeu, também, o seu próprio conselho em transe. E, ao contrário de Edgar Cayce, Reilly fez tudo o que foi sugerido. Mais tarde em 1931, transferiria sua operação para a Sixty-third Street com Broadway, onde abriu o **Physicians Physiotherapy Service**, que atendeu muitos dos pacientes que foram subsequentemente excluídos do Hospital

Cayce. Em 1935, mudou-se de novo para o Rockefeller Center, onde abriu o **Reilly Health Institute**.

Outro médico de Nova York, **Dr. Frank Dobbins**, envolveu-se com Cayce de modo muito similar. Em outubro de 1932, Dobbins, um osteopata, havia recém-mudado sua prática do Maine para Staten Island. Um dia, Helene Zentgraf chegou ao seu escritório e lhe entregou uma cópia de uma das leituras de Cayce, esperando que Dobbins tratasse sua filha, Margaret, com base no que ela dizia. Dobbins tinha óbvias reservas, mas, tendo recém-chegado à cidade e tendo muito poucos pacientes, disse que tomaria a leitura em consideração depois de primeiro examinar a paciente ele mesmo. Antes de estudar a leitura, deu a Margaret um exame completo. Mais tarde naquela noite, ele estudou a leitura e, para seu choque e surpresa, o diagnóstico de Edgar coincidia exatamente com o seu. Quando chegou ao final da leitura, seu choque virou incredulidade. Dobbins quase caiu da cadeira quando chegou à parte em que Cayce, em transe, foi perguntado aonde Margaret deveria ir para tratamentos: *"Encontrai Dobbins!"* Tivesse a leitura sido dada mais tarde, uma vez que Dobbins estivesse mais estabelecido, talvez ele não tivesse ficado tão atônito. Mas, na época da leitura, seu nome não estava sequer na lista telefônica. Helene tivera de perguntar por toda Nova York para encontrá-lo.

Dobbins viria a tornar-se um fã devotado de Cayce, e, segundo se relata, usou as leituras para diagnosticar 95% de seus casos. E, como Reilly e outro proeminente médico de Nova York, **Dr. Henry Hardwicke**, Dobbins trabalharia duro para estudar e codificar aspectos particulares dos conselhos de saúde

apresentados nas leituras. Como parte das suas práticas, Reilly, Dobbins e Hardwicke tomaram interesse particular nas leituras referentes à nutrição e à sua relação com o frescor dos alimentos e como são preparados. Estudaram também referências aos efeitos negativos do tabagismo e da inalação de gases automotivos e de outros fumes tóxicos, e até abordaram tópicos que estavam cada vez mais tabus, tais como o desequilíbrio químico que resultava do uso de antibióticos. Reilly, em particular, via todos esses fatores como *"armadilhas perigosas"* que conspiravam para tornar mais difícil permanecer saudável e evitar doenças. *"É um clichê velho dizer que os americanos cuidam melhor dos seus carros do que dos seus corpos,"* dizia ele aos pacientes. *"Mas é, não obstante, verdade. Menos cera no carro e mais óleo de amendoim no corpo deveria ser a regra nos lares por um país mais forte e mais saudável."*

Reilly e seus associados transmitiam sua mensagem em numerosas palestras nas áreas de Nova York e Nova Jérsei. A mais notável dessas palestras foi intitulada ***"Três Médicos e um Psíquico,"*** proferida no **Hotel McAlpin** em Nova York, à qual tanto Edgar quanto Hugh Lynn assistiram. No curso da palestra, Dobbins contou a história de um antigo funcionário postal de Nova York que havia sido enviado a uma instituição mental no interior do estado, onde os médicos o haviam diagnosticado como sofrendo de doença mental relacionada ao estresse. Segundo o primo do paciente, que havia abordado Cayce para uma leitura, o homem havia *"ficado louco"* depois do trabalho um dia, espancado a esposa, e quase matado o filho. À época em que a leitura foi solicitada, o paciente estava sendo mantido em uma cela acolchoada, e onde os médicos não podiam examiná-lo com

segurança, a menos que vestisse uma camisa de força. A leitura subsequente disse que a raiz do problema do paciente era um acidente em que o paciente havia escorregado em uma placa de gelo em frente à agência postal, e ferido a coluna. Dobbins administrou os tratamentos osteopáticos recomendados na leitura, e, após quatorze sessões, o paciente recuperou-se completamente. Para todos os ouvintes, esta era uma história reveladora, pois ilustrava como instâncias de aparente doença mental podiam ter causas físicas.

Enquanto o Dr. Dobbins contava a história, ele não tinha ideia de que um convidado inesperado estava lá no salão — seu antigo paciente, **Thomas Scanlon**, estava sentado na audiência. Para grande surpresa de todos, Scanlon, descrito como um gigante de homem, levantou-se ao fundo da sala e anunciou: *"Eu sou esse homem, e tudo o que o doutor disse era verdade!"* Scanlon nunca havia conhecido Edgar Cayce em pessoa, e agora subiu ao palco para apertar-lhe a mão. Edgar teve de lutar contra as lágrimas.

No curso da palestra, uma mulher havia entrado no salão apenas para fugir da chuva. Sem saber nada sobre o propósito da reunião, ela tomou um assento na primeira fila e começou a escutar. Quando a palestra terminou, correu para a frente da fila que se formava para falar com Edgar. Após ouvir sua história, Cayce tomou Hugh Lynn pelo braço e disse-lhe para marcar um compromisso de emergência para o dia seguinte.

A mulher, que havia recém-vindo de visitar a filha em um hospital em Ward's Island, descreveu comportamento similar ao de Scanlon. A filha dela, uma artista de Nova York, vinha agindo violenta e irracionalmente desde que havia sido vítima de um

ataque. Uma noite, ela havia sido seguida para casa por um homem que havia comprado uma das suas pinturas. O homem espancou-a violentamente, atirou-a ao chão e a estuprou. A leitura subsequente de Cayce relatou esse incidente, e, como no caso de Scanlon, disse que uma lesão na sua coluna estava causando seu comportamento aparentemente insano. Dois dias após a palestra do McAlpin, o Dr. Dobbins a visitou no hospital e lhe deu os ajustes espinhais sugeridos nas leituras. Ela se recuperou completamente e, em agradecimento, pintou um retrato de Edgar que ele orgulhosamente penduraria em seu escritório.

No curso de sua relação com Cayce, Reilly e seus associados tocaram muitas vidas, entre elas um número crescente de celebridades. Pacientes do Reilly Health Institute que receberam leituras de Cayce incluíam a Sra. Eddie Rickenbacker, esposa do famoso piloto, **David Sarnoff**, fundador da RCA, e sua esposa, Dorothy, e o líder de banda Vincent Lopez. Outros clientes de Reilly que foram tratados com terapias de Cayce, e que podem ou não ter sabido disso, incluíam o Governador **Nelson Rockefeller**, o líder sindical **George Meany**, o autor William Saroyan, o compositor Irving Berlin, e os atores Fred MacMurray, Eddie Albert, George Jessel e **Marilyn Monroe**. Durante sua vida, Edgar encaminhou mais de mil pacientes a Reilly e mencionou-o estimadas trezentas vezes em sessões em transe. Embora menos pacientes tenham sido direcionados a visitar Dobbins e Hardwicke, eles também trataram centenas de pessoas enviadas pelas leituras.

Como Edgar estava agudamente ciente, contudo, Reilly, Dobbins e Hardwicke eram exceção à regra. A vasta maioria dos médicos era inflexivelmente oposta ao que Edgar fazia, como a família aprenderia em uma viagem que fizeram a Detroit para conduzir uma série de leituras físicas para novos membros. Em **novembro de 1935**, os Cayces, acompanhados por Gladys, viajaram a Detroit e ficaram na casa de uma rica família de apoiadores da ARE. Uma das leituras foi conduzida para **Betty Ruth Mitshkun**, uma jovem que sofria de asma. Esta leitura sugeria o uso de uma tecnologia referida como uma *"bateria úmida,"* bem como manipulações espinhais para aliviar seu problema respiratório. Dois dias depois, na manhã de **30 de novembro de 1935**, quatro policiais chegaram onde os Cayces estavam hospedados para prender Edgar, Hugh Lynn, Gertrude e Gladys, sob acusações de prática da medicina sem licença.

Como mais tarde se tornou claro, Maurice Mitshkun, o pai da criança que sofria de asma, não entendeu a leitura. Nem o **Dr. Hyman Cohen**, o médico que tratava da paciente. Segundo Hugh Lynn, o Dr. Cohen disse ao pai que a leitura era *"sem valor"* e, sem consultar Edgar nem dar a leitura a um dos muitos médicos em Detroit familiarizados com os métodos de Cayce, prontamente apresentou queixa. Os investigadores policiais tomaram o caderno de Gladys e outros documentos pertinentes, e levaram os quatro à delegacia, onde foram fichados e detidos. Como era costume, a polícia tomou todas as suas roupas e pertences, deixando-lhes apenas três dólares para doces e cigarros.

Em contraste com suas prisões anteriores, Edgar estava mais perplexo do que irado. Ele podia entender como isso podia ter

acontecido com ele, mas ter sua família e secretária tratadas como criminosas comuns estava além da compreensão. Mais tarde, olhou para o incidente mais filosoficamente, refletindo sobre o bem inesperado que ele foi capaz de realizar na cela.

Gladys e Gertrude foram levadas à seção feminina da delegacia, e cada uma posta em uma cela estreita mobiliada com beliche e privada. Edgar e Hugh Lynn foram conduzidos à seção masculina, uma grande área confinada em que havia vários pequenos cubículos, cada um com um beliche duplo. Como Hugh Lynn mais tarde recontaria a história, assim que os dois foram trancados dentro, vinte ou vinte e cinco detentos se reuniram em torno deles, com o líder exigindo os três dólares que lhes haviam permitido conservar. Hugh Lynn prontamente os entregou, após o que uma coisa muito curiosa ocorreu. O líder do grupo perguntou por que Edgar e o filho haviam sido presos. Edgar lhe disse que havia sido acusado de prática de medicina sem licença. Os outros prisioneiros queriam saber se isso era verdade, e Edgar disse que era, de fato, verdade, mas que não era a razão real pela qual ele havia sido encarcerado. *"Como em todos vocês, há, atrás daquilo de que vocês são acusados, a causa real, a razão real para o seu confinamento,"* disse Edgar.

Como Hugh Lynn mais tarde relatou a história, Edgar dissipou uma situação potencialmente desconfortável usando seu poder de clarividência em estado consciente, muito como havia ajudado anteriormente os membros do seu grupo de estudo a superar uma lição desafiadora ao revelar seus pensamentos mais íntimos. Edgar olhou para o líder dos seus colegas detentos e disse: *"Você é acusado de atropelar uma criança com um automóvel. É por isso que*

você está aqui. Mas a razão real para o seu confinamento é um conflito com a sua esposa que vem ocorrendo há muito tempo. Você ficou muito, muito irado depois de uma discussão com ela. Por causa dessa raiva, entrou no seu carro e arrancou rapidamente sem ser muito observador, e atingiu uma criança."

O homem, segundo se relata, ficou pálido, e vários outros prisioneiros que o conheciam ofegaram. Ele então ordenou aos homens que pegassem para Edgar e Hugh Lynn os dois melhores colchões e os pusessem em seu cubículo. Eles nunca chegaram a usar suas camas, pois os quatro foram libertados sob fiança mais tarde naquela noite. Metade da fiança foi paga pelo gerente-geral da fábrica Buick de Detroit, que, justo na semana anterior, havia recebido uma leitura bem-sucedida sobre cálculos renais. A outra metade foi de **Charles Dillman**, que havia sido o primeiríssimo paciente do Hospital Cayce, e era agora um vendedor de móveis em Flint, Michigan. Cada um pagou US$ 400,00 para cobrir a fiança de US$ 200,00 para cada um deles. Em vez de passar a noite na cadeia, foram tratados a um jantar e ao teatro.

Uma audiência preliminar havia sido marcada para a quinta-feira seguinte, e Edgar estava tão perturbado pela prisão e pelo interrogatório policial que não podia dar leituras enquanto aguardava a audiência. Os Cayces e seus amigos discutiram o efeito que a publicidade poderia ter sobre o trabalho. Hugh Lynn havia ligado a Tom Sugrue, que preparou comunicados à imprensa enfatizando a longa e bem-documentada história de pesquisa psíquica de Edgar, bem como uma cópia da carta-patente da ARE da Virgínia. Hugh Lynn era a favor de ligar para os jornais para contar o lado deles da história, mas associados da

ARE em Nova York e seus advogados em Detroit sentiam que tal publicidade lhes faria mais mal do que bem.

Antes da audiência, o advogado de Edgar fez um acordo de delação. As acusações contra todos, exceto Edgar, foram retiradas. E, quando seu dia no tribunal chegou, Edgar declarou-se culpado. O juiz chamou Edgar à bancada, e explicou-lhe que a situação era muito infeliz, e que ele lamentava muito que tivesse acontecido. Sugeriu que, dado que era necessário impor uma sentença, ele pediria ou a devolução da taxa de membresia original à testemunha queixosa, ou um curto período de probatório. Edgar aceitou o último, e foi solto sob probatório, sob a custódia de um agente de condicional de Norfolk.

Talvez porque os Blumenthals não estivessem envolvidos desta vez, nenhum repórter apareceu durante os procedimentos, e nada apareceu em nenhum dos principais jornais. Por sorte, o agente de condicional de Edgar acabou sendo o cunhado de Esther Wynne — um oficial de tribunal e membro da ARE em Norfolk, a quem Edgar havia ajudado a superar ferimentos sofridos em um acidente automobilístico no ano anterior. Como agente oficial de condicional, ele tinha grande prazer em fazer verificações de rotina sobre seu condicionado ao longo de 1936, viajando a Virginia Beach, durante o qual também recebia leituras sobre sua dieta, sua carreira e um empréstimo doméstico.

Ao longo do ano seguinte, os Cayces seriam lembrados, vez após vez, de que as *"forças invisíveis"* estavam cuidando deles. Esse foi claramente o caso no verão de 1937, quando sua situação financeira tornou-se tão grave que acreditavam poder perder a casa de Arctic Circle. Um sonho que Edgar teve em maio sugeriu

que seriam supridos, exatamente como haviam sido auxiliados no passado.

No sonho, Edgar assistia a um concerto em Paris e, depois, ao sair da sala de concerto, notou que o **Duque de Windsor e a Sra. Simpson** estavam caminhando à sua frente. O duque estava vestido com cartola e fraque, e carregava uma bengala. A Sra. Simpson também estava bem-vestida. Nesse momento, um cavalheiro elegantemente trajado, com sorriso amistoso, se aproximou deles. Edgar reconheceu-o como Cristo, o *"Mestre dos Mestres."* Ele e Jesus caminharam de braços dados pela rua até chegarem a um café de calçada, onde Jesus disse: *"Tomemos uma bebida aqui."* Em seguida, Jesus chamou o duque e a Sra. Simpson, que ainda estavam à frente deles, e os convidou a se juntar a Ele e a Cayce. Os quatro sentaram-se, e Jesus pediu champanhe. Foi servido em belas taças de pé, e todos beberam com apreciação. A conta totalizou US$ 13,75. Quando o garçom apresentou a Edgar a conta, ele tateou todos os bolsos e encontrou apenas três centavos no bolso direito do colete. Disse com muito sentimento: *"Não posso pagar esta conta."* Jesus deu-lhe um tapa no ombro alegremente e riu com muito humor do apuro de Edgar. *"Não importa,"* Jesus disse por fim, ainda rindo. *"Aqui estão US$ 13,75 para pagar a conta. Não te preocupes.* ***No dia do casamento dos dois que acabaram de nos deixar, os teus problemas terão acabado."***[189]

Não muito depois de Edgar ter esse sonho, uma completa estranha chegou à casa dos Cayces na Arctic Circle e lhe entregou um envelope lacrado. Disse que, em uma viagem recente a Paris, uma mulher que estava a caminho da Índia havia lhe contado de uma leitura que Cayce havia dado a ela em Nova York. A

receptora da leitura havia pedido que esse envelope fosse dado a Cayce. Edgar abriu o envelope e descobriu que continha **US$ 1.375,00** — precisamente a quantia que ele devia ao banco em sua hipoteca. Naquele mesmo dia, **3 de junho de 1937**[190], o Duque de Windsor e a Sra. Simpson casaram-se.

Houve muitos outros fenômenos curiosos que Edgar Cayce relatou ter experimentado naquele mesmo ano. Perdeu o seu prazer em ler, porque tinha apenas de ler os primeiros parágrafos de cartas ou livros para conhecer todo o seu conteúdo. Podia sentir o ânimo de uma pessoa à distância, e em pelo menos uma ocasião, esgueirou-se para o escritório da igreja antes que uma paroquiana, cujo corpo estava cercado de uma aura vermelha, pudesse lhe contar o que estava em sua mente. *"Volte para me ver quando estiver não tão irada,"* Edgar disse à mulher surpresa antes de escapar para o escritório da igreja. Talvez os incidentes mais discutidos tenham ocorrido em viagens a Nova York, quando Edgar revelou dois exemplos espantosos de sua clarividência em vigília, que àquela altura, estavam se tornando ocorrência rotineira.

Em um incidente, que segundo se relata ocorreu quando Edgar e Hugh Lynn estavam jantando em um restaurante de hotel, Edgar parou uma mulher quando ela estava prestes a cruzar a porta. Ele educadamente desculpou-se por interromper, explicou brevemente quem ele era, e instou a mulher — a quem ele aparentemente nunca havia visto antes — a não andar de carro naquele dia. A conversa inteira deles durou não mais que alguns minutos, após o que Edgar se despediu da mulher e voltou à sua refeição. No dia seguinte, Edgar e Hugh retornaram ao mesmo

restaurante, onde encontraram a mulher esperando-os. Hugh Lynn descreveu-a como quase *"sem fôlego"* enquanto ela abraçava e abençoava Edgar por salvar-lhe a vida. Apenas algumas horas antes, ela havia recebido a notícia de que um parente, com quem ela havia pretendido fazer uma viagem de carro ao interior, havia tido um acidente automobilístico fatal. Por causa do alerta de Edgar, ela havia decidido ficar em casa, e havia instado o motorista — sem sucesso — a fazer o mesmo. A mulher carregava consigo um telegrama confirmando o acidente.

Hugh Lynn relatou outro incidente estranho que ocorreu quando ele e seu pai estavam prestes a entrar em um elevador de hotel. Quando a porta abriu, Edgar olhou para as pessoas esperando dentro, hesitou, e então disse a Hugh Lynn que iriam pelas escadas. Mais tarde, Edgar desejou ter dito aos passageiros para descer, pois o cabo do elevador rompeu, mandando os passageiros à morte. Edgar raramente falava desse incidente, exceto para dizer que, quando olhou para os passageiros no elevador, ele pôde ver que eles **não tinham futuro**.

Edgar Cayce continuou a dar uma ampla variedade de leituras em 1937. A leitura mais interessante daquele ano, no que dizia respeito a Hugh Lynn, foi para uma professora primária, **Sally Taylor**, por quem Hugh Lynn havia se apaixonado e desejava se casar. Ele perguntou se Sally Taylor seria uma boa esposa para ele. Hugh Lynn relatou que a leitura disse *"sim,"* mas que a moça disse *"não."*

O problema não era de afeto, pois Sally achava Hugh Lynn *"irresistível."* O problema era o rapaz com quem ela estava noiva para se casar quando conheceu Hugh Lynn. Em leituras

subsequentes, Hugh Lynn soube de uma longa associação que ela havia tido com Hugh Lynn em uma encarnação anterior na Mongólia. *"A escolha é boa,"* disse uma leitura. *"Vós fostes ambos chineses muito bons!"* As leituras também afirmavam claramente que poderiam construir uma vida juntos, que *"cada um poderia realizar muito daquilo que tem buscado."* Isso foi suficiente para Hugh Lynn, e ele a perseguiria pelos quatro anos seguintes, até que ela finalmente cedesse e concordasse em fixar uma data para o casamento.

Talvez a leitura mais conhecida que Edgar Cayce deu durante esse tempo tenha sido para a piloto **Amelia Earhart**[191], que desapareceu com seu companheiro em seu avião perto do Havaí em **2 de julho de 1937**. Diferente do desastre anterior envolvendo o esforço de Cayce de localizar a criança Lindbergh, o pedido, desta vez, veio do marido de Earhart, **George Putnam**, cujo interesse na pesquisa psíquica era bem documentado — evidência de que ele estava predisposto a receber ajuda desse tipo. Cayce deu a primeira leitura em **5 de julho de 1937**, em nome de Putnam e de uma de suas amigas, **Myra Kingsley**, membra da ARE profundamente interessada em astrologia.

"Sim, temos o pedido, e a ansiedade que se manifesta nas mentes de muitos neste momento," disse Cayce em transe. *"Como encontramos,… as condições são bastante sérias."* Continuou, afirmando ainda que ela e o seu companheiro, **Fred Noonan**, haviam ficado sem combustível e despencado o avião em um recife de coral aproximadamente a noventa milhas a noroeste da **Ilha Howland**. A leitura também afirmava que Amelia Earhart estava viva e *"muito melhor"* desde o acidente, mas que o seu

companheiro estava *"em pânico,"* que ele *"não estava ferido corporalmente, tanto quanto pela exposição e pela condição mental."* Seu avião foi danificado durante o pouso, deixando-os encalhados. Por mais *"séria"* que sua condição fosse, a leitura afirmava que ainda havia tempo para os resgatadores os localizarem. *"As condições, para ser certo, estão gradualmente piorando o tempo todo, mas deveria haver o resgate com aquilo que foi posto em movimento, no início da manhã de amanhã… que já está começando, mas ainda não plenamente completo, e mais atividade está sendo mostrada agora na direção certa."* Ao despertar, Edgar disse ter tido uma visão de tela de arame, sugerindo que Earhart estivesse sendo mantida cativa.

Uma segunda leitura foi conduzida em 1.º de agosto, novamente a pedido de Putnam, que àquela altura havia se juntado à ARE, ele mesmo. Essa leitura indicava que Earhart havia morrido em **21 de julho**, três dias depois de os resgatadores terem desistido da busca. Anos depois, pesquisadores encontraram o que acreditavam ser os restos de Earhart, junto com destroços de um avião, aproximadamente na localização que Edgar havia especificado na leitura. Antropólogos estudando os ossos relataram, em conformidade com a informação de Cayce, que ela e o seu companheiro haviam vivido por algum tempo após o acidente.

Cayce parece ter sido igualmente acurado em uma leitura que deu naquele mesmo ano para o **Capitão John Craig**, mergulhador de águas profundas que buscava informação que o ajudasse a salvar o ***Lusitânia***, o transatlântico de passageiros que afundou na costa da Irlanda em **1915**, depois de ter sido torpedeado por um submarino alemão. Em transe, Cayce precisamente apontou a

localização dos destroços entre **Kinsale** e **Galley Head Point**, aproximadamente 11 ½ milhas da costa da Irlanda. Descreveu a posição dele no fundo do oceano, e acrescentou detalhes interessantes que se mostraram corretos, incluindo redes de pesca de arame presas aos destroços. O ponto mais importante feito na leitura foi a afirmação da Fonte de que **um único torpedo** havia atingido o navio, não dois, como era geralmente acreditado em 1957, e que o governo britânico não havia conspirado para ocultar do público detalhes sobre a carga do navio, que não — como pesquisadores mais tarde descobriram — continha um estoque oculto de munições. A Fonte encorajou o Capitão John Craig a lançar uma operação de salvamento, e sugeriu que ele receberia *"simpatia e ajuda"* em sua exploração dos destroços, *"das almas daqueles cujos corpos estão aqui confinados [nos destroços]."* O Capitão John Craig de fato lançou uma operação de salvamento, mas foi interrompido pela guerra então em andamento.

Por mais interessantes que essas leituras tenham se mostrado, a única mais gratificante a Edgar, em nível pessoal, foi uma que ele daria para uma secretária divorciada de quarenta e sete anos em **15 de dezembro de 1937**. Por mais inócua que essa leitura possa ter parecido a qualquer um senão Edgar, ela lançou luz sobre uma questão que havia perplexado Edgar por anos, e emprestou significado a todo o corpo de leituras dadas sobre o trabalho. Esta leitura forneceria uma explicação para o amor inicial e profundo de Edgar pela Bíblia, e demonstraria quão longe Edgar havia progredido espiritualmente desde as leituras de Dayton, da queda do Hospital Cayce, e dos anos difíceis durante a formação inicial da ARE. Mais importante, esclareceu o relacionamento de

Edgar com Jesus Cristo de modo que surpreendeu e encantou a ele.

O tema da vida de Cristo era um, é claro, que a Fonte havia coberto extensamente no passado. Como Edgar havia aprendido em Dayton em 1923, Hugh Lynn havia sido o apóstolo André de Jesus; e uma leitura de 1929 havia revelado que Edwin Blumenthal havia sido um parente sanguíneo de Jesus em uma encarnação anterior, embora um sobre quem a Bíblia tem pouco a dizer. Edwin foi dito ter sido **Judas, irmão menor de Jesus**, que estava em sua adolescência tardia quando Jesus foi crucificado, e que escreveu a Epístola Geral de Judas no Novo Testamento.

Em leituras para os irmãos Blumenthal, a Fonte havia frequentemente sido encorajadora e elogiosa, sugerindo a ambos que, se assim o escolhessem, poderiam tornar-se professores importantes no mundo. Em certas ocasiões — tal como a leitura sobre o colapso do mercado de ações em 1929 —, Edwin e Morton chegaram a receber comunicações sugerindo que o próprio Jesus Cristo estava falando-lhes através de Cayce. Esta era, como Edgar sabia, uma honra de fato, pois os dois jovens estavam aparentemente conversando diretamente com o *"unigênito Filho de Deus!"* — privilégio negado ao próprio Edgar, em virtude do fato de não ter memória consciente de se comunicar com o Exaltado, ou com qualquer outro, enquanto estava em transe.

Edgar tinha também a honra de fazer leituras para 500 ou mais indivíduos que — em encarnações anteriores — eram descritos como tendo algum papel nos eventos do primeiro século d.C., o que incluía André, Judas, Rute (irmã de Jesus), Maria Madalena, Marta e Lázaro. Embora Edgar sentisse certo entusiasmo por ter

acesso a tal fascinante material bíblico, sentia-se também perplexo com o fato de que nenhuma indicação havia sido feita nas leituras de que ele, ele mesmo, houvesse desempenhado qualquer papel no drama do nascimento, da vida e da morte ou ressurreição do Messias, ou no desenvolvimento da Igreja cristã primitiva. Hugh Lynn, talvez sentindo o desapontamento do pai, havia perguntado à Fonte durante uma leitura em Washington, DC, em 1935, que nome Edgar Cayce havia usado em sua encarnação durante os tempos bíblicos. O nome que foi oferecido, **"Lúcio,"** deixou Edgar e Hugh Lynn confusos, mas não inteiramente desapontados. Um Lúcio de Cirene é mencionado em **Atos dos Apóstolos** como cristão ministrando em Antioquia[192]. E em **Romanos**, Paulo envia saudações de seus parentes, um dos quais se chama Lúcio.

Em dezembro de 1937, contudo, a Fonte surpreendeu Edgar — aos sessenta anos de idade — com a informação de que ele, de fato, como Lúcio de Cirene, havia desempenhado um papel substancial nos eventos daquele tempo importante na história do mundo. A Fonte primeiro disse que a secretária divorciada para quem a leitura foi conduzida havia sido uma jovem casada com Lúcio. Como descrito pela Fonte, Lúcio havia sido bem-educado, mas um tanto vagabundo. Após conhecer Jesus, tornou-se inspirado por Seus ensinamentos e, por fim, tornou-se um dos **setenta apóstolos**, ou mensageiros Divinos, que Jesus enviou para *"preparar o caminho."* Apesar da preocupação inicial de vários dos outros apóstolos, Lúcio tornou-se o **bispo da igreja em Laodicéia**, uma das sete igrejas cristãs da Ásia, situada perto de Antioquia. A revelação mais empolgante da leitura — e a que mais

entusiasmou Edgar — foi que **o autor do Evangelho segundo Lucas e dos Atos dos Apóstolos era Lúcio de Cirene, não Lucas o médico**, como geralmente se acredita[193].

Comparado aos outros três Evangelhos, que cada um conta em sua própria maneira a história do nascimento, do ministério, da morte e da ressurreição de Jesus, o Evangelho de Lucas é o mais concreto e preciso, contado quase com detalhes em primeira pessoa. A maioria das histórias de Natal e de Páscoa vêm desse Evangelho. A tradição diz que o autor havia vindo de Antioquia, na Ásia Menor, ao norte do Mediterrâneo, e a leste da Grécia, e usou um grego polido e correto, indicando seu pano-de-fundo não-provincial. A Fonte disse que Lúcio de Cirene, o verdadeiro autor, era conhecido primeiramente como **Lúcio Céptulo**, e era de parentela romana e grega, o que explicaria seu uso adequado do grego. A Fonte ainda alegou que ele não era de Antioquia, mas de Cirene, que ficava nas costas meridionais do Mediterrâneo, no continente africano, ainda mais a oeste do que Alexandria — perto, de fato, das terras às quais Edgar, como Ra Ta, havia sido banido em sua encarnação egípcia. A família de Lúcio, em algum ponto, contudo, havia se mudado para Laodicéia, não longe de Antioquia.

Edgar, Gertrude, Gladys e Hugh Lynn devem todos ter se perguntado por que havia levado tanto tempo para a Fonte revelar essa informação. Ao final da primeira de várias leituras subsequentemente dedicadas à vida de Lúcio, a Fonte abordou essa questão antes que tivessem chance de fazê-la: *"Pode ser questionado por alguns por que tal experiência saliente da entidade*

agora chamada Cayce não houvesse sido dada [mais cedo]. Tivesse sido [esse o caso], teria havido um inchaço [do ego daquela entidade].”

Apesar dessa explicação um tanto insultuosa, nada podia esmagar a incrível exaltação e empolgação que Edgar sentiu com esse novo conhecimento. Não apenas havia sido participante na vida e nos tempos de Jesus — ele podia ler suas próprias palavras no Novo Testamento! Esse foi o melhor presente de Natal que Edgar jamais receberia.

---

188. Dr. Harold J. Reilly (1895-1987): fisioterapeuta americano, discípulo cayceano principal; aplicou e codificou os tratamentos físicos cayceanos no *Reilly Health Service* em Manhattan. ↩
189. 3 de junho de 1937: sonho cayceano cumprido — Edgar havia sonhado que receberia em casa três figuras importantes; o cumprimento literal confirmou suas capacidades preditivas íntimas. ↩
190. 3 de junho de 1937: sonho cayceano cumprido — Edgar havia sonhado que receberia em casa três figuras importantes; o cumprimento literal confirmou suas capacidades preditivas íntimas. ↩
191. Amelia Earhart (1897-1937?): pioneira da aviação; primeira mulher a voar sozinha sobre o Atlântico. Desaparecida em 2 jul. 1937 perto da Ilha Howland. Cayce conduziu leituras inconclusivas sobre seu paradeiro. ↩

192. Lúcio de Cirene em Antioquia: At 13.1 (ARA) menciona Lúcio como um dos *profetas e mestres* da igreja de Antioquia.↩

193. Lúcio = autor de Lucas e Atos: revelação cayceana inédita. A tradição cristã canônica atribui o Evangelho de Lucas e os Atos dos Apóstolos ao *Lucas, o médico amado* (Cl 4.14 ARA), companheiro de Paulo.↩

47.
Paz e
Prosperidade

Os Cayces não mais entretinham pensamentos de retornar a *The Hill*. Pelo fim dos anos 1930 e início dos anos 1940, a membresia da ARE, e a demanda resultante por leituras, havia aumentado a tal ponto que a família estava ganhando uma renda de aproximadamente US$ 300,00 a US$ 400,00 por mês — quantia modesta, mas suficiente para atender a suas obrigações e permitir-lhes devotar-se ao que acreditavam ser o verdadeiro propósito de suas vidas: as leituras para os grupos de estudo e oração, e as palestras e publicações que difundiriam os ensinamentos de Edgar. Mesmo Edgar Evans, que havia crescido para ser o membro fiscalmente mais conservador da família Cayce, ficou aliviado de ver seu pai, sua mãe, seu irmão e Gladys em base mais estável. *"Este negócio,"* escreveu Edgar em uma carta ao filho, *"[finalmente] entrou em dinheiro de verdade nestes dias!"* Junto com a renda estável vieram muitas compras e melhorias domésticas que a família há muito havia adiado. Edgar e Gertrude compraram os dois lotes adjacentes à sua propriedade, onde esperavam que seus filhos algum dia construíssem casas. Foram capazes de comprar um carro, um Chevrolet 1940, que mais tarde trocaram por um Pontiac 1941. Mais importante, completaram reformas e paisagismo em sua casa de Arctic Circle,

transformando a propriedade em um lugar mais adequado para receber os muitos novos membros que faziam a peregrinação a Virginia Beach para obter leituras, frequentar o Congresso anual da ARE, ou simplesmente visitar a família Cayce.

Entre as características mais impressionantes da casa estavam seus belos canteiros de flores, árvores frutíferas e hortas. Embora se possa creditar a Edgar Evans, Hugh Lynn, e a um ajudante chamado Bains, por terem feito grande parte do trabalho manual de mover quantidades de terra preta, compostagem e transplante, Edgar recebia o crédito pelo sucesso espetacular dos jardins em torno da casa de Arctic Circle. Era sempre Edgar, dizia Hugh Lynn, quem trabalhava mais duro, ficava mais tempo, e tocava e falava com cada uma das plantas. Hugh Lynn brincava que Edgar tinha um nome pessoal para cada planta, embora, se tivesse, ele guardasse esses nomes para si.

A horta de Edgar tinha a reputação de ter as ervilhas mais precoces, os morangos mais grandes e mais suculentos, e os aspargos mais altos e mais grossos que os visitantes haviam visto. Por todos os terrenos, Edgar havia plantado dezesseis variedades diferentes de árvores frutíferas e ornamentais, compradas por catálogos pelo correio, incluindo pessegueiros, pereiras, marmeleiros, macieiras-bravas e *Formosa*. Edgar também construiu um galinheiro, um chiqueiro de galinhas, uma coelheira e uma aviário para canários perto da margem do lago.

Além dos jardins, o lugar favorito de Edgar ao ar livre era o lago, que havia sido dragado e recebido um anteparo de madeira para impedir que a água transbordasse para o quintal durante as chuvas de primavera. Acoplado ao anteparo havia um píer, onde

Edgar gostava de sentar-se e pescar bagre e robalo, e onde projetou e construiu uma invenção bastante engenhosa para manter sombra durante suas pescarias da tarde. Em vez de erguer um guarda-chuva, plantou uma árvore em uma grande tina de madeira, que flutuou no lago e amarrou ao píer. Quando ele mudava seu ponto de pescaria, ou o sol mudava de direção, ele simplesmente puxava sua árvore-de-sombra junto consigo.

Foi ali, ao final do píer, à sombra da sua árvore flutuante, que Edgar certa vez pegou um robalo com uma pequena moeda alojada na boca. Reminiscente de uma cena da vida de Jesus, que, quando lhe pediram para pagar impostos, mandou seus discípulos pescar um peixe em cuja boca encontrariam uma moeda, esse incidente serviu de presságio a Edgar, de que, por mais difíceis que fossem os tempos, ele e a sua família seriam supridos.

Os Cayces também tomavam prazer na proximidade de seu lar à **Igreja Católica Estrela do Mar**, do outro lado da rua. Gladys uma vez escreveu a Helene Zentgraf para dizer que a proximidade da igreja tinha um efeito positivo sobre todos na casa, pois constantemente viam pessoas vindo para serviços e oração. *"É muito inspirador, e sinto que estamos finalmente em arredores muito espirituais — não apenas a igreja, mas toda a natureza ao nosso redor."*

Padre Brennan, o sacerdote da paróquia, dava-se famosamente bem com os Cayces, e frequentemente lhes trazia bolos e tortas assados pelos paroquianos. Também deixava a ARE usar oficiosamente o salão paroquial para reuniões. Em suas muitas e frequentes visitas à casa, ele invariavelmente aspergia água benta

nos cômodos em que entrava — todos os cômodos, isto é, exceto aquele em que Edgar dava leituras.
Como a propriedade de fora, o interior da casa dos Cayces foi transformado. As paredes foram esfregadas e pintadas, a cozinha foi estendida, e um apartamento para Gladys foi acrescentado. Talvez de maior importância — dada a frequência com que vários dos lares e estúdios de Cayce pegavam fogo —, um cofre reforçado à prova de fogo foi instalado para proteger as leituras e o que havia agora se tornado a volumosa correspondência de Edgar.
O andar inferior da casa continha a sala de jantar, a cozinha, a sala de estar, e — mais importante para Edgar — seu escritório, onde podia ler, ouvir o **rádio Emerson** que havia sido um presente de um apoiador, conduzir sua correspondência, e dar leituras. Contra uma parede, Edgar havia arrumado sua escrivaninha com todas as suas fotografias de amigos e familiares, sendo as fotos da mãe e do pai as mais proeminentes. Ele dizia gostar especialmente de ver as fotos da mãe e do pai ali, porque o lembrava dos *"dias há muito ido"* e da *"maravilha do que é a vida."* Ele também pediu ao Padre Brennan uma foto dele mesmo, que o sacerdote relutantemente deu a Edgar, dizendo: *"Agora, você precisa ter certeza, Edgar, de não enfiar nenhum alfinete nela."* Contra outra parede estava o sofá com almofadas que haviam sido tricotadas por Carrie House, onde Edgar dava leituras.
À luz da heightened sensibilidade de Edgar a fenômenos psíquicos em estado de vigília, não veio como surpresa aos membros da família que sua casa se tornasse local de encontro para visitantes *"fantasmagóricos."* Gertrude relatava que Edgar

conduzia o que pareciam ser conversas unilaterais com tanta frequência que se tornavam quase comuns. Três tais incidentes vale a pena notar, porque ajudam a fornecer discernimentos sobre por que — no modo de pensar de Edgar — espíritos desencarnados às vezes permaneciam *"presos à terra,"* e como ele podia ajudá-los a fazer a transição para outro plano de consciência.

Em um incidente, no fim de 1936, Edgar acordou ao som de batidas na janela do quarto do segundo andar. Gertrude também ouviu as batidas, mas não viu o que Edgar viu quando abriu a janela. Pairando do lado de fora aparecia uma mulher chamada **Bunchie**, que os Cayces haviam, certa vez, empregado no estúdio fotográfico em Selma. Edgar estendeu a mão para tocá-la, mas, assim que o fez, ela desapareceu, apenas para reaparecer alguns minutos depois. Ele a convidou a entrar, e desceu para abrir a porta e deixá-la entrar. O fantasma de Bunchie entrou, e ela e Edgar passaram a manter uma conversa de uma hora — mas, com base no que Edgar estava dizendo, ficou claro que Bunchie havia vindo buscar conselho médico. Edgar não soube quando ou como ela havia morrido, apenas que estava morta e que não percebia. Aparentemente, não tinha noção do tempo, também, e falava de ter visto o pai de Edgar em Selma recentemente, embora houvessem se passado muitos anos desde que Leslie havia estado lá. Disse também a Edgar que ainda estava sendo tratada de uma doença por um médico de Selma, Dr. Furniss, que Edgar mais tarde descobriria também ter falecido. Perguntada como havia encontrado Edgar, ela disse que havia escutado uma conversa em Selma sobre a sua mudança para Virginia Beach, e havia agora

vindo procurá-lo. Edgar lhe disse que ela havia morrido, que deveria parar de se concentrar na doença que obviamente a havia obcecado, e que deveria *"buscar a luz"* que a conduziria aonde devia ir. Bunchie nunca mais retornou ao lar dos Cayces.

Um ano após esse incidente, outro fantasma visitou os Cayces — só que, dessa vez, foi permitido que permanecesse por mais de um mês, durante o qual todos no lar tornaram-se convencidos de sua presença. O fantasma era nada menos do que o pai de Edgar, Leslie, que havia morrido aos oitenta e três anos em **12 de abril de 1937**, durante uma viagem a Nashville para visitar suas filhas, Annie e Sarah. Um incêndio havia irrompido no apartamento do andar superior da casa de Annie Cayce, e, ao escapar do edifício, Leslie sofreu queimaduras na cabeça e no pescoço, que, devido à sua idade avançada, apressaram a sua morte. Uma leitura de emergência para Leslie, conduzida imediatamente após o incêndio, começou: *"É o fim."*

Cerca de uma semana após o funeral em Hopkinsville, os membros da família começaram a ouvir ruídos estranhos no antigo quarto de Leslie, no topo da escada. Hugh Lynn jurava ter ouvido a respiração pesada do avô. Gertrude e Gladys também ouviram alguém andando. Edgar entrou no quarto para ver por si mesmo. Quando saiu, relatou: *"Ele está de volta. Ficará aqui por alguns dias."* E então Edgar disse, como que para casualmente explicar o fenômeno: *"Em sua mente, ele está tentando endireitar seus papéis antes de ter morrido. Ele não ficará aqui por muito tempo. Não o incomodem, porque isso o aborrecerá, e ele não pode se comunicar, não pode se fazer ouvir."*

Hugh Lynn achou bastante curioso ter um fantasma na casa, e aproveitou a oportunidade para ver se não-membros da família podiam ouvir ou ver o que era aparente a Gladys e aos Cayces. Decidiu usar o carteiro como sujeito de teste. O carteiro, a quem todos na família conheciam bem, foi convidado para dentro da casa, e pedido a subir as escadas para ver se podia ouvir algo de incomum. Segundo Hugh Lynn, quando o carteiro estava na metade da escada, ele também ouviu a respiração de Leslie. Olhou muito estranhamente para Hugh Lynn e perguntou: *"Não é ali que o seu avô ficava?"* Hugh respondeu: *"Sim."* Então o carteiro perguntou que som era aquele que ele estava ouvindo. Hugh Lynn disse: *"É o meu avô. Ele está de volta."* O carteiro, segundo se relata, ficou pálido e correu para fora da casa. A partir daquele dia, ele não mais traria a correspondência à porta, mas a atirava para dentro da cerca-viva, correndo enquanto saía do quintal.

Uma manhã, alguns dias após o incidente com o carteiro, muito barulho começou a emanar do quarto de Leslie. Hugh Lynn estava prestes a subir para ver o que se passava, quando seu pai lhe disse para não. *"Não faça isso,"* alertou Edgar. Hugh Lynn não escutou o pai e correu escada acima, e no topo da escada, esbarrou de cara no que acreditava ser o avô. *"Eu podia senti-lo,"* disse Hugh Lynn. *"Cada cabelo na minha cabeça ficou em pé. Não sei como sabia, mas eu simplesmente sabia que era o meu avô. Estava frio, mas um arrepio bem diferente, e era como entrar em teias de aranha em um bosque escuro — muito finas quando te tocam, mas, quando você as tira, não há nada lá."*

Um terceiro incidente envolveu o fantasma de Frank Mohr, que havia sofrido um derrame em julho de 1937, causado pela

arteriosclerose, e que morreu em **1.º de fevereiro de 1938**. Logo após sua morte, Mohr começou a aparecer a Edgar em sonhos e visões. O primeiro sonho ocorreu em julho de 1940, em que Mohr disse a Edgar que ele receberia uma carta da Sra. Grace Wilson, antiga amiga de Mohr que havia recebido leituras físicas e de vida de Edgar no fim dos anos 1920. Alguns dias após o sonho, Edgar de fato recebeu um pedido da Sra. Wilson por uma leitura para James Taft, seu genro, um músico que havia sido recentemente confinado a um sanatório de tuberculose em **Monrovia, Califórnia**. Devido à intervenção do espírito de Frank Mohr, Edgar imediatamente fez a leitura, que recomendou um tratamento não muito diferente do que havia salvo a vida de Gertrude. A saúde de James Taft melhorou grandemente ao seguir as recomendações de Cayce, mas, vários meses depois, sua condição tomou um rumo para o pior, e ele morreu em abril de 1941. Edgar partilhou da dor da família, e não tinha como explicar o que havia dado errado. Frank Mohr respondeu a essa pergunta em um sonho que Edgar teve alguns dias após a morte de Taft. Mohr disse a Edgar que a leitura havia sido boa, e que o músico havia morrido porque havia negligenciado seguir os tratamentos.

Mohr visitou Edgar mais uma vez, de modo ainda mais dramático. Esta última aparição ocorreu durante uma leitura para sua esposa, Ella, que vinha sofrendo de uma condição cardíaca. No meio da sessão, Mohr apareceu a Edgar, dizendo-lhe: *"Não, não, Sr. Cayce, Ella quer vir [para estar comigo do outro lado] — não a impeça."* Ella Mohr morreu no dia seguinte à leitura. Em uma carta sentida de pêsames de Edgar à filha de Frank, Helen, ele lhe assegurou que Ella, como Frank, vivia em outro plano. *"Eles*

apenas atravessaram a outra porta de Deus, e não devemos nos preocupar demais por eles."

Para além dos fantasmas, centenas de pessoas vivas visitavam Edgar em seu escritório, e, de sua escrivaninha, Edgar mantinha uma correspondência muito ativa, às vezes escrevendo a até dez pessoas em um único dia. Cartas saíam para Los Angeles, Detroit, Chicago, Hopkinsville — por todo o país — e, embora muitas fossem para família e amigos, um número assombrosamente grande era para pessoas que Edgar nunca havia conhecido — frequentemente pessoas que lhe haviam escrito por conselho pessoal sobre uma leitura que haviam obtido. Para uma dona de casa em Nova York, casada com um alcoólico, ele humildemente recontou sua própria luta crescendo em um lar com um pai que abusava do álcool, elogiando sua correspondente por sua força e caráter em fazer o melhor de circunstâncias difíceis.

Para Edgar, a visitante mais importante de seu escritório, com quem manteve correspondência longa e detalhada, foi **Beatrice Coffing**. Beatrice foi apresentada a Cayce em setembro de 1940 por seu noivo, um violinista e professor de música em Altadena, Califórnia, cuja visão Edgar havia ajudado a recuperar após muitos anos sofrendo de catarata.

Estudar as leituras do noivo teve um impacto profundo sobre Beatrice, que subsequentemente solicitou tanto leituras físicas quanto de vida para si e para o homem com quem desejava se casar. A informação que veio capturou a atenção de todos, pois raramente uma leitura de vida havia sugerido tantas conexões anteriores entre duas pessoas quanto a de Beatrice entre ela e Edgar. Os dois aparentemente haviam estado juntos durante as

estadias de Edgar como Ra Ta e Uhjltd, e até tão recentemente quanto a presente encarnação de Edgar em Beverly, Kentucky. E, contudo, na correspondência que Edgar enviou com a leitura de vida, ele permaneceu incomumente cauteloso sobre como haviam se conhecido no Kentucky. Tampouco estava aparentemente disposto a discutir o tema com Gladys ou Gertrude.

Foi só quando ele teve a chance de conhecer Beatrice em pessoa, em **17 de setembro de 1940**, que Edgar deixou *"o segredo escapar."* Ele tinha de *"ver a verdade"* por si mesmo antes de poder, como disse mais tarde, *"ter absoluta certeza."* Naquele dia, quando Beatrice e seu noivo, Richmond Seay, chegaram à porta da casa de Arctic Circle, Edgar ficou parado na soleira, incapaz de se mover, ou mesmo de falar com ela enquanto ela levantava a mão para cumprimentá-lo. Lágrimas começaram a escorrer pelas suas faces. Ele então disse: *"Pequena Anna… Pequena Anna, é verdade."*

A escriturária de vinte e nove anos, de Attica, Indiana, havia lido tudo o que pudera sobre Edgar antes de conhecê-lo, e, embora acreditasse que ele fosse um *"espírito afim,"* não estava preparada para a torrente de afeto que Edgar derramava sobre ela, ou para o modo curioso como a chamava. Depois de conversarem juntos por um tempo no escritório dele, ela começou a entender o que vê-la significava para Edgar, e também ganhou um discernimento espantoso sobre seu relacionamento anterior com seu noivo, Richmond Seay.

Como Edgar havia descoberto ao estudar suas leituras de vida, Beatrice, em sua mais recente encarnação, havia sido a amada companheira de infância de Edgar, **Pequena Anna Seay**[194], que morreu quando Edgar tinha apenas doze anos. Anna havia sido

filha de **Barney Seay**, que morreu no dia seguinte ao dela, e que, segundo as leituras, foi reencarnado na mesma família, desta vez como Richmond Seay. Pequena Anna e seu pai Barney Seay, que ambos haviam morrido de pneumonia em **Beverly, Kentucky, em 1887**, eram agora, em 1941, Beatrice e Richmond Seay, em breve marido e mulher.

Mal ela e Edgar começaram a comparar notas sobre suas vidas presentes, perceberam quanto tinham em comum. Ambos tinham uma afinidade incomum por flores e jardinagem, e frequentemente falavam com suas plantas. Cada um havia passado muitas horas solitárias sozinhos no bosque, quando crianças, criando *"fortes"* a partir de toldos de folhas e outros materiais que haviam encontrado ali, e conversando com amigos *"imaginários."* O mais notável: os caminhos espirituais sobre os quais ela e Edgar estavam os havia trazido ao mesmo destino — uma crença profundamente enraizada tanto em Jesus Cristo quanto na reencarnação. Do momento de seu encontro em Virginia Beach, Beatrice e Edgar foram amigos rápidos e devotados, e ela e seu futuro marido tornaram-se líderes ativos na ARE, até mesmo encabeçando um esforço de captação de fundos para expandir sua sede. Para Edgar, ela jamais foi Beatrice, mas Pequena Anna, e para ela, ele era simplesmente *Eddy*.

Em uma carta que Beatrice escreveu a Edgar dois anos após sua primeira leitura, ela derramou seu afeto. *"Tenho muitas coisas pelas quais ser grata, Eddy, mas penso que você é uma das maiores e mais profundas dessas coisas pelas quais sou grata, então estou sempre tão grata a você por nos dar parte do seu tempo e da sua bem-aventurança,"* escreveu. *"Acabei de terminar de ler e ponderar todas as suas cartas*

desde que você primeiro se dirigiu a mim… Embora, à época, eu não tivesse ideia de que 'Pequena Anna' ou 'Pequeno Eddy' jamais houvessem existido — algo bruxuleou já então. E que maravilhosa revelação e que belas coisas têm vindo de encontrar um certo Sr. Edgar Cayce." Mais tarde, Beatrice escreveria de novo: *"A beleza e a maravilha disso! Eu não conseguia entender o que puxava e tirava no meu coração e na minha alma, desde o momento em que ouvi falar de você e do seu trabalho, até que, pouco a pouco, você me tem contado das experiências que me ajudaram a entender… Era como se você fosse parte do meu coração e da minha alma."*

Em cartas de retorno, Edgar pagaria a ela um tributo distintivo. *"Você, [Pequena Anna], está entre os vivos e os mortos, e a praga da dúvida em minha mente é estancada… quando [eu] estou com você… Toda dúvida escapa, e quando eu me permito escorregar de volta a dias há muito ido — uma parte de todo o negócio do viver — sou simplesmente transportado a outro mundo. Um mundo que não se pode deixar de ver, sentir, ouvir a bondade e o amor de Deus. Sei que jamais sou capaz de pôr em palavras o que sinto, mas está ali, e sei que sou mais capaz de ao menos tentar servir melhor aos outros quando estive com você."*

Por essa altura, Edgar conheceu uma criança jovem fascinante, **Faith Harding**[195], uma menina que Edgar e muitos outros vieram a acreditar que era um dos canais escolhidos por Deus, por meio do qual a próxima geração de americanos ouviria mensagens divinas. Embora muito da história tenha se perdido, e o que eventualmente foi relatado pela imprensa tenha sido em sua maior parte descartado como pouco mais que uma curiosidade, a

infância de Faith Harding, em certos aspectos, rivalizava a de Edgar.

Edgar primeiro soube de Faith Harding em uma carta que recebeu em 22 de fevereiro de 1940, de **Leila Learned**, membra da ARE em Connecticut que estava ouvindo todo tipo de relatos curiosos e fantásticos sobre a criança. A *"Pequena Profetisa,"* como Faith Harding era chamada, havia nascido em **Trucksville, Pensilvânia**, filha de Harry e Virginia Harding. Segundo a lenda popular, Faith podia falar em sentenças completas com apenas dezoito meses, e era creditada com notáveis poderes de clarividência. Em um incidente, quando Faith tinha apenas um ano e meio, ela exigiu ser tirada de um ônibus apenas alguns minutos antes de ele explodir em chamas. Os médicos que examinaram a criança, diz-se, ficavam confundidos com seu vocabulário assombroso, suas frequentes referências bíblicas, suas predições de eventos futuros, e as mensagens altamente incomuns de amor e esperança que ela entregava. Faith impressionou tanto **Leila e Arthur Learned**, casal rico e proeminente de Stamford, Connecticut, que se tornaram seus padrinhos devotados, hospedando seu batismo aos quatro anos e meio no **templo xintoísta** que haviam importado para o seu jardim japonês. Este era o mesmo templo onde **Alice Bailey**, notória teosofista e escritora; o **arcebispo católico William Francis**; e **Khalil Gibran**[196], o poeta assírio e autor de *O Profeta*, haviam todos dado palestras.

Menos de um mês após Edgar receber essa primeira comunicação sobre Faith Harding, outra membra da ARE, Josephine Buchanan, escreveu a Edgar pedindo que Faith fosse o tema de uma leitura

de vida. Buchanan relatou ter visitado a criança na Pensilvânia, e ter visto nela *"prova definitiva da orientação [Divina]."* Descreveu-a em termos quase angelicais: *"adorável… natural, doce, feliz e boa, e simplesmente irradiando luz e amor. Você simplesmente precisa conhecê-la!"*

Virginia Harding, mãe de Faith, havia recusado numerosos pedidos de fazer a sua criança ser *"psiquicamente"* testada, mas, à insistência dos Buchanans e de outros membros da ARE, concordou em que Edgar fizesse uma leitura. Uma sessão em transe de trinta minutos foi conduzida em Virginia Beach em **30 de março de 1940**.

A Fonte disse que a criança era *"um canal escolhido [por meio do qual] o Pai conferiu aos filhos dos homens,"* e que era *"um vaso por meio do qual o Príncipe da Paz traria encorajamento, garantia, e… mensagens de esperança e de luz a… aqueles que não estão apenas mentalmente, mas fisicamente doentes… a aqueles que estão inquietos, em vez de doentes."* Faith Harding faria isso, afirmava a leitura, por sua própria habilidade psíquica de comunicar-se com *"paciência," "amor"* e *"bondade,"* e por meio da *"imposição das mãos,"* talento que ela desenvolveria ao crescer. *"Ele prometeu estar nos lugares daqueles que estão desencorajados, desconsolados, que perderam a visão, perderam a esperança: assim possa esta entidade ser aquele canal por meio do qual muitos podem tomar esperança, muitos podem ser despertados à percepção de que o Senhor está perto, que Ele está à porta da tua consciência, para que possais ser despertados!"*

Segundo a leitura, Faith havia passado por muitas encarnações anteriores, e esse fato continuaria a servi-la nos anos vindouros. Mais importantes foram suas encarnações como **Isabel**, mãe de

João Batista, e como **Santa Cecília**, que, durante a era romana, trouxe grande esperança, paciência e compreensão ao mundo.
Por mais dotada que essa criança fosse em sua presente encarnação, a Fonte também admoestou os pais de Faith e aqueles ao redor dela a nutri-la no *"espírito da verdade,"* a fornecer-lhe amor, bondade e gentileza de espírito naquelas coisas que trazem *"forças construtivas, esperançosas, úteis às experiências dos outros,"* e a não a deixar experimentar *"desconfiança," "inveja," "malícia"* ou *"ciúme."* A leitura afirmava que, dada sua *"natureza especial,"* ela jamais experimentaria *"um mundo normal ou um ambiente normal,"* mas que, no entanto, à criança deveria ser provida uma infância tão típica quanto possível.
Concluindo, a Fonte disse: *"Que não haja uma adoração-do-corpo-da-entidade, mas, antes, das suas habilidades de despertar nos corações e nas mentes de outros o conhecimento de que o dia do Senhor está à mão!"*
Edgar teve a oportunidade de conhecer a criança e a sua mãe em **16 de abril de 1940**, no lar de **Milton e Irene Harrison**, em Bronxville, Nova York. Irene era filha de **Frank Seiberling**, e ela e o marido, ambos membros da ARE, vinham ativamente tentando fomentar uma reconciliação entre Seiberling e Edgar B. Davis, com a ajuda de leituras de Cayce. À época, Faith e a mãe, Virginia, estavam a caminho de **Tryon, Carolina do Norte**, para encontrar-se com o conselho de uma fundação interessada em ajudar a desenvolver os dons da criança.
Em seu breve encontro, Edgar caracterizou a criança como *"adorável,"* e achou a mãe extremamente conhecedora dos fenômenos psíquicos e do movimento espiritualista. Embora o

próprio Edgar estivesse convencido da integridade tanto da mãe quanto da filha, havia certos aspectos da abordagem da mãe que lhe causavam alguma preocupação. Como uma típica mãe-do-palco hollywoodiana, Virginia Harding estava demasiado ávida para promover a filha. Dave Kahn, é claro, havia batido o tambor por Edgar de modo muito semelhante ao que a Sra. Harding fazia pela filha, mas havia uma diferença importante, além da idade. À parte das histórias que a Sra. Harding contava sobre a sua criança, ela carregava consigo um álbum de recortes de jornais e uma pasta de documentos com declarações juramentadas. Tinha também uma fotografia que se dizia ter sido tirada durante o batismo de Faith, que ela alegava ser evidência de uma presença Divina: pairando perto da cabeça da criança, estavam as imagens sombrias e indistintas de Mãe Maria, Cristo, Buda, e várias outras imagens que Edgar reconheceu como homens e mulheres santos. Apesar do fato de Edgar mesmo ter, certa vez, experimentado com exposições duplas, e de Arthur Conan Doyle ter sido publicamente humilhado por Houdini por ter sido enganado a acreditar na autenticidade de fotos similares, Edgar deu a Gladys e a Gertrude a impressão de acreditar que a foto era genuína visão de espíritos Divinos reunidos para abençoar Faith durante o seu batismo.

Enquanto Edgar estava em Bronxville, deu uma segunda leitura para a criança, e novamente a Fonte direcionou um aviso àqueles *"privilegiados de ter o cuidado, a atenção desta entidade nesta experiência material."* A leitura solicitava que os pais *"prestassem atenção àqueles avisos indicados,"* e os lembrava da especialidade de sua criança. Faith Harding, afirmava a leitura, expressava *"a voz*

da própria natureza… no riso… no olhar de seu olho, no movimento de seu corpo, no tropear de seus pés, dando expressão de modo que traz às mentes e à consciência daqueles que buscam conhecer Deus e os caminhos de Deus com os filhos dos homens."

Próximo ao final dessa segunda leitura, Cayce foi perguntado se algo mais podia ser dito sobre essa criança. *"Mundos podem ser preenchidos com aquilo que pode ser dado!"* disse a Fonte. *"Mas que cada um de vós aqui assim viva a consciência cristã como manifestada no Mestre, para que possais ser contados dignos de ser mesmo como aqueles que recolhem as migalhas de sabedoria que se manifestarão por meio dessa entidade!"*

Nesse ponto da leitura, Gladys e os outros na sala tornaram-se conscientes de uma presença sobrenatural. Embora as janelas estivessem fechadas, um vento soprou pela sala, e uma vibração fez tremerem as vidraças. Sabiam que esta era outra visita do **Arcanjo Miguel**.

"ATENTAI, AMIGOS!" Cayce subitamente anunciou em voz que, segundo as testemunhas, tinha mais força e fúria do que em qualquer outra ocasião que pudessem se lembrar. *"EU, MIGUEL, SENHOR DO CAMINHO, DAR-VOS-IA UM AVISO!"* Cayce continuou. *"Inclinai vossas cabeças, vós, vis da Terra! Conhecei o que vos foi confiado! Vivei a vida, para que não sejais contados malditos por serdes indignos da confiança que vos foi dada!"*

Não se sabe quanto ou quão pouco Gladys e os Cayces sabiam sobre as circunstâncias em torno de Faith Harding ou de seus pais à época em que essa leitura foi dada, ou se entenderam o significado pleno dessa admoestação do Arcanjo Miguel. Contudo, nos meses que se seguiram, ficou claro a todos os

envolvidos que a vida da criança estava tomando um rumo trágico para o pior.

Edgar, Gertrude e Gladys logo souberam que Virginia Harding havia erguido um templo em Tryon, Carolina do Norte, onde os iniciados da **"Cross and Circle Foundation"** devotar-se-iam à *"Pequena Profetisa"* e aos seus ensinamentos. Muitos milhares de dólares haviam sido levantados para manter Faith e a sua mãe alojadas no que foi descrito como um templo grego, e para tê-las conduzidas em uma camionete com o logotipo da Pequena Profetisa pintado nas suas portas. Muito da atenção dispensada à criança foi aparentemente gerado pela história de um operário grego que apareceu na casa dos Hardings. Seu filho estava, alegadamente, muito doente, e, tendo ouvido falar de Faith, vinha pedindo ajuda. A Pequena Profetisa caminhou com ele até o jardim, e depois de dizer uma oração pela recuperação do filho, colheu uma flor, e aconselhou o homem a colocá-la sob o travesseiro do filho. A criança, segundo se relata, ficou bem.

O pai de Faith, Harry Harding, que ganhava a vida em Trucksville fabricando feltros para máquinas de escrever, ficou furioso com o comportamento da esposa, e a acusou de explorar a filha deles para sua própria fama e notoriedade. Em cartas e declarações judiciais, Harry Harding detalhou os malfeitos de Virginia, incluindo a alegação de que ela havia embelezado muitas das mensagens psíquicas da filha antes que chegassem ao público. Em seguida contratou um médico local, que diagnosticou a esposa como sofrendo de *"loucura,"* e buscou uma ordem judicial para reter a custódia exclusiva da criança até que a mãe pudesse passar por terapia psiquiátrica.

Apesar das dificuldades que se desencadeavam em torno da *"Pequena Profetisa,"* suas predições de eventos futuros eram, aparentemente, assustadoramente acuradas. Mensagens, alegadamente, vinham através da menina pequena na forma de **escrita automática**, que ela fazia à noite em longos rolos de papel pardo. A entidade que se comunicava por meio dela referia-se a si como *"a Entidade,"* e falava em uma linguagem que rivalizava à de Edgar, usando palavras como *"beeth"* e *"beseechment."* Por muitos meses, ao longo de 1939 e 1940, mensagens da Entidade eram impressas semanalmente no ***Nanticoke Daily Press***. Quase todas incluíam uma mensagem encorajadora, e faziam referências a *karma*, reencarnação, e à chegada de um mestre que iluminaria a humanidade. A Entidade, por meio de Faith, descreveu como e quando a guerra na Europa começaria, e a batalha que determinaria o resultado das hostilidades. Ela descreveu também, no outono de 1940, como a América seria puxada à guerra pelo que disse ser um *"ato"* de agressão por uma pequena, mas inomeada, nação asiática — predição que também foi feita em uma das leituras posteriores de Cayce. O próprio Edgar foi tema de uma das suas últimas predições. Na primavera de 1940, foi-lhe dito por Virginia Harding que a Entidade havia dito que, a menos que ele imediatamente parasse de dar leituras e partisse para um retiro prolongado para *"jejuar"* e *"rejuvenescer,"* seus sonhos sobre a sua própria morte se tornariam realidade, e a humanidade sustentaria uma *"perda deplorável."*

Após uma difícil batalha legal, Harry Harding eventualmente obteve a custódia da criança, e pôs-se a criá-la, junto com seus três irmãos mais velhos, fazendo tudo o que pôde para deixar o

passado para trás. Divorciou-se de Virginia Harding em 1941, e pouco depois ela se casou com outro homem e se mudou para a porta ao lado de Harry e dos filhos. Infeliz e sofrendo de humilhação e ridicularização na escola, Faith culpou a mãe e, apesar da proximidade, não teria mais nada a ver com ela pelos oito anos seguintes. Faith, com a ajuda do pai, também fez tudo o que pôde para bloquear *"sonhos, visões e vozes"* — qualquer coisa pertinente ao mundo do espírito. Casou-se jovem, pouco depois de conhecer o marido — seu casamento havia sido predito no único sonho que ela não conseguira bloquear. Seu sonho incluía detalhes como com quem se casaria, o número de filhos que teriam, e onde viveriam.

Edgar nunca soube a verdade por trás das alegações de Harry Harding contra Virginia Harding, mas, no entanto, entendeu que o ambiente caótico da vida familiar de Faith havia destruído o seu incrível dom. Talvez ele agora apreciasse mais do que nunca a proteção que sua simples educação na fazenda lhe havia oferecido. Quando as leituras urgiram que Faith fosse tratada tão normalmente quanto possível, Edgar imediatamente entendeu a importância disso, lembrando-se de quão difícil havia sido para ele, mesmo aos trinta e três anos, quando os holofotes haviam sido pela primeira vez ligados sobre ele. Embora Cayce tenha vindo a acreditar na autenticidade do poder psíquico de Harding, ele jamais atendeu ao aviso que a Entidade havia feito a respeito de sua necessidade de retiro.

Bem ao contrário, Edgar continuou a dar leituras a um ritmo sempre crescente. Gertrude dizia que as leituras estavam literalmente *"jorrando de Edgar."* Muitas dessas leituras eram para

os membros do Norfolk Study Group. Ao longo dos anos 1930, cópias das lições estavam disponíveis a 10 centavos cada, para qualquer membro da ARE que houvesse formado, ou estivesse no processo de formar, seu próprio grupo de estudo. O grupo de Norfolk havia também considerado preparar panfletos paralelos de estudo sobre o estudo de sonhos, auras, telepatia mental, poder do pensamento, numerologia, astrologia, quiromancia, espiritualismo e cura espiritual, mas as leituras consistentemente desaconselharam isso. Em 1939, contudo, as leituras revelaram ao grupo de estudo o propósito último das suas sessões juntos, e o desafio à frente deles, agora: as lições estavam prontas para serem compiladas em forma de livro.

Segundo a Fonte, a razão pela qual essa informação não havia sido revelada antes era que os próprios membros tinham primeiro de passar por transformação e iluminação antes que sua mensagem pudesse ser levada para fora do seu pequeno círculo de amigos e apoiadores. Edgar mesmo não podia deixar de considerar as muitas empreitadas fracassadas — fosse perfurar petróleo ou construir um hospital — durante as quais ele e outros próximos a ele haviam sido pedidos a realizar muito da mesma transformação pessoal e, incapazes de alcançar o acordo solicitado, haviam tido sua meta última negada. Pelo julgamento do que a Fonte estava lhes pedindo, **Florence Edmonds** e o Norfolk Study Group haviam tido sucesso onde os outros antes haviam falhado. Por mais de uma década, o grupo havia sido capaz de permanecer como uma única unidade, trabalhando juntos pelo bem maior que disso pudesse advir. Edgar via isso como a realização suprema de sua carreira.

Pelos desejos expressos da Fonte, o grupo compilou suas lições completadas, e as apresentou a ministros protestantes, judaicos e católicos para comentário. Os registros não indicam se isto foi feito para todas as três denominações, mas uma resenha permanece de **Joseph Clower**, que havia substituído o Reverendo Scattergood na Igreja Presbiteriana, e a quem foi pedido para comentar as primeiras seis lições sobre o desenvolvimento da alma. Ele relatou: *"A verdade é a verdade, independentemente da Fonte de onde venha… Verdade, encontrei algumas implicações aqui e ali que me senti inclinado a questionar… Há ainda muito sobre elas que eu não entendo, como observadores mais aprendidos e cuidadosos do que eu estão igualmente prontos a admitir, e há algumas suposições filosóficas subjacentes ao trabalho que está sendo feito que eu acho congeniais, mas que eu ainda não fui levado a aceitar dogmaticamente. Mas, com essas exceções, encontrei nada na substância das 'lições' como tais que, em meu julgamento, não pudessem ser apropriadamente publicadas com a marca da editora denominacional da minha própria igreja. As lições são cristãs em tema e propósito."*

Em sua empolgação e trepidação sobre o que viria a seguir, a pergunta mais na mente do grupo de estudo era como chamar suas lições. Após considerar perguntar à Fonte por um título, no fim, decidiram-se por um eles mesmos: ***A Search for God***[197]. Sempre conscientes das origens do livro, o grupo humildemente ofereceu seu conteúdo a qualquer pessoa para quem o trabalho pudesse trazer esperança, paz e maior compreensão do próximo. *"Não há nada de novo aqui,"* o grupo escreveu em sua introdução. *"A busca por Deus é tão antiga quanto a humanidade. Este livro é passado adiante na esperança de que, por meio dele, durante os tempos*

difíceis adiante, muitos possam vislumbrar um raio de luz, que em outros corações ele possa despertar uma nova esperança e visão de um mundo melhor por meio da aplicação de Suas leis na vida diária."

A tarefa de publicar provou ser uma empreitada difícil. O grupo sabia que a Fonte queria que encontrassem um sério editor profissional — uma das leituras havia até fornecido instruções detalhadas sobre o formato geral do livro, incluindo a colocação de uma afirmação em uma página que ficasse sozinha, frente ao título de cada lição. A leitura instruía: *"Não o imprimam em uma forma que venha a ser apenas descartada. Ele merece uma boa casa. Dai-lhe tal."*

Esther Wynne recebeu a tarefa de encontrar uma *"boa casa."* Aproximou-se da **William Byrd Press**, em Richmond, e, embora estivessem relutantes a princípio, Esther prevaleceu sobre eles para imprimir a primeira edição. Ela agiu, como disse Hugh Lynn, *"como uma pequena pernilonga em sua orelha, até que finalmente concordaram em imprimi-lo."* Fizeram-no com a condição de que dez membros do grupo de estudo concordassem em comprar dez exemplares cada por um dólar a peça. ***A Search for God*** foi eventualmente publicada em dois volumes, em 1942 e 1950, e tornou-se o material educacional mais amplamente usado já emitido pela ARE. É também geralmente considerado a apresentar a mensagem de Cayce melhor do que qualquer publicação isolada. Mas não foi este livro que tornou Edgar Cayce uma lenda em seu tempo.

Em 1942, o mesmo ano em que *A Search for God* foi publicado, a **Henry Holt and Company** lançou a primeira edição da biografia de Tom Sugrue sobre Cayce, ***There Is a River***[198]. A história de

como *There Is a River* veio a ser escrito foi, talvez, tão incomum quanto a de *A Search for God*. O processo criativo que entrou em sua escrita também tornou o livro uma das biografias populares mais incomuns a já ver impressão. E enquanto seu autor dava seus talentos a um projeto que esperava manter a história de Cayce viva por gerações de leitores futuros, os talentos de Edgar literalmente mantinham seu autor vivo, para que ele pudesse escrevê-lo.

A raiz dos problemas físicos de Tom Sugrue era um caso de gonorreia que ele havia contraído de volta na faculdade. Após seguir as recomendações dadas por uma série de leituras médicas de Cayce, a doença foi eliminada. Contudo, as leituras também diziam que Sugrue não deveria deixar seu sistema imunológico enfraquecer pelo consumo de álcool ou pelo uso de drogas, e que deveria seguir um regime dietético estrito, rico em vitaminas e minerais. Acima de tudo, as leituras enfatizavam a necessidade de exercício para eliminar toxinas que naturalmente começariam a se acumular em suas articulações à medida que o vírus fosse expurgado de seu sistema. A leitura especificamente alertava que, a menos que seguisse as recomendações, ele sofreria de artrite. *"Não sobrecarregue o corpo com demasiado estudo noturno, ou vida noturna!"* disse a Fonte.

Em sua maior parte, Sugrue seguiu o conselho exposto nas leituras, mas, durante os anos em que trabalhou para o *Herald Examiner*, pouco depois do fechamento do Hospital Cayce, começou a atender às recomendações cada vez menos. Mais tarde, tomou um trabalho como repórter itinerante para a revista *American*, para a qual escrevia uma matéria por mês sobre

qualquer tema de sua escolha. Viajou amplamente a muitos locais exóticos, incluindo Europa, Extremo Oriente, e Egito, escrevendo sobre temas que iam da vida monástica na Itália ao pastoreio de ovelhas na Turquia. Durante uma de suas aventuras europeias, ficou seriamente doente. Em seu estado enfraquecido, os efeitos colaterais de seus problemas anteriores com gonorreia tornaram-se evidentes, e a artrite se instalou.

Em seu retorno aos Estados Unidos em 1935, ele obteve leituras físicas indicando que as toxinas que haviam se acumulado em suas articulações haviam dado origem a uma infecção, que estava gradualmente se espalhando para o resto de suas pernas. Embora as leituras alertassem que isto pudesse se desenvolver em uma condição séria, a dor que ele experimentava não era tão severa que ele falhasse em agir sobre o conselho em tempo oportuno. As recomendações expostas nas leituras requeriam uma quantidade substancial de tempo e energia, que, naquele ponto, ele preferia prodigalizar em uma adorável socialite de Washington, D.C., chamada **Mary Ganey**, com quem pretendia se casar. Continuou suas atividades diárias, sofrendo do que pensava ser uma artrite leve nas pernas.

Mais tarde naquele mesmo ano, tomou um novo trabalho como editor na revista *American* em Nova York, casou-se, e comprou um lar em Long Island. Sua esposa, Mary, ficou grávida. Católica devota e cética das leituras, Mary fez o que pôde para manter Tom longe de Edgar Cayce e de Virginia Beach. Mary sugeriu que, quando ela fosse ao hospital para dar à luz à criança, Tom deveria ter os médicos tratarem dos seus joelhos. Foi um erro pelo qual ambos viveram para se arrepender.

Os médicos do hospital diagnosticaram a mesma infecção em suas articulações que Edgar havia discutido nas leituras, mas o tratamento prescrito por eles era pôr Sugrue em uma cabine de calor, que elevava a sua temperatura corporal a um grau muito alto. Daí em diante, como Hugh Lynn descreveu, ele literalmente começou a *"murchar."* Saiu do hospital parecendo um esqueleto. Tom desejou ter uma leitura, mas Mary inflexivelmente recusou, dizendo que ele não deveria ter nada a ver com Cayce. Mas, à medida que o marido continuava a perder peso, e seus médicos não conseguiam fazer nada a respeito, ela cedeu.

Segundo a leitura que obtiveram, a alta temperatura nas cabines de calor havia queimado o revestimento de seu trato intestinal, impedindo-o de absorver adequadamente os alimentos para o corpo. Tom estava literalmente morrendo de fome. A leitura afirmava a severidade da condição, mas também sustentava esperança de que sua morte prematura pudesse ser impedida, se ele se submetesse a uma série complicada de tratamentos, incluindo massagem constante, **injeções de atomidina**, e banhos em sal de Epsom.

Mary, com uma criança bebê para cuidar e não-predisposta a confiar no conselho de um psíquico, declarou que não podia ajudar Tom através do calvário que seria necessário para trazê-lo de volta à saúde. Hugh Lynn, que estava morando em Nova York à época, voluntariou-se para ajudar; mudou-se com a família, e devotou várias horas por dia a ajudar seu amigo a superar sua doença debilitante. Alguns meses após a chegada de Hugh Lynn, o pai de Mary foi diagnosticado com tumor cerebral. Em junho de 1939, ela e a criança mudaram-se para Washington, D.C., para

cuidar do pai, enquanto Hugh Lynn levou Tom para Virginia Beach.

Durante os dois anos em que Tom viveu com a família Cayce, sua condição era precária. Seus braços e pernas estavam tão finos que os contornos de seus ossos podiam ser vistos. Além disso, estavam rígidos pela artrite, dificultando que ele mudasse de posição enquanto deitado na cama, quanto mais ficar de pé. Cayce, que agora havia começado a dar leituras sobre os assuntos mundiais sobre Hitler e as hostilidades na Europa, tirava tempo à parte para dar leituras físicas para Tom, às vezes até duas por dia. Uma leitura recomendou que **veneno de cobra** fosse usado para soltar as articulações das pernas de Tom. Hugh Lynn ligou para um médico local que jamais havia ouvido falar de usar tal medicação, mas concordou em pesquisar. Três ou quatro dias depois, ele ligou e disse a Hugh Lynn que tinha acabado de receber a edição mais recente do *AMA Journal*, que, para seu assombro, continha um artigo sobre o uso terapêutico do veneno de cobra. Tom foi rolado ao escritório do médico em uma cadeira de rodas e recebeu uma injeção, que foi vista como grande sucesso. Mas foi um período de recuperação longo e difícil, durante o qual Hugh Lynn, que havia aprendido massoterapia com Harold Reilly em Nova York, trabalhava com Tom duas vezes por dia. Com a ajuda de escoteiros voluntários, Hugh Lynn levava Tom até a costa, e o punha na água, onde ele remava o melhor que podia, e tomava sol.

Em meio ao processo de recuperação, Tom começou a escrever a história da vida de Edgar. Ele havia entretido a ideia antes, em 1936, e havia conduzido uma série de entrevistas, mas restrições

de tempo e sua incapacidade de encontrar um editor haviam posto o projeto em espera. Agora, ele plenamente abraçava a ideia, e, com ajuda em transe de Edgar, encontrou um editor, **William Sloan**, e uma editora, **Henry Holt and Company**.

A todos os envolvidos, uma biografia parecia a ideia certa no momento certo, pois, como tanto Gertrude quanto Gladys diziam, tirava a mente de Edgar das vidas dos muitos jovens que estavam sendo recrutados para o serviço militar. Quando o projeto estava em andamento, Edgar Evans, de vinte e três anos, havia se graduado na **Universidade Duke** e brevemente retornado a Virginia Beach para casar-se com sua primeira namorada séria, **Kathryn Bane**. Era também, ao que parecia, visto pelos militares como candidato principal ao recrutamento. Por conselho das leituras em transe — e, mais especificamente, dado o que Edgar havia aprendido sobre a queda da Atlântida e seu próprio papel suposto em sua destruição —, Edgar Evans optou por não se envolver no design ou construção de armamentos, mas, em vez disso, frequentar a escola de oficiais em Nova Jérsei para uma comissão no **Corpo de Sinais**. Hugh Lynn conseguiu evitar o recrutamento por mais dois anos trabalhando para o governo como diretor de recreação para Virginia Beach, onde organizava eventos de relações públicas para oficiais e alistados em campos do exército próximos. O resto do seu tempo era devotado à saúde de Tom e à biografia do pai.

A pesquisa e o processo de escrita prosseguiram sem percalços. Todos os participantes importantes estavam prontamente disponíveis, e a doença de Tom não o impedia de usar uma máquina de escrever. As entrevistas começaram a sério em 1940, e

com elas, um processo editorial altamente incomum foi posto em movimento. Aparte de ter nomeado o editor e a editora aos quais o manuscrito completo deveria ser enviado, a Fonte não discutia detalhes factuais ou biográficos, mas, antes, temas gerais sobre como o trabalho de Cayce devia ser apresentado ao público em geral. Em estado de vigília, Edgar deferia a Hugh Lynn e a Tom quanto a quais detalhes biográficos deveriam ser incluídos, e, por recomendação deles, vários temas controvertidos — Atlântida, as várias encarnações de Edgar, exemplos de clarividência em vigília de Edgar, entre outros — foram excluídos com base em que o público ainda não estava pronto para ouvir o escopo pleno das experiências psíquicas de Cayce.

Mesmo com toda essa rigorosa avaliação, o primeiro rascunho do livro foi rejeitado por William Sloan, com base em que o público em geral o acharia difícil demais de acreditar, e que o livro precisava ser reorganizado antes que ele e a *Henry Holt Company* pudessem avançar. Tom e Hugh Lynn tiveram de reescrever centenas de páginas antes que finalmente fosse aceito. Mas foi tempo bem-empregado, pois o manuscrito, em última análise, capturou a atenção de muitas pessoas na editora, levando o editor e o chefe do departamento de publicidade a solicitar leituras em transe. Quando a edição estava completa, o livro tinha o pleno apoio da editora, e Tom havia dado seus primeiros passos vacilantes para fora da cadeira de rodas. Embora ainda exigisse tratamentos, Tom havia se recuperado o suficiente para mudar-se para Clearwater, Flórida, para estar com a esposa e a filha.

Hugh Lynn, a quem o livro foi dedicado, não poderia estar mais entusiasmado com o que acreditava que o livro pudesse fazer

pela carreira do pai e pelo futuro da ARE. Ficou contente em estar morando em Virginia Beach e trabalhando com Gladys para fazer da ARE uma organização maior e mais estabelecida. E como as leituras do pai haviam recomendado, estava determinado a não passar os anos da guerra com uma arma na mão.

Durante o processo de recuperação de Tom, a noiva de Hugh Lynn, **Sally Taylor**, também tornou-se ardente crente nas leituras. Ela finalmente consentiu em casar-se com Hugh Lynn e, em **7 de outubro de 1942**, deu à luz um menino de oito libras e dez onças. A pedidos dela e de Hugh Lynn, Edgar deu ao bebê uma leitura dentro de poucas horas após o nascimento da criança. A Fonte sugeriu que a criança fosse nomeada **Charles Thomas Taylor Cayce** — *"Taylor"* sendo em homenagem ao nome de família da mãe; *"Charles"* estando ligado a uma de suas encarnações anteriores na Suécia, à qual a leitura fazia referência; e o *"Thomas"* sendo tanto por Tom Sugrue, quanto por **Thomas Jefferson Cayce**, o avô de Edgar, que, dizia a leitura, havia recém-reencarnado como filho de Sally e Hugh Lynn! *"Vocês deram-lhe tantos nomes que não vão sobrar nenhum para o próximo,"* a família de Sally, os Taylors, brincava com a filha e o genro.

Menos de um mês após o nascimento de Charles Thomas, uma remessa antecipada da primeira edição de *There Is a River* chegou a Virginia Beach. Hugh Lynn esvaziou a caixa de envio e empolgadamente dirigiu pela cidade anunciando a notícia e dando exemplares do livro. Tendo experimentado em primeira mão os efeitos adversos da atenção midiática e seu próprio intenso desgosto pela deificação, Edgar mesmo era muito mais contido para partilhar do entusiasmo do filho, e privadamente

expressou sua preocupação a Gertrude de que a família passaria, mais uma vez, por escrutínio e invasão de sua privacidade. Suas vidas juntas, parecia, finalmente haviam tomado um eixo equilibrado. Não estava pronto para mais mudanças potencialmente perturbadoras. Mal Hugh Lynn esvaziou a caixa de envio de livros, e Edgar tomou a caixa para fora e a cortou para lenha.

Em última análise, embora viesse a trazer muita atenção à ARE, nem Hugh Lynn nem Edgar plenamente desfrutaram da publicação do livro, pois ela coincidiu com a designação de Edgar Evans a um posto militar para construir uma estação de radar em **Trinidad**, e o recrutamento de Hugh Lynn na divisão de serviços especiais do exército, e sua partida para a Europa.

Na primavera de 1943, Edgar, Gertrude, Gladys, Sally Taylor Cayce e o pequeno Charles Thomas se despediram de Hugh Lynn na estação de ônibus em Norfolk, onde ele iria partir para **Fort George Meade**. Todos saíram do carro e ficaram na calçada. Edgar segurava Charles Thomas enquanto Hugh Lynn beijava Sally e depois sua mãe em despedida. Foi um momento especialmente agridoce, pois todos estavam cientes de algo que Edgar havia dito a Hugh Lynn alguns dias antes, durante o que seria a última de suas conversas pai-e-filho.

Segundo Hugh Lynn, seu pai o havia sentado no escritório, e, referindo-se tanto a si mesmo quanto a Gertrude, disse: *"Hugh Lynn, nós não estaremos aqui quando você voltar."* Surpreso e irritado, Hugh Lynn disse: *"Claro que estarão."* Edgar então disse a Hugh Lynn que havia algumas coisas que sabia como pai e como psíquico, mas que não conseguia explicar. Sabia apenas que Hugh

Lynn não veria a mãe e o pai novamente — pelo menos não nesta vida[199].

---

194. Beatrice Coffing: identificada nas leituras como reencarnação de Pequena Anna Seay, a companheira de infância de Edgar em Beverly, falecida em 1887. ↩
195. Faith Harding: *Pequena Profetisa*. Criança-profeta americana dos anos 1939-1940, alegadamente clarividente desde os 4 anos. ↩
196. Khalil Gibran (1883-1931): poeta e filósofo libanês-americano, autor de *O Profeta* (1923); cunhador de aforismos espirituais que ressoam com a doutrina cayceana. ↩
197. *A Search for God* (*Uma Busca por Deus*): manual devocional cayceano-cristão produzido pelo Norfolk Study Group; publicado em dois volumes (1942 e 1950). ↩
198. *There Is a River* (*Há um Rio*): biografia romanceada de Cayce por Thomas Sugrue (1942); título extraído de Sl 46.4 (ARA: *"Há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus"*). ↩
199. *"Não estaremos aqui quando você voltar"*: predição doméstica cayceana acurada — Edgar previu sua própria morte (3 jan. 1945) e a de Gertrude (1.º abr. 1945) antes do retorno de Hugh Lynn da guerra. ↩

48.
A Última
Leitura

A visão mais aterradora de Edgar Cayce sobre o envolvimento da América na guerra veio em **30 de agosto de 1941**, mais de três meses antes do bombardeio de Pearl Harbor. A visão foi não apenas única pela mensagem que continha, mas porque ocorreu enquanto Edgar estava no meio de uma leitura comercial para um líder sindical local de Virginia Beach. Usando linguagem e imagística diretamente do **Livro do Apocalipse**, a Fonte pintou um quadro sombrio da destruição que viria.

"Eu vi um grande… cavalo branco, com um homem todo vestido de armadura e em mantos esvoaçantes, mas pretos, [e] orlados nas bordas com ouro," disse Edgar, descrevendo sua visão. *"Em seguida, vi outro cavalo vindo — um cavalo muito vermelho. À medida que se aproximava, vi que o cavaleiro… usava armadura branca e azul, e havia hordas de pessoas seguindo-o. Então, quando os dois cavalos se uniram, parecia que [o cavaleiro] desaparecia, e os dois grupos se chocavam. Os seguidores do primeiro cavalo estavam bem armados, enquanto os outros não. Contudo, havia tantas hordas seguindo o cavalo vermelho que pareciam marchar diretamente através das fileiras do grupo bem-armado, embora milhões fossem mortos."*

Esta não foi a primeira ocasião, é claro, em que as sessões em transe de Edgar haviam profetizado a chegada da guerra. Cayce

havia começado a discutir essa possibilidade tão atrás quanto **1934**. Naquele ano, ele teve um sonho em que campos armados de homens haviam começado a se formar em lados opostos de um pequeno riacho. De um lado estavam soldados vestidos de branco, liderados por um anjo com asas *"como uma pomba."* Na margem oposta estavam soldados vestidos de marrom e preto, liderados pelo Diabo, com asas *"como um morcego."* Nesse sonho, Cayce foi enviado a entregar uma mensagem antes que uma grande luta começasse, mas o Diabo interferiu, e Edgar não conseguiu se lembrar da mensagem que havia sido enviado a dar. Em uma leitura que Edgar deu em **7 de outubro de 1935**, muito antes que os especialistas da América tivessem começado a perceber as alianças políticas e geográficas que logo envolveriam quase setenta nações, Cayce — em transe — disse: *"[Os assuntos internacionais] estão em uma condição de grande ansiedade da parte de muitos, não apenas como indivíduos, mas como nações. E as atividades que já começaram assumiram tais proporções que há a tentativa, da parte de grupos, de penalizar, ou de fazer pelas associações de grupos para conduzir o mesmo. Isto fará com que se tomem partidos… por vários grupos, países ou governos. Isto será indicado pelos austríacos, alemães, e mais tarde os japoneses, juntando-se em sua influência — invisíveis — e gradualmente crescendo para aqueles assuntos em que deve tornar-se, por assim dizer, quase uma direta oposição àquilo que tem sido o tema dos nazistas [ou] dos arianos. Pois estes farão por um crescimento de animosidades. E, a menos que haja interferência do que se pode chamar… 'forças sobrenaturais,' e influências que estão ativas nos assuntos das nações e dos povos, o mundo todo… será posto em chamas*

pelos grupos militaristas, e por aqueles que estão pelo poder e pela expansão em tais associações."

Em novembro de 1939, dois meses depois de a Alemanha invadir a Polônia, e a Grã-Bretanha ter declarado guerra à Alemanha, mas dois anos antes de os Estados Unidos serem trazidos ao conflito pelos japoneses, Cayce, em transe, disse que *"triste experiência [será] para esta terra [América] em quarenta-e-dois e quarenta-e-três."* Quatro meses antes de Pearl Harbor, um jovem decidindo se deveria ou não servir no exército ou na marinha perguntou quanto tempo as hostilidades durariam. *"Até pelo menos quarenta-e-cinco,"* disse Cayce.

Ao longo de todas essas leituras, a Fonte mantinha esperança, sabendo que eventos futuros seriam evitados se indivíduos e nações orassem e *"vivessem como oram."* Nesse sentido, as leituras pareciam enfatizar não apenas a ajuda disponível à humanidade dos poderes superiores, mas também como a vida espiritual dos indivíduos diretamente afetava os valores das nações, e assim direcionava o curso dos assuntos humanos em nível global.

A mensagem dominante nessas leituras era de que a vontade coletiva da humanidade, e a extensão do amor fraternal no mundo, determinaria se haveria ou não guerra. De volta a 1933, quando Adolf Hitler era chanceler da Alemanha — antes de ele ter se tornado *"Der Führer"* —, Cayce deu, talvez, suas leituras mais controvertidas sobre o tema, sugerindo que mesmo Hitler tinha o potencial de ser uma força para mudança positiva na Europa, se sua vontade pessoal pudesse ser voltada para a fraternidade dos homens.

Em uma leitura, Hitler foi descrito como sendo *"fisicamente conduzido,"* e como tendo sido chamado para um propósito, *"não apenas nos assuntos de uma nação, mas como nos assuntos do mundo."* Cayce admoestou: *"estude… a influência impulsionadora no homem, na mente, à medida que ela acedeu ao poder,"* e apontou que *"a poucos [homens] o poder não destrói."* Em uma passagem particularmente controvertida, Cayce sugeriu que os judeus haviam vagado *"longe pelo campo, e sua rebeldia e sua busca nos assuntos dos outros os trouxeram, antes, à sua presente posição,"* e fez referência ao ressurgimento de uma antiga influência que marcaria *"o início do retorno que deve vir por toda a terra."* Cayce talvez estivesse se referindo ao **retorno dos judeus à sua pátria na Palestina**[200], que se tornaria o estado formalizado de Israel em 1948.

Contudo, a Fonte especificamente afirmava que Hitler seria uma força para o bem somente se ele fosse capaz de evitar cair na armadilha das forças do *"engrandecimento de si."* Desde o início, a Fonte temperava cada afirmação positiva sobre Hitler com cláusulas qualificadoras tais como: *"se o imperialismo não entrar."* Em janeiro de 1934, Cayce afirmou que, de fato, *"[o imperialismo] está entrando."* E em 1938, dezoito meses antes de a guerra ter oficialmente irrompido, e justamente quando a Alemanha anexou a Áustria, a Fonte tornou-se virulenta sobre o tema, referindo-se à Alemanha como *"uma mancha sobre suas forças por seu domínio sobre seu irmão, uma sanguessuga sobre o universo por seu próprio sustento!"* Em 1939, três semanas após Hitler invadir a Polônia, quando perguntada sobre o futuro de Hitler, a Fonte respondeu sucintamente: *"Morte."*

A Alemanha não foi o único país singular para crítica. Após aliar-se à Alemanha em 1935, a Itália foi descrita nas leituras como *"vendendo-se por um prato de lentilhas,"* e foi mais tarde denunciada por *"forçar a servidão"* sobre outros. E o Japão, que havia invadido a Manchúria em 1931, foi referido como *"forças de dominação."* Cayce também disse que a Inglaterra mantinha *"ideias de ser apenas um pouco melhor do que o outro,"* que o pecado da França *"é a gratificação do desejo do corpo,"* e que o pecado da Índia é *"o berço do conhecimento não aplicado, exceto dentro do eu."* A Fonte não deixou a América de fora, também. Os americanos, segundo Cayce, tinham de começar a viver de acordo com aquilo que estava escrito em sua nota de dólar — *"In God We Trust*… Esse princípio [está] sendo esquecido… e esse é o pecado da América."*

Outra referência controvertida em uma leitura feita por essa altura foi à **Rússia**, que Cayce, em transe, disse que emergiria como a maior *"esperança do mundo,"* mas *"não como aquilo que às vezes é chamado de comunístico, ou bolchevístico."* Aqui, a Fonte enfatizou exatamente o que a Rússia traria: *"Liberdade, liberdade! Que cada homem viva pelo próximo. O princípio nasceu. Levará anos para que se cristalize, mas da Rússia vem novamente a esperança do mundo. Guiada por… aquela amizade com a nação que pôs em sua presente unidade monetária 'In God We Trust.'"*

Por mais inconcebível que essa declaração tenha soado a qualquer um à época, a Fonte passou a esclarecer de modo que tornava mais plausível, acrescentando que essa liberdade não viria até que ela [Rússia] *"conhecesse a liberdade"* em casa. *"Uma nova compreensão tem vindo e virá a um povo perturbado,"* disse Cayce. *"Aqui, por causa do jugo da opressão, por causa da auto-indulgência,*

surgiu outro extremo. Apenas quando houver liberdade de palavra, o direito de adorar segundo os ditames da consciência — até que estes venham, ainda haverá tumultos dentro."

Em 1939, Edgar também deu algumas leituras altamente proféticas sobre o tema da vida na América. Uma leitura abordava especificamente as mudanças que resultariam de tensões raciais e trabalhistas crescentes nos Estados Unidos. *"Vós tereis tumultos [na esteira da guerra],"* disse a Fonte aos membros da ARE reunidos para o seu oitavo congresso anual em Virginia Beach. *"Vós tereis contendas entre o capital e o trabalho. Vós tereis uma divisão em vossa própria terra antes que haja o segundo dos presidentes que em seguida não viverá através de seu mandato. [Por algum tempo, haverá] o domínio da turba!"*

Como as leituras dadas sobre Hitler e a Segunda Guerra Mundial, a referência às mortes de dois presidentes no cargo prediziam eventos reais — neste caso, as mortes de **Franklin Roosevelt em 1945 e John F. Kennedy em 1963**[201]. Igualmente, a afirmação sobre o domínio da turba poderia ser tomada como prefiguração dos motins raciais que ocorreriam em **Little Rock, Birmingham, Chicago e Nova York**. *"Então, a tua própria terra verá o sangue fluir, como naqueles períodos em que irmão lutou contra irmão,"* disse Cayce em outra leitura, dada em 2 de dezembro de 1941.

Junto com comentários sobre o pesadelo da Segunda Guerra Mundial, que, em última análise, deixaria mais de **setenta e cinco milhões de pessoas mortas ou feridas**, as leituras começaram a descer outro caminho mórbido, levantando o espectro da própria morte de Edgar. Para muitas pessoas que haviam passado a conhecer e amar o *"profeta adormecido,"* — entre eles os membros

do Norfolk Study Group, que acreditavam que o *"Armagedom"* estava à mão —, a sugestão de que Edgar estava sendo *"chamado de volta"* estava em consonância com a ideia de que ele seria uma força mais efetiva nos assuntos do homem do *"outro lado."*

Ao longo de 1941 e 1942, as leituras alertaram repetidamente Edgar sobre sua dieta deficiente, alta pressão sanguínea, problemas respiratórios, e várias lesões e outras obstruções em seu trato intestinal — sugerindo que estes eventualmente o levariam à morte. Os alertas não vieram como surpresa para Gertrude ou Gladys, pois Edgar mesmo havia apenas esporadicamente praticado as recomendações de saúde prescritas nas leituras. Continuava a fumar **dois maços de cigarros por dia**, comer carne de porco e outros alimentos com alto teor de gordura, e há muito havia abandonado suas caminhadas rotineiras pela costa. Isso, junto com a falta de sono e a quase contínua preocupação com seus filhos e outros entes queridos na guerra, prometia ser uma combinação mortal.

Por vezes, a Fonte parecia até estar irada com a incapacidade de Edgar de cuidar melhor de si mesmo. À medida que a saúde de Edgar tornava-se mais precária, as leituras progressivamente tornavam-se mais curtas, mais diretas ao ponto, quase abruptas. *"A menos que haja correções feitas… os distúrbios… tornar-se-ão um desordenamento bastante sério, e não muito poderá ser feito se se esperar muito tempo."* Em uma leitura, quando perguntada sobre certos tratamentos e dietas que Edgar precisava empreender, a Fonte perguntou: *"Como o farás segui-los?"*

Foi uma trágica ironia que Edgar não tenha agido sobre o conselho de saúde dado. O que largamente o impediu de fazê-lo

foram as crescentes demandas postas sobre ele por leituras. A publicação de *There Is a River* trouxe quase mil novos membros à ARE em 1943, e muita atenção tanto de cidadãos comuns quanto de figuras influentes no mundo da pesquisa psíquica. Entre os autores e jornalistas que conduziram estudos sobre o trabalho de Cayce estavam **Homer Curtis**, autor de *Christian Mystics*, e **Sherwood Eddy**, cujo livro, *You Will Survive After Death*, detalhava a vida de Cayce, junto com as vidas de outros psíquicos proeminentes, incluindo Arthur Ford, Michael Thomas e Pamela Nash. O trecho de escrita sobre Cayce que conquistou mais atenção foi o escrito por **Margueritte Bro**[202], intitulado *"Miracle Man of Virginia Beach,"* que apareceu em ***Coronet***, uma das revistas mais amplamente lidas dos anos 1940. A edição em que seu artigo apareceu vendeu mais cópias do que qualquer outra na história daquela revista.

A enxurrada de publicidade que Cayce recebeu trouxe estimadas **4.500 solicitações de leituras**, e muitas dezenas de milhares de dólares em cheques e ordens de pagamento por membresia. A correspondência diária de Edgar tinha de ser entregue em sacos. Durante um período de seis meses em 1943, a ARE recebeu **US$ 18.000,00 e mais de três mil cartas**. Telegramas vinham em pacotes. Os pedidos por escrito estavam empilhados na altura da cintura na biblioteca, na escada, na mesa de jantar e no escritório. Gladys contratou até oito assistentes, na maioria esposas de militares, apenas para ler e responder aos pedidos, e teve de desconectar o telefone para evitar seu toque incessante. A lista de espera para novos compromissos eventualmente se estenderia **cinco anos** no futuro.

Como Edgar havia feito em Hopkinsville, anos antes, quando sua história saiu no *New York Times*, ele estava determinado a devolver todo o dinheiro. Queria que as pessoas pagassem apenas o que era exigido, e que soubessem exatamente o que receberiam, se o tempo lhe permitisse atender ao seu pedido. Por essa razão, a cada pessoa que buscasse uma leitura seria enviado um pequeno panfleto delineando a vida e o trabalho de Edgar Cayce e explicando os ideais e propósitos da ARE. A maior fonte de frustração e preocupação para Edgar era o número de pessoas que genuinamente precisavam de sua ajuda e que não a receberiam. Havia, é claro, cartas de fãs e pedidos de pessoas buscando apenas satisfazer sua própria curiosidade, mas a vasta maioria era de pessoas que estavam mortalmente doentes, ou que buscavam ajuda para uma criança moribunda, ou que queriam saber sobre seus filhos na guerra.

Por cima das tensões que tudo isso produzia sobre a consciência de Edgar, havia outros efeitos adversos inesperados da publicidade nacional. Um tal problema desenvolveu-se na **Primeira Igreja Presbiteriana** em Virginia Beach. Os Cayces haviam sido membros ativos daquela igreja por mais de dezesseis anos, durante os quais Edgar havia ensinado escola dominical e estudo bíblico. Raramente, naqueles dezesseis anos, ele havia faltado a uma classe. Uma vez que sua história tornou-se amplamente conhecida, contudo, membros influentes da congregação dele queixaram-se de que um *"psíquico"* não estava adequado a ensinar as Escrituras em sua igreja. Em anos anteriores, o Reverendo Clower teria intervindo, citando o meio século em que Edgar havia sido ativo na igreja, e as quase quatro

décadas em que havia ensinado estudo bíblico. Mas Clower havia sido substituído por um novo ministro no outono de 1943. Edgar foi cerimoniosamente *"dispensado"* de sua classe bíblica.

Hugh Lynn buscou consolar o pai, explicando por que acreditava que o ministro e os da congregação estavam temerosos dele. *"Você é um símbolo de princípios que não são vividos,"* escreveu Hugh ao pai, em carta da Inglaterra. *"Posso entender tais pessoas [na igreja], [e] você pode também — e se você pode continuar a sorrir… você [viverá para ser um exemplo de] o que você fala."*

Uma das suas poucas alegrias durante esse período foi brincar com Charles Thomas — a quem chamava de *Capitão* — e dar uma leitura para seu segundo neto, **Edgar Evans Jr.**, que nasceu em **29 de junho de 1943**, enquanto seu pai estava estacionado em Trinidad. A leitura, conduzida dois dias após o nascimento de Edgar Evans Jr., indicou que a criança, como o pai, havia sido um atlante. Afirmava também que a criança seria propensa a sérios acidentes do segundo ao quinto ano, que seria de pequena estatura, e que seria capaz — dado o desenvolvimento adequado — de manifestar forças psíquicas *"incomuns,"* como **levitação**.

Como na leitura de vida para seu primo, Charles Thomas Cayce, muito da informação se revelaria acurada. Apesar de ser um bebê especialmente grande, ele de fato cresceu e tornou-se de pequena estatura. E, um mês antes do seu quarto aniversário, teve um acidente em que o vidro quebrado de uma garrafa de leite cortou-lhe uma das artérias. Se ele manifestou habilidades psíquicas, esse fato não é conhecido fora de sua família imediata.

Edgar achou tanto Edgar Evans Jr. quanto Charles Thomas companhia deliciosa. *"Você devia ver esses dois netos,"* escreveu a

um amigo próximo de volta a Selma. *"Sei que você veria Edgar Evans todo de novo neste menino saltitante dele. Embora ele não seja nem de longe tão ativo quanto Charles Thomas… ele é, certamente, a cópia carbono do pai… a coisa mais inteligente do país."*

Não muito depois de dar a leitura para o seu novo neto, e em meio à sua própria condição física em declínio, Edgar convidou mais problema para sua vida ao concordar em contratar um pós-graduando da Universidade de Chicago para ajudar no escritório. **Harmon Bro**[203], em todos os relatos, era um jovem brilhante mas profundamente perturbado, cujos rompantes emocionais, junto com uma tendência ao suicídio, acrescentariam à confusão do lar Cayce. Edgar o havia contratado a pedido da mãe, Margueritte Bro, autora do artigo que havia saído em *Coronet*, que acreditava que a influência de Edgar sobre o filho dela poderia fazer toda a diferença. Como mais tarde se revelou na leitura de vida dela, Margueritte havia, em uma encarnação anterior, sido **"a outra Maria"**, em cujo casamento Jesus havia transformado água em vinho. Edgar, como Lúcio, a havia conhecido naquela encarnação. E nessa mesma encarnação palestina, Harmon Bro, identificado como **Tadeu**, havia sido filho de Edgar. Embora o tempo de Edgar e Harmon juntos em Virginia Beach tenha sido relativamente curto, sua relação desenvolveria muitas das ressonâncias cárminas das suas encarnações anteriores juntos, o que talvez explique por que as leituras apoiaram a decisão de Edgar de contratá-lo como secretário.

Os meses que Harmon passou em Virginia Beach sob a influência de Edgar viriam, de fato, a ter um efeito profundo sobre o jovem pós-graduando, pois Harmon passou a ser um ministro e autor

muito amado e carismático, que elogiou Edgar e seu trabalho do púlpito e em letra impressa. Infelizmente, a presença de Harmon no lar Cayce foi outro desafio para Edgar. Os meses em que Harmon e sua jovem esposa, **June**, trabalharam com Edgar só podem ser caracterizados como uma luta de vontades entre Harmon e Edgar. Um dia, os dois entraram em uma briga gritada que terminou com o jovem dando um soco no homem de sessenta e sete anos no plexo solar. É a crédito de Edgar que, em vez de banir Harmon da casa, ele tentasse trabalhar com ele.

Apesar da tensão entre eles, Harmon foi capaz de usar sua influência com Edgar para obter leituras para seus amigos sem esperar na fila atrás dos milhares de outros que haviam solicitado ajuda. A mais interessante destas foi conduzida para um homem que buscava um tesouro perdido no Arizona. Esta foi uma das únicas leituras não-médicas e não-espirituais que Edgar deu em 1944, e foi a última de todas as **leituras sobre tesouros** que Cayce jamais conduziu.

A leitura foi para **Paul Lyon**, um conhecido de Harmon, que desejava obter informação relativa a um esconderijo de ouro escondido na **Mina Holandês Perdido**, alegadamente situada em uma cadeia de montanhas perto de **Weaver's Needle**, no Condado de Pinal, Arizona. Como a história foi contada a Edgar, um prospector espanhol havia primeiro encontrado ouro na década de 1840, e estava trabalhando a mina com um grupo de outros mineradores quando foram atacados por **índios apaches**. Todos os mineradores foram mortos em um curto e sangrento encontro. A localização da mina permaneceu um mistério por outra década, até que um prospector vagante deu por acaso com

ela. Manteve a localização da mina em segredo, e nunca registrou um requerimento. Mas a qualidade e a quantidade de ouro que ele tirou das montanhas Needle convenceu a todos que o minerador estava sentado sobre uma verdadeira fortuna. Segundo a lenda popular, o prospector — um velho holandês — explodiu a entrada da mina na década de 1870, porque percebeu que estava morrendo, e jamais viveria para desfrutar de sua riqueza. Muitos prospectores morreram tentando seguir a trilha do holandês, e superstições a respeito de fantasmas apaches, da mina perdida, e do prospector holandês, surgiram nos anos subsequentes.

A leitura sobre a Mina Holandês Perdido foi conduzida em **1.º de fevereiro de 1944**. É notável por sua brevidade, bem como pela precisão com que a informação foi entregue. Lyon foi instruído a ir ao Cânion Needle, onde encontraria a entrada da mina sob uma rocha de aparência incomum, situada exatamente 37 ½ jardas ao norte de um cacto, que também tinha certas peculiaridades. A leitura também aludia ao caráter especial da localização como um sagrado terreno funerário, que era protegido, disse Cayce, por vários grupos de espíritos — presumivelmente índios apaches.

A correspondência não indica se Paul Lyon agiu ou não sobre essa leitura e procurou a mina, e até os dias de hoje ela ainda é considerada perdida. Enquanto Bro podia receber o crédito, indiretamente, pela última leitura sobre tesouros, ele mesmo foi um dos pontos focais da final — e a mais aterradora — aparição do Arcanjo Miguel nas leituras de Cayce, que ocorreu não muito depois de Harmon ter dado o soco em Edgar.

A leitura em **14 de março de 1944** durou apenas quinze minutos. Harmon Bro estava sentado ao lado de Edgar, Gertrude conduzia, Gladys era a estenógrafa, e June Bro e quatro outros estavam presentes na sala. As leituras daquele dia começaram benignamente o suficiente, como centenas de outras antes dela.

"Sim, temos o corpo aqui, Edgar Cayce. Já tivemos isso antes," disse a Fonte. *"Como encontramos, há, e tem havido, condições perturbadoras no funcionamento físico geral do corpo. Estas são bastante múltiplas em sua causa e em suas reações…"* A leitura passou a discutir secreções glandulares e congestão nos tecidos da cabeça, face, garganta, brônquios, e através da linfa do canal alimentar. A leitura disse que a condição mental e espiritual de Edgar precisava ser feita consistente com os aspectos físicos da entidade.

À medida que a Fonte continuava, Harmon reconheceu uma referência à sua recente discussão com Edgar: *"Não pregue, não aja em uma direção, e então diga ou faça aquelas coisas em outra direção. Sê paciente com aqueles que são fracos. Sê bondoso com aqueles que são até feios."* Aqui, Harmon relatou sentir o sangue subir-lhe ao rosto, percebendo que isso poderia muito bem significá-lo. A Edgar, a Fonte disse: *"Sê gentil com aquelas atividades em que há a necessidade de viveres consistentemente, de seres consistente com aquilo que representarias entre os teus semelhantes. Pois sabe: o Senhor está em seu santo templo. Se tu, como Seu filho, profanaste o teu templo — em palavra, em ato, em obra — sabe que apenas tu podes fazer essas correções, e que o teu corpo é o templo do Deus vivo. Aja como se o fosse, e não como se fosse um chiqueiro de porcos ou um lugar de lixo para as atividades de outros."*

Nesse ponto da leitura, a voz de Cayce tornou-se mais alta, e seu sussurro quieto assumiu um ar súbito de severa autoridade. As janelas começaram a chacoalhar, e a força da presença espiritual na sala levou Bro e os outros às lágrimas. *"Era como se uma onda [vibracional] gigante viesse caindo na sala para nos varrer,"* relatou Bro mais tarde.

"INCLINAI VOSSAS CABEÇAS, Ó FILHOS DOS HOMENS!"[204] a voz de Cayce trovejou. Imediatamente, a cabeça de todos foi para baixo. Gladys, determinada a não perder uma palavra, continuou a tomar notas. Cayce — ainda em transe — continuou falando na mesma voz tonitruante: *"POIS EU, MIGUEL, SENHOR DO CAMINHO, FALARIA CONTIGO! Ó GERAÇÃO DE VÍBORAS, Ó GERAÇÃO ADÚLTERA, ATENTAI! HÁ HOJE DIANTE DE TI O BEM E O MAL! ESCOLHEI A QUEM SERVIRES! ANDA NO CAMINHO DO SENHOR, OU ENTÃO VIRÁ AQUELE SÚBITO AJUSTE DE CONTAS, COMO TENS VISTO! INCLINAI VOSSAS CABEÇAS, VÓS QUE SOIS INGRATOS, NÃO ARREPENDIDOS! POIS A GLÓRIA DO SENHOR ESTÁ À MÃO! A OPORTUNIDADE ESTÁ DIANTE DE TI! ACEITA OU REJEITA! MAS NÃO SEJAIS PORCOS!"*

A última frase, disse Bro, foi *"cuspida com total desdém,"* como que admoestando todos na sala a não chafurdarem em sua própria arrogância e vaidade, e a usar as *"forças invisíveis"* como deveriam ser usadas. A leitura terminou no quieto sussurro de Edgar, com instruções sobre como acelerar a recuperação de Edgar e *"manter o corpo-mente, o corpo-físico, limpo aos olhos do teu Deus."*

Segundo Bro, quando a leitura terminou, todos quietamente se levantaram e se dispersaram em direções diferentes. Bro mesmo

saiu miserável, dizendo mais tarde que estavam *"feridos"* até as profundidades de suas almas. *"Fomos conhecidos. Fomos vistos. [E] fomos achados em falta."*

Contudo, embora Edgar tenha sido devidamente humilhado pela mensagem de Miguel e tenha conduzido o grupo deles no dia seguinte em orações por perdão, nem mesmo o próprio Miguel poderia, parecia, motivar Edgar a tomar os passos necessários para cuidar de seu corpo doente, ou agir em melhor *"sintonia"* com aqueles que o amavam e cuidavam dele. Em vez das três ou quatro leituras normais que Edgar vinha dando há anos, ele agora insistia em fazer até nove ou dez em um único dia. Gladys e Gertrude reclamavam, citando o conselho anterior em transe que indicava que ele não deveria dar mais de cinco leituras por dia, mesmo na melhor das saúdes. A única concessão que Cayce fez foi não dar leituras nos fins de semana, e mesmo então, invariavelmente se sentia compelido a dar leituras de emergência e de seguimento.

Durante esse tempo, Edgar também deu uma das últimas leituras de vida da sua carreira. **Grace Hall Hemingway**, a mãe de Ernest Hemingway, escreveu a Edgar para perguntar sobre suas associações passadas com vários amigos próximos, e sobre como ela poderia ajudar a guiar o filho romancista a *"ser uma força para mover o mundo em direção ao 'Reino de Deus na terra.'"*

Grace Hemingway recebeu uma leitura de vida detalhada, que sugeriu que ela havia estado associada a vários pintores em encarnações anteriores, entre eles **Rafael**, a quem ela havia sido *"inspiradora."* Edgar passou a cronicar várias outras encarnações em que ela havia estado previamente associada a vários de seus

amigos atuais, tais como Lillian e Albert Beath, Margueritte Bro, e Myrtle Walgreen. Grace foi também informada de que ela conheceu seu filho Ernest durante uma encarnação egípcia, em que Ernest era uma pessoa que *"contribuiu e acrescentou à luz através da qual, na qual, ele se tornou a força ativa em temperar as vidas dos outros."*

Quanto a como ela poderia ajudar a guiar Ernest e seus outros filhos em direção a Deus em suas encarnações presentes, a Fonte aconselhou-a a não dar lições e interferir, mas a agir como exemplo da graça e do amor de Deus. *"Apenas vivendo e sendo… Não pelo que dizes, mas pelo que és. Estas são as coisas que crescerão mais na experiência daqueles a quem deste e dás ajuda espiritual e mental."* Quanto à sua relação com Ernest, em particular, ela foi aconselhada a sempre *"falar gentilmente, nunca asperamente."* A Fonte disse, ademais, que algum dia Ernest poderia vir a ela em *"humildade,"* para agradecer-lhe pelo apoio e exemplo que ela lhe havia provido. Grace nunca foi conhecida a ter tomado o conselho de Edgar a peito, nem, infelizmente, Ernest jamais foi relatado a ter agradecido à mãe pelo seu exemplo. Até o final da vida de Grace, em 1951, Ernest ainda a desqualificava como *"all-time bitch"* ou *"all-American bitch."*

Não muito depois de dar a leitura Hemingway, a condição física de Edgar começou a se deteriorar seriamente. Em fevereiro de 1944, quando Edgar estava à beira do colapso de um severo resfriado e tosse, ele concordou em tirar umas curtas férias para visitar Tom Sugrue em Clearwater, Flórida. Apreciou pescar com Tom nas águas mornas, mas, quando voltou dez dias depois, mergulhou de volta na mesma agenda, dando quatro leituras em

um dia e nove no seguinte. No fim do mês, estava na cama com pneumonia.

Apesar das ordens do seu médico, **Dr. Woodhouse**, e das recomendações nas leituras, Edgar prescreveu para si um potente medicamento — um composto de sulfa que ele havia, certa vez, tomado no início de um severo resfriado. O choque ao seu sistema o deixou em condição tão enfraquecida que foi forçado para a cama, e incapaz de dar mais leituras até **14 de março**, quando deu uma para si mesmo. Em seguida, contra os apelos de Gertrude e Gladys, começou a fazer leituras para alguns amigos em desesperada necessidade, e, em 20 de março, estava de volta a dar nove leituras em um único dia.

Betty Allen, uma das secretárias que Gladys havia contratado para ajudar com a vasta quantidade de cartas chegando todo dia, ficou tão perturbada com o estado *"esgotado"* em que Edgar frequentemente se encontrava após dar leituras, que se referia às suas sessões em transe como a *"máquina de drenagem,"* e instou-o a parar. *"Hora a hora, dia a dia, eu podia sentir alguma vital sustentação de vida fluindo do corpo de um homem a quem eu havia passado a admirar e a amar de uma maneira pessoal especial,"* escreveu mais tarde.

Em meio a dar leituras físicas, Edgar entreteve muitos novos visitantes que vinham à praia buscar seu conselho e orientação. Entre eles estava um **agente do governo não nomeado** que chegou de Washington, D.C., em 30 de maio de 1944. A pedido de Edgar, Gladys conduziu o visitante ao escritório, e as portas foram fechadas. As únicas palavras de Edgar sobre essa visita foram em uma carta a Edgar Evans, em que Edgar descreveu seu

visitante como *"um dos mais altos,"* que era *"conselheiro daqueles em autoridade, que eram os que formulam os padrões sobre as inter-relações que deveriam haver com todos os outros países após a guerra."* Também por essa mesma altura, Harmon Bro relatou ter atendido a um telefonema, que ele encaminhou a Edgar, **do escritório de Harry Truman**, em breve o vice-presidente dos Estados Unidos.

Gladys e Gertrude se afligiam com o fato de que Edgar não estava fisicamente forte o suficiente para se envolver com agentes governamentais, quanto mais para acompanhar todas as leituras físicas que estava dando. Parecia não haver nada que o desaceleraria, até que, isto é, Edgar foi parado por um derrame em **agosto de 1944**. O derrame deixou seu lado direito parcialmente paralisado, e sua mão direita foi tão afetada que ele não conseguia usar uma caneta nem digitar em sua confiável Remington. Ouvindo o conselho de seu médico, e de outra leitura física, ele partiu em **30 de agosto** para **Roanoke, Virgínia**, onde foi posto sob os cuidados do **Dr. Harry Semones**, um osteopata recomendado nas leituras. Por arranjo com o Dr. Semones, Edgar e Gertrude ficaram no **Meadow View Inn em Cloverdale**, que era propriedade e operado pelo médico e a sua esposa. Geralmente, por essa época do ano, o médico e a esposa teriam fechado a pousada e ido para a Flórida. Por cortesia a Edgar e Gertrude, a pousada foi mantida aberta, e isso permitiu ao Dr. Semones fazer visitas diárias.

De volta a Virginia Beach, Gladys escrevia cartas alegres, aliviando a mente dos Cayces sobre as questões em casa e protegendo-os das preocupações econômicas, mas Edgar suspeitava do problema que ela tinha em conduzir a ARE

sozinha. Agora que Cayce havia parado de dar leituras, a ARE não tinha renda. A ajuda extra que ela havia contratado foi pedida a sair, e apenas pessoal voluntário atendia aos telefones ou mantinha a correspondência atualizada. Para economizar dinheiro, Gladys desistiu de um apartamento que havia alugado e mudou-se de volta para a casa Cayce. Em uma carta típica de explicação a membros da ARE solicitando leituras, Gladys escreveu ao Sr. H. B. Harrell, que havia marcado um compromisso com um ano de antecedência: *"O Sr. Cayce está sofrendo de exaustão completa,"* escreveu Gladys. *"Estamos tendo de cancelar compromissos todo dia agora, para pessoas que vinham esperando por suas leituras por bem mais de um ano."*

Todo dia, Gladys ligava para o Meadow View Inn e lia cartas a Edgar das muitas pessoas que escreviam desejando-lhe rápida recuperação. Hugh Lynn, agora estacionado na França, escreveu ao pai uma sentida carta de encorajamento. *"Eu sei, e isto me alegra, quão fácil será para você partir quando decidir fazê-lo,"* escreveu ele. *"Você precisa perceber que fez um trabalho magnífico… Não é por qualquer realização para si mesmo que peço para continuar, mas por aqueles de nós que precisamos da sua ajuda um pouco mais aqui. A cristalização dos nossos esforços está logo adiante, a moldagem do nosso trabalho para as massas está se formando, e precisa da sua orientação, a influenciação de várias pessoas importantes é necessária — preciso mencionar aqueles próximos a você, seus netos."*

Edgar Cayce deu sua **última leitura em 17 de setembro de 1944**[205], para si mesmo. Havia pouca dúvida na mente de qualquer um de que o *"Mestre dos Mestres"* visitou durante essa leitura, e, embora não pudesse ser visto, sua presença era sentida. Nessa leitura,

Gladys, Gertrude, Edgar e seus médicos foram aconselhados a estarem em paz eles mesmos. *"Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize, pois, eis que sou eu, e prometi estar contigo, mesmo até o fim do mundo."* Recomendações foram dadas para o conforto físico de Edgar, mas pouco mais. *"Você nos aconselharia a ficarmos aqui em Roanoke por um tempo?"* perguntou Gertrude. *"Ficai até estardes bem ou mortos… como foi dado,"* veio a resposta.

Uma semana após dar essa leitura, Cayce sofreu outro derrame, que resultou em paralisia completa de todo o lado esquerdo do seu corpo, do pescoço aos pés, e mais paralisia do lado direito. Ele estava, contudo, em bom espírito, e em **12 de outubro**, foi forte o suficiente para ditar uma lista de instruções, que Gertrude transmitiu a Gladys por telefone. *"Aprecio você pensar em tudo,"* disse a Gladys em resposta às suas cartas explicando os vários assuntos da ARE que haviam surgido. Disse-lhe para deixar as contas estarem até que ele voltasse para casa, e que queria ver o novo panfleto da ARE que Tom Sugrue estava escrevendo. Gladys deveria pagar o seguro do carro, ver o aquecimento, e alugar o quarto extra na casa. Também deixou instruções para **Rains**, o jardineiro, para cavar uma vala e plantar seus bulbos de tulipa.

O Capitão Edgar Evans Cayce, temporariamente em casa de licença, chegou a Roanoke em **19 de novembro**. Imediatamente compreendeu a severidade da condição do pai. Ouvindo o desejo do pai de morrer em casa, cercado pelas pessoas e coisas que mais amava, ele embrulhou Edgar em cobertores e o liberou do Meadow View Inn para a viagem de volta para casa no dia seguinte. O Sargento Hugh Lynn Cayce não pôde se juntar a eles

porque estava, naquele momento, **seguindo os tanques do General Patton para a Alemanha**.

Em antecipação à chegada de Edgar, Rains, o jardineiro, trabalhou horas extras para que o quintal e os terrenos estivessem em esplêndida forma, e Gladys e os outros revisaram a casa e fizeram uma faxina de primavera. Apesar de seu entusiasmo externo, contudo, eles aguardavam a chegada de Edgar com sentimentos mistos. Os relatos que Gladys havia recebido indicavam que Edgar estava se recuperando, mas ela intuitivamente sabia — assim como Edgar Evans — que o fim estava se aproximando.

Edgar mesmo sabia que o fim se aproximava, e foi talvez por essa razão que pediu que a ambulância parasse em **Blackstone, Virgínia**, no caminho até a praia, para ver se Beatrice e Richmond Seay estavam em casa. Desejava ver Pequena Anna uma última vez. Beatrice e o marido estavam fora quando Edgar Evans e o pai chamaram. Eles também haviam sentido que o fim estava próximo, e haviam dirigido a Virginia Beach na esperança de ver Edgar. Saíram da praia justo quando Edgar e Edgar Evans estavam saindo de Blackstone, e **Eddy nunca chegou a se despedir de sua amada Pequena Anna**.

Edgar teve de ser carregado para dentro de seu lar de Arctic Circle em uma maca. A vista de Edgar na maca, e suas lágrimas de alegria por finalmente estar em casa após três meses fora, foi um momento emocional para todos. *"[Ele estava] tão contente em estar em casa,"* escreveu Gladys, *"mas com o coração partido por estar em tal apuro."*

No conforto dos arredores familiares e da companhia dos seus amigos e família, o ânimo de Edgar se elevou, e ele parecia estar melhorando, embora a maioria do seu corpo ainda estivesse paralisada do pescoço para baixo, e ele mal podia falar acima de um sussurro. *"Realmente penso que melhorei mais desde que estou em casa do que em todo o tempo em que estive doente,"* escreveu Edgar a Hugh Lynn em **2 de dezembro**. Em 13 de dezembro, contudo, sua condição piorou consideravelmente, e ele entrou em coma, que durou pela noite. Bem cedo, na manhã seguinte, ele parecia muito melhor, e sua circulação parecia melhorada. Mas havia perdido a alerta de seus dias anteriores, e não conseguia dormir mais de trinta minutos por vez sem acordar. **Catherine Patterson**, amiga próxima da família e receptora de muitas leituras, forneceu enfermagem 24 horas, auxiliada por Gertrude, Gladys e a irmã de Edgar, Annie. Annie lhe dava massagens diárias até que **Dr. George** viesse de Wilmington, Delaware, e pediu que as massagens fossem descontinuadas. Ele diagnosticou Edgar como sofrendo de **edema pulmonar**, e administrou doses de **atropina feita de beladona**, junto com vitaminas, um concentrado proteico, e alimentos para bebê.

O Norfolk Study Group fez a Edgar uma última visita, assim como Dave Kahn e alguns outros amigos próximos. Uma membra do grupo, **Jane Williams**, amiga dos Cayces desde a queda do hospital, estava sentada com Edgar quando ele se voltou para ela e lhe contou de um sonho que tivera. Não entrou em detalhes, mas disse acreditar que seria *"rejuvenescido"* em **5 de janeiro**. Mais tarde naquela noite, falou do poder da fé e da cura. *"Fé, esperança e amor — eles são reais,"* disse a Gladys. *"A fé é a*

substância das coisas que se esperam, a evidência das coisas que não se veem, mas é mais real do que qualquer coisa que possas ver. O amor é universal, não pessoal. Quando se torna universal, é [uma] energia [criativa]. Pode trazer vida, tão certamente como dois corpos unidos se tornam um canal para a entrada de uma alma na terra."

Edgar passou o Natal de 1944 na cama, e depois sentou-se durante o Ano-Novo, quando as cornetas da meia-noite soaram na estação naval. *"Feliz Ano-Novo!"* Gladys lhe disse. *"Vamos a lugares e fazemos coisas em 1945!"* Edgar respondeu: *"O mesmo a você… se o Senhor for servido."* Duas ou três vezes naquela noite, Edgar acordou dizendo coisas como: *"Este mundo está em uma confusão terrível, e temos que controlá-lo. Apenas espero ser digno."*

Gladys vivamente recordou a última noite de Edgar, **2 de janeiro**. Logo após o pôr do sol, Edgar teve uma breve conversa com Gertrude, em que lhe disse que a amava. Gertrude se inclinou e o beijou. Ele disse: *"Você sabe que eu amo você."* Gertrude assentiu, e ele perguntou: *"Como você sabe?"* Ela sorriu, então disse: *"Ah, eu apenas sei."* Edgar olhou para ela com lágrimas nos olhos. *"Não sei como você consegue dizer,"* disse ele, *"mas eu amo você."* Após tomar um momento para se compor, continuou: *"Você sabe, quando se ama alguém, a gente se sacrifica por essa pessoa. E o que eu jamais sacrifiquei porque amo você?"* Gertrude desatou em lágrimas e saiu da sala.

Mais tarde naquela noite, Edgar acordou e disse a Gladys que estava consciente de alguém na sala com eles, embora apenas Edgar parecesse ver quem era. *"Ele se parece com um maestro,"* disse Edgar. *"[Tocando] música bela."* Gladys perguntou que tipo de música estava sendo tocado. *"Não sei,"* veio a resposta. *"Não sei*

muito sobre música." Gladys discordou dele. *"Você sabe tudo sobre música,"* assegurou-lhe. *"Você sabe sobre as harmonias do universo."*
No dia seguinte, Edgar foi aliviado de sua congestão e relatou a melhor noite de sono que havia tido em muito tempo. Contudo, naquela tarde, sua taxa de pulso aumentou, e ele irrompeu em uma transpiração pegajosa, e teve de ser banhado. Annie Cayce entrou no quarto com algum ensopado de ostras que ela havia cozido na cozinha e o alimentou com colher. Gladys colocou uma almofada elétrica de aquecimento aos pés dele para mantê-lo aquecido. Tentaram fazer Edgar usar uma máscara de oxigênio, mas ele simplesmente a empurrou para longe. De baixo, na sala de jantar, Gladys podia ouvir Gertrude soluçando. Edgar tomou mais dois ou três goles de ensopado. Eram **sete horas**. Às **sete e quinze, ele parou de respirar**[206].
Não muito após o funeral, realizado em **5 de janeiro de 1945**, Gladys teve um sonho em que viu a passagem de Edgar em uma visão de um glorioso pôr do sol e um céu noturno brilhante. À medida que os últimos raios do sol brilhavam pelos céus, uma única estrela apareceu na escuridão que se reunia. E então uma segunda estrela apareceu, conectada à primeira por um fino fio de luz. Uma terceira e uma quarta estrelas apareceram — todas conectadas entre si por fios de luz — até que centenas de estrelas revelaram galáxias inexploradas e um vasto universo interconectado no agora brilhante céu noturno. *"Eu não tinha medo sobre Edgar nem sobre seu legado depois que tive aquele sonho,"* Gladys disse a um amigo. *"A luz que ele trouxe a incontáveis milhares simplesmente iria crescer mais forte."*

Gertrude, ela mesma, sentia-se de modo muito semelhante. Mas ela também sentia como se *"um órgão vital tivesse sido removido,"* e que a vida nunca mais seria a mesma. Sofria não apenas da dor emocional da morte do marido, mas da dor de uma séria condição médica que havia resultado do parto anos antes. Leituras feitas antes da morte de Edgar indicavam que Gertrude havia ficado de pé cedo demais durante o período de recuperação. Os ferimentos em sua pelve e útero nunca haviam cicatrizado adequadamente. Embora se sentisse bem o suficiente para caminhar, o peso do corpo sobre seus pés produzia lesões e uma sobrecarga do fígado e do baço. Seu fígado e baço aumentados começaram a atrofiar-se, e câncer se desenvolveu. Os médicos diagnosticaram sua condição como terminal.

Doente demais para conduzir o lar, Gertrude entregou todos os assuntos comerciais e financeiros a Gladys, e tomou a mesma cama em que o marido havia sido cuidado em seus dias finais. Flores, que há muito haviam sido seu amor, chegavam em grandes quantidades e enchiam a casa com seu doce perfume. Naquele abril, o pessegueiro e a pereira no quintal começaram a florir, e os bulbos que Bains havia plantado abriram suas pétalas.

Por meio de cartas de casa, Hugh Lynn — ainda na Europa — percebeu quão grave era a condição da mãe, e escreveu-lhe uma carta tocante, expressando seu profundo amor e afeto por *"Muddie,"* o nome carinhoso pelo qual havia chamado a mãe desde a infância. *"É importante para você perceber o quanto tem sido divertido ser seu filho,"* escreveu. *"Muitas vezes vi você diante de problemas [e] condições que sei terem dobrado tantas pessoas, e você se elevou sobre elas e… carregou outros consigo. Estas coisas, Ecken*

[Edgar Evans] e eu, não esqueceremos. A poucas pessoas foi confiada a orientação de tantas vidas — não no modo exterior a ser visto pelos homens, mas em segundo plano, onde a caminhada era difícil. Estas coisas sei, e não as esquecerei. Nunca eu havia conhecido tal amor abnegado por dois seres humanos como o que você sempre mostrou para com Ecken e mim."

Gertrude jamais chegaria a ler a carta, pois ela chegou poucos dias após sua morte, na **manhã de Páscoa, 1.º de abril de 1945**[207].

---

200. Retorno dos judeus à Palestina / Israel 1948: predição cayceana cumprida — o Estado de Israel foi proclamado em 14 maio 1948, três anos após a morte de Cayce. ↩
201. Roosevelt 1945 + Kennedy 1963: predição cayceana cumprida — Franklin D. Roosevelt morreu em 12 abr. 1945; John F. Kennedy foi assassinado em 22 nov. 1963. ↩
202. Margueritte Bro: autora americana de *Miracle Man of Virginia Beach*, publicado em *Coronet* em 1942 — texto que projetou Edgar Cayce nacionalmente. ↩
203. Harmon Bro (1919-1997): psicólogo americano, autor de *A Seer Out of Season: The Life of Edgar Cayce*; identificado nas leituras como reencarnação de Tadeu, um dos doze apóstolos. ↩
204. *INCLINAI VOSSAS CABEÇAS, Ó FILHOS DOS HOMENS!*: última admoestação angelológica de Miguel através de Cayce — registro profético-apocalíptico em maiúsculas no original. ↩

205. Última leitura cayceana — 17 set. 1944 (*Reading 5746-1* dos arquivos da ARE). Fechamento da carreira de quarenta e três anos. ↩

206. 3 de janeiro de 1945, 19h15: morte de Edgar Cayce aos 67 anos (n. 18 mar. 1877). ↩

207. 1.º de abril de 1945 — manhã de Páscoa: morte de Gertrude Cayce, três meses após a do marido. Datação biográfica de profundo significado litúrgico-cayceano. ↩

Epílogo:
O Novo
Amanhã

Como Hugh Lynn e Edgar Evans, Gladys vinha-se preparando mentalmente para a passagem de Edgar havia muitos meses. Embora ela e os outros compartilhassem uma inevitável e perturbadora sensação de perda e luto, Gladys muitas vezes sentia como se ele ainda estivesse presente muito tempo após sua morte. Ela lhe escrevia cartas e, quando pensava que ninguém mais a ouviria, falava com ele como se estivesse a seu lado no mesmo cômodo. Numa carta que escreveu a Edgar logo após sua morte, e que registrou em seu diário, ela disse: *"Sempre discuti as coisas com você antes de tomar decisões. Ao olhar para trás, agora me dou conta de que você dizia muito pouco, mas escutava, e após um tempo eu conseguia sentir a coisa certa a fazer. Talvez fosse assim com todos os outros. Talvez você agisse como um espelho no qual pudéssemos realmente nos ver como somos... Querido Eddy Cayce... por favor, continue sendo esse espelho para todos nós."*

No ano imediatamente após sua morte, Edgar Cayce apareceu nos sonhos de muitos que tinham vindo a conhecê-lo e amá-lo. Uma das visões oníricas mais incomuns foi experimentada por Dave Kahn em 19 de novembro de 1945, que ele relatou numa carta a Hugh Lynn, ainda na Alemanha. *"Vi centenas de 'pessoas pequenas' de cerca de cinco centímetros de altura ao redor dele,"*

escreveu Kahn. *"Ele se aproximou e veio até mim* [*e*] *disse: 'Bem, eis-me aqui a caminho de Virginia Beach.' Ele estava na Grand Central Station* [*em Nova York*]. *Ele disse... Dave, preciso descer até a praia e ajudar Hugh Lynn a se acertar.* [*Edgar*] *estava vestido como o lembro há trinta anos — jovem, cheio de energia e promessa. Estava muito satisfeito com sua viagem, mas não me disse de onde vinha. Passaram-se alguns minutos e sua mãe se aproximou e* [*perguntou se eu tinha visto Edgar*]. *Respondi: 'Sim, há alguns minutos.' Ela disse: 'Quero ir à praia, também, e tenho meu dinheiro para pagar minha própria passagem.* [*Gertrude*] *passou* [*para fora do sonho*] *e seu pai parecia ansioso para se afastar sozinho e passou apressado por mim, à sua procura. As pequenas pessoas simplesmente clamavam ao redor dele como se ele fosse um rei e elas seus súditos. Mais tarde, vi muitas pessoas de Virginia Beach ao redor dele, e elas o viram saudar Gladys... como se* [*ele*] *tivesse acabado de retornar de* [*uma viagem típica*] *a Nova York... Sei que ele está com você e seguirá com você até a praia. Mantenha-se em sintonia silenciosamente, e ele o aconselhará."*

Por mais que Edgar pudesse estar com Kahn e outros membros da ARE em espírito, a passagem física de Edgar Cayce não pôde ser ignorada por muito tempo. Ao retornar da guerra, Hugh Lynn e outros tinham preocupações legítimas de que, sem Edgar para dar mais leituras, a ARE teria de se dissolver — não por falta de amor e entusiasmo pelo trabalho, mas por falta de recursos.

Excetuando-se as 14.256 leituras em transe armazenadas no cofre, e a casa Cayce no Arctic Circle, o espólio de Edgar e Gertrude somava muito pouco. Uma conta-poupança conjunta continha menos de US$ 2.000,00. O valor de tabela do carro da família, um Pontiac 1941, era de aproximadamente US$ 1.000,00. Havia

também um anel de diamante e um grampo de cabelo, uma série de títulos *E victory bond*, mobília doméstica e uma máquina de escrever. Quando Gladys e seu contador de Norfolk tinham pago as despesas do funeral e outras dívidas menores, vendido o carro, resgatado os títulos do governo e somado o valor da casa, o espólio totalizava menos de US$ 10.000,00.

Além da falta de recursos, a ARE também carecia de propósito definido. Como observou Harmon Bro, a associação era composta inteiramente de amigos de Edgar. Tentar sustentar essas amizades sem Edgar Cayce em seu centro era como *"construir uma organização a partir dos pacientes de um médico morto."* Muitos membros da diretoria, entre eles Dave Kahn, disseram que não se podia fazer e iniciaram conversas com a Universidade Harvard como possível destinatária das leituras e correspondência. Gladys recusou-se a cooperar, acreditando que os papéis Cayce deviam permanecer no cofre da ARE até que ela tivesse orientação de Edgar quanto a sua disposição final. Ela mantinha a chave do cofre no seio, e a certa altura escondeu caixas de arquivo de correspondência que não cabiam no cofre debaixo de sua cama. Ela se recusou inflexivelmente a entregar os papéis e exigiu de Hugh Lynn a promessa de que todas as leituras e correspondência permaneceriam em Virginia Beach até que ela — e Edgar — concordassem com uma nova localização.

A solução para seu dilema veio a Gladys num sonho em que o próprio Edgar apareceu e lhe disse o que fazer. *"É hora agora de provar nossas palavras grandiloquentes e realmente fazer alguma pesquisa em nossos arquivos, em vez de apenas falar sobre isso. Levai a mensagem adiante!"*

Como Gladys, Hugh Lynn viu grande sabedoria nessa abordagem. Ao colocar a ênfase nas leituras, e nas percepções que ofereciam sobre assuntos tão diversos e amplos como pensamento bíblico, oração, medicina e transformação social, a ARE poderia tornar-se um centro de recursos para indivíduos de variados antecedentes, crenças e interesses, como havia sido a intenção de Edgar e Arthur Lammers de volta a Dayton. Em vez de construir um culto em torno de Edgar Cayce o homem, a ARE encorajaria membros de várias fés a permanecerem em seus rebanhos enquanto aplicavam a sabedoria espiritual e a orientação prática encontradas nas leituras. Essa abordagem ousada provou ser a decisão mais inspirada que a incipiente ARE tomaria com Hugh Lynn em seu leme. Embora Edgar Cayce o homem nunca fosse venerado como ícone no mesmo grau em que Mary Baker Eddy ou outros fundadores de movimentos religiosos baseados na personalidade o foram, a mensagem apresentada nas leituras finalmente tocou as vidas de muitos milhões que, de outra forma, teriam fechado os olhos para o garoto da roça do Kentucky tornado profeta.

Tom Sugrue se mudou de volta para a praia, vindo da Flórida, para ajudar Gladys e Hugh Lynn a começarem. Eles formaram comitês para estudar aspectos específicos das leituras e preparar artigos para publicação e distribuição. Muitas outras pessoas se uniram a suas fileiras, entre elas Gina Cerminara, que se tornou uma respeitada autora e historiadora, Judy Chandler, a jornalista de rádio e dramaturga que havia sido mentora de Hugh Lynn, Mae Gimbert St. Clair, que prestou testemunho em primeira pessoa do poder das leituras, e Esther Wynne, a professora

aposentada e principal organizadora do primeiro Grupo de Estudos de Norfolk. Como Tom, Gladys e Hugh Lynn, todas essas pessoas haviam sido identificadas em leituras de vida como tendo sido membros do *"grupo de almas"* de Edgar Cayce em encarnações anteriores[208].

Eventualmente, os artigos que a equipe e os voluntários da ARE escreveram, e as leituras nas quais os artigos se baseavam, chegaram à atenção de um amplo espectro de educadores, historiadores, teólogos, profissionais médicos e cientistas. Boa parte da atração, como observou um estudioso de Cayce, era que, independentemente do campo de estudo, as leituras continuamente provavam estar décadas à frente de seu tempo. Leituras para enfermidades físicas específicas, como artrite, epilepsia e câncer, eram especialmente requisitadas, pois as recomendações feitas nessas leituras não podiam ser encontradas em nenhum outro lugar. Mais tarde veio o interesse pela reencarnação, astrologia e leituras bíblicas, que se tornariam fundamentos do crescente movimento *New Age*. Um boletim, distribuído aos muitos grupos de estudo que se formavam pelos Estados Unidos e exterior, registrava o que estava disponível.

Como resultado desses esforços, a ARE sobreviveu à sua transição de organização que produzia leituras psíquicas para uma que as estudava e disseminava. Embora a associação não tenha visto o crescimento fenomenal que experimentou com a publicação do *"Homem dos Milagres de Virginia Beach"* ou de *There Is a River*, houve um crescimento gradual e incremental construído inteiramente sobre o estudo e o interesse pelas leituras. Em última instância, o interesse pela obra de Edgar

Cayce, e os estimados três milhões de pessoas que consultaram as leituras, superou em muito o número original de membros da associação que ele havia fundado.

A ARE Press, que havia começado com um único mimeógrafo de manivela manual, tornou-se o que hoje é uma grande editora com milhares de livros e materiais de estudo distribuídos a cada ano. Por meio dos esforços de Hugh Lynn, os materiais de estudo da ARE e os dois volumes de *A Search for God* foram traduzidos para dez idiomas e acabariam por capturar a imaginação de fãs tão diversos quanto Elvis Presley, John Lennon, Shirley MacLaine, Ram Dass, Steven Spielberg e o astronauta Edgar Mitchell[209]. Também atrairiam a crítica de proeminentes televangelistas, entre eles o outro filho favorito de Virginia Beach, Pat Robertson[210].

Hugh Lynn passou mais de três décadas viajando pelos Estados Unidos e exterior, ajudando grupos de estudo a se iniciarem, conduzindo viagens educacionais ao Egito e à Palestina, e dando palestras em Harvard, na Universidade de Chicago, no Cal Tech e em mais de duzentas outras escolas. O preço de admissão para as palestras era normalmente de 25 centavos. Hugh Lynn lembrava com carinho de uma vez em que foi ao balcão pagar sua conta de hotel após uma palestra e entregou à recepcionista dois punhados de moedas de vinte e cinco centavos, que espalhou sobre o balcão. Quando a recepcionista protestou, Hugh Lynn disse a ela que era moedas de vinte e cinco centavos ou nada.

Enquanto Hugh Lynn concentrava sua atenção em ampliar a filiação, Gladys ficou com a formidável tarefa de indexar e organizar as milhares de leituras num banco de dados disponível ao público em geral. Embora grandes avanços tenham sido feitos

na década de 1940, a tarefa não seria concluída senão quarenta anos depois. Uma leitura típica poderia incluir até dez ou mais referências à Bíblia, várias localizações geográficas que iam de Dayton, Ohio, a Paris, França, bem como dez ou mais termos médicos e referências a sangue, enfermidades físicas e órgãos individuais. Eventualmente, as leituras foram cruzadamente indexadas sob aproximadamente dez mil tópicos diferentes. Todo o material foi colocado em computador e está agora disponível num CD-ROM.

Uma pessoa que seria fundamental para ajudar Gladys a organizar as leituras foi Albert E. Turner, um corretor da bolsa aposentado da Pensilvânia. Turner foi a Virginia Beach para aprender sobre Cayce e ficou imediatamente cativado por Gladys, que — aos quarenta e sete anos — ainda era uma Gladys bastante encantadora. Gladys, no entanto, não tinha intenção de abandonar o trabalho. Foi Turner quem a abraçou, e à ARE, e dedicou-se a ambas. Ele e Gladys se casaram e, por todos os relatos, tiveram uma vida feliz juntos até a morte de Turner dezesseis anos depois. Gladys casou-se subsequentemente uma segunda vez, com um fazendeiro aposentado da Virgínia que tinha sido um dos amigos próximos de Albert Turner. Tristemente, Gladys, então com setenta e sete anos, ficaria viúva mais uma vez, cinco anos depois. *"Mas seu casamento com o trabalho,"* como disse uma funcionária, *"continuou ininterrupto."*

A ARE cresceu e expandiu-se grandemente sob a direção de Hugh Lynn. Talvez a movimentação financeira mais ousada que ele e os outros fizeram tenha sido recomprar o antigo prédio do hospital. Desde que os Blumenthal venderam a propriedade em

1936, o prédio fora usado como *nightclub*, lar para enfermeiras do exército, loja maçônica e teatro de verão. O corretor imobiliário que cuidava da propriedade acreditava que ela fosse amaldiçoada por causa da frequência com que havia mudado de mãos. Em 1955, Hugh Lynn ouviu dizer que o prédio iria à venda e propôs à diretoria que a ARE o comprasse. *"Foi um sonho insensato,"* Hugh Lynn diria depois. *"Eu tinha toda a diretoria contra mim. Foi rejeitado três vezes. Mas continuei convocando reuniões para discutir novamente."* Eventualmente, a diretoria cedeu, e Margueritte Briggs, uma membra da ARE na Flórida, deu a entrada de US$ 5.000,00.

O mais importante para Hugh Lynn foi a vitória psicológica. *"Como tropas retomando terreno perdido numa escaramuça anterior, seus soldados espirituais desfrutaram de uma sensação de triunfo,"* escreveu A. Robert Smith, biógrafo de Hugh Lynn. Harmon Bro, frequente visitante, concordou e disse que *"capturá-lo foi um passo corajoso e simbólico."* Gladys disse que conseguia sentir Edgar do outro lado, *"sorrindo de orelha a orelha."*

Hugh Lynn estabeleceu seu escritório no andar principal, logo à saída do *lobby*. Uma pequena biblioteca foi estabelecida no lado oposto do prédio. Gladys, a gerente administrativa da ARE, assumiu os níveis inferiores, onde um grande cofre foi instalado para abrigar a coleção completa dos papéis de Edgar Cayce. Era chamado de *"masmorra"*, lembrou Mary Ellen Carter, que trabalhou como secretária em meio expediente para Hugh Lynn e tornou-se biógrafa de Gladys e editora da revista da ARE, *The Search Light*. O andar de cima foi convertido em área residencial e entre os ocupantes estava Ruth LeNoir, uma viúva e uma das

primeiras membras dos grupos de estudo. Conta-se frequentemente uma história sobre a noite em que um intruso invadiu o prédio e encontrou um lugar para dormir, sem saber que alguém morava no andar de cima. Foi acordado pela sonâmbula LeNoir em sua longa e esvoaçante camisola branca. Gritando, fez uma retirada apressada.

Com a mesma ousadia com que havia recuperado a propriedade do hospital, Hugh Lynn também reabriu a Universidade Atlântica em 1961, usando a carta patente original, que o Dr. William Moseley Brown havia mantido ativa desde o fechamento da escola trinta anos antes. A escola cresceu gradualmente e passou por muitas mudanças, e em 1985 ofereceu seu próprio programa de Mestrado em Artes. O currículo da Universidade Atlântica atualmente inclui uma gama completa de cursos que comparam conceitos das leituras de Cayce com ideias em psicologia, parapsicologia, tradições religiosas e outras filosofias espirituais.

Sob os auspícios de Hugh Lynn, a ARE começou a construir uma biblioteca e centro de conferências na década de 1970, que agora se ergue adjacente ao antigo hospital na Atlantic Avenue, com vista imponente para o oceano. Junto com as transcrições completas de todas as leituras Cayce, a biblioteca abriga uma das mais extensas coleções de livros e manuscritos metafísicos do mundo. O centro de conferências, no piso inferior, hospeda milhares de visitantes a cada ano para ouvir palestras sobre assuntos como ESP, sonhos, saúde holística, meditação e vida após a morte.

Além de seus esforços em Virginia Beach, a ARE é a sede de milhares de grupos de estudo agora existentes em todo o mundo, bem como de uma ativa companhia prisional. A associação também administra um popular acampamento de verão para famílias e crianças, atua como serviço de encaminhamento para vários médicos e clínicas, e por meio de alguns de seus membros, apoia escavações arqueológicas no Egito e exploração submarina nas Bahamas.

Por mais dinâmica que a ARE tenha sido em *"levar a mensagem adiante"*, o legado do qual o próprio Edgar certamente teria mais orgulho é o dos muitos médicos e terapeutas que usaram com sucesso suas recomendações induzidas em transe para ajudar milhares de pacientes. Nenhum hospital universitário ou centro médico independente jamais fez um estudo abrangente da *"verdade"* ou *"ficção"* das leituras, mas os resultados estatísticos e anedóticos tanto dos diagnósticos quanto dos tratamentos de Cayce falam por si.

Num estudo do jornalista Sherwood Eddy, realizado cinco anos após a morte de Cayce, foram pesquisados onze médicos que haviam consultado as leituras. Dois dos médicos recusaram-se a participar sob o argumento de que haviam lidado com poucos casos para fornecer uma medida acurada de seu sucesso ou fracasso, mas os nove médicos restantes deram respostas consistentemente favoráveis. Um médico em Bronxville, Nova York, avaliou os diagnósticos de Cayce como perfeitos em todos os doze casos em que tratou pacientes que haviam recebido leituras. Um médico de Detroit, que havia tratado vinte pacientes usando as leituras, estimou a precisão do diagnóstico de Cayce

entre 80 e 90 por cento correto. Um médico de Albany, Nova York, declarou que todos os cinco pacientes que havia tratado usando as leituras haviam recebido diagnósticos precisos. Um médico de Port Washington, Nova York, que havia tratado nove pacientes, também deu a Cayce uma pontuação perfeita. Ainda outro médico de Nova York, que havia tratado pelo menos cem pacientes, estimou a precisão de Cayce na faixa de 80 por cento. A única voz dissidente foi de um médico de Norfolk, Virgínia, que disse que os diagnósticos de Cayce não seriam considerados científicos, mas mesmo assim reconheceu os *"poderes extraordinários"* de Cayce. Da mesma forma, esses nove médicos elogiaram em geral os tratamentos recomendados e declararam inequivocamente que estes traziam universalmente bons resultados. *"Nada menos que milagroso!"* disse um médico.

O único outro esforço registrado para analisar a precisão das leituras médicas foi conduzido por Hugh Lynn e Edgar Evans e publicado em forma de livro em 1971[211]. Baseado em setenta e quatro leituras escolhidas aleatoriamente, nas quais os pacientes seguiram os tratamentos recomendados e relatórios de acompanhamento haviam sido arquivados por médicos ou pelos próprios pacientes, sessenta e cinco relataram resultados positivos, o que refletia uma taxa de sucesso de aproximadamente 86 por cento. Esse número pode não parecer notável quando comparado à taxa de sucesso geral que a maioria dos médicos tem em tratar seus pacientes; entretanto, é bastante surpreendente dado o fato de que Edgar Cayce nunca havia examinado fisicamente — e às vezes nem sequer havia encontrado — os recipientes de suas leituras. Além disso, os pacientes

frequentemente recorriam a Edgar como último recurso, quando ninguém mais parecia ser capaz de ajudá-los.

Por mais impressionante que esse aspecto do legado Cayce possa ser, é importante entender as limitações e desafios que essas leituras apresentam aos praticantes médicos de hoje. Praticamente todas as dez mil leituras de cunho médico dadas por Cayce em sua carreira de quarenta e cinco anos foram conduzidas uma a uma para indivíduos específicos com enfermidades particulares. Logo, o que era verdadeiro para uma pessoa numa situação pode não ser necessariamente verdadeiro para outra. E um tratamento recomendado para uma pessoa que vivia num lugar como a Hopkinsville rural na virada do último século, antes do advento dos pesticidas, hormônios de crescimento e alimentos geneticamente modificados, não é necessariamente relevante ou útil para uma pessoa que vive lá hoje. A verdadeira medida da contribuição de Edgar Cayce à medicina repousa na abordagem holística que ele trouxe para ajudar as pessoas que vinham até ele. *"O corpo, física, mental* [*e*] *espiritualmente, é um só corpo,"* dissera a Fonte. *"A mente é o construtor."*

Outro aspecto importante do legado Cayce, e muito discutido no meio século desde sua passagem, foram as muitas leituras que ele deu sobre a história das civilizações primitivas. Poucos aspectos dessas leituras em transe foram verificados, notadamente os referentes à Atlântida. No entanto, pesquisas arqueológicas no Peru, Bahamas e Egito, fotografias topográficas via satélite e do ônibus espacial da África e do Oriente Médio, e descobertas na margem ocidental do Mar Morto, em Israel, forneceram tentadoras evidências circunstanciais em apoio às informações

históricas de Cayce. A atenção mais cuidadosa foi dada ao Egito, onde cientistas descobriram evidências de um antigo sistema fluvial — idêntico a um descrito nas leituras de Cayce — que outrora existiu no que é hoje um deserto árido. Egiptólogos também continuaram a recuar o relógio em sua avaliação de quando as primeiras pirâmides foram construídas. Nenhum arqueólogo de ponta até o momento, no entanto, situou a construção daqueles monumentos tão remotamente como 10.500 a.C., o período especificado nas leituras.

Muita atenção também foi dada às profecias de Cayce. Apesar do fato de que tais predições representam menos de 2 por cento das informações em transe fornecidas por Edgar, mais de duzentos livros e artigos de revista foram dedicados a elas. Apesar da atenção avassaladora dispensada às profecias, surpreendentemente pouco pensamento foi dado ao espírito em que foram fornecidas: o de que o futuro é incerto porque somente a humanidade — como construtora e co-criadora com Deus — determina, em última instância, o desfecho. E aqui jaz o que pode ser o aspecto mais importante e menos apreciado do legado de Edgar Cayce.

As leituras sugerem que não foi por acaso, mas por desígnio, que grande número de indivíduos que encarnavam na terra no fim do século passado foram descritos nas leituras de vida como tendo tido encarnações anteriores na Atlântida, no Egito e, depois, na Terra Santa nos tempos do Mestre. Muitas dessas pessoas, naquela encarnação anterior, foram descritas como figuras importantes no desenvolvimento da Igreja primitiva. Entre os cem ou mais nomeados nas leituras estavam André, Bartolomeu,

Mateus, Judas, Marta, Maria Madalena e o próprio Lúcio de Cirene[212] de Edgar Cayce, autor do Livro de Lucas. João Amado, dizia-se, estava retornando em breve, e que sua chegada indicaria que *"o caminho"* estava sendo preparado para o retorno do próprio Cristo, o Mestre dos Mestres.

Como Faith Harding, a *"Pequena Profetisa"*, a hoste de encarnados bíblicos que havia chegado à terra foi descrita como precursora ou portadora da mensagem Divina, conclamando a fraternidade humana e a paternidade de Deus. É talvez em tal papel — como profeta — que Edgar Cayce pode ser melhor entendido. Sob esta luz, os poderes clarividentes de Cayce e suas milhares de leituras médicas podem ser vistos como meio de convencer as pessoas de seus poderes especiais para que sua verdadeira mensagem fosse ouvida, assim como as *"curas"* miraculosas de Jesus haviam estabelecido Sua credibilidade como o Filho de Deus.

"Sabei que o direito, a justiça, a misericórdia, a paciência — como foram representados e apresentados por Ele, o Príncipe da Paz — são a base sobre a qual a nova ordem mundial deve eventualmente ser estabelecida antes que haja [*paz duradoura*]," Cayce, perto do fim de sua vida, dissera a um agente de fretes ferroviários de trinta e seis anos, em Norfolk. *"Prepara-te para 'medidas cooperativas' em todas as fases das relações humanas nesta direção."* Em outra leitura, a Fonte disse: *"Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. Quem tem olhos para ver, veja... Endireitai, então, vossas veredas, pois há de vir uma resposta."* E outra mensagem importante que Cayce ofereceria era: *"Não exalteis a democracia nem qualquer outro nome acima da fraternidade humana e da paternidade de Deus."*

Edgar Cayce, em pessoa e em transe, humildemente buscou honrar essa fraternidade humana e paternidade de Deus. Sua oração foi a tomada por aqueles que buscaram seguir-lhe os passos: *"Senhor, eis-me aqui! Usa-me da maneira e no modo que* [*sou mais bem*] *apto... Para que possamos ainda ser como uma só fraternidade, como um só sabendo que estais próximo, como um só manifestando vosso poder... não por nós mesmos, mas para que outros possam ver a glória. Mesmo aquele que está ao meu lado. Mesmo que ele possa amaldiçoar, possa praguejar, possa fazer coisas que são impróprias, seja vosso poder manifesto... para que Jesus, vosso filho, possa realmente vir à terra, para que todos os homens possam saber que Ele é o Senhor do meu Coração."*

Embora essa oração revele a distinta orientação cristã de Edgar, a Fonte também apontou: *"Como Ele tem dado, sempre se encontrará que a verdade — seja neste ou naquele cisma ou ismo ou culto — é de uma só fonte. Não há árvores de carvalho, de freixo, de pinheiro? Há necessidades destas para satisfazer esta ou aquela experiência."* A Fonte passou a observar que em *"cada experiência"* um indivíduo deveria esforçar-se por ser o melhor judeu, ou o melhor hindu, ou o melhor cristão que pudesse ser.

O grau em que Edgar Cayce e seus companheiros viajantes bíblicos foram bem-sucedidos em trazer essa mensagem à próxima geração é uma questão cuja resposta ainda está por ser determinada. Que sua jornada pessoal foi digna não está em dúvida. Que ele virá outra vez, muitos de seus seguidores tomam por certo. Seu retorno virá, segundo uma leitura, *"quando o dia da terra... for cumprido nele, este corpo, Edgar Cayce... for tornado livre!"*

Edgar e Gertrude, libertos de seus corpos físicos, foram os primeiros de seu *"grupo de almas"* imediato a passar pela *"outra porta de Deus"*. Tom Sugrue seria o próximo. Após a publicação de *There Is a River*, ele obteve leituras que o levaram a escrever uma biografia de Will Starling, conhecido de infância de Edgar Cayce de Hopkinsville e protetor de cinco presidentes dos EUA. *Starling of the White House* foi publicado em 1946. Como predito numa leitura de Cayce, o livro veio a se tornar um *best-seller*, e Sugrue tornou-se palestrante muito requisitado. Morreu de insuficiência cardíaca em 1953, após uma operação em seus quadris, joelhos e cotovelos.

Dave Kahn permaneceu membro ativo e dedicado da ARE. Antes de sua morte em 7 de dezembro de 1968, de câncer de cólon, Kahn relatou ter tido um sonho no qual os poços de petróleo que ele e Edgar perfuraram estavam finalmente produzindo.

"[Cayce] estava de pé diante da cornija da lareira em meu quarto," Kahn escreveu numa carta a Gladys Davis. *"Toda a cornija estava coberta com o que pareciam mil aberturas de bocais de gás, e todas queimavam em chamas brilhantes de cerca de dois centímetros e meio de largura. Ele disse, 'meu, conseguimos finalmente, e agora podemos fazer todas as coisas que prometemos a nosso povo!'"*

Lucille Kahn morreu em 1995 aos noventa e três anos. Como predito nas leituras de vida para ela e os filhos de David, um filho tornou-se médico realizado, o outro proeminente advogado. E cada um, a seu modo, deu testemunho do poder e do bem que vinham daquelas leituras.

Morton e Edwin Blumenthal nunca fizeram as pazes com a ARE ou com a família Cayce. Declararam falência em 1946, mudaram-

se permanentemente para Virginia Beach e legalmente tiveram seus nomes mudados para Martin e Edwin Kane. Antes de suas respectivas mortes em 1954 e 1980, o ex-Morton Blumenthal operou a Patricia G. Devlin Printing Company, que vendia cartões de felicitações e postais especializados na Atlantic Boulevard. Edwin trabalhou brevemente como cozinheiro de balcão no calçadão após a morte de Patricia Devlin em 1951.

Gladys Davis encontrou Morton Blumenthal por acaso num semáforo em Virginia Beach em 1947. O carro dele parou justamente quando ela atravessava a rua. Por um breve momento, pareceu a Gladys que ela e Morton estavam *"totalmente sozinhos no mundo."* Após exclamar como cada um deles estava bem, Morton perguntou o que Gladys andava fazendo da vida. Ela lhe disse que estava trabalhando com Hugh Lynn nos *"registros"*. Gladys então lhe perguntou se ele estaria disposto a passar pelo escritório da ARE para oferecer alguns conselhos sobre como as leituras poderiam ser melhor organizadas. Ele recusou. O semáforo mudou, e ele seguiu em frente. Aquela foi a última vez que ela o viu.

Devastada pelo caso dele com Patricia Devlin, Adeline Blumenthal divorciou-se de Morton no início da década de 1930, e mais tarde sofreu um colapso nervoso, assim como seu filho, Morton Jr. Ela tornou-se enfermeira, e depois faxineira. O filho deles alistou-se na marinha. Edgar foi o último membro da família imediata Cayce a vê-lo. Morton Jr. chegou inesperadamente à aula bíblica de Edgar na Igreja Presbiteriana e depois visitou o escritório da ARE para obter cópias de suas leituras de vida.

Carrie House morreu em The Hill em 1.º de julho de 1949, aos setenta e quatro anos. Seu filho, Tommy House Jr., tornou-se gerente de uma companhia que produzia remédios para cuidados domiciliares de saúde baseados nas leituras de Edgar Cayce. Ele mais tarde morreu de enfisema em 20 de março de 1972, e foi enterrado ao lado de sua mãe e seu pai em Hopkinsville.

Após deixar Hopkinsville em 1911, o Dr. Wesley Ketchum abriu um próspero consultório médico em Honolulu, onde tratou clientes como Sanford B. Dole, o primeiro e único presidente do Havaí. Ele e sua segunda esposa, Katy deTuncq, tiveram um filho e depois se mudaram para Los Angeles, onde ele trabalhou como examinador médico para a Metropolitan Life Insurance Company. Em 1953, Ketchum celebrou seu octogésimo aniversário na sede da ARE em Virginia Beach. Morreu em 1963 em sua casa em Palo Alto, Califórnia, aos noventa anos.

Hugh Lynn morreu de câncer em 4 de julho de 1982, aos setenta e cinco anos. Charles Thomas Cayce, seu filho, e o Cayce de quarta geração a participar ativamente do trabalho, assumiu as rédeas da ARE e é frequente palestrante.

Edgar Evans, agora em seus oitenta anos, ainda é vivaz e articulado. Permanece na diretoria da ARE.

Em 12 de fevereiro de 1986, Gladys Davis foi reunida a Edgar, que foi descrito nas leituras como sua *"alma gêmea"*[213]. Tinha oitenta e um anos. Seu sonho de um panteão de estrelas interconectadas iluminando o céu noturno estava mais brilhante do que jamais estivera. Como Jeanette Thomas, uma amiga e a mulher que leva seu legado à próxima geração, apontou

apropriadamente: *"A própria estrela de Gladys Davis está entre as mais brilhantes."*

---

208. *Grupo de almas* (*soul group*): conceito cayceano central segundo o qual certos conjuntos de almas reencarnam repetidamente em circunstâncias entrelaçadas para completar um trabalho coletivo. ↩
209. Admiradores famosos: Elvis Presley (1935-1977), John Lennon (1940-1980), Shirley MacLaine, Ram Dass (1931-2019), Steven Spielberg, e o astronauta Edgar Mitchell (1930-2016) — todos consultaram ou referenciaram Cayce publicamente. ↩
210. Pat Robertson (1930-2023): televangelista batista, fundador da Christian Broadcasting Network, sediada em Virginia Beach; denunciou Cayce repetidamente como ocultista. ↩
211. *The Outer Limits of Edgar Cayce's Power* (Harper & Row, 1971): livro de Hugh Lynn Cayce e Edgar Evans Cayce — primeira avaliação crítica do legado paterno pelos próprios filhos. ↩
212. Lúcio de Cirene: figura mencionada em At 13.1 (ARA) como um dos *profetas e mestres* da Igreja de Antioquia; identificado pelas leituras como autor do Evangelho de Lucas e reencarnação anterior de Edgar. ↩
213. *Alma gêmea* (*twin soul*): designação cayceana para a contraparte espiritual perfeita de cada alma, criada

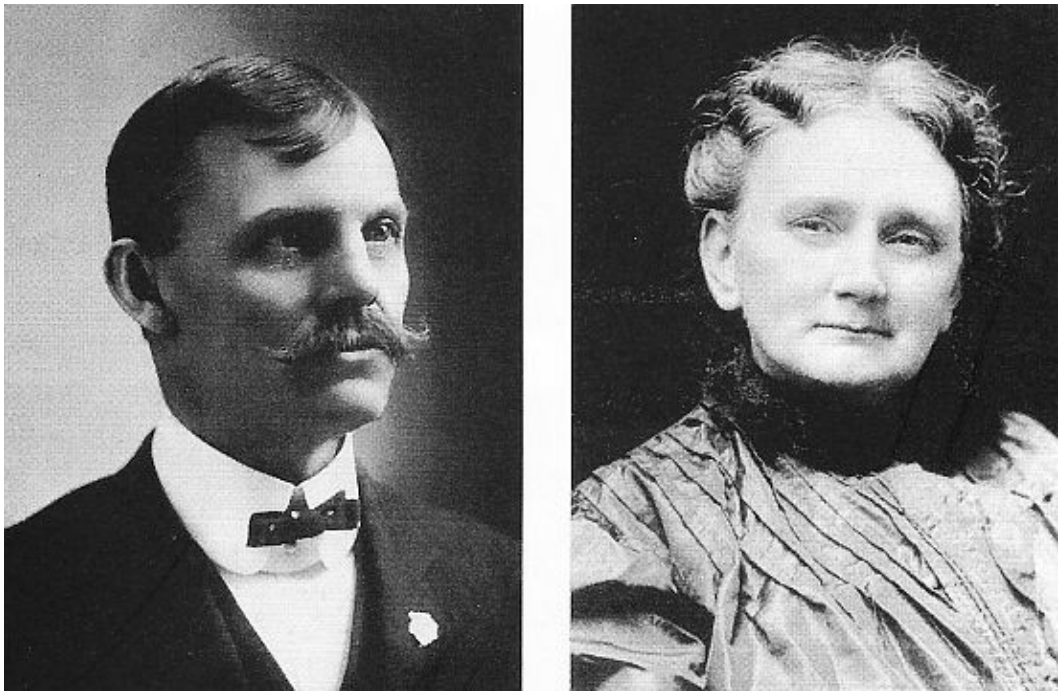
simultaneamente do mesmo *Logos*. Edgar e Gladys foram identificados em leitura como almas gêmeas.↩

CADERNO DE FOTOGRAFIAS

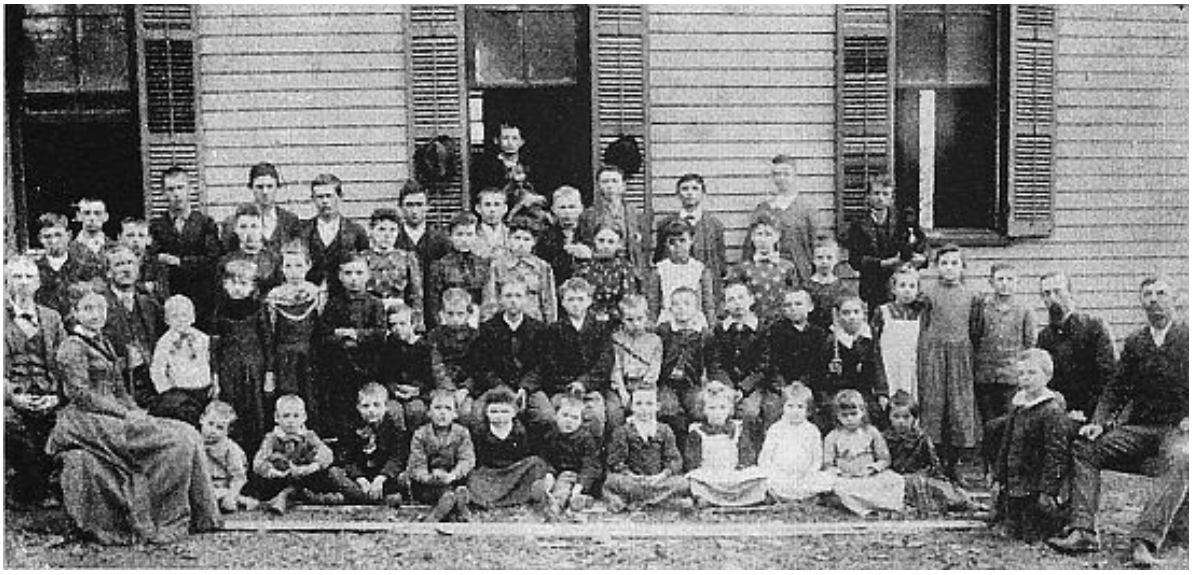




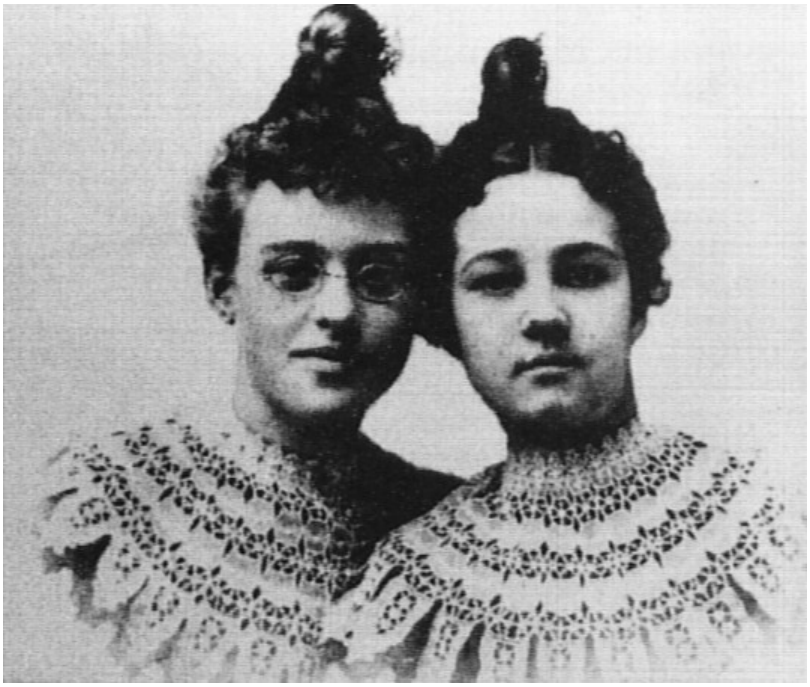
*As únicas fotografias disponíveis de Thomas Jefferson e Sarah Cayce, avós de Edgar, por volta de 1865. Edgar adorava o avô, que também tinha "*o dom da segunda vista*", e a avó ensinou-o a não ter medo de seu talento especial.*



*Os pais de Edgar, Leslie B. e Carrie Elizabeth Cayce. Embora alguns membros da família estendida de Edgar acreditassem que ele tinha "*o Diabo nele*", seus pais nunca o desencorajaram de desenvolver suas habilidades psíquicas.*



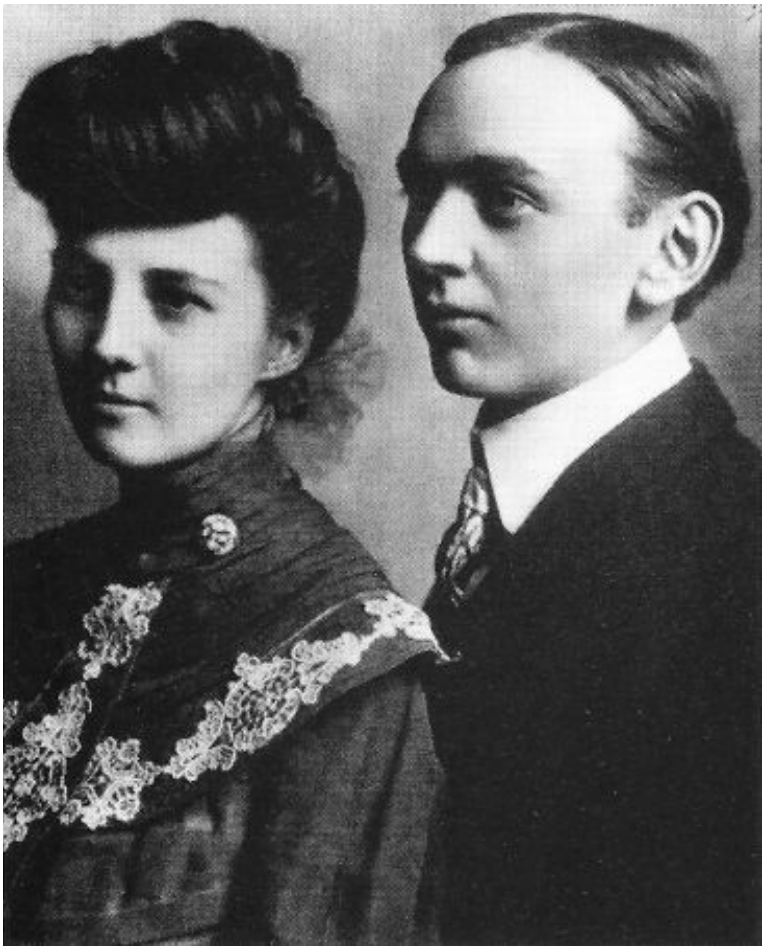
Edgar Cayce e outros alunos da Beverly Academy, não longe da casa de infância de Cayce em Hopkinsville, Kentucky. Edgar fora considerado ”estranho”* por colegas numa escola que frequentara antes, mas os alunos desta Academia, compostos em sua maioria por membros de sua família estendida, eram mais gentis. Sua educação formal terminou aqui, na oitava série.*



Gertrude Evans e sua prima, Edith Estella Smith (de óculos). Edgar ficou imediatamente impressionado com a beleza da jovem de quinze anos quando a conheceu; os dois apaixonaram-se durante suas muitas visitas à casa da família dela, conhecida como The Hill.



Um Cayce jovem, com primos Smith de ambos os lados, e os irmãos de Gertrude Evans atrás dele.



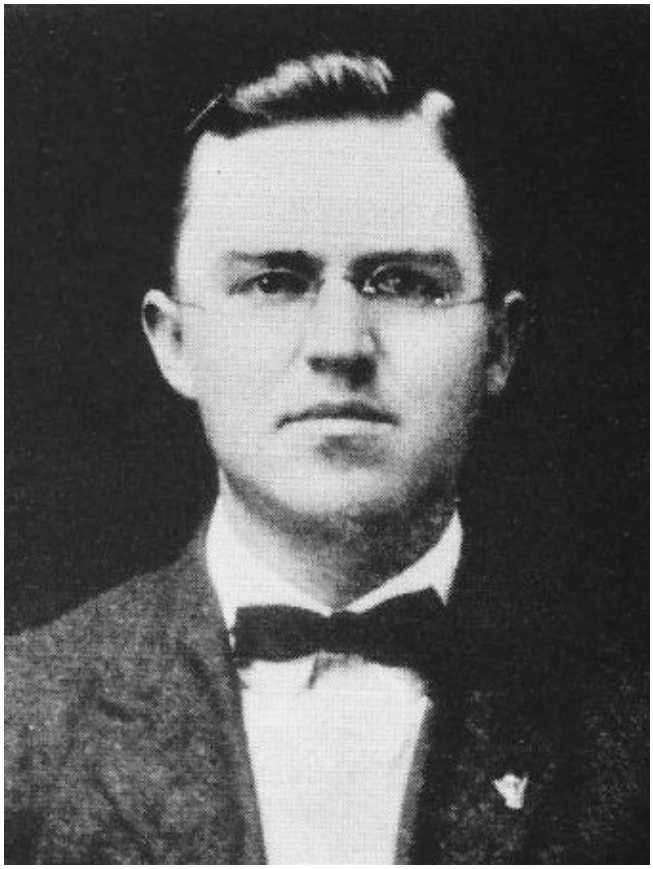
Gertrude e Edgar como recém-casados. O casal contraiu matrimônio em 17 de junho de 1903, após um longo e por vezes turbulento noivado. ”Ela não desistiu dele quando ele teria preferido que o fizesse, e quando ela tinha toda a razão para querer fazê-lo,“* disse um amigo da família.*



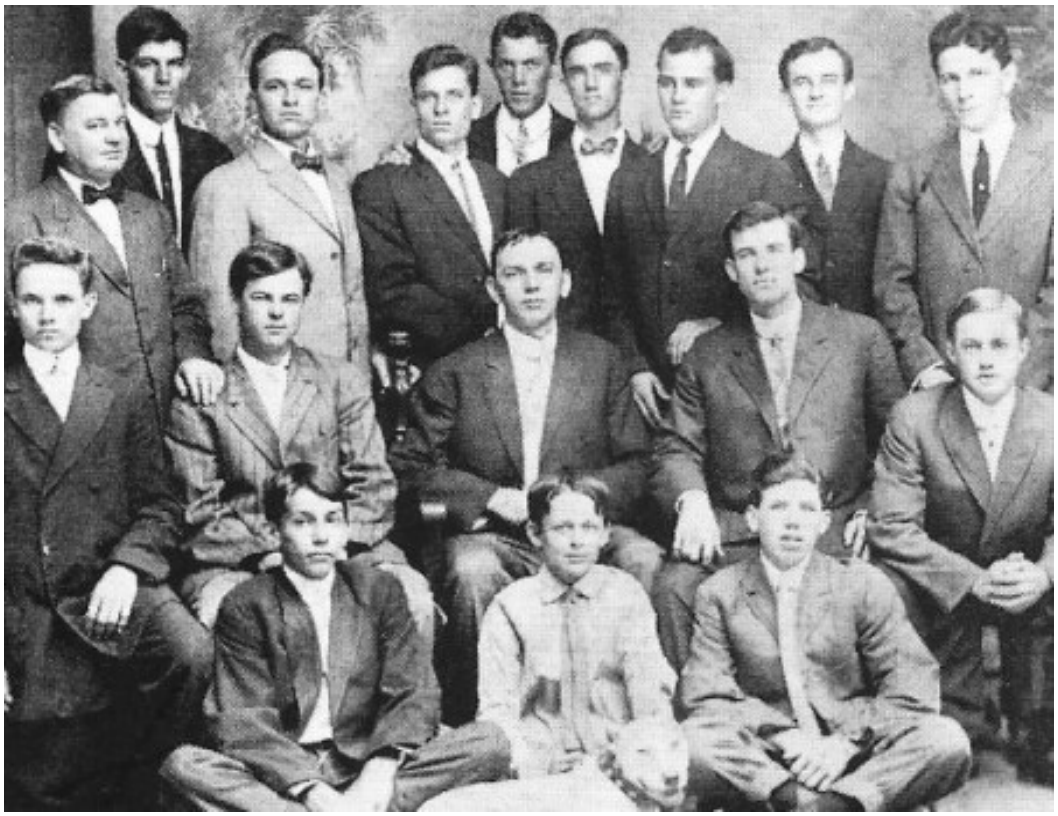
Autorretrato de Edgar, feito no estúdio Russell Brothers em Anniston, Alabama, que ele enviou como cartão-postal fotográfico a Gertrude quando seu trabalho ali os mantinha apartados. A despeito de sua falta de educação formal, Edgar tornou-se um fotógrafo perito.


1916 ?
(over)
HANG THIS UP
PRICE LIST
FINISHING KODAK PICTURES
Developing any size roll 10c
Developing Film Packs..... 15c
PRINTING
Any size up to 2 1-4 by 4 1-4.....3c each
2 1-4 by 4 1-4 up to 4 1-4 by 6 1-2, 4c each
Post Cards..... 5c each
Enlargements.....25c up
Best Results Obtained By
Practical Workmen
"LET US FINISH YOUR SNAPS"
CAYCE
ART COMPANY
21 1-2 Broad St. Selma, Alabama

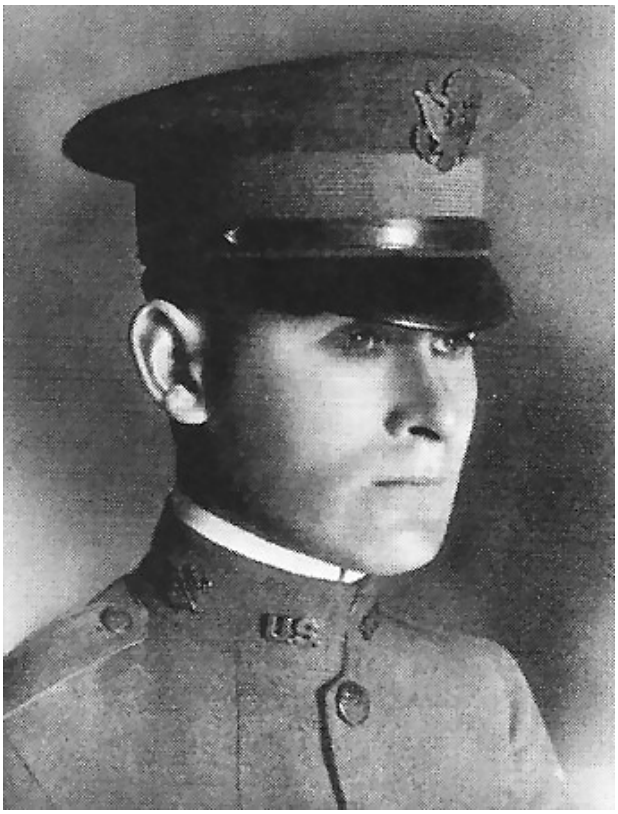
A tabela de preços é do próprio estúdio de Cayce, que ele abriu mais tarde em Selma, Alabama.



*O Dr. Wesley H. Ketchum, homeopata de Hopkinsville, nunca foi intimidado pelas ousadas recomendações médicas apresentadas nas leituras de Cayce. Embora a "*parceria psíquica"* que Cayce formou com Ketchum tenha terminado mal, ao médico é geralmente creditado o ser a primeira pessoa a trazer validação pública à obra de Cayce.*



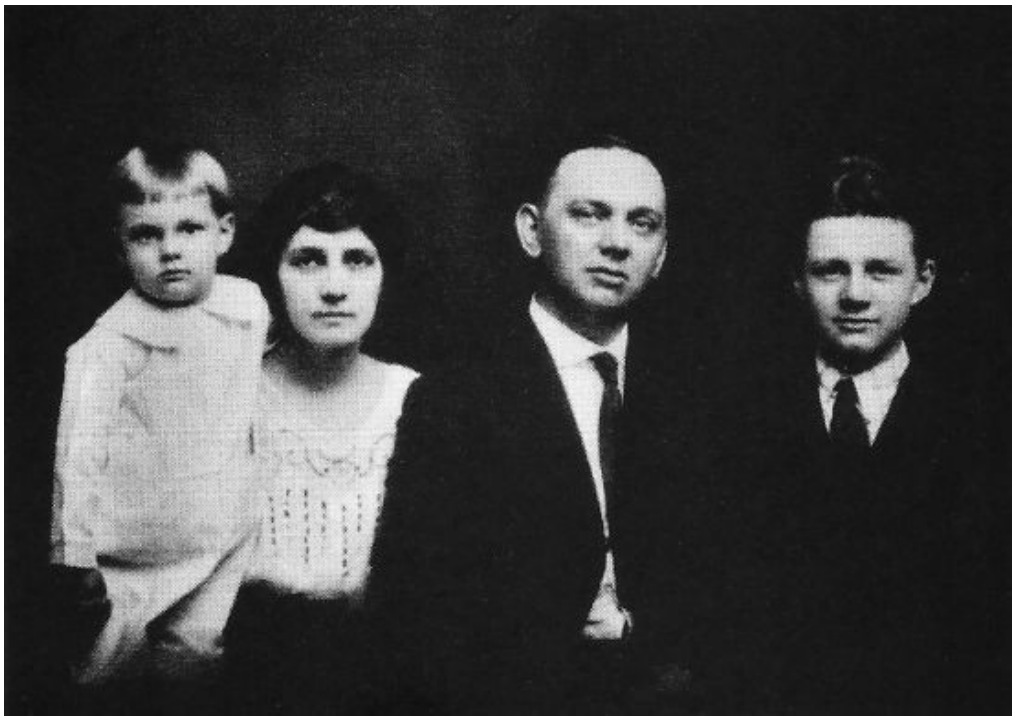
Edgar com a classe bíblica da First Christian Church de Selma. Edgar (ao centro) era estudante apaixonado de religião e, embora tenha entrado em muitos grupos eclesiais diferentes, nenhum o acolheu com tamanha generosidade, ou lhe deu tantas amizades duradouras, como a igreja em Selma. Alfred Butler está sentado ao lado de Cayce, à direita.



Embora uma leitura em transe dissesse que um homem judeu teria papel proeminente em sua vida, Edgar não captou seu significado até ser apresentado a David Kahn, que se tornou amigo e sócio comercial vitalício. Aqui, o tenente Kahn é retratado pouco antes de ser enviado para o exterior para lutar na Primeira Guerra Mundial.



Talvez a aventura mais emocionante — e mais frustrante — em que Cayce jamais embarcou tenha sido sua tentativa de uma década, intermitente, de prospectar petróleo no Texas. Aqui ele é retratado com sócios após seu poço ter sido sabotado por uma companhia rival.



Hugh Lynn, Gertrude, Edgar e Edgar Evans, em 1922. Edgar passava grande parte do tempo na estrada, mas esta fotografia, tirada pelo pai de Edgar, captou-o durante uma rara visita ao lar em Selma.



*À parte o próprio Edgar, ninguém contribuiu mais para a seriedade e o profissionalismo do trabalho de Cayce do que Gladys Davis. Contratada como sua secretária em 1923, Gladys permaneceu com Cayce pelo resto da vida dele, e em leituras posteriores foi revelada como sendo a "*alma gêmea"* de Edgar.*





*Já uma próspera dupla de corretores de Wall Street quando Dave Kahn os apresentou a Edgar, Morton e Edwin Blumenthal ficaram ainda mais ricos por sua associação com Cayce, e forneceram o respaldo financeiro para o Hospital Cayce e a Universidade Atlântica. Além de suas habilidades de liderança e corporativas, eles também trouxeram um entusiasmo genuíno para o trabalho e tinham um "*desejo ardente de compreender os segredos do universo."**



O sonho que consumiu a maior parte da vida adulta de Edgar — construir um lugar onde médicos treinados nas práticas médicas sugeridas por suas leituras pudessem tratar os enfermos — finalmente realizou-se com a construção do Hospital Cayce em Virginia Beach em 1928.



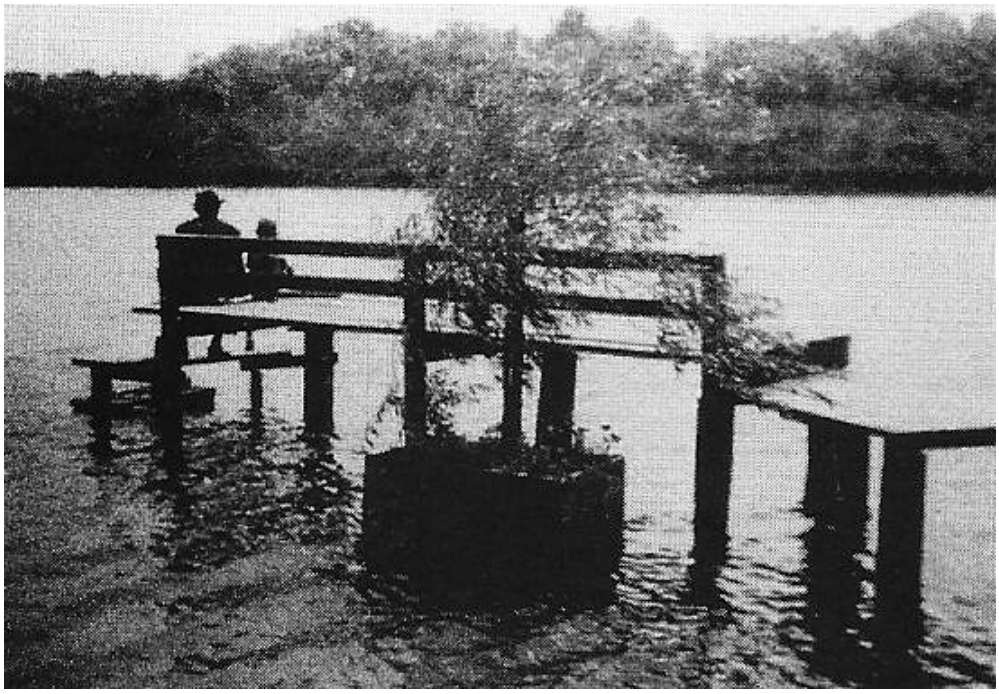
O Dr. Thomas House, visto em seu consultório no hospital, foi o residente-chefe, e parente de Cayce por casamento.



Edgar no escritório de sua casa em Arctic Circle em Virginia Beach, onde passou os últimos anos da vida. Cayce transformou o que era uma casa antiga em ruínas num lugar adequado para receber seus muitos visitantes e hospedar o Congresso anual da A.R.E.



Edgar, Gertrude e Gladys, do lado de fora da casa Cayce em Virginia Beach, em 1940. A despeito de um começo turbulento em sua relação, Gladys e Gertrude finalmente formaram um vínculo forte, e ambas foram grande fonte de força para Edgar.



Cayce adorava pescar e tinha amplas oportunidades para fazê-lo no lago perto de sua casa em Arctic Circle. Aqui ele é visto com uma árvore flutuante que ele mesmo improvisou, e que podia movimentar para manter-se à sombra a tarde inteira. Tirando o cultivo de seu jardim, a pescaria era seu passatempo favorito durante seus anos finais em Virginia Beach.

Agradecimentos

Este livro não poderia ter sido escrito sem o apoio generoso, o companheirismo e o trabalho árduo de Nancy Thurlbeck, a quem este livro é, com alegria e orgulho, dedicado. Sua pesquisa, percepções e contribuições estão presentes em toda parte nestas páginas.

Devo também uma dívida de agradecimentos a Jeanette Thomas, da Edgar Cayce Foundation em Virginia Beach. O zelo amoroso que ela dispensou ao grande acervo de material sob sua supervisão é uma homenagem duradoura a sua mentora, Gladys Davis.

Agradecimentos também devem ir a Delbert D. Cayce III e William T. Turner, do Condado de Christian, Kentucky, que dedicaram muitas horas para ajudar a preservar um passado que está rapidamente escorregando para a obscuridade; e a Charles Thomas Cayce, na Association for Research and Enlightenment em Virginia Beach, que ajudou a trazer o trabalho de seu avô para o século vinte e um.

Há muitos outros cujas contribuições para este livro foram substanciais: Dr. Paul Allen, Ray E. Bailey, Sam Benesch, June e Harmon Bro, Gus Brunsman, Edgar Evans Cayce, Joseph Dunn, Sue Ehret, Rielly Froh, Janet Gentry, Ralf Grey, Anne Butler Hall, Janet Hamilton, Faith Hope Charity Harding, Nancy Horlacher, Rosalie Horstman-Haines, Aurale Huff, Richard e Dr. David

Kahn, Mary Kane, Alton Ketchum, Debra Lambert Ketchum, Betty King, Joanne Larson, Dan Leach, Brooks Major, Sue Lynn McGuire, William Osborn, Judith Partington, Debra Pence-Massie, Michael Pinkava, David Rose, Brad Sorenson, Henry Vaughan e Robert Warnock.

Há também muitos estudiosos dedicados das leituras de Cayce cujo trabalho e percepções pessoais contribuíram grandemente para meu entendimento do material cayceano. Entre eles estão Doris Agee, Juliet Brooke Ballard, Mary Ellen Carter, Gina Cerminara, Howard Church, Jim Dixon, Richard Henry Drummond, Christopher Fazel, Ernest Frejer, Jeffery Furst, Rob Grant, K. Paul Johnson, Robert Krajenke, Noel Langley, Gladys McGarey, David McMillin, Eric Mein, John Pagano, Herbert Puryear, Henry Reed, Douglas Richards, Lytle Robinson, Glenn Sanderfur, I. C. Sharma, A. Robert Smith, Lynn Sparrow, Mark Thurston, Kevin Todeschi, John Van Auken e Louis Wilson.

Sou também grato a vários amigos antigos e novos por seu apoio inabalável: Alison Bingeman e Noah Blough, Bill Dear, Derek Dickenson, Jeremy e Mardesia Finch, Tony e Suzanne Marks-Nino, Elise e Phillip Stone, Dr. Kenneth Stoller, Jean Sharley Taylor e John Ziska.

Uma nota de apreço também deve ir a minha agente, Mary Evans, que acreditou neste projeto desde sua concepção e firmemente o conduziu até a conclusão.

Por fim, agradecimentos especiais devem ir a Christopher Knutsen, meu editor na Riverhead Books, que consistentemente forneceu *insights* sobre cada aspecto da forma e do conteúdo deste

livro, e cujos conselhos, bom humor e sugestões inestimáveis são muito apreciados.

Notas

Salvo indicação em contrário, as fontes citadas a seguir fazem parte dos arquivos da Edgar Cayce Foundation [ECF] e da biblioteca da Association for Research and Enlightenment [ARE] em Virginia Beach, Virgínia.[214]

As fontes da ECF e da ARE são designadas por um número de uma ou duas partes correspondendo ao sistema de indexação concebido por Gladys Davis. O primeiro número é o número do caso, que referencia o nome do indivíduo. O segundo número — separado do primeiro por um hífen — é o número de sequência, que designa o número daquela leitura na série associada àquele indivíduo. Toda a correspondência diretamente associada a uma leitura em transe pode ser identificada ou localizada pelo uso deste sistema numérico de classificação. Nos casos em que isso não foi possível, a correspondência foi referenciada pelo nome do indivíduo e pela data da correspondência, e, salvo nota em contrário, pode ser localizada nos arquivos de correspondência geral de Gladys Davis no cofre da ECF.

Excertos das leituras de Cayce vêm diretamente das transcrições datilografadas alojadas na biblioteca da ARE ou encontradas no CD-ROM da ECF e em arquivos de banco de dados de computador. As únicas liberdades que foram tomadas com este material foram em relação à ortografia, pontuação, capitalização ou parágrafos. Essas liberdades — creio — podem ser justificadas

pelo fato de que as leituras foram dadas verbalmente e, portanto, não estão sujeitas aos mesmos padrões editoriais que outro material escrito. Em casos de edições variantes de um texto particular, usei meu melhor juízo para decidir qual é a mais acurada.

A fonte primária para material autobiográfico não contido nos arquivos de correspondência pessoal vem das três tentativas de Cayce de cronicar a sua história de vida: *My Life and Work*, escrito em 1935; *Personal Memoirs*, escrito em 1938; e *Edgar Cayce's Memoirs: 1877—1924*, que Cayce ditou a Gladys Davis no fim de 1924. Uma fonte secundária para material autobiográfico inédito foi encontrada nas várias tentativas de Cayce de manter um diário: de 15 de outubro a 23 de outubro de 1930, e de 18 de março a 20 de maio de 1938, e em dois esboços inéditos de Leslie Cayce sobre a vida do filho, que também estão alojados no arquivo da ECF.

Fontes adicionais de material inédito são as memórias de Morton Blumenthal, *The Fallen Oak*, editadas por Gene Owens, e disponibilizadas pela cortesia de Mary Kane, de Virginia Beach; os Registros do Tribunal do Condado Christian, em Hopkinsville, Kentucky; os papéis pessoais, fotografias e reminiscências de Delbert D. Cayce; coleções especiais da Dayton and Montgomery County Public Library; o *Red Date Book* de Gladys Davis, anotações e entradas de diário; anotações e relatos de diário de Gladys e Mildred Davis sobre observações durante leituras; os registros do FBI obtidos por meio do Freedom of Information Act; os acervos genealógicos da Filson Club Library em Louisville, Kentucky; o arquivo histórico da First Christian Church de

Bowling Green; os papéis históricos da First Christian Church de Louisville; a pesquisa e a escrita de Rielly Froh, biógrafo de Edgar B. Davis; a Genealogical and Historical Society of Caldwell County, em Luling, Texas; *The Past Life Historical Documentation Project*, da Dra. Rosalie Horstman-Haines; o memorial pessoal de Wesley Ketchum, *The Discovery of Edgar Cayce*; as notas de pesquisa de Robert W. Krajenke sobre os anos do Texas e Dayton; a coleção bibliográfica e histórica da Liberty Christian Church; materiais do Pennyroyal Area Museum em Hopkinsville, Kentucky; os Registros do Tribunal do Condado Princess Anne em Norfolk, Virgínia; pesquisa e escrita do historiador Dan Leach, de Cleburne, Texas; o Central Texas Oil Patch Museum, em Luling; o Historical Research Center, em Luling; o Moody Bible Institute em Chicago, Illinois; a coleção Kenneth Silverman no Houdini Historical Center da Outagamie County Historical Society, Appleton, Wisconsin; transcrições e entrevistas gravadas com Hugh Lynn Cayce conduzidas por Libbie e Robert Smith para *Hugh Lynn Cayce: About My Father's Business*, de A. Robert Smith, The Donning Company, 1988; as notas de entrevista de Tom Sugrue de 1936 e 1940 para sua biografia de Cayce, *There Is a River*; Earl Thomas, do Hopkinsville Electric System; registros do Arquivo Universitário da Western Kentucky University; os papéis pessoais, fotografias, arquivo de jornais e reminiscências de William T. Turner, de Beverly, Kentucky; anotações de palestra de Robert Warnock, de Anniston, Alabama; a coleção histórica da First Christian Church de Selma; os registros históricos da Woodman of the World Life Insurance Society em Omaha, Nebraska; e arquivos de correspondência da coleção Woodrow

Wilson na Seeley G. Mudd Manuscript Library em Princeton, Nova Jersey.

Entrevistas foram designadas por um [I].
As seguintes abreviaturas foram usadas:

AB	Adeline Blumenthal
ARE	Association for Research and Enlightenment
EB	Edwin Blumenthal
HB	Harmon Bro
MB	Morton Blumenthal
TB	Thomas Brown
CC	Carrie Major Cayce
DC	Delbert D. Cayce III
EC	Edgar Cayce
EEC	Edgar Evans Cayce
GC	Gertrude Cayce
HLC	Hugh Lynn Cayce
LC	Leslie Cayce
MC	Mary Ellen Cayce
TC	Thomas J. Cayce
GD	Gladys Davis
CH	Carrie Salter House
LMH	Lillian McAllister Hale
TH	Thomas House
DK	David Kahn
GK	George Klingensmith

SK	Sidney Kirkpatrick
AL	Arthur Lammers
FM	Frank Mohr
LS	Libbie Smith
RS	A. Robert Smith
TS	Tom Sugrue
JT	Jeanette Thomas
WT	William T. Turner
BW	Byron Wyrick
EZ	Ernest Zentgraf
HZ	Helene Zentgraf

INTRODUÇÃO: A Porta Aberta

Aparência de EC: [I] LMH a SK; o cheiro dos químicos de fotografia: [I] HLC a Charlie Dillman em entrevista gravada de 17 a 19 de setembro de 1979; viagem por Hopkinsville: [I] WT e DC a SK; descrição de The Hill: [I] LMH a SK; leitura de EC para Thomas House Jr.: relatório de fundo, 1005—1; *"Não há atalhos"*: 830—2.

PARTE I: UM CRISTÃO NO CONDADO CRISTÃO

Capítulo 1: Uma Criança Mais que Incomum

Bebida de TC: EC a Mae Ladd Hogen em 26 de março de 1926, Fundação EC; genealogia da família Cayce: *The Family of William and Elizabeth Garrett Cayce*, compilado por WT, cortesia de WT; ancestrais virginianos da Escócia: EC à Sra. James Nash, 23 de novembro de 1941; poderes psíquicos de TC: EC a TS, ver notas no Livro 1, fichário em espiral, fornecido a TS por EC; folclore do

Condado Christian e arredores: *Oral History of Weather Signs and Other Folklore*, cortesia dos Arquivos Universitários da Western Kentucky em Bowling Green; Dr. Schlatter: *Kentucky New Era*, 23 de setembro de 1898; Blind Mary: coluna de Joe Dorris no *Daily Kentuckian*, 1.º de janeiro de 1987; antecedentes de LC: ver relatório de Kenneth Cayce, Sr.; quebrou todos os ossos do corpo: notas de GD para 304—5; *"Quem dera eu pudesse ser tão otimista"*: EC a HLC em 5 de maio de 1942; LC como *playboy*: EC a Luther Hesson, 11 de novembro de 1929; bebedeira de LC na noite do nascimento de Leila Beverly Cayce: de EC a Beverly Simmons em 2 de novembro de 1940; *"o parto correu tranquilo"*: EC a Laura Pratt, 28 de fevereiro de 1933; queda de uma estaca de cerca: ibid.; pequeninos atrás da Beverly Store: EC a TS em 6 de março de 1942; pequeninos como encarnações do grupo de apoio de EC: ver 900—422 e 294—008; *"ganhava vida em suas mãos"*: DC a SK; morte do avô: *Memoirs*, de EC, inédito, 1938, também [I] Brooks Major, WT e DC a SK sobre a bebida de TC e atividades de Lester Major.

Capítulo 2: Amiguinhos e a Pequena Anna

Atividades lúdicas de EC: EC a Esther Wynne, 16 de novembro de 1932; Pequena Anna: antecedentes, ver correspondência entre Beatrice Seay e EC, notavelmente 13 de dezembro de 1942; pequeninos em conversas com Hallie Seay e companheiros de brincadeira dentro da meda de feno: EC a TS em 6 de março de 1942; Pequena Anna adicional: EC a TS em 6 de março de 1942; *"caminhou várias milhas para estar com ela"*: 2072—2; Beverly School: EC a Robert Cayce, 4 de janeiro de 1933; surras de EC: EC a U. L. Clardy em 3 de janeiro de 1938; Crazy Bill: *What Prayer Has Meant to Me*, palestra dada por EC em 18 de junho de 1943;

perfuração do testículo: EC à Sra. Laurie Pratt, 28 de fevereiro de 1933, ver também 294—2 para descrição médica; lendo a Bíblia: EC a LC, 20 de dezembro de 1924; EC na Liberty Church: EC a TS em 6 de março de 1942; casinha na floresta: EC a Anne Cayce, 9 de dezembro de 1943; história do anjo: memórias de EC.

Capítulo 3: Na Companhia dos Anjos

"a voz de meu tio": memórias de EC; lição de soletração: memórias de EC; discurso do congressista Jim McKenzie: Daisy Aldridge a HLC, conforme relatado no ARE Bulletin, setembro de 1962; mais sobre Jim McKenzie: Daisy Aldridge a HLC, 30 de abril de 1948; B. F. Thorn: material compilado por DC, em carta sem data de DC para JT; relato de Annie Cayce sobre EC sendo atingido por bola de beisebol: entrevista de jornal sem data, *Kentucky New Era*, c. 1964, encontrada no arquivo de recortes 294.

Capítulo 4: Uma Voz do Além

Bessie Kenner: EC a Miriam Gregory, 12 de outubro de 1943; casamento de Bessie Kenner: [I] WT a SK; data da mudança da família para Hopkinsville: Kenneth Cayce a Albert Turner; sonho de EC: conforme relatado em carta de EC a Ed e Louise Johnson em 16 de abril de 1938.

PARTE II: HOPTOWN E LOUISVILLE

Capítulo 5: A Livraria Hopper Brothers

Hopper Brothers: ver arquivo 294 *"Early Years"*; ministério de Harry D. Smith: [I] material de fundo fornecido a SK por DC em 3 de fevereiro de 1998; Christian Endeavor: de artigos no *Louisville Courier-Journal* em 31 de janeiro de 1938, e 7 de fevereiro de 1938; Dwight L. Moody: *Kentucky New Era*, 29 de março de 1898; Dwight L. Moody: material de fundo da visita a Hopkinsville

cortesia de Walter Osborn, Bibliotecário de Referência do Moody Bible Institute; sonho de Moody: ver 5749—5, e registro de sonho de EC em 12 de dezembro de 1942.

Capítulo 6: A Jovem de The Hill

"rude e sem instrução": 4907—4; encontro de GC: memórias de EC e material adicional das notas biográficas de EC para TS; sobre GC: [I] LMH a SK; mais sobre GC e a família Salter: série 538.

Capítulo 7: Margaret de Louisville

EC e a J. P. Morton Company: memórias de EC e esboços de diário de EC; informações adicionais sobre J. P. Morton: registros da família J. P. Morton na Filson Club Library, Louisville; E. L. Powell: dos registros da igreja na First Christian Church de Louisville; James Phelps: conclusão tirada por processo de eliminação após pesquisa dos registros genealógicos de Louisville na Filson Library; *"chama secreta"*: EC a Charlie Daniel, 29 de junho de 1944; EC toca piano: memórias de LC; *"declínio"* de GC: notas de EC para TS; sonho na sala de registros: 1107—2; o que poderia ter acontecido se ele houvesse retornado a Louisville: 294—8.

Capítulo 8: Cura Milagrosa

"envergonhado": memórias de EC; racismo de LC: ver declaração na pasta 304 com data de 18 de novembro de 1928; perdeu a voz: *Kentucky New Era*, 12 de fevereiro de 1901; *"sua força e vontade de prosseguir"*: [I] LMH a SK; dívidas de LC: carta ao senhorio em Cádiz, de LC, 3 de janeiro de 1901; a pensão Cayce: de entrevista de George M. Draper com Addie P'Pool conforme contida em carta a GD de 24 de março de 1991; Hart the Laugh King: antecedentes de notas para TS de EC em 3 de março de 1942; em

exibição na funerária: entrevista de Joe Dorris com Arthur N. Anderson como publicada no *Kentucky New Era* em 23 de outubro de 1967; primeira leitura de EC: de memórias de LC, material adicional de Sarah Cayce e de entrevista no *Nashville Tennessean*, 8 de dezembro de 1968, e material adicional de artigo de 1.º de abril de 1901 no *Kentucky New Era*.

PARTE III: DIAGNOSTICADOR PSÍQUICO

Capítulo 9: Uma Criança em Necessidade

Antecedentes de Layne e sua doença: ver *Kentucky New Era*, março de 1901; diagnóstico de Al Layne: ver leitura 4238—1; primeiras leituras: de entrevista de George M. Draper com Addie P'Pool conforme contida em carta a GD de 24 de março de 1991; *"sentir-se em casa"*: notas de EC intituladas *"Mrs. Hollins Boarding House"*; Louis J. Darter, secretário da YMCA, foi erroneamente referido como Joe Darter; Louis Darter e outros amigos de EC: Sra. Ford Wulfeck a EC, 7 de agosto de 1943; Tenth Street Christian Church: ver *"History of the First Christian Church of Bowling Green"*, no arquivo da First Christian Church de Bowling Green, ver também *A Bit of History*, de Joe Ford, que também pode ser encontrado no arquivo da First Christian Church de Bowling Green; o jogo The Pit: *Kentucky New Era* e *Hopkinsville Kentuckian* — as datas desses recortes estão perdidas, mas os próprios recortes podem ser encontrados no arquivo de recortes de EC na ARE; vida em Bowling Green: Grover Kemp a EC em 12 de agosto de 1943; detalhes do envolvimento de Layne no caso Dietrich: *The Discovery of Edgar Cayce*, de Wesley H. Ketchum; caso Dietrich: leitura de caso 2473, ver também depoimentos de C. H. e Minnie Dietrich para a ação Noe/Cayce de 1911, papéis

propriedade da ARE; aparecimento de Layne em Bowling Green e oferta de US$ 2.000,00: *Bowling Green Times-Journal*, 26 de junho de 1903; leituras para Blackburn e Roup: *Bowling Green Times-Journal*, 22 e 24 de junho de 1903; natureza do relacionamento entre EC e GC: Daisy Aldridge a HLC, 30 de abril de 1948; busca por outro emprego: EC à Triumph Information Company, em Dallas, Texas, em 19 de dezembro de 1903; *"muito feio"*: EC a Grover C. Kemp, 18 de agosto de 1943.

Capítulo 10: A Mente É o Construtor

Estúdios fotográficos: das notas de EC intituladas *"Details of the Studios"*; *"Não sei como ele fez Junior ficar tão quieto"*: de HLC e EEC como encontrado em *The Outer Limits of Edgar Cayce's Powers*, de HLC e EEC, ARE Press, 1981; Elbert Hubbard: ver memórias de EC; *"dava as cópias de graça"*: [I] LMH a SK; leitura de Al Layne com Percy Woodall: correspondência entre Sunora Whiteside e EC, 21 de março de 1938, e 23 de março de 1938; Percy Woodall e Al Layne: ver correspondência entre Robert Emery e EC em 16 de junho de 1943; EC e telepatia mental: de *"Telepathy"*, palestra dada no Hospital Cayce no domingo, 15 de fevereiro de 1931; *"Cada pensamento é um ato"*: 3184—1; Bowling Green Business University: *Brief Historical Sketch of the Bowling Green Business University*, impresso e produzido por aquela universidade e alojado no Arquivo Universitário da Western Kentucky University; encontros com pessoas famosas: ver correspondência com Byron King e 740—1; EC encontra Edison: de palestra dada por EC no Arlington Hotel, Washington, DC, em 3 de fevereiro de 1935; sobre eletricidade: série 440 e 4489—1; destruição dos arquivos: [I] JT a SK; repórter vendo arquivos: *Birmingham Age-*

Herald, ver 10 de outubro de 1922; material sobre a natureza Divina da eletricidade: ver série 440, especialmente 440—11, e material de fundo sobre Thomas Jefferson Jackson, também comentários contidos nesse arquivo feitos pelo cientista da NASA Dr. John H. Sutton; Tom Baugh: da coluna *Watching the Parade* de Joe Dorris em 1.º de agosto de 1969, para o *Kentucky New Era*; informações sobre a rede elétrica de Hopkinsville: [I] Earl Thomas, do Hopkinsville Electric System, Hopkinsville, Kentucky, para SK.

Capítulo 11: Últimos Dias em Bowling Green

EC declarado morto: ver caderno em espiral preparado por EC para TS; Srta. Daisy Aldridge: entrevista no ARE Bulletin, setembro de 1962; experimentos finais: ver correspondência entre GD, TS e Jack E. Tate em 15 de julho de 1945; experimentos do Dr. Sadler: Dr. William Sadler a Harold Sherman em 1941, conforme detalhado em *How to Know What to Believe*, de Harold Sherman, Greenwich, Fawcett, 1976; incêndio nos estúdios: ver correspondência de GD com TS sobre as observações da *"reunião com Thomas Hudson"*; possíveis causas do incêndio: 4135, ver notas rotuladas *"Conversations with Dr. W. H. Ketchum"*, 12 de novembro de 1962; leituras para Hanberry: LC a EC em 19 de abril de 1926; *"Sinto frequentemente"*: carta de EC a MB em 9 de maio de 1927; Paul Cooksey: ver leituras 740; *"deixá-la* [*para trás*]*"*: memórias de EC.

Capítulo 12: A Descoberta de Edgar Cayce

"dias e semanas e meses": 4907—2; sobre o caso Putnam: 4468—1; Dr. Posey: 4969—1; Anniston e os Russell Brothers: Harriet Sumner a GD em 25 de julho de 1961, ver também *Anniston Star*,

28 de junho de 1964; material sobre Andrew J. Hyde: EC a TS em notas de entrevista; material sobre Ketchum: de entrevistas gravadas que HLC, George Abel e Ronald Rosewood conduziram com Wesley Ketchum em sua casa em Palo Alto em junho de 1959, e entrevistas adicionais em 12 de novembro de 1962; material de fundo sobre os casos de Ketchum: 577—1, HLC à equipe ARE, 4 de abril de 1959, ver também 3502—1; George Dalton: ver 5779—1; reportagens da imprensa: *New York Times*, 9 de outubro de 1910 e 15 de outubro de 1910, *Seattle Times*, 15 de outubro de 1910, *Kentucky New Era*, 15 de outubro de 1910, *Cincinnati Times-Star*, 10 de outubro de 1910; material sobre a parceria com Ketchum: *The Discovery of Edgar Cayce*, de Wesley H. Ketchum, ver também a palestra do Dr. W. Ketchum sobre EC ante um dos Grupos de Estudo da ARE na Califórnia conforme arquivada em 5889—1, e *Reminisces of Hopkinsville*, de Alton Ketchum, parte da coleção ECF; primeira leitura sobre o trabalho: ver 254—1.

Capítulo 13: A Parceria Psíquica

Parceria Noe, Ketchum e Cayce: ver *The Discovery of Edgar Cayce*, de W. Ketchum; para documentos relativos à parceria e à dissolução da parceria: caso #7394, no livro de ordem Civil #76, *Edgar Cayce and Ex Al vs. A. D. Noe, Sr. And Ex Al*; *"o visitante misterioso"*: EC a Dollie Herring, 12 de março de 1941; sobre o corpo etérico: 254—68; humor da Fonte: 294—134; deixa o corpo: 835—8; conselho a médico: 947—2; precisa de óculos: 404—4; detalhes da relação entre EC e Frank Mohr: EC a Martin Conroy, 15 de dezembro de 1938, ver também leituras 948—1, 948—2 e 281—1; histórias de jornal e Roswell Field: ver *Chicago Examiner*, 19

de fevereiro de 1911, e memórias de EC; pecado secreto e moça grávida: *The Discovery of Edgar Cayce*, de W. Ketchum.

Capítulo 14: Sob Investigação

Anúncio da morte de Milton Porter: *Kentucky New Era*, 20 de maio de 1911; antecedentes de Milton Porter: EC a MB em 9 de maio de 1927; saúde de GC e leituras subsequentes: 538—1, 538—53 e 538—4; Ketchum sob investigação: *The Discovery of Edgar Cayce*, de W. Ketchum; visita de Münsterberg: ver artigo de Dolly Dalrymaple para o *Birmingham Age-Herald*, 10 de outubro de 1922; antecedentes de Münsterberg: *The National Cyclopedia of American Biography*, 1915; leitura sobre Boehme: 134—1; antecedentes de Münsterberg e testemunho de aluno: ver relatório de Kenneth Cayce Sr., 5 de agosto de 1972; mais sobre Münsterberg: EC a GK em 26 de maio de 1924; reação de EC à decisão do tribunal: EC a Thomas Peters em 9 de abril de 1927.

Capítulo 15: Pequena Cidade Junto a um Grande Rio

O Estúdio Broad Street: muitos detalhes vieram dos anuários da cidade de Selma, que foram disponibilizados através da Biblioteca Pública de Selma; eles o adoravam: [I] Dr. Paul Allen a SK; Bíblia, Christian Endeavor e classe Sevenette: dos arquivos da First Christian Church de Selma, com material adicional de [I] Dr. Paul Allen a SK; perambulando pelo estúdio: Harry Bredin a HLC em 9 de maio de 1956; DrinX: ver folheto de instruções DrinX e pedidos de copyright da Library of Congress de 13 de dezembro de 1913; poesia: ver coleção de cartões-postais de EC; mulher com fotografia do Alasca: memórias de EC, e relatório da leitura 4961; Flora Butler: 4953; *"transplante de órgão"*: 4971; relato da leitura DeLaney: ver 4974 e W. E. DeLaney a DK em 22 de janeiro de

1921; *"cheio de energia e promessa"*: DK a HLC em 20 de novembro de 1945; antecedentes de David Kahn: série 257; pai do Dr. Gay: memórias de EC.

Capítulo 16: Provação pelo Fogo

Necessidade de GC de um barril de conhaque de maçã: EC a CH em 2 de abril de 1940; problemas oculares de HLC: ver *Alabama Times Journal*, fevereiro de 1913, [recorte sem data] intitulado *"Child Burned by Powder Flash"*; operação de apendicite: 294—2; cenários Williamson: 4907—1; Eddie Jones Smithson: série 605; família Kahn e leituras de negócios: *My Life with Edgar Cayce*, de David Kahn, com Will Ousler, Doubleday & Company, Garden City, Nova York, 1970.

Capítulo 17: Em Casa e no Exterior

Leituras Kahn: série 257; antecedentes da relação entre os primos Wilson e EC: EC a Alfred M. Wilson, 22 de janeiro de 1927; leituras sobre o Presidente Wilson e/ou a Liga das Nações: 3976—12, 3976—23, 3976—29, 3182—1; introdução de EC a Alfred Wilson: ver participação de A. C. Beford no estudo bíblico conforme contida em arquivos de estudo bíblico nos arquivos da First Christian Church de Selma; leitura sobre assuntos mundiais: EC a TS, ver notas no Livro 1, fichário em espiral, e notas de 1936 para biografia proposta de EC; leituras de Will Starling: ver relatórios 3182; *"um homem de uma perna só numa competição de chutes"*: EC a DK em 8 de março de 1918; sonho com Milton Porter e o vendedor de flores: 294—15.

PARTE IV: RIQUEZAS DA TERRA

Capítulo 18: Garoto de Sorte

Thrash: houve muitos relatos errôneos de que Thrash era de Cleveland, Ohio, e era editor do *Daily News*. Não havia *Daily News* em Cleveland naquele tempo; Thrash: ver 3777—1; leitura aconselhando a não tirar *"vantagem injusta"*: 254—7; leitura sobre motivos e incentivos na busca por petróleo: 254—3; estatísticas de automóveis: revista *Pan-American*, 30:22—32, novembro de 1919; descrições de Cleburne: [I] Dan Leach a SK e [I] William Osborn a SK; leituras Lucky Boy e Joseph Long: 3777—2; *"a promessa jorrante do petróleo do Texas"*: *My Life with Edgar Cayce*, de David Kahn, com Will Ousler, Doubleday & Company, Garden City, Nova York, 1970; nenhuma relação legal com Sam Davis: o nome de EC nunca apareceu em papel timbrado da empresa, listas de acionistas ou registros corporativos; leituras de Henry Orman: 3777—5; para fosfato: 3777—3; mais leituras sobre petróleo de Lucky Boy: carta e declaração de Jos. D. Long a EC, 22 de janeiro de 1921; *"contratos de noventa e nove anos"*: *My Life with Edgar Cayce*, de David Kahn, com Will Ousler, Doubleday & Company, Garden City, Nova York, 1970; material sobre o Major Wilson: 195—38.

Capítulo 19: Desdemona

Vida em *"Ragtown"*: *Oil! Titan of the Southwest*, de Carl Coke Rister, University of Oklahoma Press, 1949, e *Tales from the Derrick Floor: A People's History of the Oil Company*, de Moody C. Boatright e William A. Owens, Doubleday & Company, Garden City, Nova York, 1970; atividades de Kahn em Desdemona: EC a Curtis Willmott em 8 de abril de 1935; família Ringle: séries 5628 e 3777, ver também o artigo inédito de Robert Krajenke *"Edgar Cayce and the Crucial Years: Texas and Dayton, 1919—1925"*; EC e a

tempestade: *My Life with Edgar Cayce*, de David Kahn, com Will Ousler, Doubleday & Company, Garden City, Nova York, 1970; escândalos e golpes: [I] William Osborn a SK; grande número de atrasos: série 3777; viagem de HLC: HLC a LS e RS; comportamento de Kahn em Desdemona: *My Life with Edgar Cayce*, de David Kahn, com Will Ousler, Doubleday & Company, Garden City, Nova York, 1970; o incidente do tiroteio: Curtis Willmott a EC em 3 de dezembro de 1923; incidente adicional do tiroteio: memórias de EC; *"mentes gananciosas, egoístas, turbulentas"*: Rudolph Johnson a DK em 3 de junho de 1952; Ringle sendo demitido: *"Edgar Cayce and the Crucial Years: Texas and Dayton, 1919—1925"*, de Robert Krajenke.

Capítulo 20: Luling e Edgar B. Davis

Acordos da Cayce Petroleum: ver acordos e contratos de arrendamento e acionistas de 20 de setembro de 1920 e 1.º de fevereiro de 1921; decisão de ir a Luling: *My Life with Edgar Cayce*, de David Kahn, com Will Ousler, Doubleday & Company, Garden City, Nova York, 1970; material de fundo sobre Morris Rayor: *Edgar B. Davis, Wildcatter Extraordinary*, de Reilly Froh, The Luling Foundation, 1984; material de fundo adicional sobre EC e Luling: [I] Reilly Froh a SK, [I] Ray E. Bailey a SK e [I] Aurale Huff a SK; o nome Minnie Phillips foi deduzido das lembranças de Kahn em Luling e do nome de seu farmacêutico em Lexington, Kentucky; conexão entre Edgar B. Davis e EC: DK a Rudolf Johnson em 24 de maio de 1952; material adicional sobre as conexões de EC em Luling: Cecil Ringle a EC em 4 de agosto de 1936; biografia de Edgar B. Davis: complementei o material de Reilly Froh com dois artigos sobre Davis. *"Where Are They Now"*,

que apareceu no *New Yorker* em 26 de novembro de 1949, e *"He Gives Away His Millions"*, que apareceu na edição de agosto de 1951 da revista *American*; leitura de Edgar B. Davis: 1265; leitura de Frank Seiberling: 1266—3.

Capítulo 21: Harry Houdini e a Cayce Petroleum

"sede de petróleo": *My Life with Edgar Cayce*, de David Kahn, com Will Ousler, Doubleday & Company, Garden City, Nova York, 1970; leituras Bealle: 4958; leituras Birmingham: ver 4956—4960, ver também declaração de Schanz incluída em 4959; cisco no olho: EC a Fannie Graham Cayce em 11 de junho de 1924; detalhes da viagem a Nashville: *My Life with Edgar Cayce*, de David Kahn, com Will Ousler, Doubleday & Company, Garden City, Nova York, 1970; leituras de Washington: memórias de EC; *"companheiro constante"*: *Starling of the White House*, conforme contado a Tom Sugrue pelo Coronel Edmund W. Starling, Simon & Schuster, Nova York, 1946; festa de Nova York: memórias de EC; encontro de EC com Houdini e outros: EC a Abigail Finlayson em 21 de fevereiro de 1933, ver também série 3630; EC e McDougal: EC a GK em 26 de maio de 1924; EC e Hereward Carrington: 254—89 e *press release* intitulado *"Dr. Hereward Carrington on the Work of Edgar Cayce"*, em fevereiro de 1936; atividades cinematográficas de Houdini em Nova York e descrição da casa de Houdini: *Houdini!!!*, de Kenneth Silverman, HarperCollins, Nova York, 1996; atividades de Houdini após a leitura de Cayce: [I] Kenneth Silverman a SK.

Capítulo 22: Rocky Pasture

O novo papel desempenhado por DK: memórias de EC; perfuração em Rocky Pasture: memórias de EC; profundidade do

buraco em Rocky Pasture: EC a E. H. Reynolds em 29 de outubro de 1921; esforços para angariar dinheiro vendendo ações: ver telegramas entre EC e a Martin Company em novembro de 1921; caso Autry: HC a roteirista de Hollywood, [I] James Miller a SK; *"fardo"* de GC: [I] LH a SK; visita de TH: EC a TS, e HLC a RS e LS; Curtis Willmott: Curtis Willmott a EC em 22 de dezembro de 1923; fracasso de EC em chegar a um acordo: EC a Curtis Willmott em 1.º de janeiro de 1924; *"Primeiro Propósito"*: ver relatório da leitura 294—93; *"em retidão com as forças criativas"*: 900—302, ver também 551—3; *"o petróleo estava lá"*: 195—38.

Capítulo 23: Birmingham e Dayton

Em Columbus: memórias de EC; em Denver: memórias de EC, e *My Life with Edgar Cayce*, de David Kahn, com Will Ousler, Doubleday & Company, Garden City, Nova York, 1970; compromisso de palestra em Birmingham: EC a Gladys Dillman em junho de 1923; William Darling Jr.: 3751; estranho no espetáculo de mágica: memórias de EC; retorno de EC a Selma: EC a Mary Gilmore em 7 de fevereiro de 1923; Penn-Tenn: 257—2 e 257—3; Tex Rice: 4945; papel de DK na Penn-Tenn: 257—1; modos divertidos: 257—2; leituras sobre a Lei Seca: 3976—8; leitura para a sogra de McConnell: 247; ver também 638—2; Tex Rice e Penn-Tenn: memórias de EC; tristeza na vida de EC: 294—6.

Capítulo 24: Lei Divina

Antecedentes de AL: [I] Gus Brunsman a SK; interesses comerciais de AL: EC a Tex Rice em 24 de maio de 1923; interesses pessoais de AL: AL a EC em 20 de agosto de 1923; primeiras leituras de AL em Dayton: 3744, ver também

correspondência entre JT e Tom Kay em dezembro de 1992; Lei Divina: 294—7; interesse de Cayce em fazer negócios com AL: EC a Fannie Cayce em 7 de agosto de 1924; viagem de EC ao Texas: 5628—2; investimento potencial de AL: AL a EC em 20 de agosto de 1923; problemas com Tex Rice: 269—3; visão em mudança de EC sobre o negócio do petróleo: memórias de EC; *"trabalho primeiro, eu por último"*, relatórios 259—10 e 257—10.

PARTE V: AVENTURA INTERIOR

Capítulo 25: A Srta. Gladys e o Sr. Cayce

"sala dos espíritos": 254—2; Fay Autry indisponível: EC a Tim Brown em 5 de setembro de 1923; antecedentes de GD: *My Years with Edgar Cayce*, de MC com GD Turner, Harper & Row, Nova York, 1971; detalhes da primeira leitura com GD como estenógrafa: 3875—1; máquina Abrams: 400—16; proposta de AL: 5717—4; GC e menopausa: 538—8 e 538—11; sobre GK: GK a EC em 24 de maio de 1924; *"Eu te amo"*: EC a GC em 30 de setembro de 1923.

Capítulo 26: Regido por Júpiter

A leitura astrológica de Thrash: 254—2; Evangeline Adams, antecedentes: *"They Hitched Their Wagons to the Stars"*, de Frederick L. Collins, revista *Colliers*, 15 de maio de 1926; as leituras astrológicas de AL: 5717—1; *"primeiro povo a usar astrologia"*: 3744—3; aqueles que rejeitam a astrologia: 5757—1; planetas que afetam emoções: 2501—7; diferenças entre sistemas astrológicos: 275—25; alma chega em tempos diferentes: 457—10; *"trinta graus fora"*: 2011—3; *"Ira justa"*: 3416—1; Mercúrio e a mente: 1650—1; influência de Saturno: 1981—1; Urano: 2571—1; *"em outros momentos muito feio"*: 1958—1; *"os cumes das montanhas"*:

3706—2; *"sortudo em qualquer jogo de azar"*: 406—1; *"'estadia' da entidade"*: 3744—4; taxa de vibração diferente: 281—55; Harvard e Yale: 633—2; *"parte e padrão"*: 5755—1; o lugar do homem no universo: 262—86 e 5757—1.
Capítulo 27: Um Monge em Sua Terceira Aparição
Leitura de vida de AL: 5717—2; *"Sétima manifestação"*: 294—7; leitura de julho de 1922: 4811—1, ver também 4841—1 e 4492—1; leitura para GK: 4121—1; *"aparecimento desses quatro indivíduos"*: 5717—5; primeira leitura de EEC: 487—1; primeira leitura de GD: 288—1; leitura de vida de Linden Shroyer: 5453—3; leitura de vida de GK: 4121—2; leitura de vida de GC: 538—5; *"louco de qualquer maneira"*: 5756—14; leitura de vida de HLC: 341—1; situação calamitosa em Dayton: HLC a RS e LS; o fim da Lammers Photo Productions: [I] Gus Brunsman a SK; situação financeira e perspectiva de EC: HLC à filiação geral da ARE em boletim datado de 15 de dezembro de 1949.
Capítulo 28: Dívida Cármica e a Primeira Causa
Carta de HLC à ARE: HLC à filiação geral da ARE em boletim datado de 15 de dezembro de 1949; leituras de reencarnação de 1933: série 5753; *"que vale a pena!"*: 5753—2; livre-arbítrio e linhagens: 5749—14; EC, reencarnação e a Bíblia: ver memórias de EC e palestra hospitalar de 1931 sobre reencarnação; *"No entanto, ele era Elias"*: 1158—6; Gnosticismo, reencarnação e a Igreja primitiva: 5749—14; leitura sobre criança com asma: 3906—1; prostituta de Yokohama: ver série 272 e material de fundo relacionado; leitura sobre glaucoma: 3524—1; leitura sobre dona de casa de Nova Jersey: 852—12; *"não à desobediência voluntária de qualquer maneira"*: 3524—1; *"deve haver eliminada aquela de qualquer*

juízo ou de condenação": 631—6; homossexualidade: 1089; *"num mundo de causalidade, têm sua causa e efeito"*: 2927—1; *"declaração peculiar aqui, mas verdadeira!"*: 364—6; *"leis pertinentes à saúde"*: 2067—3; *"as forças cármicas são* [*tais que*] *o que é medido deve ser enfrentado"*: 442—3; *"é capaz de perdoar a ti"*: 3124—2; perdoar pecados e colher o que se semeia: 5000—1, 3376—25, 254—91; leitura para empresário: 1901—1; *"fala demais!"*: 5125—1; *"uma experiência"*: 956—1; Cayce Jones como encarnação do irmão de EC: 2722—5 e 318—2; *"muito significativo para mim"*: 2722—5.

Capítulo 29: História e Adversidades

Situação financeira contínua de AL: EC a Byron Wyrick em 12 de agosto de 1924; estado emocional de EC: EC a Byron Wyrick em 29 de agosto de 1924; brincando sob a Ponte de Dayton: HLC a RS e LS; *"ainda comendo — às vezes"*: EC a Byron Wyrick em 17 de março de 1924; leitura de vida de EC: 294—8; leitura de vida de LC: 304—5; sucessos no rastreamento de informações sobre vidas passadas: ver Dra. Rosalie Horstman-Haines, Past-Life Historical Documentation Project para a ECF; professora de música da Virgínia: 1861.

Capítulo 30: Amor e Matrimônio

Leituras de vida de EC e GD: arquivos 294 e 288; vínculo cármico de EC e GC: 294—8; *"unidade"*: 288—8; GD como virgem: [I] JT a SK; registros médicos de GD: ver arquivo de relatório 288 sobre GD e câncer.

Capítulo 31: Bênçãos Por Vir

"anjos disfarçados": memórias de EC; roteiro para *Why?*: 4907; *Bride of the Inca* [L]: série 4908; correspondência com Alf Butler: EC a Alf Butler em dezembro de 1924; outros roteiros: 294—143 a 294—

146; leituras sobre o eliminador estático: ver série 2492, também 317—4, 440—612, 1497—5 [7] [12] [14]; leituras sobre faróis de neblina: 137—38, 254—30; leituras sobre *"vidro elástico"*: 254—30; formando um instituto: EC à Dra. Lily Carpenter em 3 de junho de 1924; primeira carta a Fannie Cayce: EC a Fannie Cayce em 11 de junho de 1924; segunda carta a Fannie Cayce: EC a Fannie Cayce em 7 de agosto de 1924; carta de GK: GK a EC em 7 de agosto de 1924; encontrando um administrador para o Cayce Institute: 254—11; leitura especial sobre o trabalho: 254—8; trabalho com pessoas de Chicago: EC a Fannie Cayce em 7 de agosto de 1924; *"inquieto para tornar-se mais bem estabelecido"*: EC a GK em 28 de julho de 1924; situação financeira de Linden Shroyer e decisão de não tornar-se administrador: notas de GD em 9 de dezembro de 1925; Wyrick como potencial gerente de negócios: EC a Wyrick em 9 de julho de 1924; MB como potencial gerente: EC a DK em 19 de junho de 1924.

Capítulo 32: Os Irmãos Blumenthal

Miriam Miller: ver carta de EC a MB em 24 de novembro de 1924, ver também série 4353; carta de DK sobre MB: de DK a EC em 16 de junho de 1924; antecedentes de MB: MB a EC em 27 de janeiro de 1925; leituras de vida de MB: 900—6; 900—14; 900—38; 900—63; leituras de vida de EB: 137—4; 137—12; 137—18; viagem a Nova York: EC a Alf Butler em 6 de novembro de 1924; EC sobre a relação inicial com MB: EC a Lamar Jones em 14 de novembro de 1924; visita de MB a Dayton: ver as memórias inéditas de MB, *The Fallen Oak*; leituras e antecedentes de AB: 136—1 a 3; MB sobre Cristo: 900—11.

Capítulo 33: A Vida de Cristo

"preparando o caminho": 5749—7; *"a Irmandade"*: 1010—17; *"uma ordem religiosa dentro do Judaísmo"*: 1602—4; Essênios vistos como rebeldes ou radicais: 1851—1; história e significado dos Manuscritos do Mar Morto: *The Dead Sea Scrolls Deception*, de Michael Baigent e Richard Leigh, Touchstone, Nova York, 1991, *The Meaning of the Dead Sea Scrolls*, de A. Powell Davies, Mentor, 1956, e *Dead Sea Scrolls*, Geza Vermes, Penguin, Nova York, 1968; sobre o papel dos Essênios: 649—1; Essênios dados a boas obras: 254—109; *"vozes, sonhos, sinais, símbolos"*: 3175—3; Judy e seu papel profético: 2067—11; atividades de manutenção de registros: 1472—3; Judy como profetisa e curadora: 1472—1; relação com os Magos: 1581—1; papel dos Essênios e Jesus como canal: 2505—1; canal das profecias: 2173—1; virgens: 1222—1; *"Estas eram mantidas equilibradas conforme aquilo que havia sido primeiro estabelecido por Aran e Ra Ta"*: 5749—8; escolhida para ser a mãe do Messias: 5749—7; Maria: 5749—8; José: 254—109; o Anjo Gabriel apareceu: 5749—7; *"Maria então tornou-se grávida"*: 5749—8; concepção imaculada: 5749—7; a Belém para serem recenseados: 5749—8; *"homem idoso com a bela jovem, sua esposa pesada com a criança"*: 5749—15; papel do estalajadeiro: 1196—2; Jesus nasceu em gruta: 587—6; nascimento de Jesus e local: 587—6, 5749—15, 2562—1, 519—1, 1859—1, 5749—15; Magos: 5749—7, 2067—7, 1908—1, 256—5; Herodes: 1472—3, 775—1, 2067—2, 245—109, 587—3; documentos na biblioteca do Vaticano: 2067—7; perseguição: 1152—3; *"Pois o corpo sendo perfeito irradiava aquilo que era saúde, vida mesma"*: 1010—7; educação supervisionada por Judy: 1010—17; educação e treinamento de Jesus: 5749—16, 5749—2, 2067—7, 5749—7, 2067—11; unindo-se a João: 5749—16;

educação de Jesus não incomum ou não natural: 2067—7; documentos em Alexandria: 2067—7; irmãos e irmãs de Jesus: 5749—8, 1158—2, 900—427; Rute: 1158—4, 1158—9; descrições de Jesus: 5354—1, 5749—1; *"Em vez disso, ele tomou um caminho muito mais incerto"*: 1158—4; preparando o caminho: 587—6; água tornou-se vinho: 3361—1; problemas com os romanos: 1158—4; sobre pecado e cura: 5749—16; *"uma companheira paga de clientes ricos ou influentes"*: 5749—9; *"Não é de admirar, então, que a multidão imediatamente desaparecesse"*: 295—8; *"Medi, Medici, Cui"*: 5749—9; *"Lázaro morreu da febre tifoide"*: 993—5; Jesus indo a Jerusalém: 5749—10; testemunhando Suas obras: 681—1; *"eram em sua maioria mulheres e crianças"*: 3615—1; *"aquelas coisas na experiência humana da doença, da dúvida, do medo!"*: 1152—3; descrição da Última Ceia por EC: 5749—1; indo à cruz: 5277—1; Judas: 2448—2; cura do filho de Pôncio Pilatos pelo Mestre: 1207—1; Jesus podia rir ante a face da Cruz: 3440—2; Maria na crucificação: 3175—3; donzelas consagradas estavam lá: 2425—1, 649—1; cuidando do corpo de Jesus: 2677—1; o primeiro mártir cristão: 489—3; Jesus reapareceu: 1158—9, 2067—11, 1152—3, 1877—2, 3615—1.

PARTE VI: UM LAR NA PRAIA

Capítulo 34: Vida em Virginia Beach

Provações e tribulações: EC a Alf Butler em 9 de dezembro de 1924; *"Mal posso ficar de pé ou caminhar"*: EC a MB em 11 de dezembro de 1924; doença em casa: cartas de EC a Annie Cayce em 1.º de janeiro de 1927 e 13 de janeiro de 1927; chegando a VB: EC a Carrie Elizabeth em 24 de outubro de 1925; descrição de Virginia Beach: [I] Joe Dunn a SK; EC desejando ter investido em imóveis: EC a Lamar Jones em 2 de fevereiro de 1926; detalhes da

mudança e problema de aquecimento: EC a MB em 24 de junho de 1925; descrição do primeiro dia na nova casa: HLC a LS e RS; satisfação de GC com Virginia Beach: EC a Alva Jones em 29 de junho de 1926; atividades escolares de EEC: 487—17 e 487—4; vida na praia: EC a Porter Smith em 26 de outubro de 1925; vida adicional na praia: EC a Carrie Elizabeth Evans em 24 de outubro de 1925; EEC queimando-se: ver 487—8, também EC a Annie Cayce em 1.º de janeiro de 1927; GC feliz: EC a Alva Jones em 29 de junho de 1926.
Capítulo 35: Sonhos e Reencarnação
Interpretações de sonhos de José: Gênesis 37—41; sonhos como avenida ou canal pelo qual Deus pode falar: 1904—2, 294—34, 295—15, 136—7; sonho de EC sobre barcaça e investigação do Dr. Thomas: 294—33; natureza dos sonhos: 900—8, 294—15, e série 1650; *"Feliz será ele"*: 294—15; sonho de EB de bebida em tapete de antessala: 137—97; sonho de GC sobre a morte de Carrie Cayce: 538—22; sobre a morte da mãe: EC a Annie Cayce em 1.º de janeiro de 1927; leitura de interpretação de sonho de 23 de setembro de 1927, na qual Carrie Cayce manifestou-se: 243—5; sonho premonitório de Morton Jr.: 136—7, 900—226; 136—51; experiência de parto de AB: 136—59; leitura de vida de Olive Koop: 2486; história de Olive e Fred Batterson: HLC a RS e LS; TS sobre ser sacerdote: TS a EC em 26 de março de 1931; antecedentes de TS: TS a EC em 12 de abril de 1929; carta de HLC para casa sobre TS: HLC a EC em 16 de maio de 1927; primeira leitura de vida de TS: 849—1; *"coloco-me inteiramente nas mãos"*: TS a EC em 11 de junho de 1928; leitura de 7 de agosto de 1926 e relatório sobre House: EC a TB em 10 de agosto de 1926;

encarnações de Thomas House e relatório do comitê: ver Relatório do comitê histórico e conexões do Dr. House, 26 de julho de 1927; *"agarrar a corda e ser puxado para cima"*: 195—42.

Capítulo 36: Tesouros, Grandes e Pequenos

Atividades de arrecadação de fundos de MB: MB a EC em 6 de junho de 1928; dólares arrecadados: MB a EC em 8 de julho de 1926; *"esquema de ganhar dinheiro"*: EC a MB em 13 de setembro de 1929; leitura da U.S. Steel: 900—295; leitura da Havana Electric: 900—316; Ford Motors e Hudson Motors: 900—267; decisões do Federal Reserve e o mercado de ações: 900—436; outras entidades dando conselhos sobre o mercado de ações: 900—345; *"determinado a fazer de você um milionário"*: 900—376; o custo de um assento na bolsa em 1928 variava entre US$ 290.000,00 e US$ 595.000,00, conforme relatado pela New York Stock Exchange; investimentos de MB e EB: 900—442; parceria FM e Preston: ver carta de FM a EC em 7 de julho de 1926; leituras sobre o tesouro de Bimini: série 996 e relatórios; *"absolutamente correto"*: FM a EC em 12 de novembro de 1926; *"o projeto vai fracassar"*: Byron Wyrick a EC em 22 de janeiro de 1927; *"você está garantido... para a vida"*: FM a EC em 6 de dezembro de 1926; *"uma promessa é meu vínculo"*: carta de EC a FM em 12 de março de 1927; detalhes da viagem à Flórida: 254—34; carma e experiência de caça ao tesouro: 1770—4, 996—8, 2671—5, 996—11; referência aos Poseidianos e à Atlântida: 996—12.

Capítulo 37: Atlântida e o Futuro do Homem

Leitura de Atlântida de EEC: 487—4; série de leituras sobre Atlântida: 364—1 a 364—13; *"vivendo em cavernas"*: 364—12; capacidade de projetar-se para fora de si mesmos: ver palestra

intitulada First Cause, arquivo ECF; *"muito do modo e maneira"*: 364—13; aparecimento do homem no plano físico da terra: 137—4; *"quando as estrelas da manhã cantavam juntas, e os ventos sussurrantes trouxeram a notícia da vinda da habitação do homem"*: 294—8; Adão e Eva: 262—115; Amílio e Deus co-criando: 2879—1; descrição da Posei-dia: 364—12; *"filhos dos Homens"*: 1416—1; Lei do Um: 877—26; feras invadindo a terra: 1210—1; desejo carnal: 1999—1; relação entre os filhos de Belial e os filhos de Deus: 364—4; destruição das terras materiais: 1292—1; a estação de energia atlante: 440—5; gratificação dos apetites egoístas: 3633—1; o dilúvio: 257—201; o cristal: 519—1; energia atômica: 364—4; o êxodo atlante: 5748—5; o propósito de Jesus: 364—7; *"tentativas de tomar 'atalhos'"*: 5749—14; *"serviriam a seus próprios propósitos"*: 262—60; a segunda vinda: 5749—4, 364—7; *"Escutai enquanto Ele fala!"*: 5749—5.

Capítulo 38: Gravidade, Polaridade e Movimento Perpétuo

Antecedentes de Stansell: MB a EC em 30 de março de 1928, ver também 4666—2; primeira leitura física de Stansell: 4666—1; leituras do motor Stansell: ver séries 4666, 4665 e 195 (leituras não físicas, não de vida); *"a vida é vibração,* [*e*] *também o é a mente, também o é a matéria"*: 1861—16; *"vibração que é criativa"*: 2828—4; *"É a alta vibração que destrói"*: 933—3; *"vibra na mesma vibração... aparece como a mesma coisa"*: 254—47; vibração e matéria: 195—70; energia positiva e negativa: 412—9, 281—3; 195—54; gravidade e antigravidade: 412—9; força radial: 4665—13; energia que é espiritual: 412—9; mais leituras sobre o motor: 4665—7 e 4665—12; *"Tem paciência"*: 4665—5; conselho sobre patente e ações de acionistas: 4665—3; renda do motor: 254—48.

PARTE VII: O HOSPITAL CAYCE

Capítulo 39: Um Sonho Realizado

Compra de terra para o hospital: ver arquivos do Hospital Cayce e relatórios de despesas; planta do hospital: do folheto publicitário distribuído durante o primeiro ano de operação do hospital; *"leia Habacuque"*: 294—114; *"a visitação mais dramática"*: 779—15; outras leituras pertinentes: 254—42, 900—422, 294—114, 294—71; problemas surgindo: carta de MB a EC em 6 de junho de 1928, ver também MB a EC em 8 de julho de 1926, e documentos judiciais do Condado Princess Anne, *David Kahn, Franklin Bradley, and Max Mannerling vs. The Association of National Investigators*, protocolado em 7 de dezembro de 1931; viagem de avião de MB à praia e negociações com Edgar e o empreiteiro: ver memórias inéditas de MB, *The Fallen Oak*; demissão de GD: GD a MC; saúde de GD: ver 288—22; honorários e doações: ver documentos judiciais do Condado Princess Anne, *David Kahn, Franklin Bradley, and Max Mannerling vs. The Association of National Investigators*, protocolado em 7 de dezembro de 1931; *"não desfileis"*: 254—45; *"grandes verdades do universo"*: memórias inéditas de MB, *The Fallen Oak*; *"para o benefício da humanidade"*: ver notas de dedicação de Moseley Brown na série 254; *"saiu sentindo-se bem"*: arquivo de correspondência 1100 para Charles Dillman; primeiro grupo de pacientes no hospital: [I] HLC a RS e LS e relatórios médicos do primeiro trimestre.

Capítulo 40: As Artes da Cura

"um resfriado por ficar irritado": 849—75; *"o que pensamos e o que comemos"*: 288—038; *"menos exercício físico"*: 798—1; *"as eliminações não atrapalham"*: 311—4; *"banho interno"*: 440—2; *"circulação"*: 4614

—1; *"nenhuma condição existente"*: 283—2; exercício: 654—7; sistema simpático: 5717—3; *"espetando um alfinete na mão"*: 386—2; medicamentos e compostos: 5083—2; meditação e descanso: 3691—1; trabalho cerebral e trabalho físico: 3352—1; *"nenhuma fábrica maior no universo"*: 1800—21; *"é um universo em si mesmo"*: 1158—2; a capacidade de prolongar a vida: 866—1, 1475—1; a pineal e o Leydig: 294—142; *"A alegria tem o efeito oposto"*: 281—54; *"O medo é a raiz"*: 5459—3; *"padrão no material"*: 5756—4; *"continue amando"*: 3420—1; *"cada uma tem suas leis"*: 4580—1; *"somente isto é cura"*: 1967—1; *"ajustes osteopáticos"*: 1158—31; energia criativa como Deus: 557—3; *"servir tanto melhor a teu próximo"*: 1620—1; *"mantém-me, ó Senhor"*: 4055—2; *"Cayce simplesmente respondeu, 'Deus'"*: 2444—1; *"algo com que se preocupar"*: 3569—1.

Capítulo 41: Universidade Atlântica

Visão de MB sobre a Universidade Atlântica: memórias inéditas de MB, *The Fallen Oak*, e MB a EC em 22 de outubro de 1929; primeira leitura sobre Jeremias: 254—48; segundo aparecimento de Jeremias: 900—428; *"uma grande perturbação nos círculos financeiros"*: 900—425; pânico nos centros monetários: 137—117; considerações para a nomeação de Brown: 204—1; *"no portão da universidade"*: MB a EC em 9 de janeiro de 1930; última leitura sobre TH e correspondência sobre sua passagem: 5618—19; necessidade de cooperação: MB a EC em 22 de outubro de 1929; a leitura sobre Jesus: 254—50; nomeação de HLC na Universidade Atlântica: HLC a RS e LS, ver também arquivos 341; problemas financeiros assolando a universidade e o hospital em 1930: memórias inéditas de MB, *The Fallen Oak*.

Capítulo 42: Olhos Irlandeses e Anjos Caídos

Relato de HLC sobre as perdas de MB e EB: HLC a Albert Turner, ver relatórios 900; relato de MB sobre os eventos relativos à quebra do mercado de ações: memórias inéditas de MB, *The Fallen Oak*; leitura de 26 de outubro de 1929: 900—457; leitura de 2 de novembro de 1929: 900—459; leitura de 15 de novembro de 1929: 137—125; leitura de 18 de novembro de 1929: 900—460; duas interpretações de sonho de MB sobre o mercado: 900—46; leitura de Rosamond Blumenthal e análise inicial de MB sobre o que deu errado: 144—1; antecedentes de Patricia Devlin: memórias inéditas de MB, *The Fallen Oak*, e correspondência do divórcio de AB encontrada nas séries 900 e 142; mais sobre Patricia Devlin: 3734; atitude de EC em relação a Patricia Devlin: EC a Tim Brown em 20 de dezembro de 1929; *"Confiança em poderes feitos com as mãos"*: 137—27; leitura física de Patricia Devlin: 3734—1; *"voltando com um advogado"*: memórias inéditas de MB, *The Fallen Oak*; *"embora apenas dois tenham voltado e dito 'obrigado'"*: 900—464; leitura de Edgar B. Davis e Frank Seiberling sobre cooperação: 1266—3; *"ficou muito aquém"*: 900—464; *"pelo encarregado, Edgar Cayce"*: 254—51; detalhes do fechamento do hospital: 2504—20, ver também 409—17; primeira reunião organizacional e antecedentes do que se tornou a ARE: ver 254—52 a 254—55; relato do fechamento da universidade: HLC a RS e LS; último encontro entre EC e MB: memórias inéditas de MB, *The Fallen Oak*; desejo de reconciliação: EC a MB em 24 de outubro de 1932.

PARTE VIII: CHAMADO DE VOLTA

Capítulo 43: Comece pelo Princípio

"a menos que mudanças sejam feitas": 294—128; detalhes do hospital como hotel: *Norfolk Virginia Pilot*, 18 de fevereiro de 1968; *"as dores*

de coração que tive por causa daquele lugar": EC a CH em 10 de fevereiro de 1938; a natureza séria de sua situação financeira: EC a EZ em 27 de agosto de 1934; *"o dinheiro vai aparecer de algum jeito"*: [I] HB a SK; prisão em Nova York: 3871—1; MB e EB não deixando EC em paz: EC a Elizabeth Evans em março de 1932; atitude de EC durante a prisão: 254—59; *"estão liberados"*: ver 254—59 para transcrição completa do julgamento; *"em tecnicalidade, e não em seu mérito"*: EC ao Sr. e Sra. Levy em 23 de novembro de 1931; *"afundou em depressão ainda mais profunda"*: ibid.; sonho de cavalo e soldados: 294—127; *"há coisas a serem feitas"*: 294—128; esforços para manter EC no plano terreno: GD a DK em 11 de dezembro de 1931; *"curandeira na igreja espiritualista"*: EC a HZ em 27 de outubro de 1934; primeira leitura do grupo de estudos: 262—1; leitura de 4 de outubro: 262—3; tesouro de White Horse Hill: ver série 3812; desafios ao cavar pelo tesouro: 3812—6; relato de HLC sobre cavar pelo tesouro: ver *The Outer Limits of Edgar Cayce's Powers*, de HLC e EEC, Bell, Nova York, 1971; A. C. Preston: GD a Maurice Pereles em abril de 1932, ver também 426—2; leituras de Lindbergh: série 4191; *"a menos que viesse por si mesmo, por meio de indivíduos profundamente preocupados"*: EC a DK em 12 de março de 1932; *"abandonar o assunto"*: 257—80; referência à investigação do FBI: ver relatório do FBI de 19 de agosto de 1943 e 25 de fevereiro de 1944, conforme obtido por meio do Freedom of Information Act; carta Hoffman: 4191—7.

Capítulo 44: Aquele que Perseverar

"os dias maus não virão": 254—54; *"[Mas] aquele que perseverar até o fim usará a Coroa"*: 2897—4; *"levar toda a sua bagagem"*: 294—155; MB e a mudança para nova casa: EC a James Hough em 8 de

março de 1932; período do ministério: 254—60; compra em vez de aluguel: 254—62; *"olhar por uma janela e ver o lago enquanto olha por outra e ver o oceano"*: EC a Abigail Finlayson em 21 de outubro de 1932; mudando-se para a nova casa: EC a Alf Butler em 6 de junho de 1932; detalhes da nova casa: GD a MC; *"O escritório da ARE ficava no andar de cima"*: GD a Vaughn Hall em 13 de julho de 1933; o jardim de EC: EC a Abigail Finlayson em 21 de outubro de 1932 e 1.º de dezembro de 1932; detalhes do primeiro Congresso anual da ARE: 5747—1, 5752—2 e 5748—6; objetivo do ministério: 254—61; *"INVOCAI-ME"*: 262—27; *"NÃO TEMAIS"*: 262—28; *"CONHECEI SUA FACE"*: 262—29; *"Vinde, meus filhos!"*: 262—56; *"Adão no Jardim"*: 262—57; experiência na igreja de ver fantasmas: 1567—1; visão de Byron Wyrick: 1567—1; *"contidos em grandes livros"*: 441—1; viagem astral: 254—68; *"proteger o que ele deixaria para trás"*: 257—130; *"modelar minha vida"*: EC a HZ em 6 de dezembro de 1933; leituras de Mitchell T. Hastings: série 440; *"a moeda permaneceu em sua palma"*: 1770—7, ver também correspondência de HLC com Minnie e George Hirn em 23 de setembro de 1959.

Capítulo 45: Mestre Amado

"receberia o tesouro": 254—60; leitura sobre o jovem rei e mudanças terrestres: 3976—15; *"Não é o mundo"*: 416—7; *"Ele deve ser removido"*: 3976—15; Woodrow Wilson e Jesus: 3976—8; *"as muitas milhares que podem ser alcançadas através daquilo... registrado por* [*Gladys*]*": 262—2; "não tenhais medo"*: 69—1; o preço seria pesado: 262—83; *"o dia do Senhor pode estar próximo"*: 262—96; consciência crística e EC: Ruth LeNoir em entrevista gravada por HLC, 1964; paciente do Dr. Harding: 954—4; leituras Zentgraf: série 378.

Capítulo 46: O Mensageiro

Antecedentes de Reilly: ver *My Forty-three Years with the Cayce Cures*, de Harold J. Reilly e Ruth Harry Brod, esboço de livro inédito encontrado no arquivo ECF; antecedentes de Dobbins: de palestra de Lydia Shrader Gray em 22 de outubro de 1946; leitura de Thomas Scanlon: ibid.; *"Edgar teve de lutar para conter as lágrimas"*: 1513—1; leitura sobre vítima de estupro: 1789—1; incidente sobre a prisão em Detroit: HLC a RS e LS; sonho com Jesus: 1468—1; *"conhecer seu conteúdo inteiro"*: [I] HB a SK; *"não tinha futuro"*: HLC em entrevista gravada sem data em 1964; Sally Taylor: HLC a RS e LS; leituras Earhart: 1396—1 e 1396—2; leituras sobre o *Lusitania*: ver série 1395; leitura de 15 de dezembro de 1937: 1468—2; leitura de vida de EB referenciando encarnação bíblica: 137—121; *"Se isto houvesse sido dado no início, teria havido um inchaço* [*do ego daquela entidade*]*"*: 294—192.

Capítulo 47: Paz e Prosperidade

Descrições da casa e jardins: isto é montado a partir de uma miríade de fontes, mas uma boa descrição é a dada por HLC a RS e LS, e GD a MC; estado de espírito de EC: EC a Ola Crumb em carta sem data de 1941; fantasma de Bunchie: 1196—2, também relatado em carta de GD a HLC em 13 de maio de 1976; *"É o fim"*: 304—49; *"não há nada lá"*: HLC a LS e RS; *"levar adiante os tratamentos"*: relatórios 2321; Beatrice Seay: série 2072; *"Você precisa conhecê-la"*: Josephine Buchanan a EC em 17 de março de 1940; leituras de Faith Harding: série 2156; *"a criança aparentemente sarou"*: ver correspondência com Leslie Savage na série 1561; *"perda deplorável"*: EC a Josephine Buchanan em 17 de março de 1940; material adicional sobre Faith Harding: [I] Faith Harding a

SK; leituras de TS: 849; condição de TS sobre problemas artríticos: 849—10; última conversa pai e filho: HLC a RS e LS.
Capítulo 48: A Última Leitura
Visão do Livro do Apocalipse: 294—296, ver também 1151—29; a mensagem que ele fora enviado a dar: EC a HZ em 23 de fevereiro de 1934; *"poder e expansão em tais associações"*: 416—7; *"através de quarenta e dois e quarenta e três"*: 1151—24; *"até pelo menos quarenta e cinco"*: 984—4; fraternidade humana: 1152—29; leituras sobre Hitler e ascensão ao poder: ver 3976—13 e 15, ver também 257—203; *"[o imperialismo] está entrando"*: 3976—15; futuro de Hitler: 257—211; *"vendendo-se por um prato de lentilhas"*: 1554—3; *"forçando servidão"*: 3976—29; *"conhecimento não aplicado, exceto dentro de si"*: 3976—29; pecado da América: ibid.; *"Em Deus Confiamos"*: 3976—29; leitura profética sobre *"governo da turba"* e morte de dois presidentes: 3976—24; leitura sobre irmão contra irmão: 2632—1; saúde declinante de EC: 294—211; *"Como vocês farão com que ele a siga?"*: 254—115; o dilúvio de solicitações por leituras: 3588—1; *"US$ 18.000,00 em dinheiro"*: EEC a GD em 29 de setembro de 1944; entregas postais: EC a Evelyn Horton em 20 de setembro de 1943; leitura de Edgar Evans Cayce Jr.: 3069—1; *"a coisa mais inteligente do país"*: EC a Bessie G. Taylor em 12 de abril de 1944; leitura sobre a Mina do Holandês Perdido: 3638—1; última leitura sobre o Arcanjo Miguel: 294—208; leitura de Hemingway: 3954—1; condição física declinante de EC e a *"máquina de drenagem"*: Betty Allen Curson a HLC em 18 de abril de 1972; visitante de Washington de EC: EC a EEC em 31 de maio de 1944; *"preciso mencionar aqueles próximos a você"*: HLC a EC em 11 de outubro de 1944; *"até que você esteja bem ou morto"*: 294—212;

"com o coração partido por estar em tal estado": notas de GD para 21 de novembro de 1944; *"entrada de uma alma na terra"*: GD a EEC em 3 de janeiro de 1945; *"o que eu jamais sacrifiquei"*: suplemento 294—8; *"a luz que ele trouxe a incontáveis milhares"*: [I] JT a SK; *"abriram seus pedais"*: GD a TS em 19 de março de 1945; última carta de HLC a GC: HLC a GC em 30 de março de 1945.

Epílogo: O Novo Amanhã

Atividades de GD após a morte de EC: ver diário de GD; sonho de DK com EC: DK a HLC em 20 de novembro de 1945; impressão de HB sobre desafios por vir: [I] HB a SK; decisão de HLC sobre o novo foco da ARE: HLC a GD em 3 de junho de 1945; *"casamento com o trabalho"*: MC em *Miss Gladys and the Edgar Cayce Legacy*, ARE Press, 1972; HLC recomprando o hospital: HLC a RS e LS; *"prepara-te"*: 416—17; *"endireitai vossas veredas"*: 364—7; *"não exalteis a democracia"*: 3976—24; *"Senhor do meu Coração"*: 3976—25; GD encontrando MB: notas de GD em 15 de junho de 1947; estrelas no céu noturno: [I] JT a SK.

---

214. As siglas ECF (Edgar Cayce Foundation) e ARE (Association for Research and Enlightenment) mantidas em sua forma original em inglês, conforme convenção institucional dos arquivos. O sistema numérico de Gladys Davis para indexar as leituras é universalmente reconhecido sob esta nomenclatura. Vide Cap. 25 para a contratação de Gladys (1923) e Epílogo para a finalização do sistema de indexação (ca. 1985). ↩

Para mais informações sobre Edgar Cayce e a Association for Research and Enlightenment, Inc., por favor, escreva à A.R.E., 215 67th Street, Virginia Beach, VA 23451, ou visite o site em *www.edgarcayce.org*.

"Sidney D. Kirkpatrick does an excellent job of giving a complete chronicle of Cayce's life. He holds us spellbound with an engrossing narrative of this remarkable man, who has always been my hero."

SYLVIA BROWNE
author of *The Other Side and Back*

"The story of Edgar Cayce has inspired me from the time I was twelve years old. As one of the first well-studied medical intuitives, his work and his life helped blaze the path for the future of medicine."

CHRISTIANE NORTHRUP, M.D.
author of *Women's Bodies, Women's Wisdom*

"Our culture has put mysticism down. A few giants like Edgar Cayce broke through."

MATTHEW FOX
author of *Sins of the Spirit, Blessings of the Flesh*

"Edgar Cayce's story of life after death and reincarnation sent me on a different path."

ELISABETH KÜBLER-ROSS
author of *On Death and Dying* and *On Life After Death*

ISBN 1-57322-139-2
53000>
9 781573 221399